PES

O COMBATE CRISTÃO

Exposição sobre
Efésios 6: 10-13

D. M. LLOYD-JONES

O COMBATE CRISTÃO

Exposição de Efésios 6:10 a 13

- D.M. LLOYD - JONES
- INDICE
- PREFACIO
- INTRODUÇÃO
- O ÚNICO CAMINHO
- O INIMIGO
- DESCRIÇÃO DO INIMIGO
- A ORIGEM DO MAL
- AS CILADAS DO DIABO
- O INIMIGO SUTIL
- HERESIAS
- SEITAS
- FALSIFICAÇÕES
- VIGILÂNCIA
- “FILOSOFIAS E VÃS SUTILEZAS”
- WA CIÊNCIA INCHA!”
- FÉ E EXPERIÊNCIA
- O FÍSICO, O PSICOLÓGICO E O ESPIRITUAL
- SEGURANÇA VERDADEIRA E FALSA
- INVESTIDAS CONTRA A SEGURANÇA (I)
- INVESTIDAS CONTRA A SEGURANÇA (2)
- EXTINGUINDO O ESPÍRITO (I)
- EXTINGUINDO O ESPÍRITO (2)
- TENTAÇÃO E PECADO
- DESÂNIMO
- ANSIEDADE E PREOCUPAÇÃO
- O EGO
- ZELO VERDADEIRO E FALSO
- MUNDANEIDADE

D.M. LLOYD - JONES

PUBLICAÇÕES EVANGÉLICAS SELECIONADAS Caixa Postal 1287 01059 São Paulo — SP

Título original:

The Christian Warfare

Editora:

The Banner of Truth Trust

Primeira edição em inglês:

1976

Copyright:

Lady E. Catherwood

Tradução do inglês:

Odayr Olivetti

Capa:

Ailton Oliveira Lopes Revisão:

Antonio Poccinelli

Primeira edição em português: 1991

Composição e impressão:

Imprensa da Fé

INDICE

PREFACIO

Este volume consiste de uma série de sermões pregados na Capela de Westminster, Londres, como parte de uma exposição sistemática da Epístola aos Efésios. Como vem explicado na Introdução, ela consiste de uma palavra final de advertência e exortação dirigida pelo apóstolo Paulo àqueles cristãos primitivos.

Minha convicção é que a mesma advertência e exortação é urgentemente necessária hoje, e talvez mais necessária hoje do que em qualquer outro tempo, desde que foi escrita originariamente.

Eis minhas razões para dizer isso:

Nossa era é caracterizada pela cessação generalizada da crença no sobrenatural. Isto se deve, em parte, ao progresso da ciência em seus vários ramos. O homem é tido como o senhor do seu destino e o determinador de tudo.

Mas, mesmo na Igreja, e entre os que dizem crer numa esfera sobrenatural, há evidente e crescente esquecimento daquilo que o apóstolo ensina aqui — há, na verdade, uma aberta negação desse ensino.

Num recente programa de televisão, o bispo Butler, da Catedral Católica Romana de Westminster, afirmou francamente que não acreditava num diabo pessoal, porém que estava disposto a dobrar-se ao ensino da sua igreja que, disse ele, em geral parecia continuar acreditando em sua existência.

Mais ainda, no início deste ano, umas 68 pessoas, que se descreveram como acadêmicos e como pertencentes à Igreja Anglicana, numa carta a *The Times* afirmaram francamente que eles, igualmente, não acreditavam num diabo pessoal e em demônios.

Até entre mestres evangélicos (conservadores) se vê a mesma tendência, pois recentemente um escritor popular, especialista em aconselhamento, nos disse que não temos necessidade de considerar a

possibilidade de possessão demoníaca em nossa obra pastoral, porquanto isso teve fim quando terminou a era apostólica.

Ademais, a nova ênfase dada às questões sociais e políticas como sendo a chave para a restauração da influência da Igreja aponta na mesma direção. No entanto, em lugar nenhum se vê isso com maior clareza do que na patética crença em que a Igreja pode esperar uma resposta positiva aos seus apelos dirigidos a cidadãos ímpios para que se disciplinem pelo bem do país.

É minha crença, como já tentei mostrar em minha exposição das advertências do apóstolo, que o mundo moderno, e principalmente a história do século atual, só podem ser compreendidos em termos da extraordinária atividade do diabo e dos "principados" e "potestades" das trevas. Na verdade, opino que a crença na atividade de um diabo e de demônios pessoais é a pedra de toque pela qual se pode testar qualquer profissão de fé cristã hoje.

Portanto, não peço desculpas por ter considerado a matéria tão detalhadamente assim. Isto é essencial para o desempenho vitorioso da vida cristã e para a alegria e felicidade do cristão individual, e também para a prosperidade da Igreja em geral.

Num mundo em que as instituições estão entrando em colapso, em que prevalece o caos moral e a violência cresce, nunca foi mais importante perceber a mão do "princípe das potestades do ar, do espírito que agora opera nos filhos da desobediência", e então, não somente tratar de saber pelejar contra ele e contra as suas hostes, mas também saber dominá-los "pelo sangue do Cordeiro e pela palavra do seu testemunho." Se não pudermos discernir a causa principal dos nossos males, como poderemos alimentar a esperança de curá-los?

Queira Deus abençoar este livro nesse propósito!

D.M. Lloyd-Jones

Como sempre, sou profundamente grato pelo inapreciável auxílio da Sra. E.Bumey, do Sr. S.M. Houghton e de minha esposa.

Londres, agosto de 1976

Efésios 6:10-13

No demais, irmãos meus, fortalecei-vos no Senhor e na força do seu poder. Revesti-vos de toda a armadura de Deus, para que possais estar firmes contra as astutas ciladas do diabo. Porque não temos que lutar contra a carne e o sangue, mas sim contra os principados, contra as potestades, contra os príncipes das trevas deste século, contra as hostes espirituais da maldade, nos lugares celestiais. Portanto tomai toda a armadura de Deus, para que possais resistir no dia mau e, havendo feito tudo, ficar firmes.

INTRODUÇÃO

"No demais, irmãos meus, fortalecei-vos no Senhor e na força do seu poder." Estas palavras introduzem uma exposição que, começando neste ponto, vai mais ou menos até o fim desta Epístola aos Efésios. É uma das mais ressonantes e eloqüentes declarações do apóstolo Paulo de como se deve viver a vida cristã. À palavra "Finalmente" [1] é que primeiramente devemos dar atenção, porque seu significado precisa estar claro para nós. "Finalmente, irmãos meus", diz Paulo. Que quer ele dizer com "Finalmente"? Estará dizendo apenas, "De fato já disse tudo que queria dizer"? Será apenas uma indicação de que a carta está perto do fim? Naturalmente, num sentido é isso. Mas se o considerarmos meramente sob essa luz, perderemos o verdadeiro ponto daquilo que está sendo dito aqui. Não se trata apenas de uma espécie de pós-escrito; não se trata de um pensamento que ocorreu depois. Não é que o apóstolo, tendo dito tudo que tencionava dizer, concluiu sua carta e, então, lembrou que havia uma outra coisa que devia ser mencionada.

Noutras palavras, há uma ligação muito direta entre o que Paulo começa a dizer aqui e o que tinha acabado de dizer. Na verdade vou além. Há uma direta e imediata relação entre isto e todo o conteúdo da epístola até este ponto. Ele leva a sua argumentação até o fim, e quando chega a esta exposição, ela vem a ser tão-somente um ulterior prolongamento do grandioso tema. É muito importante, pois, que coloquemos esta grandiosa exposição na seu legítimo cenário e na perspectiva certa.

Em primeiro lugar, permitam-me lembrar-lhes os principais temas desta epístola. Falando em termos gerais, podemos dizer que nos três primeiros capítulos o apóstolo está lembrando a estes efésios e, por meio deles, está nos fazendo lembrar as grandes doutrinas, os postulados fundamentais da fé cristã. Ele os faz saber quem são, o que são e como vieram a ser o que são. Esse é o seu tema. Todas as doutrinas importantes da fé cristã podem ver-se nestes três primeiros capítulos. Naturalmente Paulo tem sua própria maneira de colocá-las diante de

nós. Sem dúvida, o seu principal objetivo é dar-nos um quadro descritivo da glória e do elevado caráter da vida cristã. Ele o põe às claras na segunda metade do capítulo três, onde diz algumas coisas quase incríveis. Diz ele que ora pelos crentes efésios para que sejam "cheios de toda a plenitude de Deus", e lhes lembra que Deus "é poderoso para fazer tudo muito mais abundantemente além daquilo que pedimos ou pensamos, segundo o poder que em nós opera". Temos aqui uma grandiosa descrição daquilo que o cristão dever ser. Paulo nos disse como nos tomamos cristãos — pelo sangue de Cristo (Efésios 1:7). Tudo isto faz parte do grande plano de Deus, elaborado na eternidade, como o apóstolo nos diz no capítulo primeiro. Cristo veio e a Sua obra de salvação está sendo realizada. Entraram os judeus, entraram os gentios, e estamos juntos neste corpo, neste novo homem, a Igreja

(2:16).

Entretanto, o apóstolo deseja que os efésios entendam, acima de tudo mais, os privilégios pertencentes a tal vida. Assim ele tinha orado, no capítulo primeiro: "Tendo iluminados os olhos do vosso entendimento, para que saibais qual seja a esperança da sua vocação, e quais as riquezas da glória da sua herança nos santos; e qual a sobreexcelente grandeza do seu poder sobre nós, os que cremos." Noutras palavras, se tão - somente nos déssemos conta do elevado caráter da nossa "soberana vocação", toda a situação se transformaria. Ele escreve três capítulos para colocar os seus leitores face a face com este ensino.

Depois, tendo feito isso, o apóstolo começa a instar e pleitear com eles, a que vivam de maneira digna da sua vocação. Esse é o método apostólico. Paulo nunca inicia com a moralidade e com a conduta. Invariavelmente temos este grande contexto. Nenhuma pessoa poderá viver a vida cristão enquanto não for cristã, enquanto não souber o que é ser cristão, enquanto não tiver uma concepção da glória da posição cristã. Por isso o apóstolo começa o capítulo 4 dizendo: "Rogo-vos, pois, eu, o preso do Senhor, que andeis como é digno da vocação com que fostes chamados", e desse ponto até o fim da epístola ele continua fazendo este grande e grandioso apelo.

Mas observamos que, mesmo depois de haver começado com esse temas prático, Paulo ainda não consegue deixar de lado a doutrina, pois, nos primeiros 16 versículos do capítulo 4 temos uma das mais maravilhosas exposições da natureza da Igreja cristã que se pode encontrar em toda e qualquer parte das Escrituras. Somente a partir do versículo 17 ele volta a esta questão da aplicação prática: "E digo isto, e testifico no Senhor, para que não andeis mais como andam também os outros gentios, na vaidade do seu sentido... (mas que) vos revistais do novo homem, que segundo Deus é criado em verdadeira justiça e santidade."

Noutras palavras ele lhes diz: "Agora que lhes recordei o que vocês são, e como vieram a ser o que são, quero que vejam que é essencialmente uma questão de lógica e de aplicação da verdade, que lhes compete viver a espécie de vida que agrada a Deus. Diz ele: vocês nasceram de novo, não são mais como aqueles outros gentios que continuam vivendo em pecado e em inimizade para com Deus. Bem, não continuem vivendo como se essa ainda fosse a situação com vocês. Seria incoerente fazê-lo, seria irracional. Têm de dar evidência em suas vidas que nasceram de novo.

Assim, ele os faz lembrar que o Espírito Santo habita neles; Ele não habita nos que não são cristãos, E os cristãos devem manifestar o Espírito que neles habita. Não devem entristecer o Espírito. Depois lhes recorda que eles são "filhos amados" de Deus. Os outros não são filhos de Deus. Só é possível alguém tornar-se "filho de Deus" em Cristo Jesus. Deus criou todos os homens, e às vezes o termo "filhos" ou "geração" é empregado nesse sentido (Atos 17:28). Todavia, no sentido

neotestamentário comum, sermos "filhos de Deus" é estar numa relação que nos é dada; na expressão de João, aos que receberam a Cristo, Ele "deu-lhes o poder de serem feitos filhos de Deus; aos que crêem no seu nome" (João 1:12). Portanto, Paulo argumenta: uma vez que vocês são filhos amados de Deus, não se portam como as demais pessoas, há algo especial quanto a vocês, e vocês demonstram isso constantemente em seu procedimento. E então, finalmente, ele os faz lembrar-se de que são filhos da luz. Diz ele: "Porque noutro tempo éreis trevas, mas agora sois luz no Senhor: andai como filhos da luz" (Efésios 5:8). Vocês vieram das cavernas subterrâneas em que os filhos da iniqüidade passam o seu tempo e mantêm as suas relações. Vocês vieram para a meridiana luz de Deus, para a ampla luz do sol e, portanto, não fiquem às apalpadelas na escuridão, mas vivam como filhos da luz, glorificando seu Pai.

Depois vem outra seção, que começa na versículo 18 do capítulo 5, onde o apóstolo diz: "E não vos embriagueis com vinho, em que há contenda (ou "excesso"), mas enchei-vos do Espírito." Esta nova seção estende-se até o versículo 9 do capítulo 6.0 argumento de Paulo é que, quando somos cheios do Espírito Santo, temos que viver de maneira única, coisa que nunca fazemos se não somos cheios do Espírito. Ele desenvolve o argumento seguindo várias linhas. Se vocês são cheios do Espírito, diz ele, quando se reunirem na comunhão da igreja, haverá grande louvor e ação de graças. "Falando entre vós em salmos, e hinos, e cânticos espirituais: cantando e salmodiando ao Senhor no vosso coração; dando sempre graças por tudo a nosso Deus e Pai, em nome de nosso Senhor Jesus Cristo." Que descrição da Igreja cristã! E que

contraste com o que se vê muitas vezes hoje!

Depois o apóstolo põe-se a dizer que todos nós devemos sujeitar-nos uns aos outros, e desenvolve isso em três aspectos principais. As mulheres devem sujeitar-se aos seus maridos, os filhos aos seus pais e os servos aos seus senhores. Contudo, ele sempre o expressa de maneira doutrinária. O marido deve amar sua esposa "como também Cristo amou a igreja, e a si mesmo se entregou por ela." Não se pode achar esse tipo de sujeição em ninguém, exceto nos cristãos. Mas todo marido cristão e toda esposa cristã devem estar manifestando o fato de que são "cheios do Espírito"; e devem constituir um espanto para o mundo. A mesma coisa vale para a relação de filhos e pais. Esta precisa ser o oposto exato daquilo que testemunhamos hoje — nada de rebelião, porém honrar pai e mãe. E o pai não deve provocar a ira a seus filhos. Antes, uma vez que ele é cheio do Espírito, há compreensão, tolerância, paciência e tudo quanto é necessário. E deve acontecer a mesma coisa quanto aos senhores e servos cristãos, e quanto aos servos e senhores cristãos. Paulo sempre trata dos dois lados. Fala aos servos, que naqueles dias eram escravos, sobre como devem portar-se; e fala aos senhores também, dizendo-lhes que se lembrem de que o Senhor dos servos e deles "está no céu, e que para com ele não há acepção

de pessoas." Dessa maneira Paulo mostra como, nas várias relações humanas, esta "vida no Espírito" se manifesta.

Tendo feito isso tudo, o apóstolo diz agora: "No demais ("Finalmente"), irmãos meus", como se dissesse: agora, à luz de tudo que venho dizendo sobre vocês e sobre o tipo de vida que devem viver, isso é tudo? "Não", diz ele, "ainda há outra questão." E essa questão que ele nos apresenta agora, para nossa consideração. Ele não para no fim do versículo 9 do capítulo 6, e pela seguinte razão: não devemos viver esta vida cristã no vácuo. Não se trata apenas de uma questão de, "Bem, aí está isso tudo diante de vocês; agora vão e pratiquem isso." Há outra matéria que precisa ser considerada, há outro fator que, num sentido, Paulo ainda não mencionou, a saber, a poderosa oposição ao viver cristão, oposição que inevitavelmente todos enfrentamos neste mundo passageiro.

É esse o assunto que Paulo introduz aqui. Ele nos havia feito lembrar o que somos, nos havia mostrado as possibilidades próprias da nossa nova posição, e de que não há limite, não há fim para elas. "Que sejais cheios de toda a plenitude de Deus." Para "poderdes perfeitamente compreender, com todos os santos, qual seja a largura, e o comprimento, e a altura, e a profundidade, e conhecer o amor de Cristo, que excede todo o entendimento". Sem limite! Sem fim! "Que coisa maravilhosa!", dirão vocês. Esperam um minuto, diz o apóstolo.

Permitam-me lembrá-los de que vocês terão que viver essa espécie de vida num mundo em que há um tremendo poder trabalhando contra vocês, de que estarão envolvidos num terrível conflito com o diabo e com todas as suas hostes. Se vocês não compreenderem isso, diz ele, e não se lançarem à ação adequada com respeito a isso, serão indu-bitável e inevitavelmente derrotados. Assim ele é impelido a introduzir este assunto. Daí, "Finalmente" não significa apenas, "Bem, agora, eu lhes disse isto, isso e aquilo. Espera! Há mais uma coisa!" Nada disso! O que temos aqui é uma parte vital do quadro todo. Poderíamos muito bem traduzir a palavra, que em nossa Versão Autorizada aparece como "Finalmente" por "Daqui por diante", "Por conseguinte" ou "Quanto ao mais" (como na Versão de Almeida, Edição Revista e Corrigida, que diz, "No demais"). Não importa qual dessas expressões empreguemos. Aí temos, então, a cena em que se enquadra este vocábulo, "Finalmente". Não basta saber tudo que o apóstolo já nos havia falado acerca da vida cristã; também precisamos compreender e aceitar o que ele está prestes a nos dizer. Ainda faz parte do quadro todo e do seu ensino essencial.

Ao introduzirmos este grande assunto, compete-nos primeiro oferecer uma ampla análise da seção, expor as divisões da matéria, para podermos ter o quadro bem claro em nossas mentes. Feito isso, farei alguns comentários gerais da matéria, antes de proceder à análise minuciosa. Mas, ao dividir esta seção a partir do versículo 10 e indo até o versículo 19 ou 20, vejo-me ante uma dificuldade, embora esta não seja

de vital importância para a verdade. Existe uma obra muito famosa sobre este assunto, de William Gumall, um grande puritano que viveu há 300 anos, obra intitulada "O Cristão com Armadura Completa" *(The Christian in Complete Armour),* um livro volumoso que felizmente está de novo em disponibilidade em nosso país (Grã-Bretanha). É um grande clássico que tem alimentado a alma a incontáveis peregrinos cristãos durante os últimos 300 anos. Agora, para minha decepção e consternação, não posso aceitar a divisão que William Gumall faz do assunto. Num sentido esta é uma questão mecânica, porém apesar disso, me parece importante. Eis como o divide Gumall: diz ele que aqui há duas partes principais, a primeira sendo o versículo 10, somente este versículo. A segunda parte, diz ele, inclui os versículos 11 a 20. Ele expõe a matéria da seguinte maneira: primeira parte, versículo 10 — "Breve, mas suave e poderoso encorajamento" para este combate cristão. Segunda parte, versículos 11 a 20 — temos aqui "diversas orientações para que os cristãos conduzam este combate de maneira a mais vitoriosa, com alguns motivos esparsos aqui e ali entre elas."

Realmente não posso aceitar essa divisão, e me atrevo a sugerir uma melhor. Concordo que há duas partes principais, no entanto, na minha opinião, a primeira vai do versículo 10 ao 13, onde temos uma exortação geral. A segunda parte, nos versículos 14 a 20, dá instruções detalhadas com relação à exortação geral. Parece-me que é esta a divisão natural. Primeiro, o geral; depois, o particular. É evidente que no versículo 14 o apóstolo está partindo daquilo que tinha acabado de dizer em termos gerais; agora ele o vai desenvolver em particular. "Estai pois firmes, tendo cingidos os vossos lombos com a verdade, e vestida a couraça da justiça", etc. O trecho que vai do versículo 14 em diante é, evidentemente, a aplicação pormenorizada do que ele dissera em geral na primeira parte, versículos 10 a 13.

Todavia, devemos subdividir a primeira parte. Nos versículos 10 a 13 temos o que denomino "uma exortação geral", ou que poderia ser mais bem descrito como "uma convocação para a batalha". Não consigo entender como Gumall pôde introduzir aqui a palavra "suave" ("sweet"). Ele acrescenta a palavra "poderoso", admito — "Breve, mas suave e poderoso encorajamento". E o que me chama a atenção é o poder; é uma emocionante convocação para a guerra, uma ressonante exortação. Mas o apóstolo faz uma divisão disso. Primeiro, ele nos diz como preparar-nos para esse combate, e há duas subdivisões: (1) Versículo 10: "Fortalecei-vos no Senhor e na força do seu poder". (2) Versículo 11, com repetição no versículo 13, para ênfase: "Revesti-vos de (tomai) toda a armadura de Deus." Depois, no final do versículo 11 e no versículo 12 ele dá a razão pela qual faz esta convocação para o combate.

A primeira pergunta é: como devo preparar-me para o combate? E a resposta é dupla: "Fortalecei-vos no Senhor e na força do seu poder"; e: "Revesti-vos de toda a armadura de Deus." Em seguida, porém, ele faz uma coisa que invariavelmente se vê em todas as suas cartas. Ele nos diz por que precisamos dessa preparação. Pois bem,

isso é típico das Escrituras, que nunca nos mandam fazer uma coisa sem explicar por que devemos fazê-la. Por que deverei ser forte "no Senhor e na força do seu poder"? Por que será absolutamente indispensável que eu me revista, não apenas de uma ou duas peças da armadura, e sim "de *toda* a armadura de Deus"? Eis a resposta, de novo subdividida: no versículo 11 ele diz: será melhor que vos revistais de toda a armadura de Deus "para que possais estar firmes contra as astutas ciladas do diabo." Depois ele se põe a desenvolver o ponto no versículo 12, que é apenas uma análise das "ciladas do diabo". "Por que deverei revestir-me da armadura toda?", perguntará alguém. "Por que deverei cuidar para ser forte no Senhor e na força do seu poder?" Aqui está a resposta: "Porque

não temos que lutar contra a carne e o sangue, mas sim contra os principados, contra as potestades, contra os príncipes das trevas deste século, contra as hostes espirituais da maldade, nos lugares celestiais". Aí está a razão pela qual você precisa disso tudo, e será um tolo se não compreender isto e se deixar de agir de acordo. Você se defronta com esse tipo de inimigo e de oposição, diz o apóstolo.

Entretanto Paulo acrescenta também: "para que possais resistir no dia mau". A vida é sempre uma batalha, mas há ocasiões piores que outras. Há "dias maus". Às vezes, quando acorda de manhã, você se sente (não se sente?) como se tudo irá correr mal. É um dia mau, e o diabo parece ocupar-se em seguí-lo por toda parte, em ameaçá-lo, insultá-lo, em zombar de você, ridicularizá-lo, em lançar-lhe dardos inflamados! Bem, há dias maus, e o homem que não se der conta da sua ocorrência, certamente será derrotado. Se você quiser ser capaz de "resistir no dia mau", ser forte "no Senhor e na força do seu poder", revista-se "de toda a armadura de Deus". Você precisará dela toda. E depois, como se quisesse aplicar 9 ponto diretamente a nós, ele diz: "e, havendo feito tudo, ficar firmes." É uma coisa e tanto ser capaz de "ficar firme" num mundo como este. Há gente caindo a torto e a direito, por toda parte. Vê-se isto no mundo e, infelizmente, vê-se isto na Igreja. É grande coisa ser capaz de "ficar firme". Esse é o por quê da exortação e da explicação que o apóstolo dá do único modo pelo qual a pessoa pode ficar firme.

Essa é, pois, a nossa análise da primeira das duas partes principais à qual chamo "Uma exortação geral", ou "Uma convocação para o combate". E então, na segunda parte Paulo se põe a dar-nos as instruções detalhadas. Ele não se arrisca. Como um bom professor, ele nunca toma coisa alguma como líquida e certa. Ele pergunta: você se revestiu de toda a armadura? Você está partindo com os seus lombos cingidos? A couraça está bem colocada? Seus pés estão calçados? Sua cabeça e todas as partes estão cobertas? Toda as partes devem estar bem guarnecidas; assim, ele as examina minuciosamente. Não se detém após uma instrução geral, mas prossegue e dá instruções detalhadas sobre como cada parte deve ser vigiada e protegida.

O quadro está claro em nossas mentes? Tenho que compreender quem sou e o que

sou, e é inevitável que eu deseje viver de maneira digna da minha vocação. Quando você visita um país estrangeiro, deve lembrar-se da sua nacionalidade, e não deve deixar que o seu país sofra rebaixamento. Por isso mesmo deve cuidar muito do seu comportamento. Este é um princípio que aplicamos em toda parte na vida. Aos filhos se diz que se portem bem nas festas. Por quê? Porque são representantes da família. E é a mesma coisa conosco, não importa que

idade tenhamos. Contudo isso não basta; temos que compreender mais uma coisa, e temos que estar preparados para enfrentá-la, a saber, esta oposição movida pelo diabo.

Desejo fazer alguns comentários gerais do ensino do apóstolo nesta altura, antes de chegarmos ao tratamento detalhado. Tomemos, por exemplo, esta questão da relação desta seção com tudo que a precede. Alguém poderá dizer: "Pois bem, em que medida isto difere do que Paulo já nos havia dito?" A diferença é que, até aqui, Paulo tem falado da vida cristã mormente em termos do conflito que temos com o mundo que nos cerca, e da "carne". Ele sabe que os crentes efésios, embora cristãos verdadeiros, ainda têm em si algo da velha natureza. Ainda há pecado no corpo, na carne, e até aqui ele estivera realmente tratando desse mal. Há um inimigo *por dentro,* há um poder oculto que está sempre pronto a assumir o controle da nossa carne e, como diz o apóstolo, escrevendo aos romanos, está sempre pronto a reinar em nosso "corpo mortal" (6:12). Ora, em certo sentido é disso que ele estivera tratando até aqui. Mas agora ele fala do inimigo que *está fora* de nós — o diabo e suas hostes. Até aqui ele não tinha tocado nisso. O versículo 12 acentua imediatamente a diferença. "Porque não temos que lutar (somente) contra a carne e o sangue." Não é só contra a carne e o sangue que temos que lutar, e sim também "contra os principados, contra as potestades, contra os príncipes das trevas deste século, contra as hostes espirituais da maldade, nos lugares celestiais." Portanto, não há diferença essencial entre aquilo de que Paulo vai tratar agora e aquilo de que vinha tratando até aqui.

Não devemos exagerar, estabelecendo aqui uma distinção absoluta. É uma distinção no pensamento, é claro, porém não é uma distinção na prática. O que quero dizer é que o diabo pode agir em nós, e pode fazê-lo por meio dos nosso corpos, por meio dos nosso instintos. O diabo pode utilizar-se de qualquer coisa. Indicarei mais adiante como ele pode até causar doenças, indisposição, depressão e infortúnio. O diabo pode fazer tudo isso dentro de nós, de modo que não devemos fazer uma divisão absoluta aí. E, contudo, é uma divisão deveras real. Noutras palavras, nunca devemos esquecer-nos do diabo, nunca devemos esquecer-nos dos "principados" e "potestados". Jamais devo pensar que todo o meu problema se limita àquilo que há dentro de mim e das outras pessoas. Acima e além disso está este outro fortíssimo poder em formação de combate contra mim, o mais forte de todos os poderes fora o poder do próprio Deus. Não lembrar este fato básico é

expor-se ao fracasso e à ruína. O grande problema do mundo atual, e infelizmente da Igreja, é que tão pouco sabem do diabo e dos "principados" e

"potestades". Muitos ensinamentos a respeito da santidade e da santificação nunca sequer mencionam o diabo e esses poderes. Considera-se o problema como uma coisa limitada a nós mesmos. Daí a total falta de adequação de muitas soluções propostas.

Mas, além disso, como já procurei dar a entender, esta seção da epístola é de vital importância quanto a todo o problema da doutrina bíblica sobre a santificação e a santidade. É uma das passagens cruciais, no que se refere a essa doutrina, porém, como já disse, é uma passagem curiosa e estranhamente esquecida e negligenciada. Que é que ela nos diz?

A vida cristã, em primeiro lugar, é um combate, é uma luta. "Temos que lutar." A seção toda é destinada a imprimir em nós este fato. Não há maior e mais grosseira falsificação da mensagem cristã do que aquela que a retrata como nos oferecendo vida fácil, sem combate nem conflito. Há tipos de doutrina da santidade que ensinam justamente isso. Seu lema é: "É muito fácil". Dizem eles que o problema está em que muitos cristãos ignoram esta fato e, por isso, continuam lutando e pelejando. Essa é a característica essencial do ensino das seitas. É por isso que elas sempre são muito populares. "Muito fácil! Uma vida tranqüila!" Não se pode encaixar isso nesta epístola, com o seu "Temos que lutar! " "Fortalecei-vos no Senhor e na força do seu poder. Revesti-vos de toda a armadura de Deus, para que possais estar firmes." A primeira coisa que temos que perceber é que a vida cristã é uma guerra, que somos estrangeiros em terra alheia, que estamos no território do inimigo. Não vivemos no vácuo, numa estufa de floricultura. O ensino que dá a impressão de que a vereda para a glória é inteiramente fácil, simples e plana não é cristianismo, não é o cristianismo de Paulo, não é o cristianismo do Novo Testamento. Este é sempre o rótulo do remédio do curandeiro, que cura tudo com a maior facilidade. Basta uma dose, e o mal se vai!

Em segundo lugar, este é um combate que eu e vocês temos que travar. "Fortalecei-vos no Senhor e na força do seu poder." Vocês têm que ser fortes. "Revesti-vos de toda a armadura de Deus, para que possais estar firmes", "e, havendo feito tudo, ficar firmes" — "Ficai firmes, pois" — VÓS! Não é somente uma guerra; é uma guerra na qual eu e vocês temos que pelejar. Que isto fique claro para nós. Há um ensino que diz: "Amados irmãos, vocês vêm cometendo um grande erro; vocês vêm procurando lutar nesta batalha; precisam parar com isso." Diz essa doutrina que só nos cabe fazer uma coisa: "Entreguem tudo ao Senhor", e tudo correrá bem. "Entreguem tudo ao Senhor; Ele lutará por vocês." Mas não há como enquadrar isso nos ensino que temos nesta passagem. Não vejo o apóstolo dizendo-me que entregue

tudo ao Senhor, que Ele travará as minhas batalhas por mim, enquanto que eu

simplesmente me sento e gozo o fruto da Sua vitória. Isso não está no texto! *Eu* tenho que lutar! Outro modo como esse ensino é expresso às vezes é o seguinte: "Soltem-se e deixem tudo com Deus". "Soltem-se", dizem os mestres desse ensino; "Vocês já se empenharam, já tentaram... soltem-se, deixem tudo com Deus. Tudo está bem, vocês já têm a vitória. É muito simples; não se requer nenhum esforço." Mas certamente o que lemos em Efésios é exatamente o oposto desse ensino. Eu e vocês é que temos que estar na luta. Graças a Deus, recebemos força, poder e armas, porém *nós* é que temos que pelejar. Recebo tudo de que necessito, e recebo o poder para utilizá-lo. Não relaxo pura e simplesmente, ficando meramente a olhar e a colher os frutos da vitória do Outro. Não, Ele me faz mais que vencedor; contudo a batalha é minha, e eu é que tenho que lutar nela. Estes princípios são fundamentais com relação à doutrina da santificação. E creio que grande parte do declínio da Igreja cristã atual se deve ao fato de que está na moda esse outro ensino.

Pois bem, em terceiro lugar, observem a maneira pela qual somos chamados para este combate. Notem como Paulo expressa a convocação, ou seja, esta instrução geral, esta exortação geral. Tenho-me referido a ela como "uma convocação para o combate". O outro ensino a que me referi, às vezes se apresenta como oferecendo uma espécie de clínica para almas doentes. Dizem os seus promotores: "Você está espiritualmente enfermo, espiritualmente ferido e espiritualmente derrotado. Há uma clínica para você e há uma mensagem que lhe dará alívio e que ajudará a curar as suas feridas, e o levará a um caminho de vitória sem luta." Uma clínica! Todavia não há clínica aqui; o que há é um quartel!

Ou deixem-me expressá-lo doutro modo. Não há nada de sentimental aqui. Estabeleço como uma proposição fundamental que, se algum ensinamento concernente à santidade e à santificação é sentimental, não é bíblico! Há uma série de livros que se traem, ao que me parece, por seus próprios títulos. Um exemplo é a obra intitulada, "Conversas Tranqüilas sobre Poder" *(Quiet Talks on Power)*. Poderá alguém encaixar essa idéia nas palavras que o apóstolo emprega aqui? Há uma contradição nos termos empregados. Não se pode ter uma conversa tranqüila sobre poder; não se pode ter uma conversa tranqüila sobre as Cataratas do Niágara; não se pode ter uma conversa tranqüila sobre a explosão de uma bomba atômica. Uma conversa tranqüila sobre poder! É uma coisa sentimental, molenga, fraca. Não é isso que temos aqui!

Ouso ir mais adiante e dizer que, certamente, nada tem feito tanto dano à verdadeira doutrina da santificação como aquilo que geralmente

se descreve como "conversas devocionais". Isso faz parte deste mesmo "belo ensino" — conversas ou palestras devocionais tranqüilas, com ilustrações ingênuas e melosas! Mas não é disso que o apóstolo está falando. O que temos aqui é o oposto exato. Temos uma atmosfera marcial, um chamamento vibrante, estimulante. Éum

toque de clarim — “FORTALECEI-VOS NO SENHOR E NA FORÇA DO SEU PODER. REVESTI-VOS DE TODA A ARMADURA DE DEUS.” Vocês não ouvem o clarim e a trombeta? É uma convocação para a batalha; estamos sendo despertados, estamos sendo estimulados, estamos sendo postos de pé; é-nos ordenado que sejamos homens. Toda a tonalidade é marcial, é varonil, é vigorosa.

Depois vamos tratar de aperceber-nos de que não há nada rápido e fácil nisso tudo. Temos que continuar pelejando. “Vista a armadura do evangelho. Vista cada peça com oração.” Não fazemos simplesmente uma coisa e depois tudo fica bem, tudo fica certo. Não. Paulo nos dá todos estes pormenores, e requer tempo para levá-los a bom termo. Não há nada rápido e pré-fabricado nisso; temos que desenvolvê-lo e levá-lo a efeito ponto por ponto.

Finalmente, temos que continuar a fazê-lo. “Não há dispensa nessa guerra.” Enquanto eu e você vivermos neste mundo, o diabo estará presente com toda a sua malignidade e perversidade; e ele nos combaterá até o fim, ele nos combaterá até ao nosso leito de morte. Isso é falta de esperança? É o contrário! É glorioso. É-nos dado o privilégio de seguir as pegadas de nosso Mestre e Senhor. “Qual ele é, somos nós também neste mundo” (1 João 4:17). É um conflito tremendo; mas eu posso fortalecer-me “no Senhor e na força do seu poder”; posso revestir-me de “toda a armadura de Deus”. Você está pronto para a batalha? Está alerta? Está de pé? Estará você cedendo às suas fraquezas, aos seus caprichos e às suas fantasias, e estará tendo pena de si mesmo, queixando-se e gemendo por este e aquele problema ou situação? Levante-se, sacuda tudo isso, ponha-se de pé, seja homem! Trate de dar-se conta de que você é um membro deste poderoso regimento de Deus, travando a batalha do Senhor e destinado a usufruir os gloriosos frutos da vitória durante as incontáveis eras da eternidade. Você ouviu o toque de reunir do clarim? “Fortalecei-vos no Senhor e na força do seu poder. Revesti-vos de toda a armadura de Deus.”

[1]

“Finalmente” - palavra inicial na versão utilizada pelo autor.

O ÚNICO CAMINHO

Chegamos agora à consideração e análise detalhada desta declaração sumamente importante. “No demais (“Finalmente”), irmãos meus, fortalecei-vos no Senhor e na força do seu poder. Revesti-vos de toda a armadura de Deus, para que possais estar firmes contra as astutas ciladas do diabo.” O apóstolo está exortando estes efésios a que tratem de compreender algo da natureza do combate em que todos estamos inevitavelmente envolvidos por sermos cristãos. Na verdade, este combate existe, quer sejamos cristãos, quer não. O ensino da Bíblia, de capa a capa, é que este mundo, no qual vivemos, é um campo de batalha, um lugar em que literalmente temos que lutar por nossas almas, temos que lutar por nossa felicidade eterna.

O apóstolo dá a estes efésios uma instrução muito específica sobre a natureza desse combate, e quanto ao único modo pelo qual pode ser travado com sucesso. É evidente que a exortação é primariamente para cristãos; toda a sua argumentação está baseada nessa consideração. Ao mesmo tempo, porém, ela contém uma mensagem para todos; pois é correto dizer que este conflito afeta todas as pessoas, quer se dêem conta dele, quer não. Os não cristãos não compreendem o seu próprio mundo no presente; não podem compreender por que ele é como é, e por que sucedem várias coisas. Portanto, enquanto examinamos a instrução do apóstolo com relação ao modo de travar esta grande batalha, veremos, concomitantemente, o desmascaramento do completo fracasso de todos os não cristãos, incapazes até de entender o seu problema, e mais ainda o seu fracasso por não saberem lidar com o seu problema de maneira adequada e com sucesso. Noutras palavras, somos confrontados aqui pelo ensino do apóstolo quanto à maneira pela qual podemos combater vitoriosamente as fileiras dispostas contra as nossas almas e contra os melhores e mais altos interesses de nossas almas.

Talvez a melhor maneira de abordar este assunto e de colocá-lo no seu cenário moderno para podermos perceber a relevância disso tudo para a vida como é hoje, talvez a melhor maneira, digo, seja citar algumas palavras que li recentemente num jornal. Um antigo mestre de educação numa faculdade da Grã-Bretanha disse o seguinte: “A Igreja

deve tomar iniciativa mais firme sobre as questões morais; as frouxas generalizações deverão desaparecer. A Igreja precisa dar respostas aos reais problemas modernos, os do sexo inclusive. Conquanto a base religiosa ofereça maior esperança de sucesso, nunca deverá ser considerada como o único modo de ensinar moralidade; doutra maneira, vamos ficar bitolados". Esta é uma declaração típica da atitude de muitos no mundo de hoje para com o problema tratado aqui pelo apóstolo Paulo. Abstenho-me de fazer certos comentários óbvios sobre esse pronunciamento, pois só estou interessado nele porque acho que nos ajudará a entender o ensino do apóstolo. Deixando de lado por um momento as considerações detalhadas, ponderaremos o

ensino do apóstolo de modo geral, naquilo em que ele dá uma resposta àquele tipo de declaração. O referido mestre emprega a palavra "frouxas" — ele não quer "frouxas generalizações". Todavia, pobre homem, a declaração que fez não passa de uma frouxa generalização! Contudo, ignoremos isso. Ela é um dos típicos clichês modernos — "A Igreja deve fazer isto e não deve fazer aquilo; está chegando a hora em que a Igreja..." Todos nós conhecemos bem essas observações.

Declarações deste jaez invariavelmente se baseiam na ignorância do que a Igreja é, e de qual é a natureza do seu ensino. Na passagem de Efésios que temos diante de nós, o apóstolo está realmente dizendo que o seu ensino é o único modo de lidar com problemas de conflito. Diz o citado mestre que "conquanto a base religiosa ofereça maior esperança de sucesso, nunca deverá ser considerada como o único modo de ensinar moralidade; doutra maneira, vamos ficar bitolados." O apóstolo, por outro lado, diz aberta e especificamente que o caminho que ele propõe é o único que leva à vitória. É por isso que há aquela nota de urgência em seu ensino e, como eu já disse, por isso vem como uma espécie de toque de clarim: "Fortalecei-vos no Senhor e na força do seu poder. Revesti-vos de toda a armadura de Deus." Se você deixar de fazer isto, será derrotado, já estará acabado antes de começar. O método do apóstolo é o único. Não me desculpo por dizê-lo. Não temos nenhum medo desta acusação de estreiteza mental. Quando se sabe que seguir certa receita é a única maneira de curar uma moléstia, que essa receita é específica, que com toda a certeza vai produzir a cura, e que nenhuma outra coisa poderá fazê-lo, não se vai dizer que é ser bitolado usar esse remédio e negar-se a perder tempo com outros remédios. Isso não é ser bitolado; é ser sensato, racional e sadio.

Todo tipo de especialização é estreito, neste sentido. Vivemos numa época de especialização; mas nunca ouvi ninguém opinar que um cientista especializado em átomos é bitolado porque dedica todo o seu tempo a esse ramos da ciência. Claro que não! Isso é bom senso, é

sabedoria; é concentrar-se no que importa, no que é poderoso, no que dá resultado.

Deixem-me, porém expor a minha tese em termos positivos. A reivindicação da fé cristã, aberta e especificamente, é que ela — e somente ela — pode tratar deste problema. O evangelho de Jesus Cristo não é apenas uma dentre muitas teorias, doutrinas e filosofias que se confrontam com o mundo. Ele é singular, é único, está absolutamente sozinho. A Bíblia não é apenas um livro entre muitos. É o Livro de Deus, é um Livro único, é *o* Livro, isolado de todos os demais. Precisamos dar ênfase a isto porque é a base da fé cristã. A Igreja não é apenas uma instituição entre muitas; ela alega que é inteiramente única, como instituição; ela afirma que é o corpo de Cristo. Falamos porque temos uma revelação. A Bíblia não nos dá uma teoria, uma especulação, uma tentativa de chegar à verdade. A posição de todos os que escreveram os livros da Bíblia é muito semelhante àquilo que o apóstolo diz de si

próprio no capítulo 3 desta Epístola aos Efésios: “Por esta causa eu, Paulo, sou o prisioneiro de Jesus Cristo por vós, os gentios; se é que tendes ouvido a dispensação da graça de Deus, que para convosco me foi dada; como me foi este mistério manifestado pela revelação.”

O apóstolo não se dirige aos efésios dizendo: “Ouçam, muita gente lhes tem oferecido conselho e ensino; bem, eu também estudei bastante, e cheguei a esta conclusão; portanto, é isto que eu lhes sugiro.” Esse não foi o caso, de maneira alguma! Diz ele: “Uma revelação me foi dada.” Não é uma mensagem idealizada por Paulo; a mensagem lhe foi dada pelo Senhor, pelo Senhor da Glória, no caminho de Damasco. Ele o deteve e o capturou e lhe disse, noutras palavras: “Vou enviar-te como ministro e testemunha a este povo e aos gentios” (Atos 26:1618). A comunicação divina é a base fundamental da fé cristã. É, pois, tolice considerar essa fé como uma entre muitas. Não. Como o apóstolo Pedro afirmou uma vez para sempre no princípio da Igreja, quando ele e João foram presos e acusados perante as autoridades de Jerusalém, “nenhum outro nome há, dado entre os homens, pelo qual devamos ser salvos” (Atos 4:12). Nenhum outro! Não há nem mesmo um segundo! Ele é o único, e basta; não é necessário nenhum acréscimo. Ele, e somente Ele. E essa nota se vê em tudo que o apóstolo diz. Por essa razão há tanta urgência no que diz, por isso ele procura constrangê-los com a sua mensagem. Esta é a única esperança. Se assim não fosse, não haveria nada mais. Este é um pronunciamento dogmático; e quem pede desculpas pelo seu cristianismo, ou tenta acomodá-lo, ou fica dizendo que ele é o melhor entre vários, está virtualmente negando o ponto mais fundamental da posição cristã.

Contudo, não devemos parar numa simples asserção dogmática, mas devemos pôr-nos a demonstrá-la. Creio que se você recorrer às evidências da história, chegará à conclusão de que este é o único caminho. Vá ao passado, reveja a história dos séculos até onde puder ser conhecida, examine livros da história secular, veja a história como está registrada nas páginas do Velho Testamento, e verá, fora de toda dúvida ou questionamento, que a asseveração do apóstolo está plena e completamente comprovada.

Pode-se ver isso em miniatura, por assim dizer, na história dos filhos de Israel. Sua história é que sempre que eram fiéis a Deus e O adoravam, obedecendo a Seus mandamentos, tudo lhes ia bem; serviam de modelo e exemplo para as nações, e com alto grau de sucesso; porém toda vez que se afastavam de Deus e contemplavam os ídolos doutras nações, ou adotavam a religião delas ou as suas filosofias, tudo lhes ia mal. Este é o princípio que emerge quando se lêem as páginas do Velho Testamento.

Todavia a exposição mais impressionante, o sumário perfeito de toda esta argumentação, é da lavra do apóstolo Paulo, na Epístola aos Romanos, começando

no versículo dezoito e indo até o fim do capítulo primeiro. Diz ele que as nações e os povos que, com suposta "sabedoria", voltaram as costas a Deus, o Criador, sempre se tomaram loucos — "Dizendo-se sábios, tomaram-se loucos." Depois ele começa a fazer um relato da terrível degradação moral desses povos, as perversões e obscenidades em que eles caíram. "Ah", diz o nosso mestre moderno, "a Igreja precisa falar especificamente sobre sexo...". Muito bem, a Igreja faz isso! Se você quiser saber o que ela tem para dizer, leia a segunda metade do capítulo primeiro da Epístola aos Romanos, e verá um relato de todas as perversões modernas, de todas as loucuras que estão desgraçando a vida na época atual. Já aconteceram muitas vezes no passado. Quando, pergunto, é que isso acontecia? Sempre que o homem, com sua suposta sabedoria, afastava-se do Criador e prestava culto à criatura. Toda a história da raça humana evidência o que o apóstolo afirma. Antes de Cristo vir ao mundo, todas as outras coisas tiveram a sua oportunidade. Os filósofos gregos tinham florescido, os maiores deles já tinham ensinado as suas crenças. No entanto, eles não conseguiram tratar do problema do pecado; seu ensino não era adequado, e já tinha fracassado. Havia também o grande Império Romano com o seu sistema de leis; mas havia um câncer no próprio coração do Império, e, finalmente, ele sofreu colapso, não por que os deuses dos godos, dos vândalos e dos bárbaros tivessem realizado façanhas superiores, mas por causa da podridão moral que carcomia o seu próprio coração. Foi essa a causa do "Declínio e Queda" do grande

Império Romano, como todos admitem. Noutras palavras, a história comprova o ensino do apóstolo.

Mas, desafortunadamente, a história moderna, a história contemporânea, também prova a minha tese. É aí que vemos a relevância deste ensino. E como ele é atual! Como nos fala na hora presente! Lemos nos nossos jornais da semana passada declarações como as do Secretário da Saúde da Cidade de Edimburgo, e de vários outros secretários da saúde em seus relatórios anuais. "A Igreja", diz o mestre-preletor anteriormente citado, "precisa dar uma resposta ao problema do sexo." O que os secretários da saúde estão relatando é que há um pavoroso aumento das doenças venéreas, principalmente entre os jovens e os adolescentes. É esse o problema que nos confronta. Este problema moral passou a ser o mais grave e o mais urgente — ocorre um sério esfacelamento da moralidade.

Dizem-nos que somos confrontados por uma geração amoral, por pessoas que parecem não ter nenhum senso moral! Não esqueçamos, porém, que esta situação deve ser considerada à luz das excepcionais facilidades, oportunidades e vantagens que estão à disposição desde 1870. Este homem que fala que a religião não é a única solução é um professor de educação, e tem havido grande abundância de mestres e preletores desde 1870. E, todavia, aí está o nosso grande problema — a imoralidade, os vícios e a maldade! Mais que nunca antes, o mundo multiplicou as suas instituições que cuidam dos problemas morais e sociais no presente século.

Clubes, instituições, representações culturais têm-se multiplicado sucessivamente. Jamais o governo de outro país gastou tanto na tentativa de cuidar dos problemas morais e sociais como a Inglaterra gastou no século atual. E, contudo, aí estão estes homens dizendo, um após outro, que os padrões morais estão se deteriorando quase a cada hora, semana após semana, e que o problema vai ficando aterradoramente difícil de resolver. Eles perguntam: que se pode fazer? Diz o mestre em questão que as coisas chegaram a tal ponto que a Igreja tem que fazer alguma coisa, a Igreja tem que começar a falar. Entretanto, depois ele estraga tudo, dizendo à Igreja o que ela tem que falar; e o que ele diz, como lhes mostrarei, está completamente errado!

Qual, então, é a situação? É na medida em que a religião declinou neste século que o problema moral se tomou mais grave. Lembremos que temos dois blocos de estatísticas. Há as estatísticas dos secretários da saúde, que provam que todos estes terríveis problemas e doenças estão aumentando. Mas há outras estatísticas, as da Igreja. O número de membros de Igreja diminui ano após ano; o número de interessados no evangelho está decrescendo; o número de alunos da Escola Domini-

cal é cada vez menor. As duas coisas andam juntas. À medida que a religião desce, todas estas outras coisas sobem. Estou dizendo isso tudo simplesmente para justificar a asserção do Novo Testamento de que o seu ensino é o único caminho, e que não há outro. A situação moderna está provando isso diante dos nossos olhos e, apesar disso, o nosso professor de educação afirma que o ensino da Bíblia não deve ser o único. Diz ele que "talvez esse ensino dê a maior esperança de sucesso", porém seria "estreiteza mental" dizer que esta é a única resposta e solução. Bem, que ele mencione outras! Que terá ele para mencionar? A educação? Isso já foi experimentado. Deixemo-lo mencionar vários clubes. Já os experimentamos igualmente, como também as associações culturais. Ainda estamos experimentando todas essas coisas. Que loucura, que ridículo, proclamar estes clichês e não enfrentar os fatos!

Há, todavia, mais uma razão pela qual esta é inevitavelmente a verdade; trata-se da natureza da luta em que estamos engajados. Toda a história passada o prova, a situação moderna o prova. Mas, fora isso, a própria natureza da luta faz que esta proposição seja inevitavelmente verdadeira. Como? A própria natureza do homem toma absolutamente inevitável uma guerra. O erro fatal que constantemente se comete acerca do homem é considerá-lo unicamente como intelecto e mente; e, portanto, toda a base do ensino secular é que tudo de que se necessita é falar aos homens acerca da natureza má de certas coisas e das más conseqüências de sua prática, e então eles pararão de praticá-las. Inversamente, se lhes dissermos que pratiquem certas coisas porque são retas, boas, verdadeiras e nobres, eles se lançarão empós delas e as praticarão. Que ignorância da natureza humana!

Não sou eu somente quem fala assim. Interessei-me recentemente em ler uma resenha de parte da autobiografia de um bem conhecido escritor moderno, um escritor cético e irreligioso, Leonard Woolf. A resenha foi escrita por outro cético literário, Kingsley Martin. Mas, o resenhista, não obstante, tinha chegado à conclusão de que o problema com toda esta escola a que pertence Leonard Woolf é apenas este, que não enxergam que, no principal, o homem é irracional. Ele usou o que me pareceu uma ilustração muito boa. "O que Leonard Woolf e todos os seus companheiros, tais como Bertrand Russell e outros, nunca puderam captar é isto", disse ele, "que o homem é uma espécie de "iceberg". Acima da água fica certo volume, talvez cerca de um terço, que pode parecer muito branco, no entanto abaixo da superfície ficam dois terços fora de vista, nas profundezas, na escuridão. Escritores como Leonard Woolf, diz Kingsley Martin, não compreendem que o homem é dominantemente irracional. O que ele quer dizer, natu-

ralmente, é que o homem não é governado por sua mente, por seu intelecto, por seu entendimento, e sim por seus desejos, ímpetos é instintos, por aquilo que os psicólogos chamam "impulsos". Estas são as coisas que controlam e dominam o homem; e o problema que confronta o mundo na era presente é o desses "impulsos" instintivos.

Pode-se ver isso tudo no plano nacional e internacional, como também no caso do indivíduo; e é isso que toma tão infantilmente ridículas todas as afirmações otimistas sobre alguma organização mundial, de que iria eliminar a guerra. A guerra é pura loucura, de qualquer ponto de vista. É desperdício de dinheiro, é desperdício de vidas, é uma maneira infantil de resolver contendas e problemas. Como se pode resolver um problema do governo ou qualquer outro problema simplesmente matando-se uns aos outros? Eu repito, a guerra é pura doidice; não há nada que se possa dizer em seu favor. Então, por que as nações brigam e se preparam para a guerra? A resposta é que não são governadas por suas mentes e intelectos, mas pelos dois terços que estão debaixo da superfície, a parte do "iceberg" que não se vê — ambição, avareza, orgulho nacional, desejo de posse e de se tomar cada uma maior do que as outras. São sempre estas coisas que causam guerras. "Donde vêm as guerras e pelejas entre vós?", indaga Tiago. "Porventura não vêm disto, a saber, dos vossos deleites, que nos vossos membros guerreiam? " (Tiago 4:1). Esse é um fato, quanto a indivíduos e quanto a nações; e desde que é um fato, segue-se que nada, senão aquilo que possa lidar com estes dois terços poderosos e ocultos, pode realmente providenciar um remédio para a situação. O evangelho reivindica que ele, e só ele, pode fazê-lo. Não há nenhuma outra coisa que o possa.

Subseqüentemente, consideremos o inimigo que se levanta contra nós. "Não temos que lutar contra a carne e o sangue, mas sim contra os principados, contra as potestades, contra os príncipes das trevas deste século, contra as hostes espirituais damaldade, nos lugares celestiais." "Revesti-vos de toda a armadura de Deus", diz o

apóstolo, “para que possais estar firmes contra as astutas ciladas do diabo.” Erga todos os seus projetos e ensinos morais contra as ciladas do diabo, e ele sorrirá para você com desprezo. Claro! Quão completamente inadequado tudo isso é! Desenvolveremos este ponto mais tarde.

Ademais, consideremos o padrão que nos pedem que atinjamos. O cristianismo não diz apenas que sejamos amáveis, bons, limpos e de bom nível moral. O cristão não é simplesmente uma pessoa gentil e respeitável. Por pensarem que a simples respeitabilidade é cristianismo, muitos abandonaram a Igreja. Dizem eles que esse resultado pode ser obtido fora da Igreja, e apontam para pessoas amáveis,

bondosas e com boa moral, que não são cristãs. E esse argumento é perfeitamente válido. Entretanto, a resposta é que isso não é cristianismo. O cristão não é uma pessoa que apenas não faz isto, isso e aquilo. O cristão é positivo. Ele é chamado para ter “fome e sede de justiça”; para ser “limpo de coração”; para ser “perfeito como perfeito é o seu Pai que está nos céus”. Isso é cristianismo! Ser como Cristo, viver como Ele viveu! E no momento em que você considerar o padrão, verá como são completamente impossíveis e inadequadas todas estas outras sugestões propostas. Podemos, pois, resumir tudo afirmando aberta, franca e confessadamente, sem envergonhar-nos, como implicitamente o apóstolo faz nesta passagem, que este, e somente este, é o único caminho da vitória e do triunfo. E por ser assim é que o Filho de Deus veio ao mundo. Se alguma outra coisa pudesse ser suficiente, ele nunca teria vindo. Jamais teria havido a Encarnação, e menos ainda a morte na cruz, se isto não fosse verdade. “O Filho do homem veio buscar e salvar o que se havia perdido.” Este é o princípio, o alicerce e a base da posição cristã. Em certo sentido Cristo veio porque Ele tinha que vir para haver salvação. Veio porque o homem falhara completamente.

Sabedoria de Deus, cheia de amor!

Quando tudo era pecado e só vergonha, veio o segundo Adão para combater e para ser o nosso Redentor.

Este foi e continua sendo o único caminho; não há outro. Que o mundo, com a sua suposta sabedoria, lhe chame “estreiteza mental”. Enquanto agir assim, ele continuará a degenerar moral e eticamente, e a cobrir-se de chagas em sua iniqüidade. O caminho cristão é o único caminho.

Agora vamos considerar um segundo ponto geral. Pela declaração do mestre que estamos analisando, vemos que o cristianismo está sujeito a ser mal compreendido e, infelizmente, isso é uma coisa que tem acontecido repetidamente através dos séculos. Nada há tão trágico e triste como compreender erroneamente o cristianismo e a mensagem cristã. Há pessoas que, como este professor de educação, estão muito dispostas a dizer: “A Igreja tem que fazer a sua contribuição. Talvez

o cristianismo seja a melhor esperança de que dispomos. Não é nossa única esperança, porém talvez seja a que tem maior probabilidade de levar a resultados, de modo que a Igreja tem que desempenhar o seu papel." Os governos estão prontos a dizer isto em ocasiões de crise. Quando o problema se toma insolúvel, eles dizem: "Pois bem, agora,

que é que a Igreja tem para dizer?" E esperam que a Igreja faça algumas declarações gerais que melhorarão o tom moral da sociedade. A Igreja tem que desempenhar o seu papel! Sim, mas esta atitude revela, como digo, uma completa ignorância quanto ao que é realmente a mensagem da Igreja.

Tem havido duas principais espécies de incompreensão neste contexto particular. A primeira é que o cristianismo e sua mensagem não passam de um ensino que nós mesmos temos que aplicar. Isso está na raiz do entendimento errôneo do mestre cuja declaração estamos examinando. Éuma falácia muito antiga. Foi o real problema do início do século dezoito, antes da ocorrência do grande Despertamento Evangélico. Foi a falácia total dos chamados deístas, e doutros. Ele diziam que Deus criou o mundo como alguém que fabricou um relógio, deu-lhe corda, e depois não se preocupou mais com ele, exceto no sentido de que Ele lhe havia dado certo ensino moral. Assim, meramente equiparavam o cristianismo com um ensino e uma moralidade que instruem as pessoas a viverem uma vida saudável. Thomas Arnold, diretor da famosa escola pública da cidade inglesa de Rugby no século dezenove, foi culpado de cometer exatamente a mesma falácia: esse foi também o seu ensino. Às vezes este é conhecido como "religião de escola pública", e ensina que cristianismo é aquilo que faz do indivíduo "um pequeno e bondoso cavalheiro." Basta abster-se de certas coisas e praticar outras. Isto não passa de ensino ético, moral.

Ora, isto era uma trágica incompreensão da posição toda, pois considerava o cristianismo apenas como um ensino entre vários, por exemplo, os de Platão, Sócrates, Aristóteles, Sênica e outros, que ministravam ensinamentos morais, idealistas, elevados. Segundo aquele conceito, o cristianismo é apenas um outro ensino, e talvez o melhor de todos; daí, devemos dar-lhe muita atenção. E não nos esqueçamos de que o finado Sr. Gandhi, de época recente, sustentava um ensino muito elevado e nobre; e existem vários outros. Eles acrescentam à sua lista de grandes mestres o nome "Jesus", como Lhe chamam, e geralmente Ele vem nalgum ponto próximo do centro. Alguns são postos em posição superior a Ele, outros são considerados inferiores a Ele. Mas esse ensino e discurso simplesmente reduz o cristianismo a nada mais que um ensino ético, um ensino moral — apenas uma variante do tema da "Bondade, Beleza e Verdade" a que devemos aspirar. Justamente porque verdadeiras multidões consideram isso como cristianismo, principalmente do século atual, é que a Igreja está como está.

Esse foi o ensino da escola teológica denominada “Modernismo” ou “Liberalismo”, que penetrou na Inglaterra em meados do século passado. Seu tema era “o Jesus da história”. Eles eliminaram os

milagres, na verdade todo o elemento sobrenatural, e a expiação substitutiva. Quem é Jesus? “Ah”, eles diziam, “Jesus é o maior mestre religioso que o mundo já conheceu. Ouça o Seu ensino, imite o Seu exemplo, siga-O; se você fizer isso, será um bom cristão. Não se preocupe com doutrinas; elas não são importantes; o que importa é o ensino de Jesus.”

Assim o cristianismo foi reduzido a um código e um ensino de ética e moral. Isso leva inevitavelmente ao fracasso e à ruína, pois deixa toda a ação conosco como indivíduos. Obrigam-me a admirar esse ensino, depois requerem que eu o aceite e em seguida tenho que começar a pô-lo em prática. A questão é deixada inteiramente comigo. “Mas”, dizem eles, “olhe para o exemplo de Jesus.” O exemplo de Jesus? Não conheço nada que seja tão desanimador como o exemplo de Jesus! Quando contemplo Sua estatura moral, Sua perfeição absoluta, quando O vejo andar sem pecado por este mundo, sinto que já estou condenado e sem esperança. Imitação de Cristo? É o maior absurdo jamais proferido! Imitação de Cristo? Eu, que não consigo satisfazer a mim mesmo e às minhas próprias exigências, e menos ainda às exigências alheias — devo imitar a Cristo? Os santos me fazem sentir vergonha de mim mesmo. Leio sobre homens como George Whitefield e outros, e sinto que nem sequer comecei. E, todavia, me dizem que devo tomar este ensino ético do Sermão do Monte, este ensino social idealista, e pô-lo em prática! “É tão maravilhoso”, dizem eles, “isso lhe será estimulante; olhe para Ele e siga-O!”

Não é de admirar que o resultado tenha sido um fracasso, e que muitas pessoas estejam abandonando a Igreja; não é de admirar que nos defrontemos com um colapso moral neste país e em todos os países na época atual; pois o ensino ético não cristão deixa isso tudo comigo, embora eu seja destituído de força e de poder. Assemelho-me ao apóstolo Paulo por natureza, e digo: “Ah, com minha mente vejo o que é certo, mas acho outra lei em meus membros que me arrasta para baixo. Com minha mente recebo, aceito e admiro a lei de Deus, porém há esta outra lei, esta outra coisa, agindo dentro de mim e me fazendo cativo da lei do pecado e da morte que está dentro de mim” (cf. Romanos 7:14-15). Há essa terça parte do “iceberg”, por assim dizer, acima da água e voltada para o sol; mas estou ciente dos outros dois terços que me arrastam para baixo, para o fundo e para a escuridão. “Miserável homem que eu sou! Quem me livrará?” Essa é a situação inevitável. Se o cristianismo é apenas um ensino moral, um ensino ético, é tão inútil como todos os demais. Está provado que o caminho “cristão" é inútil toda vez que o reduzem a esse nível.

O cristianismo, no entanto, não é um simples código de ética. Os

nossos educacionalistas não podem pura e simplesmente virar-se para nós e dizer-nos: "Muito bem, pois; vamos lá, vocês, representantes da Igreja cristã. Não sejam bitolados, mas venham dar-nos o seu auxílio, o seu ensino; queremos saber o que vocês pensam sobre sexo e sobre muitos outros fatores da vida." Respondo que o que é preciso não é o que eu penso sobre sexo, e sim um poder que liberte o homem do domínio e do controle exercidos pelo sexo. E vasto o conhecimento sobre sexo. Ah, as pessoas de hoje sabem demais sobre sexo; sabem muito mais do que os seus antepassados. Estão lendo livros sobre isso — romances, livros escolares, etc. — e quanto mais lêem, piores ficam. Essa leitura só serve para agravar o problema. Não é de conhecimento que precisamos; é de poder. E é aí que os sistemas ético-morais sucumbem e falham completamente. Eles não têm nenhum poder para oferecer, absolutamente nenhum. Portanto, devemos tomar cuidado para não reduzir o cristianismo a mero ensino ético-moral. Não permita Deus que alguém ainda seja mantido nessa ignorância e cegueira! Todo esse ensino foi experimentado exaustivamente durante cem anos ou mais, e falhou completamente, tanto no caso dos indivíduos, como também nas esferas nacional e internacional.

Mas devo dizer uma palavra acerca da outra forma de incompreensão. Aqui, de novo, há uma história interessante e fascinante. Há os que dizem: "Não, não basta apresentar este ensino aos homens e dizer-lhes que o levem avante, porque as forças contra nós são demasiadamente grandes. Estamos contra o mundo, a carne e o diabo. Há tudo aquilo de que somos conscientes dentro de nós mesmos e, então, quando andamos pelas ruas e vemos os cartazes e os anúncios, e lemos os jornais, o pecado se insinua e nos tenta. Vemos isso por toda parte ao redor de nós, nas propagandas, nas roupas e em tudo que caracteriza a vida de uma grande cidade, tal como a nossa! Como podemos lutar contra tudo isso?" "Não", dizem eles, "só há uma coisa que fazer. Se a pessoa quiser salvar a sua alma e viver uma vida saudável e pura, terá que livrar-se disso tudo, terá que segregar-se."

Noutras palavras, o segundo tipo de incompreensão do ensino cristão é aquele que podemos resumir sob a idéia de monasticismo. Aí está uma história maravilhosa. Há algo acerca das pessoas que deram surgimento à idéia monástica (na cristandade) que provoca a admiração da gente. De qualquer forma, eram homens sérios e preocupados com as suas almas, com as suas vidas e com o seu viver diário. Isso foi a maior coisa da vida deles; tanto assim que eles renunciaram à profissão, renunciaram ao lar, renunciaram a tudo que lhes era caro e se retiraram para um mosteiro, para terem ali o que eles chamavam de vida "religiosa". A idéia era que a única maneira pela qual eles poderiam

travar esta batalha era afastar-se do inimigo o mais possível. Pois bem, há nesse princípio alguma coisa certa e verdadeira, como explicarei. O apóstolo Paulo, dirigindo-se aos romanos no capítulo 13 da sua epístola, diz: "Não tenhais cuidado da carne" (ou, na versão utilizada pelo autor, "Não façais provisão para a carne",

versículo 14.) Seria bom para todos nós se tomássemos menos tempo lendo os nossos jornais, mantivéssemos o nosso olhar diretamente para a frente quando andamos pelas ruas, não olhássemos para certas coisas e não fôssemos a certos lugares. Até aqui, ótimo! Mas certas pessoas levaram isso para mais longe; elas diziam que precisamos sair do mundo. Temos que concentrar-nos somente nisto, precisamos renunciar à maneira comum de viver, e isolar-nos; precisamos ir para um mosteiro ou tomar-nos eremitas a viver no alto de uma montanha, ou retirar-nos para alguma cela num lugar qualquer, sendo esse o único meio de escape. E nem aí elas param. Dizem essas pessoas que precisamos sujeitar o nosso corpo, pelo que temos que jejuar duas vezes por semana, talvez três. Temos que fazer outras coisas também, talvez vestir uma camisa de pelo de camelo e golpear e abater de várias maneiras este nosso corpo e insultá-lo quanto pudermos. Elas se entregavam ao que era denominado "flagelação"; batiam nos seus próprios corpos, escarificavam sua came, tudo na tentativa de sujeitar estes poderes que estão contra nós neste grande combate de que Paulo está falando. A melhor descrição que já li de tudo isso acha-se num livro intitulado "Visão de Deus" *(The Vision ofGod),* as Preleções Bampton proferidas lá por 1928 por Kenneth E. Kirk. Vê-se ali uma narrativa de como surgiu essa idéia, e isso num período assaz primitivo da história da Igreja. E essa mesma escola de pensamento tem persistido de lá para cá.

Isso, reitero, não é cristianismo, e pelas seguintes razões: ainda que você abandone o mundo e todas as suas possibilidades, e vá viver como monge ou eremita numa cela; ainda que você tenha abandonado o mundo, não abandonou a si próprio — as duas terças partes submersas do "iceberg" continuam com você! Você não deixa a sua natureza pecaminosa fora do mosteiro. As más imaginações e os maus pensamentos continuam com você; não pode livrar-se deles. Aonde quer que você vá, eles vão; o seu próprio ser, a sua natureza, esta parte que o arrasta para baixo estará com você na cela exatamente como estava com você quando caminhava pelas ruas da cidade. Não somente isso; os poderes do mal também estão ali tanto quanto estavam em sua companhia quando você convivia com outras pessoas. "Porque não temos que lutar contra a carne e o sangue, mas sim contra os principados, contra as potestades, contra os príncipes das trevas deste século, contra as hostes espirituais da maldade, nos lugares celestiais." Muralhas de pedra não

os manterão fora, barras de ferro não os manterão fora, portas trancadas não os manterão fora; onde quer que você esteja, ali estarão eles. Eles são espirituais, são invisíveis, podem penetrar em todo lugar, e estão com você na sua cela. Você não pode livrar-se deles. E por estas razões, o grande sistema do monasticismo finalmente ruiu completamente (embora noutros países não tão completamente.)

Toda essa problemática pode ser resumida com a história de uma pessoa, Martinho Lutero. O que foi exatamente que Lutero descobriu? Ele era um monge, lá em sua cela, jejuando, afadigando-se, orando, tentando livrar-se do corpo, tentando vencer

estes inimigos espirituais. Mas quanto mais tentava, mais parecia aproximar-se do fracasso completo e do desespero total. E por fim ele enxergou! Suas idéias monásticas eram o inverso do cristianismo; não eram cristianismo, de modo nenhum. O cristianismo era uma coisa essencialmente diferente. Ele viu que poderia ser cristão em pleno mundo, poderia ser um cristão "varrendo o soalho", como ele o expressa. Você não precisa ser cenobita, não precisa tomar os votos de castidade e permanecer solteiro, para ser um pregador. Não. Como casado, você é tão elegível como aquele que renuncia ao sexo. De repente Lutero viu que o caminho monástico não era o caminho de Deus, e esse foi o começo da grande Reforma Protestante. Graças a Deus, aquilo de que Lutero teve que se desfazer não é o ensino cristão, pois o fim lógico do argumento monástico é que você não pode ser um cristão verdadeiro e continuar vivendo no mundo. Naturalmente, a igreja católica romana não ensinava isso, porém dividia os cristãos em "religiosos" e "leigos", e ensinava que estes podiam receber ajuda apropriando-se do excesso de justiça ou retidão daqueles — a doutrina completamente antibíblica da supererrogação. Vê-se quão essencialmente isso difere do ensino do Novo Testamento. Aqui vamos gente comum, servos, escravos, maridos, esposas, pais, filhos. O apóstolo não lhes diz: "Saiam todos vocês para um mosteiro; tratem de ir para algum lugar fora do mundo". Nada disso! Graças a Deus que não é isso. Isso seria um evangelho só para os ricos. E não somente isso; não haverá confissão cristã e testemunho cristão no mundo.

Que negação é isso, em última instância, da glória da fé cristã! Qual é o método cristão? Concluo com um texto. Não se trata de, "Procure imitar a Cristo, adote o Seu ensino ético-moral e tente pô-lo em prática". Não se trata de, "Retire-se e faça-se monge ou eremita". Mas, simplesmente onde você se encontra, em pleno mundo, com a mal e o pecado a rodeá-lo desenfreadamente, e toda gente e tudo quanto há fazendo o que podem para desanimá-lo e arrastá-lo para baixo, simplesmente como você está e onde está, "Fortalecei-vos no Senhor e na

força do seu poder. Revesti-vos de toda a armadura de Deus, para que possais estar firmes contra as astutas ciladas do diabo." Não é retiro, não é fuga, não é tentar fazer alguma coisa impossível. Não. É este evangelho sobrenatural, miraculoso, que nos capacita a sermos "mais que vencedores" sobre tudo que se põe contra nós.

Tratei disso tudo por causa da terrível incompreensão do cristianismo que se vê nos jornais, e por sua incapacidade de entender a própria base da fé cristã. Graças a Deus, esta nossa fé é inteiramente diversa do que os homens imaginam. É sobrenatural, é "a vida de Deus na alma do homem", e, sendo assim, coloca diante de mim, não somente uma esperança; oferece-me uma vitória segura e certa.

O INIMIGO

"Doravante", diz o apóstolo, "é isto que vocês terão que ter em mente" — e deste versículo dez até ao versículo vinte, ele se põe a tratar da questão mais urgente que o povo cristão defronta. É a luta, o combate que todos os que vêm a este mundo têm que travar. Até aqui examinamos o assunto de maneira geral, introduzindo-o e dividindo a declaração em suas duas partes principais. Vimos também que o apóstolo pressiona estes efésios, e a nós, com a instrução ministrada porque esta é, evidentemente, a única maneira pela qual esta guerra pode ser travada com sucesso. O cristianismo é uma religião exclusiva; ele reivindica que ele, e somente ele, é a verdade de Deus. E não é só que este é oúnico caminho; tampouco precisa ele de socorro ou de assistência. Não há nenhuma necessidade de adicionar-lhe um pouco de budismo ou de maometanismo ou de confucionismo ou de qualquer outro "ismo". Ele é o caminho, e o é completo, inteiro. Daí o apóstolo instar com os cristãos a que, não somente o considerem, mas também o compreendam e, acima de tudo, o apliquem na prática.

Chegamos agora à explicação do apóstolo da razão pela qual ele os pressiona com isto de maneira a mais urgente. Isto é bem característico dele. Ele não apenas faz afirmações; ele dá as razões pelas quais as faz. Devemos revestir-nos de toda a armadura de Deus *"porque* não temos que lutar contra a came e o sangue, mas sim" etc. Este é um dos aspectos mais gloriosos da fé cristã. Você não pode entrar nisso pelo seu raciocínio, porém, no momento em que entra, verá que é a coisa mais razoável do mundo — repleta de elementos para o entendimento, repleta de explicações. O cristianismo, diversamente de tantas seitas, não é apenas algo que nos leva a persuadir-nos sem envolver o nosso pensamento. Ele não nos diz apenas alguma coisa, a qual devemos repetir mecanicamente, seja verdade ou não, e quer nós a sintamos quer não. Isso não é cristianismo. Este sempre dá as razões. Assim, aqui o apóstolo nos oferece a explicação pela qual nos exorta a fortalecer-nos "no Senhor e na força do seu poder" e a revestir-nos "de toda a armadura de Deus." Precisamos disso tudo; e ele nos diz por que, particularmente nos versículos 11 e 12.

Estes versículos constituem uma declaração notável e extraordinária. Pergunto-me se alguém não terá ficado surpreso por nos

propormos a considerá-la, e se não se terá sentido tentado a dizer, "Bem no meio da vida do mundo como este é hoje, com as condições e situações como elas são, devemos realmente gastar nosso tempo examinando e ponderando o que a Bíblia diz a respeito do diabo e destes principados e potestades?" Se você se sente assim, tudo que lhe posso dizer é que, longe de ser realista, como provavelmente você se imagina, é, dentre todos, o único que não está encarando de modo real a situação do mundo como ela é neste momento. Não há nada mais realista nesta hora do que o que estamos para considerar. Não há nada no mundo que seja tão urgentemente

necessário neste momento como entendermos esta coisa da qual o apóstolo nos fala aqui.

Não mencionarei nenhum estadista, nenhum partido político, de nenhum país, nem tampouco nenhuma organização social ou política — e, não obstante, aventuro-me a afirmar que o que vamos considerar a seguir é mais relevante para as condições do mundo do que toda a conversa sobre política, sobre relações internacionais e sobre tudo quanto os estadistas e os seus seguidores gostam de abordar. Essa afirmação é forte e ousada, como estou bem ciente; mas se você ao menos crê na Bíblia, verá que o que digo é verdadeiro, inevitavelmente. Estamos tratando, lembre-se, da causa principal da situação do mundo, e por esta razão posso dizer que isto é mais urgentemente relevante do que qualquer outra coisa. Permita-me usar uma comparação que tenho empregado muitas vezes. Parece-me que o que os pensadores modernos constantemente deixam de fazer é diferenciar entre uma doença propriamente dita e os seus sintomas. Uma doença pode dar surgimento a muitos sintomas. Tomemos um exemplo ao acaso. Com a gripe comum você pode pegar pneumonia. A doença primária está, num sentido, em seus pulmões. Que isto valha, por ora, como uma tosca definição de pneumonia. Mas você verá que aparecerão muitos outros sintomas. Terá dor de cabeça, sentir-se-á febril, sentirá mal-estar e dores estranhas no corpo todo, e poderão ocorrer suores, e assim por diante. Há numerosos sintomas da doença, e o perigo é que passemos o tempo todo medicando somente os sintomas. Você pode tomar várias coisas para aliviar a dor de cabeça, como aspirina, por exemplo, e sua cabeça melhorará por algum tempo. Todavia, não fará nenhuma diferença para a pneumonia. E assim você poderá continuar tratando de um sintoma atrás do outro. Você se verá muito ocupado, e terá que ir tratando de novos sintomas constantemente. Entretanto, o que realmente importa é a doença mesma, e não os sintomas.

Qual é o principal problema com o mundo neste momento? Eis aí os estadistas e outros reunindo-se ativamente em conferências, discutindo, suspendendo as reuniões, e depois reunindo-se outra vez. Que se

passa? O problema é que eles não se dão conta da natureza da doença, nunca entenderam a causa. E a maior tragédia é que a Igreja cristã, a qual unicamente tem a mensagem que pode pôr às claras a causa e recomendar o único remédio capaz de curar — digo que a própria Igreja cristã, em vez de ensinar o remédio, fica a metade do seu tempo, ou mais, apenas dizendo coisas que os estadistas e os políticos podem dizer. Naturalmente ela faz isso porque quer dar a impressão de que a mensagem cristã é “relevante". Em geral se pensa que a mensagem só é relevante se o mensageiro fala em termos terrenos e temporais. Se você falar acerca destes estadistas citando-os nominalmente, se se ocupar com manifestações particulares do problema, tais como bombas etc., você estará sendo tremendamente relevante! Que coisa patética! Que coisa trágica! Medicar os sintomas e desconhecer a doença!

A tarefa da Igreja cristã é descer à causa fundamental do problema. Somente ela pode fazer isso. E é porque aquilo que estamos examinando aqui dá o único conhecimento verdadeiro da situação do mundo, e do que se pode fazer a respeito, que eu estou afirmando que essa é a mensagem mais urgentemente relevante para este mundo conturbado dos nossos dias. Mas, naturalmente, como procurarei demonstrar, é uma coisa totalmente ridicularizada pelo mundo. Apesar disso, e na verdade por causa disso, vamos examiná-la.

Em primeiro lugar, o apóstolo chama a nossa atenção para o fato do conflito. Notem-se os seus termos: "temos que lutar". Ora, o termo "lutar" causa muita dificuldade aos comentadores. A dificuldade surge porque o apóstolo diz "temos que lutar" e, depois, quando passa a descrever a "armadura", emprega termos que nada têm a ver com "luta". Quando ele passa aos detalhes da armadura, parece estar pensando mais em dois exércitos a defrontar-se em conflito, em dardos de fogo e em espadas. Parece haver alguma confusão. É muito difícil determinar exatamente por que o apóstolo empregou o termo "lutar" ("wrestle", que se refere mormente a luta livre de atletas). Essa foi a única ocasião em que ele empregou esse termo. A explicação óbvia deve ser que seu desejo é mostrar a natureza íntima do conflito. Embora esteja certo, como veremos, pensar em grandes batalhões formados, e em duas grandes forças antagônicas, devemos compreender que, ao mesmo tempo, é uma questão individual. A idéia de luta leva-nos imediatamente a isto: dois homens atracando-se. Assim, devemos ter em mente os dois aspectos. Somos participantes deste tremendo conflito espiritual que se dá em volta de nós, perto de nós e em nós. Todavia, também estamos engajados individualmente, cada um de nós. Não devemos vigiar somente como partes de um exército; também devemos vigiar individualmente. Acredito que Paulo empregou a

expressão "temor que lutar" a fim de mostrar esse aspecto da verdade.

Mas depois ele utiliza estas outras expressões: "Tomai toda a armadura de Deus, para que possais *resistir* no dia mau" — e então — "havendo feito tudo, *ficar firmes*". Ele emprega essas expressões por uma única razão, a saber, pôr às claras a ferocidade e aterrível natureza do conflito, como também, o seu caráter. Como cristãos, estamos envolvidos neste conflito tremendo, lutando, opondo-nos, resistindo a um inimigo que investe. A primeira coisa que você tem que fazer é repelir os ataques, e terá que continuar fazendo isso porque ele continua sendo o inimigo. E mesmo que você obtenha uma vitória temporária, não diga: "Bem, tudo já passou; agora posso ficar sossegado e sair de férias." Nada disso! "Havendo feito tudo, ficar firmes." A idéia é que esta é uma guerra sem tréguas, que "não há dispensas desta peleja", como o Livro de Eclesiastes o expressa (8:8) mas, enquanto estivermos nesta vida e neste mundo, temos que estar cientes do fato de que estamos engajados numa luta, numa peleja, num conflito.

É evidente que é preciso dar ênfase a isto, porque há muitíssimos que não o compreendem. E não compreender que você está num combate só pode significar uma coisa, e é que você já foi tão de-sesperadamente derrotado e batido, nocauteado, que nem sabe disso — está inconsciente! O que quero dizer é que você foi completamente vencido pelo diabo. Quem não estiver ciente de que há uma luta e um conflito no sentido espiritual, está como que entorpecido e numa condição perigosa. Ao mesmo tempo, por outro lado, as seitas estão sempre aí; e todo o ensino das seitas — não importa qual delas você especifique — sempre é que você pode ficar fora do conflito, de um modo ou de outro. "Ah, sim", dizem elas, "é certo que há um problema; mas está tudo bem; você faz isto e aquilo, e tudo estará bem." Essa é a essência do ensino da Ciência Cristã. Não há conflito, não existe doença, não existe dor. Estas coisas são inexistentes, dizem, e você precisa ficar repetindo isto a si próprio, precisa persuadir-se, e por algum tempo você será muito feliz.

Mas isto você faz fugindo dos fatos, voltando as costas à verdade, logrando-se a si mesmo. Todas as seitas fazem isso de algum modo, de alguma forma. Elas querem dar-lhe a impressão de que você pode relaxar e ficar tranqüilo; de que não há conflito, não há luta; enquanto isso, o apóstolo diz: "Temos que lutar". Você está "resistindo", há um inimigo que o está atacando sempre, e mesmo que você obtenha a sua vitória, "fique firme", e não deixe de continuar agindo assim. Fique sempre firme sobre seus pés. Noutras palavras, o que é difícil neste mundo é manter-nos firmes sobre os pés, pois há um inimigo que nos está ameaçando sempre e está sempre tentando derrubar-nos. A grande

tarefa da vida, a grande obra da vida é ficar de pé, ficar firme! Ora, esta é a apresentação que o apóstolo faz da questão. Não é minha; é dele. Ele multiplica as suas expressões e as repete para fazer-nos compreender esta idéia — de que estamos no meio de um tremendo conflito.

Vamos ver agora o que ele tem para dizer sobre a natureza do conflito. Aqui, como não é incomum em Paulo, ele começa com uma negativa. Nesta altura chegamos à própria essência da questão, àquilo a que chamo um caráter e natureza peculiar e essencial da mensagem bíblica, do princípio ao fim. Isto é uma coisa peculiar à Bíblica. A Bíblia não deve ser classificada como qualquer outro livro porque toda a sua perspectiva é diferente — não só difere deles em pormenores. Ela é *essencialmente* diferente. É um livro "peculiar", "especial". E este é o ponto no qual ela se afasta de todos os outros ensinos que se oferecem à humanidade. Procure ver a sua profundidade, que desafia o nosso discernimento e a nossa compreensão. É isso que toma este livro tão maravilhoso, e que prova que ele é o Livro de Deus. Ele desce às profundezas, vai até às raízes. Não há nele nada que seja superficial, nada que seja fútil e chocho. É na verdade uma revelação divina.

Faço estas observações preliminares porque para mim a coisa sumamente importante

que podemos captar nesta hora é que no mundo, como ele é neste momento, temos um livro-texto, um manual da vida, que de fato nos propicia um entendimento. Somente o cristão compreende o mundo. Todavia ele o compreende porque aceita este ensino como uma parte essencial da mensagem divina. No entanto vou mais longe; o nosso conhecimento disto e a nossa aceitação disto é uma prova cabal e completa da nossa profissão da fé cristã. Portanto, tomo a liberdade de fazer uma pergunta, antes de dar sequer um passo adiante. Estas frases fazem parte do seu pensamento fundamental — "para que possais estar firmes contra as astutas ciladas do diabo"? "Não temos que lutar contra a carne e o sangue, mas sim contra os principados, contra as potestades, contra os príncipes das trevas"? Estas frases estão sempre em seu pensamento como parte da sua filosofia cristã, e estão sempre presentes em sua mente? Ao olhar para o mundo de hoje você logo diz, "Nesta passagem está a explicação"? Você pensa assim normalmente? Tudo que digo é que se você não pensa assim, seu tipo de cristianismo é muito defeituoso. Efésios, capítulo 6, versículos 1013 é uma parte vital e essencial da fé cristã.

Que diz, então, o apóstolo? Vejamos primeiro os termos negativos — "Não temos que lutar contra a carne e o sangue". Os que conhecem bem a Bíblia sabem que o vocábulo "carne" no Novo Testamento, e especialmente nas epístolas de Paulo, é extensamente empregado com referência à velha natureza pecaminosa. Não o velho homem, mas a

velha natureza, a natureza pecaminosa que ainda permanece em nós. Mas este não é o único sentido em que o termo "carne" é empregado, e, obviamente, não é este o sentido em que é empregado aqui. O acréscimo da palavra "sangue" põe isso fora de toda dúvida. Na verdade, no grego, "sangue" vem antes de "carne": "Não temos que lutar contra o sangue e a came". Significa natureza humana, significa homem. Assim, Paulo afirma que não estamos lutando somente contra os homens. O nosso problema não é apenas do "homem" ou da "humanidade", e sim também de outra coisa mais.

Temos aqui uma destas proposições fundamentais das Escrituras. Também vemos aqui quanto ela difere da perspectiva do mundo, mesmo em sua melhor e mais elevada expressão. A primeira coisa que você tem que compreender, diz o apóstolo, é que o problema que o confronta, como indivíduo, e o problema que confronta a humanidade toda, não é um problema meramente humano, um problema terreno. É muito maior e, portanto, muito mais difícil.

Vejamos a diferença que há entre isto e aquilo que os não cristãos acreditam. Naturalmente o mundo não crê nisto, e não liga para esta negativa. Então, qual é, de acordo com o mundo, a causa dos nosso problemas? Através dos séculos o mundo sempre se inclinou a acreditar em diversas explicações. Nos tempos em que a Igreja se estabeleceu inicialmente, o mundo acreditava em vários deuses. Havia um Deus

da guerra, havia um Deus do amor, havia um Deus da paz, e assim por diante. Nesta medida, você vê, os homens tinham algum discernimento, pois achavam que o mundo estava sendo influenciado e governado por certos poderes e forças invisíveis. Achavam que tinha que existir um Deus que se mostrava com todo o seu poder na guerra. Depois, certamente havia também um Deus do amor. E, assim, achavam que o que deviam fazer era aplacar estes deuses. Quando o apóstolo visitou a famosa cidade de Atenas, encontrou-a atulhada de altares dedicados aos diversos deuses. A idéia dos atenienses era que, como estes deuses tinham tanta influência sobre o homem e sua vida neste mundo, obviamente o que deviam fazer era colocar-se do lado dos deuses. Assim, tinham uma multiplicidade de altares e levavam as suas oferendas aos vários deuses e lhes prestavam culto. Acreditavam que os seus problemas eram devidos à sua falha em agradar os deuses. Alguns deles acreditavam em espíritos que habitavam nas árvores, nas pedras, no sol, na lua, nas estrelas; tudo isso faz parte da mesma idéia. O politeísmo, o animismo, todas estas coisas, eram apenas o reconhecimento, por parte da humanidade, de que existem outras forças e poderes que não vemos, mas que parecem exercer enorme influência sobre nós.

Depois, um pouco afastados disso, outros começaram a ver que esses não eram deuses, porém eram obviamente criações das mentes e imaginações dos homens. Por conseguinte, começaram a falar em termos de destino. "Ninguém sabe qual é o seu destino", diziam eles, "tudo que sabemos é que parece existir alguma coisa que nos influência e nos governa, e que é muito poderosa, na verdade mais poderosa que nós. Se você está destinado a fazer esta ou aquela coisa, você a fará; se está destinado a que lhe aconteça uma coisa, isto lhe acontecerá." O fatalismo era uma crença num poder invisível que os homens não conseguiam definir, mas que (como acreditavam) governava as suas circunstâncias e controlava o que lhes acontecia. Entretanto, falando de modo geral, hoje os homens se apartaram dessa crença, embora naturalmente haja muitos que ainda crêem no destino. Há muitos que, a despeito da educação moderna, acreditam na astrologia e em coisas desse tipo neste sofisticado século vinte do qual temos tanto orgulho. Astrologia — a influência exercida pelos astros, o mês em que a pessoa nasce, e assim por diante!

Chamo a atenção para tudo isto porque indica que o homem tem consciência de que há alguma coisa fora dele que faz tremenda diferença em sua vida. Por outro lado, o homem científico moderno, em geral não crê nas coisas às quais acabo de referir-me. Sua posição é que não existe nada fora dele, que o problema é realmente o homem propriamente dito e ele somente. Assim é o homem típico, moderno, instruído, moral. Ele não é cristão. Claro que não! Ele absolutamente não acredita na esfera espiritual. É por isso que ele não crê em Deus, na deidade de Jesus Cristo, no Espírito Santo; é por isso que ele não acredita na existência do diabo e dos "principados" e "potestades", nos "príncipes das trevas deste século." Isso de esfera espiritual, para ele não existe. Para ele, a crença nisso nada mais é que uma espécie de remanescente daqueles tempos e condições primitivos quando

as pessoas acreditavam em espíritos nas árvores, nos riachos, nas pedras e em tudo mais. Contudo, diz ele, nós ultrapassamos essas fantasias. O homem tem se iludido através dos séculos com o destino e todas estas coisas, e com o absurdo da astrologia! Aí está o seu suposto realista, o homem que reivindica poder governar todas as coisas com a sua mente e que acredita que o único problema é o homem propriamente dito. Noutras palavras, todos os nossos problemas decorrem da ignorância do homem, da sua falta de conhecimento e de compreensão, e da sua falta de desenvolvimento.

Para falar em termos gerais, este é seguramente o problema mais urgente que o mundo enfrenta hoje, porque, se tomar o ponto de vista do homem moderno, a esfera espiritual é eliminada inteiramente. Mas

essa é a posição de grande número dos nossos semelhantes. Então, se o problema é somente o do homem, e a sua ignorância, qual é a solução? Tais pessoas dizem que essa é uma pergunta perfeitamente válida, e que durante os últimos cem anos, ou por aí, pelo menos duas respostas apareceram. A primeira é a idéia de progresso, de desenvolvimento, de evolução. Não devemos perder a esperança, dizem eles, pois, afinal de contas, o homem está apenas no limiar da concretização da sua grandeza e glória, e infindas possibilidades. Eles nos concitam a olhar para o passado e ver que já houve desenvolvimento e progresso. Já abandonamos o animismo, já demos as costas ao politeísmo, já nos livramos do puro e simples fatalismo. Agora pensamos e raciocinamos. O homem está de fato começando a entrar na sua própria realidade. E isto é inevitável porque há uma energia na vida, um *élan vital,* uma energia vital. É assim que eles se expressam; não são fatalistas, não acreditam em poderes invisíveis! Mas há na matéria uma energia vital, um poder que impulsiona todas as coisas para a frente e para o alto! Este é o conceito do racionalista moderno que só crê nas coisas sobre as quais se pode discutir racionalmente, nas coisas que podem ser sentidas, apalpadas, medidas e manipuladas! Você vê, ele tem que retomar e cair numa "energia vital", "Energia" com inicial maiúscula. Essa é uma parte da sua explicação, é uma parte do conforto que ele está tentando nos dar. Ele nos diz que não fiquemos impacientes, porém que fiquemos firmes e aguardemos. Há esta prova de progresso e de melhoramento, e isto continuará avançando mais e mais, até que finalmente todos os problemas serão extirpados e o mundo será perfeito.

Há muitas variações e modificações desse conceito. Não precisamos preocupar-nos em tratar delas. O comunismo é uma delas, naturalmente, com o seu ensino sobre o materialismo dialético e sobre a luta entre o capital e o trabalho, entre a oferta e a procura. Tudo isso faz parte do processo pelo qual temos que passar até chegarmos à sociedade perfeita e sem classes. A verdadeira base filosófica do comunismo é o conceito evolucionista da vida. Há muitos que se confessam cristãos e que, ao que me parece, estão cada vez mais adotando a idéia da evolução.

Depois, a outra resposta dada pelo homem moderno é que não devemos fiar-nos passivamente nesta inevitável marcha de avanço e progresso. Devemos, em acréscimo, educar-nos uns aos outros, propagar o conhecimento, aplicar a nossa razão à situação e conseguir que toda gente faça isso. E eles alegam, deveras confiantemente, que, se tão somente agirmos assim, os nosso problemas realmente serão resolvidos.

Acaso não é evidente que esta questão é sumamente vital e urgente?

O mundo tem vivido baseado nesse ensino durante o presente século. Isso tem recebido muita publicidade atualmente, e nos é dito que, se tão somente pudéssemos ensinar as massas, educá-las e ensiná-las a raciocinar, nunca mais haveria guerra. Elas logo veriam que a guerra é ridícula e que precisamos reunir-nos, fazer conferências e conduzir todas as controvérsias amigavelmente, meios pelo quais todos viveremos felizes para sempre! Muitos acreditam realmente em tal programa; e o resultado, naturalmente, é que, não acontecendo isso, eles ficarão decepcionados; não poderão entendê-lo e ficarão desnorteados. Mas essa é a idéia predominante, a teoria predominante.

É assim que nos é oferecido o conforto do processo evolucionista e a difusão do conhecimento, da cultura e da educação. Para mim está quase além do entendimento que alguém que vê o mundo moderno e lê jornal, possa continuar acreditando nessas teorias. Na verdade, ainda que nunca leiam jornal, como poderá alguém que já conheceu uma pessoa instruída, culta, razoável e que, não obstante, falha lamentavelmente em sua vida pessoal, crer nessas coisas? Como é possível crer que a sabedoria, o conhecimento, a instrução e a capacidade de raciocinar e de usar a lógica, constituem a solução do problema, quando o que se vê diariamente nas vidas dos homens e das mulheres prova exatamente o oposto? É espantoso! Mas o que estou interessado em salientar particularmente é que estas teorias são o oposto daquilo que o apóstolo ensina aqui em Efésios, capítulo seis.

"Não temos que lutar contra a carne e o sangue." O problema não se restringe apenas ao nível humano. O homem certamente fornece os problemas mas, mas eles só constituem os sintomas da doença; a causa real está mais para trás — "não... contra a carne e o sangue". É neste ponto que eu justifico a minha afirmação original de que o evangelho, e somente o evangelho, é que garante alguma esperança para este mundo perturbado e infeliz. Toda a base da condução dos interesses humanos está na suposição de que só estamos lutando contra a carne e o sangue, de que o problema é o homem, e de que, portanto, o problema só pode ser resolvido mediante recursos humanos, terrenos, e por meios e modos planejados pelo próprio homem. É sempre o homem, a carne e o sangue, que está sendo considerado, e somente o homem.
Os pensamentos do homem natural nunca vão acima desse nível. O espiritual jamais é mencionado. Aí está uma coisa absolutamente básica.

Até aqui expus o assunto negativamente, mas agora vamos examiná-lo positivamente. "Não temos que lutar contra a carne e o sangue, *mas sim* contra os principados, contra as potestades." Note-se como Paulo repete a palavra "contra", para ênfase. "Mau estilo", você dirá. "Não temos que lutar contra a carne e o sangue, mas sim contra os

principados, contra as potestades." Os pedantes e sabidos editores eliminariam estas repetições de "contra", não eliminariam? *"Contra* os principados, *contra* as potestades, *contra* os príncipes das trevas deste século, *contra* as hostes espirituais da maldade nos lugares celestiais." Aqui estamos, mais uma vez, focalizando diretamente aquilo que é deveras essencial no ensino bíblico e cristão. Qual é o problema deste mundo? Qual é a causa basilar dos nossos problemas? Não é o homem! É o diabo e suas forças e poderes invisíveis. Essa é a proposição. É isto que temos que analisar, ou melhor, é nisto que temos que seguir o apóstolo na análise que faz.

Primeiro vamos abordá-lo de modo geral. Eis aqui algo em que não somente não se crê hoje em dia, mas que é rejeitado com desdém, é completamente ridicularizado, e é considerado como a mais gozada de todas as piadas. O diabo! Principados e potestades! Poderes espirituais invisíveis! O homem moderno diz que isto é uma afronta à inteligência humana. "Imagine", diz ele, "alguém do século vinte propondo pregar sobre o diabo e sobre poderes espirituais invisíveis! É um insulto à inteligência. Por que você não nos fala sobre como resolver os problemas internacionais? Por que não começa uma agitação para acabar com a fabricação de bombas? Por que você não é realista? Por que se nega a ser prático? Você está nos domínios do folclore, você ainda revela uma mente primitiva, ainda pensa em termos de contos de fada. Por que não encara os fatos, as duras realidades da vida como ela é hoje, em vez de falar sobre poderes espirituais invisíveis e sobre o diabo? "Ah", dizem, "tudo isso já passou, é de tempos idos, é absurdo." O ensino do apóstolo é total e completamente ridicularizado. Mas o que me inquieta é que não só está sendo ridicularizado pelo mundo não cristão em geral, porém não está recebendo muita atenção do povo cristão, e não está sendo salientado por ele, incluindo-se muitos que se chamam evangélicos (isto é, cristãos bíblicos, conservadores). Muitos cristãos estão tão preocupados com algum pecado particular que os está fazendo tropeçar e cair, e tão preocupados com a sua felicidade pessoal, que jamais ponderam este grande problema. São tão introspectivos e subjetivos, que nunca observam o cosmos em sua totalidade, o grande problema do mundo, esta coisa tremenda que o apóstolo coloca diante de nós aqui. Em que medida, volto a perguntar, este ensino concernente ao diabo e seus poderes entra em nosso pensamento habitual e normal? Diz o apóstolo que jamais devemos relaxar, jamais devemos afrouxar a vigilância, mas devemos estar de pé, firmes, prontos e "em armas" o tempo todo, por causa do diabo e seus poderes. Todo este ensino tem sido ridicularizado.

Qual será a nossa resposta? Tomo a liberdade de sugerir algumas

idéias e linhas de pensamento. Toda esta questão de acreditar no diabo e nos poderes espirituais associados a ele é, afinal de contas, simplesmente o problema de acreditar numa esfera ou reino espiritual. Essa é a questão fundamental: você acredita que existe uma esfera espiritual? Há muitos que se dizem cristãos e que, obviamente, não acreditam. Eles reduziram o cristianismo a um ensino ético-moral, e nada mais. Para eles não há nenhuma esfera espiritual, nenhuma região que esteja acima de nós e nos influencie. Talvez digam com palavras que acreditam nessa esfera, porém em sua vida prática não acreditam. Não estão cientes da sua existência. Naturalmente, se uma pessoa não crê em Deus, estará sendo coerente ao negar-se a acreditar que há diabo e poderes espirituais. Se não acredita em Deus, não devo esperar que acredite no diabo. Mas o que não posso entender é uma pessoa que crê em Deus, e não acredita na existência do diabo. Não posso entender uma pessoa que se levanta na Igreja e declara, "Creio no Espírito Santo", e depois considera o diabo uma piada! Declara, "Creio no Espírito Santo", mas não crê na existência de espíritos maus. Tal pessoa é completamente incoerente. Afirma que crê num reino espiritual, no entanto crê somente numa metade dele; não acredita na outra metade. O que está envolvido aqui é toda a nossa atitude para com o reino espiritual que está acima de nós e fora de nós.

Ou, deixe-me colocar a questão da seguinte maneira, para que você possa ver com exatidão onde você está, se não acredita na existência do diabo e destes poderes espirituais, ou se não tem certeza sobre isto. Em última instância, o problema não é crer se o diabo existe, é crer na autoridade das Escrituras, pois isso também está intimamente envolvido. Há pessoas que não acreditam que a Bíblia é a Palavra de Deus, que rejeitam a concepção virginal e os milagres, e não crêem na expiação vicária e na personalidade do Espírito Santo; e não me surpreende que rejeitem a idéia da existência do diabo e dos poderes do mal. São pessoas instruídas, doutas, cultas, são gente do século vinte. Elas chegam a este velho Livro e dizem: "Este livro é velho, é um livro como outro qualquer. Há muito lixo nele, muito erro. Os escritores puseram nele aquilo em que se acreditava na época, mas, naturalmente, agora sabemos que não é verdade." Assim, elas se aproximaram da Bíblia como autoridades; o Livro não é a autoridade, elas é que são. Para fora isto, para fora aquilo, para fora o Espírito Santo, para fora o diabo e muitas outras coisas. Que é que resta? Simplesmente aquilo que *eu* posso entender e aceitar, aquilo que *eu* creio ser verdadeiro. *Eu* sou a minha autoridade, a *minha* razão está no trono! Portanto, esta não é apenas uma questão de crer que o diabo existe; envolve toda a nossa atitude para com as Escrituras. E é assim porque este ensino sobre o

diabo e as suas hostes é uma parte essencial, uma parte vital do ensino bíblico. Acha-se em toda parte das Escrituras, do Gênesis ao Apocalipse, e principalmente em Gênesis e em Apocalipse. O próprio Senhor nosso ensinou isto, e, se você crê

nEle e no Seu ensino, terá que crer no que Ele disse a respeito do diabo e seus poderes. Assim nos defrontamos face a face com esta pergunta: cremos na Bíblia como a nossa única revelação da verdade, e nossa única autoridade, ou estamos confiando em nós mesmos e em nosso entendimento? Míseros vermes que somos, e fazendo do nosso mundo esse caos, com as nossas mentes e com o nosso entendimento, quem somos nós para intrometer-nos na esfera espiritual e dizer o que é verdadeiro e que é falso? Como é ridículo tudo isso!

Mais ainda! Crer na existência do diabo e seus poderes é um fundamento indispensável para a crença no ensino bíblico sobre o pecado e o mal. Você não pode crer realmente na doutrina bíblica concernente ao pecado, se não crê na existência e obra do diabo e nos principados e potestades associados a ele.

Ademais, crer que existem o diabo e suas hostes é absolutamente essencial para um correto entendimento da doutrina bíblica da salvação. "Ah, mas", dirá você, "isso não pode ser. Certamente tudo que é necessário é que eu creia que Cristo morreu na cruz por meus pecados." Até aqui você tem razão, entretanto, porque foi preciso que Ele viesse? Que fez Ele realmente na cruz? Segundo o apóstolo Paulo, Ele esteve lá "despojando os principados e potestades" e na cruz Ele "os expôs publicamente e deles triunfou em si mesmo" (Colossenses 2:15). Por que Cristo teve que vir? Eis uma das Suas próprias respostas: "Quando o valente guarda, armado, a sua casa, em segurança está tudo quanto tem; mas, sobrevindo outro mais valente do que ele, e vencendo-o, tira-lhe toda a sua armadura em que confiava, e reparte os seus despojos" (Lucas 11:21-22). Não vá pensar que você pode compreender a doutrina bíblica da salvação e rejeitar a realidade do diabo. Não pode! Você não pode sustentar a verdadeira doutrina da salvação, se não crê na realidade do diabo e dos seus poderes. Você pode apenas ter passado por um pequeno tratamento psicológico que o faz sentir-se feliz, porque julga que os seus pecados foram perdoados; mas não entendeu o ensino bíblico sobre a razão pela qual Cristo veio, o que teve que fazer, a luta e o conflito, a agonia no jardim, as tentações e tudo que sofreu na cruz. Isso não tem sentido para você, nem pode ter. Assim, você não tem o evangelho completo, se é que tem evangelho algum.

Em conclusão, tomo a afirmar que você simplesmente não pode compreender a história registrada na Bíblia, toda a história do mundo

desde o alvorecer da civilização até à época atual; não pode compreender a história moderna e o que está acontecendo no mundo hoje, a confusão, a espantosa realidade do mundo como ele é, apesar do progresso de que tanto ouvimos falar; menos ainda você pode compreender o futuro, ou ter alguma esperança quanto ao futuro; a não ser que você venha a ter uma clara compreensão daquilo que o apóstolo ensina aqui sobre o diabo e os principados e potestades, sobre os numerosos governantes destas trevas, os espíritos malignos nos lugares celestiais. Talvez você diga que isso é

deprimente. Deprimente? Acho isso o ensino mais confortador, prazeroso e otimista que já conheci. O que para mim é deprimente é defrontar-me com uma situação que não posso entender. Se não entendo uma situação, sinto-me perdido. Nunca me contentei em medicar sintomas. Eu sabia que o paciente poderia sentir-se um pouco melhor, porém a questão era: que é que esse homem tem? E eu me sentia frustrado enquanto não soubesse a resposta. É importante saber qual é o problema, fazer uma diagnose; e, no momento em que você tem o diagnóstico certo, sente-se melhor e fica satisfeito porque sabe do que está tratando. Contudo, graças a Deus, este ensino apostólico não para na delineação do caráter do problema. Ele faz isso de maneira muito realista, mas depois nos leva à fonte de poder e da vitória. Ele nos dá uma visão da história que nos toma confiantes e seguros. Apesar de estar combatendo o diabo e os principados e potestades, e lutando contra hordas infernais, posso ser forte "no Senhor e na força do seu poder". Posso revestir-me de toda a armadura de Deus, posso resistir e, havendo feito tudo, ainda posso ficar firme, e erguer-me com confiança, sabendo que nEle e na força do Seu poder estou seguro, e que a Sua vitória final e definitiva é sempre certa.

DESCRIÇÃO DO INIMIGO

Tendo respondido às críticas triviais, tolas, céticas, dirigidas ao ensino do apóstolo, passaremos a examinar o ensino propriamente dito, e a considerar detalhadamente o que ele tem para dizer-nos. Gostaria de fazê-los lembrar-se de novo de que o que estamos fazendo é provavelmente a coisa mais prática que os cristãos jamais poderiam fazer. Estamos examinando a causa fundamental do estado atual do mundo. Vejamos de novo, por um momento, a natureza destas forças que estão formadas contra nós. O próprio Senhor Jesus nos ensina a fazê-lo. No capítulo catorze do Evangelho Segundo Lucas, Ele conta a parábola do rei que foi para a guerra sem conhecer bem a força do inimigo e, portanto, sem os recursos suficientes, e como esse rei foi derrotado e forçado a render-se (Lucas 14:31-33). A falta de preparo é loucura total, de acordo com o nosso bendito Senhor, e Ele aplica essa parábola aos Seus seguidores. O mesmo princípio se aplica a nós agora.

A primeira coisa que temos de fazer é conhecer algo da força e do poder do inimigo que se dispõe contra nós. Eu poderia ilustrar isto quase interminavelmente. Uma coisa que mostra a falta desse conhecimento é o real problema ocorrido no período de 1933 e 1939. Houve unicamente uma voz que ficou advertindo a Inglaterra sobre o que estava acontecendo na Alemanha. Ninguém queria acreditar, ninguém queria preocupar-se ouvindo falar do rearmamento e das ambições da Alemanha. Estávamos tendo um bom período, e queríamos usufruí-lo. A vida era maravilhosa! Agora sabemos que foi daquela maneira que o país chegou a uma condição na qual toda a situação se tomou, não somente precária, mas quase perdida, em 1940. Tudo porque o povo não quis preocupar-se em ouvir o que estava ocorrendo no território do inimigo, Isso tudo é infinitamente mais importante na esfera espiritual; e o homem que não compreende o ensino do apóstolo sobre esta matéria, ou está ferrado no sono nos braços do diabo, ou é um cristão completamente derrotado.

Examinemos, pois, estas forças, e comecemos com os termos empregados. O primeiro é *o diabo*. “Revesti-vos de toda a armadura de Deus, para que possais estar firmes contra as astutas ciladas do diabo.” Precisamos começar com ele porque, de acordo com o ensino das Escrituras, ele é o chefe de todos os poderes dispostos contra nós.

Muitos nomes são-lhe atribuídos. Aqui ele é chamado “o diabo”. Também é chamado Satanás. Esse é o termo comumente empregado no Velho Testamento. Também o encontramos no Novo Testamento. Mas há muitos outros nomes dados a ele, como “Belzebu”, “Belial”, “o maligno”, “o iníquo”, “o valente armado” etc. Esses nomes são utilizados para podermos entender algo sobre o diabo e sua natureza.

As Escrituras deixam claro que devemos pensar no diabo num sentido pessoal. É errado considerá-lo apenas como uma força ou um poder. O mesmo erro se comete

com relação ao Espírito Santo. Há muitos que não crêem na Pessoa do Espírito Santo; referem-se a Ele como algo neutro, impessoal. Todavia o Espírito Santo é uma Pessoa, a Terceira Pessoa da Trindade Bendita e Santa. O Espírito Santo não é meramente um poder, não é apenas uma influência. Muitos do nossos erros relacionados com a doutrina do Espírito e da santificação surgem da falha fundamental de não compreendermos que o Espírito Santo é pessoal. O resultado é que as pessoas, às vezes, usam ilustrações sobre a obra do Espírito Santo como se Ele fosse pouco menos que um espécie de líquido que pode ser despejado de uma vasilha noutra! O Espírito Santo, porém, é uma Pessoa! Também o "diabo" o é. Por isso, temos que começar tratando de compreender que ele tem personalidade, que é uma entidade distinta e separada. Não somente isso; é-nos dado a entender com muita clareza que o diabo é uma personalidade superior ao homem, maior do que o homem, mais forte do que o homem, mais grandiosa que o homem. Todavia, ao mesmo tempo, as Escrituras deixam claro que ele não é divino.

Aqui traçamos uma distinção muito importante. Houve uma antiga heresia que, em resumo, ensinava que havia dois "Deuses" dirigindo as atividades humanas. Era o que veio a ser conhecido como dualismo, ou doutrina dualista. Havia um grande Deus, o Criador, mas havia outro deus, uma espécie de "demiurgo", como lhe chamavam. Alguns até ensinavam que ele era de fato o criador; de qualquer forma, ele exercia grande poder e controle. Diziam que ele era um deus antagônico a Deus. No entanto não é esse o ensino da Bíblia. A Bíblia ensina que, conquanto o diabo seja superior ao homem, não é divino; é menos que divino, é um ser criado. Voltaremos a este assunto, mas nesta altura dou ênfase a esta importante verdade.

Outra verdade que precisa ser acentuada é aquela que se acha assinalada proeminentemente aqui, a saber, o poder do diabo. Precisam revestir-se de toda a armadura de Deus, diz o apóstolo, para que possam estar firmes contra a astutas ciladas do diabo. Lembremo-nos das expressões empregadas nas Escrituras para assinalar este elemento de "poder". Um deles acha-se no capítulo dois desta epístola, versículo

dois, onde se faz referência ao diabo como "o príncipe das potestades do ar" —o líder, o comandante — "o espírito que agora opera nos filhos da desobediência." O apóstolo emprega uma expressão similar, concernente ao diabo, na Segunda Epístola aos Coríntios, onde ele fala sobre "o deus deste século" (4:4). Se ainda o nosso evangelho está encoberto"; diz ele, "para os que se perdem está encoberto, nos quais o deus deste século cegou os entendimentos..." Contudo, o apóstolo não está se contradizendo; ele não está dizendo que o diabo é Deus. O que ele está dizendo, como veremos detalhadamente mais tarde, é que ele é, por assim dizer, o deus deste mundo. O diabo não é Deus, mas é "o deus deste século". Isso de novo nos dá uma idéia do seu poder, da sua autoridade, da sua força — "o deus deste século"!

Tome-se depois outra expressão empregada pelo próprio Senhor Jesus, no capítulo onze do Evangelho Segundo Lucas: “O valente armada”. O diabo, aquele com quem somos confrontados, é comparável a um valente e poderoso homem armado que “guarda... a sua casa” e, “em segurança está tudo quanto tem” (Lucas 11:21-22). Tudo isso nos ajuda a entender como é tremendo o poder e autoridade do diabo.

O apóstolo Pedro o descreve nestes termos: “O diabo, vosso adversário, anda em derredor, bramando como leão” (1 Pedro 5:8). O leão é o rei da selva, e o mais poderoso de todos os animais; e não há nada que dê tanta impressão de força, poder e energia latente como “o bramido do leão”. Ele brama, e toda a criação treme! Bem, diz Pedro, o diabo é desse jeito.

Há também o designativo utilizado no capítulo doze do Livro de Apocalipse: “Um grande dragão vermelho”. O dragão também evoca um quadro de força e poder. “Um grande dragão vermelho, tinha sete cabeças e dez chifres, e sobre as suas cabeças sete diademas. E a sua cauda levou após si a terça parte das estrelas do céu, e lançou-as sobre a terra...” (Apocalipse 12:3-4). No mesmo livro, no capítulo vinte, vemos o dragão mencionado como “a antiga serpente, que é o Diabo e Satanás.”

Estas descrições transmitem idéias, não somente de sutileza, e sim também de força e de grande poder. Na verdade, a Bíblia deixa claro que o poder do diabo é o segundo, só inferior ao da Deidade, inegavelmente.

Tendo examinado de relance o poder do diabo, como o fizemos, consideremos agora o que ele faz. Qual será o seu propósito? As próprias palavras empregadas para descrevê-lo e designá-lo respondem a pergunta. O sentido da palavra “diabo” é “caluniador”. O sentido da palavra “Satanás” é “adversário. E estas são as expressões realmente

utilizadas explicitamente nas Escrituras com referência a ele. Ele é chamado “o acusador dos irmãos” (Apocalipse 12:10). Acusar é uma das suas principais atividades. Também se faz referência a ele como “vosso adversário, o diabo” (1 Pedro 5:8). Ele é um adversário que se levanta contra nós, um opositor, um inimigo, o condutor de um exército contra nós. Também é mencionado como “o tentador” (Mateus 4:3), pois ele nos vem tentar, fazer-nos extraviar e iludir-nos. Tudo vem resumido no livro de Apocalipse. “E o dragão irou-se contra a mulher, e foi fazer guerra ao resto da sua semente...” (Apocalipse 12:7). Semelhantemente, no capítulo treze do mesmo livro lemos que o diabo faz “guerra aos santos” (versículo 7). Quão vitalmente importante é que nos demos conta disso tudo, que temos um adversário, que existe alguém que está sempre contra nós, tentando-nos, procurando derrubar-nos e destruir-nos, alguém que está sempre pronto a acusar-nos. Esse é o ensino das Escrituras.

Mas não devemos parar, nem mesmo aqui. Muita coisa é dita sobre a sua sutileza — "as astutas ciladas do diabo". Não vou tratar disso nesta altura. É um assunto que requer estudo à parte. No Evangelho Segundo João, capítulo 8, faz-se referência a ele como "mentiroso" e "pai da mentira" (versículo 44). Isso também é parte integrante do ensino. Mais significativo ainda, à luz do que temos neste versículo doze de Efésios, capítulo 6, é o fato de que o diabo, esta pessoa poderosa, tem um reino, uma soberania. Ele governa e reina numa certa esfera. O Senhor Jesus no-lo diz no capítulo onze do Evangelho Segundo Lucas, na porção já citada. Disse Ele: "Se vocês dizem que eu expulso demônios por Belzebu, bem, então, estão dizendo que Belzebu está dividido contra si mesmo; estão dizendo que Satanás, digamos, está lutando contra Satanás." E Ele argumenta que, se Satanás está assim lutando contra Satanás, o reino dele só terá que sofrer divisão. "E, se também Satanás está dividido contra si mesmo, como subsistirá o seu reino? Pois dizeis que eu expulso os demônios por Belzebu" (Lucas 11:18; cf. versículos 17 a 22).

Este é o ponto de transição do qual se nos fala no versículo doze da nossa passagem de Efésios. O diabo, este "príncipe das potestades do ar", este rei que tem um reino e também servos, emissários, seguidores — "principados, poderes, potestades e domínios" — contra os quais pelejamos. É um verdadeiro reino de grande poder, com hordas de servos. Mas, que são eles? É interessante notar que o apóstolo emprega exatamente os mesmos termos no versículo vinte e um do capítulo primeiro desta epístola, onde mostra que está preocupado no sentido de que nos demos contra da "sobreexcelente grandeza do seu poder sobre nós, os que cremos, segundo a operação da força do seu poder, que

manifestou em Cristo, ressuscitando-o dos mortos, e pondo-o à sua direita nos céus, acima de todo o principado e poder, e potestade, e domínio, e de todo o nome que se nomeia, não só neste século, mas também no vindouro." "Principados e potestades" — temos aqui as mesmas palavras! Todavia, clara e obviamente, ele não está se referindo aos mesmos poderes. O próprio contexto deixa claro que no capítulo primeiro ele está se referindo aos principados e potestades que circundam o trono de Deus. Eles são descritos também nos capítulos 4 e 5 do livro de Apocalipse, onde lemos sobre as bestas, os anciãos e os miríades de principados e potestades ao redor do trono de Deus. Eles são os agentes e emissários de Deus, componentes do Seu grande e eterno Reino.

O que está sendo salientado pelo apóstolo aqui é que como Deus está rodeado por esses poderes, o diabo também está. O diabo não é um poder solitário. Ele tem seus agentes e suas agências. Contudo, estes são muito diferentes dos que circundam o trono de Deus. Eles são maus, como veremos. Mas o importante para nós compreendermos é que eu e você, como cristãos neste mundo limitado pelo tempo, estamos sendo confrontados pelo diabo e todos esses principados e potestades que estão prontos a executar o seu mandado. Como os anjos de Deus estão prontos a

fazerem as suas viagens para ministrarem a favor do nosso bem-estar, como nos lembra o autor da Epístola aos Hebreus (1:14), assim o diabo tem agentes que ele pode enviar para ali e para acolá, para cá e para lá — "principados e potestades". E mais, o que é acentuado quanto a eles é que têm grande poder e autoridade. Eles têm uma posição governamental e têm real autoridade e poder, num sentido executivo. Você poderá perguntar: porque o apóstolo fala de principados *e* potestades? Por que as duas palavras? Há uma distinção entre elas. "Principado" inclui a idéia de poder inerente. "Poder" sugere antes a expressão, a manifestação desse poder. Assim, pois, há estes fortes poderes que são capazes de executar as ordens do "príncipe das potestades do ar", isto é, o diabo.

Chegamos então a esta frase subseqüente, que é tão significativa hoje — "contra os príncipes das trevas deste século", ou, na tradução dada pela Versão Autorizada *{King James Version*), "contra os governadores das trevas deste mundo." Mas muitos eruditos concordam que uma tradução melhor seria, "contra os governadores do mundo destas trevas." A expressão "governadores do mundo" é destinada a demonstrar a extensão e o escopo ou abrangência do poder e da autoridade. Empregamos esta expressão no sentido político. Houve certas pessoas, no transcurso da história, que se posicionaram como "governadores do mundo". A ambição de Hitler era ser um governador do mundo. Ele não

se contentava em governar apenas um país num continente. De modo semelhante, Napoleão tinha a ambição de se tomar um governador do mundo, regendo o mundo inteiro, exercendo comando e controle sobre ele, determinando as suas atividades e o bem ou mal-estar do seu povo. A expressão "príncipes" ou "governadores do mundo", como é empregada aqui, é um só vocábulo no original grego. É uma palavra muito poderosa, que combina a noção de poder para governar com a de governar o mundo inteiro.

A palavra "mundo" ("século") aqui tem uma conotação muito especial e significa o mundo que está fora do governo de Deus, ou seja, o mundo que não se submete ao governo de Deus. Costumamos usar comumente essa expressão neste sentido. Dizemos que um homem agora está na igreja, ao passo que anteriormente estava "no mundo". Naturalmente o cristão ainda está no mundo no sentido físico; assim, quando se diz que o cristão não está mais no mundo, falamos num sentido espiritual. Essa é a conotação da palavra "mundo" como é empregada pelo apóstolo em nosso texto. Ela comunica este sentido espiritual. Refere-se ao mundo separado de Deus, ou ao mundo em rebelião contra Deus, o mundo como organizado isoladamente das leis e do governo de Deus. Portanto, o que o apóstolo está dizendo é que somos confrontados e antagonizados pelos poderes que realmente governam e dirigem esse mundo, mundo como é, em oposição a Deus, o mundo sem Deus e sem a Sua bênção.

Certamente é da mais vital importância entender, captar e compreender este assunto

numa época como esta. Muitas vezes dizemos que estamos "contra o mundo, a carne e o diabo". E com a palavra "mundo" não nos referimos ao universo material. Os montes e as montanhas, os rios e os mares não estão contra nós. O povo, como povo, não está contra nós; mas "o mundo" está contra nós, e o "mundo" significa essa perspectiva, toda essa organização, esse tremendo poder do mal em que vivemos, por assim dizer, e que nos rodeia e nos cerca por todos os lados. Nossa preocupação é "estar no mundo, mas não ser do mundo". Estas "potestades" regem, governam e dirigem essa mentalidade, essa perspectiva que denominamos "o mundo".

Mas, afortunadamente para nós, o apóstolo define o termo com maior precisão ainda. Diz ele que lutamos contra os governadores do mundo "destas trevas". Essa é também uma expressão sumamente significativa. O "mundo" a respeito do qual ele está escrevendo, é um lugar de "trevas". Temos aqui, mais uma vez, o termo universalmente empregado nas Escrituras para definir essa mentalidade, essa perspectiva, essa maneira de viver não governada e não dirigida por Deus. Vemo-lo nesta epístola, no capítulo quatro, onde lemos, no versículo

dezessete: "E digo isto, e testifico no Senhor, para que não andeis mais como andam também os outros gentios, na vaidade do seu sentido (ou, "da sua mente", AV), entenebrecidos no entendimento..." "Entenebre-cidos"! O entendimento está nas trevas e, por isso, fica entenebrecido. No capítulo cinco, versículo oito, Paulo diz a mesma coisa, ainda mais especificamente: "Porque noutro tempo éreis trevas, mas agora sois luz no Senhor..." Observe-se que aí ele não diz apenas que outrora eles estavam "nas trevas"; diz ele que as trevas estavam neles — "éreis trevas". Não é meramente que eles estavam na escuridão; a escuridão estava dentro deles também. Trevas por fora e por dentro!

Essa é a condição do "mundo". Essa é a comum descrição dele, em toda parte. Veja-se, por exemplo, a Epístola aos Colossenses, capítulo primeiro, versículo treze. O apóstolo lembra aos colossenses o que Deus lhes fizera: "O qual nos tirou da potestade das trevas, e nos transportou para o reino do Filho do seu amor". Será que você pensa normalmente, habitualmente, em si próprio como alguém que foi libertado da "potestade da trevas"? Qual é o seu conceito da salvação? Que aconteceu quando você se converteu e se tomou cristão? "Ah", você dirá, "os meus pecados foram perdoados." Concordo. Graças a Deus é assim, pois, do contrário, ainda estaríamos perdidos. Mas você sempre acrescenta — "fui libertado da potestade das trevas"? Outrora você estava debaixo daquela potestade. Era escravo daquele poder. É vital que reconheçamos isto.

Não é de admirar que o apóstolo coloque a coisa nestes termos; e constantemente o faz, porque isso fazia parte da sua grande comissão. Recordemos como o Senhor o encontrou no caminho de Damasco e lhe disse: "Levanta-te e põe-te sobre os teus pés, porque te apareci por isto, para te pôr por ministro e testemunha, tanto das

coisas que tens visto como daquelas pelas quais te aparecerei ainda; livrando-te deste povo, e dos gentios, a quem agora te envio, para lhes abrires os olhos, e das trevas os converteres à luz, e do poder de Satanás a Deus; a fim de que recebam a remissão dos pecados, e herança entre os santificados pela fé em mim" (Atos 26:16-18). Em toda parte é a mesma coisa.

Povo cristão, não é estranho que pensemos tão pouco nestas coisas, que toda a visão deste assunto ocupe tão pouco os nosso pensamentos? Isso é porque somos subjetivos demais. Começamos por nós e terminamos em nós. "Quero ter paz com Deus, quero que os meus pecados sejam perdoados, quero ser feliz, quero ter alegria na vida, quero isto, quero aquilo, quero vencer a tentação...! " Por que não nos damos conta de que devemos pensar em nossa salvação, sempre e primordialmente, em termos objetivos? Você pode ter muitas experiências e gozar o que considera bênçãos, porém, se não compreender esta verdade, estará

sempre numa escravidão, e a sua vida cristã será muito pobre. As Escrituras definem a situação: temos que ser libertados do poder das trevas, do poder do diabo, antes de podermos receber o perdão dos pecados. Essa é a primeira coisa, segundo o que o Senhor disse a Paulo quando o comissionou no caminho de Damasco.

Então, que é que o apóstolo quer dizer com estas "trevas"? É evidente que, primariamente, a referência é às trevas da ignorância. A ignorância é a principal causa das conturbadas condições do mundo neste momento. Vendo a questão doutro ângulo, pode-se dizer que o mundo é cego. Ignora a Deus. A imensa maioria das pessoas do mundo não está pensando em Deus neste momento. Elas se jactam do seu saber, da sua cultura, da sua sofisticação. Mas o real problema do incrédulo é sua assombrosa ignorância, são as suas trevas! Por esta razão, nenhum cristão deve ficar nem um pouco preocupado com os pronunciamentos pontificals feitos por estes filósofos pretensamente grandes e brilhantes. Eles são cegos, são ignorantes, não sabem estas coisas. "Ora, o homem natural não compreende as coisas do Espírito de Deus, porque lhe parecem loucura..." (1 Coríntios 2:14). "Se ainda o nosso evangelho está encoberto, para os que se perdem está encoberto, nos quais o deus deste século cegou os entendimentos dos incrédulos, para que lhes não resplandeça a luz do evangelho de Cristo..." (2 Coríntios 4:3-4). Eles não podem crer! São escravos do diabo; o deus deste mundo os cegou. Eles estão nas trevas, estão engolfados nas trevas, e as trevas estão nas suas mentes. Que condição terrível! Eles nada sabem de Deus.

Ademais, eles não sabem nada nem sequer sobre si mesmos. Nada sabem da verdadeira grandeza do homem, nada sabem da alma. Não acreditam na alma ou no espírito do homem. Eles nada sabem acerca do aspecto mais glorioso do homem, e o resultado é que eles absolutamente não entendem a vida. É por isso que estes grandes pensadores, assim chamados, sentem-se realmente frustrados ante as

condições atuais do mundo, e não conseguem entendê-las. H.G. Wells ensinou toda a sua longa vida que, se tão somente instruíssemos as pessoas, elas nunca mais pelejariam, mas ei-lo ali, tentando escrever o seu último livro nos primeiros dias da Segunda Guerra Mundial, no século mais instruído da história, e vocês se lembram do título que ele lhe deu — *A Mente no Fim da Corda* ("Mind at the End of its Tether"). Claro! Pobre homem, não podia entender o que estava acontecendo. Este século estava destinado a ser o mais glorioso de todos. E por certo seria, se o Wells e os da sua classe estivessem com a razão. Somos mais instruídos que os homens do século passado, e eles eram mais instruídos que os seus antecessores. "Que o conhecimento progrida cada

vez mais", dizia Tennyson. Tudo progride, tudo avança; assim, temos que ser melhores! No entanto, os fatos provam que, obviamente, somos piores. Os "pensadores" não entendem isso, acham-se completamente frustrados e confusos, e tudo porque permanecem "nas trevas". Empregamos essa expressão e dizemos que "o homem está desesperadamente mergulhado na escuridão", e tentamos "iluminá-lo".

Semelhantemente, o mundo nada sabe sobre a morte, e sobre o que há além da morte. Os sábios deste mundo ficam em seus leitos no domingo de manhã, lendo os jornais e se lamentando por nós. "Por que será", dizem eles, "que em pleno século vinte certas pessoas ainda freqüentam lugares de culto e ouvem a exposição das Escrituras?" Eles dizem que são emancipados; são homens inteligentes segundo o mundo, homens de cultura e saber. A tragédia é que eles não sabem nada a respeito de si mesmos e do verdadeiro sentido da vida, não sabem nada a respeito da morte. Ignoram que "aos homens está ordenado morrerem uma vez, vindo depois disso o juízo" (Hebreus 9:27). Juízo! Eles zombam disso; não acreditam nisso. Eles zombam de Deus, zombam do Senhor Jesus Cristo, zombam de todos os santos, zombam porque estão nas trevas, e as trevas estão neles. Sua ignorância é espantosa, e "os príncipes do mundo destas trevas" olham zombetei-ramente tudo isso, e gozam com isso, enquanto observam estes inteligentes ingênuos, sujeitos a esses poderes, estes homens que estão por fora dos fatos, tão completa e absolutamente cegos e iludidos. E estes "príncipes do mundo", estes "governadores do mundo" providenciam para que a tragédia continue; eles estão por trás de tudo. Eles manipulam a imprensa e todos os outros meios que tais. O modo como fazem isso teremos que considerar posteriormente.

O ponto ao qual estamos dando ênfase aqui é que eles são "os governadores do mundo destas trevas". E, naturalmente, isso tudo se expressa na espécie de vida que as suas iludidas vítimas levam. Para demonstrar o que isso é, remeto-os aos seus jornais. Ali vocês verão como esta mente entenebrecida se expressa na prática, na conduta e no comportamento. Na atualidade essa mente está empenhada em lutar por uma lei que autorize a impressão de lixo nos livros. É claro que ela não coloca as

coisas nestes termos. Em vez disso, a pornografia é explicada como sendo arte, sofisticação, cultura, literatura grandiosa! É assim que as trevas se expressam e se manifestam.

"Por que tudo isso?", é a pergunta que qualquer pessoa inteligente devia fazer. Porque as pessoas se portam desta maneira? Que há de errado com as nações, que as leva a fabricar armamentos capazes de destruir o mundo inteiro? Qual será a causa da imoralidade generalizada, o colapso das coisas sagradas, que vemos por todos os lados? Os

homens inteligentes deveriam perguntar: qual é a causa disso tudo? Mas não perguntam. Se perguntassem, descobririam que só há uma resposta. Há "governadores" invisíveis que manipulam os quefazeres do mundo. Não se trata apenas de "carne e sangue", não se trata apenas de alguma pessoa ocasional que quer fazer dinheiro com a exploração do vício e da pornografia, não se trata apenas de certas pessoas que querem enriquecer-se à custa do aluguel de corpos de mulheres, não se trata de homens que querem ficar ricos adquirindo centros de pecados e vícios. Não, estes não passam de instrumentos dos "governadores do mundo destas trevas". Não estamos lutando contra homens, diz o apóstolo, não estamos lutando contra "a carne e o sangue", e sim estamos lutando contra os poderes invisíveis que estão por trás disso tudo, os poderes que realmente importam.

Chegamos então à última expressão, "contra as hostes espirituais da maldade, nos lugares celestiais", ou "contra a iniqüidade espiritual nos lugares altos", como se vê na Versão Autorizada do Rei Tiago. De novo precisamos corrigir essa tradução. O original grego significa "espíritos iníquos", e não "iniqüidade". O que o apóstolo está descrevendo são "forças espirituais da iniqüidade", não "iniqüidade espiritual." Devemos evitar pensar nestas questões em termos abstratos. O apóstolo está acentuando que todos estes poderes são pessoais. Em vez de lermos "iniqüidade espiritual", devemos ler "espíritos iníquos". Talvez a melhor tradução seja esta, "estamos contra quadrilhas espirituais do mal". Ou melhor ainda, "contra coortes espirituais do mal". Coortes, batalhões, legiões ("hostes")! A idéia é essa. Aí estão eles, estas miríades de espíritos do mal e da iniqüidade. Sua natureza é má, seu encargo é mau e sua obra é má. Eles são maus em seu objetivo e propósito, e em tudo que realizam.

Contudo, de acordo com a Versão Autorizada Inglesa, eles estão em "lugares altos". De novo é interessante examinar a expressão. Por que os tradutores dizem "lugares altos" aqui? Exatamente a mesma palavra grega, no versículo três do capítulo primeiro desta epístola, eles traduziram por "nos lugares celestiais". Sejamos justos com os tradutores da Versão Autorizada. Eles quiseram dar a idéia, e com acerto, de que o diabo e todas as suas coortes e legiões não estão no céu, ao redor do trono de Deus. Daí, então, hesitaram em empregar a frase "nos lugares celestiais". E nós

devemos demonstrar o mesmo cuidado. Não devemos pensar que o diabo e os poderes a ele associados estão na presença imediata de Deus, junto com os santos anjos, emissários, poderes, principados e potestades. Então, onde estão? Isso tem sido assunto de grande discussão através dos séculos, e não podemos dar uma resposta final. Alguns acham que a expressão significa “no ar”. Quando

dizemos que olhamos “para o céu” queremos dizer que olhamos para o firmamento, para os ares, para a atmosfera existente imediatamente acima de nós. Assim, durante séculos se acreditou que estes poderes malignos estão, por assim dizer, entre nós e Deus. Eles estão acima de nós, estão na atmosfera, e do alto nos vêem e nos dominam. Mas isso é materializar demais o fato. Não nego que se possa dizer alguma coisa a favor dessa idéia. Afinal de contas, o diabo é “o príncipe das potestades do ar”.

Seguramente, porém, a idéia destinada a ser transmitida é esta: a expressão empregada visa a apresentar-nos um contraste com a terra, Normalmente falamos em “céus e terra”. Noutras palavra, “nos lugares altos” significa “nos lugares celestiais”, em contraste com a terra. A expressão “nos lugares celestiais” realmente significa que os poderes que são opostos a nós, e contra nós, e que estão fazendo guerra a nós, os santos de Deus, não estão em nosso nível terreno. Devemos livrar-nos da idéia de que só estamos pelejando contra “carne e sangue", na terra. Nossa peleja e essencialmente na esfera espiritual, na esfera dos céus. Este é simplesmente um outro modo de salientar o que eu disse anteriormente, que sempre devemos pensar no inimigo que está lutando contra nós como um inimigo que, não somente é pessoal, com seus agentes igualmente pessoais, mas também como um ser que vive nos domínios do espírito.

Aí está, pois, diz o apóstolo, o ponto inicial, o ponto de partida, a coisa que temos que compreender antes de sequer dar um passo mais. “Não temos que lutar contra a carne e o sangue”. Então, contra o que? “Contra o diabo”, o deus deste mundo, “contra os principados, contra as potestades, contra os príncipes do mundo destas trevas, contra os espíritos do mal na esfera celestial.”

Graças a Deus que o apóstolo introduz isso tudo dizendo: “Fortalecei-vos no Senhor e na força do seu poder.” Se, após ponderar todas estas coisas, você se sente desanimado, significa que não entendeu o ponto. Estou dizendo que você precisa dar-se conta de que este é o inimigo. Sim, mas Paulo já nos dissera: “Fortalecei-vos no Senhor e na força do seu poder. Tomai toda a armadura de Deus.” Esta é a glória da posição cristã, que, apesar de me defrontar com tal inimigo, não tenho por que temer. “Resisti ao diabo, e ele fugirá de vós” (Tiago 4:7). “O diabo, vosso adversário, anda em derredor, bramando como leão, buscando a quem possa tragar.” Que devo fazer? Fico desesperado? Fujo e berro? Nada disso! “Ao qual resisti firmes na fé” (1 Pedro 5:89). “E eles o venceram” — venceram o antigo dragão —

“pelo sangue do Cordeiro e pela palavra do seu testemunho (deles)” (Apocalipse 12:11). Entretanto não deixem que essa idéia, ou uma compreensão

errônea dessa idéia, os leve a achar que vocês não precisam manter-se vigilantes quanto ao inimigo. Lembrem-se, diz o apóstolo Paulo, que vocês têm que permanecer firmes após cada vitória. Não relaxem, não façam feriado. Não há feriado no reino espiritual. Mantenham-se de pé, orem, fiquem firmes, perseverem! Mas, assim como vocês têm que manter-se firmes, também lhes são oferecidos a armadura e a capacidade “para que possais estar firmes”, “resistir" e “havendo feito tudo, ficar firmes”.

A ORIGEM DO MAL

Temos visto que, do ponto de vista do viver cristão, nada é mais prático do que o ensino destes versículos. Na Segunda Epístola aos Coríntios, capítulo 2, versículo 11, diz o apóstolo: "Não ignoramos os seus ardis". Ele quer dizer que sabia algo sobre as ciladas do diabo, sobre o que ele procura fazer numa igreja e entre os cristãos. E, porque ele não ignorava os ardis do diabo, podia instruir, ensinar e ajudar o povo cristão. É o que ele está fazendo nesta última seção da Epístola aos Efésios. Outra razão prática para considerar este ensino é a recrude-scência do interesse pelo espiritismo e pelos fenômenos psíquicos. Sempre se vê isso depois de guerras e em tempos de inquietação, dificuldade e crise. Isso está ficando cada vez mais popular hoje em dia, e está penetrando sorrateiramente na vida da Igreja Cristã. Assim, é importante que compreendamos o ensino, que reconheçamos no espiritismo o que ele é de fato, obra de demônios!

Estou introduzindo o assunto desta maneira porque estou ciente do fato de que esta espécie de ensino é considerada estranha hoje, não só pelo mundo, mas até pela Igreja. A suprema tragédia e, ao mesmo tempo, o cúmulo da sutileza e da habilidade do diabo, é que ele se oculta com grande sucesso, ou se transforma num "anjo de luz", de modo que muita gente não acredita mais na existência e ação do diabo, não tem a mínima consciência da sua existência. Na verdade, a maioria hoje acha que qualquer consideração que se faça sobre o diabo é mais ou menos uma piada e, com isso, naturalmente, essas pessoas se colocam numa situação muito grave. Note-se o que o apóstolo Pedro diz acerca dessas pessoas em sua segunda epístola, capítulo 2, começando no versículo 10. Ele está falando de certas pessoas que se extraviaram, "principalmente aqueles que segundo a carne andam em concupiscências de imundícia, e desprezam as dominações; atrevidos, obstinados, não receando blasfemar das dignidades; enquanto os anjos, sendo maiores em força e poder, não pronunciam contra eles juízo blasfemo diante do Senhor. Mas estes, como animais irracionais, que seguem a natureza, feitos para serem presos e mortos, blasfemando do que não entendem, perecerão na sua corrupção."

Permitam-me reforçar isso com uma palavra da Epístola de Judas, para mostrar a gravidade deste assunto, e para que se veja que não existe nada mais monstruoso que brincarem as pessoas sobre o diabo e

considerarem como tema para alegrar e fazer rir toda e qualquer palestra sobre o diabo e os espíritos malignos. Judas declara: "Contudo, também estes, semelhantemente adormecidos, contaminam a sua came, e rejeitam a dominação, e vituperam as dignidades. Mas o arcanjo Miguel, quando contendia com o diabo, e disputava a respeito do corpo de Moisés, não ousou pronunciar juízo de maldição contra ele; mas disse: o Senhor te repreenda. Estes porém dizem mal do que não sabem; e, naquilo que naturalmente conhecem, como animais irracionais

se corrompem" (versículos 8-10).

Deste modo se nos recorda que aqui estamos lidando, não somente com um assunto vitalmente importante, porém com um assunto que devemos manejar com muita cautela. Vimos que existem grandes poderes do mal em ação neste mundo. A questão que devemos considerar em seguida é: donde vêm estes poderes? Como vieram a existir? Ou, se dizemos que este poderes espirituais invisíveis são maus, qual é a origem do mal? Essa é uma grande e muito importante questão, do ponto de vista da nossa crença em Deus. Hoje muitos se dizem ateus; dizem que não crêem em Deus. Muitas vezes essa postura é fruto justamente desta questão — eles estão perturbados por este problema do mal e da origem do mal. Assim, é muito importante que, como cristãos, tenhamos algum entendimento desta questão, não só para a nossa paz mental, como também para podermos ajudar outros.

Ou deixem-me expressá-lo de maneira inteiramente diversa. Muitas vezes acontece que, quando as pessoas chegam a compreender a verdadeira natureza do mal, passam a crer em Deus. Há, por exemplo, o caso de um filósofo, que era bem conhecido e bastante popular há poucos anos, o finado Dr. Joad. Não vou expressar nenhum veredicto sobre as suas opiniões; vou simplesmente relatar que ele disse num livro que, tendo sido outrora um ateu, agora tinha passado a crer em Deus. Disse ele que o que o levara a essa crença foi a percepção, como resultado da Guerra Civil Espanhola, e depois, da Segunda Guerra Mundial, de que obviamente havia poderes espirituais do mal. Ele não conseguia explicar aqueles eventos em termos meramente humanos. Chegou a acreditar na categoria e na esfera do espírito e, finalmente, isso o levou a crer na existência de Deus. Quanto a nós, a nossa fé em Deus não será completa, se não entendermos isto. Portanto, somos compelidos a tomar conhecimento disto e a encará-lo. E, em acréscimo, como tenho dito, vocês nunca entenderão todo o curso da história do mundo, se não entenderem este ensino. Se não compreenderem o passado, não compreenderão o presente, e menos ainda poderão ter alguma real esperança quanto ao futuro. Consideremos o que a Bíblia nos diz acerca deste reino do mal.

Qual é a origem do diabo, dos principados e potestades, dos espíritos da iniqüidade nos lugares celestiais, dos príncipes ou governadores das trevas deste mundo? Antes de examinarmos a resposta bíblica a esta pergunta, permitam-me lembrá-los de que este é um problema que tem ocupado as mentes e o pensamento dos homens através dos séculos. Havia um conceito, mantido por muito tempo no mundo antigo, de que o mal proveio de um Deus que era virtualmente igual em força e poder ao Senhor Deus Todo-Poderoso. Diziam os seus defensores que havia um Deus bom e um Deus mau; a este chamavam demiurgo. Acreditavam que essa era a explicação do mal, e que estes dois "Deuses" eram iguais em sua subsistência e em seus poderes. Muitos deles acreditavam que foi este Deus mau que criou este mundo material. Outros acreditavam que foi o Deus bom que criou o mundo, mas o outro Deus interferiu na

criação, e assim por diante. Outros criam, e muitos ainda crêem, na eternidade do mal. Dizem eles que o mal é uma coisa que está na própria tessitura de toda a criação — não uma coisa que veio a existir, e sim algo que sempre existiu. Eles não tentam explicar a sua origem; simplesmente afirmam que o mal é algo que sempre existiu, que é eterno.

Contudo, a opinião dominante hoje é que não existe mal, de modo nenhum, e que aquilo que é chamado mal é apenas a ausência do bem, ou a ausência da perfeição. Este conceito nasce inevitavelmente da teoria ou suposição da evolução. Conforme este conceito, tudo está se desenvolvendo, crescendo e avançando. Mas, dizem eles, obviamente ainda não atingimos essa perfeição absoluta, e enquanto não a atingirmos haverá certos defeitos e imperfeições, tudo será sempre incompleto. É isso que sempre tem sido denominado "mal", dizem eles. Todavia é errado considerá-lo como algo positivo; é somente negativo. O problema é que as coisas não são o que deviam ser, não chegaram à sua perfeição final. O que sempre tem sido denominado "mal" é apenas uma falta de qualidades, e não uma entidade positiva com existência própria, é uma condição meramente negativa, e não positiva.

Se, por pura hipótese, este conceito for verdadeiro, teremos necessidade de uma paciência enorme. Naturalmente teremos que esperar milhões de anos até esse processo acabar na perfeição! Mas, de qualquer forma, é o que vai acontecer, de modo que nos cabe tomar as coisas como elas são e exortar-nos mutuamente a aproveitá-las ao máximo enquanto estivermos aqui, e podemos considerar-nos infelizes por vivermos agora, e não milênios mais tarde. E isto, é evidente, afeta imediatamente todo o conceito sobre o homem e seu destino final, sobre a vida e o que pode ser feito com o mundo no presente. Aí estão, pois, alguns dos conceitos concernentes ao mal e sua origem, encontra-

dos entre os que não procuram a Bíblia e não confiam nela, para receberam instrução sobre estas questões.

Voltemo-nos agora para o conceito bíblico e sejamos positivos. Não me proponho a desperdiçar o seu tempo refutando minuciosamente essas outras teorias; elas nem merecem isso, como veremos quando examinarmos o ensino bíblico. A Bíblia começa com Deus: "No princípio criou Deus...". Deus sobre tudo mais; Deus, de eternidade a eternidade; Deus auto-subsistente e existente em Si mesmo; Deus, em Sua inescrutável sabedoria, começando a criar e, primeiramente, criando os exércitos do céu — os seres angélicos. Deus criou os exércitos do céu para o Seu próprio propósito, para os Seus próprios fins, para que eles prestassem serviço exercendo várias funções e executassem as Suas ordens. Diz o autor da Epístola aos Hebreus: "Não são porventura todos eles espíritos ministadores?" (Hebreus 1:14), e ele está se referindo aos anjos. Noutras palavras, a Bíblia ensina que Deus criou, antes e acima de tudo, os céus e estes cidadãos das regiões celestes, que parecem

dividir-se em “anjos, autoridades e poderes”. Todos estes foram feitos e criados por Deus e, naturalmente, todos eram perfeitos e completos. Esse é o ponto de partida. Não estamos falando acerca da terra, e sim acerca destes domínios e regiões celestiais, e sobre como Deus criou estes seres espirituais — anjos, principados e potestades. Não nos são dados quaisquer pormenores sobre eles, mas, se examinarem o livro de Apocalipse, lerão ali — e tudo mediante símbolos — sobre bestas, ancião etc. E evidente que há graduações destes seres; há diversidade de ofícios que não entendemos perfeitamente, porém podemos resumir o ponto da seguinte maneira: anjos, principados e poderes ou potestades — todos perfeitos, todos gloriosos e todos sujeitos a Deus, ministrando por Deus e para Deus. Contudo, o que lhes aconteceu no transcorrer do tempo?

Aqui chegamos à própria essência do ensino bíblico sobre toda esta questão do mal e do pecado. Começamos com a pessoa e a personalidade do diabo. É evidente que o diabo era originariamente uma destas brilhantes criaturas angélicas feitas por Deus. Se desejarem prova disso, achá-la-ão em Isaías 14:12-17 e em Ezequiel 28:1-19. Mas também se podem ver no livro de Jó, capítulo primeiro, versículo seis: “E vindo um dia em que os filhos de Deus vieram apresentar-se perante o Senhor, veio também Satanás entre eles”. A frase “os filhos de Deus”, no Velho Testamento, geralmente eqüivale a “anjos”, e aqui se nos diz que houve um dia em que os anjos se apresentaram diante de Deus, e entre estes filhos de Deus estava Satanás, o diabo. Do mesmo modo Ezequiel 28 e Isaías 14 anos compelem a tirarmos a mesma conclusão. “Lúcifer, filho da alva!” Geralmente se aceita que estas descrições,

embora primariamente, talvez, destinadas a aplicar-se a Tiro e à Babilônia, têm um significado muito mais amplo. Isso é um tanto costumeiro na profecia. Parte-se do imediato, todavia também há uma prefiguração de algo maior por vir. Isso tanto acontece com o bem quanto com o mal. Há muitas profecias nos Salmos que parecem relacionar-se unicamente com Davi, no entanto obviamente vão além de Davi e apontam para o Messias. Há promessas feitas aos filhos de Israel que em primeiro lugar se referem claramente ao seu retomo do cativeiro babilônico; mas elas são grandes demais para só isso, e são, ao mesmo tempo, descrições da salvação cristã e da salvação da alma. Por isso elas são citadas com tanta freqüência no Novo Testamento, para mostrar o cumprimento da profecia.

É exatamente a mesma coisa quanto a esta questão do mal. Ao descreverem a queda de Tiro e da Babilônia, os profetas foram inspirados de molde a sugerirem algo maior. Tiro e Babilônia não são meros poderes terrenos opostos a Deus; são símbolos, por assim dizer, do poder do diabo e suas hostes. E assim, o que se diz delas é realmente aplicável a ele. Daí vemos que este grande poder é descrito como errante e inconstante, e como estando presente no Jardim do Éden. Noutras palavras, a impressão dada é que o diabo era um destes grandes anjos, um destes poderes criados que Deus trouxe à existência para que O servissem, a fim de serem

usados para Sua honra e glória. Esse é o grande quadro original.

Evidentemente, no entanto, alguma coisa aconteceu. Como se explica a origem do mal? A resposta que nos é dada é que houve aquilo que tem sido denominado "Queda pré-cósmica". Quando digo "cósmico" estou pensando neste universo em que estamos e habitamos, o universo como o conhecemos. Mas, de acordo com a Bíblia, antes de ser criado este cosmos, houve uma tremenda calamidade, uma queda, uma queda pré-cósmica. Certamente é isso que é descrito em Ezequiel 28 e Isaías 14. Para vermos uma referência à mesma coisa no Novo Testamento, vamos à Primeira Epístola a Timóteo, capítulo três, versículo seis. O apóstolo está dizendo a Timóteo que não ordene um neófito como ancião (presbítero) ou bispo. Diz ele: "Não neófito, para que, ensober-becendo-se, não caia na condenação do diabo". Como é significativa esta exortação! Tome-se esta passagem com as duas dos profetas, e o resultado é este. Ali, no meio de todos estes brilhantes seres angélicos, estava este ser proeminente, "Lúcifer, filho da alva!" — um dos maiores, dos mais capazes e dos mais poderosos deles todos. Ele se tomou ambicioso. Ficou insatisfeito com a sua posição de subserviência a Deus e quis ser como Deus. Por isso, rebelou-se contra Deus, exaltou-se contra Deus em sua ambição. "Ensoberbecendo-se", como

Paulo o expressa escrevendo a Timóteo, resistiu a Deus, fez-se rebelde. O resultado foi que ele caiu. Foi punido por Deus com a degradação. E não somente isso; perdeu a sua perfeição e a liberdade que antes desfrutava.

O grande princípio de que devemos lançar mão é que Deus, em Sua sabedoria inescrutável, permitiu que isso acontecesse. Embora não o possamos entender cabalmente, e devamos sempre tomar cuidado para não especular, não me parece muito difícil entender, falando quanto possível com reverência, por que Deus permitiu ao diabo cair. Eu lhes tenho feito lembrar que estes seres angélicos foram criados perfeitos, e o que é perfeito deve ter vontade completamente livre, ou livre-arbítrio. Tudo que é perfeito tem que ser livre. Adão foi criado perfeito, e era livre. Adão tinha vontade livre, livre-arbítrio. Desde Adão homem nenhum jamais o teve; mas Adão, sim. E é justamente essa qualidade que contém a possibilidade de rebelião e queda e, portanto, de originar o mal. Assim veio a suceder que este ser perfeito exerceu o seu livre-arbítrio numa direção errada, pelo orgulho e ensoberbecimento, vindo a cair e a ficar debaixo da condenação e castigo.

Mas a história não termina aí. Além de agir assim pessoalmente, é-nos revelado claramente que, ao mesmo tempo, o diabo persuadiu outros seres angélicos , potestades e principados a seguí-lo no curso tomado por ele. A sanção bíblica desta crença acha-se, por exemplo, no livro de Apocalipse, capítulo 12, versículo 4. Lembremo-nos, porém, de que a colocação é feita de forma simbólica e de que se trata de figuras. João está falando de "um grande dragão", o diabo: "E a sua cauda levou após si a terça parte das estrelas do céu, e lançou-as sobre a terra."

Certamente isso é um modo simbólico de dizer que, quando o diabo caiu, arrastou consigo a terça parte destes grandes poderes que Deus havia criado. Há também uma declaração na Segunda Epístola de Pedro, capítulo 2, versículo 4: "Porque, se Deus não perdoou aos anjos que pecaram, mas, havendo-os lançado no inferno, os entregou às cadeias da escuridão, ficando reservados para o juízo." O que estou salientando é que alguns dos anjos pecaram, e foram lançados nas trevas, no inferno, e foram deixados em cadeias da escuridão, ficando reservados para o juízo. Pode-se ver esta mesma verdade no versículo seis da Epístola de Judas.

Esta é, pois, a descrição que nos é dada, devendo nós lembrar-nos de que tudo isso ocorreu antes da criação do mundo. O diabo influenciou este outros e, juntos, eles se rebelaram contra Deus. E assim caíram; tomaram-se maus e ficaram sob a condenação de Deus. Entretanto eles são suficientemente grandes em poder e em número para formar e estabelecer um reino, o reino do mal, o reino das trevas;

e toda a ambição e o objetivo de todas as atividades do diabo e suas coortes consistem em lutar contra Deus. O diabo, "ensoberbecendo-se", caiu e, daí por diante, naturalmente, por causa da sua queda, está animado por um intenso ódio a Deus. Ele tem só uma ambição, a saber, destruir as obras de Deus e produzir caos. Deus é Deus de ordem. O diabo está resolvido a produzir caos. Agora começamos a ver a importância deste ensino. Desde aqueles primevos acontecimentos, o mundo sempre tem sido um lugar de caos. Sabemos que é um lugar de caos hoje. Nas Escrituras, e somente nas Escrituras, encontramos a explicação da matéria. Estes grandes poderes estabeleceram um reino, e agora há uma tremenda guerra — Deus e Suas fulgentes hostes angélicas estão pelejando contra o reino do diabo, contra o reino das trevas e contra os poderes e espíritos do mal arregimentados contra Deus.

Aí está, em essência, a explicação da origem do mal. É resultado daquele tremendo acontecimento ocorrido na esfera angélica, na esfera celestial, totalmente acima de nós. Dou ênfase a isto mais uma vez por esta razão: toda a tragédia do mundo hoje, como a vejo, está em que estamos completamente limitados à terra. Começamos com o homem, começamos com o mundo, sempre conosco mesmos, e especialmente com o homem do século vinte. Todavia, se vocês quiserem entender o século vinte, a primeira coisa que deverão fazer é, não somente ir até ao princípio da história, ao Éden, mas ir eternidade a dentro no passado, antes da criação do mundo; e ali verão este grande alinhamento de forças, boas e más, a luz e as trevas, Deus e o diabo e os poderes de ambos.

Há uma outra coisa que devo mencionar. Não é muito clara, e é mais especulativa; no entanto me refiro a isso porque pode ser de grande importância, e certamente nos ajuda a entender certos problemas relacionados com diferentes aspectos da fé cristã. Há os que acreditam que este grande evento cataclísmico, que ocorreu naquela queda pré-cósmica do diabo e de anjos, envolveu também uma criação material original. Aí

está, argumentam eles, a chave para entender-se o segundo versículo da Bíblia. Os dois primeiros versículos de Gênesis dizem: "No princípio criou Deus os céus e a terra. E a terra era sem forma e vazia; e havia trevas sobre a face do abismo; e o Espírito de Deus se movia sobre a face das águas." A palavra "abismo" na verdade quer dizer "caos". É a descrição de uma condição caótica. A idéia, a especulação, é que antes deste cosmos do qual eu e vocês temos consciência, houve uma criação original. Diz essa teoria que o primeiro versículo de Gênesis é realmente uma referência à grande criação original. É ele uma afirmação geral de que Deus fez tudo quanto existe.

Mas também pode incluir a idéia de que Deus fez um mundo, um cosmos, no qual estes principados e poderes angélicos viviam, agiam e habitavam. Contudo, quando alguns deles caíram em sua rebelião, orgulho e desobediência, Deus puniu o universo deles também, e este foi reduzido a um estado de caos. Desta forma, o que vem descrito em Gênesis 1, versículo 2 em diante, é a restauração, a recriação desta criação original que entrara numa condição de caos e trevas.

Este é um assunto acerca do qual não podemos ter certeza; é mais ou menos uma especulação, porém há algo que se pode dizer em favor dessa idéia. Não consigo imaginar um ato divino de criação passando por um estágio caótico, em nenhum ponto. Não posso acreditar que a criação, como uma obra realizada por Deus, tenha sido, nalgum estágio, uma abismo, um vazio, um caos. Isso não encaixa na obra executada por Deus. Tudo na criação, na natureza, em toda parte, em cada passo ou estágio, é caracterizado pela mesma perfeição de forma. Incompleto, talvez, sub-desenvolvido, ainda não perfeito; mas integralmente certo em seu estágio particular. Caótico, jamais! Por mais rudimentar que seja a forma, por mais embrionária, nunca é caótica, jamais há este senso de vazio. Não obstante, se nos diz que o Espírito pairava sobre este caos, sobre este abismo, "incubando-o". Assim, pode muito bem ser que aquela teoria esteja certa. E se está, dá uma boa resposta aos que afirmam que não acreditam na narrativa da criação dada em Gênesis por causa das descobertas dos geólogos que, examinando a natureza e o universo material, dizem que ali há provas de que as rochas ou as diversas formações (geológicas) existem desde longas eras. Eles podem estar certos e podem estar errados. Não precisamos acreditar em tudo que o homem diz, nem que seja um geólogo! Entretanto, ainda que se conceda que eles estão certos, a resposta poderá ser que tudo que eles estão descobrindo é o resultado de uma grande catástrofe original que se deu quando, com a queda dos anjos e do diabo, foi inflingida a punição ao universo inteiro, levando ao caos resultante. Não dou ênfase a isto; fica exposto aqui para consideração. Todavia, o que deve ficar claro para nós é que, antes da existência do cosmos como agora o conhecemos, houve este tremendo evento, a queda do diabo e de certos anjos, e que os poderes e as forças do mal resultaram dessa queda.

O passo subseqüente é que Deus criou o mundo como agora o imaginamos. E o que se descreve no capítulo primeiro de Gênesis. Deus fez todas as coisas perfeitas, como perfeitas são todas as obras de Deus, inclusive o homem. Portanto, houve uma criação perfeita — o paraíso! Deus examinou tudo e viu que "era muito bom", e Deus Se agradou e ficou satisfeito com tudo. Ali estava, pois, o mundo perfeito de Deus,

e tudo era paz e harmonia, e o homem vivia em comunhão com Deus. Mas então surge a pergunta: se foi assim, por que o mundo é como agora o vemos? A Bíblia fornece a resposta: Deus fez um mundo perfeito e nele Se deleitava. Contudo as forças do mal, o diabo e os anjos, os principados e os poderes decaídos, com todos os seus maus desejos, sua ambição doentia e seu ódio a Deus, olharam para a criação de Deus e se determinaram a destruí-la. Assim, o diabo veio e tentou a mulher e, por meio dela, o homem. Noutras palavras, tomamos conhecimento da queda do homem, de tudo que vemos descrito no capítulo três do livro de Gênesis. O mal não começou no Éden; já existia. O diabo, Satanás, introduziu-se, disfarçando-se numa serpente; porém foi ele que o fez. E vemos que o seu objetivo era estragar e arruinar a obra de Deus. Naturalmente, o homem foi o principal objetivo do ataque, por ser o chefe da criação, e por que Deus o fizera à Sua imagem. Ele fizera o homem senhor da criação e governador do mundo. Mas veio o diabo e o tentou; o homem sucumbiu e caiu.

Os resultados da Queda são intermináveis. Por ora estou interessado simplesmente em salientar o aspecto particular segundo o qual, tendo dado ouvidos ao diabo, o homem tomou-se escravo do diabo, tomou-se cidadão do reino do diabo e ficou sob o poder do diabo. Por isso o diabo é descrito na Bíblia como "o Deus deste mundo", "o príncipe das potestades do ar, do espírito que agora opera nos filhos da desobediência" (2 Coríntios 4:4; Efésios 2:2). Esse é o resultado da queda do homem; ele se coloca sob o poder do diabo e das suas agências malignas. Ele pertence ao diabo. A Bíblia ensina claramente isso em muitas passagens. Anteriormente nos referimos à história do encontro de Saulo de Tarso com o nosso Senhor no caminho de Damasco e do seu comissionamento para a realização de certa obra. Disse-lhe o Senhor: eu te envio aos gentios "para lhes abrires os olhos, e das trevas os converteres à luz, e do poder de Satanás a Deus" (Atos 26:18).
A inferência é que, por natureza, os homens estão sob o "poder de Satanás". E, portanto, não é de admirar que, escrevendo aos colos-senses, Paulo diga: "O qual nos tirou da potestade das trevas, e nos transportou para o reino do Filho do seu amor" (Colossenses 1:13). O homem está no reino das trevas, no reino do diabo; está debaixo do poder do diabo, debaixo do domínio do pecado. "O pecado não terá domínio sobre vós", diz o apóstolo aos cristãos romanos (Romanos 6:14). A dedução é que o pecado tinha domínio sobre eles antes de se tomarem cristãos.

Ou, tomemos de novo a descrição feita pelo Senhor Jesus, já citada: "Quando o

valente guarda, armado, a sua casa, em segurança está tudo quanto tem" (Lucas 11:21). Essa é a descrição que o Senhor Jesus

Cristo faz do mundo apartado dEle. "O valente armado" descreve o diabo. Que é o mundo? "A sua casa"! "Tudo quanto tem" refere-se à humanidade como resultante do pecado. Assim, a terrível conseqüência da Queda é que o homem não é mais livre; é escravo do diabo, constitui os bens do valente armado, está debaixo do poder e domínio de Satanás, do pecado e do mal. Tomemos ainda a descrição que disso faz o apóstolo João na sua primeira epístola, capítulo 5, versículo 19: "Sabemos que somos de Deus, e que todo o mundo está no maligno". Que descrição terrível! O mundo inteiro, exceto o povo cristão, está nas mãos do maligno, está nas garras de Satanás. Ele o tem em seu poder e domina toda a vida do mundo sem Cristo. Aí está por que o homem é como é — a queda pré-cósmica levou à queda cósmica, à Queda do homem!

O resultado é que todo o curso da história do homem mudou inteiramente. Desde o momento em que caiu, por ter dado ouvidos a Satanás, não é mais livre. É escravo de Satanás. O homem é um subordinado do "Deus deste mundo". Não é mais o "senhor da criação". Ele é dominado por estas coisas e, em muitos sentidos, é seu servo. Embora tenha ainda grande capacidade, é vítima das mesmas forças que estava destinado a dominar, e que tenta dominar. "Ah", você dirá, "mas ele dividiu o átomo!" Sei disso, porém ele é *escravo* do poder atômico, não é? A posição se inverteu toda: o homem perdeu a sua liberdade; não é mais o senhor da criação, é escravo do diabo e do inferno! De modo que temos de compreender que o verdadeiro problema do mundo, em todo e qualquer momento, só pode ser realmente entendido à luz deste grande conflito espiritual entre Deus e o diabo. O problema que nos confronta não é simplesmente uma questão sobre o que pode ser feito ao homem pelos seus semelhantes. É por isso que nem os Atos do Parlamento (ou as leis do Congresso Nacional), nem as conferências internacionais vão resolver os nossos problemas. Por trás de todas as atividades humanas estão estes poderes invisíveis. A fonte fundamental do problema é o diabo; o homem é realmente o instrumento que está sendo usado, é o peão do jogo de xadrez, por assim dizer. Mas, por trás do homem existem estas outras forças que estão sempre determinados a produzir uma condição de caos, com o fim de subverter o universo de Deus.

Assim, faço-os lembrar-se de que o ponto de partida de todas as nossas considerações é que não lutamos contra a carne e o sangue. Podemos lidar com os homens porque os seus poderes são semelhantes aos nossos — contudo "não temos que lutar contra a carne e o sangue, mas sim contra os principados, contra as potestades, contra os príncipes das trevas deste século, contra as hostes espirituais da maldade, nos

lugares celestiais." E o diabo é imensuravelmente mais poderoso do que nós. Leiam

o Velho Testamento, e verão que ele derrotou todos os santos, todos os patriarcas, todos os profetas. “Não há um justo, nem um sequer”, “todos pecaram e destituído estão da glória de Deus” (Romanos 3:10,23). Nenhum homem jamais pôde resistir vitoriosamente ao diabo. Ele é por demais poderoso; ele é aquele espírito brilhante, “Lúcifer, filho da alva!”, grande em seu poder, grande em seu entendimento, grande em sua autoridade, grande nas forças que ele pode comandar. E o homem natural fica impotente em suas mãos. O valente armado guarda em segurança os seus bens.

Isso tudo é apenas a introdução deste assunto. Vimos agora o que está por trás da situação e do problema do mundo, e como tudo isso veio a existir. Mas temos que ir adiante e considerar detalhadamente o que estes poderes e forças estão fazendo. Veremos como esta sutileza, este poder, este entendimento, este brilhantismo e esta autoridade são utilizados concretamente na prática contra nações e contra indivíduos. Estamos face a face com o grande problema do mal, e do homem combatendo estes poderes enquanto passa por este mundo.

Aí está, pois, a introdução do tema todo. Você tem que encarar o problema da origem do mal. Você realmente não pensa como deve se ainda não enfrentou isso. Espera-se que pensemos nisso, e a Bíblia nos anima a fazê-lo, e nos ajuda nesse mister. E tem suas explicações. Estivemos examinando a origem disso tudo. Não comece com o homem, não comece nem mesmo com o mundo. Retome para antes disso. A calamidade original deu-se nos lugares celestiais e o mundo é apenas o cenário desta tremenda batalha entre Deus e o diabo.

Isto é desanimador? Tomo a dizer que está muito longe de o ser. Acho que é sumamente animador porque agora entendo o que está acontecendo. Mais ainda, porém, eu sei que “o Senhor reina”. Ele está “sobre todos” e enviou a este mundo Aquele que pôde dominar “o valente armado” e “tirar-lhe a armadura”. O cristão não está apenas ciente das forças alinhadas contra ele; ele pode “fortalecer-se no Senhor e na força do seu poder” e pode “tomar toda a armadura de Deus”. Também apesar de estar combatendo “Lúcifer, filho da alva”, o diabo, os principados e as potestades, ele pode “resistir” e continuar resistindo e, finalmente, ser “mais que vencedor”. Queira Deus dar-nos graça e sabedoria para ponderarmos estas coisas e meditarmos nelas, para que possamos revestir-nos de “toda a armadura de Deus”, para habilitar-nos a “resistir no dia mau e, havendo feito tudo, ficar firmes. ”

AS CILADAS DO DIABO

O importante princípio que devemos manter sempre vivido na mente é que a ünica maneira de entender a longa história da raça humana é dar-se conta de que ela é resultado da Queda. Essa é a única cheve da história, de qualquer espécie de história, tanto da história secular como desta história mais puramente espiritual que temos na Bíblia. Não se pode entender a história da humanidade se não se leva em conta este grande princípio. A história é o registro do conflito entre Deus e Suas forças, de um lado, e o diabo e suas forças, de outro; e o grande princípio determinante é de imensa importância, não só para entender-se a história passada, como também para entender-se o que está acontecendo no mundo hoje. É, igualmente, a única chave para compreender-se o futuro. Ao mesmo tempo, é a única maneira pela qual podemos compreender as nossas experiências pessoas. Estes são os aspectos da questão que devemos começara estudar agora.

Eis aí, pois, a situação pela qual somos confrontados. O diabo e todos estes poderes e forças subsidiários que agem a seu comando, e que se acham sob a sua direção e o seu domínio, têm somente um único objetivo central — destruir a obra de Deus. O diabo — tendo-se exaltado com orgulho e tendo ficado com inveja de Deus, que o criara e que lhe dera vida, existência, autoridade e poder — caiu e foi punido. Parte da punição é que ele ficou confinado dentro de certos limites, e isto provoca o seu ódio. E, para dar vazão ao seu rancor contra Deus, seu maior interesse é pôr em desordem a perfeita criação de Deus. Por isso, a sua tática principal sempre consiste em causar confusão, problema e caos. Portanto, acima de tudo mais, a sua suprema ambição é separar de Deus o homem e fazer tudo que está a seu alcance para impedir o homem de adorar a Deus, de obedecer-Lhe e de viver para a Sua glória. Afinal de contas, o homem constitui o auge da grande obra de criação de Deus. Não há nada superior ao homem. O homem foi feito "senhor da criação", o ser supremo na terra, depois de Deus. Obviamente, pois, ele é objeto muito especial das investidas e arremetidas do diabo. Portanto, não é supresa descobrirmos, quando examinamos a história e o ensino da Bíblia, que o diabo concentrou a sua atenção no homem, e que o seu obejtivo é separar de Deus o homem e impedi-lo de viver a espécie de vida para a qual Deus o destinou.

Como o diabo persegue este objetivo? Como é posta em operação esta obra? De acordo com o ensino que se acha nas diversas partes da Bíblia, esta obra é em parte realizada pelo próprio diabo. Mas o diabo não é onipresente; ele não está em todos os lugares ao mesmo tempo. Observem a expressão utilizada no versículo 7 do capítulo primeiro do Livro de Jó. Deus perguntou ao diabo donde viera, naquele dia em que os filhos de Deus se reuniram. Eis sua resposta: "De rodear a terra, e passear por ela." Ele não estava e não está em todos os lugares. Tampouco é onipotente; portanto, ele não realiza toda esta obra sozinho. Uma parte dela é delegada aos anjos decaídos e às forças espirituais que o apóstolo menciona, os demônios; estes

“espíritos imundos”, como às vezes são descritos nas Escrituras. É desta maneira que a obra do diabo é levada a efeito, e há muita evidência nas Escrituras de que é empregada uma estratégia muito bem elaborada. Por exemplo, lemos que há ocasiões muito especiais em que o diabo age pessoalmente. Consideraremos um caso em que o próprio diabo tentou o rei Davi: ele não enviou um emissário; foi ele em pessoa. E, naturalmente, é nos dito que, no caso do nosso Senhor, foi o próprio diabo que O tentou. Não deixou aquilo nas mãos de um agente auxiliar.

Também devemos ter em mente o grande poder do diabo e suas forças. O apóstolo Pedro o descreve como um leão rugindo, procurando a quem devorar. Jamais devemos esquecer que ele é descrito como o “grande dragão”. O poder do diabo é alarmente. Disse o Senhor a Pedro: “Simão, Simão, eis que Satanás vos pediu para vos cirandar como trigo” (Lucas 22:31). Estas coisas são indícios do seu tremendo poder. Mas talvez a prova cabal do poder, da autoconfiança e da habilidade do diabo se ache no fato de que ele não hesitou em tentar e atacar até mesmo o Filho de Deus. Ele O abordou confiantemente, seguro de si, pois havia derrotado todos os outros. Os maiores santos, os patriarcas do Velho Testamento e os profetas, todos tinham sido vencidos pelas ciladas do diabo; assim, ele não hesitou em abordar o Senhor Jesus Cristo e em falar-Lhe como falou, oferecendo-se para dar-Lhe todos os reinos da terra, se Ele simplesmente Se inclinasse diante dele e o adorasse. Isso indica o grande poder do diabo.

Ao mesmo tempo, notemos que o poder do diabo é limitado. Note-se de novo que, no caso de Jó, o diabo, apesar da sua grande autoridade e poder, evidentemente continua sob a suprema autoridade de Deus. Isso é um mistério. Ninguém pode ter a pretensão de entendê-lo. Mas faz parte do grandioso propósito de Deus. Como vimos, Deus em Sua inescrutável sabedoria permitiu a entrada do mal e, do mesmo modo, permite que o diabo continue exercendo certa soma de poder. Poderia tê-lo destruído logo no começo. Por Sua livre escolha decidiu não fazê-

Io. Entretanto isto significa que o poder do diabo é limitado. É confortante lembrar este fato quando observamos as condições do mundo hoje em dia, e vemos que o mal parece excessivo, e Deus, por assim dizer, parece ter sido derrotado. Contudo não é assim. Tudo que está acontecendo continua sob o poder de Deus. “O Senhor Deus Todo-poderoso reina” (Apocalipse 19:6). Jamais devemos esquecer-nos da vontade permissiva de Deus. Ele permite que o diabo faça certas coisas. E, na verdade, há um ensino muito claro nas Escrituras segundo o qual Deus às vezes faz isso com o fim de punir a estulta raça humana. Por assim dizer, Ele deixa os homens com o diabo a fim de fazê-los cair em si. Assim, como vocês podem ver, Deus pode usar até o diabo, e muitas vezes o fez, para dar cumprimento aos Seus propósitos, e também para castigar Seu recalcitrante povo. Aí está, pois, o quadro geral daquilo que está acontecendo.

No entanto, voltemos a atenção para as particularidades, porque é só quando as estudarmos que veremos a relevância disso tudo para nós, para as nossas experiências pessoais, e para todo o estado e condição do mundo nos dias atuais. Como será que o diabo exerce este poder? Por quais meios e modos se manifesta a sua estratégia? Em primeiro lugar, é evidente que o diabo tem certa soma de poder, até sobre a própria natureza. Mais uma vez retomamos a uma importante declaração registrada no Livro de Jó. Quando o diabo insinuou a Deus que Jó só era um homem bom porque Deus o estava abençoando, e que se Deus parasse de abençoá-lo Jó logo O amaldiçoaria na Sua face, Deus noutras palavras disse ao diabo: "Muito bem, tudo que ele possui entrego ao seu poder; somente contra ele próprio não estenda a sua mão" (cf. Jó 1:12). Vá e faça o que quiser com Jó, disse Deus ao diabo, mas não toque na pessoa dele. "E Satanás saiu da presença do Senhor." Sem mais demora a sua má ação começou. Um dos servos de Jó trouxe-lhe a notícia de que os Seus bois e os seus jumentos tinham sido roubados e que os que os guardavam tinham sido mortos. "Estando este ainda falando, veio outro, e disse: fogo de Deus" — isto é, um raio — "caiu do céu, e queimou as ovelhas e os moços, e os consumiu, e só eu escapei, para te trazer a nova" (Jó 1:16). Esse é um claro ensinamento no sentido de que está dentro do campo de ação e do poder do diabo causar raios e causar destruição decorrente dos raios. Mas ainda não tinham acabado as aflições de Jó. Outro servo lhe trouxe esta informação: "Estando teus filhos e tuas filhas comendo e bebendo vinho, em casa de seu irmão primogênito; eis que um grande vento sobreveio dalém do deserto, e deu nos quatro cantos da casa, a qual caiu sobre os mancebos, e morreram; e só eu escapei para te trazer a nova." Evidentemente fora um furacão.

Vamos, porém, esclarecer-nos sobre tudo isso. A Bíblia não ensina que os raios e os furacões são sempre resultantes da ação do diabo. Ninguém se precipite a concluir que aquelas declarações que constam no Livro de Jó não passam de manifestação da ignorância de um povo antigo, e que aquela gente não entendia como entendemos hoje as questões de clima e tempo porque não contavam com serviços e informes meteorológicos. A Bíblia nunca ensina que, na maioria, as coisas acontecem como resultado de causas secundárias. Mas, dado que ela ensina que, às vezes, Deus age além e acima das Suas leis na operação de milagres, ou no envio de pestes ou terremotos, também nos é dado a entender que, às vezes, o diabo pode ter um poder parecido, e pode enviar raios ou furacões. Devemos ter em mente, porém, que a Bíblia não nos oferece isto como sendo a explicação universal. Não obstante nos diz que estas coisas podem resultar da atividade especial do diabo.

De modo semelhante vemos que o diabo pode ter poder sobre os animais. O comportamento dos porcos gadarenos é por certo uma prova da possibilidade de que até os animais podem ser dominados, possuídos e usados desta maneira como parte da manifestação deste poder do diabo e de suas coortes sobre as forças da própria natureza, e sobre a criação animal. Este é um pensamento deveras preocupante.

É uma coisa na qual muito raramente o homem moderno sequer pensa. Todavia, é mais que patente nas Escrituras. E, em minha opinião, é uma coisa confirmada pela leitura da história. O Novo Testamento contém insinuações de que mais de uma vez ocorreram temporais no Lago da Galiléia que parecem claras tentantivas do diabo de exterminar a vida do nosso bendito Senhor. Esse é um aspecto da manifestação deste poder.

Pois bem, retornemos a algo que é muito mais importante para nós, a saber, a manifestação deste sutil e terrível poder do diabo sobre o homem, e sobretudo acerca da mente do homem. É-nos dito em toda parte que o diabo é astuto; ele emprega astutas ciladas. "A serpente", lemos em Gênesis 3, "era mais astuta que todas as alimárias do campo". A astúcia é a grande característica do diabo. É óbvio que ele a emprega com o fim de fazer tropeçar o homem, apanhá-lo e mantê-lo afastado de Deus e das Suas bênçãos. Ele a utiliza acima de tudo para atacar o homem no campo da sua mente, pois o dom supremo do homem é a sua mente. Faz parte das qualificações originais do homem, e é o que o diferencia do animal. O animal age mormente por instinto. Mas o homem tem este curioso poder de pensamento, de pensamento objetivo, de examinar-se a si mesmo objetivamente, e de raciocinar, de argumentar, de ponderar e de ser lógico. Tudo isto faz parte das

qualificações originais do homem e, sem dúvida, é dom de Deus. E apesar de haver caído, o homem continua sendo uma criatura nobre, em certos aspectos; ele ainda possui "mente" e habilidade. A mente é o dom mais elevado do homem e, por isso, o diabo concentra os seus ataques nas mentes dos homens.

O apóstolo faz uma declaração geral sobre esta questão no capítulo dois, versículo dois, desta epístola: "Em que noutro tempo andastes segundo o curso deste mundo, segundo o príncipe das potestades do ar, do espírito que agora opera nos filhos da desobediência". Isto é, todo aquele que nasce neste mundo é criatura pertencente a este mundo. Todos somos imediatamente influenciados pela mente, pela perspectiva e pelas maneiras de ser e de agir do mundo. Por natureza todos andamos "segundo o curso deste mundo" e seguimos o modo de pensar e de fazer isto e aquilo do mundo. É como se todos nascêssemos velhos. Herdamos tradições, hábitos e costumes. Wordsworth tinha isso em mente quando fez esta colocação: "As sombras do cárcere começam a adensar-se sobre o menino que cresce." Mas, muito antes do período entendido por Wordsworth, as sombras já estão ali na primeira infância do menino. Elas não começam na meninice; já estavam ali o tempo todo. Existe a "mente do mundo", existe uma perspectiva do mundo, existe um modo de pensar e de agir mundano; e todos os seres humanos caem nessa trilha. Contudo, o que é que determina essa questão? O apóstolo responde que é "segundo o", "é determinada pelo", é dominada pelo "príncipe das potestades do ar", pelo "espírito que agora opera nos filhos da desobediência". O diabo é que está dominando esta mente do mundo,esta perspectiva do mundo.

Ele faz isso de muitas e variadas maneiras. A Bíblia nos diz, por exemplo, que é o diabo que "cegou os entedimentos" dos homens para a verdade de Deus (2 Coríntios 4:4). Nesse capítulo o apóstolo, tratando da pregação do evangelho, declara que é óbvio que nem todos crêem no evangelho. Mas, por que será que alguns não crêem no evangelho? Eis a resposta do apóstolo: "... se ainda o nosso evangelho está encoberto, para os que se perdem está encoberto, nos quais o deus deste século cegou os entendimentos dos incrédulos", para que não creiam. Isto é importante e significativo. O homem do mundo se jacta da sua liberdade e fala sobre "livre pensamento". A suprema realização do diabo consiste em persuadir o homem de que, justamente naquilo em que ele está mais estonteado e escravizado, é mais livre! Pensem nos muitos milhares, em verdade, nos milhões de pessoas do mundo que, neste momento, estão se regozijando com o fato de não serem cristãs devido às suas grande mentes, aos seus grandes cérebros e à sua grande •. capacidade de compreensão. Como é trágico isto! A tragédia é que tais

pessoas foram cegadas pelo "deus deste século". Ele criou esta névoa artificial, esta obscuridade; ele colocou estas opacidades nos olhos delas, e elas não conseguem enxergar. Foram "cegadas". E quem fez isso foi o deus deste mundo, o diabo.

É muito difícil para nós, cristãos, percebermos como devíamos, que deveríamçs encher-nos de grande compaixão e tristeza por essas pessoas. É-nos difícil por causa da arrogância e orgulho delas. Entretanto devemos entristecer-nos por elas. Elas são ingênuas e são escravas do diabo; foram cegadas por ele; não podem fazer uso correto das suas mentes porque o diabo lhes toma isso impossível.

A atividade suprema do diabo é exercida na mente do homem. Mas sua obra tem muitas outras manifestações também. Leiam os Evangelhos e, por vezes, ficarão admirados ante a aversão e a hostilidade dos fariseus e de outros para com o nosso bendito Senhor. Não é simplesmente que eles discordavam dEle ou que Lhe apresentavam questões; o que se vê neles é malícia, ódio, aversão. Isso constitui uma parte da atividade do diabo nas mentes dos homens. Não conheço nenhuma outra coisa que seja mais espantosa do que a feroz reação de muitas pessoas a certos aspectos da clara e simples verdade cristã contida no Novo Testamento. Elas não se contentam em dizer que não podem aceitar essa verdade, que não podem crer nela; ficam amargas e demonstram profundo ódio e animosidade. Quer o percebam ou não, isso é resultado da operação do diabo nelas. Por que o ódio, a paixão, o amargor, o antogonismo? Tudo isso indica a influência do diabo e o seu amargo ódio a Deus. Ele não quer que Deus tenha glória alguma. E é sempre nos pontos em que Deus nos presenteou com as maiores indicações da Sua glória nas Escrituras que a oposição dessas pessoas é maior, em geral. Elas querem firmar-se no homem e em seu poder e, daí, odeiam até pensar que Deus é soberano em Seu poder sobre o homem. Aí estão, pois, algumas indicações da maneira pela qual o diabo "cega" as mentes dos homens e enfurece os seus espíritos.

Mas, além disso, ele o faz insinuando dúvidas. Foi o que fez no princípio, como vemos na história de Gênesis capítulo 3. Ele se aproximou de Eva e disse: "É assim que Deus disse?" Adão e Eva nunca tinham questionado a Deus. No entanto, a serpente vem com a sua pergunta ardilosa e insinua uma dúvida. Não a profere abertamente, mas a insinua de maneira plausível. Você já não viu isso em sua própria experiência? Você está perfeitamente sereno e contente quando, subitamente, um pensamento o invade inadvertidamente, ou uma idéia sugerida por uma leitura que você está fazendo implica uma dúvida. Essa dúvida lhe é sugerida, apenas. Desde o princípio o diabo vem tentando o homem com estas dúvidas, principalmente quanto a Deus e

à ordem das coisas por Ele imposta. Há um notável e dramático exemplo disto no caso do apóstolo Pedro. Em Cesaréia de Filipe, conforme a narrativa de Mateus 16, Pedro fizera sua grande confissão. O Senhor tinha perguntado: "Quem dizem os homens ser o Filho do homem?" "E vós, quem dizeis que eu sou?" E Pedro dissera: "Tu és o Cristo, o Filho de Deus vivo." Maravilhoso! Mas, logo após, o Senhor começou a falar aos apóstolos sobre a Sua morte iminente, e Pedro Lhe disse: "Senhor, tem compaixão de ti; de modo nenhum te acontecerá isso." Imediatamente o Senhor o repreendeu, dizendo: "Para trás de mim, Satanás, que me serves de escândalo; porque não compreendes as coisas que são de Deus, mas só as que são dos homens." É como se lhe dissesse: não estás entendendo, estás questionando a minha missão eterna. O nosso bendito Senhor tinha vindo para morrer, mas Pedro questionou isto, duvidou disto, contestou-o ressentido. Tudo por causa do diabo, de Satanás! "Para trás de mim, Satanás."

O diabo fez Pedro tropeçar nesse ponto. E ele investe contra todos nós nessa área. Ele tentou até insinuar dúvidas na mente do Senhor Jesus Cristo. Alguns dos maiores santos deixaram registrado que o diabo os atacara com dúvidas até mesmo nos seus leitos de morte. Não significa que as aceitaram; o que eles dizem é que o diabo tentou levá-los a aceitar as suas insinuações. Nunca nos foi prometido que ele nos deixaria a sós. Portanto, não vá concluir que, por que é assaltada por dúvidas, você não é cristão. É o diabo em ação. Ele preocurará arremessar-lhe dúvidas. O apóstolo as descreve como "dardos inflamados do maligno". Estes lhe vêm de todas as direções. O diabo insinua toda espécie de dificuldades e dúvidas, tudo que possa impedir aos homens de crerem em Deus. O mais importante é distinguir entre a tentação para duvidar, do ato de duvidar propriamente dito. O diabo está constantemente procurando introduzir dúvidas em nossas mentes.

Além disso, ele tem muitas outras astutas ciladas que pode usar. Ele tenta fazer que sejamos dominados por um espírito de temor; e muitas vezes isso leva a uma espécie de negação. Veja-se mais uma vez o caso do apóstolo Pedro, que disse com tanta ousadia: "Ainda que todos se escandalizem em ti, eu nunca me escandalizarei" (Mateus 26:33). Sua intenção era seguir seu Senhor por toda parte. "Simão, Simão",

disse-lhe o Senhor Jesus, “eis que Satanás vos pediu para vos cirandar como trigo” (Lucas 22:31). E dentro de poucos dias vemos o ousado, o impulsivo, o autoconfiante Pedro negar a Cristo com juramentos e maldições, porque o espírito de temor, estimulado pelo diabo, fê-lo temer por sua vida. Assim, ele O negou três vezes, e afirmou que não O conhecia! O diabo procura alarmar-nos e assustar-nos. Quando você estiver sendo muito obediente a Deus, o diabo lhe exporá certas

possibilidades e o ameaçará com o que ele denomina más conseqüências da sua obediência. Ele faz a mesma coisa quando as pessoas estão sob convicção de pecado. Parecem enxergar a verdade, e desejam render-se a ela, mas ele diz: “Você não vê o que lhe vai suceder quando chegar em casa? Sua decisão vai ocasionar dificuldade lá, vai causar infelicidade, vai dividir a sua família. E depois, veja o que isso lhe vai causar amanhã, em seu escritório, ou no seu trabalho ou na sua escola”. Assim ele nos assusta. Isto faz parte da obra do diabo. Estas coisas não podem ser explicadas psicologicamente. Isto não é psicologia, não é biologia, não é natureza; segundo as Escrituras é ação do diabo. Ele tem feito isso desde o princípio, e continua fazendo, a todo o vapor. E assim faz que fiquemos atemorizados face à verdade, e introduz em nós este covarde espírito de temor. E esse espírito é, com muita freqüência, o precursor da negação da verdade e da negação do Senhor.

O diabo também é perito na instigação de ensinamentos falsos. Paulo, escrevendo a Timóteo, diz: “Mas o Espírito expressamente diz que nos últimos tempos apostatarão alguns da fé, dando ouvidos a espíritos enganadores, e a doutrinas de demônios” (1 Timóteo 4:1). Vocês já avaliaram quanta atenção e quanto espaço o Novo Testamento dá a esta espécie de coisas — “doutrinas de demônios”, “espíritos enganadores”, “anticristos” e “o espírito do anticristo”? A Primeira Epístola de João e o Livro de Apocalipse têm muitas expressões como essas. Estas são apenas diferentes maneiras de descrever as atividades do diabo e dos maus espíritos que tentam difamar a glória do Senhor Jesus Cristo. “Provai os espíritos”, diz João. “Provai se os espíritos são de Deus; porque já muitos falsos profetas se têm levantado no mundo” (1 João 4:1). Este é o espírito do anticristo. Como reconhecê-lo? Ele nega que Jesus Cristo veio em carne; ele cria dúvidas acerca da Sua encarnação; ele não acredita na concepção virginal; ele afirma que Jesus Cristo foi apenas um bom homem, talvez o maior que o mundo já conheceu. Onde essas dúvidas e negações se propagam, vemos a obra dos espíritos enganadores. Eles estão na Igreja cristã, que lástima!, e estiveram em grande atividade durante o século passado.

A confusão que caracteriza a Igreja cristã hoje não é apenas resultado daquilo que é orgulhosamente chamando “erudição” ou “especialização erudita”. É fruto da atividade do diabo. Os apóstolos estavam cientes dessa atividade no século primeiro. Aí está por que toda esta jactância a respeito do “conhecimento moderno” é, afinal de contas, tão infantil e ridícula. Não há nada novo, em última

instância, quanto à Alta Crítica, assim chamada, que induz os homens a dizerem que Jesus Cristo é apenas homem, e a negarem a concepção virginal de Cristo, Suas duas naturezas e os milagres. Já havia gente na Igreja

Primitiva que dizia tudo isso! João teve que escrever o seu Evangelho e a sua primeira epístola por causa desse tipo de coisa. O apóstolo Paulo lutou muito contra isso, como se vê em suas epístolas a Timóteo e aos colossenses. Não há nada de novo nisso; o diabo está empenhado nessa obra desde o comecinho. "É assim que Deus disse?" *"Se* és o Filho de Deus"! Não há nada que tome o homem tão ridículo como o seu orgulho intelectual. O homem é tolo quando se jacta da modernidade de uma coisa que é tão antiga como a Queda! Não é trágico? Como tem feito desde o princípio, o diabo introduz os falsos ensinos e, com isso, produz confusão na Igreja, e o povo começa a perguntar: que é o cristianismo? É uma coisa que ensina a santidade ou é uma coisa que me permite ler literatura pornográfica? Qual das duas, afinal? Demasiadas vezes nestes dias, quando você examina o que a Igreja cristã está dizendo, você não pode afirmar nada, porque ela está dizendo ambas as coisas! Essa é a obra dos "espíritos enganadores", isso é o anticristo. Se o diabo conseguir tão somente produzir confusão na Igreja, quão feliz ficará! Eis aí os que se apresentam como pessoas que aceitam a revelação de Deus! Vejam, porém, como eles discutem e discordam completa e fundamentalmente entre si acerca da própria Pessoa do Senhor, e a respeito dos grandes e centrais princípios da fé e da prática cristãs. Como deve regozijar-se o diabo ao ver como aqueles que se chamam pelo nome de Cristo podem ser tão facilmente seduzidos e persuadidos a ensinar mentiras!

No entanto a coisa não pára aí. Outra maneia pela qual o diabo vem e faz estragos é nos assediando com maus pensamentos. O fato de você ser tentado mediante maus pensamentos não deve levá-lo à conclusão de que não é cristão. Certamente é isso que o diabo quer que você acredite. É sua obra. De novo cito a frase, "dardos inflamados do maligno". Você não os experimentou? Mesmo quando você está lendo a Bíblia, podem sobrevir-lhe pensamentos maus e blasfemos. Você não está pensando nessas coisas, e não quer pensar nelas. Donde vêm? Qual a sua origem? Os seus grandes psicólogos são incapazes de explicar isto. A única explicação adequada é que o diabo os lança em você. Não tem acontecido muitas vezes que, quando você se desperta de um sono longo e profundo, tais pensamentos lhe vêm imediatamente? Não são seus.

Este é um ensino confortante e consolador; por isso estamos tratando dele com tantas minúcias. Vocês pensavam que todo este ensino era remoto e teórico? Verão que ele propicia o maior conforto. Talvez vocês perguntem como posso saber se os meus pensamentos são meus ou do diabo. Se os detesto e gostaria que não me ocorressem, não são meus; são do diabo. Ele investe contra nós atirando-nos

pensamentos maus e blasfemos. Ele no-los insinua. E não somente maus

pensamentos, mas também más imaginações. Muitas vezes é difícil controlar a nossa mente e os nossos pensamentos e imaginações. O diabo tem poder para conduzi-los, especialmente se não estivermos conscientes disso e deixarmos de detê-lo. E assim ele nos faz cativos e nos toma intensa e miseravelmente infelizes.

Já mencionei certos temores. Agora volto a tratar dos temores num sentido mais geral. Se formos a um país pagão, veremos que está repleto de temores. Os habitantes têm medo de tudo, do escuro, dos espíritos das florestas, das árvores, do espaço. Um país pagão, que nunca experimentou a influência do ensino cristão, é sempre um país de temores e fobias. Essa é a tragédia do mundo sem Cristo; ele vai ficando cada vez mais dominado pelo medo. Isso está acontecendo progressivamente na Inglaterra, conforme nos vamos afastando mais e mais de Deus e do cristianismo. Os magos da sorte e o interesse pela astrologia estão reaparecendo e florescendo. Todas estas coisas estão de volta. É uma manifestação do espírito de temor o povo ficar com medo de tudo. Faz parte da chicanice do diabo para manter-nos sob o seu poder.

Estes temores são irracionais, como se pode demonstrar num instante. Há certas pessoas cujas vidas são dominadas por temores. Ora, o que se deve fazer com elas, e para ajudá-las a fazerem por si mesmas, é auxiliá-las a considerar o caráter completamente irracional do seu temor. Tome-se, por exemplo, o caso de pessoas que ficaram com medo por terem lido sobre um furacão ou sobre uma tempestade violenta. Algumas pessoas vivem dominadas por esse temor. Pois bem, elas deveriam fazer a si próprias esta pergunta: "Por que devo sempre tirar a conclusão de que o furacão só vai atingir a mim? Que dizer de todas as outras pessoas? Por que não sou igual a elas?" — e assim por diante. Estes temores são irracionais, e são obra do diabo.

Alguns temores são em parte temperamentais; pois nem todos somos iguais; uns têm nervos fortes, outros fracos. Não estou dizendo que há algo essencialmente errado no fato de alguns de nós serem mais medrosos do que outros; mas o que estou dizendo é que quando você vê que está com um "espírito de temor", que está "dominado" por algum temor, deve lutar para ver que há nele este elemento irracional, além do natural. É algo pior do que o natural; quanto a ele há um elemento de terror, e não há nenhuma explicação adequada disso. Isso sempre é obra do diabo. Ele mantém cativas as pessoas, mantendo-as debaixo do domínio destes temores irracionais.

Volvamos agora para outra categoria — depressão e desânimo. Esta é uma das mais notáveis manifestações da atividade do diabo. Ele causa

isso tanto nos cristãos como nos não cristãos. Ele deprime a mente. Geralmente o faz levando-nos a concentrar-nos demais em nós mesmos. Ele nos mantém olhando para nós mesmos e examinando-nos a nós mesmos, sempre olhando para o passado, para alguma coisa que fizemos no passado e que não devíamos ter feito. Ele nos

mantém olhando para trás até ficarmos completamente deprimidos. Ficamos em dúvida se fomos perdoados, ficamos em dúvida se somos filhos de Deus, sentimo-nos indignos, sentimo-nos impuros e achamos que as nossas vidas são um fracasso. Ficarmos miseravelmente abatidos e infelizes dá alegria ao diabo, pois ele pode dizer: "Aí está um cristão típico! Seu cristianismo é isso!" Vocês não conseguem ver que isto constitui um aspecto das astutas ciladas do diabo? Como é errado tudo isso! E como devemos empenhar-nos em descobri-lo! Não temos direito de permanecer nessa depressão, porque a Palavra de Deus nos garante que "se confessarmos os nossos pecados, ele é fiel e justo, para nos perdoar os pecados, e nos purificar de toda a injustiça" (1 João 1:9). Ele é um Deus que reconcilia conSigo o extraviado; Ele é um Deus que recebe o filho pródigo em seu regresso. "O passado será esquecido, um presente gozo lhe será oferecido." Não temos o direito de olhar para trás; não temos o direito de ficar perpetuamente olhando para dentro de nós mesmos; não temos o direito de ficar deprimidos. Se ficarmos deprimidos, estaremos simplesmente sucumbindo à influência do maligno. Depressão, desânimo, sentimento de fracasso, senso de total e completo desamparo, geralmente são o resultado das atividades do diabo.

Mas, vamos ver agora outra manifestação da atividade do diabo que é o exato oposto da anterior. O orgulho! Ah, "as astutas ciladas do diabo"! Há os que nos querem fazer acreditar que o diabo sempre causa depressão. Ele pode fazer exatamente o contrário. Muitas vezes ele estimula o orgulho. Foi essa técnica que ele empregou no caso de Eva, não foi? "Disse Deus?" "Tu sabes", disse ele noutras palavras, "tuas qualidades são boas demais para que sejas mantida nessa condição inferior. Por que não haverias de comer de tudo que há no jardim? Por que Deus te mantém sob proibição? Que direito Ele tem de dizer que não deves comer o fruto de certa árvore?" Ele apostou no orgulho de Eva, e ela, exaltando-se com orgulho, caiu. A mesma coisa com Adão.

Ou considerem o exemplo de Davi, como se vê em 1 Crônicas 21:1. Davi obtivera grandes vitórias; tinha vencido os seus inimigos. Então lemos isto: "Então Satanás se levantou contra Israel, e incitou Davi a numerar a Israel". Quando o servo de Deus acaba de derrotar todos os seus inimigos, esse é o momento em que o diabo vem e diz: "Muito bem, agora te cabe avaliar os teus grandes sucessos, contar cabeças, ver

o número dos componentes do teu povo, calcular a extensão do teu reino." Foi assim que ele tentou Davi nesta questão de orgulho, e terríveis conseqüências sobrevieram a Davi e aos filhos de Israel. Que terrível tentação é esta! Ele nos faz inchar de orgulho! Por isso, escrevendo a Timóteo sobre a designação de bispos, anciãos, presbíteros, superintendentes, diz o apóstolo: "Não neófito". Diz ele: nunca nomeies um recém-convertido para uma posição elevada, "para que, ensoberbecendo-se, não caia na condenação do diabo" (1 Timóteo 3:6). Que tragédias têm acontecido n vida da Igreja, e na vida pessoal de muitos, por não ter sido seguida

essa exortação! Eis aqui o que hoje se chama “a hora do astro” ou “da estrela”, o convertido magnífico e a tentação de colocá-lo imediatamente à frente. Freqüentemente o resultado é a ruína dele! Ele vem a orgulhar-se do seu pecado passado, começa a ufanar-se da sua má vida passada porque ela o faz importante! Não promova um neófito, diz o apóstolo, pois, se o fizer, com certeza o diabo vai laçá-lo. Sigamos fielmente esta norma.

O orgulho se manifesta de muitas maneiras diferentes. Ele nos toma hipersensíveis; e quando somos hipersensíveis, com muita facilidade nos ferem e nos sentimos feridos. Que estrago foi feito na Igreja cristã desse modo! O orgulho, manipulado pelo diabo, leva ao ciúme, à inveja, ao ressentimento por não estarmos sendo apreciados e alguém estar sendo posto adiante de nós. Deste modo o diabo pode derrubar uma igreja ou comunidade; e isso tem sido feito muitas vezes. O objetivo do diabo é sempre destruir a grande obra realizada por Deus, e com especialidade a Sua realização mais grandiosa, qual seja, a graça de Deus agindo salvadoramente na Igreja! Tudo parece ter sido levado à ruína e, aparentemente, o diabo tomou a triunfar. Ele toca as teclas do nosso orgulho, bem como de nossa tendência para a depressão, Esta passagem que estamos examinando é muito prática; é ou não é?

“Ah”, você dirá, “principados e potestades, os príncipes das trevas deste mundo, que é que isso tudo tem que ver comigo?” Tem isto que ver com você: que grande parte da infelicidade que você experimentou em sua vida cristã foi totalmente resultante da obra do diabo e destes outros poderes, e você nem sabia disso. Você achava que tinha um caso digno de ser tratado, um ressentimento justo, não achava? Mas não era. Era simplesmente o seu feio orgulho, o seu orgulho abominável, e o diabo estava tocando nessas teclas como exímio pianista, sabendo exatamente onde apertar e onde soltar! Graças a Deus que temos uma passagem como esta de Efésios para abrir os nossos olhos.

E o diabo conta com muitos outros recursos. Ele toca na natureza moral do homem, tentando-o, provocando luxúria, paixões e maus desejos. Ele pode agir diretamente nos nosso corpos. No capítulo dois

de Jó, versículo sete, lemos: “Então saiu Satanás da presença do Senhor, e feriu a Jó”. Deus então lhe dera permissão para ir mais longe. Havendo-se defrontado com a terrível perda dos seus filhos e dos seus animais, Jó suportara a prova. Então Satanás disse a Deus: “Até aqui não toquei em Jó. Deixa-me somente tocar-lhe o corpo, e logo começará a reclamar e a blasfemar”. E efetivamente Deus lhe respondeu: “Vai fazê-lo, mas não toques em sua vida! ” “Então saiu Satanás da presença do Senhor, e feriu a Jó duma chaga maligna, desde a planta do pé até ao alto da cabeça.” “Ah”, dirá alguém, “agora você está ensinando que as chagas sempre são causadas pelo diabo.” Nada disso! Estou simplesmente ensinando que podem ser causadas por ele. Naturalmente, na maioria as doenças têm causas

secundárias, mas podem ser causadas diretamente pelo diabo. O diabo pode causar mudez, pode causar cegueira. Haja vista a mulher de que fala Lucas 13, sobre a qual lemos "que tinha um espírito de enfermidade, havia já dezoito anos; e andava curvada, e não podia de modo algum endireitar-se". Notem o que o Senhor Jesus Cristo disse a respeito dela: "E não convinha soltar desta prisão, no dia de sábado, esta filha de Abraão a qual há dezoito anos Satanás tinha presa?" A condição dela, disse Jesus, era obra do diabo; não era apenas uma doença. E assim se vê em 1 Coríntios 5 uma referência à entrega de um homem "a Satanás para destruição da carne." E se vê Paulo falar sobre si próprio, em 2 Coríntios 12:7: "E, para que me não exaltasse pelas excelências das revelações, foi-me dado um espinho na carne, a saber, um mensageiro de Satanás para me esbofetear, a fim de me não exaltar". Enfermidades, fraquezas, sim, doenças e moléstias, *podem* ser o resultado da ação do diabo. Não estou dizendo "sempre", mas estou dizendo que "podem ser". Poder para isso ele tem.

Estas são, pois, algumas das maneiras pelas quais o diabo põe em ação as suas astutas ciladas, e pode levar a efeito o seu mau propósito de causar confusão e caos à obra de Deus, manter cativos homens e mulheres, e separá-los de Deus e Sua glória, e das bênçãos que Deus já tem preparadas para eles.

Se vocês reconhecerem estas coisas, estarão aptos a perceber que só resta fazer uma coisa, a saber: "Fortalecei-vos no Senhor, e na força do seu poder." E mais: "Tomai toda a armadura de Deus." Vocês estão enfrentando um inimigo sumamente poderoso, inteligente, sagaz e implacável, que tem condições de atacá-los de todos os lados. Só existe um lugar de segurança — "tomai toda a armadura de Deus, para que possais resistir no dia mau, e, havendo feito tudo, ficar firmes."

O INIMIGO SUTIL

Estivemos considerando demoradamente o poder e as ciladas do nosso inimigo, o diabo. Outros aspectos mais deste mesmo assunto ainda terão que ser levados em consideração, porém, antes, talvez seja bom comentar uma questão que provavelmente está na mente de alguém: à luz da vitória de Cristo sobre o diabo, e da certeza de que finalmente ele será lançado num lago de destruição, como é que os poderes das trevas ainda se mostram tão determinados e ativos? Por que os cristãos continuam envolvidos nos conflito para o qual o apóstolo chama a nossa atenção? A resposta é que a fraqueza essencial do diabo consiste em que, apesar de toda a sua esperteza e sagacidade, não se dá conta de que é um inimigo vencido. Ele tem grande conhecimento e grande poder, mas não está ciente de que já foi irremediavelmente desclassificado. Daí persistir ele em seus esforços. Ele continua tentando derrotar a Deus e, assim como ele não desistiu de investir contra o Senhor Jesus quando foi derrotado nas tentações no deserto, mas continuou atacando, retirando-se e repetindo as suas investidas terríveis até o fim, assim ele continua até hoje. O motivo é que ele é adversário de Deus! O diabo não é tão contra nós como é contra Deus. Nada somos aos seus olhos, exceto que somos o povo de Deus. A paixão e ambição consumidora do diabo é danificar e destruir a obra de Deus.

Por esta razão ele tentou Eva no Jardim do Éden, e tentou arruinar a obra perfeita de Deus. O diabo a odiava e se determinou a estragá-la e destruí-la, se pudesse. Por isso começou sua guerra, e quando o nosso Senhor vivia de fato na terra, ele pôs em ação todos os seus recursos. Naquele tempo Deus estava executando a Sua realização mais vital e mais central, de modo que o diabo pôs em campo todas as suas reservas. Se nesse ponto a obra de Deus pudesse ser destruída, a vitória do diabo estaria assegurada.

Mas ele fracassou completamente, e não conseguiu derrotar o nosso bendito Senhor. As mesas foram completamente viradas sobre ele, por assim dizer, naquilo que aconteceu na cruz. Quando ele pensava que, afinal, estava vencendo o Senhor Jesus, o que estava acontecendo realmente era que o nosso Senhor o estava expondo, a ele e a suas

hostes, “à vergonha, triunfando deles na cruz” (cf. Colossenses 2:15). Tendo falhado ali, e mais ainda na glória da ressurreição, o diabo por certo viu imediatamente que a única coisa que lhe restava era destruir a obra salvífica do nosso bendito Senhor, expressa no estabelecimento e preservação da Igreja cristã. Esta representa o novo reino em formação, esta é a nova realidade mediante a qual Deus está se preparando para a derrota final do diabo. Daí, evidentemente segue que o interesse particular do diabo agora é danificar, destruir, se puder, a Igreja de Deus e cada membro individual da Igreja. Afinal de contas, a Igreja é a obra mais gloriosa de Deus: “Ela é Sua nova criação, mediante a água e a Palavra”. Esta coisa maravilhosa que Deus

está formando, o coipo de Cristo, é mais maravilhosa que a criação original. Naturalmente a preocupação do diabo acerca da Igreja é tremenda e, se ele pudesse arruiná-la no todo ou em parte, derrotaria a Deus e ficaria alegre para sempre.

O resultado é que o povo cristão é, de modo muito especial, objeto dos ataques do diabo. E isso que o apóstolo nos está fazendo lembrar aqui. O Senhor Jesus Cristo expressa a mesma verdade com outras palavras, quando diz: "Basta ao discípulo ser como seu mestre, e ao servo como seu senhor. Se chamaram Belzebu ao pai de família, quanto mais aos seus domésticos?" (Mateus 10:25). Diz Ele, noutras palavras: vedes o tratamento que recebi neste mundo; doravante recebereis tratamento, semelhante porque sois o Meu povo. O mundo vos odiará, porque Me odiou. Vós Me pertenceis, e como reagiram a Mim, assim reagirão a vós. É o diabo que faz o mundo portar-se desta maneira.

O Senhor Jesus estava preparando os Seus discípulos imediatos e todas as gerações do Seu povo para a hostilidade do mundo. O próprio fato de que somos cristãos significa que o diabo terá um particular interesse em nós, e estará muito especialmente preocupado em derrotar-nos quando e onde puder. Seu objetivo nisso é, com essa vitória obtida por ele, manchar, por assim dizer, a glória de Deus e mostrar o fracasso de Deus e de Cristo em não conseguirem redimir um povo, "um povo peculiar" a Eles.

Sendo essa a nossa proposição básica, podemos passar a uma segunda, qual seja, quanto mais cristãos somos e formos, mais investidas do diabo poderemos esperar. Isso igualmente dispensa demonstração. Ninguém jamais foi tão tentado pelo diabo como o Senhor Jesus Cristo. Ele "em tudo foi tentado, mas sem pecado"; foi tentado à nossa semelhança, "como nós" (Hebreus 4:15), e muito mais. O diabo sempre O abordava pessoalmente. Alguns destes principados e potestados muitas vezes bastam para nós, alguns dos simples emissários ou mensageiros, por assim dizer, do reino do mal; porém o diabo mesmo,

pessoalmente, com todos os seus poderes totalmente à mostra, sempre se confrontava com o nosso bendito Senhor. Portanto, quanto mais nos aproximarmos do nosso Senhor, tanto mais devemos esperar esta espécie de investida. Daí o apóstolo falar com particular solenidade, e repetir o seu conselho: "No demais, irmãos meus, fortalecei-vos no Senhor e na força do seu poder", e, ainda: "Portanto, tomai toda a armadura de Deus." Paulo deseja que nos demos conta de que estamos face a esse conflito. Quanto mais cristãos formos, tanto mais cientes estaremos do conflito. Esse é o testemunho universal de todos os santos que já viveram e ornaram a vida da Igreja. T odos ele concordavam que, conforme avançavam na vida cristã, mais feroz e mais inflamada se tomava a luta contra o diabo. Muitos deixaram relatos de que mesmo em seus leitos de morte o diabo os atacou.

Repito que esta é invariavelmente a mensagem da Bíblia. A Bíblia não nos ensina o tipo de salvação que diz: venha a Cristo, creia nEle, e tudo correrá bem; palmilhará estrada a fora com passo glorioso, e daí em diante tudo será perfeito, para sempre. Ao contrário, as Escrituras nos advertem de que estamos entrando numa vida na qual temos que revestir-nos de "toda a armadura de Deus."

Sempre que leio estes versículos ou neles penso, com esta repetição quanto a tomar toda a armadura de Deus, recordo algo que aconteceu durante os primeiros estágios da última guerra, no estágio da "guerra falsa", assim chamada. A guerra irrompera no dia 3 de setembro de 1939, porém nada parecia acontecer, durante meses, e algumas pessoas — otimistas superficiais, gente que não entendia a situação — estavam quase prontas a dizer: não vai acontecer nada. De fato, o Primeiro Ministro Neville Chamberlain disse na Casa dos Comuns, "Hitler perdeu o ônibus", um ou dois meses antes de Hitler descarregar todo o seu poder, em maio de 1940. Mas a minha principal referência, neste ponto, é ao Major General Sir Emest Swinton que, de setembro de 1939 em diante, costumava falar pelo rádio uma vez por semana como comentador militar. Parecia que não estava acontecendo nada, nenhuma arma fora disparada, não houvera nenhum choque de armas, nenhum bombardeio aéreo acontecera, a guerra parecia morta. Mas Sir Emest Swinton insistia em dizer, todas as semanas: "estamos lutando por nossas vidas." Para muitos parecia que ele estava sendo pessimista; todavia continuava dizendo aquilo. "Não se enganem", ele costumava dizer, "estamos lutando por nossas próprias vidas." E continuava dizendo isso, apesar de não estar acontecendo nada. O fato é que ele tinha conhecimento do poder e da sutileza do inimigo; ele sabia o que se passava. Ele sabia que aquela calma aparente era sumamente enganosa e que, se fôssemos prudentes, trataríamos de preparar-nos

com todas as nossas forças e com todo o nosso vigor. Ele sabia que a matança estava prestes a sobrevir. E de fato sobreveio!

Por isso pergunto: o cristianismo é um vida fácil e serena? Simplesmente recebemos pela fé a nossa justificação e a nossa santificação, e presumimos que tudo vai bem? "Revesti-vos de toda a armadura de Deus", diz o apóstolo Paulo. "Não temos que lutar contra a carne e o sangue." Trate de dar-se conta de que você está envolvido numa guerra terrível e que, por ser cristão, precisará de toda a armadura de Deus, de cada parte dela, "para que possais resistir no dia mau e, havendo feito tudo, ficar firmes". Na verdade, quanto mais você avançar na vida cristã, tanto mais inflamada será a luta. Paulo nos assegura que somos confrontados pelas "astutas ciladas do diabo" e pelo terrível poder das suas hostes.

Saliento que o diabo não usa as suas "ciladas" contra o incrédulo, contra o não cristão. Ele não precisa fazer isso. Do ponto de vista do diabo, não há dificuldade nenhuma em manter num estado de pecado a pessoa que não está interessada em

Cristo e que não crê nEle. O nosso próprio Senhor nos lembra que "quando o valente guarda, armado, a sua casa, em segurança está tudo quanto tem". Ele não tem necessidade de sutileza ou de sagacidade para fazer que as pessoas mundanas e pecaminosas continuem pecando. Não há necessidade de nenhuma sutileza para fazer o povo ler certos jornais dominicais bem conhecidos, e fazê-lo passar o dia todo nessa leitura. Não há nenhuma esperteza nisso. Tudo que é depravado na natureza humana quer agir desse modo, e tudo que se tem que fazer é colocar essas publicações em frente dessas pessoas. A mesma coisa se aplica à indução das pessoas a viverem bebendo, dançando e cedendo às suas paixões. Não há necessidade de sutileza ou de sagacidade aí; isso é tarefa fácil para o diabo. O mais simples mensageiro dele pode fazê-lo, e talvez nem este seja necessário. A luxúria e as cobiças que surgem na natureza humana decaída fazem isso automaticamente. Mas, no momento em que somos transferidos para o reino de Deus, para o reino da luz, no momento em que passamos a pertencer a Cristo, o diabo percebe que a situação é diferente; e agora ele preciso pôr em ação as suas "ciladas". Portanto, só os cristãos conhecem algo das "astutas ciladas" do diabo; os outros permanecem na ignorância delas.

Opino, pois, que um teste muito bom da nossa posição como cristãos é o nosso conhecimento das "astutas ciladas do diabo". Contudo, alguém poderá perguntar: por que você gasta tanto tempo com isto? Por que você faz disto uma coisa tão grande? Por que você não diz apenas: "Tudo está bem, o diabo foi derrotado, "tomai toda a armadura de Deus"? Minha resposta é que o apóstolo nos adverte de

maneira muito solene que temos de lutar contra as artimanhas do diabo. Não somente isso, mas ele se afana em falar-nos com minúcias sobre a natureza desta armadura da qual devemos revestir-nos, se é que havemos de sobreviver. E eu desejo fazê-lo lembrar-se de novo de que a experiência dos santos através dos séculos nos ensina que, quanto maior o santo tanto mais experiência tem das astutas ciladas do diabo.

Eu diria que não há nada mais significativo quanto aos evangélicos do presente século, do que o modo como em geral eles têm ignorado este ensino concernente ao diabo e aos principados e potestades, e quanto às ciladas do diabo. Quantas vezes você ouviu palestras ou sermões sobre este tema, com relação ao ensino sobre a santificação? O ensino popular se oferece para acertar tudo direitinho para você de uma vez, e afirma que não há nada com o que se preocupar. Basta você "olhar para Cristo", e tudo ficará bem. Não, diz o apóstolo Paulo, "Revesti-vos de toda a armadura de Deus", além de fortalecer-vos "no Senhor e na força do seu poder". Você precisa da armadura, e terá que fazer bom uso dela se quiser ficar firme.

Não há nenhum outro teste da nossa situação, da nossa posição e do nosso crescimento como cristãos que seja mais completo do que o nosso conhecimento e a nossa tomada de consciência das "astutas ciladas do diabo". É por causa das ciladas

do diabo que nós temos estas Epístolas do Novo Testamento. Elas nunca teriam sido escritas, na verdade nem os Evangelhos, não fossem as ciladas do diabo.
Estas Epístolas foram escritas porque os cristãos primitivos estavam em dificuldade. Alguns tinham caído nalgum erro, tinham se extraviado aqui ou ali, e estavam com algum tipo de problema; portanto, esses livros foram escritos a fim de familiarizá-los com as "astutas ciladas do diabo". Foram-nos dados em parte para preparar-nos para enfrentarmos este antagonista matreiro e todos os seus poderes e hostes arregimentados contra nós. Esta é a maneira pela qual a Bíblia aborda a doutrina da santificação. Para ensinar santificação não é preciso ir constantemente aos incidentes do Velho Testamento e espiritualizá-los, não é preciso tomar os milagres do Novo Testamento e transformá-los em parábolas. Não que isto seja necessariamente errado, se explicarmos claramente o que estamos fazendo! O que o mestre sábio faz é expor as Epístolas, e especialmente este ensino sobre as astutas ciladas do diabo. Em última instância, todos os nossos problemas provêm dessa fonte. Portanto, o que temos que fazer é tratar de entender algo do caráter destas astutas ciladas e, depois, algo do modo pelo qual devemos defrontá-las e contestá-las, para que possamos resistir com êxito ao diabo.

O ponto que estou firmando é que não basta dizer apenas: "Ah, é

tudo muito simples; você simplesmente "olha para o Senhor", e terá vitória." Não, não é assim! O Novo Testamento nos dá instruções com particularidades. Todo ensino sobre a santificação ou sobre a santidade que passe por alto os ensinos detalhados das Epístolas do Novo Testamento é ensino falso; não é ensino bíblico. Em última análise, é uma espécie de psicologia, é ensino de alguma seita. Precisamos prestar atenção nos pormenores porque a bíblia afirma que essa é a única maneira pela qual poderemos resistir ao diabo. Precisamos saber algo sobre a natureza do ataque movido pelo diabo.

Primeiramente, perguntemos: como o diabo nos ataca? Não lutamos "contra a carne e o sangue", mas contra os "principados e as potestades, contra os príncipes das trevas deste século, contra as hostes espirituais da maldade, nos lugares celestiais." A primeira resposta acha-se na expressão "astutas ciladas". Com muitas freqüência esta expressão é empregada em diferentes formas para descrever a natureza da oposição que nos confronta, o caráter do ataque. As Escrituras se empenham para enfatizá-las. Voltemos a Gênesis 3:1. Lemos ali: "Ora, a serpente era mais astuta que todas as alimárias do campo." Ciladas, estratagemas, tudo aparece como resultado da astúcia. Em 2 Coríntios 11:3 o apóstolo escreve aos coríntios e lhes explica que está agindo assim porque, diz ele, "temo que, assim como a serpente enganou Eva com a sua astúcia, assim também sejam de alguma maneira corrompidos os vossos sentidos, e se apartem da simplicidade que há em Cristo." Talvez alguém pense que deveria ser suficiente dizer: "No momento em que você crê em Cristo e está "em Cristo", tudo está bem; tudo que lhe cabe fazer é permanecer

em Cristo. Mas, infelizmente, o diabo e os principados e potestades estão em ação; e por causa desta "astúcia", desta sedução do "engano", temos necessidade de saber algo sobre isso. Ouçamos ainda o que Paulo diz nessa mesma epístola (2 Coríntios 2:911): "E para isso vos escrevi também... para que não sejamos vencidos por Satanás; porque não ignoramos os seu ardis" — sua habilidade em planejar, esquematizar! Ele fará qualquer coisa para conseguir vantagem sobre nós, diz o apóstolo, fará qualquer coisa para derrubar-nos, para fazer-nos parecer ridículos e para pôr em desgraça o nome de Deus. "Não ignoramos os seus ardis."

Tomemos outro exemplo. Escrevendo em 1 Timóteo, capítulo 3, sobre a insensatez de fazer de neófitos presbíteros ou anciãos ou bispos, diz o apóstolo Paulo: "para que... não caia na condenação do diabo" (ou, na versão utilizada pelo autor, "para que não caia na armadilha do diabo"). Vocês sabem alguma coisa sobre "armadilhas"? Já viram homens montando armadilhas para pegar coelhos, ou arapucas para

pegar passarinhos? Naturalmente, a verdadeira arte nesse processo está em ocultá-las. Não se arma uma armadilha abertamente em pleno campo, deixando-a ali, a descoberto. Não, ela é colocada entre folhas ou ramos de árvores. Uma pessoa que caminhe casualmente por ali não vê nada, e o desprevenido coelho ou pássaro não vê nada. Vê umas porções de alimento que o atrai; mas não vê a armadilha. O segredo da colocação da armadilha está em camuflá-la e encobri-la; esse processo tem que ser sutil e sagaz. E o apóstolo afirma que a razão pela qual não devemos promover um neófito é para que ele "não caia na condenação (ou na armadilha) do diabo."

Outra vez, em 2 Timóteo 2:26, Paulo volta a ensinar o servo do Senhor a ajudar as pessoas na vida cristã, e assim escreve: "E tomarem a despertar, deprendendo-se dos laços do diabo, em que à vontade dele estão presos". O diabo está sempre armando armadilhas e arapucas. Elas estão ao redor de nós; e o apóstolo diz a Timóteo: precisa ter paciência, precisa mostrar os perigos aos crentes e ensiná-los a evitá-los, para que aqueles que foram capturados pelo diabo possam "desprender-se", possam soltar-se da armadilha e recuperar a liberdade.

O próprio Senhor Jesus emprega uma expressão sumamente significativa quando nos diz, em João 8:44, que "quando ele profere mentira, fala do que lhe é próprio, porque é mentiroso, e pai da mentira". O diabo gosta de mentiras porque elas fazem parte dos seus ardis. Ele não fala a verdade, está sempre pronto a torcer a verdade e a falar mentira. Suas palavras visam a capturar-nos e a lançar-nos em suas garras. Mentira é uma parte proeminente das astutas ciladas do diabo!

Vejamos em seguida a declaração do Senhor Jesus Cristo registrada em Mateus 24:24: "Porque surgirão falsos cristos e falsos profetas, e farão tão grandes sinais e prodígios que, se possível fora, enganariam até os escolhidos". Isso é final! Diz o Senhor que estas hostes são tão astutas e espertas que podem fazer coisas tão

magníficas e maravilhosas que até os próprios eleitos de Deus quase caem nessas armadilhas.

Com a mesma disposição o apóstolo escreve um tanto sarcasticamente no capítulo onze de 2 Coríntios sobre "falsos apóstolos", pessoas que se exaltavam a si próprias, chamando a atenção para si mesmas. Diz ele, noutras palavras, à igreja de Corinto: que se passa com vocês? Por que são sempre levados por estes homens traiçoeiros que vivem aí e que fazem propagando deles mesmos de maneira carnal e se apresentam como autoridades? Estão sempre prontos a ouvi-los e a engolir cada palavra proferida por eles. Ah, como são ingênuos, face às "astutas ciladas do diabo"! Não são capazes de reconhecer estes "falsos apóstolos", estes "obreiros fraudulentos." Eles não agem bem. Fingem que são apóstolos de Cristo e que só estão interessados na

glória de Deus; porém, por todo lado o que fazem é enganar. De maneira muito sutil, eles na verdade chamam a atenção para si, e não para o Senhor. Por isso Paulo adverte os cristãos de Corinto contra aquelas pessoas, devido o terrível dano que elas podem fazer.

Já há um exemplo desse mesmo tipo de coisa nesta Epístola aos Efésios, capítulo quatro, versículo catorze: "Para que não sejamos mais meninos inconstantes, levados em roda por todo o vento de doutrina, pelo engano dos homens que com astúcia enganam fraudulosamente". Paulo aí se refere aos falsos mestres, que são usados pelo astuto diabo. Diz ele que esses homens "com astúcia enganam fraudulosamente", ou que planejam enganar. São capazes disso porque são espertos e astutos. Contudo, o exemplo mais notável disto está em 2 Tessalonicenses 2:810: "E então será revelado o iníquo — aquele "maligno" — a quem o Senhor desfará pelo assopro da sua boca, e aniquilará pelo esplendor da sua vinda; a esse cuja vinda é segundo e eficácia de Satanás, com todo o poder, e sinais e prodígios de mentira, e com todo o engano da injustiça para os que perecem, porque não receberam o amor da verdade para se salvarem". Notem os termos contundentes. Em toda parte as Escrituras nos advertem contra esse "engano" sutil e fraudulento, e contra todo este "engano da injustiça" de que estamos literalmente rodeados.

Qual há de ser a condição do cristão que não está ciente disso tudo? Ou está dormindo a sono solto, ou não passa de um bebê em Cristo. As crianças nunca estão cientes dos perigos. Sua ignorância explica isto; elas não têm consciência das possibilidades do perigo. O neófito não compreende; para ele tudo é simples e calmo velejar. Só o homem que tem alguma experiência e que é um pouco mais maduro é que enxerga estas coisas.

Vejamos ainda mais uma passagem na qual o apóstolo diz a Timóteo que ele, e todos os que o ouvem, têm que estar preparados para estas coisas. "Mas o Espírito expressamente diz que nos últimos tempos..." Esses tempos já estão presentes,

sempre estiveram presentes, sendo seu fim apenas um agravamento do que vem tendo continuidade desde o tempo em que o Senhor Jesus Cristo esteve neste mundo. “O Espírito expressamente diz que nos últimos tempos apostatarão alguns da fé.” Por que? “Dando ouvidos a espíritos enganadores.” Você tem consciência dos “espíritos enganadores”, das “doutrinas de demônios”, da “hipocrisia de homens que falam mentiras, tendo cauterizada a sua própria consciência” — e assim por diante? (1 Timóteo 4:1-2).

Minha última citação, que se acha em Hebreus 3:13, é mais geral, sobre o caráter do pecado que resulta disso tudo. Os hebreus estavam em dificuldade e com problemas; estavam deprimidos e desanimados,

alguns deles olhando para trás com olhares saudosos, para a religião judaica. O autor da epístola mostra o seu receio em suas exortações, “para que nenhum de vós se endureça pelo engano do pecado.”

Citei toda estas passagens das Escrituras a fim de mostrar como elas acentuam constantemente esta verdade concernente às “astutas ciladas do diabo”. Tomo a lembrar-lhes as palavras do major general “Sir” Emest Swinton: “Estamos lutando por nossas próprias vidas”. “Já é tempo que comece o julgamento pela casa de Deus... E, se o justo apenas se salva (ou se salva com grande dificuldade), onde aparecerá o ímpio e o pecador?” - pergunta Pedro (1 Pedro 4:17-18). Esse é o ensino do Novo Testamento. Estamos lutando por nossas vidas, não estamos lutando apenas contra came e sangue, e sim contra o diabo com suas astutas ciladas, e contra os principados e potestades, contra os governadores das trevas deste mundo. Tudo que estou perguntando é: estamos cientes da luta? Estamos cientes do conflito? Damo-nos conta de que estamos nesta situação?

Em seguida faço mais estas perguntas: como se mostram ou se manifestam estas “astutas ciladas”? Como posso tomar-me consciente dos ardis do diabo? Como é que ele os emprega? Para encontrarmos uma resposta, vejamos primeiro o que nos é dito sobre o diabo, e observemos como as “astutas ciladas” se mostram nas maneiras pelas quais ele aparece. Aqui está a chave para o entendimento desta questão. A principal exposição concernente a isto acha-se no capítulo onze de 2 Coríntios, já citado por nós. No versículo treze o apóstolo diz: “Porque tais falsos apóstolos são obreiros fraudulentos, transfigurando-se em apóstolos de Cristo. E não é maravilha, porque o próprio Satanás se transfigura em anjo de luz. Não é muito, pois, que os seus ministros se transfigurem em ministros da justiça.” Diga-se de passagem que a correta tradução do versículo catorze não é, “E não é maravilha, porque o próprio Satanás é transfigurado” (como diz a Versão Autorizada inglesa), mas “Satanás se transfigura em anjo de luz” (como na Versão de Almeida). Não se trata de algo que lhe é feito, porém daquilo que ele mesmo faz. Isso nos dá a chave para entendermos as suas atividades.

Algumas das traduções modernas do Novo Testamento são boas neste ponto. Traduzem esta palavra "transfigura" ou "transforma" por "mascara" ou "disfarça". Estas pessoas se mascaram como apóstolos de Cristo, e o diabo se mascara como anjo de luz. O Novo Testamento ampliado *(The Amplified New Testament),* por exemplo, tem essa tradução.

Noutras palavras, a idéia é que o diabo usa máscara, que ele é um ator

que se apresenta caracterizando diferentes personagens. Não aparece sempre da mesma maneira. Se o fizesse, o problema seria menos difícil. Pode muito bem ser que o quadro estivesse na mente de Paulo quando escreveu sobre o "dia mau". Existem coisas tais como "Ataques satânicos" ou investidas de Satanás. Constituem experiências da vida cristã — e muitos santos testificam delas — quando o diabo vem como um verdadeiro leão a rugir, ou, para mudar a comparação, quando ele vem como um furacão, como ventos uivantes, levando ruído, tumulto, sobressalto, terror e destruição por onde passa. Ele arremete contra você por todos os lados ao mesmos tempo, e abala as suas emoções, enchendo-o de terror e espanto. E, se você não souber nada daquilo sobre o que o apóstolo escreve aqui, você não poderá resistir; aterrorizado por ele, você sucumbirá. Toda a violência da fúria dele e a veemência do seu amargo antagonismo para com Deus se virarão contra você. Quando você acordar de manhã, ele estará tonitroando e rugindo para você, e seguirá os seus passos o dia inteiro. Você dirá: "Nunca me senti assim antes. Sou cristão mesmo? Que é que está acontecendo comigo? Eu pensava que tinha acabado com tudo isso". O diabo ficará com os olhos raivosamente fixos em você, e lhe fará ameaças; e você ficará tremendo e sentindo-se quase perdido.

No entanto, isso é apenas um dos seus modos de agir, apenas uma das máscaras que ele usa. Não foi desse modo que ele se aproximou de Eva. Ele "enganou" Eva, ele a seduziu. Um leão a rugir não atrai ninguém. Mas essa máscara foi tirada, e ele agora vem da maneira mais plausível, mais agradável, mais atraente que se pode conceber. Vem como amigo, como alguém que está aí para lhe oferecer ajuda. Ouça-o falar com Eva: é verdade que Deus disse que não podeis comer dessa tal árvore da ciência do bem e do mal? Ah, muito bem, naturalmente sabeis por que Ele disse isso, Ele quer manter-vos inferiorizados; Ele não quer que venhais a ser aquilo de que sois capazes; Ele sabe que, se comerdes daquela árvore, ficareis sendo como Ele; e Ele não quer que aconteça isso. Esse é o problema com Deus — Ele sempre quer que a gente fique por baixo. Não deis ouvidos a isso, expressai-vos livremente, firmai-vos sobre os vossos próprios pés. Foi assim que o diabo seduziu Eva. Às vezes ele vem em sua mais sedutora forma e como o nosso maior amigo.

Outro método empregado por ele é o da insinuação. Segundo este modo de agir, ele não diz nada diretamente; ele sugere, insinua a idéia. Ele se aproximou do nosso Senhor e disse: "Se tu és o Filho de Deus..." Ele não disse com palavras concretas

que Jesus não era o Filho de Deus; mas podemos notar a implicação: “Se tu és o Filho de Deus.” Na tentação ocorrida no deserto há um misto de sedução e insinuação.

Assim o diabo pode vir a você e dizer-lhe: se creres no evangelho e te fizeres cristão, estarás fazendo de ti um tolo; as pessoas vão rir de ti; vais estragar a tua carreira... Ele seduz e insinua. Essa é um forma muito sutil de ataque, empregada com muita freqüência pelo diabo.

Entretanto, como o apóstolo no-lo faz lembrar, às vezes ele se desfaz de todos estes truques e a máscara agora utilizada ou a maneira como se disfarça é a de “um anjo de luz”. Aí ele vem como quem tem autoridade quanto à verdade; ele vem citando as Escrituras, e nas tentações do nosso Senhor no deserto o diabo citou as Escrituras, como alguém que as conhece. Assim ele virá a nós como quem deseja esclarecer-nos sobre as Escrituras. Antes talvez ele tenha feito o máximo, como leão a rugir, para manter-nos completamente fora da vida cristã; agora ele vê que isso não funciona mais conosco e então dispensa todos os outros métodos e vem como um anjo de luz que se oferece para conduzir-nos a verdades mais profundas que ninguém jamais viu antes. É isso que ele sempre fez com todos os hereges. Ele se aproxima de nós como alguém que está desejoso de que repudiemos os pontos externos e cheguemos às coisas realmente profundas, coisas centrais, que as outras pessoas lamentavelmente deixaram de lado. Os homens que estavam perturbando Paulo e a igreja de Corinto nada eram, senão instrumentos do diabo, que se manifestava desse modo. Eles diziam, a respeito de Paulo: “a presença do corpo é fraca, e a palavra desprezível” (2 Coríntios 10:10). Causa-nos espanto, diziam eles noutras palavras, que ele deu tanta atenção ao diabo. Ele não sabe nada mais do que os pontos mais elementares, e ignora as verdades profundas. Eis a resposta de Paulo: ensinei-lhes os elementos básicos porque eram carnais, eram crianças; não estavam aptos para mais do que isso; eu sabia o que estava fazendo (1 Coríntios 1:1 ss).Mas aqueles outros mestres diziam exatamente o oposto. Vinham como “anjos de luz” que iriam levar as pessoas diretamente para as profundezas da verdade; não iam perder tempo desenvolvendo paulatinamente estas coisas, edificando as pessoas, tratando-as primeiro como “bebês”, depois como “crianças”, depois como “jovens”, e assim por diante. Não faziam como João costumava fazer, e como Paulo sempre fazia, e como faz a Epístola aos Hebreus (Hebreus 5:11-14). Com um grande salto eles podiam levá-las a toda a verdade! Foi essa a maneira pela qual muitas heresias surgiram; foi assim também que muitas seitas tiveram sua origem.

Outra maneira adotada pelo diabo, outra máscara utilizada por ele — e é uma das mais astutas — é que ele se oculta completamente e ridiculariza toda e qualquer idéia de que existe diabo ou de que existem seres tais como “principados e potestades”. Não há somente muitas

pessoas do mundo que não acreditam na realidade das coisas que estamos considerando aqui, mas, infelizmente, também há muitos membros de igreja que não acreditam. Está em andamento uma proposta para que se corrija um catecismo cristão bem conhecido, e se retire dele toda menção do diabo.

O diabo está no auge da sua esperteza quando persuade pessoas de que não existe diabo algum. A dissimulação é a arte da pesca de anzol. Uma das principais regras da pesca é você ficar fora da vista dos peixes, é disfarçar-se. Atire a linha, e que esta seja comprida, para que o peixe não o veja sentado ou de pé. Esconda-se! Esta é uma das principais regras da pesca de anzol; e o diabo é um escolado mestre nisto. Assim, quando ele consegue persuadir mormente a Igreja de que não existem seres como o diabo, os principados, as potestades e os demônios, tudo vai bem, segundo o seu ponto de vista. Ela é embotada e iludida; fica adormecida e totalmente inconsciente do conflito.

Finalmente, às vezes ele aparece como um mentiroso descarado, negando a verdade, proferindo mentiras, "dizendo falsidades". Em certo sentido, tudo que estivemos considerando é o que eu denominaria Prolegômenos da História da Igreja, uma introdução da história da Igreja cristã. Por que a história da Igreja é o que é? Por que os chamados "pais" tiveram que convocar aqueles concílios da Igreja? Por que tiveram que redigir as suas confissões e os seu credos? Estas coisas foram as respostas da Igreja às manifestações das ciladas do diabo que tinham alcançado sucesso porque alguns elementos do povo de Deus não tinham prestado atenção ao ensino da Palavra de Deus e não o tinham compreendido.

Prosseguiremos numa posterior consideração disto; e progressivamente o aplicaremos a nós mesmos, pessoalmente. Enquanto isso, se algum de vocês ficar desanimado, deprimido ou cheio de terror e espanto, em decorrência das ciladas do diabo, será porque está entendendo de maneira gravemente errônea o ensino do apóstolo. É certo que as astutas ciladas do inimigo existem realmente, mas "Fortalecei-vos no Senhor e na força do seu poder. Revesti-vos de toda a armadura de Deus." Se vocês fizerem isso, não terão nada que temer, serão capazes de "resistir no dia mau e, havendo feito tudo, ficar firmes."

HERESIAS

Vimos que o diabo nunca é tão sagaz, e nunca é tão vitorioso como quando consegue persuadir as pessoas de que ele não existe! Isso, como temos sugerido, foi sua suprema obra prima no passado, e certamente faz parte do nosso problema atual. A tendência agora é dizer que não devemos falar sobre "o diabo", mas unicamente sobre "o mal". Não devemos dizer às pessoas que "renunciem às obras do diabo", e sim que devem "resistir ao mal". Noutras palavras, a tendência geral hoje é dizer que a nossa luta é unicamente contra um princípio do mal existente em nós e nos outros, e talvez no próprio ambiente em que nascemos. Mas não se considera "coerente com o conhecimento moderno" acreditar ainda num diabo pessoal. Nem sequer devemos atribuir realidade positiva a esse princípio do mal. O que tem sido chamado "mal", dizem-nos, é simplesmente a ausência de boas qualidades, e não uma coisa em si mesma positiva!

No entanto, toda a ênfase dada pelo apóstolo aqui recai no diabo como pessoa. Um princípio não pode ser astuto. Só uma pessoa pode ser astuta. "As astutas ciladas do diabo!" O objetivo do apóstolo é dizer-nos que não estamos lutando apenas contra carne e sangue, apenas contra algum princípio, positivo ou negativo, dentro de nós como homens e mulheres. Ele se esforça para dizer que é uma coisa totalmente diversa. Ou, se quiser, o que ele diz é exatamente o oposto daquilo que está sendo ensinado comumente nos dias atuais.

Alguém, porém, poderá perguntar: "Que importância há em crer num diabo pessoal ou não?" A resposta é que com toda a certeza o apóstolo nos assegura que estamos lutando contra personalidades e "espíritos" do mal, contra "os governadores das trevas" deste mundo, não contra "as trevas", e sim contra "os governadores" das trevas. Todo o seu objetivo é fazer-nos ver que não devemos iludir-nos nesta questão, mas devemos dar-nos conta da existência destes seres, destas personalidades espirituais, chefiadas pelo próprio diabo, que estão movendo uma terrível, astuta e inclemente guerra contra Deus e contra todo o Seu povo. Não se trata de opinião, não é questão de acomodarmos o nosso ensino, adequando-o à mente moderna e ao conhecimento

e entendimento modernos; se você não crer que o diabo é uma pessoa, estará não somente rejeitando o ensino do apóstolo Paulo, mas estará rejeitando o ensino do próprio Senhor Jesus Cristo!

O problema que aqui se levanta primariamente é o problema da revelação. Acaso o apóstolo Paulo era apenas uma criatura do seu tempo, ou lhe foi dada esta revelação pelo Senhor Jesus Cristo mediante o Espírito? O Senhor Jesus mesmo, foi apenas uma criatura do Seu tempo? Obviamente Eíe acreditava na existência de um diabo pessoal, e nestes poderes. Ele Se dirigia aos demônios tratando-os como

pessoas, dizendo: “Sai” (cf., por exemplo, Lucas 4:35). Não se pode dizer isso a um princípio! Você não pode descartar-se, por assim dizer, do diabo daquela maneira; ao mesmo tempo estará negando o Senhor Jesus Cristo. Estará dizendo que está numa posição superior à dEle, que o seu conhecimento é maior, que você tem maior capacidade de compreensão. Estará envolvido em toda a questão de revelação e autoridade.

Esta digressão é importante, pois o que compete à pregação é relacionar os ensinamentos das Escrituras com o que acontece em nossos dias; e se este ensino registrado em Efésios é verdadeiro, não há nada mais perigoso do que substituir o diabo pessoal por um princípio do mal! Tudo quanto constitui a nossa fé, em última análise, está envolvido na questão. O problema com os críticos é que, na verdade, eles não acreditam no reino espiritual. Muitos deles são igualmente vacilantes, como já mostrei, quanto à Pessoa do Espírito Santo. Vêem-nO apenas como um princípio, um poder, uma influência. Há, de fato, hoje em dia, uma fundamental falta de crença no reino espiritual e na realidade destas personalidades espirituais. Nunca antes houve uma época em que fosse mais necessário considerar cuidadosamente o que o apóstolo tem para nos ensinar, e o que todos os livros da Bíblia nos ensinam, com respeito às “astutas ciladas do diabo”.

Tendo examinado as ciladas em geral, devemos agora particularizar mais a nossa abordagem. Aqui tomo a dividir o enfoque do assunto em duas divisões principais. Primeiro devemos considerar a atividade do diabo em geral, e depois, detalhadamente, pois é evidente que há certas atividades do diabo descritas nas Escrituras e que se vêem claramente na história da Igreja através dos séculos, e na Igreja hoje. Estas divisões, por sua vez, podem ser subdivididas em estratégia e tática. É a mesma classificação utilizada nas ações bélicas militares.

Começamos com estas generalidades, com estas questões de ampla estratégia. Tem havido certos movimentos iniciados pelo diabo que têm afetado a vida da Igreja em geral e que, por seu tumo, têm afetado a vida de crentes individuais no seio da Igreja. Na verdade estamos

envolvidos precisamente nestas coisas no presente. “Prevenir-se é armar-se”, ou seja, “um homem prevenido vale por dois.” Usemos de novo a analogia dos problemas internacionais. A última guerra mundial sobreveio à Inglaterra repentina e inesperadamente porque o povo não quis encarar os fatos, porque quase todos criam e apoiavam o apaziguamento, a concessão disto e daquilo, dizendo que não poderia haver guerra outra vez, e que duas guerras mundiais não ocorreriam dentro de um quarto de século! A Inglaterra teimou em recusar-se a encarar os fatos simples e claros da situação internacional. Os homens queriam ser felizes e divertir-se, e repudiavam o homem que insistia em advertir-nos, chamando-lhe “fomentador da guerra”, “pessoa difícil” com quem ninguém conseguia trabalhar, um

"individualista". Precisamente a mesma coisa, ao que me parece, está acontecendo no campo do espiritual hoje. O povo diz: "Não seja negativo; sejamos positivos; vamos somente pregar o evangelho simples." Mas a Bíblia está repleta de negativas, de advertências, sempre nos mostrando estas possibilidades terríveis. Se você descobrir que não gosta das advertências das Escrituras e deste ensino negativo, é óbvio que você foi logrado pelas astutas ciladas do diabo. Você não compreendeu a situação em que se acha.

Os movimentos a que me refiro poderão ser mais bem classificados e estudados seguindo as linhas subseqüentes. Começamos com heresias dentro da Igreja, causadas e apresentadas pelo diabo e seus poderes. Não estou interessado em entrar em minudências sobre as heresias; simplesmente me interessa salientar o fato das heresias, o fato de movimentos dentro da vida da Igreja que tantas vezes levaram a problemas terríveis e produziram um estado de caos.

Heresia é "a negação de uma doutrina cristã definida e estabelecida, ou uma dúvida concernente a ela." Há diferença entre heresia e apostasia. Apostasia significa "abandono da verdade cristã". Pode ser uma renúncia total a ela, uma negação total dela, ou pode ser uma falsificação tão grande dela que acaba sendo uma rejeição da verdade toda. Todavia a heresia tem escopo mais limitado. Ser réu confesso de heresia, ser herege, significa que no principal a pessoa sustenta as doutrinas da fé cristã, porém tende a andar errado nalguma doutrina ou nalgum aspecto particular da fé. O próprio Novo Testamento nos mostra com clareza que esta tendência para a heresia já tinha começado nos dias da Igreja Primitiva. Vocês não notaram como são freqüentes as referências a estas coisas nas epístolas do Novo Testamento? Dificilmente haverá uma delas que não inclua a menção de alguma heresia particular que estava começando a penetrar e tendia a ameaçar a vida de alguma igreja. Vê-se isto nesta Epístola aos Efésios; talvez

isso esteja mais evidente na Epístola aos Colossenses, onde certas tendências heréticas estavam entrando por meio da filosofia e por outros meios. Vê-se isso igualmente nas epístolas a Timóteo.

Pode-se descobrir heresia incipiente desde os primeiros dias. Há um inimigo que vem e semeia joio. Não vou aplicar essa parábola detalhadamente, vou usá-la como uma ilustração para mostrar o tipo de coisa que estamos considerando. Naturalmente, o objetivo do inimigo é perturbar a vida da Igreja, abalar a confiança do povo cristão, destruir a obra de Deus em Cristo. Em certo sentido as epístolas foram escritas para contrapor-se a estes males. A ameaça já se fazia presente em muitas e diversas formas, pois antes de encerrar-se o Novo Testamento, todas as heresias mais perturbadoras estavam começando a pôr as mangas de fora na Igreja Primitiva.

Mas a partir do segundo século da era cristã o mal foi se tomando mais evidente, mais patente. O fato puro e simples é que durante vários séculos a Igreja cristã

esteve literalmente lutado por sua vida. Com a conversão e a entrada dos que tinham sido instruídos na filosofia grega e nos seus respectivos ensinamentos, surgiram imediatamente todos os tipos de perigos, e tão grande foi ficando o perigo que chegou a ameaçar a sobrevivência da Igreja em geral. Pessoas que se diziam cristãs e se moviam na esfera da Igreja começaram a propagar ensinamentos que negavam a verdade cristã. A ameaça se avolumou tanto, que os líderes das igrejas constituíram certos grandes concílios com o fim de definirem a fé cristã. Seu objetivo era identificar e assinalar bem as heresias e proteger as pessoas para não lhes darem crédito. Tal confusão havia se estabelecido que as pessoas não sabiam o que era certo e o que era errado. Assim os líderes se reuniram nestes grandes concílios e promulgaram seus famosos credos, como O Credo de Atanásio, O Credo Niceno e O Credo Apostólico.

Estes credos foram tentativas, da parte da Igreja, de definir e firmar o que é verdadeiro e o que não é. E deste modo eles puderam assinalar certos mestres como hereges e excluí-los da vida da Igreja cristã. A confusão que levou à redação dos credos foi uma grande manifestação das astutas ciladas do diabo. E hoje há muitos que recitam esses credos em suas igrejas todos os domingos, e depois, nas conversas, dizem-nos que aquilo em que nós cremos não tem a mínima importância — "creia em qualquer coisa que for do seu gosto"! Contudo, os credos são um permanente lembrete para nós das astutas ciladas do diabo, neste aspecto.

Igualmente, durante o importante período da Reforma Protestante, os diferentes ramos da Igreja reformada redigiram suas confissões de fé, tais como a Confissão Belga, a Confissão de Augsburg, o Catecismo

de Heidelberg, e neste país os Trinta e Nove Artigos da Igreja da Inglaterra. No século subseqüente teólogos protestantes se reuniram na Abadia de Westminster, em Londres, a partir de 1643, e finalmente produziram A Confissão de Fé de Westminster. Com que propósito? Faço esta pergunta porque vivemos numa época em que muitos dizem: "Naturalmente estas coisas não têm a mínima importância, não são relevantes para nós." Estou tentando mostrar sua imensa importância, sua extrema relevância na época atual. As confissões foram redigidas pelas mesmas razões que nos primeiros séculos eram válidas. Líderes da Igreja, dirigidos pelo Espírito Santo e por Ele iluminados, viram com muita clareza que seu principal dever era estabelecer claramente e registrar o que é verdadeiro e o que não é. Em parte eles tiveram que definir sua fé contrariamente ao catolicismo romano. E não só isso, mas também contra certas heresias que tendiam a sugir entre eles mesmos. Assim produziram suas grandes "confissões" — que, em certo sentido, nada mais eram que os credos, mais uma vez — com o fim de darem ao povo luz, direção e instrução com respeito ao que devia crer.

Poderá haver alguém que, neste ponto, pense: "Bem, realmente, que é que isso tudo

tem que ver comigo?" Sou uma pessoa simples, membro de uma igreja, e a vida é muito difícil. Que é que tudo isso tem a ver comigo? Ou talvez haja alguém que se acha em convalescença de alguma enfermidade e diga: "Bem, eu esperava receber uma palavra de conforto, alguma coisa para fortalecer-me na caminhada, alguma coisa que me deixasse um pouco mais alegre; que é que essa coisa toda de credos, confissões e ciladas do diabo tem que ver comigo?" Se você se sente assim, a verdade é que o diabo o derrotou. Diz o apóstolo Paulo: "Não vos enganeis: as más conversações corrompem os bons costumes" (1 Coríntios 15:33). Ele quer dizer que ensino errado é de-sesperadamente perigoso. Nessa passagem ele está tratando do grande tema da ressurreição, tem seu interesse posto nessa doutrina, e diz: não cometam engano sobre isto; não é coisa indiferente se vocês crêem na ressurreição física e literal ou não. "Ah", você alega, "mas eu sou homem prático, homem de ação, não estou interessado em doutrina, não sou teólogo, não tenho tempo para estas coisas. Tudo que eu quero é alguma coisa que me ajude a viver minha vida diária." Entretanto, de acordo com o apóstolo, você não pode separar estas coisas; "as más conversações" — ensino errado, pensamento errado, crença errada — "corrompem os bons costumes". Isso afetará a totalidade da sua vida.

Uma das primeiras coisas que você deve aprender nesta vida cristã e nesta guerra é que, se você estiver errado em sua doutrina, estará errado em todos os aspectos da sua vida. Provavelmente estará errado em sua prática e em sua conduta; e certamente estará errado em sua

experiência. Por que será que as pessoas são derrotadas pelas coisas que lhes acontecem? Por que será que algumas pessoas ficam totalmente prostradas se adoecem, ou se alguém que lhes é caro adoece? Eram cristãos estupendos quando tudo ia bem; o sol brilhava, a família estava bem, tudo era perfeito, e a impressão que dava era que eles eram os melhores cristãos da região. Mas, de repente, há uma doença, e eles parecem ficar destroçados, ficam sem saber o que fazer e para onde ir, e começam a duvidar de Deus. Dizem eles: "Nós vivíamos a vida cristã, orávamos a Deus, e tínhamos confiado nossas vidas a Deus; mas vejam o que está acontecendo. Por que deveria acontecer isto a nós?" Começam a duvidar de Deus e de todos os Seus amorosos procedimentos para com eles. Essas pessoas precisam é de "um pouco de conforto"? Precisam da Igreja simplesmente como uma espécie de so-porífero ou tranqüilizante? Precisam apena de algo que as faça sentir-se um pouco mais contentes e com o fardo um pouco aliviado quando estão na igreja?

O real problema delas é que lhes falta compreensão de fé cristã. Elas têm um noção completamente inadequada do que significa o cristianismo. Eis sua idéia do cristianismo: "Creia em Cristo, e nunca mais você terá qualquer outro problema ou dificuldade; Deus o abençoará, nada estará errado com você; ao passo que as Escrituras mesmas ensinam que "por muitas tribulações nos importa entrar no reino

de Deus" (Atos 14:22), ou, como o apóstolo o expressa noutro lugar, "em nada vos espanteis dos que resistem, o que para eles, na verdade, é indício de perdição, mas para vós de salvação, e isto de Deus. Porque a vós foi concedido, em relação a Cristo, não somente crer nele, como também padecer por ele" (Filipenses 1:28-29). O Senhor Jesus diz: "no mundo tereis aflições, mas tende bom ânimo, eu venci o mundo" (João 16:33). Não existe nada que seja tão errôneo e tão completamente falso como não perceber a importância primordial da doutrina verdadeira. Olhando para trás, para ver a minha experiência de uns trinta e quatro anos como pastor, posso testificar, sem a mais ligeira hesitação, que as pessoas que mais frequentemente vi com problemas em sua experiência espiritual foram aquelas às quais faltava entendimento. Não se pode separar estas coisas. Andaremos erradamente nas esferas da vida e da experiência práticas se não tivermos um verdadeiro entendimento.

Se você cair numa heresia, se estiver errado nalgum ponto, se, por exemplo, você acreditar — dou um exemplo de passagem — "que a cura está na expiação", que nunca é da vontade de Deus que algum dos Seus filhos fique doente, que é sempre da vontade de Deus que todos os Seus filhos gozem boa saúde, e que nenhum cristão jamais morra de

doença...; se você acreditar nisso, e então se vir a si próprio, on se vir alguém que lhe é caro atingido por uma doença incurável e mortal, você se sentirá miseravelmente infeliz. Provavelmente alguns lhe dirão: "Há alguma coisa errada com a sua fé, você está falhando nalgum ponto, você não está realmente crendo como devia", e você se verá lançado nas profundezas do desespero, da miséria e da infelicidade. Ficará deprimido em sua vida espiritual e sairá em busca de conforto aqui e ali. Essa condição da pessoa se deve ao erro ou à heresia concernente a uma doutrina central. Alguém introduziu na fé cristã algo que na verdade não lhe pertence.

Nada é mais urgentemente importante, quer pensemos em nós em particular, quer na Igreja em geral, do que estarmos advertidos das heresias. Vejam o Novo Testamento, vejam a história da Igreja cristã, ou vejam a experiência cristã individual, e verão que a verdadeira doutrina cristã é sempre urgentemente importante. É de suma importância para toda a vida da Igreja. O Espírito Santo é o poder atuante na Igreja, e o Espírito Santo jamais honrará coisa alguma senão a Sua Palavra. Foi o Espírito Santo quem nos deu esta Palavra. Ele é o seu Autor. Não é dos homens! Tampouco a Bíblia é produto da "came" e do "sangue". O apóstolo Paulo não estava simplesmente dando expressão ao ensino contemporâneo, nem aos seus pensamentos pessoais. Diz ele, "recebi... pela revelação" (Gálatas 1:12). Esta lhe foi dada, foi-lhe dada pelo Senhor, pelo Senhor ressurreto, mediante o Espírito Santo. Por isso estou argumentando no sentido de que o Espírito Santo não honrará nada, senão Sua Palavra. Portanto, se não crermos e não aceitarmos Sua Palavra, ou se de algum

modo nos desviarmos dela, não teremos direito de esperar a bênção do Espírito Santo. O Espírito Santo honrará a verdade, e não honrará outra coisa. Seja o que for que fizermos, se honrarmos esta verdade, Ele não nos honrará.

Seguramente este é um dos maiores problemas da Igreja no presente momento. Todos sabem muito bem que a Igreja carece de poder. Os líderes estão tentado encontrar a causa disto com o fim de poderem descobrir a maneira de ministrar-lhe a cura; e, ao que parece, todos estão chegando concordes a uma só conclusão, a saber, que a causa da nossa falta de poder se acha em nossas divisões. Por isso, todos devemos unir-nos. Esse é o argumento. A Igreja dividida é a causa do problema e, portanto, o argumento decorrente é que se tão somente nos unirmos, seremos abençoados, obteremos o poder que nos falta, e coisas tremendas acontecerão. Mas, como haveremos de nos reunir? Um crê nisto, outro naquilo. O maior problema, dizem-nos, é que alguns dão demasiada ênfase àquilo em que crêem. Com certeza, dizem eles, devemos reconhecer que a coisa que importa é que existem

grandes inimigos comuns, o comunismo, por exemplo, e assim todos devemos juntar-nos, todos os que se chamam cristãos de qualquer tipo e forma. Somos todos um; por que dividir-nos acerca destas coisas? Devemos unir-nos e permanecer unidos como cristãos, e então teremos poder.

Lemos escritos sobre estas coisas constantemente nos jornais. Alguns estão alegres porque o protestantismo e o catolicismo romano estão se aproximando cada vez mais um do outro. “Que importa o passado?”, dizem eles; “tenhamos o espíritos correto, juntemo-nos, todos nós, e não nos preocupemos com estas particularidades.” Tenho só um comentário para fazer sobre esta questão, e o faço com pesar. Para mim, toda essa prosa é pura e simples negação do claro ensino do Novo Testamento, negação dos credos e confissões, e da Reforma Protestante! Além de ser uma negação da verdade, é um pensamento carnal. De acordo com o ensino da Bíblia, só uma coisa importa — a verdade. O Espírito Santo não honrará coisa alguma, exceto a verdade, a Sua verdade. Esta Ele honrará.

Para mim, a coisa mais maravilhosa nisso tudo é que, no momento em que chegamos a essa conclusão, percebemos que, em certo sentido, nada mais importa. Os números certamente não importam. No entanto, hoje o argumento que prevalece é o que exalta os números. Se tão somente nos juntássemos e formássemos uma gigantesca igreja mundial! Alguns ampliam a idéia ainda mais, abrangendo todos os que acreditam em Deus de qualquer modo. Falam dos sinais de “discernimento” do maometanismo, do hinduísmo e do confucionismo, e sonham com a união de todos os que crêem em Deus contra um comunismo sem Deus, ateísta. A época atual, dizem eles, não é ocasião para nos dividirmos por causa destas pequenas e irrelevantes diferenças de crença, cujo resultado é dividir nossas forças e tomar-nos ineficientes. Só posso comentar: que trágica falácia! Que trágica incapacidade de compreender o ensino

básico e elementar que nos é dado nesta passagem de Efésios sobre as astutas ciladas do diabo!

Para explicar melhor esta questão, utilizo uma analogia que me parece apropriada à época atual. Não me interessa o seu aspecto político; vejam as condições atuais do Partido Trabalhista na Inglaterra. O povo diz: "Não há oposição hoje, não há oposição a sua majestade." Isto se deve, dizem, ao fato de que os membros do partido estão divididos em grupos e facções. Discutem uns com os outros e não terão peso nenhum enquanto não resolverem as suas diferenças internas e todos falarem com uma só voz. Pois bem, quando se trata de um partido político, isso é absolutamente certo. Os partidos políticos nada podem fazer se não tiverem a maioria. Os partidos políticos funcionam em

termos do regime da maioria. Por mais certo que seja o que eles crêem, se não puderem controlar os votos, não poderão formar o governo; de fato, ficarão govemamentalmente paralisados. Obviamente, terão que andar juntos e tentar conseguir unidade para poderem controlar os votos e aumentar a possibilidade de compor um governo.

Contudo, este argumento não é apenas errado, é perigosamente errado se o relacionarmos com a esfera da fé cristã. Toda a Bíblia dá testemunho contra ele. As glórias da história da Igreja protestam em alta voz contra ele. A posição cristã é inteiramente diversa. Segundo esta posição, não se começa contando cabeças, não se está primariamente preocupado com números e multidões. Não se pensa desse modo. Êstá-se num domínio inteiramente diferente. Aqui, a única coisa em que se pensa primordialmente é na sua relação pessoal com Deus! Contrariamente à fé moderna nos números, devemos dizer à semelhança de um americano do século passado, William Lloyd Garrison: "Com Deus, um é maioria". Deus veio até nós, o eterno, o todo-poderoso, o sempitemo Deus! O que importa é o poder de Deus. E no momento em que nos damos conta disso, a questão de números, quanto aos homens, passa a ser relativamente irrelevante e sem importância.

Nada importa, na esfera espiritual, exceto a verdade, a verdade dada pelo Espírito Santo, a verdade que pode ser honrada pelo Espírito Santo. Haverá alguma coisa mais gloriosa em todo o Velho Testamento do que a maneira pela qual este grande princípio se destaca? Muitas vezes Deus usou só um homem ou apenas dois ou três, contra hordas e multidões. Haverá algo que mais alegria nos dê que a doutrina dos remanescentes? Enquanto a maioria se perdia no erro, um ou dois, aqui e ali, viam a verdade. Veja-se um homem como Jeremias. Todos os falsos profetas estavam contra ele. Ali estava um homem que se via só. Pobre Jeremias - como ele detestou isso e como se aborreceu! Não lhe agradava ser impopular, ficar só contando consigo próprio e ser ridicularizado, escarnecido e cuspido, por assim dizer; mas ele tinha a verdade de Deus e, assim, suportou tudo. Às vezes ele pensava em não dizer

nada, mas a palavra ardia como fogo em seus ossos, e ele tinha que sair e falar. Calúnias e abusos se amontoaram sobre ele, mas isso não importava; ele era um arauto de Deus e um representante de Deus. Semelhantemente, Moisés teve que ficar sozinho quando desceu do monte onde se encontrara com Deus. Ficar isolado dos companheiros, mas com Deus, é de muitos modos a grande doutrina do Velho Testamento. E também o Novo Testamento a salienta.

Porventura, não é espantoso que as pessoas esqueçam as Escrituras e a história passada? Vejam a Igreja Cristã Primitiva. Do ponto de vista da argumentação moderna, a situação era ridícula. O Filho de Deus

regressa ao céu e deixa a Sua causa nas mãos de doze homens! Quem são eles? Ninguém tinha ouvido falar deles. Sobre as autoridades de Jerusalém se nos diz que estas notaram que eles eram "homens sem letras e indoutos" (Atos 4:13). Incidentalmente acrescentam que "eles haviam estado com Jesus." Elas não viam o sentido daquela comunidade. O que viam eram homens iletrados e ignorantes, e apenas um punhado deles! Apenas um punhado de homens num grande mundo pagão, com todos os judeus contra eles, e todas as autoridades! Tudo na terra era contra eles.

Não entendo a mentalidade que prevalece na Igreja cristã hoje, que afirma que todos devemos juntar-nos e eliminar as nossas diferenças; e que não importa aquilo que em que cremos. Isso é uma negação do livro de Atos dos Apóstolos e da história dos doze homens incultos, ignorantes e iletrados que sabiam em quem tinham crido, tinham sobre si o poder do Espírito e tinham "alvoroçado o mundo" (Atos 17:6). Certamente aí está uma das mensagens centrais da Bíblia. O grande interesse das epístolas do Novo Testamento não está no tamanho da Igreja; está na pureza da Igreja. Os apóstolos nunca disseram aos cristãos primitivos: "Estão provocando a antagonismo dos ouvintes com a ênfase que dão à doutrina. Falem mais do amor de Deus e menos da Sua ira. Eles nem mesmo gostam da cruz, e não suportam a narrativa da ressurreição! Larguem essa conversa sobre a ira de Deus e sobre o ensino ético de Cristo!" Não era assim que os apóstolos falavam!

Há no Novo Testamento uma espantosa exclusividade. Escrevendo aos gálatas, diz o apóstolo Paulo: "Ainda que nós mesmos ou um anjo do céu vos anuncie outra evangelho além do que já vos tenho anunciado, seja anátema" (Gálatas 1:8). "O meu evangelho", declara Paulo escrevendo a Timóteo (2 Timóteo 2:8). Ele denuncia outros mestres. Quantos pregadores modernos são mais gentis que o apóstolo Paulo! Nunca dizem uma palavra contra ninguém, elogiam toda gente e são elogiados por todos. Nunca são "negativos"! Nunca definem o que crêem e o que não crêem. Fala-se deles como "cheios de amor". Não os julgo mal quando digo que a explicação não é essa. A explicação é que eles não "combatem pela verdade", são ingênuos quanto às "ciladas do diabo". Não nos compete decidir o que deixar passar

e o que eliminar em prol da unidade. O que me cabe é expor esta verdade, declará-la — venha o que vier! Não devemos estar interessados primariamente em números, devemos interessar-nos pela verdade de Deus. Por que será que tanta gente hoje nega a glória da Reforma Protestante? Martinho Lutero — um homem contra a igreja católica toda — seria despachado hoje como "um individualista que jamais coopera". Mas ele se levantou e disse algo semelhante a isto: "Eu estou certo, e vocês todos estão errados!"

Sem perceberem, os modernistas estão mandando embora Lutero como tolo, e como um tolo arrogante, porque permaneceu só. Contudo, porque permaneceu só? Há uma única resposta. Ficou sozinho porque tinha enxergado a verdade de Deus e tinha conhecido e experimentado a libertação que ela traz. Ele tinha visto a luz e também tinha sido despertado para as "astutas ciladas do diabo. " Quando alguém enxerga esta verdade, fica sem escolha. Não se obriga a permanecer só. Nem sequer deseja isso; porém não consegue agir doutro modo. Como disse Lutero: "Aqui permaneço, não posso fazer outra coisa. Assim, Deus me ajude!" E Deus o ajudou. Claro que o ajudou! Deus sempre honra a Sua verdade e o homem que a defende. Por certo esse homem enfrentará crítica, sarcasmo e zombaria; muita lama será atirada nele. Mas isso não importa. O homem que permanece firme e que está pronto a morrer pela verdade de Deus, terá "a paz de Deus, que excede todo o entendimento" em seu coração e em sua mente. Ele dirá com o apóstolo Paulo: "Posso todas as coisa naquele que me fortalece". Saberá "estar abatido" e "ter abundância", estará capacitado "tanto a ter fartura, como a ter fome, tanto a ter abundância como a padecer necessidade" (Filipenses 4:7,13,12). Será capaz de perseverar em seu caminho com serenidade e firmeza, sabedor de que Deus defenderá Sua verdade mais cedo ou mais tarde. Como indivíduo, poderá ser cuspido e espezinhado, e poderá até sofrer morte cruel. No entanto, a verdade de Deus "segue avante!". Ela será vindicada, será honrada pelo Espírito; e esse homem sabe que finalmente, além deste mundo temporário e passageiro, ouvirá palavras as mais gloriosas que homem algum jamais antes ouviu: "Bem está, servo bom e fiel" (Mateus 25:21). Não há nada que sobrepuje isso — o Deus todo-poderoso e o nosso bendito Senhor a fitar-nos e a nos dizer: "Embora estivesses no meio de total confusão, pregaste a verdade; permaneceste firme por ela, apesar de tudo — fizeste bem!"

As heresias sempre resultaram das ciladas do diabo, dos esforços dos principados e potestades. Seus olhos estão abertos para isso? Você se dá conta da relevância disso tudo para você como membro da Igreja cristã? Você está sendo arrastado pela prosa frouxa, vaga e sentimental, tão comum hoje? Não permita Deus que algum de nós alguma vez diga que não importa o que se creia, desde que seja cristão. Queira Deus abrir os nosso olhos e, tendo-nos concedido enxergar a verdade, queira Ele capacitar-nos a fortalecer-nos "no Senhor e na força do seu poder". "Revesti-vos de toda a armadura de Deus, para que possais estar firmes contra as astutas ciladas do diabo."

SEITAS

Agora vamos considerar, nesta parte das manifestações das ciladas do diabo, a questão das seitas. Não me proponho examinar as "grandes religiões do mundo", assim chamadas, o maometanismo, o budismo, o confucionismo, e outras, entendendo eu que, na realidade, elas não pertencem a este assunto. Na passagem em foco o apóstolo Paulo está particularmente preocupado com as ciladas do diabo como manifestas contra o povo cristão. Estas outras religiões não têm nenhuma ligação ou relação com o cristianismo. Elas são, por certo, uma manifestação da atividade do diabo em geral, não porém desta atividade particular de que se ocupa o apóstolo aqui. Sem dúvida o diabo persuade as pessoas a crerem nessas religiões, assim chamadas, e com isso as mantém longe de Deus e de Cristo. Mas o que interessa ao apóstolo aqui são as astutas tentações que sobrevêm aos que já são crentes.

Não há dúvida de que muitos que se julgam cristãos, pessoas criadas na Igreja cristã, partiram para esta ou aquela religião do mundo. Na Inglaterra muitos se converteram ao budismo no presente século. Não vou considerá-las. O apóstolo está preocupado com pessoas verdadeiramente cristãs, pessoas regeneradas e conscientes disto. Devemos investigar o modo pelo qual o diabo se aproxima de pessoas verdadeiramente cristãs e, com toda a sua sagacidade, e demonstrando todas as suas artimanhas, lhes apresenta algo que, de início, parece cristianismo, porém que, na realidade, não é. Portanto, damos atenção à questão das seitas. Uma seita, segundo o Mini Dicionário de Oxford *{Shorter Oxford Dictionary*), é "devoção a uma pessoa ou coisa particular dedicada por uma corporação de adeptos". Pode ser devoção, vocês notaram, dedicada a uma pessoa particular. Veremos que isso é sempre importante, com respeito a estes ensinos particulares. É grande o número de seitas — Ciência Cristã, Teosofia, Testemunhas de Jeová, Irmãos de Cristo, Pensamento Positivo, Escola do Cristianismo da Unidade, Antropossofia, Ciência da Mente, Mormonismo, e várias outras. Acresce que existem várias formas de ensino e pensamento psicológico que também são seitas, mas nem sempre têm um nome particular. Às vezes púlpitos tidos como cristãos propagam os seus

ensinos. Podem empregar terminologia cristã, como todas elas tendem a fazer, todavia nada têm a ver com o cristianismo como exposto nas Escrituras.

Também se vêem seitas em várias formas de misticismo. Certamente há um misticismo verdadeiramente cristão, exemplificado no apóstolo Paulo, pois o misticismo cristão insiste em que o homem não deve só ficar preocupado em adquirir uma compreensão intelectual da verdade, entretanto, em acréscimo, deve preocupar-se em ter vivida e vital relação com Deus e com o Senhor Jesus Cristo. O verdadeiro misticismo dá ênfase ao aspecto vivo, experimental e prático da fé cristã e da posição cristã. Se a nossa fé, assim chamada, não leva a algum tipo de experiência, duvido que seja cristã! Nossa fé tem que ser viva, real e experimental.

O perigo é que o diabo pode meter-se neste ponto e fazer do verdadeiro misticismo cristão uma coisa não cristã. Noutras palavras, aventuro-me a fazer a asserção, que posso provar, de que o maior perigo do misticismo é contornar o cristianismo essencial, o que eqüivale a dizer que o sistema e o método místicos ganham tanta importância que o próprio Senhor Jesus Cristo passa a ser relativamente insignificante. Há também vários tipos de misticismo não cristão, alguns com uma mistura de filosofia oriental que tende a ganhar popularidade. A filosofia iogue, pelo que deduzo de algumas publicações, está se tomando cada vez mais popular desta maneira; e há pessoas que estão se interessando por ela e se fazendo seus seguidores.

Se vocês estiverem desejosos de conhecer detalhadamente as seitas, há muitos livros que poderão ajudá-los nisso. Uma brochura intitulada Algumas Crenças Modernas (*Some Modem Faiths)* foi escrita por Maurice C. Burrell e J. Stafford Wright. Há um livro mais volumoso, de autoria de J. Oswald Sanders, cujo título é Heresias e Seitas *{Heresies and Cults),* que é uma edição revista e aumentada da sua obra, Heresias Antigas e Modernas *{Heresies Ancient and Modem),* e um outro intitulado Alguns Modernos Substitutos da Religião *{Some Modem Substitutes for Religion).* Fanatismo Religioso *{Religious Fanaticism) é* uma valiosa obra escrita por Ray Strachey, neta da senhora Hannah Whitall Smith, uma das fundadoras da Convenção de Keswick *{Keswick Convention).* É um livro sumamente interessante, que trata de movimentos religiosos extravagantes que surgiram e se desenvolveram no século passado nos Estados Unidos da América. Eram seitas de vários tipos. Mais eruditos e mais sólidos são os dois volumes produzidos por B.B. Warfield, sobre "Perfeccionismo" *('Perfectionism").* E existem outras obras de valor.

A história passado demonstra claramente que há ocasiões nas quais as seitas são excepcionalmente perigosas. É sempre o que se verifica

nos tempos de crise e de dificuldade, nos tempos de guerra ou de ameaça de guerra. Não é difícil entender por que acontece isto segundo o mero ponto de vista da psicologia. Quando os homens se vêem duramente premidos ou em dificuldade, sempre querem encontrar alívio, ajuda, consolo e orientação. Isso dá oportunidade para as ciladas do diabo na forma de seitas. Naturalmente isso acontece também nos tempos de privação, tristeza ou doença, ou na eventualidade de algum revés na vida, de ansiedade ou preocupação por algum negócio, ou de qualquer coisa que tome difícil a vida para os homens e para as mulheres.

Em tais condições, as seitas tendem a florescer e a prosperar. Na longa história do mundo, nunca houve época, talvez, em que as seitas tiveram maior oportunidade de progredir do que na época atual. Tivemos duas guerras mundiais, e tudo indica que desde a última guerra as condições do mundo têm sido instáveis e incertas, e pesa sobre nós o tempo todo a terrível ameaça de mais uma guerra mundial. A vida se tomou difícil e complexa, trazendo perplexidade e provação, exatamente a

situação propícia para o diabo incentivar estas falsificações da verdade. Portanto, é necessário que o povo de Deus no presente esteja esclarecido sobre estas coisas. Não tenho a intenção de tratar destas seitas uma por uma, pois isso não seria proveitoso. Tratarei delas de modo geral porque há certos princípios que são comuns a todas elas, e veremos nelas um modelo fundamental, a despeito de todas as variações que apresentam. Por conseguinte, se compreendermos os princípios determinantes centrais, deverá ser uma tarefa relativamente fácil aplicá-las às diversas seitas, quando se der o caso de sermos confrontados por elas individualmente.

O modelo fundamental comum a todos é um indício da mão do diabo. Se você procurar, sempre verá sua mão condutora por trás. O diabo não é somente o grande antagonista de Deus; ele falsifica a obra de Deus. Não há nada mais maravilhoso quanto à obra de Deus do que a maneira pela qual podemos ver um modelo comum e fundamental nela. Vemo-Io na natureza, vemo-lo nas obras da providência de Deus. Em todos os aspectos da vida cristã, sempre há evidência de um plano fundamental. Esse plano constitui a teologia. E a mesma coisa vale para a imitação, pois o diabo também tende a fazer tudo da mesma maneira. Ele não usa sempre a mesma cor, nem tampouco assume sempre a mesma forma, porém há invariavelmente o mesmo plano, o mesmo modelo fundamental.

Quais são, pois, estas características comuns? Primeiramente e acima de tudo, todas estas seitas são parecidas com o cristianismo. Se não fossem não haveria perigo, não haveria astúcia. Se fossem contra-

dições óbvias, patentes, francas, ninguém cairia em sua armadilha. Mas o fato é que, se vocês olharem de modo geral e sem crítica, acharão que se parecem extraordinariamente com o cristianismo. Na verdade, muitas vezes elas empregam expressões e terminologia cristãs. Falam de Cristo, das várias bênçãos que vêm através dEle, e assim por diante. E os incautos acham que aquilo deve ser cristianismo. Elas empregam a terminologia cristã, no entanto a esvaziam do seu significado neotes-tamentário. Contudo, os termos continuam ali; e os não iniciados, os principiantes, se enganam completamente. “Isto é cristão”, dizem eles. “Ciência Cristã!” — deve ser cristã, ela se diz cristã e devemos aceitá-la como tal”, e assim por diante!

Outra característica geral é que todas as seitas nos oferecem muitas e grandes bênçãos. Aqui também está uma parte do segredo do seu sucesso. Mas devo acrescentar que elas não oferecem apenas bênçãos; ao que parece, oferecem-nos bênçãos de uma ordem mais maravilhosa do que as bênçãos que a Igreja cristã pode oferecer. A Igreja cristã, em contraste, parece morosa e gasta, desinteressante e nada animadora. Se não fosse esta característica das seitas, nunca teriam sucesso. Elas sabem como apresentar a sua causa. O diabo é um mestre, um perito! Nenhum

outro poder criado no universo sabe tão bem como o diabo fazer um pacote e embrulhá-lo com papel atraente, enfeites e atavios. Isto é uma parte essencial da manifestação das suas “astutas ciladas”.

Um ponto importante é omitido nalguns dos livros que mencionei, e já mesmo nos seus títulos. Devemos fazer clara distinção entre as heresias e as seitas, e pela simples razão de que, por definição, um herege é um cristão professo que está errado com relação a alguma doutrina particular, ao passo que o ponto essencial quanto às seitas é que elas absolutamente não são cristãs, e sim contrafações do cristianismo.

Pela mesma razão há, evidentemente, uma diferença entre um cisma e uma seita, e entre a apostasia e uma seita. No caso de apostasia, vimos que o corpo de doutrina cristã era mantido, mas havia certas coisas acrescentadas que o tomavam nulo e vazio. Entretanto, no caso das seitas, este corpo geral de doutrina não é mantido; as seitas não representam o cristianismo de maneira alguma, de nenhum modo.
Por definição elas não são cristãs.

Outra característica geral de todas as seitas é que sempre os seus adeptos são sinceros. É um grande erro pensar diferentemente. Falando de modo bem geral, um dos seus problemas é que elas têm “zelo” sem “entendimento” (cf. Romanos 10:2); são tão sinceros os sectários que se recusam a pensar, e se deixam levar. Além disso, são entusiastas, são zelosos, são obreiros ativos. Acaso nós, cristãos, não ficamos enver-

gonhados, com freqüência, com o modo como eles demonstram o seu zelo? Eles renunciam a suas tardes de sábado e visitam as nossas casas vendendo livros; andam pelas mas carregando cartazes e se empenham em numerosas outras atividades. E também estão prontos a fazer sacrifícios. Estas características não se limitam às seitas. Vêem-se no comunismo — o mesmo zelo, a mesma sinceridade, o mesmo entusiasmo. Também se acham em muitas religiões falsas. Elas sempre dão a impressão de algo estupendo e maravilhoso que cativa a personalidade toda. Elas exigem uma espécie de lealdade total e sem reservas, por causa do seu caráter maravilhoso e dos resultados que garantem.

Passando agora à crítica e à avaliação, quais são as características que nos habilitam a diferençar entre as seitas e a nossa fé cristã? Os seguintes testes podem ser aplicados a toda e qualquer seita: primeiro, veja-se a questão da sua origem. Quando se defrontarem com uma nova doutrina, as primeiras perguntas que deverão fazer são: donde vem isto? Como começou? Por que, afinal, há uma doutrina como essa? Se lerem a história dos séculos passados, verão que não existiam estas seitas. Verão que geralmente começaram nos Estados Unidos da América. No século passado, subitamente, surgiram estas novas doutrinas. Que aconteceu? De novo, falando em termos gerais, elas começaram como resultado das pretensas "revelações” recebidas por seus fundadores. Também é curiosamente certo, sobre muitas dessas seitas,

não de todas mas de grande parte delas, que ditas revelações foram dadas a mulheres. O que se alega é que repentinamente, num dado momento, esta pessoa recebeu uma revelação direta de Deus e, como resultado desse acontecimento, surgiram um movimento e uma seita.

Assim a pessoa do fundador ou fundadora, a pessoa a quem veio a revelação, é muito importante. Por isso eu gosto da definição que já citei, segundo a qual a seita revela "devoção a uma pessoa particular". O fundador ou fundadora é sempre de grande importância em todas estas seitas — e tem que ser, porque é por meio dele ou dela que os adeptos reivindicam uma autoridade baseada naquela revelação. Outras pessoas não tiveram essa revelação: o fundador ou fundadora é que a recebeu. Portanto, geralmente o ensino do fundador ou fundadora é importante.

Pelo menos num caso vocês verão que os membros da seita não somente alegam que o seu fundador teve uma revelação, mas também que ele descobriu, de maneira maravilhosa, vários documentos que se diz terem sido escritos por Deus ou por anjos. Refiro-me ao mormonismo, cujo fundador afirmava que tinha encontrado documentos escritos em páginas de ouro! Embora estranhamente se pretendesse que estes docu-

mentos foram escritos séculos antes, de fato foram escritos no linguajar dos Estados Unidos da América por volta da década de trinta do século passado! O ponto principal, porém, é que os mórmons afirmam que o Livro de Mórmon foi enviado do céu e escritos não em papiro ou papel comum, e sim em "páginas de ouro"! Não papel comum, mas ouro! Joseph Smith (Junior) os encontrou repentinamente. Estiveram esperando centenas de anos que os achassem, mas este homem foi conduzido miraculosamente a eles e foi orientado no sentido de tomá-los conhecidos! Assim o mormonismo foi lançado ao mundo. Isso ilustra muito bem o que quero dizer quando dou ênfase às "ciladas do maligno" e à maneira pela qual a embalagem é apresentada.

As heresias não começam dessa maneira. No caso de uma heresia, um homem que foi um ardente estudante das Escrituras, e talvez um pregador delas, aos poucos vai-se afastando em sua interpretação. Ele não afirma que recebeu revelação; é questão de interpretação. Assim devemos diferençar entre heresias e seitas. É muito raro o herege dizer que recebeu esta iluminação ou revelação direta do céu. Ele afirma que o seu ensino resulta do seu estudo das Escrituras e que ele o desenvolveu. Todavia, no caso das seitas há sempre este dramático e incomum elemento de revelação divina. Isto faz parte das exageradas reivindicações que as seitas sempre fazem. "Os cristãos comuns", diz o sectário, "simplesmente expõem as Escrituras; qualquer um pode fazer isso. Mas o homem (ou a mulher) que eu estou seguindo teveuma revelação do céu de maneira mais estupenda; por isso ele (ou ela) é a pessoa a quem devemos ouvir." É incomum, é extraordinário; parece entrar ali o

miraculoso. E, naturalmente, é isso que sempre dá tanto ímpeto à doutrina da seita.

Isso leva ao segundo ponto, a saber, que as seitas sempre reconhecem uma autoridade adicional à Bíblia e por essa autoridade são governadas. No caso da Ciência Cristã, é o livro escrito pela senhora Eddy, Ciência e Saúde *(Science and Health),* Foi-lhe dado por uma "revelação"; portanto, só pode ter autoridade! O que aumenta a dificuldade no trato desta matéria é que alguns sectários dizem que crêem na Bíblia, ao passo que outros não, e estes a ignoram totalmente. A maioria deles não ignora a Bíblia; antes essas pessoas afirmam que são fervorosas estudantes da Bíblia. Mas sempre afirmam que têm uma autoridade adicional à Bíblia e que essa autoridade é derivada do fundador — ou dos escritos do fundador, ou das máximas e declarações do fundador registradas. Há uma espécie de corpo de verdades e doutrinas adicionais à Bíblia.

No caso do que se conhece como Adventismo do Sétimo Dia — e aqui se pode duvidar se estamos lidando com uma seita ou com uma

heresia — a autoridade é de uma mulher, a senhora Ellen G. White, que dizia ter sido uma revelação. Os escritos e pronunciamentos da senhora White são fundamentais e determinantes. Estou sabendo que atualmente há um movimento entre os adventistas do sétimo dia que tenta depreciar a influência da senhora White; não obstante, essa influência opera desde o início e, em certo sentido, é básica para toda a posição deles.

Ou as seitas ignoram completamente a Bíblia, ou dizem: "Ah, sim, a Bíblia nos dá a verdade, porém, se você realmente quiser entender a Bíblia, deverá interpretá-la à luz desta revelação que nos veio." Ao falarem assim, por certo se assemelham ao catolicismo romano, que também se arroga esta autoridade extra, esta revelação ulterior. E, na prática, qualquer honra que finjam prestar às Escrituras, sua real autoridade é esta outra, esta extraordinária, nova e direta revelação que lhes foi dada.

Qualquer ensino que nos confrontar deverá ser examinado conforme este segundo princípio. Onde exatamente entra a Bíblia? Qual é o seu conceito da Bíblia? Muitas vezes se verá que elas a deixam de lado completamente, como se jamais tivesse sido escrita. A nova revelação é no final das contas, a sua autoridade. Talvez seja ilustrada mediante a Bíblia; mas aquela autoridade é que importa. Ela não vem da Bíblia, não se baseia nela, não é uma exposição, uma exegese da Bíblia. O que vale é esta outra "revelação", e à Bíblia é dado um lugar subsidiário.

Isso, por sua vez, leva-nos à subseqüente regra geral da crítica, qual seja, que estas seitas invariavelmente se extraviam com relação a certas doutrinas essenciais. Se você tomar as doutrinas principais, fundamentais das Escrituras e, à luz delas, submeter à prova a seita ou doutrina particular, verá que ela está sempre no erro, e

sempre se extravia e sempre nega a verdade vital. As seitas não erram sempre no mesmo ponto, mas isso não as justifica. Há certos absolutos e, errar num absoluto qualquer, é pôr-se fora do cristianismo. Algumas dessas seitas estão erradas sobre a própria doutrina de Deus. Deus é para algumas delas apenas um poder. Muitas delas não acreditam na narrativa bíblica da criação, nem em Deus como o Criador. Crêem nEle como uma grande força viva, não porém como um ser pessoal. Para elas Deus é apenas um poder, uma energia, uma influência. Nem todas pensam assim, mas algumas pensam. Contudo; é quando se aborda a Pessoa e obra do Senhor Jesus Cristo que se vê mais fácil e claramente como elas andam longe em seu extravio. As seitas, em sua maioria, não só vacilam, mas estão completamente erradas sobre a Pessoa do Senhor Jesus Cristo. Com poucas exceções, elas são unitárias; não crêem na completa e genuína deidade de Cristo. Na verdade não crêem na

encarnação e na maravilha das duas natureza numa só pessoa. Para elas, Jesus é um homem justo, o cientista supremo, ou o supremo gênio religioso, o grande mestre. Delas está ausente a glória daquilo que lemos sobre Ele na Bíblia. Elas têm pouco ou nenhum apreço pela Sua obra, principalmente por Sua obra expiatória, como explicarei mais tarde.

Com relação à doutrina do Espírito Santo, ver-se-á a mesma carência. Geralmente O ignoram totalmente. Se é mencionado, não o é como Pessoa. As seitas não se interessam pela doutrina da Trindade, nem se preocupam com ela; não é essencial para a posição delas. Agem noutro nível. Elas têm sua própria fórmula, e para elas só isso importa. Todavia, na Bíblia se vê que a posição trinitária é essencial — Deus o Pai, Deus o Filho, Deus o Espírito Santo. A maior maravilha, com relação à nossa salvação, é a participação que nela têm as três benditas Pessoas da Trindade Santa. Mas nas seitas as três Pessoas ou uma delas podem ser negadas. Falando em termos gerais, o Espírito Santo me aparece.

Além disso, como já indiquei, muitas seitas são por demais incertas quanto à criação. Na verdade, parece que algumas progridem porque *estão* inteiramente erradas no que diz respeito à criação e ao universo material. A Ciência Cristã realmente prospera porque afirma que não existe matéria; e porque não existe matéria, não pode haver doenças e, portanto, não pode existir dor. É porque ela proclama tais absurdos quanto a esses assuntos, para não falar do seu erro total acerca da Pessoa do Senhor Jesus Cristo, cujo Nome ela usa, que afirmamos que o seu uso do termo "Cristã" é uma mentira e uma fraude. Pela mesma razão, as sua supostas curas nada têm a ver com a "ciência" e são puramente psicológicas.

Outra doutrina que é de suma importância quando se avaliam as questões das seitas, é a doutrina bíblica do pecado. A ausência de uma crença no pecado é a característica distintiva das seitas. Foi o que eu quis dizer quando disse que freqüentemente as seitas são apregoadas em púlpitos pretensamente cristãos. Certos

homens se tomaram muito populares com sua pregação de que não existe pecado, que é muito errado falar em pecado, e que a Igreja, pelo fato de pregar uma doutrina do pecado, tem mantido o povo longe da verdade. Em vez de crer no pecado, dizem estes sectários, você deve crer em si mesmo. O "Pensamento Positivo", como lhe chamam, é muito popular na América hoje, e também está sendo apregoado na Inglaterra. Parece uma coisa maravilhosa — "Pecado não existe; você não deve falar contra si próprio, não deve considerar-se inferior. Confie em si mesmo; você é maravilhoso, e só lhe falta compreender isto. O que a Bíblia denomina

pecado é um insulto à humanidade; agora entendemos todas estas coisas psicologicamente."

Nenhuma seita gosta da doutrina do pecado; e isso pelo forte motivo de que você jamais ficará popular, se pregar a doutrina bíblica do pecado. No entanto, as seitas têm que ser populares, pois, do contrário, não poderão ter sucesso. Deus não está nelas e, portanto, alguma coisa terá que mantê-las em movimento. Os homens e as mulheres que as mantêm em movimento fazem isso seduzindo as pessoas, agradando-as e elogiando-as.

Dá-se exatamente a mesma coisa quanto à doutrina da salvação. Obviamente, se os sectários não acreditam no pecado, não se vai esperar que estejam certos acerca da salvação. Eles não crêem que o Filho de Deus veio do céu à terra para levar sobre Si o pecado e sofrer o castigo do pecado. Eles não acreditam em Paulo, quando este diz: "Aquele que não conheceu pecado, o fez pecado por nós; para que nele fôssemos feitos justiça de Deus" (2 Coríntios 5:21). Não acreditam em Pedro, quando este diz: "Levando ele mesmo em seu corpo os nossos pecados sobre o madeiro, para que, mortos para os pecados, pudéssemos viver para a justiça; e pelas suas feridas fostes sarados" (1 Pedro 2:24). Eles não crêem na expiação vicária, substitutiva. Jamais vocês os ouvirão falar dessa doutrina; ela não tem lugar em seu método de salvação. A Bíblia, porém, mostra que ela é absolutamente essencial! O apóstolo Paulo, quando foi a Corinto, disse: "nada me propus saber entre vós, senão a Jesus Cristo, e este crucificado" (1 Coríntios 2:2); e, todavia, as seitas prosperam sem mencionar "Jesus Cristo, e este crucificado"! Elas não acreditam no pecado, não acreditam no caminho da salvação estabelecido por Deus. Negam o elemento mais glorioso da fé cristã, qual seja, que o Filho de Deus foi feito oferta pelo pecado, que Deus lançou sobre Ele as nossas iniqüidades. Vocês nunca ouvirão isso da parte delas; para a posição delas isso não é essencial, pode-se estar certo sem isso. Elas passam por alto a cruz e, por essa razão, nós as marcamos com as marcas de imitações e embustes, e como uma manifestação das "astutas ciladas do diabo". Qualquer coisa que esteja laborando em erro acerca da salvação, e especialmente acerca da crucialidade da cruz, não é cristã, é. apenas uma seita. Por mais que jogue com o nome de Cristo e com a terminologia cristã, e fale sobre amor, é uma completa negação da verdade, é a fraude do diabo.

Por último, vocês verão que é sempre sábio testar as seitas no que diz respeito à oração; porque elas realmente não crêem na oração. Isto não é de admirar, em vista dos seus erros sobre o pecado, a salvação, e sobre as benditas Pessoas da Trindade Santa, e toda a nossa relação com o Pai, o Filho e o Espírito Santo. Elas não sabem coisa alguma

sobre a oração. Sabem unicamente a sua própria fórmula. Nada sabem de uma alma agonizando em oração diante de Deus. Para elas isso é terrível! Nada sabem sobre "esperar em Deus", pelejando em oração, lutando para apegar-se a Deus! Nada disso se vê ali. E, como digo, não é de admirar. Assim, sempre é bom testar as seitas sobre esta questão muito prática da oração. Porventura, crêem de fato na oração, ou apenas acreditam numa coisa que a princípio soa como oração mas que, após uma análise, se vê que não é oração, e sim uma coisa muito diferente?

Compreendi esta distinção uma vez em que ouvi um homem pregar sobre oração. Ele anunciara o título do seu sermão. (Não é difícil achar títulos para os sermões, se estes não são expositivos; é muito difícil se são expositivos.) Este era o título: "Cinco minutos por dia pela saúde". Isso é a oração! O que o homem estava realmente ensinando era uma forma de coueísmo[1], o homem falar consigo mesmo, aplicar auto-sugestão e pensar em coisas belas. Pretendia-se que oração era isso! Tais homens também acreditam na transmissão ou transferência de pensamentos, ensinando que, se alguém tiver belos pensamentos acerca doutra pessoa, isto ajudará essa pessoa a tomar-se bela; ou, se alguém tiver pensamentos de cura acerca de um enfermo, e se muitos pensarem juntos, de algum modo esses pensamentos ajudarão a curar a pessoa enferma. Este elemento semi-mágico é uma curiosa mescla de filosofia oriental, magia e misticismo. A idéia é que, se várias pessoas se concentrarem em pensamentos de cura juntas, de algum modo estes pensamentos se transferem através do éter, de modo que o doente gradativamente vai sendo curado pelos pensamentos de cura. E isto é colocado em termos de oração. Nessa prática as pessoas não se dirigem realmente a Deus! Você dirige os pensamentos à pessoa enferma, ou à pessoa que está em dificuldade, ou à pessoa que não gosta de você; o que importa é você dirigir os seus pensamentos. A atividade não procede de Deus; deve-se a você. Mas é chamada oração. É aí que vemos "as astutas ciladas do diabo". Todas estas coisas nos são apresentadas com terminologia cristã; porém, no momento em que você as examinar, descobrirá, como estou mostrando, que elas são vazias de todo e qualquer conteúdo ou sentido cristão real e verdadeiro.

Desse modo olhamos rapidamente três amplos e grandes testes pelos quais podemos, e sempre devemos, examinar qualquer destas seitas que se nos apresentar. Queira Deus conceder-nos graça e sabedoria! Ah, que esperteza, que sagacidade nisso tudo! O diabo,

como “anjo de luz”, põe diante de nós a sua astuta e ardilosa imitação com o fim e objetivo de destruir as nossas almas e privar-nos das glórias da salvação que está no Filho de Deus. Seria surpresa para nós, porventura, que o apóstolo diga: “Fortalecei-vos no Senhor e na força do seu poder. Revesti-vos de toda a armadura de Deus, para que possais estar firmes contra as astutas ciladas do diabo”?

[1]

De Émile Coué (1857-1926), francês, pregoeiro da auto-sugestão como método para cura de enfermidades. Nota do tradutor.

FALSIFICAÇÕES

Há mais um ponto geral, quanto às seitas, que necessita ser tratado enfaticamente. Individualmente, as seitas constituem uma notável crítica à Igreja cristã, pois, se a Igreja cristã estivesse funcionando como devia, as seitas nunca teriam nenhuma oportunidade. Portanto o surgimento de seitas é uma condenação da Igreja cristã e um sinal das suas falhas. As pessoas andam em busca de satisfação, poder e certeza. Elas estão num mundo difícil, têm seus problemas pessoais, bem como os de natureza geral, e se sentem confusas e perplexas; e andam à volta, a procura de algo que tenha autoridade e que seja capaz de ajudá-las. Muitas delas dizem que, tendo se dirigido à Igreja cristã, e não tendo achado satisfação ali, sentiram-se obrigadas a buscá-la noutro lugar. Se o que ouviram na Igreja não foi nada senão a falsa apresentação liberal-modemista do evangelho, não é de admirar que se tenham voltado para as seitas; pois não há salvação naquele tipo de pregação. É simplesmente uma espécie de moralismo que aconselha as pessoas a terem uma vida melhor e a terem auto-domínio para poderem fazer isso ou aquilo que já deixaram de fazer. As pessoas não querem exortação; querem algo que as possa libertar. Mas o ensino modemista-liberal não pode libertar ninguém; nunca o fez, nunca o poderá fazer. Não há poder nele; não passa de ética e moralidade.

No entanto, sejamos absolutamente sinceros e confessemos que uma ortodoxia morta é igualmente inútil e sem valor. Se os de fora vêem os membros de igreja perfeitamente ortodoxos mas sempre desditosos, sempre lamentosos, sempre a queixar-se dos seus pecados e dos seus fracassos, parecendo aflitos e infelizes, reitero que não é de admirar que procurem as seitas. Eles já se acham infelizes e não desejam ficar mais infelizes; não estão querendo apenas que lhes digam como a vida é difícil e como toda gente fracassa. Assim é que uma ortodoxia morta, igualmente, tem levado muitos a procurarem as seitas: eles percebem instintivamente que há em disponibilidade vida e poder; não encontrando vida e poder na Igreja cristã, vão para outros lugares em busca da satisfação das suas necessidades.

Tudo isso toma sumamente urgente aplicarmos vários testes a estas

agências que parecem estar oferecendo ao povo justamente aquilo de que ele necessita. Ora, a mera prova do que a seita faz bem, não basta. Diz o povo: “Mas certamente você não poderá opor-se a tal ou qual seita. Veja o bem que ela está fazendo”. O argumento é que tudo que faz bem deve ser de Deus, e os cristãos devem dar-lhe boa acolhida. Qualquer coisa que nos faz sentir bem deve ser bom; qualquer coisa que nos muda de uma vida de fracassos para uma vida de sucesso deve ser correto; qualquer coisa que nos ajuda a desistir de certos pecados ou de certas práticas más que arruinaram as nossas vidas deve ser correto e deve ser de Deus. E certamente, prossegue o argumento, o cristianismo não deve opor-se a estas coisas. Qualquer coisa, que melhora os homens, individual ou coletivamente, e lhes dá um

sentimento de soltura e liberdade, de felicidade e poder, certamente deve ser de Deus, e deverá ser colocado, de modo geral, à sombra do cristianismo e sob o seu título.

Nossa resposta a essa asserção é que é justamente neste ponto que as ciladas do diabo se tomam mais evidentes. Há muitas agências do mundo que não crêem em Deus, que ridicularizam o cristianismo, porém que, apesar disso, aparentemente podem produzir bons resultados. Podem fazer felizes as pessoas, podem dar-lhes alívio e libertação da angústia e da ansiedade. O coueísmo pode fazer isso. O coueísmo nada tem que ver com o cristianismo, mas não podemos discutir o fato de que ele ajudou muitas pessoas e ainda ajuda. A relação entre a mente e a matéria é tal, que se você ficar repetindo a si próprio, "cada dia e de todos os modos eu me sinto cada vez melhor", provavelmente se sentirá melhor. Não só isso; os psicoterapeutas podem produzir resultados similares, e o estão fazendo. Eles podem ajudar as pessoas a livrar-se de certos temores e fobias. Na verdade existem até tratamentos físicos que podem fazê-lo.

Defrontamo-nos, então, com a pergunta: serão cristãs estas agências porque parecem fazer bem? Respondo: no momento em que você disser que tudo que faz bem necessariamente tem que ser cristão e necessariamente tem que ser verdadeiro, já terá capitulado face ao diabo. Tais testes não são suficientes. Os testes gerais sobre fazer bem às pessoas e fazê-las sentir-se mais felizes e em melhores condições podem até ser perigosos. Os testes que devemos aplicar nunca devem ser meramente utilitários. Devemos ter outros testes — objetivos e baseados em certos padrões específicos.

De acordo com todo o ensino da Bíblia, o que importa suprema e finalmente não é como eu e você nos sentimos, e sim o nosso relacionamento com Deus. Na parábola que o Senhor Jesus contou, do fariseu e do publicano que foram ao templo orar, o fariseu não tinha problemas

nem queixas; na verdade estava em condições tão felizes que pôde dizer a Deus: "Ó Deus, graças te dou, porque não sou como os demais homens... nem ainda como este publicano. Jejuo duas vezes na semana, e dou os dízimos de tudo quanto possuo...." (Lucas 18:10-14). Ele era um homem bom, de alto nível moral, religioso, homem que fazia o bem e ajudava os outros, homem sem aflições nem problemas e que achava que tudo estava bem. Todavia o Senhor Jesus disse que esse homem não desceu justificado para sua casa. Esta é uma questão muito sutil; é onde as ciladas do diabo entram. O que importa não é como eu e você nos sentimos, mas a nossa relação com Deus. Qualquer agência que me faça ficar satisfeito quando a minha relação com Deus não é reta, é do diabo, e é o maior perigo para mim. Pode ter me feito bem, pode fazer bem à sociedade, e pode ser uma coisa muito boa no sentido social, mas não é por isso necessariamente cristã. O grande interesse do apóstolo, e

deve ser o nosso também, é que sejamos específica e definidamente cristãos.

Há, no entanto, outros testes. De particular interesse e importância é o exame do modo como, segundo as seitas, nos virá a bênção. Elas nos oferecem tudo quanto necessitamos — paz, felicidade, descontraimento, orientação, cura. Pode ser uma destas coisas ou todas elas juntas. Tendo aplicado os nossos testes doutrinários de maneira objetiva, passemos a aplicar mais este: como lhe dizem os sectários que a bênção lhe virá, e de que modo afirmam que a bênção já lhes veio? Invariavelmente você verá que a bênção oferecida nunca se baseia numa exposição do Novo Testamento; ela virá quando você aceitar determinada fórmula, ou se você praticar o método que lhe é sugerido. Sempre será uma idéia ou uma fórmula ou um método. Esta idéia veio subitamente ao fundador numa visão, ou doutro modo, e a partir dessa idéia ele elabora o seu sistema. Nunca o ensino se baseia nas Escrituras, porque eles nunca o obtêm das Escrituras. A idéia sempre lhes chegou doutra maneira qualquer, como vimos quando examinamos as origens dessas seitas. Eles podem tentar dar suporte ao seu ensino com a citação de textos das Escrituras ao acaso, porém a seita nunca se funda originaria -mente na Bíblia, nem dela é derivada.

Vemos aqui o óbvio contraste com o cristianismo. Leiam as obras de qualquer dos grandes mestres da Igreja cristã através dos séculos e verão que em geral elas sempre derivaram de uma exposição das Escrituras. As grandes confissões de fé e os credos sempre são confirmados por citações da Bíblia. Sempre remetem o leitor a passagens das Escrituras. Noutras palavras, eles são sinopses da doutrina ensinada na Bíblia. Contudo, não é o que se dá com as seitas; nelas não há nada desta direta relação com as Escrituras. O importante para elas é a sua "fórmula" particular.

Segue-se disto que, em seu ensino, cada seita não faz mais que repetir constantemente a sua única fórmula. A ênfase é sempre acerca de uma idéia, de uma fórmula, e nada mais. Aos ensinamentos das seitas sempre falta variedade; sempre lhes falta o elemento de grandeza e amplitude, falta-lhes o sentido de vastidão e de glória que invariavelmente vemos quando vamos à Bíblia. A própria Bíblia é um livro muito grande, um livro extenso. Tomem as epístolas, como são amplas! Elas nos expõem visões panorâmicas, estimulam a imaginação e nos levam a domínios cada vez mais amplos. Sempre há crescimento e desenvolvimento. Entretanto, nunca acontece isso com as seitas. A fórmula domina e impregna tudo; nelas não há nada de grande, glorioso e maravilhoso; e não há lugar para crescimento e desenvolvimento.

Outro aspecto deste mesmo ponto é que quase sempre é certo dizer que o ensino destas seitas, em última análise, depende do "testemunho pessoal" das pessoas que já pertenciam a elas antes de você. Elas não expõem as Escrituras e não ensinam as doutrinas concernentes a Deus o Pai, Deus o Filho e Deus o Espírito Santo, e à

salvação pela graça divina. Os sectários falam sobre si mesmos e suas experiências. Eles falam das suas vidas pregressas e do que eles eram outrora; depois contam o que lhes aconteceu, deixando entendido que, se você tão -somente aceitar a fórmula, aquilo lhe sucederá também. A metodologia da seita é inteiramente diversa do método cristão; não é bíblica em nenhum aspecto. Consiste meramente na fórmula, mais o testemunho do que aconteceu com alguém como resultado de sua aceitação e aplicação da fórmula em sua vida. Se você fizer a mesma coisa, terá o mesmo resultado.

Desafortunadamente, há hoje alguns cristãos evangélicos que imitam a metodologia das seitas e que, com isso, prestam um grande desserviço à causa cristã. Devemos pregar "Cristo Jesus como Senhor", como fez o apóstolo Paulo. Devemos apresentar uma exposição da verdade de Deus. Não devemos ser inteiramente subjetivos, começando conosco e terminando conosco, e recomendando o cristianismo somente porque ele faz certas coisas. Esse é o método das seitas, todavia não é o método cristão. Diferentemente das seitas, devemos apresentar a verdade objetivo e expor a mensagem do Novo Testamento.

Passemos, porém, ao segundo ponto e mostremos que o ensino das seitas não só não se baseia no ensino do Novo Testamento, mas também é diferente deste em certos aspectos. Primeiramente, a fórmula ou o ensino prático que elas oferecem nunca é uma elaboração ou dedução da doutrina do Novo Testamento. Invariavelmente as seitas começam num nível prático. "Essa gente de igreja", dizem elas, "pregam doutrina;

sempre doutrina, distante da vida, algo inteiramente intelectual. Isso não o ajuda. Você precisa é de auxílio prático." No entanto, começar num nível prático sempre é perigoso, porque não se tem um padrão de julgamento. No momento em que você começar com o pragmático, com o utilitário, já terá sido derrotado pelo diabo. O Novo Testamento jamais começa com o prático. Quantas vezes será preciso dizer isso? Vejam esta Epístola aos Efésios. Tomem o versículo primeiro do capítulo quatro: "Rogo-vos, pois, eu, o preso do Senhor, que andeis como é digno da vocação com que fostes chamados". Isso é muito prático; mas logo se vê que está no começo do capítulo quatro, na metade da epístola. O apóstolo já escrevera três capítulos, nos quais a mensagem não é prática. É pura doutrina, grande e gloriosa doutrina! O apóstolo nunca trata de questões práticas senão depois de estabelecer a doutrina. O Novo Testamento sempre introduz os aspectos práticos com o vocábulo "Portanto" ou seu equivalente. O que você faz na prática sempre deve ser uma dedução do que você crê; e se você inverter essa ordem, correrá perigo mortal. Se você não tiver um "portanto" em seu sistema, que decorra da sua doutrina, o que você terá é uma seita, e não o ensino do Novo Testamento, não o cristianismo. Entretanto você verá que as seitas sempre começam no nível prático. O que elas têm nunca é dedução de doutrina, mas algo que "funciona" na prática, a idéia que de repente ocorreu ao

fundador ou fundadora, a fórmula que ele ou ela elaborou. Nunca é dedução; e, por isso, não é cristianismo.

Em segundo lugar, ver-se-á que as seitas nunca dão a impressão de que o que vai acontecer conosco é resultado do Espírito Santo agindo em nós. Falando geralmente, elas não mencionam o Espírito Santo. Mas a essência do cristianismo é que o Espírito Santo nos é dado, está em nós, quer tenhamos consciência dele quer não. Ele está sempre nos estimulando, agindo em nós, indicando-nos o ensino, habilitando-nos a pô-lo em prática e a entendê-lo, e assim por diante. Contudo, nunca é assim com as seitas. Os sectários simplesmente chegam a você e lhe dizem: "Você pode começar agora, aqui está, faça isto". Não passa de simples aplicação da fórmula. Nunca se tem a impressão de que é uma coisa em que "Deus é o que opera em nós tanto o querer como o efetuar". Nunca se nos diz, como no ensino cristão, "operai a vossa salvação com temor e tremor; porque Deus é o que opera em vós tanto o querer como o efetuar, segundo a sua boa vontade" (Filipenses 2:1213).

Isso, por sua vez, leva-nos ao terceiro ponto. Faz-nos lembrar isso o versículo que acabei de citar, de Filipenses 2 — "temor e tremor". Entre as seitas nunca há muito "temor e tremor"; o que há é muito palavreado, e muitíssima satisfação própria, quase jactância. Lamento

dizê-lo, mas é a verdade; não se vê muita humildade nos adeptos das seitas. Eles chegaram convictos de que têm a fórmula! Todavia, Paulo diz: "Operai a vossa salvação com temor e tremor". Dizem os sectários: "Não há nada que temer. Antes eu era muito diferente, mas, olhe para mim agora, vai tudo bem. Maravilhoso!" Cheios de jactância, e quase arrogância! É a antítese daquilo que se vê no verdadeiro cristianismo.

Em seguida vamos a outra característica. Sempre se verá que as seitas fazem questão de dizer que esta sua fórmula, este seu método é "muito simples". Sua glória é sua simplicidade. "Maravilhoso! Magnífico!", dizem elas. "Veja aquela gente se esforçando tão laboriosamente nas epístolas do Novo Testamento e gastando tanto tempo com elas. É um absurdo total. Nós podemos dar-lhe aquilo de que você necessita; não se incomode em percorrer o Novo Testamento. Use esta fórmula, aplique esta idéia." As seitas têm todas as características da medicina popular, dos remédios dos charlatães. A grande característica dos remédios dos charlatães, nos termos da sua propaganda, é que são sempre simples, não complicados. Sempre vão poupar ao interessado muito problema. Aí está; é um remédio maravilhoso; é amplamente abrangente, cura todos os males. Basta isto, e você não precisará de nenhuma outra coisa! Da mesma maneira as seitas afirmam que podem resolver todos os seus problemas. Sejam quais forem as dores e penas da sua alma, tome o respectivo remédio, e tudo ficará bem!

Nada é mais característico das seitas do que esta confiança, este espírito de

mercador, e principalmente esta pretensão de inclusividade. Na verdade algumas não somente afirmam que podem resolver todos os problemas do indivíduo, mas também que podem resolver facilmente todo o problema do mundo e da política. A Bíblia, porém, não fala desse modo. Se você ler, por exemplo, o que o apóstolo Paulo diz em 2 Coríntios, capítulo 4, verá a descrição de um homem muito diferente dos adeptos das seitas. Ele escreve: "Temos porém este tesouro em vasos de barro, para que a excelência do poder seja de Deus, e não de nós. Em tudo somos atribulados, mas não angustiados; perplexos, mas não desanimados; perseguidos, mas não desamparados; abatidos, mas não destruídos; trazendo sempre por toda a parte a mortificação do Senhor Jesus no nosso corpo, para que a vida de Jesus se manifeste também em a nossa carne mortal." Noutras palavras, nada deste entusiasmo, deste esplendor, desta suprema confiança e desta satisfação própria. O apóstolo vence gloriosamente. Sim, mas na qualidade de cristão; e há uma nota de seriedade e de urgência, uma percepção da enormidade do problema e da necessidade de cuidado e cautela. Isso é típico do ensino do Novo Testamento. Entretanto, nestas seitas há sempre um elemento do que sou constrangido a descrever

como "infantilidade". É uma espécie de pensamento cheio de desejos infantis — nenhum problema à vista, tudo liquidado, tudo resolvido. "É tudo tão simples!", dizem elas. De fato, todo ensino, ainda que ministrado por cristãos e evangélicos conservadores, que fica dizendo que é "muito simples" — que, por exemplo, a sua santificação é "muito simples" — sem nenhum problema, tem mais o sabor das seitas do que do cristianismo. O apóstolo Paulo nunca usou essa expressão. Seu método é o que você encontra nesta Epístola aos Efésios, nos capítulos 4, 5, e 6. Ele funde sua doutrina com a aplicação que dela faz, ele a elabora e acentua a seriedade da situação. Não é fácil. Nossa luta não é "contra a carne e o sangue". Temos que lutar contra estes poderes terríveis; e toda idéia de que tudo é "muito simples" é falsa, à luz do ensino do Novo Testamento.

Outra grande característica das seitas é que elas oferecem a cura, a bênção, "imediatamente". É sempre o método do "atalho"; por isso conquista adeptos. Contudo, não é este o ensino da Bíblia. O Novo Testamento diz ao recém - convertido: "És agora um cristão; és um convertido; graças a Deus." Mas não dá azo à idéia de que daí por diante a sua vida será como a das histórias que dizem: "E eles viveram felizes para sempre." Diz o Novo Testamento que não devemos pensar nesses termos. Diz ele que estamos num mundo muito difícil, num mundo pecaminoso, num mundo dominado pelo diabo e suas coortes — estes principados e potestades! Diz ainda que muitas vezes teremos dificuldade até para permanecer de pé. Na verdade precisamos de "toda a armadura de Deus", precisamos ser fortalecidos "com poder pelo seu Espírito no homem interior" (Efésios 3:16), precisamos fortalecer-nos "no Senhor e na força do seu poder". Então poderemos resistir, ficar firmes, porém só então. "Procedei como homens de verdade; sede fortes!", diz o Novo Testamento (cf. 1 Coríntios 16:13).

“Ah, pois bem”, diz o típico homem moderno, preguiçoso que é, “eu não quero isso. Eu pensava que o cristianismo resolveria todos os meus problemas e endireitaria tudo imediatamente. Eu pensava que não teria que fazer coisa alguma; mas agora você vem me dizer que eu tenho que lutar e pelejar, vigiar, orar, jejuar, suar. Não quero nada disso, quero uma coisa que realmente solucione o meu problema.” Nesse ponto as seitas chegam e dizem: “Certíssimo! Naturalmente! Esse outro ensino é absurdo; não é cristianismo coisa nenhuma; nós podemos apresentar-lhe o cristianismo real. Creia em nosso ensino, aplique a nossa fórmula e imediatamente tudo ficará bem.” As seitas não falam em crescimento “na graça e conhecimento de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo”, não falam em operar “a vossa salvação com temor e tremor” (2 Pedro 3:18; Filipenses 2:12); e não há processo de mortificação do corpo e da

came. É o alcance imediato da perfeição; e tudo que se tem que fazer é permanecer lá. Todos os problemas se foram, não resta mais nenhum conflito, não há dificuldade para resolver; tudo foi feito, e foi feito imediatamente. Atalhos!

Qualquer coisa que ofereça um atalho espiritual — e não interessa se chama cristianismo evangélico ou não — não é o cristianismo da Bíblia. Neste não há atalhos. O cristianismo do Novo Testamento é o desenvolvimento e execução da vigorosa doutrina de Cristo e Seus apóstolos em que o homem crê pelo poder do Espírito, o Espírito agindo nele. É vigilância, é oração, é mortificar “as obras do corpo” (Romano 8:13), é subjugar “o corpo” e reduzi-lo “à servidão”, é surrá-lo, como se expressa Paulo em 1 Coríntios 9:27, “esmurrando até pretejá-lo” (nas palavras do autor). Esse é o cristianismo nos termos do Novo Testamento; e está em inteiro contraste com as seitas, que fazem tudo “tão simplesmente”, e o fazem “imediatamente”.

Vejamos a seguir a natureza da bênção oferecida. Este é outro excelente modo de discriminar entre as seitas e o cristianismo. Ver-se-á que, invariavelmente, as seitas sempre começam com *você.* Em certo sentido eu já disse o bastante sobre isso, e inevitavelmente porque as seitas começam num nível prático. Sempre começa com *você.* O sectário o aborda e lhe diz que pode fazer isto, isso e aquilo por você. De que você precisa? Qual é o seu problema? Que há com você? Que procura? Você anda ansioso demais, sobrecarregado e aflito? Você tem dificuldade para dormir de noite? Você acha difícil descontrair-se quanto ao seu trabalho ou profissão? Está em busca de paz? Está em busca de orientação porque não sabe o que fazer? Está confuso? Se você tão somente pudesse ter algo que sempre lhe desse infalível orientação, como seria esplêndido! “Muito bem”, diz a seita, “venha conosco, pois podemos ajudá-lo. Deseja consolação? Está desolado e triste, perdeu algum ente querido, e sua vida está arruinada? Gostaria, talvez, de entrar em contato com o seu ente querido que partiu?” E assim que os sectários vêm! Ou, “Seu problema é que você está sendo derrotado por alguma coisa particular que vem

reincidindo na sua vida? Haverá em sua vida alguma prática ou hábito ou pecado que o está deprimindo e de que você quer se livrar?" Assim os sectários o abordam no ponto da sua necessidade, e vêm como amigos que lhe garantem que têm o remédio de que você está precisando, justamente onde você está, direta e imediatamente. Às vezes é saúde, cura física e seus acompanhantes. Essa é, portanto, a natureza da bênção oferecida; começa conosco, é algo para nós, é algo de que necessitamos imediatamente. É bênção que pode solucionar os problemas que nos afligem e nos

deixam perplexos, e dos quais temos aguda consciência.

Mas o método do evangelho é muito diferente. A primeira coisa do evangelho é o conhecimento de Deus. Essa é a grande mensagem da Bíblia, do princípio ao fim. Por que o Filho de Deus veio a este mundo? A resposta, segundo Pedro, é: "para levar-nos a Deus" (1 Pedro 3:18). Ou, nos temos de Paulo: "Porque Deus, que disse que das trevas resplandecesse a luz, é quem resplandeceu em nossos corações, para iluminação do conhecimento da glória de Deus, na face de Jesus Cristo" (2 Coríntios 4:6). O evangelho não começa com as minhas dores e penas, minha necessidade de orientação, minha aflição. Não, começa com conhecer a Deus! Se eu estiver certo nisso, estas outras coisas serão resolvidas. Não começamos nem paramos com elas, deixando Deus de lado completamente. Começamos com Deus. O objetivo do cristianismo é levar-nos ao conhecimento de Deus como Deus, e ao conhecimento do Senhor Jesus Cristo. "A vida eterna é esta." Qual? Que eu não me aflija mais ou que me livre daquilo que me deprime? Não! — "que te conheçam, a ti só, por único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo, a quem enviaste" (João 17:3). O conhecimento de Deus e o conhecimento do Senhor Jesus Cristo mediante o Espírito, é o começo. Que vem a seguir? O conhecimento do grande plano e propósito de Deus para o homem e para o mundo, a compreensão da história em geral, e do curso do universo, e do fim do tempo! Isso é cristianismo. Todavia estas seitas nunca mencionam essas coisas. Santidade! Eis aqui outra ênfase bíblica vital. Não simplesmente que eu pare de fazer isto ou aquilo; não, pelo contrário, que positivamente eu me tome santo. Há homens que nunca bebem, nunca jogam, nunca cometem adultério, nunca fumam, nunca vão ao cinema; mas eles não são necessariamente santos; podem ser simplesmente pequenos fariseus satisfeitos consigo mesmos! A santidade não é negativa; é positiva; é ser como Deus. "Sede santos, pois eu sou santo", diz o Senhor. Os sectários nada sabem sobre isso; nunca o mencionam. A santidade não significa simplesmente obter vitória sobre pecados particulares. É ser como Deus, que é santo.

Digamos ainda que o cristianismo dá grande proeminência àquilo que ele denomina "a esperança da glória". Sei que isto é ridicularizado hoje; porém é cristianismo neotestamentário. O Novo Testamento dá muito maior importância ao mundo vindouro do que a este mundo. "Nossa cidadania está no céu! " E nos fala da glória vindoura; as seitas nunca o fazem. Somente se propõem ajudá-lo enquanto você

estiver nesta existência. *Você —você* está no centro. Você começa falando de si, e sempre estará falando da sua experiência. Nem uma só palavra sobre a esperança da glória, nem uma só palavra sobre o céu e sobre

aquela grandiosa regeneração que há de vir, "novos céus e nova terra, em que habita a justiça" (2 Pedro 3:13). Como eu já disse, nas seitas não há nada que seja vasto, grande, glorioso e imenso, nada que leve o homem sempre para diante, e que o comova até às profundezas do seu ser. Ficam apenas neste estreito círculo no qual você fica girando, girando, repetindo constantemente a mesma coisa! O tipo de bênção que é dada pelas seitas é completa e inteiramente diversa da que é dada pelo evangelho.

Minha última palavra sobre este assunto é uma espécie de resumo de tudo que venho dizendo. Contudo, quero acentuá-lo acima de tudo, porque esta é a razão pela qual abomino as seitas. E devemos detestá-las, não somente porque elas não passam nos testes de laboratório, mas também porque se vê que se opõem de fato àquilo que os testes indicam. O teste dos testes é a Pessoa e obra do Senhor Jesus Cristo. Todo e qualquer movimento ou ensino que não faça do Senhor Jesus Cristo e Sua morte na cruz, e Sua gloriosa ressurreição, uma necessidade absoluta e absolutamente central, não é cristão, e sim, uma manifestação das "astutas ciladas do diabo". Noutra palavras, qualquer ensino ou movimento que diga que você pode ter esta ou aquela bênção sem primeiro crer no Senhor Jesus Cristo como o Filho de Deus, como o Salvador da sua alma e como o seu Senhor, sendo que sem Ele você não tem nada, é uma negação do cristianismo. Se a sua seita ou ensino, ou o que for, pode incluir judeus, maometanos, qualquer um, e lhe oferece a "bênção" sem que eles reconheçam e confessem que Cristo, e somente Cristo, é o Filho de Deus, e que Ele, e somente Ele, pode salvar o pecador porque Ele morreu pelos nossos pecados, não é cristão.

Qualquer bênção que você possa obter independentemente do evangelho de Cristo é uma negação do cristianismo, e você deve rejeitá-la. Deve agir assim porque o ensino bíblico é que não existe conhecimento de Deus fora do Senhor Jesus Cristo. "Deus nunca foi visto por alguém. O Filho unigênito, que está no seio do Pai, este o fez conhecer" (João 1:18). Você pode aprender certas coisas sobre Deus por meio da natureza, da história e da providência; porém nunca terá verdadeiro conhecimento de Deus por aqueles meios. Na verdade vou além; não há acesso a Deus exceto mediante o Senhor Jesus Cristo. Quem quer que lhe diga que pode descobrir a Deus e ter acesso a Deus por outro meio que não seja o Senhor Jesus Cristo, e Ele crucificado, está negando o cristianismo do Novo Testamento, por melhor que possa parecer, porque Cristo mesmo disse: "Eu sou o caminho, e a verdade, e a vida. Ninguém vem ao Pai, senão por mim" (João 14:6). Isso é absoluto e categórico. Não há acesso a Deus, não há conhecimento de

Deus como Salvador e Libertador, exceto em Cristo e por meio de Cristo. Ou, como o o autor da Epístola aos Hebreus o declara, "Tendo, pois, irmãos, ousadia para entrar no santuário, pelo sangue de Jesus" (Hebreus 10:19). Um movimento que omita esta verdade e que diga que o sangue de Cristo não é necessário, é anticristo. É oposto a Deus e o Seu Cristo, faça o bem que fizer. São "as astutas ciladas do diabo" e "um anjo de luz" fazendo o bem e iludindo as pessoas. Não se pode entrar no santuário, no lugar santíssimo, a não ser "pelo sangue de Jesus". Mesmo que seja sob os auspícios da Igreja cristã, e se chame cristão, ou o que quer que se chame, todo e qualquer ensino que lhe diga que você pode chegar a Deus, conhecer a Deus e ser abençoado por Deus independentemente do sangue de Cristo, é uma negação deste ensino central e, portanto, é um insulto a Deus e ao Seu bendito e bem-amado Filho.

Ou, permitam-me colocá-lo deste modo: todo ensino que lhe diga que você pode ter qualquer bênção independentemente de Cristo, é uma negação desta mesmíssima verdade, porque toda bênção que nos vem de Deus, vem no Senhor Jesus Cristo e por intermédio dEle. Observe-se como Paulo escreve aos colossenses: "Para que os seus corações sejam consolados, e estejam unidos em caridade, e enriquecidos da plenitude da inteligência, para conhecimento do mistério de Deus — Cristo, em quem estão escondidos todos os tesouros da sabedoria e da ciência" (Colossenses 2:2-3). Diz ele ainda: "Tende cuidado, para que ninguém vos faça presa sua, por meio de filosofias e vãs sutilezas, segundo a tradição dos homens, segundo os rudimentos do mundo, e não segundo Cristo: porque nele habita corporalmente toda a plenitude da divindade" (Colossenses 2:8-9). Toda bênção que possa vir ao homem, vem unicamente no Senhor Jesus Cristo e por meio dEle, e toda bênção que seja oferecida independentemente dEle, de Sua morte e do Seu sangue é, em última instância, uma negação da fé.

Por isso falo com paixão, como todos nós devíamos fazer. É um insulto a Ele, um insulto à Sua absoluta suficiência. Não há necessidade de seitas porque tudo que elas oferecem, e mais, é dado em Cristo. Elas não têm direito de existir. São um insulto a Ele, a própria existência delas é um insulto a Ele. Não há nada que Ele não possa dar. Ele é "o Alfa e Ômega, o princípio e o fim"; Ele é "o primeiro e o último"; Ele é "tudo em todos", e nEle estamos "perfeitos" (ou "completos", segundo a Versão Autorizada Inglesa). O homem que me diz que Cristo não é suficiente, que ele precisa de alguma outra fórmula em acréscimo, está insultando a Cristo e O está negando. Cristo tem tudo porque Ele é tudo. Diz-nos o apóstolo: "Sei estar abatido, e sei também ter abundância: em toda maneira, e em todas as coisas estou instruído,

tanto a ter fartura, como a ter fome, tanto a ter abundância como a padecer necessidade. Posso todas as coisas naquele que me fortalece" (AV: "Posso todas as coisas mediante Cristo, que me fortalece) (Filipenses 4:12-13). Ou ainda: "Não estejais inquietos por coisa alguma: antes as vossas petições sejam em tudo

conhecidas diante de Deus pela oração e súplicas, com ação de graças. E a paz de Deus, que excede todo o entendimento, guardará os vossos corações e os vossos sentimentos em Cristo Jesus" (Filipenses 4:6-7). Se você está mesmo considerando as seitas e vendo se elas podem ajudá-lo, você já negou a Cristo. Não há nada que Ele não lhe possa dar, Ele é tudo, Ele é tudo em todos. Charles Wesley sempre dizia isto:

Cristo, és tudo quanto eu quero; mais que tudo em Ti eu acho.

E, todavia, muitos estão indo atrás das seitas.

Eis aqui Charles Wesley, de novo:

Tu, oculta fonte de repouso, divino amor, e suficiente, és meu socorro, és meu refúgio; seguro estou, se Tu és meu, e do pecado e da vergonha, Jesus, em Teu nome me escondo.

Teu grande nome é salvação e eleva a minha alma feliz, dá-me consolo, força e paz, dá-me alegria e amor eterno; com o Teu nome são-me dados santidade, perdão e o céu.

Jesus, meu todo-suficiente és, és meu alívio em meio à dor, és cura para o coração; na guerra és paz, na perda és ganho; és meu sorriso ante o tirano; na humilhação és minha glória;

Na carência és meu suprimento e na fraqueza és meu poder;

na prisão me és a liberdade; do mal na treva, és minha luz; és meu socorro e esteio sempre; és minha vida e céu, meu tudo!

Se você acha que Ele não é suficiente, e que deve ir após as seitas em busca de ajuda ou amparo ou assistência; se você afirma que Ele precisa de alguma ajuda ou assistência, você O está negando, você O está insultando. São "as astutas ciladas do diabo". Esta fé, que sustentou, fortaleceu e abençoou os santos no transcurso dos séculos, e que tem resistido a todos os testes que se pode conceber, é suficiente. Você não tem necessidade de seguir alguma idéia moderna que só passou a existir no século passado ou neste. Volte para a "velha estória", sempre nova e sempre verdadeira. Volte para a fonte e origem de todas as bênçãos; volte para o Deus eterno e Seu Filho, nosso glorioso Salvador, o Senhor Jesus Cristo, e o Espírito entrará em seu ser, e toda as suas necessidades serão supridas. Mas somente dessa maneira!

VIGILÂNCIA

Chegamos agora às atividades mais particulares, mais pessoais e mais individuais do diabo. Vamos tratar aqui de algo que pode acontecer com as pessoas na Igreja, individualmente, enquanto que as igrejas poderão permanecer mais ou menos inatingidas. Quase não há limites para os meios pelos quais o diabo, em seu desejo de arruinar a obra de Deus em Cristo, ataca o povo de Deus. Ele o faz em grande escala, assim como em situações individuais. Não lhe importa a maneira de fazê-lo, contanto que leve algum cristão, ou grupo de cristãos, a um estado de escravidão e infelicidade e, com isso, desfaça o seu testemunho das abundantes riquezas da graça de Deus em Seu amado Filho e por meio dEle.

O assunto referente às "astutas ciladas do diabo", como nós as experimentamos como cristãos individuais, tem sido tratado muitas vezes na literatura religiosa. Veja-se, por exemplo, o famoso livro de Bunyan, O Peregrino (*Pilgrim's Progress*). Primeiro ele descreve nessa obra o modo como o homem chega à convicção do seu pecado, foge da Cidade da Destruição e enfrenta grande dificuldade, até que o seu fardo vai parar na cruz de Cristo. Mas os seus problemas não terminam ali; o restante da história não é nada mais, nada menos do que uma narrativa muito gráfica e maravilhosamente pictórica das ciladas do diabo. Bunyan escreveu esse livro com o fim de ajudar os peregrinos em luta, expostos àquelas ciladas, enquanto prosseguem nesta jornada chamada vida. Sua obra intitulada Guerra Santa (*Holy War)* é um tratado semelhante e, igualmente, todo o seu ensino é sobre a "Alma humana" ("*Mansoul*"). Este era o método de Bunyan — método muito proveitoso por sinal — de apresentação das astutas ciladas do diabo às pessoas, mediante alegorias, para que, prevenidas, se armassem antecipadamente. A mesma coisa se vê com relação a muitos outros escritos puritanos de há trezentos anos. Um desses famosos livros, escrito por Richard Sibbes, é intitulado O Conflito da Alma *("The Soul's Conflict*), e outro, A Cana Rachada *(The Bruised Reed)*. Robert Bolton escreveu um livro chamado Consolando Consciências Aflitas *(Comforting Afflicted Consciences*). Muitos dos escritos e sermões daquele grande

século de pregadores foram dedicados ao assunto em foco — as astutas ciladas do diabo como estas se manifestam nas vidas dos fiéis cristãos individuais.

E nesta altura é preciso acrescentar, para sermos honestos, que se vê a mesma tendência na literatura católica romana. Quaisquer que sejam as suas deficiências, e é nosso dever focalizá-las, seus escritos tratam com clareza do diabo e suas ciladas. Resulta que sempre houve grande número de Manuais de Devoção, assim chamados, cujo objetivo é auxiliar os membros daquela igreja a lidar com os diversos problemas que surgem. Além disso, todo o sistema católico romano de casuística, de muitas maneiras também trata deste problema em particular. Assim, houve no passado grande e rica literatura sobre este assunto, mostrando com isso como, na

subseqüente história da Igreja cristã, a coisa contra a qual o apóstolo advertiu estes efésios é um problema que reaparece constantemente.

Por outro lado, um fato surpreendente quanto à vida e ao testemunho dos cristãos desde cerca de 1880 — e me refiro particularmente à vida cristã evangélica, ou seja, conservadora — é que muito pouca literatura dessa espécie tem sido produzida. Por que será que aquilo que foi tão característico da época dos puritanos e que produziu aqueles livros que foram tão lidos e utilizados pelos que se acharam sob a poderosa influência do Avivamento Evangélico do século dezoito, e que continuaram sendo lidos até 1860 ou 1880, de repente acabou? Livros que eram reimpressos constantemente, já não foram mais reimpressos, e nem foram substituídos por outros. Ninguém mais parecia preocupado com este conflito contra os "principados e potestades", nem com a maneira de resistir às "astutas ciladas" do diabo.

Parece-me haver só uma explicação para o declínio do interesse por este assunto. É que apareceu um tipo de ensino sobre a santidade, sobre a santificação, que não dá lugar a este aspecto da verdade. Esse tipo de ensino baseia-se num único princípio, repetido continuadamente, com a pretensão de que somente ele pode solucionar todos os problemas. Toda a vida cristã foi reduzida a "render-se a Cristo" e a "permanecer em Cristo". Ao ensino apostólico sobre a luta contra o diabo, pouco consideração tem sido dada. Esta mesma omissão, parece-me, explica de certo modo as condições atuais da Igreja cristã, com a sua espiritualidade superficial. Isso representa a incapacidade de compreender a verdadeira natureza da vida cristã, o conflito em que estamos colocados e, portanto, a absoluta necessidade de revestir-nos do poder do Senhor e de vestir-nos, peça por peça, com "toda a armadura de Deus".

Recordo vividamente o que me disseram lá pelo ano de 1941. Um amigo meu me disse que sua esposa — era um excelente casal

evangélico — estivera lendo um livro extraordinário que a divertira muito. Ela o achara fantasioso e quase ridículo. Acontece que o livro era Cartas do Inferno *(The Screwtape Letters),* de C. S. Lewis. Ali estavam dois evangélicos que se haviam tomado tão alheios ao ensino sobre as ciladas do diabo que, quando leram um livro que trata desse assunto, consideraram-no uma brincadeira. Estavam admirados com o que lhes parecera uma caricatura da vida cristã. Achavam que o autor o escrevera só para divertir e distrair os leitores. Mas C. S. Lewis tinha passado por uma experiência pessoal e era bem versado, especialmente em literatura alegórica, Bunyan inclusive; e tinha chegado a ver a significação deste aspecto da vida cristã. Ele compreendera que essa é uma parte vital e essencial da vida do cristão enquanto neste mundo. Contudo, nós ficamos tão distanciados disso que seu livro foi tido como puro entretenimento. Vemos, pois, a urgência de prestar atenção neste aspecto da verdade cristã.

Primeiramente devemos fazer uma abordagem geral do assunto para podermos ver como o diabo, com toda a sua astúcia e sutileza, pode atacar-nos em certas áreas. Há algumas grandes palavras de advertência no Novo Testamento que servem como uma introdução perfeita do nosso tema, e que deveriam abrir os nossos olhos para o caráter das astutas ciladas do diabo. A primeira é "Vigiar" — "Vigiai". O Senhor Jesus empregou essa palavra muitas vezes, e também os apóstolos. Paulo, escrevendo aos coríntios, diz: "Vigiai, estai firmes na fé: portai-vos varonilmente, e fortalecei-vos" (1 Coríntios 16:13). "Vigiai" logo sugere que há um inimigo muito astuto. Um exército em ação guerreira sempre tem que colocar as suas sentinelas, os seu vigias, em posição, pois nunca se sabe o que o inimigo está prestes a fazer. Você não deve supor que, porque é noite, ele não pretende fazer nada; ele poderá tirar vantagem da cobertura da escuridão. Assim, o exército coloca sentinelas que devem marchar para diante e para trás. É necessário vigiar em todas as direções, dia e noite, sem interrupção. Da mesma maneira, falharmos na vigilância, deixarmos de cuidar disso e daquilo, abre para o diabo uma brecha e tanto. Muitos são derrotados pelas ciladas do diabo simplesmente porque nunca falam sobre o diabo. Não vigiam. Dizem eles: "Eu já fui salvo; tudo está bem; eu estou em Cristo, estou descansando nEle, não há necessidade de vigiar; Ele vela por mim, tudo que tenho que fazer é manter meus olhos fixos nEle." Eles não estão vigiando o inimigo, não estão alerta quanto às ciladas do diabo, não se dão conta de que estamos numa grande guerra. É apenas uma questão de "descansar", todo o problema já está resolvido, não há mais nada que fazer. E, naturalmente, o resultado é que, deixando de

atentar para a exortação do Novo Testamento à vigilância, constantemente repetida, eles são apanhados e derrotados.

A exortação subseqüente refere-se à própria Palavra. O apóstolo Paulo tem todo o cuidado de dizer a Timóteo, que em certos aspectos era fácil presa para o diabo, que persistisse "em ler" (1 Timóteo 4:13) e não olvidasse as Escrituras que, disse ele, "podem fazer-te sábio para a salvação" (2 Timóteo 3:15). É constante a exortação para a leitura das Escrituras. De fato, cada uma destas epístolas do Novo Testamento foi escrita por causa deste mesmo conflito e com a finalidade de ajudar as pessoas a detectar e a frustrar as ciladas do diabo. Portanto, se negligenciarmos a leitura da Palavra, certamente seremos vencidos por ele. Este é um dos meios de vigiar, quiçá o melhor. Na Bíblia nos é dado ensino que nos adverte sobre os vários meios pelos quais o diabo pode vir a nós. Nela temos um autorizado relato de suas maquinações, de suas ciladas e de sua astúcia, e quanto mais você souber estas coisas, mais facilmente e com mais rapidez poderá detectá-lo em seus primeiros movimentos e poderá resistir-lhe. Assim, a leitura da Palavra é essencial, e os cristãos que não se mostrarem diligentes nessa leitura, estarão mais sujeitos a emaranhar-se nas astutas ciladas do diabo.

Na Palavra aprendemos sobre as heresias que estivemos estudando, as causas de cisma e todos os outros males que o diabo promove. Também nos é dada instrução pormenorizada sobre o que ele procura fazer a cada um de nós, um por um, de maneira mais pessoal. É-nos dito que examinemos tudo (1 Tessalonicenses 5:21), não para darmos crédito a todo espírito, mas para provarmos "os espíritos" (1 João 4:1). Nunca estaremos capacitados a fazê-lo, se não conhecermos a Palavra e o seu ensino. Assim, estimulando-nos a não lermos a Palavra de Deus, o diabo vem com toda a sua astúcia. É interessante notar, de passagem, que, em sua obra *Cartas do Inferno* C. S. Lewis não trata desta questão de leitura da Palavra. Esse é um ponto significativo que revela um real defeito do seu ensino. O chefe dos maus espíritos a respeito de quem Lewis escreve não dá nenhuma instrução aos seus emissários para impedirem os crentes de lerem a Bíblia. Todavia esta é uma das suas principais armas, como veremos mais tarde.

Outra exortação neotestamentária diz respeito à oração. "Vigiai e orai, para que não entreis em tentação", diz o Senhor (Mateus 26:41). Diz Ele ainda que os homens devem "orar sempre, e nunca desfalecer" (Lucas 18:1). Se você não orar, desfalecerá. Diz o apóstolo Paulo: "Orai sem cessar" (1 Tessalonicenses 5:17). Nunca pare de orar; ore sempre. Diz ele que essa é a única maneira pela qual você pode continuar avançando. Vemos isso também aqui em Efésios, capítulo 6, no final desta porção particular que estamos estudando. "Orando em

todo o tempo com toda a oração e súplica no Espírito, e vigiando nisto com toda a perseverança e súplica por todos os santos." E certamente óbvio que o Novo Testamento nos diz que devemos orar continuamente, e que negligenciar a oração nos expõe imediatamente a todas as astúcias e sutilezas do diabo. Mesmo o nosso Senhor passava muito tempo em oração. Ele o fazia para fortificar-Se, para manter comunhão com Deus, e para receber luz e instrução, e ser abençoado em Seu espírito. E assim nos é dirigida esta constante injunção e exortação para sermos perseverantes na oração (cf. Romanos 12:12), a tempo e fora de tempo. Negligenciar nisto imediatamente nos expõe às jistutas ciladas do diabo.

A última coisa que mencionarei é o "auto-exame". "Examinai-vos a vós mesmos, se permaneceis na fé; provai-vos a vós mesmos" (2 Coríntios 13:5). Sua exortação é dirigida aos crentes. Mas isso não é mais praticado. Não cremos mais no auto-exame. Dizemos: "Você não deve olhar para si mesmo; olhe para o Senhor. Se você se olhar para si próprio, irá sentir-se miseravelmente mal. Olhe para o Senhor, olhe sempre para fora de si mesmo". Contudo, como veremos, negligenciar o auto-exame é provavelmente uma das causas principais da derrota na vida cristã.

Se o diabo conseguir enfraquecer a nossa vigilância, tudo ficará bem, do ponto de vista dele. Se ele nos fizer negligenciar a leitura e o estudo da Palavra, e a compreensão da Palavra, será ótimo para ele. Se ele nos fizer negligenciar a oração,

desfaleceremos, e nessa condição seremos presa fácil e indefesa. A negligência do auto-exame levou ao péssimo estado da igreja em Laodicéia. Aqueles crentes achavam que iam bem e se julgavam ricos. Mas na realidade eram desgraçados, miseráveis, pobres, cegos e nus (cf. Apocalipse 3:17). Não se haviam examinado a si mesmos, ignoravam que eram cegos, não se davam conta de que estavam nus. Não há nada mais terrível do que negligenciar o auto-exame. Assim, o diabo com as suas astutas ciladas vem até nós e faz o máximo que pode para desanimar-nos em cada um destes pontos especiais.

Portanto, as perguntas que devemos fazer a nós mesmos são: como nos saímos, à luz deste auto-exame? Estamos vigiando, e vigiando em oração? Somos diligentes na leitura da Bíblia? Costumamos examinar-nos a nós mesmos? Já fizemos um inventário espiritual para ver em que pé estamos? Qualquer ensino, ou qualquer conceito que acaso sustentemos, que desestimule qualquer destas atividades ou leve a uma realização superficial de qualquer delas, é uma manifestação das ciladas do diabo. Se você realmente acredita que ler apenas uns poucos versículos e um curto comentário deles numa questão de cinco mi-

nutos, e que dizer uma breve palavra de oração, é adequado ao seu dia, então lhe digo que você não sabe coisa alguma sobre as ciladas do diabo. Não é esse o método do Novo Testamento; não tem sido esse o veredicto dos santos no transcurso dos séculos. Entretanto uma espiritualidade superficial imagina que isso é suficiente — "Já li a minha porção e tive a minha "hora tranqüila"; vai tudo bem, devo prosseguir" — sem ter ciência de uma estagnação da alma, sem ter ciência da falta de crescimento, sem ter ciência de uma superficialidade espantosa. Esse tipo de vida é uma clara ilustração do sucesso das ciladas do diabo! Ele veio como um anjo de luz, dizendo: "Isso é suficiente, basta um pouco; outros não lêem nada, você está realmente indo muito bem, há muitos cristãos nominais que nunca lêem as Escrituras. Você é um leitor das Escrituras; tudo vai bem com você." E porque você leu tão - somente uns poucos versículos, ele o persuadiu de que você leu verdadeiramente as Escrituras e conhece a Palavra de Deus! Tudo que estimula uma realização superficial de qualquer destas coisas é sempre uma manifestação das astutas ciladas do diabo.

Prossigamos e consideremos, no entanto, os caminho pelos quais o diabo ataca. Esta é, depois de tudo, uma questão de estratégia. Nada é mais importante, numa guerra, do que considerar as linhas de ataque. Antes da última guerra, os franceses tolamente interromperam a sua linha Maginot em Sedan, e negligenciaram suas defesas desse ponto em diante, ao longo da fronteira belga para o mar, não se dando conta de que os alemães sempre vêm através da região norte daquele ponto, e o provável era que sempre o fizessem. Se negligenciarmos um exame das rotas de ataque, é óbvio que provavelmente seremos derrotados.

O diabo segue certas rotas com muita regularidade. Esperto como é, todavia lhe falta originalidade neste aspecto. Primeiro, a mente é a principal rota, porque de muitas maneiras é a mais importante. Se ele nos enganar nela, estaremos errados em toda parte, porque a coisa mais elevada do homem é a sua mente.

Depois, também, ele segue a linha da experiência. Essa é outra grande esfera da nossa vida, na qual não nos preocupamos tanto com o entendimento intelectual e com a formulação da verdade, mas sim com o aspecto mais experimental. Uma boa parte das nossas vidas é vivida nos domínios da experiência — sentimentos, sensações, sensibilidades, desejos, disposições, estados. Isto é mais elementar do que a mente, e devemos estar lutando sempre para conseguir o domínio sobre essa esfera, fazendo uso da mente e do entendimento. O não fazê-lo explica muitos dos nossos problemas. Assim o diabo nos ataca no campo das nossas experiências.

Uma terceira área é a esfera da prática — nosso comportamento, nossa conduta, as coisas que fazemos e as que deixamos de fazer. E o que de fato fazemos na prática, depende em grande medida da mente e da experiência.

É-nos de vital importância compreender que o diabo nos ataca nestas três áreas. Ele não se limita a uma rota. Não devemos supor que ele sempre vem pelo mesmo caminho. Se você se preparar para resistir-lhe somente numa frente, certamente ele virá por outra senda. Se, por assim dizer, você estiver protegendo a porta da frente, ele virá pela dos fundos; se você pensar que ficou livre dele pelas janelas da fachada, ele virá pelas janelas de trás. Ele vem de todas as direções concebíveis. Não é para causar surpresa que o apóstolo diga: "não temos que lutar contra a carne e o sangue, mas sim contra os principados" — não apenas um, mas miríades deles — "contra as potestades" — em número quase interminável — "contra os príncipes das trevas deste século, contra as hostes espirituais da maldade, nos lugares celestiais"! Estas expressões explicam por que tenho procurado, a duras penas, dar uma descrição daquilo que a Bíblia nos diz sobre o caráter deste inimigo, o número de emissários, as agências, as formas, os disfarces, as diferentes aparências; quase impossibilitam a descrição. Eles podem investir contra nós em qualquer ponto e de toda e qualquer maneira. As três principais rotas ou linhas que lhes dei podem ser subdivididas quase interminavel-mente.

Subseqüentemente, é interessante observar como o diabo utiliza estas três principais linhas de ataque e, de novo, é possível fazer-se uma ampla classificação. Primeiro, ele produz desequilíbrio entre estes três aspectos da nossa vida; e segundo, tomando-os individualmente, ele nos faz dar atenção demais ou de menos a cada um deles. Naturalmente o diabo varia os pormenores do mecanismo. Seu modo de atacar faz-me lembrar alguns tipos de fechaduras que se instalam nos automóveis para evitar assalto ou roubo. Uma firma projetou fechaduras de segurança que têm até 3000 combinações possíveis. Semelhantemente, embora quanto ao diabo só haja um

princípio subjacente, por assim dizer, as variações dentro desse princípio podem ser quase inumeráveis.

Comecemos com a primeira linha de ataque — as ciladas do diabo quando postas em ação para produzir desequilíbrio na vida cristã, como entre a mente, a experiência e a prática. Não há manifestação das ciladas do diabo mais freqüente ou mais rendosa do que esta. Na verdade, ao tratarmos das heresias, da apostasia, do cisma e das seitas, vimos que cada qual resulta, em última instância, de uma ênfase unilateral em

algum ponto ou de algum modo. As seitas prosperam com base no desejo de experiência. Muitos cismas resultaram da falta de equilíbrio em questões ligadas à mente e ao intelecto. Assim o diabo dá particular atenção a este aspecto: seu desejo de produzir desequilíbrio.

A questão de equilíbrio é de grande importância em todas as esferas da vida cristã. Mesmo fisicamente é importante determinar a soma certa de tempo e de atenção que se deve dedicar à mente e ao corpo. Negligencie o corpo, e a mente acabará não funcionando muito bem. Ou veja-se a questão do regime alimentar, tão em voga hoje. É importante ter uma dieta balanceada — não este ou aquele ingrediente em demasia, porém todos os ingredientes na proporção certa — se você quiser ser realmente sadio. O mesmo equilíbrio é válido noutras direções. Quando estamos cuidando da defesa do nosso país, precisamos saber quanto colocar no exército, quanto na armada e quanto na força aérea; e devemos ter em vista a necessidade de constante mudança. Mas sempre devemos manter um equilíbrio completo entre os diversos serviços. A mesma coisa vale na vida cristã, como o diabo sabe muito bem, e procura conseguir que fiquemos desequilibrados.

Pode-se comparar a vida cristã com um banco de três pés. As três pernas do banco deverão ter igual comprimento, se você quiser manter o equilíbrio e sentar-se confortavelmente. Há alguns que se deixaram persuadir de que devem dar exclusiva atenção à mente, apenas ao conhecimento. Chamamos-lhes intelectuais; interessam-se pelas idéias. Nada lhes importa, senão o conhecimento, e eles passam o tempo lendo, estudando e reunindo grande soma de conhecimentos. Eles tendem a desprezar os sentimentos e as emoções. São homens de intelecto, conhecimento e entendimento, e menosprezam o aspecto experimental. Quanto à prática, eles não negam que é importante, todavia estão ocupados demais lendo, para preocupar-se muito com isso.

O diabo tem feito muito estrago na Igreja em geral, bem como em vidas individuais, muitas vezes através dos séculos, produzindo uma espécie de escolaticismo. É interessante traçar um gráfico da história da Igreja. Talvez se comece com um grande avivamento, um derramamento do Espírito de Deus, com grande luz e entendimento, seguindo-se a prática e experiências maravilhosas. Depois, é provável que certos excessos tendam a ocorrer, de modo que os líderes com razão começam a dizer: “Agora precisamos ter ensino; precisamos ter o controle

deste desenvolvimento; precisamos ter a mente iluminada". Assim, dão grande ênfase ao ensino. E, muitas vezes, em menos de um século ver-se-á um escolaticismo completamente morto e seco a passar o tempo todo discutindo minúcias e refinamentos. Foi produzido um sistema

perfeito, só intelecto, apenas mente; as grandes e vividas doutrinas se enrijeceram dando num escolaticismo estéril e completamente sem valor. Pode haver muito alarde quanto à ortodoxia; mas o sistema está morto; nunca se vêem conversões; os cristãos não são edificados pela verdade, e não se comovem com ela; tudo veio a ser pura questão de intelecto.

Este é um perigo muito real, um perigo para cada um de nós. Há muitos cujo conceito do cristianismo é puramente intelectual. Foi o que se deu com o Lorde Melbourne, o primeiro a servir como Primeiro Ministro da rainha Vitória. Disse ele, certa ocasião: "Vamos ficar em maus lençóis, se a religião começar a ser pessoal". Essa atitude é típica. Ir à igreja faz parte da rotina social; naturalmente adorar a Deus é certo; mas não se deve tomar isso numa coisa pessoal. E, por certo, a mesma maneira de ver ocorria no século dezoito. A principal acusação feita a Whitefield e aos Wesley e outros metodistas era a acusação de entusiasmo. As autoridades civis argumentavam que o cristianismo tem alta dignidade, é a coisa mais ordenada do mundo, e que estes metodistas estavam ficando muito vibrantes com a sua religião e lhe estavam dedicando um entusiasmo indesejável. Por isso tentaram sustar a pregação feita por aqueles homens de Deus, que eram cheios do Espíritos Santo. Ora, isso pode acontecer com qualquer de nós, e tende a acontecer particularmente com alguns de nós. Inclinamo-nos a ser puro intelecto, a ser girinos espirituais — só cabeça, sem nenhum corpo de verdade, e inteiramente destituídas da simetria que deve caracterizar a vida cristã.

Outro perigo é que algumas pessoas colocam toda a ênfase na experiência; só se interessam pelas emoções e pelos sentimentos. "Vejam aquelas pessoas", dizem elas, "parecem ter a cabeça repleta de conhecimento, porém são pessoas inúteis. Parece que nunca sentem nada; estão sempre falando de doutrinas, mas falam delas como se falassem de geometria. Não se comovem com elas. Por que não se expandem às vezes? Por que não se soltam? Por que não sentem alguma coisa?" Tais pessoas acham que uma reunião não terá valor se não der livre curso a gritos e exclamações, a uma espécie de motim das emoções. A reposta é que a emoção é uma parte vital da fé cristã; entretanto o emocionalismo não. O diabo sempre tenta fazer com que nós reajamos exageradamente. O primeiro grupo tem tanto medo do emocionalismo que esmaga totalmente a emoção, e o terceiro grupo, que ainda estudaremos, tende a fazer a mesma coisa. Contudo, os membros do segundo grupo só pensam no cristianismo em termos daquilo que eles sentem — sensações e sensibilidades. Não estão interessados na exposição da verdade, não querem saber de entendi-

mento. Mas se são levados a sentir alguma coisa e se emocionam vivamente, então acham isso maravilhoso. Só buscam emoções, sentimentos, e julgam todas as coisas unicamente por esse padrão. E, que pena, muitas vezes essa tendência é incentivada; deliberadamente se fazem certas coisas com o fim de produzirem sentimentos — cânticos, bater palmas, altas exclamações, ilustrações comoventes atingindo diretamente as emoções, pressão sobre as emoções. Por estes meios o diabo entra e faz que o povo cristão perca o equilíbrio. Quantas vezes tem acontecido isso! Todos estamos sujeitos a desequilibrar-nos — uns mais que outros!

Ainda um outro perigo se acha na esfera da prática. Vamos tratar aqui das pessoas que não se interessam por teologia e doutrina e que desconfiam dos emotivos. São pessoas de cabeça fria que dizem que o que é preciso é que façamos alguma coisa. "Com o mundo sendo como é", dizem elas, "que é que você está fazendo quanto a isso? Você pode ter as suas teorias, se lhe agrada, mas eu estou interessado em fazer algo para endireitar as coisas." Assim, toda a ênfase desses elementos recai na prática, na conduta, no comportamento, na moralidade. Eles não têm gosto pela leitura, nem pelo estudo de doutrina, nem por pessoas cheias de entusiasmo. Entendem que o homem que realmente vale a pena na vida é o que "realiza coisas", que cumpre a palavra, o homem honesto, bom, de alto nível moral, o homem que faz o bem. "Que valor tem a prédica que trata de coisas elevadas, enquanto tantos problemas estão nos pressionando por todos os lados, os estadistas frustrando as nossas expectativas, o choque entre as nações e os problemas internos das nações? Por que não faz alguma coisa?", é o que perguntam. Daí gastarem o seu tempo "fazendo coisas"; e imaginam que isso compõe a soma total do cristianismo.

São estas, pois, as vias e maneiras pelas quais o diabo, com os seus ardis, entra em cena e põe abaixo o equilíbrio. As Escrituras sempre se caracterizam pelo equilíbrio. Façam uma análise de cada uma das epístolas do Novo Testamento, e verão que geralmente elas começam com uma saudação preliminar, afetuosa e repassada de amor. Esta é seguida por uma exposição de doutrina, lembrando aos leitores diferentes aspectos da verdade. Depois encontramos o vocábulo "portanto", ou seu equivalente, e se seguem a aplicação e a prática. A regularidade com que isto ocorre é deveras notável. É a grande característica do ensino bíblico. Todo lado, aspecto e parte do homem é atendido. Portanto, se nos falta este equilíbrio, não estamos em harmonia com o modelo bíblico.

Outro grave resultado que decorre desta falta de equilíbrio é que ela

mostra que a pessoa em questão foi totalmente incapaz de ver a relação inevitável existente entre os três aspectos e, portanto, está errada quanto aos três. Se você tiver a visão correta da verdade, terá que senti-la. Se a não sentir, será porque não tem a visão certa. Você crê de fato que Jesus Cristo é o Filho de Deus e que Ele entregou o Seu corpo para ser moído e o Seu sangue para ser derramado para que você

fosse perdoado? Você afirma que essa é a sua crença, e que você aceita o conceito vicário, substitutivo, da expiação, e crê que o Filho de Deus o amou até esse extremo. Se você disser que não sentiu nada em decorrência dessa sua fé, eu lhe digo que você não crê nisso, que você não chegou a ter a visão da fé, pois, "Tão maravilhoso, tão divino amor, requer a minha alma, a minha vida e todo o meu ser"!

O que me acontece quando "medito na espantosa cruz"? Fico sentado numa disposição de calmo intelectualismo, impassível? Certamente, se de fato compreendi o seu significado, ao contrário digo:

Meu lucro maior, considero perda, e desdém derramo sobre o meu orgulho.

Se você realmente teve a visão desta verdade, não poderá deixar de sentir-se comovido até às profundezas do seu ser. E não somente isso; decidirá fazer algo a respeito.

Tão maravilhoso, tão divino amor, requer a minha alma, a minha vida e todo o meu ser.

Se você crê que Cristo morreu desse modo para salvá-lo do pecado, poderá continuar no pecado? Isso não é lógico, para dizer o mínimo. Assim, de nada vale você dizer que crê nesta grande verdade se os seus sentimentos não estiverem engajados nela, se você não se sentir tocado emocionalmente, e se também você não se sentir movido a agir. A falta de equilíbrio indica uma total incapacidade de enxergar a inevitável relação existente entre os três — intelecto, emoção e ação.

Mais grave ainda, porém, a falta de equilíbrio implica nossa insub-missão ao método pelo qual Deus trata o homem e o liberta. O método de Deus consiste em tratar do homem completo, integral, e aí está o ponto em que o cristianismo difere das seitas. Estas nunca tratam do homem completo; só tratam de partes dele: tudo que é falso só trata de aspectos parciais. A glória do método cristão e, portanto, o teste mais exaustivo sobre se você crê no evangelho ou não, é que ele abrange a totalidade do seu ser; envolve o homem completo. Se não acontece isso

com você, algo está errado; o diabo o derrotou com as suas artimanhas. Assim, se alguém me diz, "Não estou interessado em meus sentimentos", tudo que lhe digo é, "Muito bem, o que você pensa quanto à sua salvação é somente seu; não é de Deus." Deus se ocupa tanto da salvação dos seus sentimentos como da salvação da sua mente. E mais, se alguém disser, "Não posso ser molestado pelo que faço na prática", dar-lhe-ei uma resposta parecida com a anterior. "O nosso homem velho foi com ele crucificado", escreve Paulo em Romanos 6:6. Para que? "Para que o corpo do pecado seja desfeito, para que não sirvamos mais ao pecado."

Por outro lado, se alguém disser, "Não estou interessado em teologia e doutrina, e no

árduo estudo destas epístolas," eu lhe direi, "Você pode não estar, mas tudo que tenho para dizer-lhe é que você está pondo de lado, desprezando e rejeitando o que Deus providenciou para você. Você não tem direito de dizer que não está interessado em adquirir entendimento da Sua Palavra. Deus lhe deu a mente, e se você não a estiver usando e não se disciplinar para estudar as Escrituras e para ler tudo que puder que o ajude a entender as Escrituras, você estará recusando e rechaçando a própria dádiva de Deus e O estará insultando". O método de salvação de Deus é salvar o homem todo, e não simplesmente partes dele. Não temos direito de escolher e pegar isto e aquilo. O método de salvação de Deus em Cristo abrange o intelecto, as emoções (o coração), a vontade, o entendimento, as sensibilidades, a experiência, a prática, tudo — o homem completo, até mesmo o corpo, afinal! E se escolhermos e pegarmos isto e aquilo, estaremos insultando a Deus e lançando em Seu rosto um dos Seus dons, e um ou outro aspecto da Sua grandiosa salvação.

Finalmente, esta falta de equilíbrio significa que, de um modo ou de outro, estamos difamando o evangelho e o nome de Deus. O propósito de Deus é produzir novos homens, feitos à imagem de Cristo e dotados do equilíbrio que a Sua Palavra mostra entre a mente, a experiência e a prática. Fomos destinados a ser semelhantes a Ele, a amoldar-nos à Sua imagem; e, se formos cristãos claudicantes, cristãos desequilibrados, truncados, estaremos dando má reputação à obra de Deus em Cristo, estaremos deixando de glorificá-lO como devíamos. "Glorifi-cai, pois, a Deus no vosso corpo", diz o apóstolo Paulo, "e no vosso espírito" (1 Coríntios 6:20). "E quanto fizerdes por palavras ou por obras, fazei tudo em nome do Senhor Jesus", e ainda, "Quer comais, quer bebais, ou façais qualquer outra coisa, fazei tudo para glória de Deus" (Colossenses 3:17; 1 Coríntios 10:31). O homem em sua integralidade, a sua personalidade completa, deve dedicar-se a Sua serviço. E se falharmos nesta questão, não estaremos somente sucum-

bindo às ciladas do diabo; estaremos depreciando a glória de Deus e do Senhor Jesus Cristo.

Não há nada mais maravilhoso, repito, quanto a esta salvação do que o seu equilíbrio perfeito. O cristão é aquele que sabe em quem tem crido; ele pode dar a razão da esperança que nele há (cf. 1 Pedro 3:15). Ele se alegra com a verdade e se regozija no Senhor Jesus Cristo "com gozo inefável e glorioso" (1 Pedro 1:8). E, ao mesmo tempo, faz o máximo que pode para ser santo, porque Deus é santo. Ele tem uma visão da glória eterna que o aguarda no porvir, e "qualquer que nele tem esta esperança purifica-se a si mesmo, como também ele é puro" (1 João 3:3). Por isso necessariamente, um dos principais objetivos do diabo é pôr abaixo o equilíbrio e fazer que nos concentremos num aspecto só, excluindo os outros. O método verdadeiro consiste em sermos total e completamente "sempre, unicamente e totalmente por Ti".

“FILOSOFIAS E VÃS SUTILEZAS”

No princípio a vida cristã é essencialmente simples, mas assim que a adentramos, começamos a ver que existem complexidades, não por causa da vida cristã propriamente dita, porém por causa daquilo que estamos considerando nestes versículos. Há uma simplicidade essencial em Cristo, como o apóstolo Paulo lembra aos crentes de Corinto (2 Coríntios 11:3). Entretanto a preocupação do diabo é transformar a “simplicidade que há em Cristo” numa coisa complicada, complexa e difícil. Por isso o apóstolo nos adverte aqui, com estas palavras solenes e comoventes, a estarmos sempre em guarda e, acima de tudo, a que compreendamos algo do caráter e da qualidade deste poderosíssimo adversário que se levanta contra nós. Já vimos como é importante que mantenhamos um verdadeiro equilíbrio, para não virmos a ser cristãos excêntricos. Agora vamos passar à consideração dos ataques particulares que são movidos contra nós através da mente.

O dom da mente — da apreensão, do entendimento — é o maior de todos os dons de Deus ao homem, A capacidade que o homem tem de examinar-se a si mesmo e de pensar de maneira abstrata é o que acima de tudo mais o destaca dos animais. Todavia, por causa das condições em que se encontra o homem decaído, isso veio a ser o seu maior perigo. Em razão disso, o diabo sempre tem sido particularmente ativo em suas investidas contra a humanidade pela rota da mente, do intelecto e do entendimento; e as Escrituras contêm muito ensino com relação a esta matéria em particular. Posteriormente trataremos dos seus ataques mais diretos aos sentimentos e à vontade.

Obviamente, neste primeiro grupo trataremos em particular das pessoas inteligentes. Quanto mais inteligentes as pessoas forem, mais expostas estarão aos ataques que estamos para considerar. Vamos tratar aqui dos homens e mulheres que são ávidos para aprender e conhecer a verdade. Existem os que não querem aprender, que não se interessam pela obtenção de conhecimentos, que dizem que são práticos e nada mais. Outros vivem dos seus sentimentos e imaginam que, se não tiverem um tumulto de emoções, nada terá acontecido. O que vamos dizer não se aplica a eles. Eles já estão enredados nas malhas do

diabo. Os que se recusam a pensar e a usar as suas mentes em conexão com a sua fé cristã acham-se na condição mais perigosa possível. Obviamente são presas fáceis para a próxima seita que entrar em circulação, ou para a próxima agitação que surgir. No entanto, se estivermos conscientes disto e, portanto, se nos preocuparmos com a obtenção de conhecimento, entendimento e apreensão da verdade, haverá então certas tentações e perigos especiais a que estaremos expostos. Chamo a atenção para algumas delas, que colhi das Escrituras.

Comecemos com as ciladas do diabo como se manifestam por aquilo que o apóstolo

denomina “filosofias e vãs sutilezas”. “Tende cuidado, para que ninguém vos faça presa sua, por meio de filosofias e vãs sutilezas, segundo a tradição dos homens, segundo os rudimentos do mundo, e não segundo Cristo” (Colossenses 2:8). Geralmente se concorda em que esta era uma heresia peculiar a Colossos. É evidente que os membros da igreja em Colossos eram muito inteligentes e intelectuais e, portanto, estavam particularmente sujeitos à tentação dessa espécie. Mas isto não se limitava a eles. Na Primeira Epístola de Paulo a Timóteo é dada proeminência ao mesmo assunto, no primeiro capítulo e também no último, onde o apóstolo fala da “falsamente chamada ciência (conhecimento)”. Na verdade este tema se encontra em muitas epístolas do Novo Testamento, como em 2 Coríntios, onde Paulo se diz muito preocupado, temendo que, “assim como a serpente enganou Eva com a sua astúcia, assim também sejam de alguma sorte corrompidos os vossos sentidos, e se apartem da simplicidade que há em Cristo” (11:3). Ênfase ao intelecto era característica da mentalidade grega. Os gregos eram um povo altamente capaz e inteligente. O apóstolo não teve que escrever dessa maneira aos gálatas. Estes eram um povo muito mais primitivo, um povo que vivia muito mais por suas emoções e sentimentos. Assim ele não precisou escrever-lhes sobre este perigo intelectual; porém a estes outros, sim. É sumamente interessante rastrear este perigo nas diversas epístolas.

Aqui, então, estava um perigo que já tinha aparecido nos primeiros dias da Igreja cristã; e me arrisco a opinar que, de todos os perigos, talvez este seja o maior neste presente momento da vida da Igreja cristã. Fora de toda dúvida, em última análise, o maior inimigo isolado da fé cristã e da verdade cristã é a filosofia. É assim porque a filosofia implica uma confiança final na razão humana, no poder da mente humana, na capacidade humana de chegar à verdade, de compreendê-la e de abarcá-la. O problema básico é sempre o problema de autoridade. Qual é a autoridade final com relação à verdade? Isto é absolutamente fun-

damental. Conforme o ensino da Bíblia, do princípio ao fim, a nossa autoridade suprema é a revelação de Deus. Aqui está o grande divisor de águas que determina a posição geral do homem nestas questões. Ou confiamos inteira e exclusivamente na revelação que aprouve a Deus dar-nos por Sua graça, ou então confiamos de modo final em nossa própria capacidade, em nosso próprio conhecimento, em nosso próprio entendimento.

É precisamente neste ponto que as ciladas do diabo se mostram tão enganadoras. Os cristãos enfrentam o perigo de serem governados por aquilo que é chamado conhecimento moderno, pensamento moderno, e especialmente hoje, “ciência”, e não somente o conhecimento científico, porém qualquer classe de conhecimento. Os gregos representavam isto acima de todas as outras nações. Eles ficaram famosos por seus filósofos que viveram e ensinaram antes da vinda do Senhor Jesus Cristo a este mundo — Platão, Sócrates, Aristóteles, e os demais. Eles representaram o

grande e florescente período da mente e do intelecto humanos, e procuraram entender o sentido da vida e do universo. Eles tinham a sensação de que havia um poder por trás de tudo; criam em vários deuses, e tentavam agradar e aplacar estes deuses. Foi em Atenas, o maior centro da cultura grega, que o apóstolo encontrou um altar com a seguinte inscrição: "Ao Deus Desconhecido". Eles tentavam encontrar esse Deus pelos processos da razão, do pensamento e da meditação. Isto é, essencialmente, pela filosofia.

A Bíblia, porém, começa com a suposição de que o homem, por ser decaído, pecador e finito, nunca pode chegar a esse conhecimento. Esse é o primeiro postulado da mensagem cristã — "o mundo não conheceu a Deus pela sua sabedoria" (1 Coríntios 1:21). Em sua melhor e mais alta condição, no florescente período da filosofia grega, falhou. Mas foi quando o mundo não conheceu a Deus pela sua sabedoria, que "aprouve a Deus salvar os crentes pela loucura da pregação (ou pela loucura daquilo que foi pregado)". Há, pois, uma distinção absoluta.

O evangelho começa sobre esta base — que somos completamente impotentes nesta questão de conhecer a Deus, que somos incapazes de chegar à verdade, porém que a Deus, em Sua infinita bondade, agradou revelá-la, e que tudo que nos cabe fazer é — para empregar as palavras do Senhor Jesus — fazer-nos "como meninos". Se não vos con-verterdes e não vos fizerdes como meninos, de modo algum entrareis no reino dos céus" (Mateus 18:3). Ou, para empregar a linguagem do apóstolo Paulo, "Se alguém dentre vós se tem por sábio neste mundo, faça-se louco para ser sábio" (1 Coríntios 3:18). Noutras palavras, se alguém quiser ser sábio neste sentido culminante, terá que deixar de ser filósofo! O filósofo é o "sábio". Assim, se alguém quiser ser realmente

sábio, diz o apóstolo, faça-se louco para ser sábio. Fazer-se "louco" significa que você diz: "muito bem, admito que não posso fazê-lo, que a minha mente é insuficiente, que o conhecimento moderno não me ajuda. Estou absolutamente dependente da revelação dada por Deus."

Atingir esse ponto é chegar ao princípio do cristianismo. "Mas", alguém dirá, "isso é obscurantismo, é cometer suicídio intelectual." Nada disso! Significa que o homem, usando a sua razão, chega inevitavelmente à conclusão de que a sua razão não é suficiente. Essa é a minha paráfrase da imortal declaração de Blaise Pascal, o brilhante matemático e cientista, que disse: "A suprema proeza da razão é mostrar que há um limite para a razão". O principal problema de hoje é que os homens não vêem o limite da razão; continuam tentando entender tudo por seus próprios poderes. O cristianismo começa para mim quando eu chego ao fim da minha razão; quando a minha razão, por assim dizer, me ordena que examine, creia e aceite a revelação divina. Eu então confesso que não sei, que não entendo. Faço-me "como criança" e ergo o olhar para o semblante dAquele que é "o Caminho, e a Verdade, e

a Vida". Esse é o começo do cristianismo! Contudo, desde o momento em que entramos por esse caminho, começamos a usar o nosso entendimento, e este cresce e se desenvolve e, literalmente, não há limite para ele.

Essa é a posição cristã básica; e ninguém poderá ser cristão sem passar por esse caminho, porquanto não existe outro caminho. Mas — e é isto que o apóstolo nos está dizendo — no momento em que nos tomarmos cristãos desse modo, o diabo começará a atacar-nos. Ele nos dirá: "Você está absolutamente certo; essa é a maneira correta de tomar-se cristão". Antes ele dizia exatamente o contrário, naturalmente; agora porém, vendo que falhara, e que nos tomamos cristãos pela graça de Deus, ele vem por uma tangente completamente diferente, e diz: "Sim, você está certo; naturalmente é essa a maneira pela qual começar; era preciso que lhe fosse "dada alguma coisa". Entretanto agora que você entrou nessa vida, certamente não pode mais crer na Bíblia como ela é. Você vê, a Bíblia foi escrita há muitos séculos; seu último livro foi escrito há quase dois mil anos, e alguns deles são muitos mais antigos, tendo sido escritos muitos séculos antes do apocalipse.
A Bíblia estava perfeitamente atualizada quando foi escrita e, naturalmente, o Novo Testamento é de valor inapreciável, mas foi escrito num idioma antigo, e ninguém entende mais as suas expressões. Não só isso; hoje há muitíssimo conhecimento disponível, de que as pessoas dos primeiros séculos não dispunham. Se você quiser de fato ser um cristão do século vinte, atualizado, terá que dar atenção ao conhecimento moderna, às descobertas da ciência, e assim por diante. A

ciência da biologia, por exemplo, ensinou-nos o fato da evolução, ou seja, que o homem não foi criado como a Bíblia diz, e sim evoluiu gradativamente. E foram feitos vários outros descobrimentos. Os jornais falam de pinturas feitas em cavernas há 60.000 anos, ou mesmo há mais tempo. A antropologia enriqueceu muito o conhecimento; assim, os seres humanos agora se acham numa situação inteiramente diferente. Claro que você deve continuar crendo no Senhor Jesus Cristo, mas..."

Pois bem, no momento em que você se submeter ao "mas" do diabo, já terá sucumbido às suas ciladas. Esse é, creio eu, um dos maiores perigos que confrontam a Igreja cristã. Creio que seria correto dizer que é o maior perigo que está confrontando o povo evangélico no presente momento. Há nos Estados Unidos da América o que denominam "Novo Movimento Evangélico" *(The New Evangelicalism),* que, como o entendo, nada é senão uma manifestação do que venho dizendo. Dizem os seus promotores que o movimento evangélico tem que ser atualizado; ele tem sido muito negativo e obscurantista; não tem dado suficiente atenção à ciência e à cultura; perdeu a respeitabilidade intelectual. Vê-se cada vez mais que os cristãos não estão hesitando em aceitar como básicas e fidedignas certas afirmações e autoridades extra-bíblicas. A questão da relação da Bíblia e da religião com o conhecimento científico moderno é difícil e complexa; porém não tem por que

ser tão complexa como o diabo a está tomando atualmente. A situação é a seguinte, como eu a entendo: enquanto a ciência estiver tratando de fatos, devemos aceitá-la; mas, no momento em que começar a tratar de teorias, levantemos todas as questões em que pudermos pensar. A essência do problema moderno está em que o diabo está obscurecendo o ponto, confundindo teorias e fatos. O evolucionismo não passa de teoria; não é um fato comprovado. Assim, quando os homens falam acerca da evolução, não estão agindo cientificamente, estão falando como filósofos. E pura especulação. Estou asseverando que jamais deveremos aceitar a especulação ou a suposição como uma das nossas autoridades básicas. Ou, para expor a matéria de maneira diferente, as grandes verdades básicas eu só devo tomar e aceitar da Bíblia. Noutras palavras, quando estou considerando a natureza do *homem,* devo auferir da Bíblia o meu conhecimento a respeito do homem. Quando estou considerando a doutrina do pecado, devo extraí-la da Bíblia. Não devo extraí-la da teoria da evolução. A Bíblia me diz que o homem foi formado perfeito e subsequentemente caiu. Seja qual for a teoria que ponham diante de mim, não crerei em nenhum outro conceito da atual condição do homem, porque sei que é errado. A Bíblia é a revelação de Deus! Tudo que se refere à salvação cristã depende

deste fato essencial. Não poderei sair dizendo que creio na doutrina cristã da salvação, se deixar de acreditar na queda do homem por causa da teoria da evolução.

Uma das partes principais da astúcia e sutileza do diabo é tentar mudar a minha autoridade. Ele sugere que eu não acredite mais na Queda e na doutrina do pecado porque "a ciência ensina... E se eu der agasalho a essa sugestão, nesse momento eu terei saído da esfera da revelação, e estarei dizendo que o homem, com a sua razão e capacidade, com seu poder de investigar e de conferir os fatos, é capaz de estabelecer postulados quanto à verdade fundamental. Contudo, a Bíblia começa dizendo-me que ele não é capaz de fazê-lo, que foi justamente isso que ele não conseguiu fazer, que ele foi cegado pelo deus deste mundo, e ele não se conhece a si mesmo porque não conhece a Deus. Portanto, jamais deverei portar-me dessa maneira.

O fato real é que não há nenhum novo conhecimento que, de algum modo, faça a menor diferença para os postulados básicos da fé e da mensagem cristã. Daí precisarmos ter cuidado com as "filosofias e vãs sutilezas." Diz-nos o apóstolo Paulo no capítulo primeiro da sua Primeira Epístola aos Coríntios que ele prega a cruz de Cristo, conquanto "não em sabedoria de palavras, para que a cruz de Cristo não se faça vã" (versículo 17). O homem pode começar pela fé na cruz de Cristo, todavia se ele se iniciar na filosofia e for influenciado por ela, acabará dizendo alguma coisa diferente e, assim, fará da cruz de Cristo uma coisa "vã". Acabará em algo inteiramente e radicalmente diverso da sua crença e posição original. As epístolas do Novo Testamento tiveram que ser escritas por causa dessa

possibilidade. Alguns daqueles espertos filósofos estavam dizendo: "É muito bom e certo ser cristão; mas se você quiser realmente compreender a verdade, não a tome nos termos de Paulo, em sua crueza, falando materialisticamente como ele fala sobre o sangue de Cristo e sobre a justiça e a retidão de Deus. A cruz é uma coisa muito bonita, se você a vê como deve ser vista." E assim eles fizeram evaporar-se a glória da cruz, esfumando-se nalgum belo pensamento filosófico; e por essa razão o apóstolo dá a isso o nome de "filosofias e vãs sutilezas".

Podemos resumir tudo isso dizendo que não devemos basear a idéia que defendemos ou a posição em que estamos, no que envolva o nosso relacionamento com Deus, em nada que não seja a revelação dada na Bíblia. No momento em que aceitarmos alguma autoridade extrabíblica, já teremos sucumbido às astutas ciladas do diabo. Sejamos cautelosos; sejamos cuidadosos. O diabo chega e diz: "Você quer de fato que as pessoas ouçam a sua mensagem? Se quer, deve começar conscienti-zando-se de que está pregando em pleno século vinte, e não no século

primeiro. Se você acha que pessoas modernas, instruídas, esclarecidas vão crer nesse velho e simples evangelho como foi pregado pelo Senhor Jesus Cristo e por Paulo, está cometendo um engano terrível. Elas não lhe darão ouvidos e vão ridicularizar a sua mensagem. Portanto", continua ele, "você deve apresentar o evangelho de modo que eles possam aceitá-lo. Você não deve ferir as suas suscetibilidades, não deve fazer da sua mensagem uma ofensa ao seu conhecimento e ao seu entendimento intelectual."

Isso, eu garanto, vem do próprio diabo. Se realmente cremos na mensagem da Bíblia, temos que dizer: esta é a verdade de Deus! Ela é e sempre foi ofensiva ao homem natural. Foi ofensiva aos homens do tempo de Paulo. Os filósofos gregos, quando ouviram Paulo, disseram que ele era louco, um "tagarela". Sua mensagem era "loucura" para eles. "Ora, o homem natural não compreende as coisas do Espírito de Deus, porque lhe parecem loucura; e não pode entendê-las, porque elas se discernem espiritualmente" (1 Coríntios 2:14). Já naquele tempo diziam que era loucura; os homens sempre dirão que é loucura. No entanto, digam o que disserem, o que me compete é pregar a verdade de Deus; e o Espírito Santo honrará essa verdade. Ela pode convencer até os intelectuais. Já o fez, e continuará fazendo.

No momento em que eu começar a empregar "palavras persuasivas (ou "sedutoras", AV) de sabedoria humana" (1 Coríntios 2:4), a apresentar o meu moderno conhecimento humano e a basear parte da minha posição nas descobertas modernas, já terei abandonado a posição verdadeira e minha única autoridade real. Não haverá dificuldade quanto a isto no momento em que você saiba alguma coisa da ciência e suas especulações e observe o modo como ela está sempre mudando. Atualmente temos dois cientistas em Cambridge brigando entre si sobre a origem da vida. Isso é excelente! Mostra justamente como é enganoso basear a nossa posição na "ciência".

Como poderá você basear a sua posição decisiva naquilo que qualquer homem pode dizer? Ele não somente é finito, como também é cego e pecador. Na Bíblia, e somente na Bíblia, está a genuína autoridade; as teorias vêm e passam, mas a verdade bíblica prossegue indestrutível. É a verdade uma vez e para sempre "dada aos santos" (cf. Judas 3), e não há outra verdade. Cuidado com as "filosofias e vãs sutilezas".

Notemos, ademais, que o desejo de ser filosófico e de obter entendimento pode penetrar as nossas mentes doutra maneira. Nem sempre vem do modo aberto como estive indicando, como uma espécie de influência dominadora fundamental sobre o meu pensamento básico, porém às vezes — e este é um meio muito mais comum — como um

desejo de compreender tudo que está ligado à revelação divina. Todos nós caímos nesta tentação. Dizemos: "Mas eu não posso entender como isto ou aquilo... Eu não posso entender como uma morte pode cobrir tudo — eu não vejo como. Eu não vejo como a justiça de Cristo... Não consigo acompanhar isso. Eu...". Este desejo de entender tudo é outro aspecto das "filosofias e vãs sutilezas". A mente natural sempre ambiciona compreender tudo. O filósofo é o tipo de gente que tem a pretensão de poder compreender, abarcar toda a verdade; e invariavelmente quer ter um sistema que cubra todas as coisas. Este sempre tem que ser completo, nada pode ser deixado para trás que ele náo possa explicar. Ora, esse desejo está em cada um de nós. Todos nós somos filósofos por natureza; e há muitos que ficam fora da vida cristã simplesmente porque "Eu não entendo isso, não entendo aquilo". Entretanto, mesmo depois de você ter entrado na vida cristã, o diabo virá e o atormentará com esta tentação, e o fará dizer: "Mas eu não consigo acompanhar isto, eu não posso ver como...". Temos que contentar-nos com o que foi estabelecido uma vez por todas em Deuteronômio 29:29: "As coisas encobertas são para o Senhor nosso Deus; porém as reveladas são para nós e para nossos filhos para sempre, para cumprirmos todas as palavras desta lei." Não há nada além disso! Há coisas secretas, "encobertas", e há coisas que aprouve a Deus revelar; e eu e você temos que contentar-nos com as coisas que foram reveladas, e nem sequer devemos tentar entender as coisas "encobertas". Esta é uma das regras mais importantes da vida cristã.

Vejamos a questão em termos de uma exortação do apóstolo aos coríntios: "Ninguém se engane a si mesmo: se alguém dentre vós se tem por sábio neste mundo, faça-se louco para ser sábio" (1 Coríntios 3:18). Esta regra é básica. Ou por outra, eu e você temos que assumir esta posição e dizer: dado que esta é a verdade de Deus, por definição haverá coisas sobre ela que eu não poderei entender. O próprio Paulo recua e exclama: "grande é o mistério da piedade: Aquele que se manifestou em carne..." ("Deus se manifestou em carne", AV) (1 Timóteo 3:16). Notem as suas palavras — "grande é o *mistério* da piedade". Quem pode entender isso? "Ah",

dizem alguns, “mas não posso entender como podem existir duas naturezas numa pessoa! ” Claro que você não pode! Quão tolo você é, só por pensar que podia! Imagine contrapor a sua pequena mente, o seu diminuto cérebro, e a sua ignorância, contra o mistério da piedade! “Não posso entender!” Certamente que não. O que você terá que fazer é entender primeiro a si mesmo, pois no momento em que o fizer, deixará de tentar entender mistérios, perceberá que, por definição, isso é impossível, pois os mistérios eludem o entendimento. Seria possível à mente finita abarcar o Infinito? Jamais

se deveria permitir que a filosofia se imiscuísse nestas questões; deveria ser totalmente excluída disso.

Não tenho a menor dúvida na mente de que a Igreja cristã é como é hoje em grande parte porque, durante os últimos cem anos, muito tempo foi dedicado, nas faculdades e nos seminários teológicos, ao ensino de filosofia. Esta constitui o maior inimigo da verdade cristã. Se os homens se tomassem cristãos por meio da filosofia, como seria injusto e parcial o cristianismo! Não haveria razão para enviar missionários estrangeiros ao coração da África central. Como poderiam pregar o evangelho a pessoas que nada sabem, incapazes até de ler e pensar? Toda a situação é insensata. Não, perante o evangelho somos todos um. O erudito filósofo é tão “louco” quanto o pagão mais ignorante, mais iletrado.

Este é o cristianismo básico. Graças a Deus que é assim, pois, doutro modo, não seria o método de salvação de Deus; seria desigual, seria injusto. Quando você vem ouvir o evangelho, tem que começar dizendo: “Deus, em Seu maravilhoso amor e graça, agradou-Se benignamente em revelar estas coisas; regozijar-me-ei nelas. Não posso entendê-las, são por demais gloriosas; por isso não posso entendê-las, e não vou tentar entendê-las”. Assim, no futuro, quando alguém se aproximar de você e disser, “O que não consigo entender é isto! Você pode me explicar?”, você não deverá ter medo de dizer, “Claro que não posso; eu mesmo não sei!” Há muitas coisas que não sabemos. Vejamos os primeiros capítulos de Gênesis. Há coisas ali que não vejo com clareza. Não as entendo. Mas isso não me preocupa; não fui destinado a sabê-las. Tudo que sei, como o autor da Epístola aos Hebreus o expõe no capítulo onze, versículo 3, é: “Pela fé entendemos que os mundos pela palavra de Deus foram criados; de maneira que aquilo que se vê não foi feito do que é aparente”. Essa é a verdade concernente à criação, e eu não sei nada mais, além do que me é dito ali. Há muitas lacunas em meu conhecimento; isso não me apoquenta. Contento-me com o conhecimento de que Deus existe, e de que Deus é o Criador. “No princípio criou Deus os céus e a terra”, e criou “tudo quanto há neles” (Atos 14:15). Deus criou o homem “à sua imagem” — disso estou certo! Não há como questionar que o homem é uma criatura única, feita “à imagem de Deus.” Então, por que ele é o que é hoje? O homem se rebelou e caiu — disso estou certo! Ora, há muitas coisas das quais não estou certo, quanto aos pormenores. Não

se preocupe; diga apenas, "Não sei". Um dia me será dada plena revelação na glória por vir; não obstante, enquanto eu estiver neste mundo, direi: "As coisas encobertas são para o Senhor nosso Deus; porém as reveladas são para nós."

Nunca vá além do conhecimento daquilo que foi revelado, e nunca dê o menor incentivo ao desejo de entender aquilo que jamais foi intenção que você entendesse. Vejamos de novo a pergunta: "Como podem existir duas naturezas numa pessoa?" Ou as perguntas: "Onde está a alma, no homem? Qual a relação entre a alma e o corpo?" Simplesmente não sabemos as respostas! E, contudo, sabemos que temos alma! Não podemos compreender estas coisas; são mistérios. O que me causa espanto é que muitos homens e mulheres não vêem que, quanto mais aumenta o conhecimento, maior se toma o mistério. Veja-se o átomo. "Ah", dizem os homens, "nós dividimos o átomo, e agora entendemos". Acaso entendemos como este poder quase inconcebível é mantido naquela minúscula coisa em tão tremenda tensão? Claro que não podemos entender isso. É um grande e maravilhoso mistério. Quanto mais progride o conhecimento, maior fica o mistério. Conten-temo-nos com o que foi revelado e resistamos à sagaz tentação do diabo por essa outra maneira de agir.

Passemos agora a considerar uma terceira questão. Há sempre o perigo de que o diabo venha tentar persuadir-nos de que o conhecimento que recebemos das Escrituras precisa ser suplementado um pouco. Aqui volto a referir-me àquela exortação na qual o apóstolo adverte a Timóteo a que seja cuidadoso precisamente neste ponto: "Ó Timóteo, guarda o depósito que te foi confiado, tendo horror aos clamores vãos e profanos e às oposições da falsamente chamada ciência." Que magnífica descrição dos escritos e discursos dos filósofos! "Clamores vãos e profanos"! (AV: "Falatórios vãos e profanos"!) — "e oposições da falsamente chamada ciência" (1 Timóteo 6:20). Não significa "ciência" no sentido moderno da palavra, mas a referência é ao "conhecimento" que estava em oposição ao evangelho. "Timóteo", diz Paulo noutras palavras, "só há um meio de se manter livre destes falatórios vãos e deste conhecimento. Apegue-se ao que lhe foi confiado, guarde-o, vele por ele, nunca olhe para coisas alheias a esse depósito, fique aí firme e rijo. Estas outras pessoas foram atrás da filosofia e "se desviaram da fé" (versículo 21). Ele dissera anteriormente a Timóteo que alguns tinham sofrido "naufrágio na fé" (1:19), por terem abraçado a heresia peculiar contra a qual ele estava advertindo a Timóteo e exortando-o a advertir outros; era uma espécie de mistura de filosofia e misticismo.

Depois da filosofia, o misticismo é, seguramente, o maior perigo. O misticismo é ao mesmo tempo uma manifestação e um resultado do desejo de "imediaticidade", de obtenção de "conhecimento imediato", direto. Há uma coisa certa nisso, porque se espera que conheçamos a

Deus; todavia posto que Deus intenta que O conheçamos, o diabo introduz o

misticismo. Este ensina que é possível ter-se um imediato e direto conhecimento de Deus de maneira muito mais fácil daquela que é ensinada nas Escrituras. Tocamos nisso quando tratamos das seitas, que se baseiam todas nessa idéia. Entretanto, além das seitas, há vários movimentos na Igreja que podem ser classificados como místicos. Em termos simples, o misticismo ensina que Deus está em você, Deus está em todas as pessoas, e que se você quiser conhecer a Deus, tudo que terá que fazer é concentrar-se unicamente nisso, excluir tudo mais, e mergulhar dentro de si mesmo. Você passará por uma espécie de fase negativa e morrerá completamente para si próprio, e então chegará ao ponto da iluminação. E assim se tem "a via mística", assim chamada, e as várias etapas da via mística. Este tipo de ensino vem ameaçando o cristianismo desde o início. Foi uma ameaça para os cristãos que estavam sob os cuidados pastorais de Timóteo; foi uma ameaça para os cristãos de Colossos. Era uma curiosa mescla de misticismo e especulação, e elementos tomados dos ensinos do judaísmo e das "religiões de mistério".

Talvez o mais perfeito exemplo que tivemos disso na Inglaterra no século atual seja o de William Ralph Inge, ex-deão da Catedral de S.Paulo, em Londres. Ele era um filósofo famoso, mas também tinha interesse pelo misticismo — por vezes as duas coisas andam juntas. É assim porque, quando você fica em dificuldade com o seu pensamento e não consegue raciocinar mais, pode saltar para o misticismo e, então, pode obter conhecimento direto. Tanto a filosofia como o misticismo estão errados porque ambos deixam de lado as Escrituras. Você jamais chegará ao conhecimento de Deus afundando em si mesmo. Não há conhecimento definitivo de Deus fora do Senhor Jesus Cristo e da plena e perfeita revelação que nEle há. Estejamos ligados firmemente à Cabeça, diz o Novo Testamento, em quem "habita corporalmente toda a plenitude da divindade" (Colossenses 2:9). Não há caminho direto para Deus, a não ser pelo Salvador. Não se pode passar por alto esta grande doutrina. Cuidado, pois, com as "filosofias e vãs sutilezas", cuidado com esta tentativa de atalhar pelo Novo Testamento e, mediante algum processo místico, chegar a este maravilhoso, imediato e direto conhecimento e experiência de Deus. Esse é um aspecto das "filosofias e vãs sutilezas."

Não há nada que esteja atacando a Igreja de maneira mais insidiosa do que as "filosofias e vãs sutilezas" na hora presente. Elas se insinuam da maneira mais especiosa em muitos livros religiosos modernos. É nisto que as coisas andaram erradas no século passado. Sempre que a Igreja teve medo de ser louca por amor de Cristo (cf. 1 Coríntios 4:10),

ela passou a errar. Esta mudança para pior acontece por volta do período de 1850 a 1870. Tinha-se dado o grande Despertamento Evangélico do século dezoito. Ocorrera principalmente entre os pobres, com as massas populares, com os operários que viviam num estado de ignorância. E as igrejas que emergiram daquele despertamento compunham-se daquelas pessoas. Naturalmente, elas eram

menosprezadas e ridicularizadas por pessoas como o Lorde Chesterfield e vários outros intelectuais. Os grandes pensadores e filósofos, e as pessoas cultas do século dezoito, chamavam-lhe "entusiasmo", e o desprezavam. Foi assim que começou, e enquanto se manteve nisso foi muito poderoso. Mas, conforme o século passado foi transcorrendo, as coisas começaram a mudar. Os desprezados, e especialmente os seus descendentes, tomaram-se "respeitáveis"; seus filhos receberam mais benefícios educacionais, e começaram a dizer: "Precisamos ter um ministério culturalmente mais bem preparado. Não podemos continuar proclamando este evangelho simples e opaco, precisamos tê-lo ilustrado com citações da filosofia grega, dos clássicos latinos, e assim por diante". Assim a Igreja se voltou para o conhecimento, a cultura e a filosofia. O período vitoriano médio é grandemente responsável pelas atuais condições da Igreja cristã. Ele traiu o passado. A Igreja quis ser intelectualmente respeitável, quis ser capaz de fazer desfilar seu fino entendimento das coisas perante o mundo. No entanto, ao proceder assim, já traiu tudo. Temos que ser "loucos por amor de Cristo".

Se você crê no evangelho, muitos lhe dirão: "O quê? Você ainda acredita nisso? Você ainda acredita no pecado? A psicologia já explicou isso há muito tempo". Vão rir de você. "Você ainda crê na Bíblia? Você ainda a toma como a sua autoridade final? Você diz realmente que põe a Bíblia acima de tudo quanto foi descoberto nos últimos 2000 anos sobre estas mesmas coisas?" E se não disser destemidamente: "Sim — porque ela ainda é a Verdade, e a única Verdade", você já sucumbiu às "filosofias e vãs sutilezas". Fomos destinados a ser "loucos por amor de Cristo". "Mas longe esteja de mim gloriar-me, a não ser na cruz de nosso Senhor Jesus Cristo, pela qual o mundo está crucificado para mim e eu para o mundo" (Gálatas 6:14). Longe de mim gloriar-me em qualquer outra coisa! "Ah", dizem outros, "mas nós queremos sermões interessantes; gostamos de ouvir sobre como a ciência agora está explicando os milagres e tomando muito mais fácil entender a Bíblia". Longe de mim fazer isso! Se você achar que é mais fácil crer nos milagres agora do que há 2000 anos, você ainda não crê em milagres! Você nunca compreenderá os milagres; por definição eles estão além da compreensão humana. Não há necessidade de coisa alguma em acréscimo à Bíblia, nunca devemos acrescentar-lhe nada. A Bíblia é

tudo, é total, é completa. É a revelação de Deus; e devo rejeitar toda e qualquer coisa que se me ofereça como um adendo, ou como uma espécie de suplemento a ela. Ela é tão atual agora como o era no princípio; e sempre o será. Não ambiciono nada diferente. Não sei tanto sobre Deus e sobre Cristo como o apóstolo Paulo sabia; tampouco o sabem os filósofos modernos. Portanto, proponho-me continuar ouvindo Paulo e não os filósofos. Rejeitemos todas as outras coisas. Tudo que Paulo ensinou lhe fora dado, era uma revelação que ele tinha "recebido"; e nós estamos inteiramente dependentes disso. Assim, devemos fechar os nossos olhos para toda forma de "filosofias e vãs sutilezas". Essa é uma das maneiras de revestir-nos de "toda a armadura de Deus." É apenas uma das maneiras de termos os nossos

lombos cingidos com a verdade (cf. Efésios 6:14). Queira Deus dar-nos sabedoria para cingir-nos com a verdade, para podermos estar firmes contra “as astutas ciladas do diabo.”

WA CIÊNCIA INCHA!"

Ao atacar as mentes dos cristãos, o diabo emprega outro método semelhante ao já mencionado e, todavia, essencialmente diferente. É possível a um crente que evitou o perigo de introduzir a filosofia e impô-la à Bíblia, e que sinceramente reconhece a Bíblia como a sua única autoridade, e deseja sujeitar-se de coração ao seu sentido evidente — ainda é possível a esse crente desviar-se, tomando-se puramente teórico em sua atitude para com este precioso conhecimento. Isso pode acontecer com todos nós, mas acentuo de novo que esse perigo é peculiar aos que têm mentes penetrantes e que desejam entender as coisas e crescer no conhecimento. O diabo, conhecendo-nos como nos conhece, sempre adapta com exatidão a particular forma de tentação à nossa mentalidade. Neste ponto não estou me referindo aos que não lêem as Escrituras, ou as lêem pouco, e que dizem: "Só me interesso pela experiência." O diabo não perturba esse tipo de gente, porém, aos que de fato querem crescer e se desenvolver, ele vem e diz: "Naturalmente, você está certo; o que você necessita, e o que todos necessitam, é mais e mais conhecimento." No entanto, ele pressiona tanto que, por fim, eles ficam numa condição em que toda a sua relação com a verdade fica sendo puramente acadêmica e teórica. E isto envolve o terrível perigo de ficarem tendo mais preocupação e mais interesse pelo conhecimento intelectual da verdade cristã do que pelo conhecimento do Senhor Jesus Cristo; e se o diabo, com todas as suas ciladas, conseguir enganar-nos e arrastar-nos para esta condição, ficará mais que satisfeito. Outrossim, este mal consiste na incapacidade de perceber que o objetivo final de todo o conhecimento é levar-nos a conhecer a Pessoa de Cristo. Não devemos parar no conhecimento a respeito dEle, embora seja este precioso e vital.

Devemos sempre vigiar quanto ao terrível perigo de crer nas doutrinas concernentes a Deus, ao Senhor Jesus Cristo e ao Espírito Santo, sem termos uma fé singela nas três benditas Pessoas. As grandes doutrinas estão nas Escrituras, e é essencial que as conheçamos. Eu não conseguiria enfatizar demais o valor desse conhecimento. Mas o diabo vem e procura pressionar-nos a ponto de ficarmos só interessados nas

doutrinas, olvidando as Pessoas, restando-nos apenas um corpo de verdades teóricas. Nessas condições, virtualmente transformamos a doutrina cristã num copo de filosofia, e nossa relação com as Pessoas divinas poderá ficar num estado de total dormência. Esta é, naturalmente, outra manifestação daquela falta de equilíbrio que estivemos considerando anteriormente, o perigo de tomar-nos cada vez mais intelectuais e teóricos, o perigo de tomar-nos inteiramente objetivos, vindo nós a abordar esta grande e gloriosa verdade do mesmo modo como se estivéssemos abordando qualquer outra verdade ou ensino.

Lamentavelmente isto pode ser ilustrado com muita facilidade mediante fatos tirados da longa história da Igreja. Aconteceu tantas vezes! Após períodos de avivamento,

muitas vezes seguiram-se períodos de um seco e árido escolasticismo em que as pessoas estavam mais interessadas numa compreensão teórica da verdade. Perderam contato com Deus e o Senhor Jesus Cristo não era conhecido pessoalmente. Infelizmente há indicações disto na Igreja dos dias atuais. É-nos possível ter um interesse tão exclusivamente intelectual pela verdade, que paramos de orar. Sei de certos ramos muito ortodoxos da Igreja cristã nos quais não se fazem reuniões de oração e não se fazem pregações evangelísticas. É tudo "ensino", nada senão ensino. Já se foi o real interesse pelas almas, e até mesmo a percepção da absoluta necessidade de "orar sem cessar" desapareceu. Os que caíram nesta armadilha estão vivendo inteiramente na esfera do intelecto, e todo o seu interesse pela verdade é puramente teórico, como se o cristianismo fosse apenas uma questão de crer e aceitar certo número de proposições.

De tempos em tempos este perigo terrível tem afligido todos os ramos da Igreja, de um modo ou de outro, e tem produzido várias reações na história da Igreja. Não há dúvida, por exemplo, de que o monasticismo, com a idéia de que o homem deve isolar-se e sair do mundo e se fazer monge ou heremita ou anacoreta, surgiu como uma reação contra este perigo de intelectualismo estéril. De repente alguém se deu conta de que não tinha nada senão um interesse teórico pela verdade, pura questão mental, sem efeito na vida. Daí pensou que só havia uma coisa para fazer; devia afastar-se do mundo e concentrar-se no cultivo da sua vida espiritual. O misticismo surge de maneira muito semelhante. Os monges e os místicos foram de um extremos a outro. Todos os extremos são maus; e isso de se tomar demasiado teórico e abstrato é um deles.

Para ser muito prático, estou disposto a afirmar que no momento em que você começar a ver-se, quanto à verdade cristã, como simples estudante, já terá sucumbido ao diabo. Este é o perigo peculiar com que

se defrontam certos tipos de pessoas que consideram a Bíblia apenas como um livro-texto. Sempre fico triste quando alguém se aproxima de mim e me diz: "Sou um grande estudante da Bíblia". É claro que eu creio que todos os cristãos devem estudar a Bíblia, não porém dessa maneira. Todo homem deve chegar-se à Bíblia porque ela é o pão da vida, alimento para a alma, algo que é essencial para o nosso bem-estar. Entretanto, quando alguém diz com chocha verbosidade, "Eu sou um estudioso da Bíblia", a impressão que me dá é que o mais provável é que ele não faz senão uma abordagem puramente acadêmica e teórica da verdade. Isso pode ser, em si mesmo, um laço do diabo. E quando, em acréscimo, você concorre em provas de conhecimento bíblico, a coisa fica pior ainda.

Quase me disponho a dizer que é um pecado fazer exames de conhecimento bíblico, porque com isso estimulamos essa abordagem puramente teórica. Acaso conheço os livros da Bíblia? Sei analisá-los e analisar o seu conteúdo? Devo parar nisso? Não é

assim que se aborda a Bíblia. A Bíblia é a Palavra de Deus, destinada a alimentar completamente a alma; e sempre se deve aplicar o seu ensino. Nunca devemos deter-nos no nível teórico e intelectual.

Segue-se necessariamente que este perigo é peculiar aos pregadores — homens como eu mesmo — e estudantes de teologia. Todos nós que manejamos a Palavra de Deus e a ensinamos, estamos expostos a um perigo muito grande. Quero dizer mais uma vez que estou profundamente convicto de que é uma terrificante verdade, confirmada cada vez mais pela minha experiência, que ser pregador e expositor do Livro de Deus é uma das coisas mais perigosas do mundo. Há só uma coisa que eu sei que é mais perigosa do que ser o que chamamos pregador de tempo integral; é ser pregador leigo, pois este não tem que enfrentar as dificuldades do pregador, do pastor que tem que conviver com as pessoas às quais prega. O pregador leigo está numa situação muito mais perigosa porque tem o privilégio e o poder, sem a responsabilidade correspondente. Faltam-lhe as restrições que tendem a manter em ordem o pastor. Não estou diminuindo os perigos enfrentados pelo pastor-pregador, ou pelo estudante, estou simplesmente salientando que o perigo é maior no outro caso. O perigo com que se defronta o pastor-pregador é o de um profissionalismo que leva a uma abordagem teórica, acadêmica. A Bíblia vem a ser apenas um livro no qual o homem procura e acha textos para sermões. Assim, ele se põe a ler a Bíblia dessa maneira, sempre em busca de um novo sermão ou de um texto. Deus tenha misericórdia do homem que fica nessas condições! É um total abuso da Bíblia.

Isto não se aplica somente ao pregador e ao mestre; aplica-se

também a todos os que ouvem a pregação. Pode-se ouvir de maneira teórica. Pode-se ouvir como "perito". Pode-se ouvir como provador de sermões, como um especialista em pregação. Assim que ficarmos nessas condições, de um ou de outro lado, obviamente estaremos sucumbindo às ciladas do diabo.

Realmente estamos tratando do perigo de deixar de ficar sob o poder da verdade. No momento em que você deixar de ficar sob o seu poder, já se terá tomado vítima do diabo. Devo aplicar isso a mim mesmo, como pregador. Se eu puder estudar a Bíblia sem me sentir sondado, examinado e humilhado, sem me sentir elevado e movido a louvar a Deus, e sem sentir tanto desejo de cantar quando estou sozinho em meu gabinete como quando estou de pé no púlpito, estou em péssimo estado. Esta é a verdade de Deus, é o poder de Deus, e sempre devemos sentir algo desse poder.

Isto se aplica também aos ouvintes da verdade. Se você pode freqüentar igrejas e sair sem ter sentido o poder da verdade, ou você ou o pregador está falhando miseravelmente. Se é tudo questão de entretenimento intelectual, de dar e receber alguma porção de conhecimento, de ver revelado algum erro, de ouvir um trecho das Escrituras analisado e explicado, e a verdade exposta — se tudo ficar nisso e

não chegar a você de modo tal que o faça sentir-se inquieto; se não o fizer perceber as suas deficiências, a sua indignidade, as suas falhas, se não trouxer à luz as coisas secretas e ocultas no seu coração; se não o levar a reunir as suas forças e a fazer alguma coisa com relação à sua própria pessoa; se não o tocar e não o comover, e não o fizer sentir-se como transbordando de louvor — bem, nesse caso, você está em condições perigosas.

E a essas condições o diabo se esforçará para levá-lo. "Ah, sim", ele dirá, "quanto mais você conhecer, melhor será; estude com todas as suas energias e com toda a sua capacidade. " Contudo, se você fizer isso do jeito errado, irá tomar-se unilateral, intelectual e teórico, e nunca experimentará o poder da verdade. Quem quer que se ache nessas condições, deverá arrepender-se e compreender que está numa das condições mais perigosas que se possa imaginar. Se você pode ouvir a verdade de Deus sem às vezes ficar aterrorizado, há alguma coisa errada com você. Se você chegou a um estado de insensibilidade, precisa voltar a colocar-se debaixo do poder de convicção de pecado e ser levado a indagar-se se afinal você é cristão mesmo. Se você pode manejar a verdade bíblica superficial e desligadamente, de maneira puramente objetiva, dizendo: "Já faz anos que eu fui salvo, agora sou um estudioso da Bíblia, estou interessado nas doutrinas mais elevadas ou nos problemas relacionados com as profecias", o melhor que poderá

fazer é examinar de novo os fundamentos, pois você se encontra numa das mais perigosas condições que a alma pode conhecer.

Outra questão que em seguida menciono, e que decorre da precedente, é o orgulho intelectual. Esta questão não é exatamente idêntica à anterior, mas a anterior tende a levar a esta. O orgulho intelectual é uma condição da mente e da alma que a Bíblia descreve em termos de "inchar-se". Paulo afirma, em 1 Coríntios 8:1 — "A ciência incha" (AV —"O conhecimento incha"). Todas as espécies de conhecimento tendem a inchar-nos. Todavia o conhecimento bíblico em particular tem essa tendência. O homem fica orgulhoso do seu conhecimento e do seu entendimento; toma-se uma autoridade; e, por sua vez, naturalmente, vem a desprezar os outros. Esse foi um dos grandes problemas ocorridos em Corinto. O irmão mais forte desprezava o mais fraco

— esse sujeito ignorante que não "sabe" nada! As pessoas fortes, esclarecidas, dotadas de facilidade para progresso no conhecimento, desprezava os outros irmãos, pelos quais Cristo morreu. O apóstolo não poupa estes irmãos "fortes"; trata-os com severidade. "O conhecimento incha, mas o amor (a caridade) edifica."

A terrível tentação para orgulhar-nos do nosso conhecimento da bíblia, do nosso conhecimento da doutrina, sempre está presente. E, enquanto estivermos nessas condições, é claro que não estaremos em contato com as Pessoas divinas. Ninguém pode ficar orgulhoso na presença de Deus, ninguém que realmente conheça o Senhor

Jesus Cristo pode inchar-se. Como diz o apóstolo, “Ainda não conhecemos nada como devíamos conhecer” (“conhecemos em parte”), No máximo, “vemos por espelho em enigma”, neste mundo (1 Coríntios 13:12). Nada temos de que possamos orgulhar-nos. Como Tiago o expressa, “Meus irmãos, muitos de vós não sejam mestres” (Tiago 3:1). Tenham o cuidado, diz ele, de não erigir-se em padrão para o seu próprio julgamento. Se se colocarem como autoridades, bem, esperem ser julgados como autoridades. Se alguém disser: “Eu sei tudo sobre isso”, será examinado com base nisso. Todo e qualquer orgulho e satisfação própria na presença de Deus é totalmente inimaginável. Ainda não sabemos nada como deveríamos saber, não passamos de principiantes, remadores a remar na beira deste poderoso e imenso oceano da verdade. Acautelemo-nos do orgulho intelectual; este foi a causa do pecado original, e tem sido, desde então, o pecado que assedia o povo de Deus. “Aquele que se gloria, glorie-se no Senhor” (1 Coríntios 1:31)

— não no conhecimento da doutrina, não no conhecimento sobre o Senhor. Glorie-se no Senhor mesmo, e em nada mais.

Outro perigo — igualmente tratado em muitas passagens do Novo Testamento — é o perigo de que, havendo começado no Espírito, retomemos à came. Este é o grande tema da Epístola aos Gálatas, resumindo nas palavras, “Sois vós tão insensatos que, tendo começado pelo Espírito, acabeis agora pela came?” (Gálatas 3:3) (AV:"... agora vos aperfeiçoeis pela came?”). O apóstolo estava escrevendo a crentes autênticos, e esta é uma das “ciladas do diabo” com relação ao crente. É o perigo de que, tendo começado pela visão clara de que a justificação é somente pela fé, e de que tudo na vida cristã é pela fé, você pode, inconscientemente, começar a escorregar para trás, voltando a confiar nas suas obras, de uma forma ou de outra. É uma tentação muito sutil e astuta. Até Pedro chegou a sucumbir sob ela como resultado do temor que teve dos irmãos que tinham vindo de Jerusalém, e, em Antioquia, o apóstolo Paulo teve que lhe resistir “na cara”, como ele no-lo recorda no capítulo dois, versículo 11, de Gálatas. É o perigo de retroceder de uma posição correta. Havendo visto, na ocasião da sua conversão, que a salvação vem inteiramente pela fé e confiança no Senhor, logo você começa a confiar em suas boas obras e atividades, naquilo que você é, no seu próprio entendimento; e nesse ponto você introduz estes acréscimos fatais. Qualquer tipo de acréscimo é sempre e inevitavelmente um erro. No caso dos gálatas foi a circuncisão, por causa do ensino dos judaizantes. Mas, surja como surgir a tentação para que retrocedamos, é essencial lembrar que não podemos aperfeiçoar a obra da graça ao nível da carne; tudo deve ser feito ao nível do Espírito; e sempre pela fé. Em última instância, tudo é pela fé e baseado na fé; e não devemos recuar dessa verdade fundamental. Portanto, devemos examinar-nos quanto a isto. Damo-nos conta de que em nosso leito de morte estaremos completa, inteira e absolutamente dependentes do Senhor Jesus Cristo e da obra perfeita realizada por Ele? Toda a nossa justiça é como “trapo da imundícia” (Isaías 64:6); devemos confiar unicamente em Cristo. Faça tudo que puder, obtenha

todo o conhecimento que puder, trabalhe quanto puder, porém nunca ponha a sua confiança nestas coisas. Temos que confiar única e completamente em Cristo.

Outro aspecto deste assunto é o perigo de ficarmos com uma verdadeira obsessão por *um* aspecto da verdade. Emprego o termo "obsessão" deliberadamente; porque, embora não seja bem isso no caso de uma obsessão psicopática, no sentido estritamente médico, não há dúvida quanto à realidade da obsessão produzida pelo diabo em certas pessoas. Ele faz isso levando a pessoa a fixar a atenção em um só aspecto da verdade. A verdade é muito ampla e abrangente. Uma das

glórias da verdade é que ela é imensamente vasta e profunda em sua altura, profundidade, largura e altura. Mas o diabo persuade o homem a se fixar só numa coisa, e ele percorre a Bíblia inteira e não enxerga nada mais. Ele a vê sempre falando daquilo em que se fixou, sempre registrando aquilo, sempre o sublinhando e o promovendo. Para esse homem não há nada na Bíblia, senão a tal coisa. Sua obsessão é uma clara manifestação do sucesso das "astutas ciladas do diabo".

É muito interessante ouvir o que as pessoas dizem e observar como elas mesmas se apresentam. Como os homens se traem com o que dizem inconscientemente, e revelam as suas diferentes obsessões! Alguns parecem pensar que o evangelho não é nada mais que uma mensagem sobre cura física. Raramente falam doutra coisa; para eles nada importa, senão unicamente este ponto. A obsessão de outros — euso a expressão deliberadamente — é no que se refere à santificação. Nada mais lhes interessa. Perderam completamente o equilíbrio da verdade, estão sempre pregando a sua teoria particular da santificação. De há muito pararam de evangelizar, pois a sua acariciada teoria monopoliza a sua atenção. Não devemos formar movimentos com relação a doutrinas particulares; tentar fazê-lo é perder o equilíbrio. Muitos freqüentam encontros e reuniões porque estão desejosos de livrar-se de algum pecado particular; o que muitos deles precisam é converter-se! Nem sequer conhecem a doutrina da justificação! Sempre é preciso haver equilíbrio, doutrina em plenitude, "todo o conselho de Deus" (Atos 20:27), e não apenas um aspecto em particular. Não há "especialistas" na esfera espiritual, e no momento em que alguém se diga tal, já está dominado por uma obsessão. Não importa qual doutrina particular seja; sempre que se toma obsessão é um erro. Se você está mais interessado numa doutrina particular do que no conhecimento de Deus e do Senhor Jesus Cristo, você tirou de foco a verdade e se tomou uma pessoa espiritualmente obsessiva. Quanto mais estreito for o círculo do seu interesse, mais perito você ficará nisso. A extensão e a escala do conhecimento são menores; daí poderá parecer que você tem conhecimento completo da matéria, e que sabe muito mais do que os outros. Portanto, isso leva imediatamente a um estado de orgulho espiritual. Queira Deus livrar-nos de sermos cristãos obsessivos, a tocar sempre na mesma tecla, sem nunca deixá-la e sempre a introduzi-la im-positivamente.

Outro grupo que pode ser levado a extraviar-se pelas “ciladas do diabo” consiste dos que se acham em perigo de passar a interessar-se unicamente por exterioridades. Há muita gente assim. O diabo chega a um bom homem, que muito se preocupa em ter conhecimento acerca

da verdade e o leva a fixar a sua atenção num assunto particular, tal como o governo da igreja. Há pessoas que não falam doutra coisa; só falam sobre o governo da igreja. Em sua opinião, tudo que é preciso acontecer para avivar a Igreja hoje é ter ela uma forma diferente de govemo eclesiástico — como se isso fosse central! Assim, elas passam a interessar-se apenas pelo mecanismo da questão, ou por uma tradição em particular. Muitos são entusiasmados demais com a questão de lealdade denominacional. Muitas e muitas vezes eles nem sabem por que pertencem a certa denominação, exceto que aconteceu terem nascido nela, pois os seus pais já pertenciam a ela antes. Eles não sabem mais nada, além disso; mas lutarão até à última trincheira por sua denominação e pelo seu grupo. Isso é puro tradicionalismo, e o diabo prontamente faz uso disso. Quantos há que se mostram mais interessados pelo alinhamento eclesiástico ou pelo denominacionalismo do que pelo Senhor Jesus e pela salvação que jorra sobre nós através dEle!

Depois vêm os que só se interessam pela história. Nada lhes é mais fascinante do que a história; e, contudo, se você simplesmente se toma um historiador, ou não é animado por outra coisa que não seja um interesse de antiquário pelos assuntos cristãos, o diabo fica seguro de si a seu respeito porque o tem ferrado no sono. É bom ler sobre os grandes santos do passado, porém cuidado para não viver das experiências deles e para não querer ter a mesma experiência que eles tiveram. Noutras palavras, quando você ler as experiências dos grandes santos de Deus, sempre faça perguntas a si próprio como as seguintes: conheço isto? Tenho aquilo? Posso falar desta maneira? Se não, por que não? O diabo animará você a armazenar conhecimentos e procurará persuadi-lo de que, devido você gostar de ler sobre estas coisas, você ocupa a mesma posição deles.

Vêem-se claramente estas coisas na história da Igreja Primitiva. Os judeus que se tomaram cristãos estavam numa situação muito difícil. Tinham atrás de si a grande tradição do judaísmo e dos ensinos e doutrinas do Velho Testamento. Mas também havia gentios que se tomaram cristãos. Para o judeu era muito difícil compreender que o homem que acabara de vir do paganismo estava de fato exatamente na mesma posição em que ele se achava. Era isso que estava acontecendo na Galácia e noutros lugares; certos judeus não conseguiam largar aquilo que haviam sido instruídos a crer. Todavia jamais deveremos permitir que o tradicionalismo nos governe. Não significa que desprezamos o passado — naturalmente que não! Aprendamos dele, mas não nos façamos seus escravos. Graças a Deus por todos os bons costumes e tradições, porém assim que eu prestar culto à tradição, estarei numa condição perigosa. Devemos guiar-nos pela verdade do

Novo Testamento, e não pela tradição, por mais antiga e venerável que ela seja. Esta tendência é óbvia na vida da Igreja hoje, em meio a toda a conversa sobre união e ecumenismo. Por que existem tantas denominações? A resposta é que elas são mantidas pela tradição, e nada mais. Elas estão de acordo sobre doutrina, ou sobre a irrelevância da doutrina! E a mesma tentação pode sobrevir àqueles que, entre nós, somos evangélicos, somos conservadores. Devemos acautelar-nos quanto às tradições que realmente não pertençam aos elementos vitais e essenciais da vida cristã, mas não passam de meros acidentes da história ou das circunstâncias.

De todas as tragédias que o diabo causa com as suas ciladas, desviando pessoas e tirando-as pela tangente, nenhuma situação é mais patética do que a do excêntrico espiritual. O diabo se utiliza das suas ciladas para privar essas pessoas das riquezas da vida cristã e das gloriosas experiências que a caracterizam. Não somente isso, no entanto, por meio dessas pessoas, ele faz grande dano à causa de Deus, porque elas fazem com que a causa de Deus pareça ridícula. Qualquer pessoa, com um mínimo de bom senso e de inteligência, pode ver isso num relance. Por isso o diabo dá atenção especial a esse tipo de coisa. Lamento ter que dizê-lo, mas, entre outras coisas, refiro-me a algumas das muitas esquisitices relativas ao "ensino profético". Alguns se tomam excêntricos sobre isto. Eles tomam um ponto particular e lhe dão ênfase como se fosse tudo. Sempre estão falando disso, não enxergam outra coisa, não se interessam por nada mais. O ensino profético — o que vai acontecer, em sua relação com o que aconteceu — enche a sua visão. As circunstâncias e os eventos acontecidos de fato, muitas vezes os compelem a modificar o seu ensino porque o que afirmaram que ia acontecer não aconteceu. Então eles seguem outra linha. E isso se repete uma e outra vez; e toda a questão da profecia passa a sofrer má reputação e a ser ridicularizada diante dos olhares do público. Há diferentes ênfases, é claro, porém eles têm esta ênfase geral específica, segundo a qual a profecia é tudo para eles.

Devemos interessar-nos pelo ensino profético porque constitui uma parte bem definida do ensino bíblico; mas não tenho dúvida de que são os extravios, as esquisitices e as excentricidades que têm sido tão evidentes nos últimos cem anos, quanto ao ensino profético, que têm levado muitos, na Igreja hoje, a evitar os assuntos proféticos. Eles não querem ser tidos como excêntricos, e o resultado é que fogem de todo o ensino profético. Isso é igualmente mau, é claro. O diabo vem e diz: "Ah, tem razão, profecia! Principalmente hoje; veja os fatos". Nossos amigos não percebem que o diabo sempre falou assim, através dos

séculos. Dizem eles: "Só podemos estar nos últimos tempos." Mas certas pessoas disseram isso de maneira igualmente confiante há duzentos anos, ou mais. Isso tem sido falado através de todos os séculos. "Mas, dizem, veja...". Concordo, porém outros já falaram isso, e nós também podemos esta errados. O perigo está em particularizar demais e acabar numa tangente — num ponto só; e aí você já terá

saído do grande círculo da verdade.

Outro exemplo disto é o interesse pelos números bíblicos. Tenho visto muita gente completamente extraviada pela numerologia. É um assunto muito interessante. Há um profundo significado nos números empregados na Bíblia — não se questiona isso! No entanto, o que o diabo faz é estimular indevidamente este interesse. Cristãos há que lêem muitos livros sobre isso e, por fim, acham-se capazes de provar quase qualquer coisa. Anotam certos números em correspondência com certas letras, fazem suas somas e subtrações, e passam o tempo todo brincando com números bíblicos. É uma verdadeira armadilha.

Permitam-me acrescentar outro exemplo — e é estritamente contemporâneo — o interesse por diferentes traduções da Bíblia. Refiro-me ao tipo de homem que você pode ter conhecido como não cristão. Você viu sua conversão e observou seu crescimento incipiente na vida cristã. Ele sofreu certas influências e, então, você nota que, quanto ele lhe escreve, adota um novo método. Ele conclui sua carta — ou talvez inclua um pós-escrito — com uma citação das Escrituras; mas entre parênteses você lê "Weymouth", ou "Way", ou "Moffatt", ou "Phillips", ou N.E.B., ou R.S.V. ou alguma outra sigla ou abreviatura indicando a versão utilizada. Falando de modo geral, não hesito em afirmar que isto é uma manifestação das "astutas ciladas do diabo". O homem veio a interessar-se pelas Escrituras, e toda vez que você o encontra, ele diz: "Você já viu a mais nova tradução?, "Ouviu falar desta ou daquela versão?"

Uma vez conheci um bom cristão que trouxera de sua antiga vida não regenerada para a nova vida regenerada um hábito dessa espécie. O homem do mundo encontra outro homem do mundo, e diz: "Você ouviu esta?", e lhe conta uma história, uma anedota. Este homem em particular não gostava mais de histórias mundanas, contudo costumava aproximar-se e dizer: "Você já ouviu esta?", e lhe citava uma tradução especial de algum versículo das Escrituras. Ele vivia fazendo isso, pois ainda tinha esse modo de pensar e essa mentalidade. Muitas vezes, também, tais pessoas estão interessadas no sentido exato de alguma palavra que elas acabaram de descobrir, e isso muda tudo para elas. Ficam eloqüentes com relação a isso, e ficam tremendamente comovidas com a sua descoberta; e nunca lhes ocorre que, obviamente,

isto não pode ser tão importante como imaginam. Elas caem no real perigo de transformar a Bíblia numa espécie de livro de charadas, uma coleção de palavras cruzadas espirituais, e passam o tempo brincando com palavras, frases e traduções, e com a mecânica da tradução. E nesse ponto já perderam a verdade, e seu interesse está posto somente em superficialidades e exterioridades.

Tenho visto muito excelente cristão sair da trilha e extraviar-se por causa destas coisas. Deixa de fazer trabalhos cristãos, deixa de preocupar-se com os perdidos.

Na verdade, parece que nem mesmo interesse em conhecer o Senhor e em fruir comunhão com Ele tem mais; todo o seu interesse está numa ou noutra questão marginal. Não há nada mais estéril, mais árido. Alguns dos períodos mais secos da história da Igreja decorreram desse erro. Deus nos proteja destas coisas!

Minha última divisão desta parte que trata dos intelectuais e da abordagem através da mente, é sobre todo o problema relacionado com as dúvidas. O diabo pode ser muito astuto neste ponto; pode praguejar de dúvidas o homem. Consegue isso levando-o a pensar que as dúvidas que está tendo são suas dúvidas pessoais, e que as dúvidas são sempre e invariavelmente pecaminosas. Isto é muito sutil. O que o diabo faz é ocultar-se e fazer o homem pensar que as dúvidas estão surgindo nele mesmo e em sua própria mente; ao passo que o que de fato está acontecendo é que ele está arremessando no homem o que o apóstolo, mais adiante, denomina "dardos inflamados do maligno" (Efésios 6:16). Ele atira dúvidas em todos nós, mas, porque alguns não entendem que elas provêm do diabo e imaginam que se originam neles próprios, condenam-se a si mesmos e acham que as dúvidas são pecaminosas. Começam, afinal, a duvidar de que são cristãos; e o diabo os mantém em escravidão e num estado de terrível infelicidade e miséria.

Não há nada pecaminoso no fato puro e simples de sermos assaltados por dúvidas. Alguns dos maiores santos foram atacados por dúvidas lançadas neles pelo inimigo até o fim das suas vidas. Isso não é pecado. Eles detestavam as dúvidas e as rejeitavam. Isso prova que elas não eram propriamente deles. Quando um homem começa a aceitá-las e a concordar com elas é que passam a ser dele. Mas, naturalmente, o diabo procura confundir a questão nesse ponto.

Na verdade, às vezes tenho sido tentado a dizer que o homem que dessa maneira foi assaltado por dúvidas pela ação do diabo está provavelmente numa situação mais segura e mais saudável do que o tipo de pessoa que diz: "Desde que me converti, nunca fui afligido por nenhuma dúvida". Seguramente há algo suspeito com relação a este

segundo tipo de pessoa, porque tão certo como o homem é cristão, o diabo o atacará com estas mesmas artimanhas, e com toda a sua astúcia.

As dúvidas podem sobrevir-nos de todas as direções, principalmente, talvez, quando estamos lendo as Escrituras ou quando estamos orando. Entretanto, não permita que o diabo o persuada de que são *suas* dúvidas. Se as detestar, se as rejeitar e se, como Lutero, sentir-se indignado e como que atirando um tinteiro naquele que o está assediando e atacando, não há pecado aí. É o diabo que o está tentando. Ele foi ao Filho de Deus e Lhe disse: "Se tu és o Filho de Deus." E certamente O atacou do mesmo modo na cruz, dizendo: "Se Deus fosse teu Pai, deixaria que ficasses sujeito a isto?" (cf. Mateus 27:43), e assim por diante. Trataremos disso mais tarde, mas era preciso mencioná-lo neste ponto.

São estas, pois, algumas das maneiras pelas quais o diabo, com toda a sua sagacidade e com as suas ciladas, ataca e assedia a alma individual. Dêem-se conta de que são confrontados por tal inimigo. Revistam-se, pois, de "toda a armadura de Deus". Vocês têm necessidade de cada peça dela. Várias passagens nos dizem o que ela é. Coloquem-na toda, fiquem completamente revestidos dela. Não deixem nenhuma parte desprotegida, pois o diabo pode vir de qualquer lado. Somente quando formos fortalecidos "no Senhor e na força do seu poder", e estivermos revestidos de toda a armadura de Deus, é que estaremos capacitados a permanecer "firmes contra as astutas ciladas do diabo".

FÉ E EXPERIÊNCIA

Estivemos considerando os ataques do inimigo às mentes dos crentes, bem como os modos como ele o faz, produzindo um árido e estéril intelectualismo, ou um orgulho do intelecto e do entendimento, e especialmente na questão das heresias. Fizemos um ligeiro exame de algumas das heresias; outras comparecerão diante de nós, à medida que avançarmos. Nesta altura deixarei as ciladas do diabo como manifestas nos ataques às mentes dos crentes, e passarei à segunda parte, nas divisões principais, na qual veremos a maneira pela qual o diabo nos ataca nos domínios da experiência.

É muito difícil traçar uma linha exata entre estas várias categorias. Onde acaba a mente e começa a experiência? Obviamente ambas são intimamente relacionadas; todavia temos que traçar alguma linha divisória, pois, doutro modo ficaremos confusos. Portanto, traçarei uma linha entre os ataques mais direta e particularmente dirigidos à mente, e vários outros ataques que são mais subjetivos e se acham na esfera da experiência. Com freqüência há cristãos que se vêem em dificuldade na esfera da experiência porque têm uma compreensão defeituosa da verdade. Todas estas coisas são interrelacionadas: "As más conversações corrompem os bons costumes". "Como o homem pensa, assim ele é." E, evidentemente, se houver algum defeito na compreensão e na apreensão da verdade, inevitavelmente decorrerá algum tipo de problema na esfera da experiência. Assim, muitas vezes se vê na experiência pastoral que muitos dos problemas experimentais que atormentam as pessoas, e sobre os quais elas vêm falar com um pastor ou ministro, são o resultado de um entendimento errôneo ou de algum ensino errôneo num ou noutro ponto. Aqui, pois, está uma dificuldade, a de traçar uma linha exata.

Outra dificuldade é que é muito mais difícil reconhecer as ciladas do diabo nesta questão de experiência do que nos ataques à mente. Ele é astuto em toda parte; mas, ao fazermos uma comparação entre as duas áreas, ficará evidente que na esfera da experiência ele é particularmente sutil e astuto, por ser esta muito subjetiva. Quando tratamos da doutrina e das heresias estamos, afinal de contas, tratando de algo que se acha

fora de nós, e temos as Escrituras, os credos, as confissões e livros que expõem a verdade para ajudar-nos. O tema está fora de nós; é objetivo. No entanto, nos domínios da experiência estamos tratando de algo que é quase inteiramente subjetivo e que interessa aos nossos sentimentos, às nossas emoções, às nossas condições pessoais, às nossas disposições. Obviamente, pois, a análise só poderá ser excessivamente difícil.

Para usar uma comparação, geralmente nos é mais fácil lidar com algum problema puramente teórico e acadêmico do que lidar com o problema da nossa saúde, por exemplo. Por sermos sofredores, por termos dores ou males, ou alguma dificuldade

em nossa constituição, é mais difícil para nós do que para outrem chegar a ter plena ciência do que está acontecendo. Somos a parte interessada, nós é que estamos tendo as sensações. Isso toma a solução mais difícil do que quando estamos tratando de algo inteiramente fora de nós. Inclinamo-nos a ficar na defensiva, a ficar sempre com razão; e nisso o diabo tem a sua oportunidade. Não nos colocamos em guarda quando estamos lidando com a verdade objetiva. A verdade subjetiva, da experiência, tem que ver pessoalmente conosco, de modo que nos protegemos e nos guardamos, e o resultado é que fica muito mais difícil reconhecermos o que está acontecendo conosco. Não é essa a nossa experiência comum? Toda vez que há algum problema ou briga ou contenda, é sempre devido a alguma outra pessoa, não é? Nunca estamos errados; sempre estamos certos, a culpa é sempre da outra pessoa! O diabo nos cega, com as suas ciladas e com a sua astúcia. O interesse próprio, a preocupação conosco mesmos e a auto-promoção se intrometem. O resultado é que não conseguimos exercer um julgamento tão bom e tão objetivo como podemos fazer com relação às questões externas.

Como no caso da mente, e como no que se refere à prática, uma grande característica da atividade do diabo nas questões subjetivas é que ele sempre cria confusão. Ele nos põe num estado de confusão e de desordem. Outra característica é que ele sempre tende a levar-nos de um extremo a outro. Ao corrigirmos uma coisa, somos tão propensos a exagera na correção que nos inclinamos a cair no erro oposto, tão mau como o que estivemos corrigindo, e o resultado é confusão.

Para expressar a coisa de modo muito simples e prático, vamos lidar com os altos e baixos da experiência cristã, e especialmente com o fato de que há muitíssimos cristãos que não são felizes. Na verdade alguns acham-se numa condição totalmente miserável; estão sempre nalgum tipo de perplexidade e infelicidade, carregando um fardo, afligindo-se com algum problema na esfera da experiência. É tudo resultado das “astutas ciladas do diabo". Não há outra adequada explicação disso.

Por que não nos regozijamos todos com esta grande e gloriosa salvação e não louvamos a Deus com todo o nosso ser? A única resposta é esta: “as astutas ciladas do diabo”. Num lugar ou noutro da esfera da experiência, ele causou confusão, e não sabemos onde estamos. O resultado é que o nosso testemunho fica grandemente prejudicado.

Começaremos a examinar este tema procurando ver toda a questão do lugar da experiência na vida cristã. Duas principais dificuldades e problemas se nos apresentam. A primeira é que alguns cristãos dão total ênfase à experiência; nada lhes importa senão o experimental, o aspecto vivencial. Não estão interessados na verdade, nem em definições; dizem que o que importa é o homem poder dizer: “Eu era cego, mas agora vejo.” Se a pessoa não puder atestar uma grande mudança em sua vida, eles acham que ela não tem coisa alguma. É o único teste que eles aplicam.

Estão sempre falando disso. Contam-nos o que lhes aconteceu, e dizem que nos pode e nos deve acontecer a mesma coisa, e assim por diante. Não se preocupam em verificar o que produziu a mudança; não se interessam pelo fato de que existem muito meios para a produção da mudança. A única coisa que conta é a experiência; nada mais importa.

Este conceito extremo pode tomar várias formas; por exemplo, a que vemos no capítulo quatro do livro de Jó. Elifaz, o temanita, é uma excelente ilustração do tipo de homem para quem as experiências são a única coisa que importa. Jó estava numa terrível dificuldade, padecendo daquele mal na pele, em agonia. Seus filhos tinham sido mortos por um furacão, seus animais tinham sido roubados pelos sabeus e pelos caldeus. Quando ele se achava nessa aflição, Elifaz, um dos seus amigos, veio, e vejam o que lhe disse: "Uma palavra se me disse em segredo; e os meus ouvidos perceberam um sussurro dela. Entre pensamentos de visões da noite, quando cai sobre os homens o sono profundo, sobreveio-me o espanto e o tremor, e todos os meus ossos estremeceram. Então um espírito passou por diante de mim; fez-me arrepiar os cabelos da minha carne; parou ele, mas não conheci a sua feição, um vulto estava diante dos meus olhos; e, calando-me, ouvi uma voz que dizia...". Noutras palavras, ele estava dizendo a Jó mais ou menos o seguinte: "Escuta-me, eu sei do que estou falando. Tive uma experiência, tive uma visão". Há pessoas de certo tipo que sempre estão falando em estranhas e extraordinárias experiências, visões, êxtases e várias coisas que lhes sucederam. As experiências constituem a sua autoridade, e nelas tudo se baseia. Essas pessoas estão sempre dizendo: "Ouça-me, foi isso que me aconteceu e, portanto, falo com esta autoridade fora do comum." E, naturalmente, o diabo também as

estimula, não somente a falar constantemente sobre isso, e sim a buscar mais experiências do mesmo tipo. Há certas pessoas que o diabo ataca nesta linha. Ele sabe que elas estão interessadas nisso devido ao seu temperamento natural, ou porque passaram a interessar-se por fenômenos físicos, ou por causa de alguma coisa dos seus antecedentes ou que lhes é subjacente, alguma confusão em suas leituras ou em seus ensinos. Daí o diabo as pressiona e as encoraja; conseqüentemente, ficam sempre procurando estas experiências incomuns e excepcionais.

Naturalmente acreditamos que a experiência é absolutamente essencial para o cristão. Contudo, aqui estamos lidando com pessoas que vivem das experiências, baseiam tudo nelas e não se interessam por nenhuma outra coisa. Algumas delas vivem de experiências do passado. Conheci muitos cristãos assim, e eles sempre me deram a impressão de serem tristes e patéticos. Não restam muitos deles agora, porém houve tempo em que eu os encontrava em considerável número. Toda vez que os encontrava, ou toda vez que eu pregava em sua região e eles vinham falar comigo após o culto, eu sabia que dentro de instantes eles me estariam falando das

coisas que lhes tinham acontecido no avivamento em Gales de 1904 e 1905. Sempre! Vivam dessas experiências, sempre falando delas, sempre olhando para trás. Essa era *a* coisa, a única coisa — como se nada lhes tivesse acontecido desde aquela ocasião. Nunca me falaram de alguma coisa que acaso lhes tivesse acontecido depois de 1905, mas sempre me falavam de coisas admiráveis que lhes sucederam durante a época do avivamento. Coisas admiráveis eram, e são coisas das quais devemos falar; no entanto, não devemos viver delas.

Conheci um ministro cujo ministério foi arruinado por esse mal. Durante aquele mesmo avivamento este homem tivera extraordinários e admiráveis experiências da parte de Deus; não havia dúvida quanto a isso. Ele fora usado de maneira extraordinária. Todavia o avivamento acabou, todos os avivamentos acabam, e o pobre homem, em vez de entender a situação e continuar com a sua tarefa de expor as Escrituras e pregar o evangelho no poder do Espírito, ficou esperando que as experiências incomuns continuassem. Mas elas não vieram. Durante o avivamento este homem nunca tinha que preparar as mensagens, as palavras lhe eram dadas, e havia grande liberdade e poder. Entretanto, quando o avivamento se findou, isso acabou também. Não obstante, ele continuou sem se preparar, continuou esperando o incomum; e isso não aconteceu. Por isso ficou deprimido e passou cerca de quarenta anos de sua vida numa condição de improdutividade, infelicidade e inutilidade. Quando falava das experiências do avivamento, ele se transformava, seus olhos bri- lhavam e ele falava com animação. Contudo, ge-

ralmente era hipocondríaco, infeliz, miseravelmente triste e totalmente ineficiente em seu ministério. Isto é tão - somente uma ilustração do tipo de coisa à qual estou me referindo. O diabo tem arruinado muita vida cristã estimulando pessoas a viveram de experiências — procurando-as, ansiando por elas, sempre falando delas, olhando retrospectivamente para elas, pondo nelas a sua confiança. E assim ele anula o valor que elas poderiam ter como vividos testemunhos cristãos.

Há muitos cristãos que depressa reconhecem essa falácia particular, cristãos que, na verdade, reconhecem essa falácia com tanta clareza que, com a sua sagacidade, o diabo os leva diretamente ao outro extremo. Vêm a ser pessoas totalmente sem interesse pela experiência. A ênfase à experiência é algo que eles quase desprezam. Olham para os cristãos que sempre estão falando das suas experiências, e indagam: "Que sabem *eles* da verdade?" Então começam a expandir-se acerca da verdade; nada lhes importa, senão unicamente a verdade. Observem onde o diabo entra. A verdade é essencial, absolutamente vital, mas se alguém afirmar que só a verdade é essencial, estará tão errado como os que afirmam que nada, senão a experiência é essencial. Desta maneira o diabo usa esta grande questão do lugar que a experiência ocupa na vida cristã, e causa indescritível confusão. O problema com os do segundo grupo é que falam muito sobre a verdade, porém muitas vezes ocorre que nunca sentiram o seu poder. "Tendo a aparência de piedade", diz o apóstolo,

"mas negando a eficácia dela" (2 Timóteo 3:5). Eles nunca sentiram o poder da verdade, nunca foram dominados por ela. Eles têm um interesse puramente intelectual por ela. A verdade de que tanto falam nunca mudou as suas vidas; nunca fez uma diferença vital para eles. Certamente isso é tão errado como errada é a posição que defende somente a "experiência". Um diz: "Nada importa, senão a experiência"; outro diz: "A única coisa que importa é: você teve discernimento e entendimento, esta compreensão da verdade?" O segundo grupo vê o cristianismo só objetivamente; o primeiro, só subjetivamente.

Quando exponho a matéria desta maneira, parece óbvia. Mas será igualmente óbvia na prática? Que sabemos realmente da verdade cristã na experiência? Somos o que somos por causa da nossa fé nesta verdade? Esta verdade se apossou de nós, nos agarrou? Esta verdade nos domina e nos dirige realmente? Não nos enganemos sobre isto; a verdade de Deus é algo que precisa ser experimentada. Não é um sistema filosófico, não é apenas um ensino ético. O objetivo e fim da religião cristã é levar-nos a conhecer a Deus; e Deus não é uma espécie de "X" filosófico. Não é uma abstração, um mero postulado de uma escola filosófica. Deus é! Ele é uma Deidade Pessoal. E devemos

conhecê-lO.

O apóstolo João, o último dos apóstolos, escrevendo como ancião uma carta, diz: "O que era desde o princípio, o que vimos com os nossos olhos, o que temos contemplado, e as nossas mãos tocaram da Palavra da vida" (1 João 1:1). Ele diz, efetivamente: Isto não é filosofia, não é misticismo; é concreto, é uma Pessoa viva, Deus na carne! Nós O tocamos, nossas mãos tocaram a Palavra da vida; ("Porque a vida foi manifestada, e nós a vimos, e testificamos dela, e vos anunciamos a vida eterna, que estava com o Pai, e nos foi manifestada); o que vimos e ouvimos isso vos anunciamos". Ele lhes anuncia isto não por ser um grande e glorioso sistema da verdade, superior a tudo mais, e sim, por ser um tão admirável "corpo de teologia", cujo exame nos emociona. "O que vimos e ouvimos isso vos anunciamos, para que também tenham comunhão conosco." Que é esta "comunhão conosco"? "E a nossa comunhão é com o Pai, e com seu Filho Jesus Cristo." Noutro lugar ele escreve: "E a vida eterna é esta: que te conheçam, a ti só, por único Deus verdadeiro, e a Jesus Cristo, a quem enviaste" (João 17:3). Isso não é saber coisas *sobre* Ele. Os demônios sabem e tremem (Tiago 2:19). Trata-se do conhecimento da experiência, do conhecimento da comunhão, do conhecimento nascido da intimidade.

O diabo, repito, causa indizível confusão neste ponto da mais central importância. A essência da posição cristã é experiência — experiência de Deus! Não é apenas saber a verdade ou apreendê-la intelectualmente. Isso pode ser do diabo. Se não me leva ao conhecimento do Pai e do Seu Filho, não tem nenhum valor para mim. Mas, permitam-me lembrar-lhes, por outro lado, que é igualmente importante que a minha

experiência seja uma experiência do Pai e do Seu Filho. Há seitas que poderão mudar a sua vida, seitas que poderão livrá-lo das coisas que o derrotam, seitas que poderão dar-lhe felicidade. A psicoterapia também pode fazer isso, e muitos outros meios há para isso, até mesmo uma operação do seu cérebro. Devemos ter um teste. Se a experiência não é a experiência do Deus vivo e verdadeiro, mediante Seu Filho que veio a este mundo para viver, morrer e ressuscitar para no-la dar; se não é mediada pelo Espírito Santo, não é uma genuína experiência cristã.

O diabo vem e nos ilude com a sua astúcia. Alguém me diz: "Tive uma experiência, minha vida mudou, uma coisa maravilhosa me aconteceu". Digo-lhe que é bom que ele seja uma pessoa melhor, mas o que lhe peço que me diga é: por que você é uma pessoa melhor? Temos que testar a experiência pelos dois lados. Sem experiência não há nada. Não há nenhum valor em ter uma cabeça cheia de conhecimento, se este não se apossou de você, se não lhe deu conhecimento de Deus. O fim e objetivo de todo conhecimento é levar-nos a um

conhecimento experimental do Deus vivo, e do Seu Filho Jesus Cristo. Conhecemos o poder da verdade? Temos uma viva experiência de Deus e do Seu Filho? Deus é real para nós?

Aí é precisamente onde o diabo entra, com as suas artimanhas, de um lado ou de outro. Sejamos claros quanto a isso. A experiência é essencial, é vital. O cristão é um novo homem; é diferente de todos os demais. Mas é um novo homem como resultado da graça de Deus no Senhor e Salvador Jesus Cristo e por meio dEle. Se você teve uma experiência porém ainda continua sem fé em Deus, não é uma experiência verdadeira. Se você confia numa experiência, todavia não crê no Senhor Jesus Cristo em Sua plena Deidade, em toda a Sua glória e em Sua obra expiatória, não é uma verdadeira experiência do Pai e do Seu filho, na comunhão do bendito Espírito Santo.

Passemos agora a considerar o lugar dos sentimentos. Os sentimentos fazem parte da experiência, porém não são idênticos a ela. A experiência é maior do que o sentimento. Inclui tudo que diz respeito à comunhão. O sentimento é um aspecto particular da experiência. Aqui, também, o diabo causa confusão sem fim e, mais uma vez, do mesmo modo, quer exa- gerando a importância do sentimento, quer recusando-o e desprezando-o.

Alguns vivem dos seus sentimentos, e os exageram por completo; nada lhes interessa, exceto os sentimentos. Esse é o único critério para avaliar uma reunião. Se os participantes não choraram, nada aconteceu, e a reunião não tem nenhum valor. Naturalmente, esta questão de sentimento pode assumir muitas formas. Nem sempre é choro; às vezes é excitação, quase histeria. Se estas pessoas não foram exaltadas acima de si mesmas e não estiveram perto de perder o controle de si mesmas, acham que não aconteceu nada. Esse é o seu único teste da operação do Espírito Santo.

Alguns vivem do emocionalismo ou do sentimentalismo. Como acreditam que nada importa, exceto esta espécie de tumulto ou exacerbação das emoções naturalmente farão tudo que puderem para fomentá-lo; e muitas vezes é produzido deliberadamente. Há cultos nos quais os participantes batem palmas, gritam, cantam e repetem certos tipos de coros — tudo feito deliberadamente para produzir excitação. E quanto mais excitados ficam, e quanto mais emocionados se tomam, mais maravilhosa é a bênção do Espírito, acham eles. É mero emocionalismo.

Outro aspecto da mesma coisa é o sentimentalismo. Muitos de nós sabemos algo sobre isso, talvez por experiência própria. Lembro-me de uma fase da minha experiência em que, nos cultos de Ceia do Senhor

via certas pessoas idosas chorarem quando tomavam do pão e do vinho; e eu achava que isso era a coisa realmente importante na cerimônia da Ceia. E porque eu não conseguia chorar, ficava muito inquieto, e faria qualquer coisa que me fizesse chorar, achando que enquanto não chorasse ao participar da Ceia nunca teria participado realmente! Mais tarde passei a analisar o que fazia muitos dessa boa gente chorarem, e cheguei à conclusão de que, quanto a muitos deles, o choro era produzido artificialmente. Eles o faziam deliberadamente, eles próprios o faziam.

Mas então o diabo vem e faz-nos parecer ridículo esse sentimenta-lismo e, assim, vamos direto para o outro extremo e assumimos a posição segundo a qual dizemos que esta espécie de manifestação dos sentimentos não somente é uma fraqueza, porém pode ser, na verdade, completamente errada. Certas pessoas têm tanto medo do emociona-lismo que afastam as emoções das suas vidas completamente; sua atitude significa que nada importa, senão aquilo em que o homem crê. A adesão à verdade é que conta. Essas pessoas nunca sentiram nada, e não querem sentir. De fato algumas delas vão tão longe que chegam a dizer que não temos necessidade de dedicar nenhuma atenção aos sentimentos.

Por volta do ano de 1760, um homem chamado Sandeman começou a ensinar uma doutrina estranha e chegou ao seguinte: ensinava que os sentimentos não têm a mínima importância. Ele afirmava que muitos cristãos viviam abatidos e infelizes porque olhavam para dentro de si, em busca de algum sentimento ou de alguma experiência. No entanto isso está errado, dizia ele. O que nos ensina Paulo em Romanos capítulo dez? — "Mas que diz? A palavra está junto de ti, na tua boca e no teu coração; esta é a palavra da fé, que pregamos, a saber: se com a tua boca confessares ao Senhor Jesus, e em teu coração creres que Deus o ressuscitou dos mortos, serás salvo. Visto que com o coração se crê para a justiça, e com a boca se faz confissão para a salvação" (versículos 8-10). A partir destes versículos ele elaborou um ensino que diz que não importa se sentimos alguma coisa ou não; a única questão é: "Você confessa com a sua boca ao Senhor Jesus?" Se o faz, tudo

está bem.

Este ensino tomou-se conhecido pelo nome de sandemanianismo. Tenho a impressão de que é muito comum hoje em dia. É o ensino dos que dizem: "Não se incomode com os seus sentimentos. Você crê? Se crê, tudo está bem." O resultado é que há muitos supostos cristãos que jamais sentiram o poder da verdade. "Aceitem isso pela fé", disseram-lhes. E o fizeram, como pensam. Deram assentimento a uma proposição. Mas nunca sentiram nada. Nunca experimentaram a tristeza pelo pecado, nunca souberam o que é afligir-se pelas corrupções

interiores, nunca souberam o que é ser consumido pela visão da glória do Senhor e da Sua maravilhosa verdade. Disseram-lhes que não se incomodassem com os seus sentimentos. Nunca se comoveram com a verdade. Nem sequer sabem o que é regozijar-se nela. Simplesmente "crêem" nela e, portanto, pensam que são cristãos e que só têm que seguir esse caminho. Colocam um pouco de disciplina em suas vidas, e isso é tudo. Assim entram "as astutas ciladas do diabo."

Há certos postulados cristãos fundamentais; um deles é que o homem, o homem completo, deve estar envolvido na fé cristã. Essa é a glória da fé. A mente, o coração e a vontade devem estar engajados; e se todos os três não estiverem, há alguma coisa gravemente errada. A verdade não é só para ser olhada e apreciada intelectualmente; se o homem a vê de fato, vai sentir algo; o coração terá que estar inevitavelmente engajado, bem como a mente. Simiíarmente, a fé terá que levar à prática e à ação. João, em sua primeira epístola, escreve: "Estas coisas vos escrevemos, para que o vosso gozo se cumpra" (1 João 1:4). Não só experiência, e sim uma experiência de gozo, de alegria! "Regozijai-vos sempre no Senhor", diz o apóstolo Paulo; "outra vez digo, regozijai-vos" (Filipenses 4:4). É inconcebível que uma pessoa perceba realmente a veracidade deste evangelho e não sinta nada. É impossível que esta admirável mensagem que nos diz que Deus, antes dos tempos, projetou este plano de salvação, que o Filho veio na plenitude dos tempos, humilhou-Se, despojou-Se dos sinais da Sua glória, nos deixe impassíveis. Você diz: "Creio na encarnação". Mas como diz isso? Observe a vida de Jesus Cristo durante os anos do Seu ministério público. Ouça os Seus ensinamentos incomparáveis, contemple-O caminhando para o Gólgota, olhe para Ele na cruz. "Ah, sim", você diz, "eu creio na cruz, eu creio que Cristo morreu por mim e por meu pecado, creio na doutrina da expiação vicária, substitutiva." Se você pode dizer isso desapaixonadamente, nunca o viu; nada sabe acerca disso!

Quando vejo bem a espantosa cruz, cruz em que morreu o Príncipe da glória, meu lucro maior, considero perda, e desdém derramo sobre o meu orgulho.

Tão maravilhoso, tão divino amor, requer a minha alma, a minha vida e todo o meu ser.

Quem quer que verdadeiramente creia nestas gloriosas verdades devem sentir-se como Isaac Watts quando escreveu essas palavras.

Além disso, faz parte da mensagem cristã dizer que "o amor de Deus está derramado em nossos corações pelo Espírito Santo que nos foi dado" (Romanos 5:5). Na Bíblia há constantes evidências da mais profunda emoção. Vejam os Salmos: "O Senhor é o meu pastor: nada me faltará". "Ainda que eu andasse pelo vale da sombra da morte, não temeria mal algum." Leiam algumas das magníficas passagens de Isaías, os capítulos 40,53 e 61, por exemplo, e verão a mesma emoção. Evidentemente Isaías se comovia até às profundezas do seu ser com a glória e a grandeza da verdade — "Consolai, consolai o meu povo, diz o vosso Deus", e assim por diante. Quando vocês vêm para o Novo Testamento, de novo encontram emoção. Tomem uma passagem como o capítulo 8 da Epístola de Paulo aos Romanos, com os seus emocionantes períodos, sua poderosa eloqüência. O apóstolo se comoveu até às profundezas da alma. "Fomos reputados como ovelhas para o matadouro", diz ele. Todavia, ele acrescenta, "estou certo de que, nem a morte, nem a vida, nem os anjos, nem os principados, nem as potesta-des, nem o presente, nem o porvir, nem a altura, nem a profundidade, nem alguma outra criatura nos poderá separar do amor de Deus, que está em Cristo Jesus nosso Senhor!" O apóstolo Paulo tinha um intelecto colossal, mas às vezes se sentia arrebatado de tal modo que quebrava as regras de gramática e de estilo! Alguns dos pedantes que estão tentando traduzi-lo hoje acusam-no de incorrer no que eles chamam de "falta de confinidade e anacoluto" — deselegância de estilo e frases incompletas. A explicação é que o apóstolo estava comovido e fora arrebatado pela verdade! De fato nos dizem as Escrituras que ele derramou muitas lágrimas quando estava falando com cristãos sobre questões da fé (Atos 20:19). Mas isto não se limita à Bíblia; olhem os nosso hinários! Que foi que habilitou os autores a escrever os seu hinos? Que os levou ao fazê-lo? Há só uma resposta — comoveram-se com a verdade, sentiram a verdade, foram sensibilizados pela verdade. É uma coisa que se vê interminavelmente nas experiências dos santos de Deus através dos séculos.

Contudo, alguém poderá dizer: "Reconheço a validade do que você está dizendo, mas, por outro lado, temo o emocionalismo". Esse é o problema para muitos, com relação à experiência e aos sentimentos. Vêem certos excessos, e não gostam. Por outro lado, reconhecem que a frieza e a falta de vida só podem ser erradas. Como se pode dizer qual a diferença que há entre estas coisas? Qual a diferença entre o emocionalismo ou o sentimentalismo, por um lado, e a verdadeira emoção, por outro? Ninguém quer defender o emocionalismo ou o sentimentalismo. Consideremos a diferença que há entre a verdadeira e a falsa emoção. Em primeiro lugar, geralmente o emocionalismo é

fomentado. De uma forma ou de outra, ele é produzido artificialmente. Sua segunda característica é que sempre lhe falta o fator entendimento. É sempre um assalto

direto às emoções, deixando de lado a verdade. Os emocionalistas pouco se importam com qual seja a fonte do sentimento gerado, contanto que o obtenham. Palmas, pandeiros, qualquer coisa pode ser usada para agitar os sentimentos e levar a pessoa a perder o equilíbrio. Gingar o corpo ritmicamente também é usado. Sempre é produzido de modo que o entendimento é deixado de lado. A terceira característica do emocionalismo é que o fator agitação, turbulência, excesso, está presente. Tumulto e excesso sempre caracterizam o emocionalismo.

Outro fato sumamente importante quanto ao emocionalismo é que ele sempre deixa exaustos os envolvidos. Cansa-os, esgota-lhes a energia. É idêntico ao que se dá com a bebida alcoólica, que parece encher de energia a pessoa, mas de fato mina a sua energia e a deixa num horrível estado de fadiga, cansaço e exaustão. Finalmente, o emocionalismo nunca afeta a vida e o modo de viver num bom sentido. Obviamente não pode fazê-lo, pois não se baseia na verdade. Os homens podem ter experiências maravilhosas, e tumultos de emoções; todavia as suas vidas muitas vezes indicam uma coisa muito diferente.

O sentimentalismo é um pouco mais sutil. Os sentimentalistas estão sempre prontos a denunciar os emocionalistas, porém o meu parecer é que o sentimentalismo nada mais é que um emocionalismo polido. Essa é a única diferença. É a diferença, por assim dizer, entre o emocionalismo em andrajos e o emocionalismo em traje de rigor. O sentimentalismo é muito polido. Para ilustração da diferença entre o sentimentalismo e a emoção verdadeira, sugiro a leitura das obras de J.M. Barrie, comparando-as com Shakespeare.[1] Barrie era um arqui-sentimenta-lista; Shakespeare produz e estimula emoção verdadeira. O sentimentalismo não é um tumulto de emoções; é demasiado polido para isso. Ele mexe de leve com as emoções. Não as produz realmente; apenas faz cócegas nelas.

O sentimentalismo resulta do fato de se dar ênfase à apresentação da verdade e de se concentrar a atenção na apresentação da verdade, e não na verdade propriamente dita. Por exemplo, se um homem ao pregar conta uma história tocante, os ouvintes sentem alguma coisa. Não foi a verdade que os levou a sentir algo, foi a história, a ilustração. Isso é

típico do sentimentalismo. Ele nunca é cativado pela verdade, porém está muito interessado na forma pela qual a verdade é transmitida; noutras palavras, no mecanismo, na apresentação. Hinos com certos tipos de melodia muitas vezes levam ao sentimentalismo. As pessoas acham que estão emocionadas, no entanto, pode não passar de sentimentalismo. Talvez se deva unicamente à melodia, talvez à beleza das palavras do hino; não à verdade mesma. Precisamos estar advertidas deste elemento falso. A característica que vem a seguir é a sua superficialidade; é gentil, é polida, é superficial. O sentimentalista sempre tem perfeito domínio de si; mas ele só deixa que alguma coisa aconteça na superfície da sua vida, e não mais que isso. O

resultado é que ele está sempre satisfeito consigo mesmo. Alegra-se por ver que ainda pode ter sentimento; e isso lhe dá um senso de satisfação própria. Ele confunde este superficial e gentil sentimento com a emoção verdadeiro. Por último, o sentimentalismo nunca tem um efeito real na vida. Pode muito bem levar o indivíduo a fazer alguma coisa que aliviará a sua consciência, ou fazê-lo um pouco mais feliz. Ele teve este sentimento superificial e, como resultado, faz alguma coisa. Entretanto não foi cativado pela verdade, não sabe o que é ser dominado pela glória do Senhor. Ele está apenas aliviando a sua consciência, está se acertando consigo mesmo. Nesta disposição sentimental ele praticou uma boa ação ou fez um ato de bondade; e provavelmente, quando está fazendo isso, ele está fugindo da verdade propriamente dita, está ocultando alguma coisa.

Que é a verdadeira emoção, constrastada com o emocionalismo e com o sentimentalismo? Nunca é produzida artificial ou ligeiramente. O homem não pode criar a emoção; é profunda demais para isso. É sempre resultado de uma compreensão da verdade propriamente dita. A verdadeira emoção sempre resulta de um reconhecimento da verdade; em conseqüência, é caracterizada pela profundidade. Há também um elemento de nobreza nela, de espanto e de admiração. Nunca se vê isso no emocionalismo, que é todo exacerbação, futilidade, tagarelice e superficialidade. Tampouco tem a emoção a polidez do mero sentimentalista. Há nela algo profundo, como o expressa Wordsworth —

A mais humilde flor bem que pode inspirar pensamentos profundos demais para lágrimas.

A emoção é profunda, é nobre; nela sempre há algo de espanto, surpresa, admiração. A pessoa completa é cativada e acionada da maneira que ilustrei com as Escrituras.

Outro teste muito valioso é que a verdadeira emoção sempre

comunica energia. É como uma bateria elétrica que nos dá energia; e ela nos comove e nos estimula. Não traz consigo os excessos, o tumulto do emocionalismo; não é mero brincar com a emoção que caracteriza o sentimentalismo; mas ela é resultado da energia e do poder do Espírito Santo. Quer dizer que o homem todo é galvanizado pela vida de Deus.

O resultado é que a verdadeira emoção sempre leva à ação, e sempre faz uma real diferença. Se você acha que sentiu alguma coisa, uma e outra vez, durante um culto, e deseja saber se é emoção verdadeira ou não, a ocasião para testá-lo não é enquanto você está no edifício; é no dia seguinte. Você pode experimentar emocionalismo e sentimentalismo numa reunião; contudo, se for uma verdadeira emoção, resultante da visão de algo da verdade, ou de um vislumbre de Deus ou do Senhor Jesus Cristo, ou de algum reconhecimento da glória disso tudo, ela terá continuidade. Ela o moverá à ação. A emoção genuína o dominará, o guiará, o dirigirá; estará com você; ter-lhe-á

transmitido energia, terá sido produtiva. É comparável àquilo que o apóstolo, escrevendo aos gálatas, descreve como “o fruto do Espírito”; e é fruto glorioso e permanente.

Deus nos dê sabedoria para vermos estas coisas, para que reconheçamos que as ciladas do diabo podem manipulá-las a ponto de inutilizar a nossa vida cristã subjetivamente, e também o nosso testemunho diante dos outros! Graças a Deus, Sua Palavra faz-nos lembrar que podemos fortalecer-nos “no Senhor e na força do seu poder”, e que podemos revestir-nos de “toda a armadura de Deus”.

[1]

Sir James Matthew Barrie (1860-1937), romancista e dramaturgo escocês, autor de numerosos livros e peças teatrais. William Shakespeare (1564-1616), dramaturgo e poeta inglês, com vasta produção de peças e poemas. Suas produções geralmente são de alto nível artistico e literátio. Nota do tradutor.

O FÍSICO, O PSICOLÓGICO E O ESPIRITUAL

Conforme vimos examinando as ciladas do diabo, foi ficando cada vez mais claro que o diabo é o grande falsário e imitador de Deus e de Suas obras, e que ele tem um método fundamental. Deus mesmo sempre executa um plano fundamental, como é evidente na criação e na natureza. Certamente há variações na aplicação e na operação, porém há um plano essencial. Dá-se o mesmo com as ciladas do diabo. Seu uso específico deste plano pode variar tanto que, às vezes, é quase impossível reconhecê-lo; mas se você se der ao trabalho, sempre verá que ele está ali. É bom e certo, pois, termos os olhos postos neste plano fundamental.

Agora vamos considerar "as astutas ciladas do diabo" como devem ser vistas na confusão que ele gera entre as esferas física, psicológica e espiritual. "Que se passa comigo?", pergunta alguém. A resposta é que este assunto é um dos mais práticos. Esta é uma esfera na qual as atividades do diabo são particularmente freqüentes e por demais perniciosas. Somos criaturas estranhas, feitas de corpo, mente e espírito; estes são interrelacionados e reagem uns aos outros. Muitos dos nossos problemas na vida se devem a este fato e em nossa incapacidade de compreender o lugar, a função e o âmbito de cada uma destas esferas. Naturalmente o diabo tira vantagem disto e ataca por este flanco. Fique claro que estamos tratando de pessoas cristãs. A estas é dirigida a exortação a se revestirem de "toda a armadura de Deus."

É extremamente difícil definir os limites destas três esferas; ou, para expressá-lo doutra maneira, a dificuldade nasce das situações das suas fronteiras, de difícil classificação. Por isso este assunto tem sido grandemente negligenciado, e livros que nos ajudam nisso — e são poucos — só se encontram num certo tipo de literatura católica romana e na literatura puritana. Os católicos romanos, que desenvolveram um elaborado sistema de ensino sobre o tema, têm o que denominam Manuais para a Vida Devota. Quanto aos puritanos, há trezentos anos

eles eram peritos nesta matéria. Interessavam-se primordialmente pelo lado pastoral do seu trabalho e, quando lemos as suas volumosas e excelentes obras, vemos que se preocupavam em deslindar os problemas e dificuldades da vida cristã. Suas obras não somente resistem a qualquer comparação com os escritores católicos romanos, pois são totalmente superiores a estes, porque mais bíblicas. Estou pensando não somente em grande escritores teológicos como Dr. John Owen, algo igualmente válido quanto a John Bunyan, cujas obras Graça Abundante, O Peregrino e Guerra Santa *(Grace Abounding, Pilgrim's Progress e Holy War)* têm realmente este mesmo objetivo. Por experiência própria e pelo que ele sabia da experiência de outros, Bunyan estava ciente de que as ciladas do diabo se manifestam continuamente com relação ao crente; assim enquanto estava na prisão, em Bedford (por doze anos), fez uso do seu tempo para escrever suas grandes obras, em forma alegórica, para ajudar

o povo cristão a fazer precisamente aquilo que somos exortados pelo apóstolo a fazer, nesta Epístola aos Efésios. As obras produzidas por Bunyan constituem uma profunda análise das astutas ciladas do diabo.

No entanto, é interessante observar que desde o fim do século dezessete, a grosso modo, este assunto vem sendo gravemente negligenciado. A explicação é que durante o século dezoito e a maior parte do século dezenove os cristãos dispunham dos escritos dos puritanos. Estes eram constantemente reeditados e lidos, de modo que não havia necessidade de novas produções. Mas, de meados do século passado em diante, estes escritos passaram a ser considerados como "literatura", e já não são tão lidos como eram. Veio a predominar um conceito mais banal e superficial, no que diz respeito à evangelização, à santificação e a tudo quanto constitui a vida cristã. É um conceito que nem sequer reconhece o problema; e o resultado é que muito pouco se tem escrito sobre este aspecto sumamente vital e central da nossa experiência cristã. Certamente este fato é da maior significação. Noutras palavras, as condições da Igreja são o que são hoje — e estou incluindo a parte evangélica, os conservadores — em grande parte por causa da ignorância quanto às ciladas do diabo. O que tem predominado é um tipo "panacéia" de evangelização e de ensino sobre a santificação que não é bíblico e nem mesmo começou a entender a natureza da vida cristã, e a força e a sagacidade do inimigo que se levanta contra nós. As ciladas do diabo requerem, não somente a obra do pregador, e sim também a do pastor, e isso tem sido muito esquecido, pelo que grande dano tem sido feito às almas individuais.

Eu gostaria de ter conservado um registro da minha experiência neste campo. Com muita freqüência fui procurado por cristãos com os

seus problemas, cada um relatando o seu caso. Tinham entrado em dificuldade causada pelas ciladas do diabo, e tinham procurado algum bem conhecido líder do seu círculo particular; todavia, longe de receberem ajuda, foram levados a sentir-se pior, pois tudo que acontecera foi que algum "espalhafatoso" líder cristão lhes dissera que reanimassem os seus esforços, se ativassem e não se entregassem àquilo que os pertubava. Noutras palavras, o líder consultado nada sabia acerca das ciladas do diabo. De fato, muitos cristãos estão na mais completa ignorância nesta área em que os limites fronteiriços do físico, do psicológico e do espiritual se encontram. Não são apenas incapazes de ajudar outros, o fato é que muitas vezes lhes têm feito grande dano. Tenho visto freqüentemente que líderes desse jaez trataram de maneira puramente espiritual pessoas cujo problema era mormente físico ou psicológico; e se você fizer isso, não somente não dará ajuda, mas agravará o problema. Portanto, não há nada mais importante do que dar atenção a esta questão sutil, difícil e complexa.Ttudo que posso fazer aqui é oferecer-lhes algumas indicações e proposições gerais.

Primeiro examinaremos o erro de considerar o físico ou o psicológico como espiritual. Cristãos há que às vezes ficam em grande dificuldade porque confundem uma condição simplesmente física com uma condição espiritual. Lembrem-se, nós somos corpo, alma e espírito. Os cristãos podem ser acometidos por alguma enfermidade sem o perceber. Tudo que sabem é que não se sentem bem como antes. Domina-os um tipo de letargia, não têm prazer na leitura da Bíblia como costumavam ter, não oram como oravam, acham-se deprimidos.
Não compreendem o que se passa com eles, e o diabo vem e insinua que é porque eles estão dando passos em falso no sentido espiritual. Talvez até lhes levante a questão sobre se, afinal de contas, alguma vez eles foram espirituais, e assim os atormenta, os aflige e os agita. Já não são capazes de concentrar-se como antes, e acham que não podem mais ser ativos como eram. O diabo vem e os leva a pensar que, de algum modo, Deus está descontente com eles, que eles estão sendo punidos, e assim por diante. E desse modo eles sentem a alma em agonia. Um exemplo ajudará.

Lembro-me de uma ocasião, há uns vinte e cinco anos, em que recebi carta de uma senhora, pedindo-me que a ajudasse e que desse atenção ao seu caso. Disse que estava sentindo esse tipo de coisa que estive descrevendo — esta espécie de apatia, interesse menor, incapacidade para fazer as coisas. Ela estava numa verdadeira agonia espiritual, achando que as coisas estavam indo muito mal. Ela ouvira falar de certo pregador bem conhecido, que se dizia perito nas questões

psicológicas e espirituais, e lhe escrevera; e durante meses ele estivera tratando dela por correspondência. Contudo, a senhora, longe de melhorar, piorou. Quando a encontrei, num relance vi que ela estava com anemia perniciosa. O resultado da sua anemia foi que ela perdeu a energia e a capacidade de concentração. Uma pessoa não pode ter anemia perniciosa e continuar sendo vibrante, vigorosa, viva e entusiástica. Pois bem, se você tentar ajudar um cristão que está padecendo de anemia perniciosa e que não está recebendo tratamento médico, simplesmente lhe dizendo que redobre os seus esforços e procure ter pensamentos belos e positivos, não somente não o estará ajudando, mas estará sendo cruel com ele, estará agravando o seu problema. Naturalmente, tudo que aquela senhora precisava era receber o tratamento usual da anemia perniciosa; e se recuperou completamente desse modo. Aí está um exemplo de confusão entre o físico e o espiritual, e de considerar uma coisa que constitui uma condição e um problema essencialmente físicos como se fosse um problema espiritual. A ignorância está por trás desta confusão, porém o diabo tira vantagem.

Esta confusão pode dar-se também simplesmente como resultado de excesso de trabalho e cansaço excessivo. Quantas vezes encontrei isto! O indivíduo não se dá conta de que está trabalhando demais em sua profissão, em suas ocupações; mas, como cristão, acha que deve realizar bastante serviço cristão ativo. Assim, quando termina o seu trabalho normal, tem algum envolvimento cristão toda as noites

da semana, e só volta para casa tarde da noite. Acresce que ele pode ter algum trabalho que precisa levar para fazer em casa, e que ele faz quando já está cansando. Ele esteve agindo assim meses, talvez anos.

A primeira coisa de que toma consciência, quando cai em si, é de que já não tem prazer na leitura da Bíblia como tinha, já não ora como costumava, já não raciocina como antes, e parece estar perdendo o interesse por tudo; e o diabo logo vem e o ataca no plano espiritual. A reação imediata do homem é empenhar-se mais ainda na obra cristã. Ele está determinado a mostrar que não está fraquejando espiritualmente, de modo que aumenta a sua carga; e persiste em continuar assim. Muitos me procuram e me consultam de maneira puramente espiritual, esboçando o seu problema com agonia na alma; e eu, parecendo ter uma visão muito carnal e materialista, os aconselho a tirar folga e a repousar e, ao voltarem, que tratem de usar um pouco de bom senso, de entender que há um limite para o que o corpo pode agüentar, e que o sistema nervoso não deve ser forçado demais incessantemente e não pode suportar um grau tão alto de tensão. Esta condição é puramente física, mas o diabo a apresenta como se fosse puramente espiritual; e assim a alma fica em agonia. O único elemento espiritual envolvido é que o

homem não compreendeu, como devia, que ele tem um corpo e que deve respeitá-lo, não abusar dele!

A mesma coisa se aplica, é claro, à velhice. Muitos cristãos entram em dificuldade nesse ponto, quando ficam mais velhos e, natural e inevita- velmente, começam a falhar. Dizem eles: "Não sou mais como era, parece que estou perdendo alguma coisa, estou escorregando". Talvez seja espiritual; o que estou sugerindo é que *às vezes* é puramente físico; e, portanto, devemos ter o cuidado de não condenar injustamente algum outro em nossa ignorância. É importante que, como cristãos, compreendamos que ainda estamos no corpo, que carregamos o corpo conosco e que as interações destas várias partes são muito íntimas e muito importantes.

O segundo erro é confundir o psicológico como o espiritual. Sob o título de psicológico estou incluindo o temperamento, a constituição natural que faz que sejamos o que somos. Há diferentes tipos de personalidade. Não somos todos iguais, e não é para sermos. Todavia há muitos que não conseguem entender isto, e eles caem no erro de pensar que no momento em que alguém se toma cristão, deverá ser idêntico a todos os demais cristãos. Este é um dos campos mais férteis para a manifestação das ciladas do diabo. Devemos abordar este problema, repito, conscientizando-nos de que todos nós temos diferentes tipos de personalidade e que foi desse modo que Deus nos fez. Em segundo lugar, temos que dar-nos conta de que quando nos convertemos, quando nascemos de novo, o nosso temperamento continua

sendo exatamente o que era antes. O temperamento não muda quando nos convertemos. Se vocês imaginam que quando o apóstolo diz, em 2 Coríntios 5:17, "Assim que, se alguém está em Cristo, nova criatura é: as coisas velhas já passaram; eis que tudo se fez novo", ele quer dizer que todos os cristãos são idênticos, vocês estão redondamente enganados. A conversão e o novo nascimento não mudam os elementos fundamentais da nossa personalidade e do nosso temperamento. O "novo homem" é a nova disposição o novo entendimento, a nova orientação, porém o homem mesmo, psicologicamente, é em essência o que era antes.

Há pessoas que, por nascimento, por natureza e por temperamento, são de um tipo depressivo; alguns são vivazes e joviais; ouros são fleu-máticos. Alguns são dinâmicos e animados, alguns são muito lentos. Percebemos estas diferenças assim que as encontramos. Também há diferenças entre as nacionalidades. É um fato puro e simples que algumas pessoas nascem com um tipo de temperamento depressivo e melancólico. Examinei recentemente uma afirmação interessante a respeito disto numa carta escrita por William Cowper, o poeta, a seu amigo

William Unwin, sobre o rev. William Bull, ministro congregacional que durante muitos anos foi pastor em Newport Pagnell. Cowper morava perto, em Olney, e se fez grande amigo de Buli. Pouco depois de se conhecerem, Cowper escreveu a Unwin sobre o pastor. Disse ele que Bull era dotado de imaginação maravilhosa e que quando sua imaginação corria livremente, a sua conversa era cintilante, brilhante, interessante e divertida. Mas, acrescentou Cowper, por outro lado, ele parecia ter "uma delicada espécie de melancolia em sua disposição, não menos agradável a seu modo". Cowper prossegue filosofando, e diz: "Toda cena da vida tem dois lados — um sombrio e o outro brilhante." E então faz esta afirmação: "A mente que tem uma mistura por igual, de melancolia e de vivacidade, está mais bem qualificada para a reflexão do que a mente dotada de apenas um destes elementos." Para mim essa é uma afirmação sumamente importante e significativa. Toda cena nesta vida tem os dois lados, o lado sombrio e o lado brilhante; portanto, o melhor tipo de natureza pessoal, diz William Cowper, é o homem que tem o tipo mental caracterizado por uma mistura, em proporções iguais, dos elementos de vivacidade e de melancolia. Não só vivacidade, e não só melancolia, e sim ambas. O rev. Buli tinha um pouco de cada uma delas, e na leitura da sua biografia é muito interessante ver como o lado melancólico vez por outra ganhava ascendência, quando o pobre William Bull ficava aflito com a condição da sua alma. Ele não compreendeu o que verdadeiramente se passava com ele. Cowper, observando seu amigo Buli, podia ver isso nele, mas, como adiante mostrarei, não podia vê-lo em si próprio. Desse modo, os dois foram fortemente atacados pelo diabo e se viram em dificuldade. Buli não compreendeu a verdade a respeito do seu próprio temperamento; por conseguinte, às vezes ele atribuía o que era puramente temperamental àquilo que é espiritual.

Não hesito em fazer a seguinte especulação: provavelmente este foi o maior problema que o vigoroso apóstolo Paulo teve que enfrentar na vida porque, sem dúvida nenhuma, ele se enquadra na descrição do tipo mais elevado de personalidade e de natureza, nos termos da definição dada por William Cowper. Nele vemos vivacidade, entusiasmo, eloqüência. E como ele é arrebatado! Todavia ele deixa ver claramente, em passagens como 2 Coríntios, capítulos 7 e 12, que muitas vezes foi tentado pela depressão. "Por fora combates, temores por dentro." Ele era sensível, era um homem que vivia sempre em alta tensão, um homem sujeito à depressão. Foi magoado pelos coríntios — pedindo, esperando o amor deles, e nem sempre o recebendo; e ficando deprimido quando não o recebia.

Outrora fora Saulo de Tarso, mas, quando se tomou apóstolo de

Cristo, seu temperamento não mudou. Como perseguidor da Igreja foi mais violento que todos os outros. Paulo estava no ponto máximo em todas as esferas de atividade; como estudante que fora, aos pés de Gamaliel, sempre foi o primeiro da lista. Diz-nos ele que, quanto à conformidade com as minúcias da lei, ele sobrepujou todos os seus contemporâneos e todos os seus compatriotas; em seu zelo perseguiu a Igreja mais que os outros. Quando se tomou apóstolo, as mesmas caraterísticas continuaram a manifestar-se. Ele não se transformou, de repente, num pregador tranqüilo. Pregava com toda a intensidade da sua natureza emocional vigorosa. Ele chorava, ele mesmo nos conta isso; e às vezes tinha temores por dentro, sentia-se abatido. O temperamento continuou sendo igual ao que era antes; o zelo com que perseguira era o mesmo zelo com que depois pregava. O temperamento permanece uma constante. Entretanto, às vezes é difícil lembrar isto. Por isso, quando por uma ou outra razão — em parte física talvez, ou talvez devido a excesso de trabalho — o lado vivaz tomba, e o lado melancólico tende a dominar, imaginamos que estamos numa triste e má condição espiritual.

Para tratar disto, primeiro temos que reconhecer o fato. Precisamos conhecer-nos a nós mesmos, pois, se você não se conhece a si mesmo, o diabo logo vem para pô-lo em dificuldade nesta área. Você tem que conhecer o seu temperamento e o tipo de pessoa que é. E, havendo adquirido esse conhecimento, precisará estar sempre em guarda e vigilante. Você tem que entender que sempre existem estas diferenças, e que o diabo está sempre pronto a atacá-lo com relação a elas. Acima de tudo — e para mim isto é uma regra importante — você tem que compreender que, embora continue tendo o mesmo temperamento que sempre teve, como cristão você não deve tomar-se vítima dele.

O homem natural é vítima do seu temperamento, é dominado e dirigido por ele. É por isso que, tantas vezes, outras pessoas acham difícil conviver com ele. Ele não pode dominar o seu gênio; ele perdoa e esquece num momento, e não se dá conta dos males que causou durante os acessos de paixão. Quanto ao cristão, seu temperamento

não mudou; mas ele pode dominar o seu temperamento, deve dominá-lo e tem que dominá-lo. Ele reconhece o temperamento que tem; portanto está alerta e vigilante contra ele. Não permite que o diabo entre e o faça pensar que os seus problemas sempre são puramente espirituais. Assim é preciso que você não seja vítima do seu temperamento, e deve ter cuidado com as ciladas do diabo neste ponto em particular.

Podemos dar mais um passo e asseverar que às vezes o problema não é apenas uma questão de temperamento, mas constitui de fato um caso de doença psicológica. William Cowper é, talvez, o exemplo

clássico disto. Ele estava sujeito a ataques periódicos de melancolia, e os sofria; era uma condição psicológica. Mas ele não conhecia a sua condição. Aprendemos do hino em que ele indaga, "Onde está a bem-aventurança que conheci quando pela primeira vez o Senhor eu vi?", que ele achava que o seu problema era espiritual. Ele estava com a alma em agonia e, às vezes, achava que Deus o abandonara. Isto era inteiramente devido a esta condição enferma da sua mente.

Tem havido muitos casos similares. Thomas Shepard, um grande puritano dos Estados Unidos da América, que viveu há trezentos anos, sem dúvida sofria da mesma condição. Ele não sabia disso e costumava censurar-se por sua condição espiritual, quando é mais que evidente que ele estava sofrendo um dos seus periódicos ataques de depressão. Não me estendo, pois nesse ponto o sofredor necessita realmente da ajuda especializada de alguém que entenda um pouco disso tudo, de um médico experiente, pois o problema pode ser de natureza simplesmente médica. Só digo que é importante traçar estas distinções, reconhecê-las, e assegurar-se de que você não está deixando que o diabo o faça cair em agonia quanto à sua condição espiritual quando a coisa toda pode ser explicada em termos do físico ou do psicológico.

Se, porém, há os que se metem em dificuldades por tomarem o espiritual pelo físico ou pelo psicológico, há outros que fazem exatamente o oposto, tomando o físico pelo espiritual. Infelizmente isso está ficando cada vez mais comum nos círculos cristãos. Agora vou tratar da tendência de evadir-se aos problemas espirituais explicando-os em termos do psicológico ou do puramente físico. O que acima de tudo me causa espanto é que isso se tomou excessivo na área evangélica ou conservadora da Igreja. A psicologia e a psiquiatria têm estado em voga entre os evangélicos nestes últimos trinta anos. Artigos desse gênero têm sido publicados em certos periódicos religiosos, e muita gente está pensando nestes termos.

Permitam-me ilustrar o ponto contando uma história. Um domingo à noite, cerca de quinze anos atrás, um jovem veio ver-me logo após o culto, parecendo muito agitado e aflito. Disse ele: "Não sei se o senhor poderia ajudar-me. Pode recomendar-me um psicólogo cristão?" Perguntei-lhe: "Porque você precisa consultar um psicólogo?" Então ele me contou a sua história. Tinha sido padeiro no oeste da Inglaterra.

Um evangelista estivera em sua cidade numa campanha evangelística de dez dias, e este jovem, dotado de boa voz, fora o solista da campanha. No encerramento desta o evangelista lhe perguntou: "Você nunca pensou em dedicar tempo integral a um trabalho? Dom você tem, você sabe". "Mas não tenho capacidade", disse o moço. "Ah", disse o

evangelista, "você só precisa de um pouco de treinamento; com a voz que tem, você daria um evangelista e tanto!" Disse-lhe, pois, que ele poderia estudar num colégio que fora aberto recentemente para aquele fim, e insistentemente lhe recomendou que fosse para lá. O jovem foi. Disse-me ele: "Na primeira semana descobri que jamais poderia fazer o curso. Não conseguia acompanhar as aulas. Nunca me haviam ensinado a fazer anotações. Eu deixei de freqüentar a escola quando ainda era muito pequeno; realmente eu não conseguiria". Todavia, achava que não devia desistir, e assim persistiu. Mas na segunda semana teve absoluta certeza de que estava cometendo um grande erro, e de que nunca passaria nos exames e nunca se tomaria um evangelista. Procurou o diretor do colégio e lhe contou tudo isso, e lhe disse que achava que deveria renunciar e retomar ao seu antigo trabalho. A primeira coisa que o diretor lhe disse foi: "Você precisa consultar um psicóiogo". Por isso o jovem me procurou, querendo saber se eu poderia recomendar-lhe um psicólogo cristão!

Minha resposta ao rapaz foi a seguinte: "Caro amigo, você não precisa consultar um psicólogo. Se alguma vez precisou fazê-lo, foi quando ingressou no colégio. Mas agora você já se encontrou. Volte para o seu trabalho de padeiro e continue dando o seu testemunho cristão como fazia no passado. " No entanto, o conselho do diretor tinha sido: "Você precisa consultar um psicólogo." Ele pensava que faltava equilíbrio ao jovem, pensava que o rapaz era instável e inconstante. Não foi capaz de ver que o jovem recebera um conselho errado no início. Não havia nenhum problema psicológico. Era pura questão de entendimento espiritual, na verdade era uma questão de bom senso. O jovem nunca devia ter sido tirado da sua panificadora. Esse era o seu trabalho, essa era a sua esfera. Ele era e continuaria sendo um excelente cristão como padeiro. O moço foi para casa, e imediatamente se livrou de todos os seus problemas.

De maneira nenhuma essa experiência é incomum. Muitos vêm dizendo: "Eu gostaria de consultar um psicólogo; pode me recomendar um?", sendo que, com muita freqüência, na verdade geralmente, o problema é apenas espiritual.

Às vezes o problema é que as pessoas que se acham em dificuldade nunca foram cristãs. Elas pensam que se converteram porque "tomaram uma decisão" e lhes disseram que eram cristãs. Entretanto dentro de pouco tempo tiveram problemas, e um pouco de conversação revela que elas nunca se tomaram realmente cristãs. Ou tinham sido pressionadas a uma decisão, ou tiveram uma experiência emocional

que confundiram com a conversão. Mesmo assim, os bons amigos que vêm tentando ajudá-las as consideram cristãs e só lhes tem falado sobre a

santificação, ao passo que devia estar lhes falando da justificação. Se você falar unicamente sobre a santificação com alguém, quando a sua grande necessidade é que lhe mostre o caminho da justificação, você agravará os problemas dele, e ele ficará numa confusão indescritível. Assegure-se de que estas pessoas são verdadeiramente cristãs. Assegure-se de que elas têm um alicerce, pois se não houver alicerce, você não poderá edificar sobre ele.

Além disso, você verá muitas vezes que, mesmo que tais pessoas sejam cristãs, seu real problema é que elas têm um entendimento muito incompleto da verdade. Tiveram uma experiência mas não lhes ensinaram muita coisa; permaneceram onde estavam quando eram bebês em Cristo. Inevitavelmente entraram em dificuldade por pura falta de conhecimento e de instrução. Eles precisam dessas duas coisas; assim, não os mandem ao psicólogo; ensinem-lhes as doutrinas da Bíblia e verão que aquilo que lhes parecia à primeira vista um grande problema psicológico se esvai e desaparece da maneira mais espantosa. A instrução no caminho da justiça, alguma compreensão do plano de salvação, um razoável entendimento das doutrinas dão-lhes completa libertação. Eles se ensimesmaram neste estado puramente subjetivo e doentio — sempre sondando e analisando — e tudo de que necessitam é entender a verdade.

Às vezes o problema se deve inteiramente à falta de auto-disciplina. Cristãos há que me procuram e me dizem: “Preciso consultar um psicólogo; pode me recomendar um que seja cristão?” Eu lhes respondo: “Qual é o problema?” “Gênio”, dizem eles, “não consigo dominar o meu mau gênio.” O que aconteceu foi que o diabo lhes disse: “Seu problema é que você é um caso psicológico; você precisa de tratamento psicológico”, sendo que o seu problema é puramente espiritual. (Lembrem-se de que estou tratando de cristãos.) Quando me fazem essa pergunta, eu digo: "Não, eu não vou recomendar-lhe nenhum psicólogo cristão.” “Pois bem”, me perguntam, “que devo fazer?” Eu digo: “Domine o seu gênio! ” “É muito difícil”, dizem eles. “Claro que é difícil”, eu respondo, “não temos todos nós as nossas dificuldades? Você está simplesmente tentando escapar dizendo, “eu sou um caso psicológico. Não sou apenas uma pessoa comum com mau gênio. Preciso receber alguma ajuda psicológica”. Nesse meio tempo o diabo está pulando de alegria porque você tomou como sendo um problema psicológico aquilo que é simplesmente espiritual.
Meu amigo, como cristão você não tem direito de perder a calma. As epístolas do Novo Testamento lhe dizem que não o faça. Domine-se, “não se ponha o sol sobre a vossa ira” (Efésios 4:26). Domine a sua língua. Que livro prático, o Novo Testamento é! Você não tem por que correr ao psicólogo, médico on clérigo, nem àquilo que está na moda;

leia o Novo Testamento, discipline-se, domine-se".

Há os que me procuram por causa doutros pecados, e vêm exatamente da mesma maneira. Dizem eles: "Devo ser um caso psicológico; estou sempre caindo no mesmo pecado. A tentação para esse pecado me faz tremer. O senhor não acha que eu preciso de alguma psicológica?" Eu respondo: "A Bíblia diz que o que você precisa é combater "o bom combate" da fé, e fazê-lo de maneira espiritual".
É excessivamente generalizada hoje a tendência de fugir do espiritual em nome do psicológico.

Vejamos a seguir a tendência de eliminar completamente o pecado na explicação dos problemas. O Relatório Wolfenden sobre o homos-sexualismo fez justamente isso! O que se nos diz é que moralmente pervertidos são casos psicológicos, e como tais devem ser considerados. Depois há aquilo que hoje se denomina "responsabilidade diminuída". Tudo está sendo explicado em termos de condições doentias ou de estados psicológicos. Mas o pecado e a desobediência não podem ser explicados nestes termos. É um perigo terrível e horrível.

Finalmente, chamo a atenção para a incapacidade de aplicar a verdade a toda a nossa própria condição. Lembro-me de uma mulher que me procurou porque tinha horror e fobia pelos raios e trovões. Fazia vinte e três anos que sofria disso, porém agora o mal se tomara agudo, visto que praticamente deixara de freqüentar lugares de culto, por causa do seu medo. Ela saía de casa para ir ao culto, e de repente via uma nuvem. Começava a imaginar que logo se tomaria uma nuvem carregada de trovões e que se transformaria numa tempestade de relâmpagos e trovões. Tinha tanto medo de sofrer um colapso no templo e fazer uma cena, que voltava para casa para não prejudicar a causa cristã. Ela havia sido tratada psicologicamente quanto aos seus temores, tinha recebido conselhos de todo tipo, e tinha orado anos e anos pedindo que fosse liberta deles.

Pareceu-me que só havia uma coisa que aquela senhora devia fazer. Devia dar-se conta de que era uma filha de Deus, nem mais nem menos filha de Deus do que todos os outros cristãos que ela conhecia. Por que deveria ficar mais preocupada do que todos os outros com a sua vida e sua possível morte num temporal de raios e trovões? Se ela fosse atingida por um raio, deixaria de ser filha de Deus? Eu lhe disse que pensasse, não em raios e trovões, e sim em Deus como seu Pai, em como Ele cuida dos Seu filhos, e que ela estava desonrando a Deus. O que ela devia procurar não era ficar livre deste temor em particular, mas ser uma boa cristã, uma nobre discípula, e ser digna de Deus — por todos os meios. Era preciso que ela parasse de pensar psicologicamente, e passasse a pensar de maneira espiritual.

Alguna cristãos sofrem de claustrofobia, outros de agorafobia, ou

medo de descampados, outros se aterrorizam com as tempestades, os vendavais, e

assim por diante. O diabo tratará de fazer você pensar que essa questão é puramente psicológica, e que você precisa de tratamento psicológico. “Ao qual resisti firmes na fé” (1 Pedro 5:9), e “revesti-vos de toda a armadura de Deus”. Diga: “Não! Sou filho de Deus, e aconteça o que me acontecer estou nas mãos de Deus, e Deus não permitirá que me sobrevenha mal algum definitivamente. Ele disse: “Não te deixarei, nem te desampararei” (Hebreus 13:5); portanto, não darei guarida a estes temores. Não vou retroceder e buscar outra classe de ajuda. Creio no Deus vivo e verdadeiro, que é meu Pai em Jesus Cristo”. Você precisa aplicar a sua fé, precisa enfrentar este mal e ver que é do diabo, e resistir-lhe, permanecendo firme na fé e aplicando a verdade a cada uma das suas necessidades.

Dois notáveis exemplos bíblicos ilustram o ponto que estou expondo. O primeiro está no livro de Esdras. Esdras e seu povo estavam prestes a voltar do cativeiro na Caldéia para Jerusalém, uma viagem longa e perigosa. Estavam a ponto de pedir proteção ao rei Artaxerxes, quando vemos que Esdras diz: “Por que me envergonhei de pedir ao rei exército e cavaleiros para nos defenderem do inimigo no caminho, porquanto tínhamos falado ao rei, dizendo: A mão do nosso Deus é sobre todos os que o buscam para o bem” (Esdras 8:22). “Não podemos voltar atrás”, disse efetivamente Esdras. “É certo que estamos numa situação perigosa e alarmante; porém se pedirmos ao rei tropas para nos protegerem, estaremos desonrando a Deus. Nós dissemos ao rei que Deus protege o Seu povo; e na ajuda de Deus devemos confiar.” “Nós, pois, jejuamos”, diz o livro de Esdras, “e pedimos isto ao nosso Deus, e moveu-se pelas nossas orações.” Tudo correu bem.

O caso de Neemias apresenta características similares. A situação era agudamente urgente. Os inimigos eram muitos e ativos. Um falso amigo foi procurar Neemias e lhe disse, em resumo: “Vamos à casa de Deus, fechemos as portas, e estaremos a salvo”. Neemias deu-lhe sua imortal resposta: “Um homem como eu fugiria? e quem há, como eu, que entre no templo e viva? De maneira nenhuma entrarei” (Neemias 6:11). Aí está a resposta completa — “Um homem como eu fugiria?” — um homem de Deus, um filho de Deus! Vou querer fugir para o templo, para salvar minha vida? Não! Prefiro morrer em combate aberto, para que Deus seja glorificado em mim e através de mim. Fugir é inconcebível; um homem como eu nunca deve fugir.

E você deve utilizar esse modo de pensar, seja qual for a forma particular em que o diabo o está atacando neste momento. Não fuja logo em busca de um psicólogo! Você é cristão, e Deus pode dar um jeito nos seus problemas. Não queira explicar problemas espirituais em termos

do psicológico ou do físico apenas. Os dois extremos são errados, tanto os do primeiro grupo como os do segundo. O diabo ataca por todas as linhas de frente. Trate de compreender a verdade acerca de si próprio, e tome “toda a armadura de

Deus". Esse é o ensino cristão. Ele é perfeito para você. Qualquer que seja a forma pela qual o inimigo venha, lute como cristão, resista como homem e, "havendo feito tudo", fique firme. "Um homem como eu". Diga isso a si próprio; e verá que os seus problemas logo serão resolvidos. Você não precisará fugir em nenhuma das diversas direções que o diabo, com a sua astúcia, estará pronto a sugerir-lhe. Graças a Deus, digo mais uma vez, podemos fortalecer-nos "no Senhor e na força do seu poder". Graças a Deus pela palavra, pela compreensão, pela instrução, pela iluminação, pelo conhecimento. Apegue-se a isto, aplique-o, pratique-o em todas as áreas e departamentos da sua vida; e as astutas ciladas do diabo não o poderão confundir.

SEGURANÇA VERDADEIRA E FALSA

Agora vamos passar à consideração doutro aspecto da maneira pela qual o diabo põe em execução as suas ciladas com relação à nossa experiência. Refiro-me aos problemas ligados à segurança da salvação, e veremos que as ciladas se manifestam exatamente ao longo das mesmas trilhas que já examinamos. O método do diabo sempre consiste em causar confusão. Como vimos, ele faz isso impelindo-nos de um extremo a outro. De novo veremos exemplos disto ao considerarmos a questão das investidas do diabo contra a nossa segurança da salvação.

Espera-se que todos os cristãos tenham segurança da salvação. Deus não somente providenciou um meio pelo qual podemos ser salvos, e não somente nos salvou, mas também nos faz saber que Ele o fez. Este é um glorioso aspecto da vida cristã. Não é para o cristão ficar na dúvida e na incerteza.

Há segmentos da Igreja que discutem a doutrina da segurança. A igreja católica romana a desencoraja deliberadamente. Obviamente, se ela não fizesse isso, não haveria tanta necessidade de sacerdócio e do poder da igreja e das suas autoridades. Ela mantém deliberadamente o seu povo na incerteza acerca da sua condição espiritual nesta vida e na vindoura. Assim o romanista tem que procurar o sacerdote e confessar-se diante dele; ele necessita de indulgências; ele ora pelos mortos, e assim por diante. Isso, porém, é uma grosseira e terrível máscara do ensino do Novo Testamento.

Num sentido, o ensino do Novo Testamento preocupa-se mais com esta grande questão da segurança do que com qualquer outra coisa. Esse é o tema de muitas das epístolas. Como exemplo, veja-se a Primeira Epístola de João: “Estas coisas vos escrevi, para que saibais que tendes a vida eterna, e para que creias no nome do Filho de Deus” (1 João 5.T3). O propósito é que tenhamos segurança, que experimentemos certeza.

As razões disto são óbvias. É da vontade de Deus que possamos orar com confiança e com segurança. A oração do verdadeiro cristão não é para ser incerta. Ele não está vagamente tateando em busca de Deus. Na Epístola aos Hebreus vocês verão que um dos seus maiores temas é justamente esta questão de segurança na oração. “Cheguemos pois”, diz o autor, “com confiança”, com segurança, “ao trono da graça, para que possamos alcançar misericórdia e achar graça, a fim de sermos ajudados em tempo oportuno” (Hebreus 4:16). Ele fala de modo semelhante no capítulo 10: “Tendo pois, irmãos, ousadia para entrar no santuário, pelo sangue de Jesus, pelo novo e vivo caminho que ele consagrou, pelo véu, isto é, pela sua came, e tendo um grande sacerdote sobre a casa de Deus, cheguemo-nos com verdadeiro coração, em inteira certeza de fé; tendo os corações purificados da má consciência, e o corpo lavado com água limpa” (Hebreus 10:19-22). Assim é que se deve orar. Espera-se

que o cristão ore com confiança e com inteira certeza de fé. Ele é um filho que se dirige a seu Pai, não com incerteza, não com hesitação, e sim com ousadia, com esta grande segurança e confiança.

Em acréscimo, o propósito é que o cristão tenha paz e alegria. Vejam de novo a Primeira Epístola de João, logo no início do capítulo primeiro. Diz o apóstolo: "Estas coisas vos escrevemos para que o vosso gozo se cumpra" — v.4 (AV: "para que a vossa alegria seja completa"). Aqui está o velho apóstolo, no fim da sua longa existência, escrevendo com a consciência de que em breve morrerá, e pensando no bem-estar dos cristãos que irá deixar no mundo. Diz ele que lhes está escrevendo a fim de que tenham comunhão com ele, comunhão que, na verdade, é com o Pai e com Seu Filho. Ele lhes escreve, no entanto, não somente para que tenham esta comunhão, mas também para que a sua alegria seja completa. Mesmo num mundo como este, a alegria dos cristãos é para ser "completa". O apóstolo Paulo escreve de maneira similar aos filipenses: "Regozijai-vos sempre no Senhor; outra vez digo, regozijai-vos" (Filipenses 4:4). O plano é que essa seja a nossa experiência como cristãos; não somente salvos, mas sabendo que somos salvos, dando-nos conta disso e regozijando-nos nisso "com gozo inefável e glorioso" (1 Pedro 1:8).

Sendo assim, não admira que o diabo dê particular atenção a este aspecto da experiência cristã. Todo aquele que tem alguma experiência pastoral sabe que surge maior número de problemas neste ponto do que talvez em todo e qualquer outro contexto. O diabo tem aqui um esplêndido campo de ação, e ele o utiliza plenamente na execução das suas astutas ciladas. É por isso que tão grande parte do Novo Testamento é dedicada a esta questão em particular. Os apóstolos de-

sejavam ardentemente que estes cristãos gozassem os frutos desta grande salvação. Todavia muitas vezes os cristãos primitivos tinham dificuldades, pelo que precisavam destas exortações. Estas grandes exposições de doutrina seguidas de exortações são todas destinadas a dar segurança e a alegria da salvação — paz, gozo e felicidade em Cristo Jesus.

O espaço dado a este assunto pelo Novo Testamento é, por si só, uma prova positiva das ciladas do diabo com relação a isto. Do princípio ao fim o objetivo dele é privar os cristãos deste glorioso aspecto da sua salvação. Contudo, o Novo Testamento vem em seu auxílio e os ensina a opor-se ao diabo e a derrotá-lo. É-lhes dada a promessa de que em breve Satanás será esmagado em baixo dos seus pés (Romanos 16:20).

Há certos livros que tratam do tema da segurança de maneira particularmente proveitosa. Possivelmente o maior deles é o Tratado Concernente aos Afetos Religiosos *{A Treatise concerning Religious Affections),* escrito por Jonathan Edwards, o grande teólogo americano que viveu há duzentos anos. É uma das mais magistrais análises do verdadeiro e do falso nesta questão de paz e segurança jamais escritas; é incomparável. Outro é de autoria de Richard Sibbes, um dos puritanos de

há trezentos anos, conhecido em Londres, onde pregou, como "O celestial Dr. Sibbes". Aplicaram-lhe essa expressão, não somente porque parecia ter um incomum conhecimento das glórias que nos esperam, mas também porque era um magnífico médico da alma. Ele publicou um livro de sermões intitulado O Conflito da Alma (*The Soul's Conflict).* Este livro tem sido um bálsamo para muitas almas aflitas. Sibbes tem outro livro, chamado A Cana Quebrada (*The Bruised Reed),* que segue as mesmas linhas; todas as suas obras foram escritas com o fim de consolar e fortalecer o povo de Deus. Na verdade, na maioria, os puritanos eram peritos neste assunto. Eles estavam sempre aplicando cordiais da Palavra, bálsamos espirituais, à alma ferida, à alma aflita. Ouçam, por exemplo, estas palavras de Thomas Brooks, outro grande puritano:

"Tal é a inveja e a aversão de Satanás pela alegria e pelo bem-estar do cristão, que ele só pode fazer o máximo da sua especialidade para manter as pobres almas na dúvida e nas trevas. Satanás sabe que a segurança é uma pérola tão preciosa que faz a alma feliz para sempre; ele sabe que a segurança transforma o deserto do cristão em paraíso; ele sabe que a segurança gera nos cristãos os espíritos mais nobres e mais generosos; ele sabe que é a segurança que fará bastante fortes os homens para fazerem proezas, para destroçarem o seu vacilante reino por cima dele; e, portanto, ele aplica muita habilidade e muito empenho para manter as almas sem segurança, como fez para conseguir que

Adão fosse expulso do paraíso" (Thomas Brooks, em *Heaven on Earth,* Banner of Truth, reedição de 1961, p.130).

Então, como será que o diabo nos tratará com relação a este ponto? Como será que ele exerce as suas ciladas em conexão com toda esta questão de segurança da salvação? A primeira coisa que ele faz é tentar dar-nos uma falsa segurança, uma falsa tranqüilidade, uma falsa paz e uma falsa alegria. Obviamente, se ele conseguir iludir algum de nós com aquilo que é falso, irá manter longe de nós o que é verdadeiro; e essa é uma das suas ciladas preferidas. Ele se aproxima do cristão e lhe oferece alguma coisa que, na superfície, parece verdadeiramente cristã — paz, alegria, felicidade e tranqüilidade; não obstante, com uma análise mais cerrada, à luz das Escrituras e da experiência, acaba vindo a ser nada mais, nada menos que uma horrenda falsificação, uma coisa falsa e espúria.

Um exemplo disto acha-se no livro de Apocalipse, concernente à igreja de Laodicéia: "E ao anjo da igreja que está em Laodicéia escreve: "Isto diz o Amém, a testemunha fiel e verdadeira, o princípio da criação de Deus. Eu sei as tuas obras, que nem és frio nem quente: oxalá foras frio ou quente! Assim, porque és momo, e não és frio nem quente, vomitar-te-ei da minha boca. Como dizes: Rico sou, e estou enriquecido, e de nada tenho falta; e não sabes que és um desgraçado, e miserável, e pobre, e cego, e nu" (3:14-17). Não se pode melhorar essa descrição de uma igreja

ou grupo de pessoas cristãs que sucumbiu às ciladas do diabo neste aspecto particular. Aqueles chamados cristãos estavam plenamente satisfeitos consigo mesmos, e se achavam ricos; tudo lhes parecia estar correndo às mil maravilhas; não precisavam de coisa alguma; e, no entanto, estavam numa terrível e trágica condição.

Evidentemente, a igreja de Corinto também esteve sujeita à mesma tentação. O apóstolo, dirigindo-se aos coríntios na primeira epístola, capítulo 5, diz: "Geralmente se ouve que há entre vós fomicação, e fomicação tal, qual nem ainda entre os gentios, como é quem haver abuse da mulher de seu pai. Estais inchados, e nem ao menos vos entristecestes por não ter sido dentre vós tirado quem cometeu tal ação". Eles estavam "inchados", apesar disso; tudo lhes parecia estar em ordem; não havia problema. Tinham uma falsa paz, um falsa tranqüilidade, uma falsa alegria. Há uma alusão à mesma idéia na Segunda Epístola aos Coríntios, onde Paulo os concita: "Examinai-vos a vós mesmos, se permaneceis na fé; provai-vos a vós mesmos" (13:5). É óbvio que o apóstolo não teria empregado essa linguagem, se não tivesse fortes motivos para pensar que havia alguma coisa gravemente errada na vida daquela igreja.

Qual a causa da condição na qual um verdadeiro cristão, alguém que confessa a fé cristã, tem a opinião de que tudo vai bem e parece ter grande e maravilhosa segurança? Uma das causas principais é que de um modo ou de outro o indivíduo foi introduzido na vida cristã de maneira muito precipitada. Esta situação é a mais comum em pessoas cuja conversão foi forçada. Esta é resultante de mero assentimento intelectual à verdade, sem conhecimento experimental do poder da verdade. Há um tipo de evangelização que concita as pessoas a dizerem: "Aí está, é isto que as Escrituras dizem. Você está disposto a dizer que concorda com isso?" "Sim! " "Que bom! Você é cristão; tudo está bem". Ora, há um sentido em que isso pode estar certo como uma declaração da justificação pela fé, mas há outro sentido em que pode ser o maior perigo. A simples repetição de declarações e fórmulas não prova necessariamente que somos cristãos. "Também os demônios o crêem, e estremecem" (Tiago 2:19). Houve gente na Igreja Primitiva que outrora havia feito todas as afirmações corretas. Ponderem o que João nos diz em sua primeira epístola. Havia certas pessoas, diz ele, que "saíram de nós" e que, saindo, deram prova de que "não eram de nós", quer dizer, deram prova de que na verdade "não são todos de nós" (1 João 2:19). Entretanto elas estiveram na igreja, e jamais teriam sido aceitas na Igreja Primitiva, que era muito cuidadosa nestas questões, se não tivessem aderido à verdade. Elas haviam concordado com todas as declarações e, todavia, "saíram", provando, diz João, que nunca foram verdadeiramente cristãs. Mas a princípio tinham toda a aparência externa de que eram. Todas as suas declarações eram corretas; parecia que eram perfeitamente ortodoxas e por algum tempo pareciam alegrar-se com isso. Um similar estado de coisas é mencionado nos primeiros versículos do capítulo seis da Epístola aos Hebreus, onde vemos pessoas que não só diziam as coisas certas, porém que também "provaram o dom

celestial... e as virtudes do século futuro"; e apesar disso o escritor mostra com a maior clareza que elas nunca tinham sido regeneradas. Contudo, apresentavam a aparência de que eram cristãs. Indubitavelmente, a causa mais prolifera deste acontecimento é que homens e mulheres têm sido forçados e levados a apressar-se a confessar a verdade antes de a possuírem e antes que ela fosse parte das suas vidas.

Examinemos, pois, as características desta condição perigosa, para podermos evitá-la. Em primeiro lugar, o que há de errado com uma pessoa nessa condição é que realmente nunca houve uma mudança radical em sua vida; de fato, não há vida nova nela. Houve alguma modificação na velha vida, mas isso sozinho não faz um cristão. O cristão não é aquele que apenas modificou sua vida anterior; é aquele que nasceu de novo, que tem vida nova. Há um novo princípio nele,

uma nova dinâmica, uma nova disposição colocada ali pelo Espírito de Deus. É isso que faz de um homem um cristão!

O perigo surge porque a mudança pode ser imitada, simulada, como uma flor artificial que, às vezes, quase não se pode distinguir de uma flor viva, natural. Por uma ou outra razão, o indivíduo pode ter-se tomado infeliz em sua vida, e sua consciência pode estar lhe causando aflição. Casualmente descobre a mensagem cristã e a adota. Ele põe um freio no que havia de errado em sua vida e a amolda a um novo padrão e a um novo modo de viver. Tudo isso ele faz mediante um esforço da sua vontade. E até certo ponto isso pode ser feito; não há por que sustá-lo, nem como. Os homens de boa moral vivem pelo uso da sua força de vontade e do seu entendimento. Assim é que uma pessoa pode modificar sua vida em tão considerável medida que, olhando-a casualmente, você dirá que se trata de um cristão ou cristã excepcionalmente admirável. Contudo, pode não ser cristão, de modo nenhum!

A diferença entre o verdadeiro e o falso é a diferença que há entre haver dentro de você, no centro que domina e dirige tudo, um princípio de vida, por um lado e, por outro lado, apenas fazer-se um acréscimo de alguma coisa àquilo que você já possui, ou produzir-se uma modificação daquilo que você é na superfície, e somente na superfície. É uma questão difícil e sutil; porém estamos tratando das "astutas ciladas do diabo" que, de todos os fabricantes de produtos artificiais, é o maior artista e o maior perito; e ele tem causado interminável confusão na Igreja através dos séculos fazendo justamente isso. E de igual maneira tem confundido muitas pessoas individualmente.

Portanto, a pergunta vital que devemos fazer a nós mesmos é: tenho ciência de que há algo inteiramente novo dentro de mim? Tenho consciência de estar sendo dominado e dirigido por alguma coisa, ou seja, por Alguém, e não por mim mesmo? Posso dizer, em algum grau, "vivo, não mais eu, mas Cristo vive em mim; e a vida que agora vivo na carne vivo-a na fé do Filho de Deus, o qual me amou, e se entregou a si

mesmo por mim" (Gálatas 2:20)? Você está consciente do fato de que alguma coisa foi feita com você? Não que você tenha feito alguma coisa, não que você esteja modificando o que você era, ou o que você tinha, ou o que você tem. Você tem consciência, nas profundezas do seu ser, de que Deus fez algo e colocou algo em você? Você pode dizer, "somos feitura sua, criados em Cristo Jesus" (Efésios 2:10)? Você pode dizer, sou uma "carta de Cristo,... escrita não com tinta, mas, com o Espírito de Deus vivo; não em tábuas de pedra, mas nas tábuas de carne do coração" (2 Coríntios 3:2-3)? Este é o critério por excelência de diferenciação. E se a pessoa for sincera para consigo mesma, será capaz de perceber a diferença.

Outro teste surge do fato de que a pessoa cuja profissão de fé em

Cristo é falsa e espúria, nunca fica preoucupada consigo mesma, de forma alguma. Como os membros da igreja de Laodicéia, essa pessoa está cheia de bens, rica, não tem falta de coisa alguma, nunca se sente descontente consigo mesma e nunca se interroga a si mesma. Este teste é muito penetrante. O diabo sempre faz uma asneira, que é sempre a asneira do falsário ou do fabricante de coisas falsificadas; ele exagera as coisas. A espécie de gente que foi levada às pressas para uma falsa "conversão", e que tem falsa paz e falsa alegria, nunca tem problema nenhum e nenhuma dificuldade, e não pode entender do que estamos falando. O hino de William Cowper, que contém o verso "Onde está a bem-aventurança que conheci, quando pela primeira vez o Senhor eu vi?", não tem sentido para eles. É estranho para eles, na verdade é ridículo para alguns deles, e eles não podem compreender por que as pessoas haveriam de escrever livros como *O Conflito da Alma* e *Tratado Concernente aos Afetos Religiosos,* ou algumas das obras de Bunyan. Não entendem por que nunca enfrentaram problemas defrontados pelos peregrinos da obra *O Peregrino*. "Ah", dizem eles, "desde o momento em que passei a crer, nunca tive nenhum problema". Jamais tomaram ciência de nenhuma dificuldade. Nunca se sentiram perturbados pela consciência de uma natureza pecaminosa; não sabem o que é sentir que há nos seus "membros outra lei" (Romanos 7:23), arrastando-os para baixo. Nunca têm dificuldade nenhuma com relação a si próprios.

Não há nada mais alarmante do que esta espécie de "euforia", como é chamada em termos médicos. Há certas moléstias que dão um tipo de euforia; a pessoa desconhece que está doente, sente-se extraordinariamente bem. Essa é a característica de algumas doenças, e certamente é a característica desta doença espiritual em particular. Os indivíduos do tipo falso e espúrio vão extraordinariamente bem; nunca se sentiram tão bem; nunca as coisas correram tão bem para eles; nunca lhes sobreveio mal nenhum. Noutras palavras, eles são muito diferentes do apóstolo Paulo e dos demais escritores do Novo Testamento, que sentiam problemas interiores e, principalmente, sentiam problemas no corpo. O apóstolo Paulo tinha que subjugar o seu corpo (cf. 1 Coríntios 9:27), entretanto estas pessoas jamais têm dificuldade alguma; elas não entendem o linguajar do apóstolo.

Tudo tem sido maravilhoso para elas, desde quando passaram a crer. Isso constitui um contraste não somente com o ensino do Novo Testamento, e sim também com as experiências dos santos de Deus através dos séculos, os quais tiveram grandes problemas na luta que travaram com "o mundo, a carne e o diabo". Portanto, a presença ou ausência de problemas espirituais é um teste muito bom e sutil.

Outra manifestação do cristianismo espúrio destas pessoas é que elas sempre têm grande aversão pelo auto-exame. Elas nos dizem que não temos por que envolver-nos nisso; é uma sondagem interior e, se cedermos a isso, simplesmente vamos infelicitar-nos. Dizem elas: "Olhe para o Senhor; olhe para fora, não para dentro de si; nunca faça exame de si mesmo, de maneira nenhuma". Uma violenta objeção ao auto-exame é sempre uma segura indicação de que a experiência é falsa e espúria, porque o Novo Testamento está repleto de exortações a que nos examinemos, a que nos provemos a nós mesmos, a que nos certifiquemos da nossa posição. Constantemente somos advertidos contra tudo quanto é falso — falsos espíritos, falsos apóstolos, e falsidade em nós mesmos. Todavia as pessoas iludidas não gostam dessas advertências, pois acham que se começarem a examinar-se a si mesmas acabarão infelizes. É como o enfermo que não quer consultar o médico. "Ora, não", diz ele, "se eu for ao médico, ele vai me mandar ficar na cama, ou vai sugerir uma operação." Assim, em vez disso, procura persuadir-se de que tudo está bem. Que loucura completa, em toda e qualquer esfera! Com muita freqüência isso acontece na esfera espiritual. Noutras palavras, o problema com este tipo de pessoas é que elas estão sempre muito sadias — sem dificuldades, sem problemas, sem nenhuma dúvida! Dizem elas: "Sobre o que é que esses indivíduos mórbidos estão falando ou escrevendo? O que falam é absurdo; há alguma coisa errada com eles; sua mente não está funcionando bem". Respondo que se uma pessoa pensa ou diz essas coisas, está indo contra o ensino do Novo Testamento.

O teste subseqüente é a presença de alguma forma de antinomia-nismo; significa que a vida destas pessoas não corresponde às suas grandes reivindicações. Elas alegam que se regozijam em sua salvação e que não têm problemas nem dificuldades. Tudo é paz e alegria; tudo está bem. Certamente é nosso direito esperar um tipo de comportamento espiritual fora do comum dessas pessoas. Se elas mantêm tal relação com Deus que não têm dificuldades ou problemas, você tem o direito de esperar que elas sejam exemplos excepecionalmente brilhantes e gloriosos de domínio próprio e de autodisciplina. Em todos os aspectos elas devem ser modelos daquilo que o cristão devia ser. Mas em geral você verá o oposto disso. Há defeitos óbvios e patentes em suas vidas; elas não correspondem ao que se dizem ser.

Noutros termos, sempre faltam ao falso as marcas e as características do vero. O homem que tem verdadeira paz e alegria, e segurança real, jamais é falastrão, jamais é fanfarrão. Possivelmente não havia ninguém que tivesse maior segurança da salvação do que o apóstolo Paulo; mas ele nunca foi falastrão, nunca foi fanfarrão.

Vocês podem

imaginá-lo frívolo? Podem imaginá-lo dizendo estas coisas com bazófia? Jamais! Na verdade, em suas epístolas, e em especial quando escreve a jovens como Timóteo e Ti to, ele afirma que até os jovens devem ser sérios, "moderados" e "sóbrios". Naturalmente isso deveria ser óbvio, porque a verdade mesma é grandiosa e gloriosa. Tem que ver com a nossa relação com Deus. Aquele que conta vantagem em sua conversa sobre Deus, virtualmente nos está contando que nada sabe sobre Deus. Jó foi um que, por um pouco de tempo, caiu nessa armadilha. No entanto, quando retomou a Deus, a primeira coisa que fez foi pôr a mão na boca e dizer: falei loucamente. Sua mulher tinha falado mais loucamente ainda. Mulher ignorante que era, não sabia o que dizia. Nunca há bazófia ou fanfarronice quanto ao cristão verdadeiro, cuja segurança é real e genuína.

Ademais, o verdadeiro em distinção ao falso, sempre é plenamente marcado por um sentimento de admiração, de espanto e de surpresa. Outrossim, o verdadeiro cristão não diz, "Claro que fui salvo! " Ele diz, "É espantoso que eu seja salvo. Como foi que o Deus todo-poderoso dignou-Se para dar-me a Sua atenção?" "Eu sou o menor dos apóstolos", disse Paulo, "que não sou digno de ser chamado apóstolo, pois que persegui a igreja de Deus." "E por derradeiro de todos, (Cristo) me apareceu também a mim, como a um abortivo." "O Filho de Deus, o qual me amou" — até mesmo a mim! — "e se entregou a si mesmo por mim." (1 Coríntios 15:8-9; Gálatas 2:20). Paulo não tira vantagem disso; ele fica admirado, fica espantado com isso. E todo aquele que compreende algo do significado da salvação certamente está cheio deste mesmo espanto. Não há aí nada da fanfarronice que alardeia: "Estou salvo e tudo vai bem". Ao contrário, aquele que verdadeiramente foi salvo diz: "A coisa mais espantosa me aconteceu; o grande, eterno, santo e onipotente Deus, em Sua misericórdia achou um meio de me perdoar". Foi o que Charles Wesley estava sentindo quando escreveu:

Eu poderia tirar proveito do sacrifício do Senhor?

Por mim morreu; causei-lhe a dor! Morreu por mim, que O persegui!

O Seu grandioso amor me espanta. Morreste, ó Deus, por mim! por mim!

E Isaac Watts descreve a sua experiência:

Quando vejo bem a espantosa cruz, cruz em que morreu o Príncipe da glória, meu lucro maior, considero perda, e desdém derramo sobre o meu orgulho.

E se, em sua paz, alegria e tranqüilidade não houver este elemento de admiração e de assombro por você ser o que é, deverá examinar-se a si mesmo e examinar de novo o alicerce da sua vida.

Outra característica da pessoa verdadeiramente salva sempre é a humildade! Como é negligenciada a graça da humildade! Estamos vivendo numa época que acredita no culto da personalidade — autoconfiança, segurança pessoal. É a antítese do Novo Testamento que ensina, "Bem-aventurados os mansos" e "Bem-aventurados os pobres de espírito". Ouçam as palavras empregadas pelo Senhor: "Não esmagará a cana quebrada, e não apagará o morrão que fumega, até que faça triunfar o juízo" (Mateus 12:20). Ele, o Filho de Deus, "humilhou-se" (Filipenses 2:8). Vejam isso também nos Seus seguidores. Vejam-no em tantos homens vigorosos, com o seu gênio, os seus intelectos flamejantes, o seu magnífico entendimento. Vejam-no no apóstolo Paulo. Examinem as vidas dos santos ao longo dos séculos e verão que todas as igrejas estão acordes nisto, inclusive a católica romana. Não há maior "marca" do verdadeiro santo do que a humilde. Portanto, se não há este elemento em nossa paz e alegria; se, ao contrário, esta é caracterizada por jactância, confiança própria e fanfarronice, não é genuína. É, de fato, uma horrível falsificação — um artifício fabricado pelo diabo.

Como teste final, eu diria: o verdadeiro está em completo contraste com as características da igreja de Laodicéia — dormir sobre os louros, estar satisfeito consigo mesmo e achar que você não tem mais nada que fazer, exceto manter o que você é. Antes, o verdadeiro é descrito com as palavras: "Bem-aventurados os que têm fome e sede de justiça, porque eles serão fartos." Quanto mais o homem tem, mais ele se dá conta do que não tem, e mais ele deseja ter. Eis a principal característica do cristão verdadeiro — um sentimento de insatisfação com o que ele tem. Ele não está satisfeito, sempre quer mais. O relato clássico desse tipo de experiência acha-se nos escritos do apóstolo Paulo. Se já houve um homem na Igreja cristã que tinha o direito de estar satisfeito consigo mesmo, era Paulo — no entendimento, no conhecimento, na capacidade para expor a verdade, nas experiências que lhe foram concedidas. Apesar disso tudo, ele nos diz: "Irmãos, quanto a mim, não julgo que o haja alcançado; mas uma coisa faço, e é que, esquecendo-me das coisas que atrás ficam, e avançando para as que estão diante de mim, prossigo para o alvo, pelo prêmio da soberana vocação de Deus em

Cristo Jesus" (Filipenses 3:13-14). Vemos aí a característica de um verdadeiro santo. Ele não se mostra satisfeito e contente consigo mesmo, nem confiante no que é ou no que tem. Ele dá graças a Deus por aquilo que Ele lhe deu, mas pode divisar o vasto oceano a estender-se infindável além de horizontes que até sobrepujam a sua imaginação, e se sente como um bebê chapinhando na praia dessa imensidão. Por isso quer avançar e progredir. Eis a sua ambição: "Para conhecê-lo, e à virtude da sua ressurreição, e à comunicação de suas aflições, sendo feito conforme à sua morte" (Filipenses 3:10). "Não julgo que o haja alcançado... mas... avançando... prossigo para o alvo", continuo avançando, consciente das minhas deficiências e da minha indignidade, compreendendo quanta coisa mais existe para eu possuir.

Mas os que têm falsa paz nada sabem destas coisas; acreditam que não há mais nada que acrescentar; já têm tudo, já chegaram lá. Não é óbvio que isso não passa de uma horrível, feia e estulta falsificação produzida pelo maligno?

Então, a primeira coisa que o diabo procura fazer é manter-nos longe da verdadeira segurança e da verdadeira paz, alegria e tranqüilidade, oferecendo-nos e dando-nos uma imitação, uma falsificação. Tão logo temos o falso, já não procuramos mais nada. Os laodicenses não procuravam nada; foi por isso que o apóstolo, na qualidade de mensageiro de Cristo, teve que falar-lhes numa linguagem tão forte. "Aconselho-lhes", "Insisto com vocês"; "Pleiteio com vocês"; "Façam isso de uma vez". "Devem comprar este ouro, providenciem novas vestes, estão completamente errados; não têm idéia da sua condição. Insisto com vocês, aconselho-lhes..."

No entanto, o diabo não deixa a coisa por aí. Primeiro ele procura meter-nos neste estado de aquiescência passiva, na condição de drogados, dando-nos o produto falso; porém, se falhar nisso, não o dará por terminado; então mudará completamente de tática. Irá de um extremo ao seu exato oposto, mudará sua tática, mudará de cor, como o camaleão, não poupará esforços para derrotar o povo de Deus.

Neste ponto o diabo começa a aparecer como "o acusador de nossos irmãos", o nosso "adversário" (Apocalipse 12:10; 1 Pedro 5:8). Havendo tentado fazer as pessoas pensarem que são personalidades cristãs maravilhosas, ele dá um giro completo e afirma que não são cristãs de modo algum. Agora ele passa você pela peneira, e o prova e o examina; ele, que antes procurava desanimá-la do auto-exame, agora se põe a examiná-lo e o força a examinar-se de maneira tão extrema que você fica duvidando se realmente alguma vez foi cristão. Ele o sacode e procura derrubá-lo; tenha mover os aliverces debaixo dos seus pés. Toma-se "o acusador" dos irmãos, "o adversário".

Ao começarmos a considerar este aspecto das astutas ciladas do diabo, lembramo-nos de que, graças a Deus, há uma coisa que o diabo não consegue fazer; ele não pode privar-nos da nossa salvação. Isso é uma total impossibilidade. Estamos nas mãos de Deus, somos "feitura sua", "e ninguém" (nem homem, nem o diabo) "as arrebatará da minha mão", disse Jesus (Efésios2:10, João 10:28). Se não há clareza em nós quanto a esta doutrina, já fomos derrotados pelo diabo. O diabo não pode privar ninguém da sua salvação! Se pudesse, ele o faria, e ninguém seria salvo. O diabo é o "valente", como diz o Senhor Jesus nà figura que Ele emprega nos Evangelhos. E como "o valente", ele "guarda, armado, a sua casa" e "em segurança está tudo quanto tem" (Lucas 11:21), e os homens não podem escapar das suas garras. "Mas, sobrevindo outro mais valente do que ele, e vencendo-o, tira-lhe toda a sua armadura" e libera os seus bens (versículo 22). Se isso não fosse verdade, não haveria nenhum salvo, nenhum remido. Todos nós fomos arrancados das garras do diabo. O Senhor Jesus Cristo fez isso, e o diabo jamais poderá apanhar-nos de

volta. Se pudesse recuperar-nos, todos cairíamos de novo em seu poder. Contudo não pode. O apóstolo João fala disto explicitamente — e esse é um pensamento sumamente consolador — em sua primeira epístola, capítulo 5. No versículo 18 lemos: "Sabemos que todo aquele que é nascido de Deus não peca" — não vive pecando, não permanece na esfera e no território e nos domínios do pecado — "mas o que de Deus é gerado conserva-se a si mesmo, e o maligno não lhe toca". Não pode agarrá-lo, não pode pegá-lo! "Sabemos que somos de Deus, e que todo o mundo está no maligno."

Esta é a consolação, a consolação definitiva; esta é a parte vital de toda a armadura de Deus. O diabo jamais poderá tirar a nossa salvação; jamais nos tirará a paz que acompanha a salvação; jamais poderá tomar de nós o repouso destinado a ser a porção do povo de Deus. E é precisamente neste ponto que ele põe em ação todo o seu engenho e manifesta as suas ciladas astutas e sutis. Ele sabe que não poderá levar-nos de volta para o seu reino, de modo que só lhe resta fazer uma coisa: "Muito bem", diz ele, "eles pertencem ao Senhor, e não a mim. O que vou fazer é tomá-los infelizes, vou tomá-los miseráveis, vou privá-los da alegria que sentem por aquilo que o Senhor fez por eles." Assim começa ele a pôr em exercício as suas astutas ciladas.

Se você tem alguma dúvida quanto às ciladas do diabo neste aspecto, faça a si mesmo certas perguntas. Você está desfrutando segurança da salvação neste momento? Você pode dizer de si próprio o que o apóstolo Pedro diz àqueles desconhecidos cristãos do século primeiro: "Ao qual, não o havendo visto, amais; no qual, não o vendo

agora, mas crendo, vos alegrais com gozo inefável e glorioso"? (1 Pedro 1:8). Isso é verdade com relação a você? Pedro não estava escrevendo a respeito dele mesmo, e não estava escrevendo acerca dos outros apóstolos. Estava escrevendo a respeito de cristãos anônimos, "aos estrangeiros dispersos". Ele não sabia os nomes deles. Tudo que sabia era que eram cristãos, e porque eram cristãos, o que ele disse é verdade quanto a eles. É verdade quanto a nós? Você pode dizer que o seu gozo é completo, como João afirma que deve e pode ser? (1 João 1:4 AV). Se não é, é por causa das ciladas do diabo. Você pode ser cristão, e, todavia, pode faltar-lhe segurança. Você é salvo, mas pode não saber disso, por causa das cilada do diabo. Ele pode privá-lo da alegria, da felicidade e do poder da salvação. Ele não pode privá-lo da salvação. Muitas vezes, com as suas terríveis ciladas, ele tem levado os cristãos a um estado de infelicidade, como se eles não fossem cristãos!

INVESTIDAS CONTRA A SEGURANÇA (I)

Ao considerarmos os ataques do diabo dirigidos a nós na esfera da segurança da salvação, vimos como ele às vezes tenta enganar-nos dando-nos um falso, espúrio e simulado sentimento de segurança. Agora passaremos a ver os métodos pelos quais ele procura abalar a nossa segurança de várias maneiras. Temos firmado uma proposição de suma importância, a saber, que o diabo não pode privar-nos da nossa salvação, por mais que tente. Todavia, conquanto não possa privar-nos da salvação propriamente dita, certamente pode privar-nos da alegria da salvação, isto é, do gozo da salvação. Por isso, há a possibilidade de sermos cristãos e, no entanto, não sermos realmente felizes. Esta é a explicação do cristão miseravelmente infeliz, assim chamado. Há gente que diz que não existe esse tipo de cristão. A resposta é simplesmente que há sim; são as ciladas do diabo que produzem essa condição. Portanto, convém examinarmos esta questão.

O primeiro método que devemos considerar é aquele ao qual já aludimos; o diabo nos faz questionar a própria possibilidade da segurança. Há muitos que se dizem cristãos e que nunca tiveram segurança da salvação porque nem sequer acreditam na sua possibilidade; dizem eles que isso não pode acontecer. A igreja católica romana, por exemplo, nega a possibilidade da obtenção de verdadeira segurança, como mencionei muito resumidamente no capítulo anterior. Diz ela que ninguém pode estar seguro de que vai para o céu enquanto está nesta existência e neste mundo. Isso é uma parte da sua compreensão errônea do evangelho, e se enquadra perfeitamente em seu sistema complicado. Quer dizer que o membro da igreja é sempre dependente do sacerdócio, que sempre tem que confessar os seus pecados aos sacerdotes. É introduzido o confessionário, como também tudo quanto o acompanha, e as indulgências, as orações pelos mortos, e assim por diante. Quer dizer também que precisamos do auxílio dos santos e que, portanto, precisamos orar a eles. Mesmo quando o fiel morre, o seu

destino ainda é incerto. Ele tem que ir para um lugar chamado purgatório, e enquanto estiver lá é necessário que a igreja na terra ofereça orações em seu favor, que se acendam velas e que se faça pagamento à igreja. Naturalmente, assegura-se que no fim das contas a igreja providenciará a salvação final, porém a incerteza quanto à salvação continuará enquanto o fiel estiver neste mundo. Todo o ensino e prática da igreja católica romana acaba com a doutrina da segurança da salvação. Aí está, na verdade, a chave para compreender-se esse simulacro da Igreja cristã como ela é descrita no Novo Testamento. É evidente que, se você crer nesse tipo de ensino, nunca terá segurança; e o resultado é que você sempre será mais ou menos infeliz e miserável.

Entretanto, desafortunadamente, este ensino não se limita à igreja católica romana; há protestantes, e alguns deles muito bons protestantes, que tendem a firmar-se no

mesmo ensino. Agem assim em razão de que consideram a segurança uma presunção. Dizem eles: "Quem sou eu para dizer que sou filho de Deus e que estou salvo? Sou indigno, estou consciente de que há muita negridão e muito mal em meu ser. Certamente", dizem eles, "isso é presunção". Conheci alguns elementos muito bons, alguns deles obreiros muito ativos na Igreja cristã, que assumiram esta posição. Consideram quase pecaminoso afirmar a segurança da salvação. Conheci cristãos devotos que consideram a afirmação da segurança da salvação como a maior marca da superficialidade e da ignorância doutrinária. Por razões diferentes, a corrente doutrinária bartiana também se opõe à doutrina da segurança.

Se o diabo conseguir fazer-nos pensar da maneira acima exposta, obviamente já terá atingido o seu fim e objetivo e facilmente nos manterá num estado de infelicidade e temor — às vezes no alto, às vezes no baixo, provavelmente mais no baixo do que no alto, e quase sempre com medo de sermos felizes. Na verdade ele pode exercer tal pressão nisto, e o tem feito tantas vezes, que se chega ao ponto de, em certo sentido, fazer a segurança da salvação apoiar-se no fato de que somos miseravelmente desditosos! Não estou exagerando. Eu poderia citar-lhes capítulo e versículo para comprová-lo. Tem havido segmentos da Igreja que têm tido tanto medo da falsa alegria, que foram para o outro extremo e, como costumo dizer — por mais ridículo que seja e pareça — só têm algum contentamento quando se sentem completamente miseráveis e fracassados.

A resposta a tais idéias é o ensino do Novo Testamento, que nos exorta a conquistarmos a segurança. João nos diz, em sua primeira epístola, capítulo 5, versículo 13: "Estas coisas vos escrevi, para que saibais que tendes a vida eterna, e para que creais no nome do Filho de Deus." Para que *saibaisl* O apóstolo Paulo nos exorta: "Regozijai-vos

sempre no Senhor; outra vez digo, regozijai-vos". Não é para nos regozijarmos em nós mesmos, pois se olharmos para nosso íntimo não poderemos fazê-lo. Devemos regozijar-nos "no Senhor". Em última análise, isto depende de compreendermos claramente a doutrina da justificação somente pela fé. A intromissão das obras, de algum modo ou forma, é que explica esta incapacidade de compreender que ao cristão cabe regozijar-se. Como o conhecido hino de Isaac Watts o expressa tão bem:

Os salvos pela graça vêem a glória começar aqui; frutos do céu crescer na terra, brotando da fé e da esperança.

Fomos destinados a constituir um povo que se alegra enquanto "marchamos para Sião", mas, se dermos a impressão de que ser cristão significa ser miserável, desanimado e infeliz, não conseguiremos atrair outros para o Senhor Jesus Cristo e para Deus. Assim, naturalmente o diabo faz uso deste ensino errôneo, e o faz especialmente com as pessoas mais conscienciosas, pois são as que temem fazer uma

afirmação falsa e dar má reputação ao evangelho. “Que acontecerá se eu disser que estou salvo”, dizem elas, “e depois virem alguma coisa errada em mim?” Esse argumento, porém, é totalmente falso. O apóstolo descreve os membros da igreja, mesmo a de Corinto, como “santos”. E eram! Tinham sido separados para Deus e eram Seus filhos, embora culpados de alguns pecados muito graves. Portanto, precisamos estar cientes do laço do diabo neste ponto e não devemos deixar que ele nos pegue na armadilha e nos leve a um estado de confusão.

Um segundo estratagema ou manifestação das ciladas do diabo é que ele tenta persuadir-nos a crer exatamente no oposto do que vimos considerando, a saber, que não se pode ser cristão se não se tem segurança da salvação. Vemos de novo que o método do diabo, seu princípio de operação, é sempre o mesmo: levar o cristão de um extremo ao outro. O diabo sempre se encontra nos extremos. Assim, quando nos livramos da sua insinuação de que a segurança da salvação é impossível, ele agora faz pesar o seu argumento neste outro lado e diz: “Se você não tem segurança, não é cristão!”

Aí está uma questão concernente à qual temos que ser muito cuidadosos. Dá para perceber que até os reformadores protestantes caíram nesta armadilha em certa medida e em certos pontos. Não é nada difícil entender o porquê disso. Naturalmente foi por sua reação contra o

ensino católico romano ao qual me referi há pouco. Seu grande desejo era expor o princípio da fé e o fato de que a justificação é pela fé somente. Eles diziam que a pessoa não tem por que esperar até ser absolutamente perfeita para saber que é filha de Deus e que está salva. Considerem o caso de Lutero. Enquanto monge, era infeliz, porque achava que não era suficientemente bom; não poderia estar seguro de que era cristão enquanto não se livrasse de todos os pecados; na verdade, não somente enquanto não parasse de praticar atos pecaminosos, e sim, enquanto o próprio desejo do pecado não o deixasse. A igreja católica romana lhe ensinara que ele tinha que santificar-se completamente, tinha que se tomar absolutamente perfeito, antes de ter direito a esta segurança. Contudo, subitamente, o Espírito Santo abriu-lhe os olhos para este glorioso ensino do Novo Testamento: “O justo viverá da fé” (Romanos 1:17). Ele viu que esta justiça de Deus é dada mediante a fé, e que pode ser recebida imediatamente. De imediato foi liberto, e simultaneamente regozijou-se na segurança da salvação.

Não é de admirar, pois, que ele e os outros líderes protestantes que o seguiram, tenham ido tão longe, a ponto de dizer que a fé sempre inclui conhecimento, que realmente não se pode ter fé sem segurança da salvação, que verdadeiramente não se pode ver tal doutrina e crer nela sem automaticamente regozijar-se nela e ter absoluta certeza dela. Mas, ao dizê-lo, foram longe demais. É claro que, dos dois, este ensino é muito melhor que o católico romano, porque põe às claras este

vital elemento de justificação. Não obstante, vai longe demais e, com isso, muitas vezes tem sido causa de grande infelicidade e incerteza, para não dizer de miséria, nas mentes e nos corações de muitos cristãos.

Podemos provar que esse antigo ensino protestante estava errado citando outra vez 1 João 5:13: "Estas coisas vos escrevi, para que saibais que tendes a vida eterna, e para que creias no nome do Filho de Deus." João estava escrevendo para crentes; porém estes não tinham segurança da salvação. Escreveu-lhes para que a tivessem. E, por certo, toda a Epístola aos Hebreus, num sentido, foi escrita com o mesmo fim e o mesmo objetivo. Noutras palavras, precisamos entender claramente que é possível uma pessoa ser verdadeiramente crente e, todavia, por várias razões, não ter segurança da salvação.

Geralmente acontece isso devido a um ensino defeituoso ou porque o diabo nos persuade, de uma ou de outra forma, a olhar demais para dentro de nós mesmos. A Bíblia nos ensina a examinar-nos a nós mesmos; mas se o fizermos excessivamente, cairemos numa situação de dolorosa infelicidade. Portanto, devemos evitar os dois extremos, de nenhum auto-exame, e de auto-exame demais. O que deve levar a pessoa à segurança da salvação é um claro entendimento da doutrina da

justificação pela fé somente. "Sendo pois", diz o apóstolo em Romanos 5:1, "justificados pela fé (ou "tendo sido justificados pela fé"), temos paz com Deus, por nosso Senhor Jesus Cristo." Mesmo que adotemos a tradução alternativa, "tenhamos paz com Deus", o resultado será o mesmo. Uma tradução afirma que você tem paz, a outra diz que você deve tê-la, entretanto ambas mostram que um claro entendimento da justificação deverá levar à segurança e ao regozijo.

É possível ser cristão sem segurança, sem o seguro e certo conhecimento da salvação. "Então", você indagará, "como poderei saber se realmente sou cristão?" A resposta é que, se você sabe que é pecador; se você deixou de pôr a sua confiança nas suas obras pessoais; se está olhando unicamente para o Senhor Jesus Cristo e na perfeita obra que Ele realizou por você — em Sua vida, em Sua morte na cruz, e em Sua ressurreição e ascensão — se você não está olhando para você mesmo; se não põe a sua "confiança na came"; se a sua esperança está no Senhor Jesus, e se você confia inteiramente nEle e a Ele se entregou completamente, então você é cristão. O de que você necessita é instrução, pela qual os seus olhos se abrirão plenamente para a verdade. Você pode ser cristão sem ter segurança da salvação, mas deve tê-la, e não deve dar-se por satisfeito enquanto não a tiver. Você deve dar-se conta de que é um cristão muito defeituoso, sem ela, defeituoso do ponto de vista de sua experiência pessoal, e mais defeituoso ainda do ponto de vista do seu testemunho. Espera-se que sejamos um povo que se regozije, e não temos direito de ser outra coisa. Não digo que você não é cristão se não se regozija; mas digo que deve regozijar-se, e que deve empenhar-se consigo mesmo até vir a regozijar-se. Trate de

obter um claro conhecimento da doutrina da justificação pela fé somente.

Outro método que o diabo adota para atacar a nossa segurança é levar-nos a olhar para trás, para o passado. Quantas vezes cristãos ficam privados da sua alegria e da sua segurança porque o diabo os persuadiu a olharem para o passado, para algum deslize pessoal! Nada acontece com mais freqüência do que isto. Portanto, nada requer mais freqüente exortação por parte do pastor como cura d'almas a que as pessoas deixem o passado morto enterrar os seus mortos, lembrando-as da necessidade de se esquecerem "das coisas que para trás ficam"!

O diabo se aproxima de um homem que, talvez, só tardiamente em sua existência se tenha feito cristão, e lhe diz: "É demasiado tarde! Você é um covarde, é um canalha; você teve a sua vida cheia de prazeres do mundo, e agora, quando está começando a ter medo do fato de que está envelhecendo e perto de enfrentar a morte, você se converte a Deus e a Cristo. Você é um covarde! Não (diz o diabo), não pode ser desse

jeito; Deus é um Deus reto e justo, e não pode permitir que você viva no mundo até o último minuto e depois se converta... Tarde demais, meu amigo."

Ou talvez o diabo o leve a pensar nos anos que você desperdiçou. Você passou longos anos vivendo a vida do mundo na impiedade e na irreligião, e não consegue perdoar-se por tal desperdício. Agora você vê isso. Mas aí está, e fatos são fatos. O diabo pode tomá-lo tão completamente infeliz que você cai na mais dolorosa depressão. Perde a alegria da salvação devido aos anos mal gastos. Estes se foram irremediavelmente, e você não poderá recuperá-los. Aí vem o diabo e acrescenta: "Se você não os tivesse desperdiçado, pense o que você poderia ser agora!"

Não é extraordinário podermos ser iludidos e apanhados desta maneira pelo diabo? Você não tem alguma experiência disto? "Pense", diz ele, "no que você poderia ser agora se tão somente se convertesse na adolescência, quando jovem! Mas você deixou escapar a oportunidade, e entrou na carreira cristã muito tarde. Você poderia ser agora um brilhante, glorioso e maravilhoso santo. Contudo, perdeu a oportunidade!"

Outra maneira pela qual ele busca o mesmo resultado é dizendo: "Pense no bem que você poderia, ter feito. Se unicamente você se convertesse na juventude, poderia ser um missionário no estrangeiro, uma grande igreja poderia ter vindo à existência como resultado das suas atividades, você poderia ter feito vultosas doações a várias causas. A história teria sido bem outra, ç você seria um cristão notável por suas magníficas realizações." O diabo nos lança em rosto estes vãos remorsos a ponto de fazer-nos cair nos abismos do desânimo e do quase desespero. Ele tentará manter você nessa atitude de olhar para o seu passado por estes meios — vãos

remorsos, as oportunidades que se foram e que nunca mais voltarão!

Que é que você lhe diz em resposta? Como o enfrenta? Quando chegarmos à exposição positiva de "toda a armadura de Deus" (o que será feito num volume subseqüente), naturalmente iremos tratar disto mais completamente. Permitam-me antecipar esta parte, para dar imediato alívio a alguma alma infeliz e em aflição que acaso esteja olhando para trás, vendo os anos desperdiçados, uma vida desperdiçada e oportunidades desperdiçadas. Em nome de Deus eu lhe digo: trate de entender que é sempre o diabo que faz você olhar para trás, para o seu passado, e a razão pela qual o faz é que ele quer arruinar o presente e o futuro. Ele sabe que enquanto você estiver olhando para trás, não terá prazer no presente, não estará fazendo bem o seu trabalho no presente, e não será capaz de fazer o seu trabalho no futuro. Os

remorsos são inúteis. Você não poderá desfazer o passado; não há nada que você possa fazer a respeito. Se você não tivesse outro motivo para não olhar para trás, esse seria suficiente. Não desperdice o seu tempo, mas trate de compreender que é o diabo que o está atacando. Ficar deprimido por causa do seu passado significa que você está deprimido no presente; e como "a alegria do Senhor é a vossa força" (Neemias 8:10), é óbvio que, enquanto você se sentir infeliz, não poderá funcionar bem. Assim, só por essa razão, recuse-se a olhar para trás, para o seu passado.

Deixe-me, porém, dar melhor razão para encorajamento. O diabo diz: "Tudo está perdido, irremediavelmente perdido; nunca mais você terá outra oportunidade. Os anos se foram, e se foram para sempre; sua vida foi puro desperdício." Vire-se para ele e diga: "Lembro-me das palavras do meu Senhor, que disse que você é "mentiroso, e pai da mentira" (João 8:44), mentiroso sempre e por natureza, e vejo que continua sendo mentiroso, porque o que está dizendo não é verdade. Deus me diz: "restituir-vos-ei os anos que foram consumidos pelo gafanhoto" (Joel 2:25). E eu concordo". A Palavra de Deus é a única palavra no universo que pode dirigir-se a você desta maneira. E Deus *pode* fazê-lo! Você não percebe que, nas mãos de Deus, você pode fazer mais em cinco minutos do que poderia fazer em cinqüenta anos por sua conta? Não dê ouvidos ao diabo. O passado não é totalmente ir-resgatável; ele não de hipotecar o presente e o futuro. Deus o liberta e faz de você uma nova criação; você é um novo homem num novo mundo. Abandone o passado. Nunca mais volte a olhar para ele. É sempre o diabo que o leva a olhar para trás. Recuse-se a isso, volte o rosto resolutamente para o futuro, para esse glorioso futuro que está adiante de você!

Devo lembrar-lhe também o modo como o diabo às vezes levanta algum pecado passado e o mantém diante dos seus olhos para que você não possa fugir dele. Para onde quer que você olhe, lá está ele — aquela coisa, um pecado que talvez você tenha cometido no passado!

Uma breve ilustração demonstrará o ponto que estou querendo estabelecer. Lembro-

me muito bem do caso de um homem que se tomou cristão quando tinha setenta e sete anos de idade. Tinha vivido uma vida má, violenta e ímpia. Mas, aos setenta e sete anos, de maneira maravilhosa, este homem foi convertido, e chegou a hora de participar da Ceia do Senhor pelo primeira vez. Nunca estivera num culto onde foi realizado a Ceia, e este foi o momento mais grandioso da sua vida. Tendo aprendido o caminho da salvação, tendo compreendido a justificação pela fé somente, o ancião tinha chegado a ver que todos os seus pecados tinham sido perdoados, cobertos como que por uma

nuvem espessa, e que Deus os lançara no mar do Seu esquecimento. O velho homem regozijava-se em sua salvação de maneira a mais maravilhosa. Então chegou a noite do domingo, do primeiro culto de celebração da Ceia de que participou. Nunca esquecerei o seu semblante e a visão de alegria de mistura com as lágrimas. Ele estava realmente prelibando o céu, e todos nós nos regozijamos com ele. Na manhã seguinte, segunda-feira cedo, houve uma forte batida em nossa porta, antes de termos levantado da cama. Descendo as escadas, encontramos este pobre ancião de pé à porta, abatido, completamente infeliz, chorando incontrolavelmente, completamente desconsolado. Levando-o para dentro de casa e questionando-o, descobri a causa da sua aflição. Ele saíra do culto e fora para casa com uns amigos, cheio de alegria, fora dormir e, havendo-se deitado, estava quase pegando no sono quando, repentinamente, veio-lhe à memória que trinta anos antes, num bar, e durante uma discussão sobre religião, ele tinha dito e repetido muitas vezes, com juramentos e maldições, que Jesus Cristo — perdoem-me a expressão — era um bastardo! Ele não pensara mais nisso durante trinta nos, e provavelmente dissera a mesma coisa muitas vezes. Essa era a situação. Tinha-se convertido, tomara-se um cristão exultante em sua salvação, participara pela primeira vez da Ceia e estava no auge do seu gozo e da sua felicidade em Cristo. Então, no leito, mais feliz do que nunca, de repente este pensamento e esta lembrança lhe vieram. Donde vieram? Há somente uma resposta: foi uma das "astutas ciladas do diabo", um dos "dardos inflamados do maligno". Ele lançou um destes dardos neste pobre ancião, sabendo que ele estava exultante. O diabo ressuscitou um pecado de trinta anos antes e o arremessou nele. "Quem é você para participar da Ceia do Senhor? Quem é você para dizer-se cristão? Como você pode ser cristão?" E o homem passou a noite inteira em agonia e tormento; dormir foi impossível. Ele desceu às maiores profundezas do inferno; nunca tinha ficado tão deprimido nem tão infeliz e miserável.

"Mas", você perguntará, "Como foi possível acontecer isso? Você não disse que ele tinha entendido a doutrina da justificação pela fé somente?" Esse é o tipo de coisa que diz o cristão superficial, que ignora "as ciladas do diabo": "Uma vez salvo, sempre feliz"; "Eu cri e pus meu nome num cartão". "Feliz — perfeitamente feliz — sempre e para sempre; problemas, nunca mais!" Só que não é verdade!
Somos confrontados por um adversário e inimigo extremamente sagaz e sutil. Ele sabe muito bem como nos fazer tropeçar e como apanhar-nos. Quando nada mais

parece funcionar, ele talvez tome uma coisa, como no caso do referido ancião, de uma vida que foi totalmente má, completamente profana, violenta e vil. Ele pega uma coisa, aquilo em

que o cristão é mais sensível e que mais o fere agora, a saber, o fato de que ele nunca deveria ter empregado uma expressão como aquela acerca do Filho de Deus que o amou e morreu por ele. Mas com isso o diabo acusa o homem e o priva da sua segurança e alegria da salvação.

O único modo de lidar com tal situação — e graças a Deus por isso! — é convencer-se de que não importa o que você possa ter dito no passado; o que importa é o que você diz agora. Quantas vezes tive que dizer isso às pessoas! "Mas você sabe", dizem elas, "eu disse isto e afirmei aquilo." "Caro amigo", digo eu, "não me preocupa o que você fez no passado; a questão é: o que você pensa do Filho de Deus *agoraT* Demonstrei ao meu idoso amigo que a sua própria aflição era prova de que ele era cristão. Se não fosse cristão, ainda estaria falando aquelas mesmas coisas e estaria achando que fazer isso era ser muita inteligente. Sua aflição era prova de que ele era cristão. Se pudesse cortar sua língua, cortaria. Faria qualquer coisa para apagar aquela terrível afirmação. O diabo tinha cometido outro engano. Você pode fazer virar o feitiço contra o feiticeiro, quanto a ele, e pode fazê-lo fugir de você, se você lhe resistir firme na fé (cf. 1 Pedro 5:9). Se você ama o Senhor e deseja conhecê-10, eu digo em nome de Deus que o que você possa ter dito ou feito no passado não importa. O que você diz agora é que importa. Não há nada que fazer com o passado.

Outro grupo de dificuldades surge em conseqüência das variações da nossa experiência. Aí está mais uma linha de ação que o diabo segue sempre com muito sucesso. Um homem se toma cristão e transborda de júbilo, de louvor e de gratidão. Contudo, depois ele começa a notar que já não sente as coisas que sentia, não as desfruta como desfrutava. No início a experiência cristã era maravilhosa — a leitura da Bíblia, a oração, a comunhão do povo cristão, as atividades, tudo. Mas agora ele começa a notar que não é mais assim. Já não tem os sentimentos que tinha; já não tem o mesmo prazer que teve antes, e experimenta uma curiosa aridez. Parece estar andando em trevas como as que o profeta Isaías descreve no capítulo 50, versículo 10: "O servo de Deus andando nas trevas", e ele sente que perdeu algo e que não pode recuperá-lo. E começa a dizer: "Onde está a bem-aventurança que conheci quando pela primeira vez o Senhor eu vi?", porque parece que ela se foi". Daí o passo seguinte é: "Bem, pergunto-me se afinal sou cristão. Seguramente, se o indivíduo é verdadeiramente cristão, não pode passar por uma fase como esta; as coisas deveriam ser cada vez melhores, mas parece que eu, ao contrário, estou cada vez pior. Sou cristão mesmo? Alguma vez fui cristão? Será que a experiência que tive foi falsa, foi espúria? Será que foi apenas uma coisa de natureza psicológica? Afinal

de contas, será possível realmente que eu não sou cristão?"

Estou certo de que, ao expor esta situação, você logo reconhece a experiência de muitos que, já faz tempo, são cristãos. Você já experimentou as ciladas do diabo neste ponto? Se não, eu lhe digo que seria melhor tratar de certificar-se de que realmente é cristão. Se você nunca teve variações em sua experiência, sou levado a questionar se de fato você é cristão. Como indiquei num estudo anterior, os ensinamentos das seitas têm esse efeito. As seitas sempre reivindicam coisas exageradas. Há variações na experiência do cristão. Quando alguém se faz cristão, não é repentinamente elevado da terra aos céus para passar o resto da vida em órbita. Não é verdade. Há variações. Você passa dois dias de maneira idêntica?

Para ilustrar o que quero dizer, utilizo uma ilustração retirada da esfera da pregação. Vou levá-los a penetrar um segredo! Para mim, a coisa mais maravilhosa quanto à pregação é que não tenho nenhuma idéia do que vai acontecer no culto quando subo a escada do púlpito. É difícil dar-nos conta de que ocorrem variações, e o diabo nos ataca neste ponto. Queremos estar sempre nas alturas; todavia não é assim, há variações.

Em parte estas variações se devem ao elemento físico que há em nós, uma consideração que não devemos excluir. Embora você seja cristão, ainda está no corpo, e não pode separar-se ou divorciar-se do seu próprio corpo. Muitos santos tiveram que enfrentar este problema. Tanto o elemento físico quanto o psicológico tendem a influenciar o espiritual. Como vimos, eles podem tirar vantagem das variações que ocorrem em nossa experiência; e o cristão se desgosta e se deprime e se pergunta se alguma vez foi cristão mesmo. O fato é que o diabo nos persuade a dar demasiada atenção às nossas condições pessoais, ao nosso temperamento e aos nossos sentimentos, e não à nossa relação com o Senhor Jesus Cristo, e assim nos impede de experimentarmos e desfrutarmos a salvação.

Uma ilustração singela nos ajudará neste ponto. O coração do cristão bate, e a sua batida percorre o corpo e chega ao pulso. Se é rápido demais ou lenta demais, há algo de errado com você. Portanto, o pulso é importante. Entretanto, se você passar o tempo todo medindo o pulsò, não fará nenhuma outra coisa. Pois bem, há cristãos que estão fazendo justamente isso. Passam o tempo todo contando as suas pulsações espirituais, ou verificando a sua temperatura. Não estão com muita certeza se estão bem, de modo que usam o termômetro, e também constatam o seu pulso. Muitos cristãos passaram a vida toda nessa condição, persuadidos a fazê-lo pelas "astutas ciladas do diabo". "Naturalmente quero serum cristão saudável, quero estar bem", dizem

eles. Sim, mas quando você fica tão preocupado com a sua saúde que até adoece, obviamente perdeu o equilíbrio. A questão de equilíbrio é da maior importância. O cristão satisfeito consigo mesmo e falastrão, e o cristão mórbido, ultra-sensível,

exageradamente cuidadoso, hipocondríaco estão ambos errados; e há muitos assim. Portanto, a solução do problema está em compreender que, toda vez que se sentir deprimido e infeliz, deve questionar-se e dizer: "Em que sou infeliz?" Provavelmente verá que é infeliz porque não está desfrutando sua relação com o Senhor como devia, e como precisa, e isso o levará a questionar se você mantém alguma relação com Ele. Sinta-me como me sentir, o que importa é essa relação; e, graças a Deus, os meus sentimentos não fazem a mínima diferença para a relação com Ele!

Lembro-me de uma ilustração que o evangelista escocês John McNeil costumava empregar para esclarecer este ponto. Ele era um evangelista itinerante, e costumava ficar longe do lar talvez dois ou três anos por vez, enquanto ia pelo mundo fazendo reuniões. Depois vinha descansar em casa. Ele desejava que as pessoas vissem a diferença que há entre a relação e a alegria dada pela relação. Ele imaginou-se chegando em casa certa ocasião muito cansada, num estado de verdadeira exaustão, após ter trabalhado arduamente, sendo recebido pela esposa e pelos seus sete ou oito filhos. Ele se descreveu dizendo à esposa: "Maria, quem são estes?" Ela respondeu: "Ora, João, são os seus filhos". Ele, cansado, exausto, disse: "Sabe Maria, não sei o que há, mas de algum modo não me dou conta, não sinto que eles são meus filhos". Então sua esposa replicou, dizendo: "Não importa se você sente isso ou não, João, você é o pai deles!" Lembre-se desta história e aplique-a quando você disser: "Não me sinto agora como costumava sentir-me". Graças a Deus que, se o seu nome está escrito no Livro da Vida do Cordeiro, ele está lá, seja como for que você se sinta. É isso que importa! Ouça —

Entre clarões de júbilo e nuvens de dúvida, nossos sentimentos vêm e vão; nosso melhor estado sempre está a agitar-se num fluxo e refluxo que não cessa: modo algum de sentir, ou mesmo de pensar, nem sequer um dia permanece; mas Tu, ó meu Senhor, não sofres variação, não mudas jamais, sempre és o mesmo.

A Tua força capto e a faço também minha, e se enche de paz meu coração;

se solto as minhas mãos, logo me sobrevêm densa treva e fria inquietação.

Não permitas que eu busque alivio e bem-estar no meu pobre e fraco apego a Ti; com temor regozijo-me nisto somente: a Tua forte mão é que segura a mim.

Posso sentir que O perdi, mas Ele nunca me abandonará. "Nunca te deixarei, nem te desampararei." "Não te deixarei ir." "Amor, que nunca me abandonas."[1] Descanse nEle, sejam quais forem os seus sentimentos. Ele nunca o deixará. Ele não pode negar-Se a Si mesmo, e você Lhe pertence, e Lhe pertence para sempre.

Não permitas que eu busque alívio e bem-estar no meu pobre e fraco apego a Ti; com temor regozijo-me nisto somente: a Tua forte mão é que segura a mim.

Não se esqueça da expressão — "com temor". É espantoso, é maravilhoso, não se deve tratar com leviandade nem se deve brincar com isso. Não deve levar-nos a dizer: "Pois bem, posso fazer o que eu quiser, fui salvo uma vez e para sempre, estou salvo para sempre, embora eu...". Não, não! "Com temor regozijo-me — a Tua forte mão é que segura a mim."

Assim, quando o diabo se aproximar de você e tentar deixá-lo abalado por causa dos seus sentimento, do seu temperamento e das suas condições anímicas variáveis, diga-lhe que não é salvo por seus sentimentos, e sim por Cristo, e que você confia nEle, e somente nEle. Faça isso, e verá que os seus pensamentos retomarão; ser-lhe-ão devolvidos. Confiando em Cristo, em "Sua forte mão segurá-lo", você será capaz de levar de vencida as ciladas do diabo e de alegrar-se "com gozo inefável e glorioso."

1

Hino escrito pelo Rev. George Matheson, 1882; ver *The Hymnal,* ed. de 1932, n^2 541, e *Salmos e Hinos,* hino n^2 134. Nota do tradutor.

INVESTIDAS CONTRA A SEGURANÇA (2)

Outra frutífera fonte de problemas na vida do povo cristão é a falsa interpretação que o diabo faz dos procedimentos de Deus para conosco. Há muito ensino a respeito disto em todas as partes das Escrituras. Ocorre particularmente no contexto dos castigos — Deus nos punindo de várias maneiras — ou se não for isso, em relação à nossa dificuldade de compreender os ocasionais períodos em que Deus retira de nós o Seu sorriso.

Esta é uma coisa que todos os cristãos seguramente devem reconhecer. O exemplo clássico disso é o caso de Jó, um fervoroso homem de Deus. Mas Deus permitiu que o diabo o experimentasse, o provasse e o tentasse. Com esse fim, Deus retirou dele certas bênçãos que antes desfrutava. Jó não podia ver a Deus como via antes e, enquanto isso, foi permitido que lhe sucedessem certas coisas muito penosas. Todo o livro de Jó é um grande tratado sobre este assunto dos procedimentos de Deus para conosco.

Jó, em suas múltiplas aflições, às vezes sucumbia às ciladas do diabo. Contribuíram para isso os amigos que o visitaram — os chamados "consoladores de Jó". Eles pioraram as coisas porque, inconscientemente e sem querer, foram usados como instrumentos do diabo. Sua interpretação das circunstâncias de Jó foi completamente errada. Eles fizeram o jogo do diabo e tentaram levar Jó a pensar que as suas provações lhe estavam sobrevindo porque ele fora presunçoso, orgulhoso, cheio de si e, talvez, culpado de algum pecado secreto. O diabo os utilizou, como muitas vezes utiliza ainda tais pessoas, para levar um filho de Deus à depressão.

No Novo Testamento o grande tratado sobre este assunto é a Epístola aos Hebreus. A principal dificuldade dos cristãos a quem ela foi dirigida era que eles não podiam entender as coisas que lhes estavam acontecendo. Essa é a realidade subjacente à epístola. Era preciso lembrá-los da plenitude da fé cristã e da preeminência de Cristo porque estavam vacilando sobre a fé cristã e estavam olhando para trás, para

a sua antiga religião judaica. Não podiam entender por que estavam sofrendo perseguição, por que estavam privados de certas coisas e sendo mal compreendidos, e por que estavam sendo submetidos a duras e difíceis condições. O diabo tinha entrada e estava criando dúvida nas mentes deles.

Jó e Hebreus são os dois grandes livros da Bíblia dedicados a este assunto; e, de várias maneiras, encontramos o mesmo tema em muitas outras partes. O próprio Senhor Jesus Cristo, no fim da Sua vida, teve o cuidado de advertir os Seus discípulos acerca das provações que viriam. Disse Ele: "No mundo tereis aflições". Ele os avisou de que deveriam esperar dificuldades e tribulações. E, contudo, a

despeito dessas palavras, todos estamos prontos a dar ouvidos ao diabo e a sucumbir aos seus ardis. O que ele faz é tentar-nos a duvidar de que Deus nos ama. Diz ele: "Que espécie de Deus é este, que permite que você sofra desta maneira?" Você deve conhecer bem o argumento, sem dúvida. "Se Deus é Deus, e se é Deus de amor, por que está acontecendo isto comigo?" E a tentação é mais forte quando ele contrasta o que está acontecendo com você com o que não está acontecendo com certas outras pessoas do mundo, pessoas ímpias.

A mesma tentação a duvidarmos de Deus é também o grande tema do Salmo 73. "Na verdade que em vão tenho purificado o meu coração" (versículo 13). Vejam aqueles outros; "os olhos deles estão inchados de gordura: superabundam as imaginações do seu coração" (versículo 7) (AV: "... eles têm mais do que o seu coração poderia desejar"). Mas, quanto a mim, porém, estou sempre sofrendo, estou sempre com problemas. Que espécie de amor é esse que deixa acontecer isto aos Seus filhos? O diabo vem e mexe com o cristão dessa maneira, de modo que ele começa a pôr em dúvida e a questionar o amor de Deus, a bondade, a misericórdia e a compaixão de Deus.

Se o diabo não fizer isso, ou se você puder contestá-lo nesse ponto e mostrar-lhe que isto não é incoerente com a reputação de Deus como amor, então ele diz: "Bem, só se pode tirar uma conclusão, e é que evidentemente você não é cristão. Se você ainda diz que Deus é Deus de amor, bem, então, a explicação só pode ser que você não é cristão mesmo, pois, se fosse, não seria tratado desta maneira. Que pai terreno trataria o seu filho como Deus está tratando você? Não, você não é cristão, de maneira nenhuma; você pensava que era cristão, mas está mais que claro que não é". E deste modo que o diabo reduz muitos cristãos a um estado de infelicidade, incerteza e insegurança, simplesmente deturpado os procedimentos de Deus para conosco.

Para expor a matéria de maneira diferente, o diabo consegue fazer-nos entender de modo completamente errado um dos aspectos mais

profundos e mais maravilhosos do ensino cristão. Posso resumi-lo com duas declarações. Uma está na Epístola aos Romanos, capítulo 8, versículo 17: "E, se nós somos filhos (de Deus), somos logo herdeiros também, herdeiros de Deus e co-herdeiros de Cristo". Depois o apóstolo acrescenta imediatamente, "se é certo que com ele padecemos, para que támbém com ele sejamos glorificados". Paulo está lembrando aos cristãos que eles são filhos de Deus e que estão em grande segurança. Depois se infere do versículo 18 o que é talvez o mais rico ensinamento sobre a associação da glória com o sofrimento. Não há nada mais profundo em todo o âmbito das Escrituras.

O mesmo ensino é igualmente claro no capítulo doze da Epístola aos Hebreus e resumido na frase, "o Senhor corrige o que ama, e açoita a qualquer que recebe por

filho" (versículo 6). Essa é a única réplica às ciladas do diabo neste ponto; e, empregando-a, jamais haveremos de sucumbir a esta tentação particular. Do contrário, estaremos deixando de ver um dos mais belos e gloriosos aspectos da nossa posição como cristãos; deixaremos de ver que Deus é nosso Pai, que está interessado em ver-nos crescer e desenvolver-nos. Como somos infantis! Nenhuma criança gosta de disciplina, de castigo, de punição. (Diga-se de passagem que um grande problema da Inglaterra hoje, problema que está ficando cada vez maior, é que o governo também se tomou infantil e não acredita em punição — razão do crescente problema da delinqüência juvenil.) A criança quer ser sempre carregada. Por que deveria andar, se pode ser carregada? Ela quer sempre as coisas de que gosta; os doces são muito mais gostosos que a comida, e o pai que faz seu filho pequeno comer alimento sólido é cruel; e por aí vai! Essa é a atitude infantil típica.

A mesma coisa acontece no reino espiritual. No entanto, qualquer pai digno desse nome deseja que o seu filho cresça e se desenvolva, e, portanto, toma providências para que isso aconteça. As Escrituras têm provisão para o nosso crescimento; há nelas alimento, há instrução, há exercício espiritual; mas se você não tomar essas coisas, se não fizer uso dessa provisão, Deus tem outros métodos, e os emprega com amor. Deus está determinado a fazer-nos crescer. Ele insiste em nosso crescimento; e se não estivermos dispostos a sujeitar-nos à disciplina e a crescer de maneira normal e segundo a prescrição, Deus não hesitará em saber o que fazer. Alguns métodos empregados por Ele são justamente estas mesmas coisas que tanto nos afligem e que nos levam a dar ouvidos às ciladas do diabo. Nem sempre Deus quer carregar-nos como se fôssemos crianças, por assim dizer. Ele quer que nos ponhamos de pé e sejamos homens; quer que nos tornemos adultos; quer que cresçamos e nos desenvolvamos.

Um dos meios que Ele emprega para produzir este resultado é retirar coisas de nós por algum tempo. Quando tudo nos vem facilmente, não nos esforçamos; só ficamos fruindo as boas coisas. Contudo, quando começamos a encontrar dificuldades e problemas, somos forçados a pensar; começamos a ler as Escrituras e a orar como nunca. Este é um modo pelo qual Deus nos ensina a "crescer na graça e no conhecimento do Senhor." Ele próprio se retira. Muitas vezes Deus age como um pai humano. O argumento de Hebreus, capítulo 12, vem redigido como segue: "... se estais sem disciplina, da qual todos são feitos participantes, sois então bastardos, e não filhos. Além do que tivemos nossos pais segundo a carne, para nos corrigirem, e nós os reverenciamos: não nos sujeitaremos muito mais ao Pai dos espíritos, para vivermos? Porque aqueles, na verdade, por um pouco de tempo, nos corrigiam como bem lhes parecia; mas este, para nosso proveito, para sermos participantes da sua santidade."

Temos que aplicar isso tudo. Quando você é castigado, ou quando o sorriso de Deus

parece ter sido retirado, quando você passa por águas profundas, procure compreender que o Seu objetivo é prová-lo, treiná-lo, é fazê-lo crescer e desenvolver-se. A hora de inquietar-se, diz o autor da Epístola aos Hebreus, não é quando você está passando por um período difícil, e sim quando nunca lhe sobrevêm períodos difíceis e você vê tudo indo suavemente, sem nenhuma onda na superfície. A adversidade sempre foi um grande meio de instrução. É o ginásio de Deus para o exercício dos músculos e para desenvolver o vigor e as forças do Seu povo. Portanto, não se queixe e não choramingue quando for enviado ao ginásio, porém dê graças a Deus por isso. Não é agradável na ocasião, "mas depois produz um fruto pacífico de justiça nos exercitados por ela" (Hebreus 12:11).

Outro motivo que Deus tem para tratar-nos desse modo às vezes, é revelar-nos mais de Si mesmo. Soba contraditório, que Deus se retire para revelar-nos mais de Si mesmo! Todavia, a asserção é precisamente verdadeira. A princípio sabemos muito pouco de Deus. Sabemos algo do Seu amor, da Sua misericórdia e da Sua compaixão em Cristo e Seu perdão. Mas isso é apenas o começo. Há profundidades no amor e na compaixão de Deus, em Seu interesse e solicitude por Seu povo, de que o principiante, o infante em Cristo, nada sabe, e só quando você passa pelas sombrias águas da adversidade é que chega a conhecer estes recursos eternos. Os santos dão um testemunho universal disto. O povo de Deus, ao rever o passado, sempre dá graças a Deus pelas provações e pela adversidade, porque foi por meio delas que realmente começou a conhecer a Deus.

De novo, esta verdade é iluminada pela analogia humana. É quando

você experimenta o amor humano que vem a saber mais e mais sobre ele. Os que pensam que o princípio do afnor é tudo, nada sabem sobre o amor. O amor cresce, desenvolve-se e se expande. E isto é infinitamente mais verdadeiro no caso do amor de Deus. Você tem pouco conhecimento da paciência, longanimidade, benevolência e compaixão de Deus, até que, de repente, tudo parece ir contra você, para levá-lo ao desespero, e então, gradativamente, você começa a conhecer a Deus doutro modo. Aí você percebe por que lhe sobreveio uma inesperada provação. Foi para ampliar o seu conhecimento, expandir o seu horizonte, e levá-lo às profundezas do glorioso caráter de Deus.

Além disso, a adversidade é uma das maneiras pelas quais Deus nos prepara para a glória por vir. "Se é certo que com ele padecemos, para que também com ele sejamos glorificados." "Por muitas tribulações", diz um texto das Escrituras, "nos importa entrar no reino de Deus" (Atos 14:22). No momento estamos numa escola preparatória. *A* vida não é esta; esta é somente a preparação. A glória que nos espera é que é realmente *a* vida, e para isso estamos sendo preparados. Essa glória é pura, é santa. Não existe pecado no céu; mal nenhum existe lá. Você pensa que, na sua condição atual, está pronto para ir para o céu? Claro que não está! Muitos ficariam

aborrecidos se de repente fossem transportados para o céu, porque não mais teriam nenhuma das coisas pelas quais vivem aqui. Para o que vivemos? Estamos prontos para esta glória, para o céu, para a santidade, para a visão de Deus? Certamente que não! Precisamos ser preparados para isso, e a adversidade é o meio de que Deus se serve para preparar-nos. E se não dermos ouvidos à Sua Palavra e não a aplicarmos, por vezes Ele usará o cinzel em nós, e cinzelará algumas das arestas ásperas e rijas.

Temos que ser humilhados. Assim Ele nos lança no fogo da aflição, no crisol da purificação. Seu objetivo é só um: eliminar a escória e refinar o ouro. Contudo, em nossa puerilidade, damos ouvidos ao diabo, e resmungamos e nos queixamos. "Por que está acontecendo isso comigo? Estou tentando ser um bom cristão; vejam aquelas outras pessoas." Espero que nunca mais falemos desse modo outra vez, para não cairmos vítimas das artimanhas do diabo. Você não consegue ver que em tudo isto Deus, como seu Pai, está manifestando Seu amor a você, e está revelando o grande e glorioso propósito da Sua graça com relação a você? A intenção dEle é tomá-lo perfeito, "sem mácula, nem ruga, nem coisa semelhante". Primeiro Ele terá que livrá-lo de muito entulho. Aprendamos, pois, a dizer com Richard Keen —

Quando a tua vereda em aflições passar a graça do Senhor poder te suprirá;

o fogo não irá ferir-te; visará tua escória consumir, teu ouro refinar.

Noutras palavras, quando lhe sobrevierem dificuldades, quando você for tragado pelo turbilhão e não o compreender, e o diabo vier com as suas sugestões — firme-se numa coisa de que você tem absoluta certeza, a saber, a graça imutável do Senhor. Deus lhe deu a prova final de que Ele é seu Pai, e que o ama com amor eterno. Isso tudo está em Jesus Cristo, e nEle crucificado, a "Rocha dos Séculos". Oculte-se nEle, e se mantenha firme, dizendo: "Aquele que nem a seu próprio Filho poupou, antes o entregou por todos nós, como não nos dará também com ele todas as coisas?" (Romanos 8:32).

Se recentemente você esteve dando guarida a uma indigna auto-comiseração, envergonhe-se de si mesmo e trate de compreender que isso não passa de infantilidade. Veja o grande plano de Deus para você e renda-se aos amorosos propósitos da Sua graça. "Porque o Senhor corrige o que ama, e açoita a qualquer que recebe por filho. Mas, se estais sem disciplina, da qual todos são feitos participantes, sois então bastardos, e não filhos" (Hebreus 12:6,8).

A questão que a seguir consideraremos é a maneira pela qual muitas vezes o diabo abala a confiança e a segurança dos cristãos quando eles caem em pecado. Suponhamos que um homem cai em pecado. Como resultado de ouvir o diabo, logo começa a sentir-se completamente desesperançado e a duvidar se alguma vez foi sequer cristão. Passa a questionar todo o seu relacionamento com Deus. Na verdade, vai mais longe e acha que não tem direito de pedir perdão. Naturalmente, antes da

sua conversão era diferente; não era cristão, e nunca fora, era ignorante. Agora, porém, que é cristão e caiu em pecado, como pode pedir perdão? Não tem direito de fazer isso. Assim o diabo vem e põe em ação as suas ciladas, e o cristão que pecou logo vai às profundezas do desespero, miseravelmente infeliz, achando que perdeu tudo.

Neste caso o problema do cristão resulta da sua incapacidade de fazer o que o apóstolo detalhadamente nos exorta que façamos: "Revesti-vos de toda a armadura de Deus." Significa, entre outras coisas, que os seus lombos sejam cingidos "com a verdade". Tome a verdade e diga ao diabo: "Examinemos o que está dizendo." Certas falácias têm que ser postas às claras. A primeira é que, de acordo com o argumento do diabo, todo cristão é perfeito e sem pecado. Efetivamente é o que ele tem dito. Você caiu em pecado e, porque caiu em pecado, ele o faz duvidar de que é cristão. Há somente uma conclusão que se pode tirar, a saber, que todo cristão é completamente perfeito e

isento de pecado. Perfeição em santidade! E se você não estiver num estado de perfeição em santidade, não é cristão. Mas as Escrituras não exigem isto do cristão no lado de cá da glória, e esta deverá ser a nossa réplica ao diabo.

Isso é em si mesmo suficiente. Todavia, em acréscimo, o homem que acha que, por ter caído em pecado perde o direito à sua posição em Cristo e fica sem nenhuma esperança, é evidente que está confuso quanto a toda a questão da justificação pela fé somente. Obviamente está retomando às "obras". Ele acha que, uma vez que praticou este ato de pecado, deixou de estar justificado, não é mais justo diante de Deus. Assim, ele não está mais na posição da fé; não aceita mais a justificação; para ele, esta passou a ser justificação pela fé mais obras. No momento em que alguém fala desse jeito, já voltou a estar "sob a lei", está de novo sob as obras, e se sentirá miseravelmente infeliz enquanto permanecer ali. Em seu leito de morte, sua única esperança será que você foi justificado pela fé somente, fé em "Jesus Cristo, e este crucificado". Se você acha que naquele momento poderá apoiar-se na excelente obra que você realizou e em todas as suas excelentes qualidades como cristão, terá um chocante despertar. À luz da eternidade, o valor disso é nulo. Nesse caso, o diabo se excedeu a si próprio mais uma vez, como sempre acontece nestas questões; investiu contra toda a doutrina da justificação somente pela fé.

Ou podemos examinar o problema da seguinte maneira: a dificuldade neste ponto é que o cristão perdeu contato temporariamente com o maravilhoso ensino das Escrituras que salientam que o que acontece conosco em nossa justificação não é só que somos perdoados, mas também que somos introduzidos numa nova relação com Deus. Este é o postulado fundamental. Mais uma vez vemos, então, que é um entendimento superficial das doutrinas das Escrituras que causa a maioria dos nossos problemas. Se você pensa na salvação como uma questão de perdão, logo

estará em dificuldade se voltar a cair em pecado. Você deve compreender que quando crê no evangelho, e é justificado somente pela fé, acontece uma tremenda mudança em sua situação. Anteriormente você estava “sob a lei”, estava “em Adão”, era um "homem natural”, estava alienado de Deus, era inimigo de Deus, não pertencia à família de Deus. No entanto, quando se toma cristão, não somente é perdoado — graças a Deus que isto é verdade! — mas há algo infinitamente maior, a saber, há uma mudança em toda a sua situação. Você foi tirado “da potestade das trevas” e transportado “para o reino do Filho do seu amo” (Colossenses 1:13); você “nasceu de novo”; você foi feito participante “da natureza divina” (2 Pedro 1:4), foi adotado e inserido na casa de Deus, é membro da família de Deus.

Você está “em Cristo”, está unido a Cristo, você é parte integrante dEle. Como você estava “em Adão”, agora está “em Cristo”; é filho de Deus e, se é filho, “é logo herdeiro também, herdeiro de Deus e co-herdeiro de Cristo”. Aí está a sua nova e eterna posição.

É porque não nos mantemos firmemente apegados a este aspecto da verdade, que o diabo pode abalar-nos. Diz ele: “Mas você caiu em pecado, portanto não pode ser um cristão.” Ao que a réplica certa é: "Minhas ações não afetam o relacionamento”. Vejamos outra vez uma ilustração simples e humana. Não há toda a diferença do mundo entre ultrajar a lei da Inglaterra e ultrajar pai e mãe? Uma relação é da lei, a outra é relação de amor. Quando você ofende o seu pai e a sua mãe, não muda a relação, não deixa de ser seu filho. Aí está o engano fundamental do filho pródigo. Ele mereceu cair nesse engano devido ao modo como se conduziu; todavia ele estava completamente errado. Ele voltou ao pai e disse: "Pai, pequei contra o céu e perante ti, e já não dou digno de ser chamado teu filho.” Estava para acrescentar o que resolvera dizer quando ainda se encontrava na terra longínqua: “faze-me como um dos teus jomaleiros”; mas o pai o interrompeu, abafou-lhe a voz com o seu amor, abraçou-o, beijou-o, e disse: “Trazei depressa o melhor vestido”, “trazei o bezerro cevado, e matai-o”, “ponde-lhe um anel na mão”. Noutras palavras, o pai realmente lhe disse: "Meu caro rapaz, sei que você foi um tolo, que foi pródigo, que fez da sua vida uma confusão imunda, desperdiçou todos os bens que eu lhe dera, e você desceu ao ponto mais baixo possível, ao lixo; não há nada que se possa dizer em seu favor. Apesar disso, você ainda é meu filho!” Um filho não destrói a relação mesmo quando se comporta como estulto. “Este meu filho”, disse o pai, "tinha-se perdido, e foi achado.” O tolo irmão mais velho não pôde compreender isso; achava que a vida pecaminosa do seu irmão tinha rompido a relação, e queria que ele fosse considerado como um servo. Mas ele continuava sendo filho!

Graças a Deus, o pecado, as falhas e a transgressão não afetam a relação; e, portanto, quando o diabo vem e sugere que você não é cristão porque pecou, responda-lhe, dizendo: "Concordo que pequei, porém continuo sendo filho de Deus.” O relacionamento não mudou. Noutras palavras, você nunca deve retroceder à questão

da justificação por haver cometido pecado. Fazê-lo é cair imediatamente na armadilha do diabo. Ele sempre tentará levá-lo de volta ao começo. A resposta que se lhe deve dar é, muito simplesmente, que o crente é justificado pela fé uma vez e para sempre. Você não terá que ser rejustificado toda vez que pecar e se arrepender. Não, a justificação é uma vez por todas — "Sendo pois justificados pela fé". É um ato realizado no passado; o apóstolo emprega o tempo verbal aoristo; a justificação nunca tem que

ser repetida e não tem necessidade de o ser. Você é justificado somente uma vez. E agora o seu pecado e o seu fracasso estão na esfera da família, na esfera do seu relacionamento com o Pai; e não há nada que possa romper esse relacionamento. Portanto, responda desse modo às ciladas do diabo.

Talvez outro tipo de ilustração ajude. Imaginem um homem que está desejando subir ao topo de uma montanha. Ele parte do sopé e vai subindo até chegar a um ponto onde se completam dois terços do caminho até ao pico. Subitamente, ao fazer um esforço, ele cai e escorrega ladeira abaixo, digamos vinte metros. Entretanto, não significa que o homem está de novo no sopé da montanha. O que vocês pensariam de um homem que dissesse: "Percorri dois terços da escalada ao pico; mas caí, e assim tenho que fazer todo o caminho de volta até ao sopé, e começar a subir outra vez"? Isso seria pura loucura. Esse é, pois, o modo como devemos pensar e argumentar quando nos vemos confrontados pelos ardis do diabo. O homem que caiu, estando a um terço do topo da montanha, recomeça de onde caiu e vai em frente. Não retoma ao sopé. Precisamente a mesma coisa acontece na esfera espiritual.

Talvez vocês considerem perigosa esta doutrina. Essa é a acusação que sempre foi feita contra ela. Quando o apóstolo Paulo a incluiu em sua Epístola aos Romanos, os judeus legalistas logo começaram a dizer: "Permaneceremos no pecado, para que a graça abunde?" (Romanos 6:1). "Parece que ele está dizendo", alegavam eles, "que onde houve abundante pecado, a graça foi mais abundante ainda. Muito bem, pois; você pode pecar quanto quiser; pode cair quantas vezes quiser; pode fazer tudo que quiser; você está salvo, tudo está bem com você." Mas, se você tirar essa conclusão, estará simplesmente confessando que nada sabe sobre o amor. O homem que sabe algo sobre o amor tem mais receio de ferir o amor do que de transgredir a lei. O amor é muito mais maravilhoso do que a lei; é muito mais delicado, é muito mais sensível. Daí o homem é mais cuidadoso na esfera da sua família do que na esfera da lei externa. Multipliquem isso pelo infinito, e terão o cristão contemplando o rosto do seu Pai. Ele não faz barganha com base no amor do Pai; porém ele tem que compreender a sua situação; e tem que ser capaz de responder ao diabo.

O pecado não muda o meu relacionamento com Deus. Já não pecarei contra a lei. "Estou morto para a lei", já terminei toda minha relação à lei; a lei e os seus terrores não têm mais nada que ver comigo. Mas o que acontece é que agora estou pecando

contra o amor de Cristo, “que me amou e a si mesmo se entregou por mim”. Agora sou um canalha, pois estou pecando contra Aquele que me amou até à morte. Isso é fun-

damentalmente mais terrível. Entretanto não muda a minha relação, graças a Deus; não vou retroceder e verificar se estou justificado ou não; não vou retroceder e dizer que preciso ser justificado de novo — se o fizer, terei sucumbido inteiramente ao diabo.

Jamais permita que o diabo tome a levantar com você a questão da sua justificação. O apóstolo João expressa isto em sua primeira epístola: “Se confessarmos os nossos pecados, ele é fiel” — Ele estaria dando as costas ao Seu próprio caráter se não nos perdoasse — “ele é fiel e justo, para nos perdoar os pecados, e nos purificar de toda a injustiça” (1 João 1:9). Não somos isentos de pecado e perfeitos neste mundo, e não podemos ser; e, portanto, se pensamos que somos, há alguma coisa errada em nossa doutrina. Mas João salvaguarda a sua doutrina contra o erro dos tolos, que vão de um extremo a outro, como esse tipo de gente sempre está pronta a fazer. Diz ele aos cristãos que lhes está escrevendo para que não caiam em pecado, todavia, se algum cristão pecar, não deverá achar que deixou de ser cristão; antes, que se dê conta de que “temos um advogado para com o Pai, Jesus Cristo, o justo. E ele é a propiciação pelos nossos pecados, e não somente pelos nossos, porém também pelos de todo o mundo”. Nunca permita que o diabo o faça voltar à questão da justificação. Se você veio a crer verdadeiramente em Cristo e foi justificado pela fé, isso acontece uma vez e para sempre, jamais se repetindo. Prostre-se como filho diante de Deus, confesse os seus pecados, e Ele perdoará os seus pecados e o purificará de toda injustiça.

Uma terceira questão que com freqüência faz as pessoas tropeçarem é um pecado especial denominado “pecado contra o Espírito Santo.” É uma coisa com a qual o diabo muitas vezes passa a rasteira nos cristãos. Ele o faz segundo os termos do ensino do nosso Senhor em que Ele diz: “Portanto eu vos digo: todo pecado e blasfêmia se perdoará aos homens; mas a blasfêmia contra o Espírito não será perdoado aos homens. E, se qualquer disser alguma palavra contra o Filho do homem, ser-lhe-á perdoado, mas, se alguém falar contra o Espírito Santo, não lhe será perdoado, nem neste século nem no porvir” (Mateus 12:31-32). A outra passagem bíblica com muita freqüência empregada pelo diabo está no capítulo 6 da Epístola aos Hebreus, versículos 4 a 6: “Por que é impossível que os que já uma vez foram iluminados, e provaram o dom celestial, e se fizeram participantes do Espírito Santo, e provaram a boa palavra de Deus, e as virtudes do século futuro, e recaíram, sejam outra vez renovados para arrependimento; pois assim, quanto a eles, de novo crucificam o Filho de Deus, e o expõem ao vitupério”. O diabo vem até você e lhe diz que você é culpado disso, que

você voltou atrás, que você pecou contra a luz, que, portanto, você pecou contra o Espírito Santo; e não há retomo possível. É o que as Escrituras dizem, ele alega. Você está perdido, e sem esperança; absolutamente nada poderá ser feito a seu respeito; não há lugar para arrependimento para você. Hebreus 10 faz-nos uma admoestação parecida (versículos 26 a 31).

A resposta, com relação a estas duas passagens, pode ser resumida da seguinte maneira: não há nada nelas que diga que as pessoas descritas eram regeneradas. É possível ter muitas experiências do Espírito Santo sem ser regenerado. Em todos os grandes avivamentos religiosos houve pessoas que, por assim dizer, foram arrastadas pela maré. Pareciam cristãs e falavam como tais, mas posteriormente mostraram que nunca foram cristãs. Há pessoas a respeito das quais João diz ainda em sua primeira epístola, noutras palavras: "Estavam entre nós, mas saíram de nós — e com isso provaram que, na verdade, nunca foram de nós" (1 João 2:19). Pareciam pessoas cristãs, contudo não há nada que diga que alguma vez foram regeneradas.

A verdade é que, do que estas passagens das Escrituras tratam não é a questão da queda de um homem em pecado, e sim a de um homem que nega, renuncia e repudia tudo quando compõe a fé cristã; de um homem que nega o Senhor Jesus Cristo e Sua morte sacrificial e expiatória; de um homem que brinca com o sangue de Cristo e sente prazer em fazê-lo. As pessoas referidas nestas passagens estava deliberadamente ridicularizando toda a mensagem cristã, rindo dela, e a estavam denunciando, dizendo que ela não tinham nenhum valor, estavam dando as costas para ela, voltando para o judaísmo e sentindo-se orgulhosas de si ao fazerem isso.

Da mesma maneira, em Mateus capítulo 12 e passagens paralelas, vemos exatamente a mesma coisa. Que é este pecado, esta blasfêmia contra o Espírito Santo, de que o Senhor Jesus falou? E ridicularizar a obra do Espírito. Não apenas cair em pecado, mas ridicularizar toda a obra do Espírito Santo, ridicularizar a esfera espiritual, dizer que Cristo realiza a Sua obra por meio de Belzebu. Essa era a condição em que se achavam os fariseus, com a sua orgulhosa a arrogante negação, recusa e rejeição da verdade como ela se nos apresenta em Cristo Jesus.

Â luz destas considerações, podemos tirar as seguintes conclusões: se você está aflito com a idéia de que pecou contra o Espírito Santo, segue-se automaticamente que não é culpado disso, simplesmente porque se inquietou a respeito. Em Hebreus, capítulos 6 e 10, e em Mateus, capítulo 12, as pessoas estão orgulhosa e arrogantemente rejeitando e negando a verdade; não querem mais nada com ela porque acham que têm algo melhor. Não estão preocupados por terem pecado

contra o Espírito Santo; não crêem no Espírito Santo; Ele é precisamente quem elas estão negando. Assim, se você está preocupado com essa questão, isso é em si mesmo prova positiva de que você não cometeu este pecado, porém está em marcante contraste com os que o cometeram.

Pergunto: você está preocupado com a sua falta de fé e com a sua falta de amor ao Senhor? Você está preocupado, achando que é um cristão infeliz e, com base nisso, deduziu que não é cristão, e que pecou contra o Espírito Santo? De novo, segue-se automaticamente que não pesa sobre você a culpa de haver blasfemado contra o Espírito Santo, porquanto os que são culpados disso não se preocupam com a sua falta de fé e de amor; eles repudiam tudo isso com desdém. Eles estão orgulhosa e arrogantemente rejeitando isso tudo e cuspindo em cima. Portanto, se você está consciente da sua carência nisto, está em claro contraste com tais pessoas.

Finalmente: você pode dizer com sinceridade que o seu maior desejo é ter maior fé, conhecer mais a Deus e Seu amor, amar a Deus e ao Senhor Jesus Cristo mais, e servi-lOs mais devotadamente? Se você pode falar desse modo, então é exatamente o oposto das pessoas que blasfemaram contra o Espírito Santo. Elas não querem conhecer o Senhor, negam-nO com arrogância; não querem ter-Lhe maior amor; consideram-nO como alguém que deve ser repudiado, alguém que é infantil em todo o Seu ensino. "O sangue de Cristo!" — tratam isso como desdém, não estão interessados nisso, não o querem. Mas se este é o seu ardente desejo; se você pode dizer: "Minha queixa maior, Jesus, Senhor, é que é tão fraco e débil o meu amor", bem, então, longe de merecer a acusação de blasfêmia contra o Espírito Santo, você está provando que é um filho de Deus. Todo santo desejo de Deus e do Senhor Jesus Cristo e do Espírito Santo; todo anelo, toda fome e sede de justiça; todo desejo de ser amado por Deus e de mostrar mais e mais amor — é prova absoluta de uma nova natureza, e de que você é filho de Deus e herdeiro do céu. É exatamente o oposto da blasfêmia contra o Espírito Santo.

Porventura não vai ficando cada vez mais evidente que devemos tomar toda a armadura de Deus e tratar de não deixar nenhum lugar desprotegido? Estejamos plenamente armados. "Fortalecei-vos no Senhor e na força do seu poder. Revesti-vos de toda a armadura de Deus, para que possais estar firmes contra as astutas ciladas do diabo." Graças a Deus, isto é possível; podemos vencer o diabo, podemos derrotá-lo, resistir-lhe e fazê-lo fugir de nós.

Um dos modos melhores e mais rápidos de fazê-lo é juntar-nòs ao velho John Newton no oferecimento da oração:

Seja meu escudo, seja meu refúgio, ó Senhor, para que, protegendo-me de perto assim, eu possa encarar bem meu cruel acusador e dizer-lhe, Jesus, meu Salvador, morreu por mim.

EXTINGUINDO O ESPÍRITO (I)

Continuando o nosso estudo de como resistir às astutas ciladas do diabo, fá-lo-emos agora em termos das palavras que se acham na Primeira Epístola aos Tessalonicenses, capítulo 5, versículo 19: "Não extingais o Espírito."

As ciladas do diabo, como já vimos, manifestam-se numa grande variedade de maneiras, mas nenhuma delas é mais empregada do que a que visa frustrar a obra que o Espírito Santo realiza em nós.

A Igreja cristã, como a conhecemos e como tem sido conhecida tradicionalmente através dos séculos, realmente veio a existir e começou a sua obra no dia de Pentecoste, segundo o registro de Atos capítulo 2. Havia, naturalmente, a Igreja sob a antiga dispensação — "a congregação no deserto", como Estevão a descreveu em seu discurso registrada no capítulo sete de Atos dos Apóstolos — mas o reino de Deus tomou esta forma particular da Igreja, a Igreja cristã, desde o dia de Pentecoste. Os apóstolos e alguns outros estavam reunidos num aposento alto (cenáculo). O Senhor Jesus lhes havia dito que permanecessem em oração; dissera-lhes que ainda não estavam prontos, faltava-lhes poder, faltava-lhes capacidade, faltava-lhes entendimento; mas, dissera Ele, "recebereis a virtude do Espírito Santo". Assim lhes dissera que esperassem até que o dom do Espírito Santo viesse sobre eles. Então, na manhã do dia de Pentecoste, estavam eles todos reunidos, e unânimes, quando "de repente veio do céu um som, como de um vento veemente e impetuoso, e encheu toda a casa em que estavam assentados. E foram vistas por eles línguas repartidas, como que de fogo, as quais pousaram sobre cada um deles. E todos foram cheios do Espírito Santo, e começaram a falar noutras línguas". O fato vital é que "todos foram cheios do Espírito Santo". É a partir desse momento, pode-se dizer, que a Igreja, a Igreja cristã como tal, realmente começou a funcionar. A narrativa que temos sobre a Igreja Primitiva no Novo Testamento, no livro de Atos e nestas várias epístolas, é nada mais, nada menos que a narrativa da presidência exercida pelo Espírito Santo sobre a vida da Igreja cristã. Os cristãos primitivos viviam sob o poder, a influência e a direção do Espírito

Santo. No livro de Atos encontramos frases como, "pareceu bem ao Espírito Santo, e a nós" (15:28). A respeito do apóstolo Paulo lemos que ele e os seus companheiros "intentavam ir para Bitínia, mas o Espírito de Jesus não lho permitiu" (16:7). Também "foram impedidos pelo Espírito Santo de anunciar a palavra na Ásia" (16:6). Você não poderá ler o Novo Testamento sem sentir que a Igreja vivia no poder e sob o poder do Espírito Santo. O Senhor Jesus tinha predito e prometido isto. Ele havia dito, noutras palavras: "Não fiquem abatidos porque vou deixar-lhes; não vou deixar-lhes como órfãos desamparados; vou enviar-lhes outro Consolador, o Espírito Santo". E assim lhes dissera algo sobre que seria o ministério do Espírito Santo. Ele prometera isto; e a promessa foi cumprida no dia de Pentecoste.

A obra principal do Espírito Santo é glorificar o Senhor Jesus Cristo. Jesus havia dito: Ele “não falará de si mesmo, ele me glorificará e vos fará lembrar de tudo quanto vos tenho dito” (cf. João 16:13-14; 14:26). Sua principal função é glorificar e revelar o Filho de Deus, o Salvador, o Redentor, o Senhor da glória. Sua outra função, subsidiária àquela função principal, é “mediar” e “aplicar-nos” a grandiosa salvação que o nosso bendito Senhor e Salvador realizou quando estava aqui, nos dias da Sua carne. Isso Ele fez obedecendo ativa e positivamente à lei em Sua vida de obediência, e depois passivamente, submetendo-se à punição dos nosso pecados na cruz, e vencendo a morte e o túmulo. Com isso Ele completou a obra necessária para a nossa salvação, para a nossa reconciliação com Deus. Sem essa obra, nenhuma salvação seria possível; era necessário que ele viesse. “O Filho do homem veio buscar e salvar o que se havia perdido" (Lucas 19:10). “E, como Moisés levantou a serpente no deserto”, disse Jesus, “assim importa que o Filho do homem seja levantado” (João 3:14). Por Sua vinda, Sua encarnação, Sua vida perfeita e imaculada, Sua morte sacrificial e expiatória, Sua ressurreição e ascensão, Ele abriu o caminho da salvação. Agora 9 Espírito Santo foi enviado com o fim de aplicar esta salvação a nós. É Ele que agora introduz esta salvação completa e perfeita em nossas vidas e em nossa experiência. Ele nos convence de pecado, nos vivifica, capacita-nos a crer e nos outorga a fé, produz a nova natureza, o novo nascimento em nós, guia-nos e nos conduz no processo de santificação e em muitos outros aspectos da vida cristã.

Sendo esta, pois, a obra do Espírito, obviamente vem a ser um objeto muito importante para as ciladas do diabo. O diabo tem um único propósito central, a saber, prejudicar e, se puder, arruinar a obra de Deus. Foi o que ele fez no princípio, na Queda. Havendo Deus feito perfeitas todas as coisas, o diabo veio e as estragou; e agora, nesta nova criação, neste novo começo e nova partida da nova humanidade no

Senhor Jesus Cristo, o Filho de Deus, “o primogênito entre muitos irmãos” (Romanos 8:29), o diabo tenta fazer a mesma obra destruidora. Seu objetivo é prejudicar e arruinar esta segunda, esta nova humanidade, como fez com a primeira. Nosso problema como cristãos não é “carne e sangue” — em nós ou noutros; o problema não é o homem. Se o problema fosse meramente o homem, nós seriamos mais ou menos competentes para lidar com ele. Contudo, “não temos que lutar contra a carne e o sangue, mas sim contra os principados, contra as potestades, contra os príncipes das trevas deste século” (ou “contra os governadores do mundo destas trevas”, na versão do autor) que vemos por todo lado ao redor de nós, “contra as hostes espirituais da maldade, nos (lugares) celestiais. E todo o objetivo destes poderes é prejudicar a grande salvação realizada pelo Filho de Deus, e que Ele está pondo em ação, mediante o Espírito, na Igreja, em mim e em você, em todos quantos vieram ou vierem a pertencer à Igreja cristã. Não causa surpresa, então, o fato de que o diabo dá particular atenção a este aspecto da nossa vida, nossa relação com o

Espírito Santo. Toda a história da Igreja mostra isto, e as nossas experiências individuais o ilustrem interminavelmente.

Como vimos repetidamente, o diabo tem, fundamentalmente, apenas um método. Ele pode variar a sua técnica, porém a técnica é relativamente pouco importante; o que realmente importa é o método. Ele pode usar vários disfarces, pode mudar como o camaleão. Mas o fundamental é que ele sempre tenta levar-nos de um extremo ao outro.

Um recurso que ele utiliza é levar as pessoas a excessos quanto ao Espírito e à doutrina do Espírito. Ele vem e diz: "Sim, quando o Espírito Santo veio sobre a Igreja, os cristãos falaram outras línguas e realizaram milagres. O que se visa é que todos vocês sejam semelhantes a eles, e o sejam sempre". Assim ele insiste nisso; como "anjo de luz", ele nos prega a doutrina do Espírito; e insinua que, se não estivermos constantemente num estado de arrebatamento, não somos cristãos. Muita atenção é dada a isto nas epístolas do Novo Testamento.

A epístola que trata mais extensamente desta matéria é a Primeira Epístola aos Coríntios, principalmente nos capítulos 12, 13 e 14. O apóstolo trata da confusão existente na igreja de Corinto ali surgida porque o diabo tinha conseguido levar aqueles crentes a excessos. Mas, naturalmente, a confusão não se restringia aos membros da igreja de Corinto; há alusões a isso noutras epístolas. E a história subseqüente da igreja mostra claramente a mesma coisa. Houve muitos problemas quanto a isto durante a vigência do Império Britânico, sob Cromwell. Certos segmentos do movimento puritano sofreram a investida do diabo nesta área. Gente como os homens da Quinta Monarquia, e os que

vieram a ser conhecidos como quaeres, são ilustrações disto. O ensino deles era, em geral, que nada importa, senão o que eles denominavam Luz Interior, o Espírito no homem. Sob a influência das artimanhas do diabo, tendiam a se deixar arrastar para tais extremos que só viviam dos seus sentimentos, dos seus impulsos, do que eles chamavam de "compulsões" próprias, de impressões em seus espíritos. Eles diziam, "de repente senti; de repente fui levado; foi feita uma impressão na minha mente". Pessoas assim tendem a viver inteira e unicamente na esfera do aspecto subjetivo da fé cristã. Não estão muito interessadas na Palavra escrita, nas Escrituras. Sua ênfase recai no Espírito, e elas asseveram que Ele está sempre nelas, dirigindo-as e guiando-as. Vivem inteiramente na esfera subjetiva, dando grande atenção às disposições de ânimo, aos sentimentos, aos estados emocionais e às impressões.

Este é um aspecto vital e essencial da vida cristã; mas o diabo procura levar alguns de nós tão longe nessa linha de pensamento, que eles tendem a ignorar a Palavra escrita. Alguns dos quaeres de trezentos anos passados não hesitavam em dizer que não necessitavam da Palavra, nem se preocupavam com o que ela diz. O Autor da

Palavra estava pessoalmente neles. Que necessidade tinham de procurar uma Palavra que tinha sido escrita séculos antes, quando o próprio Autor lhes falava como falara aos escritores do Novo Testamento? Com isso, naturalmente, eles negavam a singularidade dos apóstolos, a singularidade dos profetas, a doutrina da inspiração das Escrituras, e causavam grande confusão para si e para outros.

Atualmente certos indivíduos e igrejas têm a tendência de cair neste mesmo erro. O resultado é que eles tendem a perder todo sentido de discriminação. Agem unicamente por impulsos, sentimentos, compulsões e impressões. Geralmente essas pessoas são muito honestas e sinceras. O diabo não vai nessa linha de ataque senão com as pessoas mais sinceras, com as pessoas que mais desejam ser espirituais e agradar a Deus. Elas não exercem o discernimento, agem imediatamente, se julgam certas; não se dão conta de que a Palavra lhes diz que "provem" os espíritos, que "testem" os espíritos, que os examinem. 1 Tessalonicenses 5:19 é seguido de, "Não desprezeis as profecias. Examinai tudo". "Tudo" significa todas as impressões que vêm ao espírito, seja com você ou com outrem. Prove-as. Não as aceite simplesmente porque alguém se levanta e diz: "Sou cheio do Espírito; é seu dever acreditar no que estou dizendo". Não tome o que ele diz pelo seu valor aparente; teste-o, prove-o, experimente-o. Há anticristos, há falsos espíritos. Estas pessoas fazem ouvido mouco a tais advertências; o diabo as pressionou tanto que elas estão certas de que a orientação que têm e que oferecem é infalível, e de que, se se trata de uma impressão

forte, não pode estar errada. O resultado é, como digo, desordem e confusão.

O apóstolo nos prepara para lidar com esses problemas e com essas pessoas. Escrevendo aos coríntios, no capítulo catorze da primeira epístola, versículo 33, diz ele: "Deus não é Deus de confusão, senão de paz". Estas pessoas introduzem confusão, falam toda ao mesmo tempo. Estavam fazendo isso em Corinto, várias delas dando profecias ao mesmo tempo, várias falando juntas em línguas. E o apóstolo teve que dizer-lhes que se aparecesse ali um estranho, pensaria que todos os da igreja estavam loucos. Os coríntios afirmavam que o Espírito é que os movera; mas o apóstolo os faz lembrar-se de que "os espíritos dos profetas estão sujeitos aos profetas". Os cristãos devem controlar-se, e o farão se forem guiados pelo ensino da Palavra.

Gritos, animação exagerada e bater palmas não são sinais de elevada espiritualidade. "Deus não é Deus de confusão, senão de paz, como em todas as igrejas dos santos" (1 Coríntios 14:33). Por isso Paulo conclui esse grandioso capítulo 14 dizendo: "faça-se tudo decentemente e com ordem." Se já houve alguém que sabia o que era ser cheio do Espírito era o apóstolo Paulo. Diz ele, de outra maneira, a estes coríntios: "Se é questão de falar línguas, eu posso falar mais línguas do que todos vocês. Se querem competição nisso", afirma Paulo, "já estão

batidos; eu já fui muito além de vocês". "Todavia", diz ele, "eu antes quero falar na igreja cinco palavras na minha própria inteligência, para que possa também instruir os outros, do que dez mil palavras em língua desconhecida" (versículos 18 e 19). Como já lemos: "Deus não é Deus de confusão". "Faça-se tudo decentemente e com ordem", conclui Paulo.

Portanto, uma das manifestações das astutas ciladas do diabo é levar tão longe uma experiência genuína que esta conduz a excesso, desordem, confusão e grande dano à causa cristã. Fazem-se afirmações extravagantes que mais tarde se vê que não são verdadeiras; fazem-se declarações que não se pode provar, fazem-se profissões de fé que não se comprovam no viver. E o resultado é que o cristianismo e a grande salvação passam a ter má reputação entre as multidões.

A segunda linha de ataque é, porém, mais urgentemente importante para nós. Há segmentos da Igreja que precisam atentar para tudo o que eu disse; mas, falando em termos gerais, não é essa a principal mensagem de que a Igreja cristã atual necessita. A mensagem necessária hoje é, ao contrário, "Não extingais o Espírito". O diabo dirá: "Naturalmente aquilo que expuseram está certo." E muitos cristãos diriam: "Certamente, corretíssimo, "faça-se tudo decentemente e com ordem". Nada desta gritaria, desta animação exagerada, desta e-

fervescência! "Deus não é Deus de confusão, senão de paz". Eles se acham tão seguros disso que o diabo os leva direto ao outro extremo, de modo que se toma necessário dizer-lhes: "Não extingais o Espírito". Não há nada no mundo comparável ao equilíbrio que se vê na Bíblia. Este equilíbrio perfeito é a glória do cristianismo. "Deus não é Deus de confusão." "Não extingais o Espírito. Não deprezeis as profecias; examinai tudo. Retende o bem" (1 Tessalonicenses 5:19-21). A extinção do Espírito é a causa mais comum de dificuldades na hora presente. Não hesito em afirmar que as condições atuais da Igreja cristã se devem mormente a isso. E, ao dizê-lo, incluo o segmento conservador da Igreja, bem como o não conservador.

"Baseado em que você faz essa asserção?", perguntará alguém. Respondo: leia a descrição que o Novo Testamento faz do cristão individual, e em seguida leia a descrição neotestamentária da Igreja cristã; feito isso, compare-se e compare a Igreja atual com o que você leu. Seria necessário dirigir a mensagem da Primeira Epístola aos Coríntios para a Igreja atual? Acaso há alguma necessidade de pôr sob controle excessos na esfera do Espírito? Basta formular a questão para vermos que, indubitavelmente, o grande pecado hoje é o de "extinguir o Espírito".

Entretanto não compare nem contraste a Igreja e o cristão individual de hoje somente com o que você vê delineado no Novo Testamento; tome a Igreja e o cristão individual e compare e contraste o quadro atual com o que se vê tantas vezes na subseqüente história da Igreja, nos períodos de reforma e avivamento. Leia as

narrativas sobre alguns pequenos grupos que existiram antes mesmo da Reforma Protestante — os primitivos valdenses do norte da Itália, os "Irmãos da Vida Comum" e outros, os seguidores de João Huss e de John Wycliffe. Leia a história deles e verá o retomo ao padrão e ao quadro do Novo Testamento. Depois leia sobre os grandes Reformadores e sobre as igrejas reformadas do século dezesseis, desta e doutras terras. Prossiga ainda e vá ao século dezessete, e leia sobre os puritanos. Chegue ao século dezoito e aos primitivos metodistas, quer fossem seguidores de Whitefield quer de Wesley. Aí você verá a Igreja cristã como se vê nas páginas do Novo Testamento, e como ela deve ser. Contraste isso tudo com aquilo que tantas vezes é a realidade, e que tão geralmente se vê no presente.

Indubitavelmente, a causa do contraste está em "extinguir o Espírito". De várias maneiras somos culpados de extinguir o Espírito. A Igreja é para ser como é descrita no Novo Testamento; e jamais deveremos satisfazer-nos com qualquer coisa diferente, tanto no sentido individual como no sentido coletivo.

Um modo pelo qual a Igreja extingue o Espírito é que ela com muita freqüência deixa de reconhecer a verdade concernente a Ele, à Sua personalidade e à Sua permanência em nós. Há muitos hoje que até negam a Pessoa do Espírito Santo; referem-se ao Espírito Santo como "Isto", como se não passasse de uma influência. Preocupa-me a tradução das palavras que estamos estudando como aparecem na Nova Bíblia Inglesa *(New English Bible)*. Diz: "Não abafeis a inspiração". O Espírito mesmo não é mencionado. A mudança não se deve ao conhecimento especializado do grego, por parte dos tradutores. O texto grego traz "O Espírito", *o* Espírito; e não "abafeis", mas "extingais". Por que falar em "inspiração" quando o apóstolo escreveu "o Espírito" — o Espírito em pessoa? Isto indica a atitude atual para com o Espírito Santo. Quando o Senhor Jesus fala sobre o Espírito Santo, fala sobre "Ele" (como a um ser pessoal). "Quando Ele vier." "Outro Consolador." Não apenas uma influência! Como nós empequenecemos a glória desta grande salvação! As Três Pessoas da Trindade bendita e santa preocupam-se conosco. Não "inspiração", e sim o bendito Espírito mesmo. O Pai, que é sobre todos, enviou Seu Filho, Seu Filho unigênito; e então o Pai e o Filho enviaram a Terceira Pessoa, o bendito Espírito Santo. Como poderemos evitar a culpa de extinguir o Espírito se não tivermos clareza sobre a Sua Pessoa? Ele é igual ao Pai e ao Filho: "Deus em Três Pessoas, bendita Trindade". Não devemos diminuir a glória da Terceira Pessoa. O Espírito Santo não é apenas uma influência, não é apenas um "isto"; Ele é deveras Deus o Espírito Santo.

O que o Senhor Jesus disse no capítulo 14 de João pode-se expressar assim: "Exatamente como estou olhando para vós e falando convosco, e sabeis que eu estou convosco, assim o Espírito vai estar convosco; Ele vai habitar em vós. E não somente isso; Ele diz, noutras palavras: "Eu e o Pai viremos. Faremos nossa morada em vós e habitaremos em vós". Esse é o ensino do Novo Testamento com relação a

esta matéria. O Espírito Santo não somente veio *sobre* a Igreja no dia de Pentecoste; Ele habita *em nós, dentro de nós,* como crentes. O apóstolo expõe isso claramente aos coríntios. "Ou não sabeis que o nosso corpo é o templo do Espírito Santo, que habita em vós, proveniente de Deus, e que não sois de vós mesmos? Porque fostes comprados por bom preço; glori-ficai pois a Deus no vosso corpo, e no vosso espírito, os quais pertencem a Deus" (1 Coríntios 6:19-20). O Espírito Santo habita em nós e está na Igreja. Na Epístola aos Efésios, no fim do capítulo dois, vemos o seguinte: "Assim que já não sois estrangeiros, nem forasteiros, mas concidadãos dos santos, e da família de Deus; edificados sobre o fundamento dos apóstolos e dos profetas, de que Jesus Cristo é a principal pedra da esquina; no qual todo o edifício, bem ajustado,

cresce para templo santo no Senhor. No qual também vós juntamente sois edificados para morada de Deus em Espírito" (AV: "para habitação de Deus mediante o Espírito"). A Igreja é isso!

Podemos ser culpados de extinguir o Espírito sem percebê-lo, simplesmente por não sabermos que Ele habita na Igreja e que a Igreja é uma "habitação de Deus mediante o Espírito". Mas Ele próprio habita em cada um de nós; sempre devemos pensar em nossos corpos como "templos do Espírito Santo". Havemos de domar o pecado lembrando-nos de que Ele está em nós, tabemaculando nestes nossos corpos. Temos essa verdade sempre viva em nossas mentes? Se não a temos, somos culpados de extinguir o Espírito. Precisamos lembrar-nos disto constantemente. "Não sabeis?" Diga isso a si mesmo, fale consigo, pregue a si mesmo; trate de lembrar-se da morada do bendito Espírito Santo.

Mais particularmente, porém, extinguimos o Espírito não Lhe permitindo agir em nós como devíamos. Isso nos é trazido claramente pela palavra *extinguir.* Não é "abafar"; é mais forte — *Extinguir*! Extinção sugere imediatamente a imagem de fogo, de incêndio. Por isso o apóstolo empregou a palavra traduzida por "extingais"; traz-nos logo a idéia de fogo. Você "extingue" o fogo; assim, o que ele está dizendo realmente é: Não extingais o fogo do Espírito que está dentro de vós. De todas as figuras usadas com relação ao Espírito Santo, nenhuma é usada mais freqüentemente do que a do fogo. João Batista empregou a palavra muito dramaticamente. Alguns do povo, tendo ouvido a sua pregação, perguntavam se não seria ele o Cristo. João percebeu que diziam isso, e declarou: "Eu, na verdade, batizo-vos com água, mas eis que vem aquele que é mais poderoso do que eu, a quem eu não sou digno de desatar a correia das alparcas; esse vos batizará com o Espírito Santo e com fogo. Ele tem a pá na sua mão; e limpará a sua eira, e ajuntará o trigo no seu celeiro, mas queimará a palha com fogo que nunca se apaga" (Lucas 3:16-17). No dia de Pentecoste, quando veio o Espírito, Ele desceu na forma de "línguas repartidas, como que de fogo." Na verdade já vemos tênues semelhanças a isto no Velho Testamento, onde se faz referência ao Espírito Santo como "o

Espírito de ardor" (AV: "O espírito de fogo ardente"). Este é o símbolo empregado para apresentar-nos a verdade concernente ao Espírito. Aqui o apóstolo o expressa em termos negativos: "Não extingais o Espírito". Também somos exortados a não entristecer o Espírito (cf. Efésios 4:30). Não é o mesmo que extinguir o Espírito. Entristecer o Espírito tem relação muito mais direta com a Pessoa propriamente dita; extinguir relaciona-se mais com a Sua influência e aos efeitos que Ele produz em nós. Naturalmente, ao extinguí-lO também O entriste-

cemos, todavia aqui estamos estudando o extinguir.

Como cristãos fomos destinados a viver "no Espírito". Não estamos mais "na carne", e sim "no Espírito". A vida cristã é "vida no Espírito". Fomos destinados a encher-nos do Espírito (Efésios 5:18). A vida cristã normal deve ser cheia do Espírito. É uma vida espiritual, governada, dominada, guiada pelo bendito Espírito Santo. O principal desejo e objetivo do diabo é impedir que vivamos essa vida, e é tal o sucesso que ele alcança nisso que o homem comum do mundo, ao olhar para a Igreja cristã, diz: "Claro que não sou cristão; que necessidade há de ser cristão? Não consigo ver muita diferença entre o cristão e o não cristão. Na verdade", diz ele mais, "conheço mais gente de bom nível moral que pratica o bem fora da Igreja do que dentro". Porque os cristãos não estão demonstrando o poder desta vida no Espírito, o povo em geral está fora da Igreja hoje. Para obter êxito na evangelização, a Igreja terá que ser espiritual. Então ela desafiará o mundo; não antes disso. A meta principal do diabo é persuadir-nos a apagar o Espírito; e, que lastima!, quanto sucesso ele obtém!

Podemos saber se estamos extinguindo o Espírito ou não, considerando o que o Espírito faz como fogo. Primeiramente Ele ilumina e dá entendimento. O apóstolo orava em favor dos efésios para que o Espírito fizesse exatamente isso por eles: "Para que o Deus de nosso Senhor Jesus Cristo, o Pai da glória, vos dê em seu conhecimento o espírito de sabedoria e de revelação: tendo iluminados os olhos do vosso entendimento, para que saibais..." (1:17-18). O Espírito dá sabedoria e entendimento; Ele explica os mistérios da fé, dando-nos uma compreensão da doutrina da salvação, para que saibamos estas coisas com clareza, as apreendamos e nos firmemos nelas. Contudo, o apóstolo continua: "... para que saibais qual seja a esperança da sua vocação, e quais as riquezas da glória da sua herança nos santos; e qual a sobreexcelente grandeza do seu poder sobre nós, os que cremos" (versículos 18 e 19). Mais adiante, no capítulo 3, vemo-lo dizendo que se põe de joelhos diante deste Deus que é o Pai de todos os pais, orando no sentido de que, afinal e definitivamente, venhamos a "conhecer o amor de Cristo, que excede todo o entendimento" e de que sejamos "cheios de toda a plenitude de Deus" (versículo 19).

Sabemos estas coisas? O método divino de salvação está claro para nós? Você pode explicá-lo a outra pessoa? Você compreende o ensino destas epístolas? Ou você é

como tantos cristãos modernos que dizem: “Claro que eu não tenho tempo para estas coisas; sou muito ocupado”. O Espírito está aí para iluminar-nos, para abrir os nosso olhos, para deixar estas coisas bem simples e claras, para livrar-nos de toda confusão no entendimento, no conhecimento e na apreensão. Vejam os

apóstolos mesmos, antes e depois do dia de Pentecoste. Antes eles estavam confusos, não compreendiam. Mas lhes veio o fogo do Espírito Santo, e imediatamente Pedro passou a pregar e a expor as Escrituras: passou a ter conhecimento, entendimento, compreensão. Isto é típico da ação do Espírito.

Outra coisa que desejo acentuar é o calor do fogo. Não extingam o fogo, não extingam o Espírito. Noutras palavras, você não deve ser um cristão frio. Cristianismo é calor, é brasa viva. Mesmo a um homem como Timóteo, Paulo teve que escrever: “... que despertes o dom de Deus que existe em ti” (2 Tim. 1:6; AV:"... que avives o dom...”). Uma tradução melhor seria, “Atiça o fogo”. Abana as brasas, “mantém vivas as chamas”, como alguém o traduz. Pois bem, o cristianismo é isso — calor, fogo! Não o apaguemos. Não se pode pensar em fogo sem se pensar no calor que ele irradia, e o que se espera é que eu e vocês, como cristãos, sejamos assim. “Sim, naturalmente”, você dirá, “mas se você possuir verdadeira erudição, não terá entusiasmo; terá uma postura digna, lerá um grande tratado com serenidade e sem paixão.” Fora com esta sugestão! Isso é extinguir o Espírito! O apóstolo quebra algumas regras de gramática; interrompe a sua argumentação. Isso por causa do fogo! Somos tão decorosos, temos tanto autocontrole, fazemos tudo com tanta decência e ordem, que não há vida, não há calor, não há poder! Entretanto isso não é cristianismo neotestamentário; e é por isso que muita gente está fora da Igreja. Sua fé amolece e comove o seu coração? Ela o livra do gelo que há em você, da frieza do seu coração, e da rigidez? A essência do cristianismo do Novo Testamento é este calor que invariavelmente resulta da presença do Espírito. Vocês não sentem isso quando lêem esse mais lírico dos livros, Atos dos Apóstolos? Vivam desse livro, eu os exorto; ele é um tônico, o maior tônico que conheço na esfera do Espírito. O espírito cristão tem calor. Não estou pensando nalguma coisa artificial que tenha a aparência de fogo. A gente tenta fazer que fogões elétricos pareçam fogões a carvão, mas não é a mesma coisa. Estou falando de FOGO, e não de mera aparência.

O Espírito não comunica somente calor, porém com o calor Ele também dá segurança. O cristão verdadeiro, cheio do Espírito, sabe que os seus pecados estão perdoados e que ele é um filho de Deus. “O mesmo Espírito testifica com o nosso espírito que somos filhos de Deus” (Romanos 8:16). Ele tem “o espírito de adoção de filhos, pelo qual clamamos: Aba, Pai” (AV: “o Espírito de adoção...). Escrevendo aos romanos, diz o apóstolo: “O amor de Deus está derramado em nossos corações pelo Espírito Santo que nos foi dado” (5:5). “Derramado”! Não um pequeno gotejar, e sim um derramamento, uma grande abundância. Assim como

Ele foi “derramado” na Igreja no dia

de Pentecoste, assim é derramado em nossos corações, trazendo-nos o amor de Deus. Será que esse amor está em seu coração? Se não estiver, de algum modo você está extinguindo o Espírito. O cristão é alguém que sabe que Deus o ama. Ele se espanta com isso, mas o sabe, e se derrete e se comove.

Não somente isso; ele sabe que é filho de Deus e objeto dos cuidados de Deus. Deus derrama o Seu amor sobre ele e nele. E o resultado é que, por sua vez, o cristão ama a Deus, e ama o Senhor Jesus Cristo. Você não pode ter no seu ser interior o fogo do Espírito sem amar a Deus. Você não somente crê em Deus; você O ama. Você não somente crê no Senhor Jesus Cristo, você O ama, e se entristece com o fato de que o seu amor não é maior do que é. “Ao qual, não o havendo visto”. Diz o apóstolo Pedro aos cristãos: “Ao qual, não o havendo visto, amais; no qual, não o vendo agora, mas crendo, vos alegrais com gozo inefável e glorioso” (1 Pedro 1:8). Isso vale quanto a nós? Sabemos algo desse “gozo inefável e glorioso”? Realmente O amamos? Não me refiro apenas a declararmos isso, mas o que quero dizer é: você sente esse amor? Seu coração é movido, derretido e arrastado para o Senhor? É isso que se espera de nós — “não vos embriagueis com vinho, em que há contenda, mas enchei-vos do Espírito”. E o resultado é este.

Isso, por sua vez, leva à gratidão, ao desejo de louvá-lO e engrandecê-lo, e a viver para a Sua glória. Isso é ser verdadeiramente cidadão do reino de Deus. Paulo, escrevendo aos romanos, diz: “o reino de Deus não é comida nem bebida, mas justiça, e paz, e alegria no Espírito Santo” (Romanos 14:17). “Regozijai-vos sempre no Senhor; outra vez digo, regozijai-vos”, diz o apóstolo aos filipenses (4:4). Quando vem o Espírito, há calor; nós nos enternecemos, nós nos comovemos, nós amamos. Começa a manifestar-se o fruto do Espírito, e este é amor ou “caridade, gozo, paz, longanimidade, benignidade, bondade, fé, mansidão, temperança.”

Todos devemos ser como uma fornalha ardente. Deve existir dentro de nós essa chama viva a queimar eliminando a escória, entretanto acima de tudo para encher-nos e inflamar-nos de um grande amor por Ele. Devemos começar a orar com Charles Wesley:

Alarga, inflama e enche o meu coração da infinda caridade do Senhor.

Não permita Deus que algum de nós esteja deixando que o diabo nos persuada a extinguir o Espírito desta ou daquela maneira! Você conhece algo do fogo do Espírito? Se não, reconheça-o e confesse-o a Deus. Arrependa-se e peça-Lhe que lhe envie o Espírito e o Seu amor,

até que você se enterneça e se comova, até que você se encha do Seu amor divino, experimente pessoalmente o Seu amor e se regozije nele como um filho dEle e

aguarde anelante o futuro, na esperança da glória vindoura. “Não extingais o Espírito”, ao contrário, “enchei-vos do Espírito” e “regozijai-vos em Cristo Jesus.”

Espírito de Deus, desce ao meu coração; eleva-o do chão, age em todo o seu pulsar; fraco sou; poderoso como és, venha a mim, e faça que eu Te ame como devo amar-Te.

Ensina-me a amar-Te como os anjos Te amam, uma santa paixão a encher todo o meu ser — batismo de poder do alto céu descendo, meu coração o altar, e Teu amor a chama.

EXTINGUINDO O ESPÍRITO (2)

Mais um teste que podemos aplicar a nós mesmos a fim de descobrirmos se somos culpados de "extinguir o Espírito" se nos apresenta imediatamente quando nos lembramos de que o Espírito é representado pela figura do fogo. É o que João Batista menciona. Disse ele: "Eu, na verdade, batizo-vos com água, mas eis que vem aquele que é mais poderoso do que eu, a quem eu não sou digno de desatar a correia das alaparcas; esse vos batizará com o Espírito Santo e com fogo" (Lucas 3:16). O fogo se caracteriza não somente pelo calor e pela luz, mas também pelo poder. Ele avança e destrói o que encontra por onde passa. Semelhantemente, o poder é uma característica do Espírito Santo.

Estamos, pois, cientes do poder do Espírito em nós? Se não ocorre isso, estamos extinguindo o Espírito. Esta questão envolve um paradoxo extraordinário. O Espírito é o Espírito de Deus, e é todo-poderoso; e, todavia, é-nos possível "extinguir" o Espírito, "resistir" ao Espírito, "entristecer" o Espírito. É um grande mistério, porém é verdade. Não se pode conciliar estas coisas final e definitivamente, no entanto o ensino é mais que claro. Apesar do Seu poder onipotente, Ele também vem como uma pomba — a dócil pomba que pode ser ultrajada.

Como saber se o Espírito está operando em nós poderosamente? Uma prova se vê na Epístola aos Filipenses: "De sorte que, meus amados, assim como sempre obedecestes, não só na minha presença, mas muito mais agora na minha ausência, assim também operai a vossa salvação com temor e tremor; porque Deus é o que opera em vós tanto o querer com o efetuar, segundo a sua boa vontade" (Filipenses 2:1213). Deus age em cada cristão mediante o Espírito — fogo e poder. Ele nos incita, Ele nos concita, Ele nos dirige. Como Paulo o expressa em Romanos 8:14: "todos os que são guiados pelo Espírito de Deus esses são filhos de Deus". O Espírito produz uma espécie de perturbação dentro de nós "movendo-nos", "concitando-nos"; "incitando-nos"; temos consciência de um poder que age em nós, um poder alheio a nós.

Outra prova é que o Espírito sempre leva a ardor, vigor e entusiasmo. O homem verdadeiramente espiritual, o cristão cheio do Espírito,

nunca é uma pessoa que tem que se arrastar e se forçar a si próprio para fazer as coisas. Há poder nele, há vigor e entusiasmo, porque o Espírito é um Espírito vivificante. O contraste traçado nas Escrituras entre o não cristão e o cristão é o que existe entre alguém que está morto "em ofensas e pecados", e alguém que está "vivo dentre os mortos", alguém que "nasceu de novo". O não cristão está morto, sem vida, nada sabe sobre Deus, nada sabe sobre a vida da alma, nada sabe sobre a energia espiritual. Ele não está vivo; apenas existe. Essa é a tragédia do mundo hoje. Os mundanos falam em vida, em "ver a vida", contudo não é vida; é mera existência.

Não há vida à parte Deus o Espírito.

Todo aquele que é cristão, cheio do Espírito, conhece este vigor, este entusiasmo; portanto, ele não precisa empurrar-se ou concitar-se, ou arrastar-se para a casa de Deus, ou para o que quer que faça como cristão. A energia do Espírito está agindo nele. O apóstolo Paulo constantemente expõe isto com clareza. No fim do capítulo primeiro da Epístola aos Colossensses ele diz: "A quem anunciamos, admoestando a todo o homem, e ensinando a todo o homem em toda a sabedoria; para que apresentemos todo o homem perfeito em Jesus Cristo; e para isto também trabalho, combatendo segundo a sua eficácia, que opera em mim poderosamente". De maneira semelhante ele diz: "o amor de Cristo me constrange". Havia uma energia que o movia, que o levava adiante, e isto é sempre característico do Espírito. As Escrituras vieram a existir desta maneira. Pedro, em sua segunda epístola, diz-nos que nenhuma passagem das Escrituras "é de particular interpretação". Noutras palavras, as Escrituras não apresentam uma visão humana das coisas. Não é como o caso de um homem que estivesse estudando, meditando, ruminando e cogitando o qual afinal dissesse: "Agora cheguei à conclusão certa". Não foi desse modo que as Escrituras vieram; mas "homens santos de Deus falaram inspirados", "movidos", "levados", "carregados", "energizados pelo Espírito Santo" (2 Pedro 1:20-21). Nossa vida cristã deve ser vigorosa; portanto, se você está se arrastando por aí, dominado pela apatia, provavelmente está extinguindo o Espírito.

Além disso, o Espírito, pelo Seu poder, dá-nos capacidade para viver e testemunhar. Após a morte do Senhor Jesus os apóstolos ficaram desconsolados, infelizes, acabrunhados, tanto assim que Pedro, como nos é dito no princípio de João capítulo 21, virou-se para os outros e disse: "Vou pescar ". Ouçam a conversa dos dois homens na estrada para Emaús: "E nós esperávamos que fosse ele o que remisse Israel" — etc. (Lucas 24:21). Esse é o quadro; e a Igreja cristã, se tivesse continuado naquelas condições, não teria durado como comunidade senão algumas semanas.

Vejam, porém, o que aconteceu depois. Pedro, que negara seu Senhor apenas umas poucas semanas antes, agora se põe de pé em Jerusalém e acusa as próprias autoridades do povo, dizendo: "Vós matastes o Príncipe da vida!" Ele as condena e as chama ao arrependimento. Ele prega a "Jesus e a ressurreição." Deve-se a diferença inteiramente ao Espírito, ao poder do Espírito. O Espírito nos capacita para o testemunho. Ele nos ensina o testemunhar e nos dá capacidade de testemunhar. Também nos diz o que dizer.

Às vezes alguém diz: "Sinto-me cristão, no entanto não posso ajudar a ninguém. Não me parece que eu saiba muita coisa". Mas nenhum cristão tem direito de ficar nessas condições. Não é uma questão de capacidade humana, e sim do poder do Espírito

concedido a nós. Isso foi provado abundantemente na longa história da Igreja cristã. Alguns dos mais humildes membros da Igreja foram o meio empregado por Deus para socorrer alguns dos maiores deles. Temos o exemplo do hábil e eloqüente Apoio recebendo ajuda de Priscila e Aquila. Sabemos da ajuda que foi dada a muitos homens de origem humilde, como John Bunyan, do que a história da Igreja registra muitos exemplos notáveis. Portanto, não há desculpa. Temos nós esta capacidade para viver, testemunhar e orar?

O Espírito sempre induz à oração; e Ele dá capacidade para orarmos. Você acha difícil orar privadamente e em público? Não deveria ser assim, pois o Espírito comunica a Sua energia nesta questão de orar. "Não sabemos o que havemos de pedir como convém", mas "o Espírito ajuda as nossas fraquezas" (Romanos 8:26). Ele nos ensina a orar e nos induz à oração; Ele nos dá liberdade na oração. Que experiência temos disto?

Preocupo-me com isto não somente em termos das nossas experiências individuais, mas também por causa do estado geral da Igreja. Por que a Igreja é tão ineficiente? Minha resposta é que lhe falta este poder. Pois ela não está orando e intercedendo como devia, apesar do mundo estar como está, e de haver terríveis possibilidades na área da ciência nuclear. A Igreja parece tão letárgica! Ela não tem poder. E isso em grande parte porque não sabe orar de verdade. E não pode orar de verdade porque o Espírito não está energizando a sua oração. No entanto, quando o Espírito vem, Ele induz os cristãos a orar. Leiam a história dos grandes avivamentos da Igreja, e verão que, no avivamento, começam a orar pessoas que nunca antes tinham orado em público; e oram privadamente como nunca tinham orado. Vindo o Espírito com poder, dá capacidade para a oração.

Outro ponto que devo mencionar é a "ousadia". Lemos em Atos 4.13: "Então eles, vendo a ousadia de Pedro e João". Viram que estes

homens eram "sem letras e indoutos", contudo também viram que eles tinham ousadia. O que explica isso é a descida do Espírito sobre eles no Pentecoste. Pedro tinha uma coragem natural, mas face a face com a morte ela falhou completamente, e ele negou a seu Senhor. Não porém depois do Pentecoste! Desse dia em diante, seu medo dos homens desapareceu. Ousadía! E o que os apóstolos pediam em oração era que fossem habilitados a pregar o evangelho "com toda a ousadia" (cf. Efésios 6:19).

Aí estão, pois, alguns dos testes que devemos aplicar a nós mesmos. "Não extingais o Espírito." Estaríamos extinguindo o Espírito? Que dizer da vitalidade e do vigor? Que dizer do calor e do fulgor? Que dizer da alegria, do louvor e da ação de graças? Se estas coisas não estão presentes, de um modo ou de outro estamos extinguindo o Espírito. A responsabilidade dos cristãos é muito grande. Temos que começar com a Igreja, não com os de fora. O maior problema está na Igreja. Em grande parte o povo

está fora da Igreja porque nós, que estamos dentro, não o atraímos. Não lhe damos a impressão de que temos as posses mais gloriosas de todas. A impressão que damos é de apatia, lerdeza e em-botamento; parece haver mais vida fora. Diz o povo que não se consegue levar os jovens para a igreja hoje em dia porque eles a acham entorpecida. A igreja deve ser o lugar mais excitante e emocionante do mundo, e se não é, estamos "extinguindo o Espírito" desta ou daquela maneira.

Quais as maneiras pelas quais podemos extinguir o Espírito? Alguns se fazem culpados de extinguir o Espírito por limitarem em suas mentes as possibilidades da vida no Espírito. No primeiro capítulo desta epístola, no versículo 13, lemos: "Em quem também vós estais, depois que ouvistes a palavra da verdade, o evangelho da vossa salvação; e tendo nele também crido, fostes selados com o Espírito Santo da promessa". A idéia de selo é repetida no capítulo 4, versículo 30: "E não entristeçais o Espírito Santo de Deus, no qual estais selados para o dia da redenção". Ou tomem a grandiosa declaração de Romanos: "não recebestes o espírito de escravidão, para outra vez estardes em temor , mas recebestes o espírito de adoção de filhos, pelo qual clamamos: Aba, Pai. O mesmo Espírito testifica com o nosso espírito que somos filhos de Deus. E, se nós somos filhos, somos logo herdeiros também, herdeiros de Deus e co-herdeiros de Cristo" (8:15-17). Estamos cientes destas verdades? Cremos nelas?

Estou convencido de que há grande número de cristãos que inconscientemente estão extinguindo o Espírito por negarem estas possibilidades em sua compreensão da doutrina do Espírito. Não há nada, é

minha convicção, que tanto "extinga" o Espírito como o ensino que identifica o batismo do Espírito Santo com a regeneração. Todavia este ensino é muito comum hoje; na verdade, durante anos tem sido o conceito popular. O que se diz é que o batismo do Espírito Santo é "não experimental", que sucede a cada cristão em sua regeneração. Por isso dizemos: "Ah, sim, já fui batizado com o Espírito; isso aconteceu quando eu nasci de novo, em minha conversão; não há nada que eu deva procurar; já tenho tudo". Bem, se você "já tem tudo", simplesmente lhe pergunto, em nome de Deus: por que você é como é? Se você "já tem tudo", por que é tão diferente dos apóstolos, por que é tão diferente dos cristãos do Novo Testamento?

O ensino que acabo de mencionar é falso. Os apóstolos foram regenerados antes do dia de Pentecoste. O batismo do Espírito Santo não é idêntico à regeneração; é uma coisa à parte. Não importa quão longo seja o intervalo entre os dois, há uma diferença, há um intervalo, eles não são idênticos. Mas, se você disser que eles são idênticos, não esperará mais nada. E se você não acredita que lhe é possível experimentar o Espírito de Deus dando testemunho direto junto ao seu espírito de que você é filho de Deus, obviamente você está extinguindo o Espírito. E por isso

que tantos cristãos vivem desolados e infelizes; nada sabem do clamor: "Aba, Pai"; ou do "Espírito de adoção". Deus é um ser remotamente distante; eles não sabem que são Seus filhos. Podem crer nisso intelectualmente, teoricamente. Entretanto Paulo afirma: "não recebestes o espírito de escravidão para outra vez estardes em temor". Não é para sairmos por aí gemendo e duvidando se somos cristãos ou não. Estivemos nessas condições debaixo da lei; nesse tempo estávamos em desgraça e clamávamos: "Miserável homem que eu sou! quem me livrará?" Nunca mais, porém,! "Recebemos o Espírito de adoção, pelo qual clamamos" — e este é um clamor elemental que vem das profundezas da personalidade —"Aba, Pai"! Somos agora como a criança que durante muito tempo não viu seu pai; então, de repente o pai aparece e a criança corre ao encontro dele e grita: "Pai!" "Aba, Pai"! Se você nega que isto é uma possibilidade, não só tem falta da experiência, mas também está extinguindo o Espírito. Esse testemunho dado pelo Espírito é independente do nosso espírito. "O Espírito testifica *com* o nosso espírito — além disso — "que somos filhos de Deus".

O diabo não quer que conheçamos isto; ele quer manter-nos pusilânimes, infelizes, desolados. Com alguns ele tem êxito, até mesmo com relação à própria doutrina do Espírito Santo. Ele os mantém num estado de incerteza. Diz ele: "Afirmar que o Espírito lhe deu segurança inequívoca é presunção. Você afirma que é filho de Deus, que sabe que

Deus é seu Pai e que o Espírito testifica que é isso mesmo. Isso é entusiasmo! É êxtase! Tenha cuidado; isso é não ter a humildade própria do cristão". Os cristãos têm tanto medo de excessos e de entusiasmo que só estão seguros de que são cristãos quando se acham realmente infelizes. Que tragédia! Que cegueira! Que errônea compreensão da doutrina cristã!

Não estou defendendo um tipo de cristianismo falastrão, superficial, excitável, efervescente. Estou me referindo ao "testemunho do Espírito" que ao mesmo tempo que humilha você e o espanta, o enche de "gozo inefável e glorioso". Você tem uma clara compreensão da doutrina do Espírito? Você tem uma clara percepção do selo, do penhor, da segurança, do testemunho e da unção do Espírito? Se você tem quaisquer dúvidas sobre estas coisas, provavelmente está extinguindo o Espírito.

Em segundo lugar, há os que dizem que acreditam que estas coisas são ensinadas no Novo Testamento, mas que seguramente eram só para os cristãos primitivos. A Igreja estava no começo, e o que aconteceu no Pentecoste foi uma vez por todas, não devendo repetir-se nunca mais. Pedro respondeu a este conceito no dia de Pentecoste: "a promessa vos diz respeito a vós, a vossos filhos, e a todos os que estão longe". A bênção devia ter continuidade através dos séculos — "a vós, a vossos filhos, a vossos descendentes" — e assim por diante, até o fim das eras. Graças a Deus, é tão possível hoje como o foi naquele tempo.

Muitos extinguem o Espírito desta maneira. Mas eles são contestados por Atos 2:39, e não somente assim, porém também são contestados por todos os grandes avivamentos da história da Igreja. Todo avivamento é uma repetição do Pentecoste! Deus, seja bendito o Seu nome, derramou o Seu Espírito muitas vezes, desde o dia de Pentecoste. Ocorreram muitos avivamentos. A história da Igreja nos fala de pessoas que se reuniam não esperando nenhuma coisa em particular, quando, subitamente, o Espírito descia sobre elas e elas tomavam consciência de um poder e de uma presença que enchiam o recinto. Elas eram arrebatadas acima de si e fora de si mesmas; uma repetição do Pentecoste; e isso tem acontecido nas vidas de muitos indivíduos. Ainda acontece, graças a Deus, independentemente da ocorrência de avivamentos gerais na Igreja. Negar isso é extinguir o Espírito.

A seguir, em terceiro lugar, há outros que se fazem culpados da mesma negação da ação do Espírito, e que dizem: "Admito que haja isso, não posso contestá-lo; todavia se destina unicamente a certos cristãos exepcionais; destina-se unicamente aos grandes santos". Essa é a heresia, a mentira, ensinada pela igreja católica romana, que divide o seu povo em dois grupos — os santos, os cristãos excepcionais, e os

cristãos comuns. Destes últimos essa igreja não espera coisa nenhuma, porquanto não entraram na vida cristã como vocação. Ela fala em "religiosos" e "leigos". Que negação do ensino do Novo Testamento! O apóstolo se dirige a cada membro individual da igreja de Corinto tratando-o como santo! Todos os cristãos do Novo Testamento são "chamados para ser santos" (cf. Romanos 1:7 e 1 Coríntios 1:2, AV e Almeida, Edição Revista e Atualizada. Ver também 2 Coríntios 1.1: "a todos os santos"); não somente alguns que após muitos anos alguém decide canonizar e chamar "santos". Todo cristão é santo; a palavra não se restringe a certos indivíduos especiais. Não há nenhum texto em todo o Novo Testamento que diga que esta bênção de poder e de fogo do Espírito deve limitar-se apenas a certas pessoas, a santos incomuns, a pregadores ou a alguém que Deus quer usar de maneira especial. Não; destina-se "a vós, a vossos filhos, e a todos os que estão longe".

Se defendemos alguma das posições aqui denunciadas, somos culpados de extinguir o Espírito deve limitar-se apenas a certas pessoas, a santos incomuns a pregadoras ou a alguém que Deus quer usar de maneira especial. Não; destina-se "a vós, a vossos filhos, e a todos os que estão longe".

Se defendemos alguma das posições aqui denunciadas, somos culpados de extinguir o Espírito. Que é que você espera? Serei direto e prático. Você tem alguma expectativa quando inicia um culto cristão? Qual a sua disposição, qual a sua condição, qual a sua atitude para com aquilo que está fazendo? Você vai a um local de culto simplesmente porque é domingo de manhã? É apenas um item do seu programa? É apenas uma questão de entoar alguns hinos, escutar a leitura das Escrituras, ouvir um sermão, etc? Apenas uma questão de hábito, repetindo o que

você já fez muitas vezes? É esse o modo como você vai à casa de Deus? Se é isso, Deus tenha misericórdia de você!

Permitam-me falar pessoalmente. Como vou ao púlpito? Estou ali simplesmente porque anunciaram que vou pregar? Simplesmente porque sou pastor de uma igreja? E porque, como pastor, espera-se que eu pregue domingo após domingo? Deus me perdoe, se muitas vezes foi assim, mas nunca deveria ser. Todos devemos reunir-nos, não somente para encontrar-nos com Deus e uns com os outros, e sim para esperar confiantes as influências do Seu Espírito, por Sua graça, considerando isto como o mais alto privilégio das nossas vidas, não sabendo o que poderá acontecer, crendo que a qualquer momento Ele poderá vir e encher o lugar da Sua glória, da Sua presença e do Seu fulgor. Você espera isso? Sua doutrina dá condições para isso? Isso encontra lugar em sua doutrina? Se não, não admira que a Igreja esteja como está, e que o mundo esteja como está. Isso é extinguir o Espírito.

Nossa doutrina do Espírito e das Suas operações deve estar per-feitamente clara.

Isso me leva à quarta ilustração das maneiras pelas quais podemos extinguir o Espírito. O formalismo é a maior maldição da Igreja. Não desejo criticar nenhum segmento da Igreja em particular, pois é um fato que caracteriza todas as igrejas, infelizmente. Entretanto o zênite do formalismo se vê no catolicismo romano — a pompa, o cerimonial, tudo elaborado até aos mínimos detalhes, com as procissões, as vestes, etc., e o povo inativo e não fazendo nada enquanto o grande desempenho se realiza diante dele. O povo realmente não tem parte ativa no serviço divino. Não ocorrem avivamentos na igreja católica romana; não podem ocorrer; não há lugar para eles. Tudo é controlado pelos homens; o serviço religioso é elaborado detalhadamente, sem escapar nada, tudo perfeito e em ordem. E há os que imitam esses métodos em todos os segmentos da Igreja cristã.

Faço uma pergunta para a sua consideração. Uma liturgia prescrita é compatível com a liberdade do Espírito? Há uma resposta a essa pergunta, e eu mesmo a dou imediatamente. O Espírito Santo pode até usar uma liturgia! Ele o tem feito. Ele pode operar apesar dela. Mas isso Ele tem que fazer! Quanto mais fixo, formal, mecânico e repetitivo for o serviço religioso, menos oportunidade haverá para o Espírito. Se vocês lerem a história da Igreja à luz desta proposição, verão que ela é sumamente esclarecedora.

Não me entendam mal, mas tenho a impressão de que a Igreja cristã atual está morrendo de dignidade, morrendo de decoro. Os cultos são belos e perfeitos, contudo onde está o sopro do Espírito? Preocupamo-nos tanto com a dignidade, e temos tanto escrúpulo pessoal! Inconscientemente todos temos a tendência de imitar aquela igreja a que me referi, na qual não há avivamentos e que sempre se opõe à verdadeira reforma. Muitos outros a estão imitando de várias formas ou maneiras; as igrejas livres (da Grã-Bretanha) realizam procissões, e pregadores simples e

piedosos mostram-se desejosos de tornar-se grandes dig-natários eclesiásticos. Foi quando esta sede de dignidade e decoro, e de erudição, saber e cultura penetrou nas igrejas em meados do século passado, que o Espírito Santo pareceu retirar-se. Os homens começaram a "extinguir o Espírito". O formalismo é sempre o maior inimigo do poder, da vida e da liberdade do Espírito.

Mas isto não se aplica somente aos cultos da igreja; aplica-se também ao tipo de vida que levamos. Os cristãos correm o perigo de serem produzidos como selos do correio ou como ervilhas na vagem — tudo a mesma coisa. Eles se "convertem" e depois recebem certo ensino concernente à santificação. Logo se tomam rígidos, presumidos e

falastrões. Sabem todas as frases e todos os clichês; porém não há vida real, não há poder, não há liberdade. São apenas cristãos formais, e são todos iguais.

A mim me parece que este é um dos maiores problemas com que a Igreja se defronta hoje. É um fato puro e simples, que pode ser comprovado estatisticamente, que as classes chamadas operárias ou trabalhadoras deste e de muitos outros países, falando em termos gerais, estão fora da Igreja cristã. Graças a Deus há pessoas dessas classes em nossas igrejas; mas, geralmente falando, as classes trabalhadoras estão ausentes. Nossas igrejas estão cheias de pessoas pertencentes a certa classe social; e está ocorrendo um processo de geração dentro desse círculo. Seguramente isto resulta de um formalismo que produz um tipo fixo. No entanto, no Novo Testamento há gente de todo tipo e de toda espécie. E tem sido assim em todos os períodos de avivamento e de reforma. O formalismo pode apanhar-nos até mesmo em nossa vida pessoal, levando-nos a não gostarmos de perturbação. O nosso cristianismo tem um lugar em nosso programa; tem um papel a exercer em nossas vidas; acreditamos em fazer isto e aquilo, e damos graças a Deus por sermos como somos: e deveras inconscientemente nos tomamos fariseus, não só agradecendo a Deus que somos como somos, mas também que não somos como os outros que estão fora da Igreja. E continuamos dessa maneira presumida, rígida, verbosa e formal. Não queremos ser perturbados; achamos que não há mais nada para nós. Daí não gostarmos do ensino que faz diferença entre a regeneração e o batismo do Espírito. Pois este significa, depois de tudo que não somos como deveríamos ser. Pensávamos que éramos, porém, e considerávamos os chamados liberais, os modernistas e os de fora como os únicos errados. Agora, porém, começamos a ver que nós mesmos temos necessidade de algo; e não gostamos da sacudidela. Lutamos contra isso; e isso é "extinguir o Espírito". Se vocês estão lutando contra o ensino do Novo Testamento concernente às possibilidades da vida no Espírito, porque temem ser perturbados, e temem a que isso pode levar, estão extinguindo o Espírito.

Isso leva a outra questão que já mencionei — o medo de excessos. Alguns cristãos têm tanto medo dos excessos cometidos por outros, que extinguem o Espírito. Não

estou dizendo que não há excessos; ocorrem excessos, e eu não os defendo. São errados; vêm do diabo, que força as pessoas a irem a extremos. Todavia vocês não devem temê-los tanto, a ponto de irem ao outro extremo e extinguirem o Espírito completamente. Alguém dirá: "Não quero fazer-me tolo". Isso está certo; você não deve fazer-se tolo. Mas tenha cuidado, para não suceder que, em seu medo de fazer-se tolo, nunca venha a fazer coisa alguma,

permanecendo um cristão inútil! É isso que está acontecendo com muita gente, por causa do medo de excessos.

Recordo um incidente da minha experiência pessoal. Um homem levantou uma questão numa reunião de confraternização que eu costumava promover numa igreja a que eu servia como pastor. Era o tipo do homem que estou descrevendo. Disse ele: "Estou interessado na exortação do capítulo quatro da Epístola aos Filipenses, "Seja a vossa eqüidade (AV: "vossa moderação") notória a todos os homens". Conhecendo esse homem, eu sabia exatamente o que estava na mente dele. Ele achava que alguns outros membros da igreja estavam indo um pouco longe demais, levando o seu cristianismo exageradamente a sério. Eles estavam freqüentando várias reuniões de meio de semana à noite na igreja e viviam para estas coisas. Ele achava que isso era ir longe demais e julgava ter encontrado um texto que dava apoio à sua posição. Mas, infelizmente para ele, ele não sabia o verdadeiro significado do texto. A tradução que se acha na Versão Autorizada inglesa não é boa; ele não sabia que o verdadeiro sentido é "magnanimidade", "domínio próprio", "paciência", com a idéia de que não devemos perder a calma. Não obstante, vejam como o diabo tinha entrado. Ele julgava que havia propiciado um texto que define o tipo certo de cristão — o homem que não se entusiasma demais nas coisas da fé, o homem que é sempre "moderado". O diabo, como "anjo de luz", lhe havia dado uma interpretação errada para justificar o que ele estava fazendo — extinguindo o Espírito!

Entretanto isto não acontece somente com indivíduos. Há uma narrativa na biografia de Jonathan Goforth, o grande missionário canadense que foi usado por Deus num avivamento ocorrido na Coréia e noutros países orientais no início deste século. Diz a narrativa que quando ele estava passando pela Inglaterra em 1906, as autoridades responsáveis por certa convenção bem conhecida hesitaram muito sobre se lhe pediriam que falasse porque não queriam reuniões que durassem muitas horas, chegando a atravessar a noite, como vinha acontecendo na Coréia; não queriam isso em sua convenção! O relato consta na biografia oficial intitulada, *The Life of Jonathan Goforth* (A Vida de J. G.). O resultado foi que lhe pediram que falasse na convenção, mas lhe fizeram entender que agora não estava na Coréia, e sim noutro lugar muito diferente! Isso não é extinguir o Espírito? Por que nunca se deve alterar o programa, o horário? Por que havemos de dizer que jamais se deve interferir na dignidade e no decoro? Deus tenha misericórdia de nós! Provavelmente o medo de excessos está levando mais gente hoje a extinguir o Espírito do que qualquer

outro fator isolado.

Ademais, se você não responde ao Espírito, O está extinguindo. Há um hino que expressa isso desta maneira:

Enquanto é sensível o meu coração, quero submetê-lo a Ti, meu Salvador.

Se Ele vier e com a Sua bondosa influência lhe der sensibilidade de coração, não Lhe resista. Não permita que aconteça com você o que aconteceu com a noiva, conforme lemos em Cantares de Salomão: "Eu dormia, mas o meu coração velava: eis a voz do meu amado, que estava batendo: abre-me, irmã minha, amiga minha, pomba minha, minha imaculada, porque a minha cabeça está cheia de orvalho, os meus cabelos, das gotas da noite". Então ela responde: "Já despi os meus vestidos; como os tomarei a vestir? já lavei os meus pés; como os tomarei a sujar? O meu amado meteu a sua mão pela fresta da porta, e as minhas entranhas estremeceram por amor dele. Eu me levantei para abrir ao meu amado, e as minhas mãos destilavam mirra, e os meus dedos gotejavam mirra sobre as aldrabas da fechadura. Eu abri ao meu amado, mas já o meu amado se tinha retirado, e se tinha ido: a minha alma tinha-se derretido quando ele falara; busquei-o, e não o achei; chamei-o, e não respondeu" (5:2-6).

Que isso seja uma lição para nós! Quando Ele vier a falar, quando Ele trouxer o Seu carinho, puser Sua mão, por assim dizer, através dos ferrolhos da porta, não lhe responda dizendo: "Não posso levantar-me agora, estou cansado e enfadado, já estou no leito, por ora não posso levantar-me, não posso vestir-me, não posso calçar-me, não posso caminhar sem nada nos pés, sujarei os meus pés e terei que lavá-los de novo...". Não Lhe resista quando Ele vier. Receba-O, ponha tudo de lado, dê-lhe boas vindas quando achar que o Espírito está entrando em contato com você, chamando-o ao arrependimento, ou repreendendo-o por algum pecado. Ouça-O, agradeça-Lhe, responda-Lhe. Quando Ele vier sugerindo-lhe renovação ou reforma, quando Ele o concitar a estudar a Bíblia, à oração ou ao trabalho, seja este qual for, não O extinga, não Lhe faça resistência. Abra logo a porta, e abra os braços! Talvez sejam raras as Suas visitas; bem, aguarde-as anelante, procure-as, responda imediatamente. Se você não o fizer, estará extinguindo o Espírito, e terá a infeliz experiência de, quando O procurar, não conseguir achá-lO. E quando você estiver no leito de morte e procurar por Ele, bem poderá ser que não consiga encontrá-lO. Não Lhe resista, não resista aos Seus oferecimentos e propostas; mas, ao contrário, dê-lhes boa acolhida, com os braços abertos, sempre que vierem.

Ainda outra maneira pela qual somos culpados de extinguir o

Espírito é que não ativamos o dom que há em nós, não atiçamos os fogo. Todo fogo tende a encher-se de cinzas, e você precisa revolvê-lo de vez em quando; se não o fizer, o fogo se apagará. Livre-se das cinzas! Eis como Paulo o expressou,

escrevendo a Timóteo: “Por cujo motivo te lembro que despertes o dom de Deus que existe em ti pela imposição das minhas mãos” (2 Timóteo 1:6). Como vimos, podemos traduzi-lo assim: “Eu te exorto a “abanar a chama” (ou a “avivar a chama”)”. Pegue o fole; pegue o atiçador e revolva as brasas. O calor está diminuindo, o vigor vai ficando menor? Bem, livre-se das cinzas e do borralho; avive o fogo. Desperte; se não despertar, será culpado de extinguir o Espírito. Preguiça e contentamento com o pouco que temos; não pôr mais lenha; não ventilar; não dar oportunidades ao Espírito, são modos de extinguí-lO. Quanto mais você fizer, mais Ele virá; quanto mais você avivar-se, mais Ele o avivará. Esta é a lei da vida espiritual.

Estas são, pois, algumas das maneiras pelas quais somos todos culpados de extinguir o Espírito. Que insensatos, mesmo quanto ao nosso próprio bem! Mas pensemos no que isto significa para a Igreja, pensemos no que significa para o mundo. A maior necessidade hoje é a chama, o fogo, o poder do Espírito Santo nos cristãos individuais e na Igreja em geral. Amado povo cristão, “Não extingais o Espírito”; antes, busquem-nO, dêem lugar para Ele, abram caminho para Ele, rendam-se à Sua bondosa direção e ao bondoso tratamento que Ele nos dá.

TENTAÇÃO E PECADO

Passamos agora a considerar outra prolífica fonte de dificuldades na vida cristã, resultante das "ciladas do diabo", a saber, a confusão entre tentação e pecado. Todos quantos tenham alguma experiência pastoral concordarão que não há nada, talvez, ao nível puramente prático, que com tanta freqüência ponha o povo de Deus em dificuldade, numa condição de temor e depressão, e com um sentimento de frustração, como esta questão em particular. Estão incluídos nisto problemas como maus pensamentos, às vezes blasfemos, más imaginações — a imaginação tentada a encenar coisas erradas, más e indignas. Tiago, no capítulo primeiro da sua epístola, fala sobre "imundícia" (versículo 21). Noutra passagem lemos sobre "más imaginações" (cf. Provérbios 6:18, AV). Tais coisas são mencionadas muitas vezes nas Escrituras. Elas declaram que antes do Dilúvio a condição da raça humana era tal, que "a imaginação do coração do homem é má desde a sua meninice" (Gênesis 8:21). Há também os "maus desejos" ou "cobiças" que se originam nos pensamentos e imaginações (cf. Miquéias 7:3; Colos-sensses 3:5, Almeida, Rev. e Atual.). O pensamento toma-se desejo, a imaginação leva à cobiça.

O diabo trata disto seguindo certas linhas. Uma é insinuar que ser tentado é pecar, e que o cristão não deve nem ser tentado. Daí o próprio fato de sermos tentados indica que talvez não sejamos cristãos, ou, de qualquer forma, somos cristãos muito fracos. O diabo vem e diz; "É óbvio que você não é uma nova criatura, que você não nasceu de novo, que você não tem uma nova natureza. A tentação é própria da velha vida e do passado; portanto, o fato de que você continua sendo tentado é prova de que realmente você não é o que pensa que é". Assim ele vem dizer que, ou a tentação mesma é pecado, ou então que nós, como cristãos, não devemos ser tentados.

Talvez a sua mais sútil e sagaz abordagem seja insinuar-nos que todos estes pensamentos e imaginações e desejos são inteiramente nossos, que surgem dentro de nós e que, portanto, constituem uma prova positiva de que a nossa natureza ainda é vil, corrupta e má. Ele usa estes vários argumentos com a intenção de provar que não somos cristãos, que nunca fomos cristãos. Assim ele nos deprime e nos faz

sentir completamente sem esperança. O padrão que ele estabelece é que devemos estar em tal estado e condição, que nos achemos inteiramente livres dessas tentações e completamente a salvo delas. A aceitação dessas insinuações muitas vezes tem um efeito mutilante sobre muitos cristãos, numa ou noutra ocasião.

Como lidar com esse problema? Estas "ciladas do diabo" têm de ser analisadas e isoladas, e temos de mostrar o remédio apropriado em cada caso particular. Devem ser tomadas uma por uma. O ensino que sugere que só há uma coisa que fazer, a saber, "Solte-se, e deixe com Deus", não é o ensino do Novo Testamento. Estas coisas têm que ser tomadas pormenorizadamente, uma por uma, Este é o único modo

de tratá-las. É o modo bíblico; e é o único modo que funciona na prática.

A resposta que nos é dada nas Escrituras é que devemos partir da compreensão de que, como cristãos, não somos nem perfeitos nem isentos do pecado. Se pensarmos que o cristão é necessariamente perfeito, e que está inteiramente livre do pecado, não teremos resposta para dar ao diabo. Mas o ensino das Escrituras é que, nesta vida e neste mundo, o cristão não está isento do pecado, não é perfeito. A posição escriturística é exposta com muita clareza em Romanos 6.6: "Sabendo isto, que o nosso velho homem foi com ele" — isto é, *com Cristo* — "crucificado, para que o corpo do pecado seja desfeito, para que não sirvamos mais ao pecado". Nós morremos com Cristo "para que" este corpo do pecado, que, quer o tomemos como uma descrição da "massa" do pecado, quer, mais corretamente, como o pecado que tende a permanecer no corpo — morremos com Cristo para que, final e definitivamente, fiquemos livres dele. O corpo do pecado tem que ser "desfeito", "desintegrado", "feito em pedaços", "tomando nulo e vazio". Noutras palavras, o ensino das Escrituras é que há um resíduo ou um resto do pecado que permanece no corpo. No capítulo primeiro da Epístola de Tiago a doutrina é exposta claramente. Já naquela época havia pessoas se extraviando nesta questão de tentação. Diz Tiago: "Ninguém, sendo tentado, diga: de Deus sou tentado". Alguns estavam prontos a dizer isso; porém é sugestão do diabo. Tiago afirma que "Deus não pode ser tentado pelo mal, e a ninguém tenta. Mas cada um é tentado, quando atraído e engodado pela sua própria concupiscência. Depois, havendo a concupiscência concebido, dá à luz o pecado; e o pecado, sendo consumado, gera a morte" (1:13-15). Há o que Tiago denomina "concupiscência", que continua no crente, em seu corpo. Em Romanos, capítulo 6, versículos 11-13, Paulo diz aos cristãos: "Assim também vós considerai-vos como mortos para o pecado, mas vivos para Deus em Cristo Jesus nosso Senhor". Essa é a situação do cristão. Todavia o apóstolo continua: "Não reine (não tenha domínio sobre) em

vosso corpo mortal". Não o deixem dominar o seu corpo mortal, não se deixem dominar por certas tendências do seu corpo mortal. O pecado está ali, está sempre procurando usar o corpo. O apóstolo prossegue: "Nem tão pouco apresenteis os vossos membros ao pecado por instrumentos de iniqüidade; mas apresentai-vos a Deus, como vivos dentre os mortos, e os vossos membros a Deus, como instrumentos de justiça". Note a distinção entre você mesmo e os membros do seu corpo como instrumentos.

O cristão não é perfeito nesta vida. Ele está salvo, entretanto o seu corpo ainda não está. É-por isso que o apóstolo volta a dizer em Romanos 8:23: "nós mesmos, que temos as primícias do Espírito, também gememos em nós mesmos, esperando a adoção, a saber, a redenção do nosso corpo". O corpo ainda não foi redimido, e não será enquanto o Senhor Jesus não voltar e nós não ressuscitarmos ou não formos transformados naquele momento, passando a um estado glori-ficado. Até então, o

corpo não será redimido. Por isso, enquanto estivermos nesta vida e neste mundo, haverá este elemento de conflito, esta luta contra a tentação e o pecado.

Havendo-nos livrado dessa dificuldade e tendo visto que o fato de sermos tentados de modo algum prova que não somos cristãos, vamos para o segundo elemento, que é a atividade do próprio Satanás. Aí é onde Satanás prova que é mestre nestas questões. Ele se oculta completamente; ele não aparece, apenas sussurra aos nossos ouvidos. Não sabemos donde vem a voz; pensamos que é o nosso próprio raciocínio espiritual. "Ah", dizemos, "sou tentado, mas, se eu fosse um cristão verdadeiro, não seria. Estes pensamentos, estas imaginações, estes desejos estão em mim e, portanto, sou indigno, não sou cristão mesmo". Enquanto pensamos desta maneira, esquecemos o diabo, a verdadeira origem da maioria dos nossos problemas. O apóstolo, porém, nos instrui: "Tomando sobretudo o escudo da fé, com o qual podereis apagar todos os dardos inflamados do maligno" (Efésios 6:16). "Os dardos inflamados"! Ele nos está atirando esses dardos. No entanto, nós, em nossa ignorância e ingenuidade nestas questões, não o vemos e não nos damos conta dele. Pensamos que todas estas coisas brotam dentro de nós mesmos, e não temos ciência de que é o diabo que as está arremessando em nós de todas as direções — estes dardos inflamados, estas coisas que ardem em chamas, pensamentos, imaginações, desejos que vêm aos montes, com tremendo ímpeto. É o diabo que lança todas estas coisas; mas ele mesmo fica encoberto. Não há nada que seja tão desastroso como não aceitar, em sua plenitude, o ensino bíblico sobre o diabo.

Estou certo de que uma das principais causas do mau estado da

Igreja hoje é o fato de que o diabo está sendo esquecido. Tudo é atribuído a nós mesmos; temo-nos tomado por demais psicológicos em nossa atitude e em nosso pensar. Ignoramos este grande fato, este fato objetivo — o ser, a existência do diabo, o adversário, o acusador, e os seus "dardos inflamados". E, naturalmente, uma vez que não estamos cientes disto, atribuímos a nós mesmos toda tentação. Assim o diabo, em sua velhacaria, alcança admirável sucesso. Ficamos deprimidos e desanimados, sentimo-nos um fracasso, e não sabemos o que fazer. Portanto, a segunda resposta consiste em lembrar-nos do diabo, expô-lo, arrancar-lhe a camuflagem sob a qual ele sempre se esconde.

O terceiro argumento que as Escrituras nos propiciam é a tentação do Senhor Jesus Cristo. Ele é o Filho de Deus, sem pecado e perfeito; e, contudo, foi tentado. Isto jamais poderíamos salientar com demasiada freqüência, mesmo se o salientássemos continuamente. Os Evangelhos são muito cautelosos ao registrarem os relatos das tentações de Cristo, e particularmente a Sua tentação no deserto. Mas quando essa terminou, o diabo O deixou só "por algum tempo" (Lucas 4:13). Ele voltou repetidamente a Jesus. Não nos é dado um registro completo de todas as tentações de que o Senhor foi alvo. O diabo O pressionou e O seguiu por todo o caminho, até o

fim. O autor da Epístola aos Hebreus faz esta colocação: “Pelo que convinha que em tudo fosse semelhante aos irmãos, para ser misericordioso e fiel sumo sacerdote naquilo que é de Deus, para expiar os pecados do povo. Porque naquilo que ele mesmo, sendo tentado, padeceu, pode socorrer aos que são tentados” (Hebreus 2:17-18). Ele não se contenta em dizer isto só uma vez. Repete-o no capítulo quatro, versículos 14 e 15: “Visto que temos um grande sumo sacerdote, Jesus, Filho de Deus, que penetrou nos céus, retenhamos firmemente a nossa confissão. Porque não temos um sumo sacerdote que não possa compadecer-se das nossas fraquezas; porém um que, como nós, em tudo foi tentado, mas sem pecado. Tentado “como nós” e “em tudo”, lembremos, todavia sem pecado.

Como somos tendentes a esquecer isto! As tentações sofridas pelo nosso Senhor não foram um embuste; foram reais; e Ele foi tentado em todos os pontos exatamente como eu e você. Fica patente, pois, que o fato de que uma pessoa é tentada não pressupõe qualquer defeito nela, e menos ainda pressupõe alguma pecaminosidade. O Senhor Jesus foi tentado. Como Ele é perfeito, é evidente que a Sua tentação veio somente de fora, do diabo. Mas o importante é notar que, embora sendo Ele perfeito, inculpável, isento do pecado, não obstante foi tentado em todos os pontos, como nós o somos. Assim, na próxima vez que o diabo vier e disser: “Você não é cristão, de modo nenhum, pois está sendo

tentado”, conteste-o dizendo: “Isso não prova tal coisa; você tentou o meu Senhor exatamente da mesma maneira”. É uma falácia fundamental supor que o fato de sermos tentados significa que existe algum defeito em nós. O nosso bendito Senhor foi tentado. “Ora, você dirá, mas “aquela tentação não pode ter sido real, a menos que houvesse algo dentro dEle que lhe fosse correspondente.” Essa é uma falácia maior ainda. A “tentação” foi a sugestão e a incitação feitas extemamente pelo diabo, com todo o seu poder. Nosso Senhor Jesus foi tentado muito mais fortemente do que qualquer de nós o será jamais. O diabo pôs à mostra todas as suas reservas em sua tentativa de O abalar. Não conseguiu; entretanto tentou conseguí-lo com todas as suas forças.

Assim eu chego à minha quarta e última resposta ao diabo neste ponto. Uma tentação só se toma pecado quando a aceitamos, quando a afagamos, quando gostamos dela. A sugestão mesma, a tentação, o sentir desejo não é pecado. Aceitá-la, porém, apreciá-la e acariciá-la é pecado. Esse é o ponto vital onde devemos fazer esta distinção. A coisa em si não é pecado, mas aceitá-la e gostar dela é pecado, definitivamente. Alguém perguntará: “Como posso dizer se é tentação?” Sugiro alguns testes, sempre aplicáveis a nós mesmos e que nos habilitarão a fazê-lo.

Você tem consciência de que lhe sobrevêm os pensamentos, as imaginações e os desejos? Você vê, às vezes, que estes pensamentos ou imaginações lhe vêm, talvez, logo que você acorda de manhã, antes de começar a pensar ativamente, e antes de

você estar bem desperto? Se é assim, eles não são seus. Você não estava pensando, não teve tempo para pensar; todavia, eles já tinham vindo. Portanto, eles vieram de fora, e são os "dardos inflamados do maligno". Você já não notou também que, na realidade, enquanto você estava lendo a Bíblia, lhe vieram estes pensamentos? Evidentemente não eram seus, pois você estava concentrado na leitura da Bíblia. Talvez, quando você estava de joelhos em oração, lhe tenham vindo pensamentos blasfemos, ou alguma imaginação feia, obscena, vil. Isso não é seu. Se você está concentrado na oração, na leitura da Bíblia, ou no que for, e estas coisas surgem em sua mente, isso é prova segura de que o seu lugar de origem não é o seu coração, e sim o diabo. Nos momentos em que menos se espera, você vê que isso lhe acontece. Trate de reconhecê-lo imediatamente e, em vez de ficar deprimido, diga: "Mas eu estava concentrado nisto ou naquilo, e estas coisas me vieram." Isso está inteiramente correto: elas lhe "vieram". Dizemos isso (não dizemos?) com relação a outras esferas do pensamento ou de atividade, e parece que compreendemos isso com clareza. Dizemos: "Isso me ocorreu subitamente". O que você quer dizer é isto: "Eu realmente não estava nem pensando

nisso, não estava planejando isso, mas enquanto eu estava fazendo outra coisa, subitamente assomou-me isso". De maneira similar o diabo insinua estes pensamentos, traz a sugestão, lança-a em você. Portanto, é vital que você seja capaz de reconhecer que estas coisas podem vir a você, em vez de fazerem parte de você.

Agora considere um segundo teste. Você pode dizer com toda a sinceridade que as odeia, que as considera más e que as detesta completamente? Para alguns estas questões podem parecer triviais; porém posso assegurar-lhe que estas questões simples muitas vezes foram o meio de libertação de almas atormentadas. Eu poderia dar-lhe muitas ilustrações extraídas da minha experiência pastoral.

Cito somente um exemplo para ilustrar o meu ponto e para mostrar a necessidade de desenvolver isto detalhadamente. Lembro-me de uma senhora que era uma obreira muito ativa na igreja, superintendente de uma Escola Dominical da igreja, e que era também muito boa cantora e muito habilidosa para ensinar canto às crianças. De repente ela largou tudo aquilo e ficou em grande aflição porque foi atormentada por maus pensamentos, por pensamentos blasfemos, e por isso achou que não era cristã e que não era apta para realizar nenhuma obra cristã. Ela se demitiu de todos os cargos, não houve quem a persuadisse doutra coisa, ela estava em agonia de alma. Ela permaneceu naquela condição por um tempo considerável e, além disso, começou a dar sinais de estar ficando fisicamente doente. Todavia, tudo que era necessário no caso dela era aplicar estes pontos singelos. Eu lhe perguntei: "Você odeia estas coisas más?" "Eu as odeio com todo o meu ser", disse ela. "Muito bem", repliquei, "elas não são suas." Mas o diabo a tinha persuadido de que eram, de que, desde que ela tivera os pensamentos, por conseguinte eram dela. Eu lhe disse: "Eis o teste. Você os odeia, você os considera maus?" "Naturalmente", respondeu ela.

Então passei para o meu ponto subseqüente: "Você deseja ficar livre deles?" Disse ela: "Eu daria o mundo inteiro, se pudesse, para pôr um fim nisso". "Muito bem", disse-lhe eu, "você não consegue ver que estas coisas lhe estão vindo, lhe estão sendo lançadas?" Continuei: "Estas coisas são "os dardos inflamados do maligno". Não surgem de você mesma, e sim do diabo. Contudo ele a persuadiu de que vêm de dentro de você e, portanto naturalmente, as suas defesas foram abaixo e você foi derrotada completamente. Você tem que reconhecer o que lhe está acontecendo. Se você pode dizer que odeia estas coisas, que deseja ardentemente ficar livre delas, desgarrar-se e purificar-se delas, e nunca mais ter que sustentá-las, então eu lhe digo, elas não são suas, não lhes pertencem". E depois acrescentei um último e final ponto: "Como você está atormentada por estas coisas, pode dizer sinceramente que deseja

conhecer a Deus, que o seu maior desejo é conhecê-10, amá-lO e servi-IO, e viver sempre para o louvor da glória da Sua graça? Você pode dizer, assim como está, que o seu maior desejo é ser uma verdadeira filha de Deus e conhecê-ÍO e fruí-10? Se pode, não me preocupam os pensamentos ou as imaginações ou o que mais for — você é filha de Deus e está apenas sendo perturbada, presa e enganada pelas astutas ciladas do diabo.

Ainda não acabamos com esta questão de tentação; e faço acompanhar os testes que sugeri de uma palavra de exortação. Em primeiro lugar, e sumamente importante, devemos aprender a fazer as distinções a que já demos ênfase, a saber, a distinção entre você mesmo como ser e como personalidade, e o que o diabo está fazendo com você. Também é bom, nesta altura, lembrar o que nos é dito mais adiante, em nosso texto, sobre o "dia mau" — "para que possais resistir no dia mau". Às vezes o diabo faz o que estamos discutindo quase como uma avalancha. Ver-se-á que alguns dos maiores santos registraram tais experiências. Nem sempre é assim, mas às vezes o diabo vem como que de todas as direções, com toda a sua malignidade e poder, assesta as suas armas com a mira em nós, por assim dizer, e atira em nós os seus dardos inflamados. Lutero sentiu que foi assim na famosa ocasião em que ele pegou o tinteiro e o atirou no diabo. Ele sentia que o diabo enchia a sala e lhe sugeria coisas más. Este é o primeiro modo de manipular a situação — fazer essa distinção!

Em segundo lugar, recuse-se a sentir-se condenado. *Você é* que tem que fazer isto; não o farão por você. O diabo está procurando privá-lo da sua segurança; está procurando fazê-lo pensar que você não é cristão. Diz ele: "Um cristão, com pensamentos e imaginações tais como os que você está tendo no presente momento! É inconcebível! Você não é cristão, de maneira nenhuma!" Firme-se em sua posição e diga: "Sou cristão, e as suas provas não são provas; porque, de acordo com você, o meu Senhor tinha uma natureza pecaminosa, pois, do contrário, Ele não teria sido tentado. Você me está tentando como tentou o meu Senhor, e não conseguirá me abalar. O fato de que estou sendo atacado por você, longe de provar que não sou cristão é, em certo sentido, uma prova de que sou. Você não me daria muita atenção,

se eu não fosse cristão". Enfrente-o, ataque-o, recuse-se a ser condenado. Não deixe que ele tome a levantar toda a questão da sua salvação; reafirme-se na justificação somente pela fé, e diga: "Estou salvo, não por alguma coisa que eu faça ou tenha feito ou venha a fazer. Não estou salvo como resultado de ser eu tentado ou não; estou salvo porque o Filho de Deus me amou e Se entregou por mim; Ele o fez uma vez por todas; e seja o que for que você me faça, não afetará este fato mais que

certo". Firme-se, pois, na justificação pela fé e se recuse a ser condenado.

Neste ponto você está começando a obedecer à injunção das Escrituras a "resistir ao diabo". Tiago e Pedro nos dão clara instrução sobre esta matéria. Tiago, em sua epístola, dá-nos esta injunção específica: "Sujeitai-vos pois a Deus, resisti ao diabo, e ele fugirá de vós" (4:7). Pedro é igualmente claro sobre isto: "Sede sóbrios; vigiai; porque o diabo, vosso adversário, anda em derredor, bramando como leão, buscando a quem possa tragar" (1 Pedro 5:8), Que poderá você fazer? Haverá de sair correndo o mais depressa que puder? Não! "Ao qual resisti firmes na fé: sabendo que as mesmas aflições se cumprem entre os vossos irmãos no mundo."

De novo devo salientar que é essencial que você saiba como pôr em prática o conselho de Tiago e Pedro. Você deve descer aos pormenores. O diabo, como leão bramante, o ataca; ou lhe lança seus dardos. O que você deverá fazer? O que estou para dizer poderá parecer contradizer o que eu disse até aqui, porém, em minha experiência, muitas vezes foi o que pôs em liberdade muitas almas. Você resiste ao diabo negando-se a argumentar com ele, negando-se a arrazoar com ele. Há só uma coisa que fazer com o diabo, e essa é não fazer nada com ele, despachá-lo. Se você recçnhecer a sugestão dele, o seu pensamento, e começar a tentar argumentar, ele o derrotará todas as vezes. Adão e Eva eram perfeitos, mas foram derrotados. Quem é você para triunfar, quando eles fracassaram? Portanto, não argumente, afaste-se dele; não queira nada com ele. O que você tem que compreender é que estas coisas provêm do diabo e, portanto, você não tem nada que ver com elas, absolutamente nada. Diga-lhe: "Não tenho relações com você, não dou ouvidos ao que você diz. Você sempre foi mentiroso, desde o princípio, continua sendo mentiroso e é o pai da mentira. Não estou interessado". "Ah", ele dirá, "mas certamente você crê nas Escrituras, não é?" Responda-lhe: "Não estou interessado nas Escrituras, como você as cita; não me interessa nada do que você diga". Você pode rir disso, mas chegará o dia em que ficará muito agradecido por aquilo que eu disse. É essencial rejeitar o diabo *in toto* (total e completamente). Lembre-se de que ele pode transformar-se num "anjo de luz". Ele conhece as Escrituras muito melhor do que você, e dirá; "Mas, que é que você diz sobre isto?" Se insensatamente você disser, "Muito bem, vamos dar uma olhada nisto", estará agindo de maneira estulta. Não queira nada com ele. "Resistir" significa que você não tem absolutamente nada que fazer com ele. Diga-lhe que ele é mentiroso, empunhe "a espada do Espírito, que é a palavra de Deus", e faça o que eu estive falando. Não debata nenhum ponto,

nenhuma palavra, nenhuma frase; não queira nada com ele, e ele fugirá de você.

Em acréscimo, você poderá dizer-lhe: "Eu estou em Cristo; o sangue de Cristo está sobre mim, eu estou no reino de Deus; não pertenço mais aos seus trevosos domínios. Já pertenci, mas agora não. Fui transferido do reino das trevas para o reino do amado Filho de Deus; fui libertado dos seus domínios, e agora a minha herança está entre os filhos da luz. Houve tempo em que eu estava em suas garras — já não mais! O mundo inteiro jaz no maligno, em você. Eu não sou dali. "Vós sois de Deus, filhinhos, e o maligno não nos toca". Você não pode tocar-me. Não vou mais ser intimidado por você, não vou mais ficar alarmado, não vou mais receber suas sugestões, não vou mais ser levado à depressão por você. Você é mentiroso, nada tenho com você, e você não pode tocar-me". Então o diabo não poderá fazer nada.

Este é o ensino literal das Escrituras, e, graças a Deus, é literalmente verdadeiro! Portanto, você tem que atacá-lo desse modo, detalhadamente. Isso é "resistir-lhe, firme na fé". Todavia, acima de tudo, tomo a dizer, não discuta com ele, não arrazoe, não aceite nenhuma das suas sugestões nem por um momento, porque você será sempre derrotado. Rejeite-o, bem como todas as suas obras e tudo que lhe pertence, e ele será incapaz de tocá-lo.

O último passo desta exortação consiste em lembrar positivamente quem e o que você é. Lembre-se do seu atual estado e da sua posição em Cristo. Lembre-se da sua perspectiva, da sua expectativa. Este é o tônico mais excelente para qualquer cristão fraco. Isto é positivo. Até aqui estivemos tratando do problema negativamente, e isto é inevitável. Contudo, nunca pare nisso; passe para o tratamento positivo. Lembre-se da verdade acerca de si mesmo como cristão, que você já está salvo, que você já morreu com Cristo, que você está "em Cristo", que nunca você será mais salvo espiritualmente do que o é agora. Se você é mesmo cristão, está "em Cristo", foi crucificado com Ele. Assim, ser crucificado já não é coisa que você tem que fazer, "tendo crido". Romanos diz-nos o que aconteceu conosco, não o que deveria acontecer. "Você foi crucificado" — está no tempo aoristo. "Sabendo isto, que o nosso velho homem *foi* crucificado com Cristo", uma vez para sempre. Lembre-se disso. Lembre-se de que, assim como você morreu com Cristo, também ressuscitou com Ele, para estar sentado com Ele nos lugares celestiais e, portanto, o diabo o está atacando para abalar a sua confiança em sua completa segurança em Cristo.

Responda, pois, ao diabo redobrando a sua firmeza na verdade, procurando "fazer cada vez mais firme a sua vocação e eleição" (2 Pedro 1:10). Agarre-se firmemente a isso, volte às Escrituras e diga: "Esta é a minha posição", e firme-se nisso e permaneça nisso. Com isso, então, você estará capacitado a odiar mais ainda as sugestões, os

pensamentos e as insinuações do diabo. Assim, quando ele vier de novo, você será

capaz de resistir-lhe logo que ele aparecer, e não terá mais a luta que tinha antes. Você terá que continuar fazendo isto, e acabará fazendo tão bem, e com tanto êxito, que ele o deixará em paz daí em diante, e terá que pensar noutra coisa. Esta é a maneira pela qual, invariavelmente, este problema particular deve ser tratado pelo cristão.

Para completar este exame, permitam-me uma palavra adicional sobre a questão das dúvidas, embora, em certo sentido, isso já tenha sido tratado pelo que eu já disse. As dúvidas se relacionam com os pensamentos e sugestões propostos pelo diabo. No entanto num sentido elas constituem uma divisão especial. Ao povo cristão as dúvidas vêm acerca da própria verdade. Conheci bons cristãos que foram atormentados por dúvidas até acerca do ser de Deus ou de algum outro aspecto particular da fé cristã. Mais ainda, eles duvidavam do amor de Deus para com eles quando experimentavam dificuldades, provações e tribulações. Ou talvez o diabo tenha vindo a eles, atacando-os mais diretamente acerca da sua própria fé e dizendo que eles eram hipócritas ou impostores ou que o cristianismo pode ser totalmente explicado com bases psicológicas. Assim ele nos ataca e levanta dúvidas com o fim de tentar minar toda a posição do cristão em sua fé. Ademais, ele apresenta os mesmos argumentos insinuando que, uma vez que temos dúvidas, nunca fomos cristãos verdadeiros, que, se o homem crê de fato, nunca poderá ser tentado por dúvidas; que elas são provenientes de nós mesmos e, portanto, nunca fomos cristãos.

A resposta é exatamente como a anteriormente dada. Sejam quais forem os pensamentos e as sugestões ou insinuações, lembre ao diabo que você está bem ciente da sua existência, e que ele atacou o Filho de Deus exatamente da mesma maneira. Ele se aproximou do Filho de Deus e Lhe disse: *"Se* tu és o Filho de Deus...". Levantou uma dúvida. Foi assim que ele atacou o Senhor Jesus. Portanto, quando ele vier e lhe disser, "Você tem certeza de que é filho de Deus?", diga-lhe: "Você está repetindo o que fez com o meu Senhor; você tentou fazer isso até mesmo com Ele, de modo que não me surpreende que tente fazê-lo comigo". Assim se deve responder-lhe.

Depois, tome o testemunho dos santos, e verá que alguns dos maiores deles vez por outra foram atormentados, não por dúvidas, e sim pela tentação a duvidarem, pelos pensamentos que lhes vieram. Eles nos falam a seu respeito, e nos contam como puderam resistir ao diabo nesse campo.

Uma palavra final de advertência! Se o diabo o tem pressionado violentamente e você se sente realmente abalado por ele — ele pode

abalar-nos quando traz consigo as suas reservas, ele é por demais poderoso — se ele o aperta num canto, às vezes você verá que tem que recorrer a alguma coisa como a seguinte: dizer-lhe, "Pois bem, tudo que eu sei é isto: não posso responder-

lhe, porém o que sei é que eu quero crer, o meu desejo é crer; e isso prova que sou filho de Deus. Romanos capítulo 8 me diz que "a inclinação da carne é inimizade contra Deus, pois não é sujeita à lei de Deus, nem, em verdade, o pode ser". Eu não estou nessa situação, não estou em inimizade contra Deus. Meu desejo é conhecer a Deus. Não posso responder-lhe, mas sei que esse é o meu desejo; portanto, não sou "carnal". Se não sou carnal, só posso ser espiritual". Depois diga-lhe mais: "Em 1 Coríntios 2:14 leio que "o homem natural não compreende as coisas do Espírito de Deus, porque lhe parecem loucura; e não pode entendê-las, porque elas se discernem espiritualmente". Não sei onde estou; você me deixou confuso. Sei que sou indigno, e não sei o que está acontecendo comigo; todavia isto eu sei, que estas coisas não são "loucura" para mim. Estas coisas são tudo para mim. Longe de serem "loucas", são o meu maior desejo; não há nada que eu deseje tanto. Não posso responder-lhe; mas o meu desejo é esse. Por conseguinte, eu sei que não sou um homem natural; portanto, só posso ser um homem espiritual".

Pode ser que você tenha que enfrentá-lo dessa maneira, mas graças a Deus pelas Escrituras, que o capacitam a fazê-lo. Graças a Deus pela capacidade que o Espírito nos dá, habilitando-nos a usar esta espada do Espírito, que é a Palavra de Deus. E assim você revida ao diabo e o ataca, afirmando-lhe que, diga ele o que disser, o seu mais profundo desejo é conhecer a Deus e ao Senhor Jesus Cristo e ao bendito Espírito Santo, estar livre do pecado e ser um digno discípulo e um digno cristão. Firme-se nisso e diga ao diabo que você confia unicamente no sangue de Cristo. E mais tarde, no tempo devido, alguém poderá escrever o seu epitáfio, dizendo: "Ele foi como aqueles a quem se refere Apocalipse 12:11 — "eles o venceram pelo sangue do Cordeiro e pela palavra do seu testemunho".

DESÂNIMO

Ainda vamos tratar das maneiras pelas quais o diabo investe contra nós na esfera da nossa experiência. Temos examinado este problema em diferentes aspectos — dos pontos de vista da segurança, da extinção do Espírito e do problema dos pensamentos que o diabo nos sugere.

Agora passamos a outro grupo que pode ser englobado sob o título de "desânimo geral". Até aqui estivemos tratando do que poderíamos denominar formas particulares de desânimo com as quais o diabo procura afligir-nos. Se me pedissem para arriscar um palpite sobre qual será a doença predominante na Igreja hoje, eu sugeriria que é o desânimo. Uma razão para isso é o estado geral do mundo, o estado geral da sociedade. Vivemos dias difíceis e desanimadores. Todavia há pessoas que não sentem nenhum desânimo. Mas isso se deve a um defeito do seu temperamento. Seus olhos não estão abertos, não são pessoas sensíveis; provavelmente acham-se tão interessadas em suas próprias atividades que não podem ter uma visão geral das coisas. Entretanto, falando em termos gerais, os dias atuais são muito desanimadores para a Igreja e para o cristão individual; e o diabo trabalha constantemente neste aspecto particular da vida e experiência cristã.

Muito espaço é dado à consideração deste assunto na Bíblia. Muitos salmos se dedicam inteiramente a ele; o salmista está desanimado e se dirige à sua alma: "Por que estás abatida, ó minha alma?" Muitos salmos tratam desse sofrimento de maneira maravilhosa. No entanto isso está igualmente presente no Novo Testamento. A tentativa de diferenciar o Velho Testamento do Novo neste aspecto é completamente falsa. Há quem diga: "Mas os santos do Velho Testamento não tinham o Espírito Santo como nós temos". É verdade, contudo isso não deve ser interpretado como querendo dizer que os cristãos nunca experimentam desânimo; pois experimentam; e muita atenção é dada ao assunto nas páginas do Novo Testamento.

Este desânimo tem muitas causas. A primeira, à qual já nos referimos, é a questão de temperamento. Certas pessoas são mais propensas ao desânimo do que outras. Você não pode evitar isto, nasceu com o seu temperamento, e não há nada errado com o temperamento. Opinei num

capítulo anterior que provavelmente o melhor tipo de temperamento é o que foi muito elogiado por William Cowper, a saber, aquele que experimenta algo deste elemento melancólico, mas também é capaz de subir às alturas. Seria interessante discutir para saber qual é finalmente o melhor tipo de temperamento, o do extrovertido ou o do introvertido; o da pessoa fleumática com tendência para ser um tanto melancólica, ou o da totalmente extrovertida, sangüínea e otimista. Contudo, se alguém nasceu com o temperamento tendente ao tipo mais sério e desalentado, o diabo provavelmente

tirará pleno proveito desse fato.

Portanto, uma das primeiras coisas que precisamos aprender na vida cristã é conhecer-nos a nós mesmos. Você não pode viver apropriadamente consigo mesmo, se não se conhece. Há muitas pessoas, parece-me, que nunca se conheceram realmente a si mesmas. Nunca se examinaram verdadeiramente, nunca reconheceram o tipo a que pertencem e, portanto, não estão cientes de que têm que tomar extraordinário cuidado em certos pontos. Trate de conhecer-se, fale consigo mesmo e ponha a vigilância especial em certos pontos. Se você achar difícil fazer isto sozinho, deverá consultar outros e pedir-lhes ajuda. É sempre mais fácil ver as coisas nos outros do que em nós mesmos. Você precisa procurar conhecer as suas fraquezas e as suas tendências; e depois, uma vez tendo-as conhecido e observado, você já terá percorrido longo trajeto rumo a uma vitória completa sobre o diabo e as suas artimanhas.

Além disso, o temperamento melancólico é particularmente propenso ao que denominarei tendência para a introspecção e a morbidez. Quer dizer, a tendência para passar tempo demais olhando para dentro de nós, examinando-nos a nós mesmos, e sempre vigiando e observando como estão a nossa disposição de ânimo, o nosso estado e as nossas condições. "Mas", dirá alguém, "você mesmo salientou que devemos examinar-nos a nós mesmos e descobrir a verdade acerca de nós mesmos e do nosso temperamento." É justamente aí que as astutas ciladas do diabo entram. O auto-exame é ordenado nas Escrituras. Todo homem ou mulher que nunca se rende ao auto-exame, necessariamente é um cristão fraco. O apóstolo Paulo, escrevendo aos coríntios, na segunda epístola, no último capítulo, diz: "Examinai-vos a vós mesmos". O tipo de cristão que nunca se examina a si mesmo, necessariamente é um cristão fraco. Significa que ele está satisfeito consigo mesmo, que ele pensa que já tem tudo. Notem-se, porém, as palavras do último capítulo da Epístola aos Gálatas, versículo 3: "se alguém cuida ser alguma coisa, não sendo nada, engana-se a si mesmo". Esse é sempre o problema que há com o homem que não se examina a si mesmo.

Contudo, no caso dos que são dados ao auto-exame, o diabo,

sabendo que eles são sensíveis, dotados de índole espiritual, inteligentes e muito interessados em obedecer à injunção bíblica a crescerem e progredirem na vida cristã — o diabo, sabendo disso tudo, vem pressioná-los precisamente nesta questão de auto-exame. Ele os induz a isso, prende-os a isso e os mantém nisso a tal ponto que consegue levá-los a uma condição de total depressão. Eles se sentem desesperançados; ficam completamente confusos e sem saber o que fazer. Aí está, suponho, uma das causas mais comuns desta condição; é quando você cruza a linha do auto-exame para a introspecção doentia.

O próprio vocábulo introspecção, neste sentido, é uma boa descrição; significa que

as suas máquinas fotográficas e os seus telescópios, todos os seus instrumentos e mecanismos de investigação, estão voltados para o seu ser interior, para o seu íntimo. Isto se faz acompanhar de uma condição de morbidez, o que significa que a alma não pode funcionar bem. É uma espécie de paralisia, uma doença orgânica da alma e do espírito. É resultado do exagero numa coisa que em si mesma é boa e certa. É aí onde as artimanhas do diabo são eficazes. Raramente o diabo tenta uma pessoa desse tipo a cometer algum pecado flagrante. Todavia ele tem sucesso com tais pessoas simplesmente levando-as a voltar-se tanto sobre si mesmas, que elas ficam completamente deprimidas e num estado de acabrunhamento, paralisia e inutilidade.

Da resposta ao diabo neste ponto trataremos posteriormente, quando chegarmos às várias peças "de toda a armadura de Deus"; [1] mas não o deixarei sem uma palavra de encorajamento a alguma alma introspec-tivamente mórbida. Ao cristão que se vê tentado a dizer: "Por que incomodar-nos com isso tudo? Essas pessoas só precisam é de uma boa sacudidela!", replico empregando as palavras que Paulo escreveu aos gálatas: "Levai as cargas uns dos outros, e assim cumprireis a lei de Cristo" (6:2). Se você não tem conhecimento desta condição, asseguro-lhe que pode ser uma experiência terrível pela qual passar, e de qualquer forma é muito difícil decidir qual das duas pessoas está na situação melhor, esta pessoa mórbida, introspectiva, ou a extrovertida que nunca se examina a si mesma e que pensa que é alguma coisa, quando não é nada. "Levai as cargas uns dos outros"; e, ao mesmo tempo, "cada qual levará a sua própria carga". Mantenhamos estes pensamentos em nossas mentes.

Começamos com um princípio geral: depressão é sempre um erro. O cristão não tem direito de ficar deprimido. Faço essa colocação de-liberadamente porque muitas vezes a compreensão dessa verdade é a

porta de escape e de libertação. A tragédia é que quando o diabo nos atormenta e nos mete neste estado, não tomamos consciência disso. Ficamos tão preocupados com a análise própria e com a catalogação das minúcias das nossas deficiências, que não nos vemos como um todo, não nos vemos globalmente. Às vezes tudo que é necessário é isso — subitamente passamos a ver-nos a nós mesmos, na leitura das Escrituras, ou ao ouvir um sermão, ou numa conversa. Subitamente nos enxergamos como cristãos deprimidos e acabrunhados, sentados num canto, enquanto homens e mulheres perto de nós e ao redor de nós estão indo inadvertidamente para o inferno. Tanto nos preocupamos conosco, que nos tomamos totalmente inúteis. Não só isso; percebemos também que evidentemente estamos dando a impressão de que não é grande coisa ser cristão, se nos leva a isto. Assim, não somente não estamos ajudando os outros; estamos fechamos a porta de entrada ao reino de Deus para eles. Subitamente você se vê desse jeito, e você se levanta e diz: "Basta com isso! Nunca mais!" É assim que se começa. Depois enfrente o diabo

com a arma dele. Ele terá citado a Escritura: "Examinai-vos a vós mesmos; provai-vos a vós mesmos, se permane-ceis na fé." Responda dizendo: "Certo, devo fazê-lo". Mas então vire-se para o diabo e diga: "Ora, há outros ensinos nas Escrituras". E um que seguramente encaixa imediatamente neste ponto é a justificação pela fé somente.

Por que o cristão, homem ou mulher, fica deprimido? É porque ele se examinou a si mesmo desta maneira minuciosa — é sempre uma questão de pormenores, de pontos refinados, de tomar o pulso espiritual, de medir a temperatura espiritual. É levada a efeito toda investigação que se pode imaginar, e depois os resultados são reduzidos a uma sinopse. Eis aí, então, o registro; e é péssimo. A conclusão óbvia que se tira é: "Muito bem, será que sou cristão mesmo? Alguma vez fui realmente cristão? Será possível?"

O objetivo do diabo é conseguir que alimentemos esse sentimento. Se ele conseguir fazer que nos examinemos de tal maneira que isso não seja apenas uma introspecção, mas nos leve à conclusão de que nunca fomos cristãos, ele ficará mais que satisfeito. Estou procurando fazê-los lembrar-se de que a resposta fundamental ao diabo é que, seja como for que nos sintamos, continuamos sendo cristãos. Contudo, como prová-lo a nós mesmos? Essa é a real necessidade neste ponto. O modo de fazê-lo — e esta é a razão por que os reformadores protestantes viram que este é o artigo fundamental de uma igreja para que se firme ou caia — é lembrar-nos da justificação só pela fé! O diabo diz: "Olhe a sua ficha, só há uma conclusão, você não é cristão, nunca foi." Responda ao diabo dizendo-lhe que o que toma um homem num cristão

não é nada que se ache nele, e sim "o sangue de Jesus e a Sua justiça". Graças a Deus por isso, pois se todos nos examinássemos verdadeiramente a nós mesmos e tentássemos decidir com base no registro da nossa própria vida se somos cristãos ou não, nunca existiria nem um único cristão! Há somente uma coisa que nos faz cristãos — a justiça de Cristo, e nada mais.

Jesus, meu Salvador, Teu sangue e Tua justiça minha beleza e meu glorioso traje são.

Assim, você deve virar-se para o diabo e dizer-lhe: "Sim, tudo isso está absolutamente certo; mas não prova que eu não sou cristão porque, mesmos como sou, continuo olhando somente para Jesus e continuo pondo unicamente nEle a minha confiança". Se você deixar de fazer isso, estará sendo derrotado pelas astutas ciladas do diabo, e será culpado de introspecção doentia e de morbidez.

Como devemos, pois, tratar de toda esta questão de auto-exame? Examine-se a si mesmo, como as Escrituras lhe dizem que faça; examine-se à luz do ensino bíblico, depois reconheça com toda a sinceridade as suas faltas, as suas falhas, as suas culpas, tudo. Aí chega o momento crucial. Em vez de sentar-se e condenar-se, gemer, resmungar e deplorar os seus fracassos, e de passar o tempo voltado para si mesmo,

descobrindo então mais defeitos ainda, e continuando neste processo de completa auto-condenação — em vez de fazer isso, com a lista de pecados e falhas na mão, vá a Deus. Ponha-se sobre os joelhos e confesse tudo a Ele, arrependa-se de tudo isso, e expresse o seu remorso e o seu pesar. Leve tudo isso a Ele e diga, "É verdade estou desalentado, estou errado". Mas não pare aí. Havendo confessado tudo com vergonha, com sinceridade e com verdadeiro arrependimento, recorde o que Ele lhe disse, e o que Ele está lhe dizendo nesse momento, se tão-somente você ouvi-lO, em vez de ouvir o diabo. O diabo lhe estará sussurrando, talvez até gritando, ele estará dizendo que você nem sequer tem direito de ir à presença de Deus porque você é aquele fracasso, é uma pessoa sem esperança. Se você der ouvidos ao diabo, irá levantar-se da oração tão acabrunhado como antes. Entretanto, ouça a voz de Deus! Ele está falando com você nesse momento, e eis o que Ele está dizendo: "Se confessarmos os nosso pecados" — e isto é para pessoas cristãs — "Se confessarmos os nosso pecados, ele é fiel e justo, para nos perdoar os pecados, e nos purificar de toda a injustiça" (1 João 1:9). CreianEle! CreianEle aíeagora! Agradeça-Lhe imediatamente. Diga: "Ó Deus, mal posso crer nisso, mas creio. Eu sei que a Tua Palavra é a verdade, e neste ponto estás dizendo que és fiel, que serias

infiel à Tua própria Palavra se não me perdoasse por amor a Cristo. A Tua justiça está envolvida. Trataste deste mesmo pecado, deste catálogo de pecados, em Cristo na cruz; tudo foi perdoado". Aceite isso, dê graças a Deus por isso, levante-se e vá viver a vida cristã como deve ser vivida. Trate de compreender mais que nunca a sua necessidade da força e do poder que lhe vêm unicamente mediante o Espírito Santo, porém lembre que uma parte da dádiva da salvação é o dom do Espírito presente em você. Procure compreender que Ele está em você, que Ele pode capacitá-lo a agir, que, embora você seja fraco, frágil e indigno, Ele pode tomá-lo mais que vencedor. Trate de compreender que Ele pode ser o veículo do poder de Cristo, e pode trazê-lo a você. Lembre-se de que, assim como está, você é membro do corpo de Cristo, de que Ele é a Cabeça, e de que a vida e poder vêm através de todas as juntas e de todas as partes componentes, como o apóstolo ensina no capítulo quatro, versículo dezesseis desta Epístola aos Efésios. Lembre-se disso tudo, ponha-se de pé e vá em frente.

No entanto o que você nunca deve fazer é sentar-se num canto e ficar girando, girando nesse redemoinho, nesse vórtice de fracasso, derrota e autocondenação. A introspecção doentia e a morbidez são erradas, na verdade são pecaminosas, e o cristão não tem direito de ficar deprimido dessa maneira. A libertação virá quando você perceber o que o diabo está tentando lhe fazer, e que ele o cegou temporariamente para justificação somente pela fé. A justificação pela fé é sempre o lugar onde você pode se firmar. Toda vez que você vir que está escorregando para baixo na rampa da depressão, o lugar onde sempre você haverá de recuperar a estabilidade e de encontrar um ponto de apoio para os pés, é a justificação pela fé somente. Ela vence a maioria das ciladas do diabo. Portanto, estejamos seguros

quanto a isto, pois é o remédio por excelência contra a morbidez e a introspecção doentia.

Você foi aliviado? Já foi liberto? Ou continua dizendo: "Ah, sim, mas se você soubesse..."? Pois bem, se você diz isso, perdeu a questão toda. Não existem "mas" e "se" onde o que está emfoco é a justificação pela fé. Não importa qual a verdade a seu respeito; quão sórdido, quão vil, quão desesperançado, quão ignorante! Não importa o que você possa dizer de si próprio; jogue fora tudo. A justificação pela fé significa que, apesar do que você é, Cristo morreu por você. "Enquanto ainda éramos inimigos", "quando ainda estávamos sem forças, Cristo morreu por nós." Assim, se você fica interpondo os seus "mas" e "se", você não enxergou a verdade. Nada há de valor em nenhum de nós, e se você fica olhando para você mesmo, em qualquer sentido, você está nas mãos do diabo; ele o derrotou com as suas astutas ciladas. Você deve ver claramente que, assim como está, se você está olhando para

Cristo, e confiando somente na obra perfeita que Ele realizou em seu favor, você está salvo. Ele o salva pela obra que Ele consumou em seu favor, e somente por isso. Essa é a resposta! Você deve chegar a esse ponto, deve impulsionar-se para chegar ali; e, havendo feito isso, levante-se, ataque o diabo e rechace-o. Diga: "A honra de Deus está envolvida nesta questão; "ele é fiel e justo, para nos perdoar os pecados, e nos purificar de toda a injustiça."

Estreitamente ligado a isto, há outro modo pelo qual muitas vezes o diabo nos ataca. Não se confunde com o anterior porque freqüentemente aflige pessoas não dadas à introspecção. Trata-se de um sentimento de falta de progresso. Isto nem sempre é resultado de exame, mas vem de várias maneiras. Podemos sentir que não estamos fazendo nenhum progresso em nossa apreensão da verdade, ou em nossa compreensão da verdade e do métodos de salvação; podemos sentir que não estamos crescendo muito na graça e no conhecimento do Senhor, ou nas realizações. Às vezes isto acontece como resultado de olharmos para os outros, e não por um processo de auto-exame. Dizemos: "Parece que aquelas pessoas têm entendimento e crescem segundo meios e maneiras que eu não consigo acompanhar; elas possuem muito mais do que eu". Você pode sentir isso quando encontra outros irmãos da mesma igreja, ou às vezes em conseqüência de alguma leitura. Naturalmente não estou dizendo que o cristão não deve ler; todavia, dado que a leitura e muito valiosa para o cristão, o diabo dá incomum atenção a isso. Ele faz as pessoas lerem acerca de alguns grandes santos, e depois de o terem feito, diz: "Isso é que é cristianismo! Onde está você? Assim é que se vive a vida cristã! Onde está você?" Ele aborda um pregador e o leva a ler o diário de George Whitefield, e diz: "Isso é pregação; é assim que deve ser o ministro cristão; que há com você?" E o pobre pregador logo acha que nunca pregou de verdade em sua vida, acha que não fez nada! Assim o diabo toma estes excelentes meios, providenciados pelo próprio Deus, e fazendo estas comparações e contrastes, ele nos faz sentir que não temos feito progresso, que

não temos absolutamente nada, que não entendemos as coisas, que nunca tivemos uma experiência, que nunca realizamos nada de valor. E mais uma vez ficamos num estado de depressão.

A resposta para isso é simplesmente esta: seja você mesmo! Nunca se pretendeu que você fosse coisa alguma, senão você mesmo. Problema que não acaba mais é causado por desejarmos ser o que não somos! Que loucura é isso, em todas as esferas! Mesmo ao nível natural é errôneo. Não há nada tão tolo como você querer ser o que não é — o desejo de ser alto ou baixo, o desejo de ser desta ou daquela cor, de ter este ou

aquele poder. Que loucura! E como é inútil, pois ninguém pode mudar a si próprio! Mas, além disso, porque haveríamos de mudar? É maravilhoso cada um ser o que é. Cada qual é um indivíduo feito por Deus. Estas coisas não são acidentais. Há grande valor na individualidade. Se você fizer uma análise detalhada de todos nós, e depois tomar os pontos salientes e colocá-los em colunas, verá que eles se equilibram de maneira extraordinária no fim. Temos a tendência de atribuir demasiada importância a certas coisas, deixando de perceber o valor doutras. Contudo, Deus vê tudo de maneira diferente. Coisas que o mundo jamais conhece, são preciosas aos olhos de Deus. O Senhor Jesus contou a parábola da mulher que deu duas pequenas moedas na coleta, a fim de ensinar essa verdade. O mundo não presta atenção em duas pequenas moedas — dois milhões são maravilhosos; duas moedas não são nada; não porém aos olhos de Deus!

Isso é verdade quanto às nossas personalidades; portanto, o modo de responder ao diabo é compreender este princípio e dizer: “Eu sou eu mesmo, sou o que fui destinado a ser; e tudo que Deus requer de mim é que eu faça o melhor e o máximo que puder, como sou. Não se requer de mim que eu seja uma grande pedra angular do edifício, mas é necessário existirem diversas pedras soltas para preencherem as brechas entre as pedras grandes. Talvez eu seja apenas uma dessas, porém se não houvesse nenhuma delas, as outras não poderiam suster a parede, e nunca se ergueria o edifício”. Em 1 Coríntios capítulo 12 há uma exposição completa deste assunto. “Os membros do corpo que parecem ser os mais fracos são necessários.” Não os despreze, não zombe deles, não os olhe com soberba. Cada parte do corpo é essencial para o funcionamento e o desempenho do todo. Não existe um cristão sem importância, assim como não existe membro de igreja sem importância; cada um de nós tem o seu valor. Há alguns membros muito aquietados em toda igreja, mas muitas vezes eles desempenham uma grande função simplesmente sendo amáveis. Às vezes eles ajudam mais do que os membros mais dotados. Estes agem de maneira diferente; mas todos os tipos são necessários.

Não tente ser uma coisa para a qual você não foi destinado; não inveje alguém que parece maior ou mais importante que você. Ou, se você é maior e mais importante,

não despreze os outros. “Cada qual levará a sua própria carga.” Levamos as cargas uns dos outros, mas levamos as nossas próprias cargas também. Deus somente o responsabilizará pelo que você fez com o que Ele lhe deu. Foi Deus quem decidiu quanto lhe dar. Seja fiel com o seu único talento, seja este o quer for, e use-o ao máximo. Sejá fiel com os seus cinco talentos, se lhe foram dados cinco. Todavia o que Deus deseja é que cada um de nós se dê

conta do privilégio de ser o que é. Embora eu seja tão indigno, tão pequeno e tão insignificante, “sou o que sou pela graça de Deus”, e Deus me conhece, Cristo morreu por mim, sim, até por mim! Não devo menosprezar-me, não devo estar constantemente comparando-me com outros. Devo viver a minha vida com o temperamento e a personalidade que Deus me deu. Pretendo usar tudo isso ao máximo, para a glória de Deus. Não posso fazer mais que isso, e sei que Deus não espera nada além disso. Responda ao diabo dessa maneira.

Cansar-se de fazer o bem é outra manifestação muito comum das ciladas do diabo. Como eu disse anteriormente, talvez esta seja a manifestação mais comum na época atual. Os cristãos são tentados a dar lugar ao cansaço pelas tensões da vida, pela natureza monótona da “rotina diária e das tarefas comuns”, pelo desânimo, pelas dificuldades e pela ausência de acontecimentos notáveis. Estamos vivendo maus dias. São maus dias em todos os aspectos, e não somente no mundo em geral mas também na igreja. Quando comparamos e contrastamos os dias atuais com os de há duzentos anos, vemos a diferença. Que dias foram aqueles, com o Espírito de Deus derramado sobre o grande Despertamento Evangélico do século dezoito, e coisas tremendas acontecendo sob o poder do Espírito de Deus durante o avivamento! E de novo em 1857, 1859 e 1860, chegando até 1861 — que dias maravilhosos! Depois olhemos para os nossos dias; que dias de desalento são eles! Tão pouca coisa acontecendo! Tudo parece estar contra nós; surgiram novos problemas, que militam conta a Igreja e sua obra, e contra a vida do cristão individual. Todo o ritmo da vida aumentou, levando a tensões e fadiga, as donas de casa sentindo-se como nunca se sentiram antes. Tudo isso tende a produzir esta condição de cansaço e enfado. Começa a tomar vulto o sentimento que nos leva a indagar: “Vale a pena continuar? Há deveras algo nisso tudo? Preciso manter este ritmo? Parece que nada acontece — bem, afrouxemos um pouco o passo, levemos as coisas de modo mais leve e suave.” Assim o diabo vem com os seus ardis e com as suas insinuações. No país todo há conhecidos meus, homens e mulheres, que pregam domingo após domingo a pequenas congregações. Recentemente conversei com um homem que pregara a quatro pessoas no domingo anterior. Disse ele: “Às vezes começo a indagar se vale a pena”. Há centenas de homens como esse, espalhados por todo o país. Lembro-me de uma noite, após ter pregado, há cinco ou seis anos, quando um homem irrompeu no meu gabinete pastoral, dizendo que ia pegar o trem de volta para Newcastle-upon-Tyne. Realmente me procurou para dizer só uma coisa. Disse ele: “Só quero que você saiba isto: se alguma vez o diabo tentar

desanimá-lo, quero que saiba que, muitas vezes, basta eu pensar na Capela de

Westminster para recobrar o alento e prosseguir." Disse ele mais: "Sou um minúsculo pregador leigo na minha região, e, você sabe, às vezes o diabo me diz: "Vale a pena o que você está fazendo? Haverá apenas três ou quatro pessoas lá, talvez nove ou dez, um punhado só; vale a pena continuar?" "Acrescentou ele ainda: "O que muitas vezes me faz ir adiante é simplesmente isto: digo a mim mesmo, "Provavelmente aquele homem vai para o púlpito em Westminster esta noite, e vai pregar a uma grande congregação. Nós estamos na mesma batalha! Eu vou avante; Deus não esta interessado em números". Assim o diabo vem e tenta desanimar-nos de várias maneiras; e começamos a duvidar se afinal vale a pena prosseguir.

Pode acontecer que o cristão individual sinta isto, mesmo em sua família. Talvez você seja o único cristão na sua família, tendo tudo contra você. Você está sendo mal compreendido, escarnecido e criticado, e diz: "Ora, faz anos que estou vivendo diante deles como cristão, e isso não parece tê-los ajudado, nem parece ter feito diferença alguma; só estou sofrendo repulsa de todo lado. Pergunto-me se não devo afrouxar um pouco. Terei que continuar deste jeito? Se eu tivesse algo para mostrar, estaria tudo bem; porém não há nada que eu possa mostrar; só o que há é árduo labor. Estou lutando contra tudo o tempo todo." O diabo vem e diz: "Relaxe, desista."

As Escrituras nos oferecem convincentes respostas a esse tipo de tentação; elas nos apresentam grandes e gloriosos textos. "Não se canse de fazer o bem!" (Gálatas 6:9). Essa é uma resposta. O que você está fazendo não somente vale a pena, mas é a mais maravilhosa e a mais gloriosa coisa do mundo; "fazer o bem". Você está lutando pela verdade, está lutando por Cristo, está lutando pelo reino da luz contra o reino das trevas. Sei que não há muito para mostrar, entretanto isso não importa. Você está aí; você não é o Sol, talvez, contudo é uma pequena vela, e graças a Deus pela luz de uma vela onde não há nada senão escuridão, trevas e desespero. "Não se canse de fazer o bem!" Você representa tudo que há de nobre, verdadeiro, belo, justo e santo num mundo de desonra, pecado, trevas, baixeza e sujeira. Firme o pé em "fazer o bem". "A seu tempo ceifaremos, se não houvermos desfalecido."

Vejamos em seguida Zacarias capítulo 4: "Quem despreza o dia das coisas pequenas?" "Ah", você dirá, "mas o que há que demonstre os meus esforços?" Concordo que não há muito para mostrar hoje, como também havia muito pouco para mostrar no tempo de Zacarias. Essa foi a mensagem dada após o Cativeiro, quando os exilados que voltavam estavam apenas começando a repovoar o território. Pouco parecia estar acontecendo. Defrontava-os uma montanha de dificuldades, e eles

diziam: "Estamos avançando uma ou duas polegadas, talvez, mas, antes de realizamos muito, temos que vencer aquela montanha, passando para o outro lado; é

um dia de pequenas coisas. Se não avançássemos nada, não faria diferença; que é uma polegada ou meia polegada quando somos confrontados por uma montanha?" No entanto, a resposta de Deus foi: "Quem és tu, ó monte grande? ... serás uma campina... Não desprezes o dia das coisas pequenas". As coisas pequenas são, nada obstante, coisas de Deus. Algumas das coisas de Deus são muito pequenas, porém são de Deus; e se você acabar com todas as coisas pequenas que há no mundo, as coisas grandes logo entrarão em colapso. Numa grande empresa talvez pensemos que o único homem importante é o Diretor Geral. Não é assim; precisamos do menino de recados! Isto se aplica a todas as esferas da vida. "Nenhuma corrente é mais forte que o seu elo mais fraco." "Não despreze o dia das coisas pequenas." O agricultor lança no solo as suas sementes. Pode acontecer que a primavera seja decepcionante; não se vê o sol, e não se vê chuva; o tempo é frio, cortante e nebuloso; não acontece nada. Terá ele desperdiçado a sua energia porque não parece acontecer nada? Finalmente surge um pequeno broto, apenas um pequenino arremedo de vida; e ele diz: "Que é isso? Não é coisa nenhuma. O que eu quero ver é uma lavoura de milho ou de trigo plenamente desenvolvido e maduro. Só assim é que ficarei satisfeito, e você me mostra só esse pedacinho de verdura!" A resposta é, "Não despreze o dia das coisas pequenas". Esse é o método de Deus. "O moinho de Deus mói devagar, mas mói muitíssimo fino." "Aquele monte grande será aplanado e se tomará uma planície." Não despreze nada do que acontece no reino de Deus, seja seu trabalho ou de outrem.

Noutras palavras, trate de dar-se conta de que tudo que você está sentindo se deve ao diabo e a nada mais, que ele está usando esta idéia de enormidade e grandeza, coisa tão comum hoje, a idéia de que, se uma coisa não é grande e grandiosa, não é nada. Não acredite nisso! É mentira. Civilizações entraram em colapso pela negligência de coisas pequenas. Foi assim que o Império Romano declinou. Os povos e os indivíduos propensos a negligenciar minúcias, estão condenados à desgraça. "Não despreze o dia das coisas pequenas."

Vejamos ainda: o Senhor Jesus ensinou que temos "o dever de orar sempre,enunca desfalecer" (Lucas 18:1). Atendência para desfalecer está sempre presente; porém veja se compreende a quem você pertence. "Não por força nem por violência, mas pelo meu Espírito, diz o Senhor dos Exércitos." Por mais fraco ou desfalecente que você seja, a verdade é sempre essa. O Espírito de Deus está em você. Ore a Deus o Pai, ore a Deus o Filho, ore a Deus o Espírito. Os homens têm "o dever de orar

sempre, e nunca desfalecer". Se você orar, não desfalecerá. Assim, quando você desfalecer, busque a Deus e fale com Ele sobre isso; peça-Lhe que lhe dê força e poder para prosseguir com o que você está fazendo, ciente de que é Sua obra, que é "fazer o bem". E Ele lhe responderá dizendo: "Não se canse de fazer o bem." "E não nos cansemos de fazer o bem, porque a seu tempo ceifaremos, se não houvermos desfalecido." Está prestes a chegar a hora de se fazer uma grande colheita. "As

coisas que o olho não viu, e o ouvido não ouviu, e não subiram ao coração do homem, são as que Deus preparou para os que o amam" (1 Coríntios 2:9). Você pode estar passando por um período duro e difícil; talvez você esteja sendo mal compreendido e difamado, perseguido, pisado e criticado. E você está cansado e enfadado, muito possivelmente sua saúde está periclitando, e você está quase no ponto de exaustão. Vá adiante, eu digo: "Não se cansa de fazer o bem, porque a seu tempo ceifaremos". Virá o dia em que você será recebido com estas palavras maravilhosas: "Bem está, servo bom e fiel" (Mateus 25:21, 23). Você perseverou; você se manteve firme. Erga os olhos, olhe para Deus, e receberá dEle as forças necessárias — "os que esperam no Senhor renovarão as suas forças, subirão com asas como águias: correrão, e não se cansarão; caminharão, e não se fatigarão" (Isaías 40:31). Se você estiver sofrendo com Cristo agora, também reinará com Ele; você é um "herdeiro de Deus, e co-herdeiro com Cristo".

Eis nossa derradeira palavra sobre este assunto: o Filho de Deus esteve outrora neste mundo, e Ele veio de maneira muito humilde. Foi esbofeteado, escarnecido, e até mal compreendido por Sua própria mãe e por Seus irmãos. Foi maltratado pelas autoridades religiosas, pelos fariseus, pelos escribas, pelos saduceus e pelos doutores da lei. Quão pouco parece ter realizado! Tão pouco que João Batista, num ataque de depressão, enviou-Lhe seus mensageiros perguntando: "És tu aquele que havia de vir, ou esperamos outro?" (Mateus 11:3). João Batista estava dizendo efetivamente: "Que é que o Senhor está fazendo na Galiléia? Por que não vai para Jerusalém para ser coroado rei e mobilizar um grande exército e levar de vencida os romanos? Que é que o Senhor está fazendo? Não está fazendo nada, além de pregar a um punhado de gente comum. Quem são essas pessoas? Que valem?" Foi esse o tipo de vida que Ele teve que viver. As vezes Se cansava; uma vez ficou tão cansado que não teve disposição para ir até a aldeia comprar provisões com os Seus discípulos, pelo que sentou-Se à beira de um poço em Samaria. Noutra ocasião estava com tanta fadiga que olhou para as pessoas e lhes disse: "Quanto tempo terei que estar com vocês? Até quando os suportarei?" (cf. Marcos 9:19). Tudo estava

contra Ele; até os Seus seguidores O compreendiam mal. Todos eles O abandonaram por completo e fugiram no fim, e Ele foi deixado sozinho. Mas Ele prosseguiu. Quando o fim se aproximava, Ele clamou: "Meu Pai, se é possível, passe de mim este cálice; todavia, não seja como eu quero, mas como tu queres" (Mateus 26:39) — seja qual for o preço! Ele prosseguiu! E O mataram; Ele morreu e foi sepultado. Mas ressurgiu, entrou no céu e está sentado à destra de Deus na glória, com todo o poder.

O que estou dizendo é isto — "deixemos todo o embaraço, e o pecado que tão de perto nos rodeia, olhando para Jesus, autor e consumidor da fé, o qual pelo gozo que lhe estava proposto suportou a cruz, desprezando a afronta". "Ainda não resististes até ao sangue, combatendo contra o pecado" (Hebreus 12:1-2, 4). Ele o fez!

Meu amigo, em seu cansaço e fastio, em seus pecados e fracassos, olhe para Jesus, o Autor, o Líder, o Primeiro da fila, o Consumador, Aquele que é a Cabeça. Você O está seguindo. Procure dar-se conta da grandeza do seu privilégio. Vá em frente; mantenha os seus olhos fixos nEle, orando sem desfalecer, não desprezando o dia das coisas pequenas, não se cansando de fazer o bem. Se sofrermos com Ele, também seremos glorificados juntamente com Ele. E vem o "dia do coroamento", quando você haverá de entrar na herança que lhe cabe, e haverá de passar toda a eternidade com Ele na glória!

[1]

Num volume futuro.

ANSIEDADE E PREOCUPAÇÃO

Um modo como o diabo utiliza o desânimo geral muito frequentemente é mediante a ansiedade e a preocupação. Aqui está um ponto em que de novo o temperamento desempenha o seu papel. Já vimos que o diabo nos conhece melhor do que nós mesmos, e articula a sua tentação e abordagem específica ao longo da linha do nosso temperamento. Alguns cristãos são naturalmente dados à ansiedade e à preocupação, e o diabo, sabedor disso, pressiona-os nessa linha. Ele sabe que eles são conscienciosos, sensíveis, hiper-tensos, e que nunca estão satisfeitos com as suas realizações. Sabe que são perfeccionistas, nunca se contentando com nada menos que o melhor, de modo que ele vem e os acusa de contínuos fracassos em seus esforços para alcançar as alturas do seu ideal, e eles acabam num estado e numa condição em que praticamente tudo é problema e fardo.

A Bíblia tem muito que dizer sobre este assunto. Ela faz muitas advertências quanto àquilo a que chama "os cuidados deste mundo" (Mateus 13:22). Isso é uma coisa que, evidentemente, sempre afligiu o povo de Deus e, em particular, este tipo de pessoa. Um exemplo clássico disto é o caso de Marta. O Senhor voltou-se para ela e disse: "Marta, Marta estás *ansiosa* e afadigada com muitas coisas". A palavra grega (no versículo 40, Lucas capítulo 10) significa "agitada", "para cá e para lá", de modo que ela mal sabia o que estava fazendo. Isto ilustra o tipo de coisa que estamos examinando, a mente da pessoa cheia de coisas pertencentes à vida deste mundo e com elas preocupada. São coisas legítimas, e não somente legítimas, mas coisas que, falando geralmente, são essenciais à vida. Muitas vezes este é o problema específico da dona de casa, da mãe de família que tem marido e filhos a quem atender e de quem cuidar. O diabo enche a mente e a consciência destes cuidados, destas coisas legítimas, de modo que não só se tomam um fardo, porém expulsam os pensamentos e as realidades espirituais. Conquanto a pessoa seja cristã, a perspectiva e o teor dominantes da vida quase deixam de ser espirituais, e seu tempo é exclusivamente dedicado a estes problemas e cuidados.

Se o diabo conseguir manter as nossas mentes afastadas de Deus e

do Senhor Jesus Cristo, se conseguir impedir-nos de pensar na alma e em nosso crescimento e desenvolvimento, ficará mais que satisfeito. E é o que ele faz com pessoas deste tipo. Por isso o Senhor Jesus mais de uma vez deu grande atenção a este assunto. Ele o fez, por exemplo, na parábola do semeador. O perigo não é apenas que o diabo pode vir e arrebatar logo a Palavra; há outro tipo de pessoa em cujo caso o diabo introduz os cuidados e os lidares deste mundo, e a Palavra é "sufocada".

Mas há uma advertência mais solene ainda. O Senhor, ao fazer a Sua profecia sobre o curso da história e do fim do mundo, conclui com as palavras: "olhai por vós

mesmos!" Vocês precisam ser cautelosos; vocês têm que estar vigilantes quanto às ciladas do diabo; "não aconteça que os vossos corações se carreguem de glutonaria, de embriaguez". "Bem" você dirá, "nós somos cristãos, não precisamos preocupar-nos quanto a sobrecarregar-nos de glutonaria e de embriaguez." Todavia à glutonaria e embriaguez o Senhor acrescenta, "e dos cuidados da vida, e venha sobre vós de improviso aquele dia. Porque virá como um laço sobre todos os que habitam na face de toda a terra. Vigiai pois em todo o tempo, orando, para que sejais havidos por dignos de evitar todas estas coisas que hão de acontecer e de estar em pé diante do Filho do homem" (Lucas 21:34-36). Noutras palavras, a exortação do apóstolo Paulo em nossa texto é simplesmente uma repetição daquilo que o nosso Senhor e Salvador, no fim da Sua vida, teve tanto cuidado em ensinar aos Seus seguidores. Temos que tomar muito cuidado, para não suceder que "os cuidados da vida" nos deixem despreparados para o momentoso evento por vir.

Como havemos de encarar esta particular manifestação das ciladas do diabo? Repito que a primeira coisa é reconhecer a mão do diabo. Isso é muito importante. Temos a tendência de observar os problemas, as circunstâncias, as condições, deixando de ver a mão que está por trás disso tudo. O segredo da vitória está em dar-nos conta de que o problema é o diabo, e não as circunstâncias. Precisamos compreender que é ele que está empenhado em meter-nos nessa condição de paralisia espiritual.

O passo subseqüente é repreender-nos a nós mesmos; e devemos fazê-lo por muitas razões. Uma é que o cristão nunca deve ficar agitado. O cristão não tem ligação nenhuma com o que chamamos "desequilíbrio". Jamais deve perder o autocontrole. Essa deve ser sempre uma das grandes diferenças entre o cristão e o não cristão. Sempre deve haver disciplina na vida do cristão. Mostrem-me um homem que está sempre perdendo o autocontrole; então direi que, se é cristão, é muito fraco. Portanto, devemos repreender-nos a nós mesmos e dizer: "Por

que estou agitado? O meu cristianismo não significa nada para mim?" Devemos conscientizar-nos e condenar-nos a nós mesmo e dizer: "Não tenho direito de ficar assim". Noutras palavras, devemos pregar para nós mesmos, dizendo: "Mais uma vez você deixou o diabo pegá-lo; você ficou dando atenção às circunstâncias. Não vê que é o diabo que as está amontoando em sua mente, com o fim de metê-lo nessa situação confusa e paralisante? Repreenda-se desse modo por seu fracasso e por sua insensatez.

O passo que vem a seguir, como já deixei entrever, é a percepção da necessidade de autodisciplina, cuja essência é que sempre devemos ter senso de proporção. Isso não nos vem automaticamente; temos que cultivá-lo deliberadamente. É porque não o fazemos que o diabo ganha a sua oportunidade. O cristão deve estar sempre reconsiderando toda a sua posição na vida e neste mundo, e, cada vez que fizer isso, deverá acertar bem as suas prioridades, sempre mantendo o senso de proporção.

Com certeza esta é uma das melhores definições da vida cristã. A diferença entre o cristão e o não cristão é que a vida do não cristão é determinada e manipulada pelo mundo, ao passo que o cristão é alguém que está em ação, está no controle.

Vê-se isto claramente no que o apóstolo diz sobre si próprio em 2 Timóteo 1:12. Ele estava na prisão e se pode dizer que tudo estava contra ele. Recebeu desalentadoras mensagens de Timóteo e de outros. Se já houve alguém que teve o direito de ficar abatido e de perder o equilíbrio e o autocontrole, esse foi o apóstolo Paulo. Entretanto ele diz: "mas não me envergonho". Quer dizer, "não fico fora de ação", "não perco o equilíbrio", "não me aflijo", "não fico transtornado", "não estou ficando confuso". Por que? Porque "eu sei em quem tenho crido, e estou certo de que é poderoso para guardar o meu depósito até àquele dia". Paulo era um homem cuja vida estava sob controle. Era disciplinado, dirigia a palavra a si mesmo, mantinha tudo nas devidas proporções.

Voltemos, porém, ao exemplo de Marta. "Marta", disse o Senhor Jesus, "você está ansiosa e afadigada (ocupada e agitada) com muitas coisas. Você está correndo para cá e para lá, daqui para a cozinha e da cozinha para cá, você me ouve um pouco e sai, você não sabe onde ficar, está confusa, está irritada, perdeu o controle. Mas Maria escolheu a boa parte. É uma questão de escolha, Marta."

Não é que estivesse errado preparar comida como Marta estava fazendo. Sua preocupação era hospedar o Senhor e achava que tinha que ser feito tudo do melhor, pelo que precisava da ajuda da irmã. No entanto, Maria estava sentada, ouvindo seu Senhor. Por que não ajudava? Por isso Marta estava nervosa e aflita. O Senhor disse a Marta

que era uma questão de prioridades, uma questão de escolha. "Uma só (coisa) é necessária; e Maria escolheu a boa parte." Ponha isso no princípio, no centro dos seus interesses, assegure-se de que isso sempre tem prioridade. Se você mantiver isso no lugar certo, tudo mais encaixará na posição certa.

A ilustração que lhes ofereci explica o que quero dizer por senso de proporção, a questão de maior importância neste ponto. Não obstante, para conseguir isso você deverá tê-lo deliberadamente como seu objetivo, e terá que disciplinar-se. Maria agiu assim; Marta não. O Senhor disse a Marta que se disciplinasse e, com isso, também escolhesse e obtivesse a "boa parte". Mantenhamos em primeiro lugar as primeiras coisas, mantenhamo-las no centro. A família, a casa, o lar, os filhos, o marido, o trabalho, os negócios, a profissão — todas estas coisas são boas e muito importantes, mas nunca foram destinadas a estar no centro da vida. Deus e minha relação com Ele é que devem estar no centro. Não somos primordialmente pais ou mães ou outra coisa qualquer; somos "almas" na perspectiva de Deus. Num cemitério de igreja há uma lápide na qual se vêem estas palavras: "Aqui jaz Fulano de Tal; nasceu homem, morreu negociante." O homem nunca foi destinado a

morrer como negociante; foi destinado a ser homem. Somos almas, no conceito de Deus.

Mantenha estas coisas em primeiro lugar, e o diabo não ganhará a sua oportunidade. Nas palavras do apóstolo Paulo: "Não estejais inquietos por coisa alguma" (Filipenses 4:6-7). Você não deve ficar preocupado com coisa alguma, não deve ficar em confusão por coisa alguma — não importa o que seja. A expressão de Paulo "coisa alguma" (AV, "nada") é tão absolutamente abrangente quanto uma expressão o poder ser. Não importa qual o problema; por mais de-sesperante, "não estejais inquietos". Rechace a inquietação, não fique alarmado e nervoso, não entre em parafuso. "Não estejais inquietos por coisa alguma: Antes as vossas petições sejam em tudo conhecidas diante de Deus pela oração e súplicas, com ação de graças. E a paz de Deus, que excede todo o entendimento, guardará os vossos corações e os vossos sentimentos em Cristo Jesus."

Outra questão estreitamente relacionada com a necessidade de auto-disciplina é o medo do futuro, e aqui, em acréscimo à tendência natural para a preocupação e ansiedade, a imaginação desempenha seu papel. É bom ter imaginação; porém esta pode ser um fardo e um problema. Gente sem imaginação é afortunada nalguns aspectos, embora perca muito noutros. Contudo, uma imaginação viva pode ser usada pelo diabo para forçar-nos a espreitar o futuro. Nosso futuro pessoal neste

mundo é inteiramente desconhecido, de modo que o diabo procura assombrar-nos com várias possibilidades terríveis: que irá acontecer conosco? Que sofrimento teremos que suportar? E então vem a questão: "Seremos capazes de resistir-lhe? Nossa fé o agüentará? Seremos suficientemente fortes?" Timóteo é o exemplo perfeito do tipo de mentalidade naturalmente dada ao temor e à ansiedade, principalmente ao temor do futuro. O apóstolo Paulo estava na prisão, circulavam rumores de que ele estava prestes a ser morto, havia problemas nas igrejas. Timóteo não passava de um jovem. Que iria acontecer? Que futuro poderia haver para a Igreja naquelas circunstâncias? Tudo parecia estar dando errado. E assim Timóteo se enchia de temor e ficava alarmado e cheio de pressentimentos quando pensava no futuro. Ele se pusera a enviar nervosas mensagens ao apóstolo, perguntando por que Deus não o libertara, por que Deus permitia isto, e assim por diante. Todas estas coisas invadiam a sua mente porque ele estava com os olhos postos no futuro e estava tumultuando a sua imaginação,

A maneira de enfrentar as ciladas do diabo neste aspecto particular continua sendo a mesma, exceto que começo com a afirmação muito prática de que, além de quaisquer outros motivos, fixar-se no futuro é uma completa e total perda de tempo. Assim é porque bem pode ser que aquilo que nos está preocupando talvez nunca venha a acontecer. "Não atravesse as suas pontes enquanto não chegar nelas", diz o bom senso e a sabedoria do mundo ("Não ponha o carro antes dos bois."). Mas nós, como

cristãos, muitas vezes olvidamos este conselho. A preocupação com o futuro é perda de energia, e é puro desperdício de tempo. Além disso, enquanto você está se preocupando deste modo com o futuro, está deixando de viver e de agir como deve no presente. Portanto, condene-se imediatamente quanto a isso; reconheça que isso é uma tentação do diabo. Faça a mesma coisa toda vez que for assediado pela tentação — encare-se, dirija a palavra a si mesmo, sacuda-se, repreenda-se, veja quão estulto você está sendo ao permitir que o diabo o ponha frenético por causa de meras possibilidades, e veja como você está paralisado no presente!

Em acréscimo, diga a si próprio que você está desobedecendo uma ordem específica do Senhor Jesus Cristo: "Não vos inquieteis pelo dia de amanhã" (Mateus 6:34). Ele não quer dizer que não devemos providenciar coisas, nem fazer o que é necessário para a vida. Ele está se referindo à preocupação e à ansiedade — Que havemos de usar? Que havemos de comer? Que irá acontecer? Diz Ele que nunca devemos preocupar-nos ansiosamente com o amanhã, para não nos portarmos como os gentios. Note-se o contraste entre o não cristão e o cristão. As

nações do mundo, os gentios, os incrédulos, estão sempre pensando no amanhã. Eles vivem somente para este mundo e para a vida presente, preocupados com o que vão vestir, com o que vão comer, com o que vão fazer amanhã, e com o que lhes vai suceder... As nações do mundo, os gentios, comportam-se daquela maneira, diz o Senhor; entretanto os Seus discípulos não são assim. São filhos do seu Pai celestial e, portanto, devem portar-se de maneira completamente diferente. Não nos inquietemos, pois, "pelo dia de amanhã". "Basta a cada dia o seu mal."

Ainda mais, porém, lembremo-nos de que como cristãos temos o Espírito Santo. Você não pode ser cristão se não tiver o Espírito de Deus. "Se alguém não tem o Espírito de Cristo, esse tal não é dele" (Romanos 8:9). O apóstolo Paulo disse a Timóteo que parecia que ele esquecera esta verdade, que estava demasiado dependente dele (de Paulo), e com medo do futuro. Todavia, disse o apóstolo, "Deus não nos deu o espírito de temor, mas de fortaleza, e de amor, e de moderação" (2 Timóteo 1:7). A moderação implica disciplina, domínio próprio e ordem. Timóteo, disso o apóstolo, estava negando o Espírito Santo que nele estava, e estava se comportando como se não tivesse recebido o Espírito. O cristão não deve portar-se desse modo. "Sofre, pois, comigo, as aflições como bom soldado de Jesus Cristo", Paulo continua dizendo a Timóteo na parte subseqüente da sua carta. E é de maneira similar que devemos falar a nós mesmos.

Ademais, este medo do futuro não é somente falta de fé; é pior, é incredulidade. Examinemo-lo e ponhamos nele o rótulo certo; e apliquemos castigo a nós mesmos. A arte de derrotar as ciladas do diabo está em ver o que está por trás de tudo; depois, olhe para si mesmo e diga: "Que tolo sou em dar ouvidos a ele e deixar-me enganar de novo". Dirija-se a si mesmo e condene-se, reconhecendo-se culpado

de incredulidade. De que maneira? Questione-se a si próprio acerca do seu Pai celeste, em quem você diz crer. Ao que parece, você O está esquecendo, e está esquecendo o que o Senhor diz em Seu ensino dado no Sermão do Monte, "Vosso Pai celestial bem sabe que necessitais de todas estas coisas" (Mateus 6:25-34). Por que você está preocupado? Se você tão-somente crê em Deus, se você crê nEle como seu Pai, por que não acredita que Ele sabe quais são as suas necessidades? Por que não se lembrar de que "até mesmo os cabelos da sua cabeça estão todos contados", de que "nenhum passarinho cairá em terra sem a vontade de seu Pai" e de que "mais vale você do que muitos passarinhos"? (cf. Mateus 10:29-31). Contudo, o medo do futuro é pura incredulidade, e deve ser condenado dos pés à cabeça. Você não crê que "todas as coisas contribuem juntamente para o bem daqueles que amam a Deus"?

(Romanos 8:28). Se você crê nesta promessa, por que está amedrontado? Você deve crer nas promessas das Escrituras; e se não crê, é culpado de incredulidade, à semelhança de todas as pessoas culpadas deste temor covarde. Você não está confiando em seu Pai; não crê que Ele o amou com amor eterno; não está ciente de que o cuidado que Ele tem por você está infinitamente além de tudo que você puder imaginar, de que Ele o amou tanto, que enviou Seu Filho unigênito para morrer por você.

Mostre para você mesmo a irracionalidade deste temor e destes pressentimentos. Tendo por sustentáculo a lógica divina das Escrituras, vire-se para o diabo e diga: "Não vou temer o futuro. O Deus que já fez o que fez por mim em Seu amado Filho não me abandonará, não poderá me abandonar". "Aquele que nem mesmo a seu próprio Filho poupou, antes o entregou por todos nós, como nos não dará também com ele todas as coisas?" (Romanos 8:32). Dirija ao diabo essa lógica e diga: "Não tenho medo do futuro; o Deus que me salvou no passado, o Deus que está comigo no presente, é o Deus que estará sempre comigo."

Mas passemos agora a outra questão que surge das duas que já estivemos considerando — o problema da orientação ou direção em geral. Aqui de novo está um dos problemas mais comuns. O fato é que todos eles são comuns, e o diabo os varia. Nesta questão de orientação podemos incluir respostas à oração, e também toda a questão da cura pela fé. Pertencem à mesma categoria. Não surpreendentemente, há grande interesse pela cura, pela orientação e pelas respostas à oração na época atual, pois a vida é hoje particularmente difícil, e todo cristão consciencioso sempre deseja fazer o que é certo. Há um ensino popular que diz: "Ore a Deus. É tudo que você precisa fazer; e lhe será dito exatamente o que você deverá fazer, você receberá orientação exata". Ou, se você está doente, esse ensino diz: "Busque o Senhor para ser curado".

Nestas questões o diabo, usando toda a sua astúcia, procura persuadir-nos a adotar um conceito mecânico e a acreditar que "a coisa é realmente muito simples", que não

há nenhum problema. Você simplesmente se dirige a Deus e obtém a orientação de que necessita; você ora a Deus e recebe a resposta desejada. A "oração da fé", dizem, seguramente garante esse resultado. Então, quanto à cura, o argumento é que "jamais é da vontade de Deus que algum dos Seus filhos fique doente". "Como pode um Pai amoroso permitir que algum dos Seus filhos fique doente?" "Sempre é da vontade de Deus que estejamos bem e com boa saúde." Por conseguinte, se você adoecer, é claro que basta pedir a Deus que o cure; e isso tem que acontecer.

O resultado desse ensino é que, quando não acontecem estas coisas, vem a decepção. Faz pensar que você não é capaz de obter a orientação desejada, ou você pensou que a recebeu mas viu que as coisas saíram mal, e assim está em dificuldade e ficou desapontado. A cura não aconteceu, apesar da oração fervorosa e cheia de fé, conforme você julga. Tudo isso, mais o temor de tomar a decisão errada, deprime o crente. Ele começa a voltar-se para si mesmo e a dizer: "Afinal de contas, será que sou cristão? Se eu fosse um cristão de verdade, certamente Deus me responderia. Sou cristão mesmo? Se sou, falta-me fé. Nalgum ponto alguma coisa está errada comigo. Não sei em que, porém, nalgum ponto, falta-me fé". Desse modo o diabo o leva a acreditar na mentira dele; e ele pode usar os seus amigos com o fim de agravar a situação.

É evidente que este problema não é fácil; é de fato um dos problemas mais difíceis da vida cristã. A título de resposta, simplesmente ofereço algumas sugestões. A primeira é, obviamente, que toda esta questão não é tão simples como alguns dos nossos amigos gostariam de fazer-nos acreditar. A principal característica das seitas é que sempre fazem tudo parecer "muito simples". Você faz isto, e a coisa desejada acontece. "Basta você ir a Deus, e terá a orientação de que precisa; basta orar a Deus, e será curado; basta perguntar a Deus qual é a Sua vontade, e Ele fará com que você a saiba. É coisa tão simples!" Mas é claro que não é! Se fosse, não haveria nenhum problema, e grande parte do ensino do Novo Testamento seria desnecessária.

Em segunda lugar, é evidente que se fosse tão simples como se diz, a vida cristã seria como uma máquina, seria mecânica, automática; seria como puxar uma alavanca e ver o sinal mudar. Todavia a vida cristã não é assim; e mais, se fosse tão simples assim, nunca haveria crescimento na vida cristã. Numa máquina não há crescimento nem desenvolvimento, mas onde há vida, há crescimento e desenvolvimento. Nos seguidores das seitas nunca há qualquer crescimento. Se você os encontrar vinte anos depois de terem aderido às seitas, achá-los-á exatamente como eram no princípio — se ainda estiverem nelas! Mas certamente não há crescimento; porque não há lugar para crescimento. Tudo acontece logo no início, muito simplesmente. Entretanto na vida cristã temos "crianças em Cristo", "jovens" e "idosos" — há crescimento, desenvolvimento e progresso.

Em terceiro lugar, há um ensino bíblico específico com respeito a esta questão. O apóstolo Paulo não recebia orientação automática. Às vezes se via em dificuldade quanto ao rumo a seguir. Por exemplo, no capítulo dezesseis do livro de Atos dos Apóstolos, lemos no versículo 6: "E, passando pela Frigia e pela província da Galácia, foram impe-

didos pelo Espírito Santo de anunciar a palavra na Ásia. E, quando chegaram a Mísia, intentavam ir para Bitínia, mas o Espírito de Jesus não lho permitiu". Há também uma experiência notável do apóstolo e seu "espinho na carne", em 2 Coríntios capítulo 12. Três vezes ele orou a Deus com toda a fé e fervor, rogando que fosse tirado. Contudo, não foi; e ele veio a entender por que não fora tirado. Era bom para ele — "quando estou fraco então sou forte". Ele recebeu do Senhor a palavra de segurança: "A minha graça te basta". Por isso Paulo diz, efetivamente: "Seja o que for o espinho, não importa; contento-me em prosseguir. Tudo haverá de prestar serviço à Tua glória e ao Teu louvor". Trófimo igualmente teve que ser deixado enfermo. A Timóteo foi dito que tomasse um pouco de vinho por causa do seu estômago. Estes são fatos concretos do ensino das Escrituras, e a subseqüente história dos santos e do povo de Deus ensina a mesma coisa. Não há nada de automático quanto à orientação e a estas outras questões, nem no ensino das Escrituras, nem na história da Igreja.

"Pois bem", alguém perguntará, "que dizer do ensino de Tiago concernente à oração da fé? Você não o está contradizendo?" Examinemos esta questão. A Epístola de Tiago, em seu capítulo cinco, diz: "Está alguém entre vós aflito? Ore. Está alguém contente? Cante louvores. Está alguém entre vós doente? Chame os presbíteros da igreja, e orem sobre e ele, ungindo-o com azeite em nome do Senhor; e a oração da fé salvará o doente, e o Senhor o levantará; e, se houver cometido pecados, ser-lhe-ão perdoados". "Maior clareza que essa não poderá haver", dirá alguém. No entanto, respondo eu de novo, se é tão simples como parece, por que nem sempre acontece? Esse é o problema. Pessoas houve que creram nas palavras de Tiago tão intensamente quanto possível; tudo que a sua epístola ordena foi feito, todavia a pessoa enferma não foi curada. Isso logo deveria fazer-nos ver que há algo errado com a nossa interpretação da passagem.

Permitam-me chamar-lhes a atenção para a passagem paralela do Evangelho Segundo Marcos: "E Jesus, respondendo, disse-lhes: tende fé em Deus; porque em verdade vos digo que qualquer que disser a este monte: ergue-te e lança-te no mar; e não duvidar em seu coração, mas crer que se fará aquilo que diz, tudo o que disser lhe será feito. Por isso vos digo que tudo o que pedirdes, orando, crede que o recebereis, e tê-lo-eis" (Marcos 11:22-24). Às vezes esta exortação é interpretada da seguinte maneira: se você orou a Deus, e se crê de fato, não fique apenas no pedido a Deus; agradeça-Lhe imediatamente, antes de levantar-se da oração. Agradeça a Deus o fato de ouvir a sua oração de fé, agradeça-Lhe aquilo que você

sabe com certeza que irá acontecer. “A oração da fé é isso”, dizem. Contudo, vemos de novo que os fatos são muito

penosos. Há no mundo muitos cristãos infelizes e que se acham em condições miseráveis, que acreditam de coração, honesta e sincera-mente nesse tipo de ensino, mas o que desejavam não aconteceu, e ficaram perplexos. A razão disso é que eles estão interpretando mal as Escrituras.

Em que consiste “a oração da fé”? Que é que capacita um homem a crêr que vai receber o que pedir? Essa é a questão crucial, e a resposta parece perfeitamente clara. Você não pode chegar por si mesmo a essa convicção. O fato de você acreditar nisso não significa que é verdade. Você não pode impor-se a si próprio nesta questão, você não pode persuadir-se a si próprio. Sugiro que “a oração da fé” é uma oração que é sempre dada e formulado pelo próprio Espírito Santo. E quando Ele a dá, não há dúvida, não há incerteza. Você não está instigando a si mesmo para dizer “Eu creio”, não está se persuadindo a si mesmo. O Espírito Santo a tomou absolutamente certa para você.

Há dois fatos notáveis no livro de Atos dos Apóstolos concernentes às curas feitas por eles. Primeiro, eles nunca anunciavam previamente que iam curar alguém! Os modernos operadores de curas fazem isso. Eles anunciam: “Quarta-feita de tarde haverá um culto de curas”. Os apóstolos nunca falavam desse modo. Creio que a explicação é que eles nunca sabiam com antecedência quando o Senhor iria curar enfermos por meio deles. Eles não tinham uma espécie de poder permanente de modo que só lhes bastasse, a qualquer momento, apertar um botão, por assim dizer. Eis o que se vê: quando Pedro e João estavam indo ao templo, na hora da oração, viram o coxo à porta. Este olhou para eles, esperando receber uma esmola. Então Pedro, “fitando os olhos nele, disse: Em nome de Jesus Cristo o Nazareno, levanta-te e anda”. Que levou Pedro a fazer isso? Não hesito em responder: foi-lhe dado uma incumbência, exatamente naquele instante. Veio a ordem, o Espírito lhe falou, e foi como se Cristo dissesse: “Tenho a intenção de curar este enfermo por seu intermédio”. E Pedro soube o que o Senhor estava querendo.

Vê-se o mesmo princípio em Atos capítulo 14, quando Paulo pregava em Listra. Um inválido foi posto sentado diante dele, e Paulo, “vendo que tinha fé para ser curado”, dirigiu-lhe a palavra e o curou. Foi-lhe dada a incumbência! Paulo sabia com toda a certeza que o homem haveria de ser curado. Os apóstolos nunca anunciavam com antecedência, porque nunca sabiam quando isto ia acontecer. Em segundo lugar, quando os apóstolos se dispunham a curar, nunca falhavam. Estou falando sobre o livro de Atos dos Apóstolos após o Pentecoste, não sobre os Evangelhos. Nunca aconteceu de tentarem fazê-lo e falharem. Os milagreiros modernos tentam e falham muitas

vezes porque defendem um ensino errado. Não lhes é dirigida aquela ordem

particular, nunca lhes é dada aquela incumbência particular; eles acreditam que este poder está na Igreja e que só temos que exercê-lo. Você "reivindica" o poder, e age com base nele. Mas há mais fracassos que sucessos. É uma compreensão errônea das Escrituras.

A "oração da fé" é uma oração dada pelo Espírito. Você não tem o comando dela. Você nunca pode certificar-se de que está certo de que vai receber o que pede. No entanto, às vezes Deus, mediante o Espírito, lhe dá consciência disso. O Senhor Jesus sempre a teve; Ele sabia. Havia um acordo perfeito entre Ele e Seu Pai; e o tempo todo Ele estava realizando as obras do Seu Pai. Disse Ele: "As obras que eu faço, não as faço por mim mesmo, mas o Pai que me enviou, ele faz as obras". Conosco é a mesma coisa. É só quando chegamos à condição em que ficamos sensíveis ao Espírito, que recebemos autoridade, e certeza. É-nos dada a incumbência, e depois jamais haverá fracasso. Mas se experimentarmos e tentarmos forjar algo em nós mesmos, haverá repetidos fracassos e conseqüente desalento e infelicidade.

Para resumir: podemos dizer que estes acontecimentos são as exceções. O método normal de Deus pelo qual Ele orienta, cura e trata todas estas outras questões, é através de meios. O que se espera de nós é que obtenhamos orientação mediante as Escrituras, mediante uma mente e um entendimento espirituais e esclarecidos, mediante uma razão esclarecida, mediante uma consciência esclarecida. É assim que, normalmente, Deus nos guia. Graças a Deus que Ele age assim; e mediante esse método Ele nos dá certeza. Você lê as Escrituras e absorve o seu ensino; e o aplica. Se estiver em dificuldade, procura outros e os consulta — pastores e mestres e cristãos mais velhos. Você reúne todos os fatores relevantes e busca a mente da Igreja, por assim dizer, a respeito deles. Então, provavelmente por meio das circunstâncias, Deus lhe mostrará a Sua vontade. E por cima disso tudo, muitas vezes há como que uma pressão na mente e no coração, uma coisa da qual você não pode se livrar. Às vezes você gostaria de livrar-se, mas não consegue. Deus lhe está dando uma espécie de indicação geral mediante uma pressão em sua mente que o impulsiona a fazer isto ou aquilo, e você não consegue libertar-se desse pensamento. Estas são as maneiras pelas quais Deus normalmente guia o Seu povo.

Assim, as regras finais de procedimento nesta questão, parece-me, são como segue: nunca faça uma reivindicação na presença de Deus; não "reivindique" cura, não "reivindique" orientação. Não devemos "reivindicar" nada na presença de Deus; porém devemos apresentar-nos como suplicantes humildes. Reivindicar é a falácia deste ensino moderno, e daí a confusão que produz. Em segundo lugar, entregue-se,

e entregue tudo que lhe diz respeito, a Deus — doença, o futuro, orientação, tudo. "Leve tudo ao Senhor em oração". Diga-lhe que o seu único desejo é conhecer a Sua vontade, e fazê-la. Se não puder ser sincero nesse ponto, fará bem em parar. Comece

consigo mesmo e pergunte: “Posso dizer sinceramente a Deus que nada mais desejo senão conhecer a Sua vontade e fazê-la, seja qual for — tenha eu que ir a outro país ou ficar em casa, esteja doente ou esteja bem; deva casar-me ou não? Seja o que for, posso dizer honestamente a Deus que o meu supremo desejo é conhecer a Sua vontade e fazê-la, seja ela qual for?” Lembre-se, então, de que Deus é seu Pai. Portanto, deixe a questão com Deus. Não pense demais sobre ela, depois de a ter deixado com Deus; é problema dEle agora, não seu. Não ore a Deus para depois se levantar e começar a pensar de novo, e continuar a girar em círculos. Se o fizer, significa que não creu em sua oração. Deixe a questão com Deus. Diga-Lhe tudo honestamente, e deixe tudo com Ele. Não pense demais nisso agora, mas vá fazer o que lhe cabe. Faça o seu trabalho, seja observador, mantenha os olhos abertos, esteja preparado em qualquer ponto para alguma indicação da vontade de Deus. Esteja alerta; não fique ansioso. Nunca fique ansioso, inquieto. “Não estejais inquietos por coisa alguma.” Recuse a preocupação, recuse a ansiedade. Deixe tudo com Deus, siga avante com o seu trabalho.

Finalmente, nunca aja contra aquela voz interior. Noutras palavras, você poderá ver, como resultado da prática daquilo que venho dizendo, que chegou a um ponto em que tudo parece indicar que você deve fazer alguma coisa particular; entretanto se houver no seu íntimo uma sensação de que não deve fazê-la, não faça. Aja sempre como um todo. Nunca aja enquanto não for unânime! “Tudo que não é de fé é pecado.” Leia o último versículo de Romanos capítulo 14, se houver alguma dúvida. “Aquele que tem dúvidas”, diz o apóstolo, “está condenado.” Se restou alguma dúvida dentro de você, coisa que você nem consegue entender, algo quase intangível, não obstante, ainda muito poderoso, não aja contra isso, sejam quais forem o seu pensamento e a sua razão, ou digam o que disserem as outras pessoas.

Costumo resumir isso tudo da seguinte maneira: o homem que está em busca de orientação e que está procurando fazer a vontade de Deus neste mundo, é como um trem numa estação terminal do metrô. Lá está ele, tudo está pronto, os passageiros estão acomodados, a energia para dar início à viagem está presente, mas o trem não se move. Por que não? Não foi dado o sinal! E o trem não se moverá enquanto o último sinal não for dado, embora esteja tudo pronto. Para mim, o último sinal é esta profunda consciência interior. Nunca aja contra ela. Nunca aja contra a sua consciência, nunca aja contra este sentimento interior. Contudo,

se isso está claro e em harmonia com todo o restante, vá adiante. “Mas”, dirá alguém, “que garantia tenho agora de que estou certo? Você abalou a minha confiança.” Respondo que, se você fizer o que estive dizendo, sejam quais forem as circunstâncias, você não sofrerá, pois terá agido como um filho de Deus deve agir. E Deus, conhecendo-o, e conhecendo os seus motivos, não o castigará. Visando o seu bem Ele poderá vetar aquilo que você deseja, e mais tarde você lhe dará graças por tê-lo feito. Todavia, se você agir bíblica e conscienciosamente, e de acordo com

estas regras, não poderá fazer mais nada; e não hesito em asseverar que Deus não espera mais que isso de você. Você se submeteu à Sua vontade, fosse esta qual fosse, e todo aquele que fizer isso será abençoado por Deus.

Tenhamos cuidado, pois, com os sutis ensinamentos que prevalecem nas seita e que de diversas maneiras reduzem o grandioso mistério da relação de Deus com os Seus filhos, bem como o nosso crescimento e desenvolvimento na graça, a uma coisa mecânica e semelhante a uma máquina. "Comportemo-nos como homens" e usemos os meios que Deus nos dá. E se for da vontade de Deus algo incomum, nalguma situação particular, pode estar certo de que Ele o deixará claro. Não haverá dúvida sobre isso. Se for alguma coisa miraculosa, haverá a autoridade e a certeza que o Senhor dava a Seus apóstolos; e Ele lhe dará isso. Queira Deus habilitar-nos a compreender a verdade concernente às "astutas ciladas do diabo", para podermos compreender também a nossa necessidade de "toda a armadura de Deus" e de "fortalecer-nos no Senhor dos exércitos e no Seu extraordinário poder".

O EGO

Chegamos agora ao último subtítulo deste tema geral que trata das investidas do diabo contra o cristão nos domínios da experiência. De-liberadamente o deixei para o fim para poder salientá-lo, e porque ele lança luz sobre tudo que estivemos considerando até aqui. Trata-se das investidas do inimigo contra nós nas questões do ego, ou seja, do problema do ego agravado pelas ciladas do diabo.

Certamente não erro quando digo que o testemunho universal dos maiores santos que já adornaram a Igreja cristã é de que o mais sagaz inimigo que tiveram que enfrentar, e o último, é o "ego", como as suas biografias e os seus diários atestam. Em última análise, a maior batalha do homem é a que ele tem que travar contra si mesmo.

De acordo com o ensino da Bíblia, o ego é responsável por todo o pecado. A primeira "queda" ocorrida na criação de Deus foi a queda do diabo. O diabo foi criado perfeito por Deus, e com faculdades, poder e entendimento extraordinários. Ele era uma brilhante estrela no firmamento da criação de Deus. Mas ele caiu por causa do orgulho, que nada mais é que uma manifestação do ego. Ele se rebelou contra Deus. Ficou ressentido pelo fato de Deus ser maior do que ele. Queria ser igual a Deus, tão grande como Deus e tão importante como Deus. A totalidade do mal emana, em última instância, deste fato, que o ego está presente até num ser angélico, seráfico. O ego foi a causa da queda, daquela queda pré-cósmica que levou a todo o problema do pecado e do mal.

Após Deus ter feito o mundo e o homem, e de haver colocado o homem no Paraíso, o homem também caiu. E a causa do fracasso do homem foi apenas uma repetição do que realmente acontecera no caso do diabo. Este sabia a linha que devia adotar; sabia bem o que tinha a probabilidade de enredar o homem e a mulher. Assim, ele se aproximou da mulher e disse, noutras palavras: "Deus disse que vocês não devem comer de certa árvore? Ele disse isso porque sabe que se vocês comerem desta árvore do conhecimento do bem e do mal, vocês se tomarão como deuses". Ele jogou com o orgulho, com o ego. Disse ele: "Comam aquele fruto e ele lhes mostrará o que vocês realmente são e

quais são realmente os seus poderes e possibilidades. Portanto, a causa da queda do homem foi exatamente a mesma da queda do diabo, a saber, o ego exibindo-se nesta particular forma de orgulho. Não deve surpreender-nos, pois, que o diabo, com as suas artimanhas, constantemente manobre com este aspecto particular da nossa personalidade.

Na Bíblia toda se vê claramente que o ego é o problema proeminente da vida humana. Daí sempre devemos agradecer a Deus que a Bíblia não é meramente Livro de doutrina, mas é também Livro de história. Nela nos são dadas narrativas sobre

pessoas individuais e nações individuais, e, quando lemos o Velho Testamento e o Novo, não há problema que desponte com mais freqüência do que este horrível, este terrível problema do ego, quer em indivíduos, quer em grupos, quer em nações. Que estrago este problema do ego tem causado na longa história da raça humana! Vocês não ficam surpresos com o que os evangelhos revelam acerca dos homens que tiveram o privilégio de estar no círculo mais íntimo dos amigos e companheiros do Senhor? Como é patético vê-los discutindo entre si quanto a qual deles seria o maior, até na Sua presença, apesar de todos os privilégios e bênçãos que gozavam!

O Senhor Jesus dava particular ênfase a isto dando constantemente a Sua descrição do cristão em termos de uma criança. Ele o fez quando mulheres levaram seus filhos pequenos a Ele para que os abençoasse, e os discípulos tentaram detê-las. Todavia o Senhor disse: "Deixai vir os meninos a mim, e não os impeçais; porque dos tais é o reino de Deus" (Marcos 10:14). "Se não vos converterdes" diz Ele ainda, "e não vos fizerdes como meninos, de modo algum entrares no reino dos céus" (Mateus 18:3). Ele tomou um menino e o pôs no meio dos discípulos. O tempo todo e em toda parte Ele expunha este elemento de meninice como sendo a característica, o atestado principal do verdadeiro cristão.

Além e acima do Seu ensino, no entanto, há a Sua própria Pessoa. Ele é "o meigo e humilde Jesus". Não podemos pensar nEle, não podemos olhar para Ele, sem toparmos com-esta característica dominante. "A cana trilhada não quebrará, nem apagará o pavio que fumega" (Isaías 42:3). A Sua total humildade e, vez por outra, os Seus esforços para afastar-Se das multidões e ocultar-Se são completamente típicos do Seu caráter. Ninguém poderá ler os quatro Evangelhos sem se chocar com a ausência de ostentação e de auto-promoção. Cristo é a própria negação de tudo quanto expresse orgulho. O temo e humilde Jesus!

Como o diabo conhece bem a nossa fraqueza humana! Por isso não há método que ele utilize mais freqüentemente para tentar prejudicar a

obra de Deus na Igreja, e para anular o testemunho de Cristo, do que simplesmente concentrar neste problema do ego como se apresenta em cada um de nós. As maneiras pelas quais ele o faz são quase intermináveis. Ele age no ego a fim de estimular o orgulho. Ele tenta levar-nos a ficar orgulhosos dos nossos dons, do nosso cérebro, do nosso entendimento, do nosso saber. Na igreja de Corinto, por exemplo, havia os irmãos mais fortes e os mais fracos, e os de maior saber e entendimento desprezavam os menos dotados. Que típico! Aquela igreja estava sendo dividida e arruinada em grande parte devido a este orgulho do saber e do entendimento. Quantas vezes aconteceu isto! Quantas vezes ainda acontece — orgulho por estes dons especiais de intelecto, percepção, entendimento e saber!

Uma pessoa pode ficar orgulhosa também pelo dom da facilidade no falar. Dificilmente haverá dom mais perigoso que o dom de falar e a capacidade de expor

as coisas com simplicidade e clareza, com isso influenciando os ouvintes. Quantos ministros, pregadores, foram arruinados por causa do seu dom de linguagem fácil.

Em seguida pensem no dom de cantar! Haverá alguma coisa que tenha feito maior dano na história da Igreja, talvez, do que este notável dom? Os corais não brigam muitas vezes quanto à questão de quem deverá ter a preeminência? A capacidade de cantar bem é um grande dom, porém muito perigoso. É causa notória de problemas. Como é sagaz a tentação de dar proeminência à sua voz, de estar um pouco à frente ou um pouco atrás da congregação, de maneira que a sua voz apareça! Ou de adotar várias outras maneiras de destruir a harmonia e a unidade do culto! Estes são alguns dos meios pelos quais o diabo usa estes dons especiais para enfunar o nosso orgulho. Esta matéria é tratada claramente na Primeira Epístola aos Coríntios, principalmente no capítulo 12. A igreja em Corinto estava em dificuldade por causa dos seus dons espirituais. Alguns tinham o poder de operar milagres, outros de falar línguas, e assim por diante; entretanto havia outros que não podiam fazer estas coisas, e o resultado foi uma igreja dividida.

Mas, além dos dons, há o perigo de desenvolvermos orgulho em questões de experiência, e isto mostra de modo particularmente claro a astúcia e sutileza do diabo. Ele pode arruinar a vida cristã de uma pessoa, no que se refere ao seu gozo dela e à sua utilidade neste mundo, simplesmente usando a grandeza da experiência que ela pode ter tido e envaidecendo-a com isso. Ele a levará a gabar-se da sua experiência espiritual. Algumas conversões são dramáticas, outras não; e se sucede que houve uma experiência muito dramática, o diabo logo vê a sua oportunidade. Ele levará a pessoa a falar excessivamente sobre ela, e outras pessoas, em sua insensatez, a levarão a falar dela; colocá-la-ão

em evidência como uma espécie de "estrela" ou "astro do momento" como se diz, e a pessoa, quando menos espera, está se gloriando de si mesma — não mais se gloriando no Senhor, e sim de si mesma e de sua experiência. A tendência de gloriar-se da própria experiência espiritual pode ser tão manipulada pelo diabo que tenho ouvido homens gloriar-se dos seus pecados passados! Claro que o objetivo deles era dramatizar a sua experiência, a grande mudança que se dera em suas vidas.

Neste contexto sempre penso numa coisa que uma vez aconteceu na minha presença e que serviu para gravar em minha mente a noção deste perigo uma vez e para sempre. Esse fato mostra quão ridículo pode vir a ser essa jactância. No início da minha vida ministerial, numa reunião ao ar livre na qual vários homens foram chamados para contarem a sua experiência, um homem foi para a frente para confessar como tinha sido beberrão, e tudo mais. Deu muitos pormenores, e depois nos contou como tinha sido inteiramente transformado. Fez isso com muita eloqüência — mesmo na parte pecaminosa. Quando terminou, outro homem foi chamado para ir à frente, e este começou a falar assim: "Vocês ouviram o meu irmão contar a sua experiência de

pecado. Ah, ele não sabe o que é pecado! Vou falar-lhes de uma vida de pecado". E assim começou a gabar-se da sua pecaminosidade anterior! A reunião degenerara, transformando-se numa arena de competição de pecado e quase crime, uma vez que o segundo homem procurara pintar um quadro mais negro que o primeiro. Tudo foi feito num espírito de orgulho e de jactância. O diabo entrara em ação no ponto mais temo, delicado e sensível — a glória e grandeza de uma profunda mudança na vida, produzida pelo Espírito Santo — e inflará o orgulho do orador. Na verdade, os dois homens fizeram a mesma coisa. Gabaram-se de si e dos seus pecados passados. O resultado foi que o testemunho deles foi totalmente inútil, e me pareceu que a reunião causou muito mais mal do que bem.

Não há nada concernente a nós que o diabo não possa apanhar. É porque "nos" aconteceu, porque é "nosso", porque "nós" é que o fizemos. E ele toma até mesmo o dom mais glorioso e o torce desta maneira sutil. De tal modo ele introduz o ego nisso que a coisa toda fica arruinada.

Outra forma que este mal pode assumir brota do fato de que vários desejos sempre tendem a provir do ego — o desejo de importância, o desejo de posição. Na Terceira Epístola de João isto vem descrito como desejo de ter "o primado", a "preeminência" (AV). Ali se nos fala de um homem chamado Diótrefes que, conforme João, procurava "ter entre eles o primado". Esse homem causada dano à igreja. Era um cristão, um salvo, contudo sempre gostava de ter a primazia; gostava de ser o chefe.

Isto não se restringe aos homens! Em Filipenses, capítulo 4, no versículo 2, Paulo escreve: "Rogo a Evódia, e rogo a Síntique, que sintam o mesmo no Senhor. E peço-te também a ti, meu verdadeiro companheiro, que ajudes essas mulheres que trabalharam comigo no evangelho, e com Clemente, e com os outros cooperadores, cujos nomes estão no livro da vida". Evódia e Síntique estavam causando divisão na igreja. Ambas eram cristãs, trabalhando para o mesmo Senhor; mas ambas também estavam cobiçando liderança, preem-inência e importância. Assim o diabo produz estrago na vida do indivíduo e na vida da igreja em geral. Como é essencial que estejamos prevenidos disto, pois ainda está acontecendo com indivíduos e com a Igreja de Deus!

Tudo isto leva, acima de tudo mais, a um espírito de satisfação própria. A ilustração clássica disto acha-se no caso da igreja em Laodicéia, no capítulo três do Livro de Apocalipse. A igreja estava dizendo, "estou rica, cheia de bens, e não preciso de nada", e não sabia que era uma "desgraçada, e miserável, e pobre, e cega, e nua". Em sua satisfação própria havia a sensação de que tudo estava bem e havia uma completa incapacidade de perceber seu verdadeiro estado e condição, e, portanto, ela negligenciava inteiramente o auto-exame. Tais pessoas nunca se examinam a si mesmas. Acham que "já chegaram". São perfeitas. Que mais poderiam

desejar? Estão salvas. Não são como os incrédulos, lá fora. Nunca pensam em ninguém, principalmente nos que são lá de fora. Nunca lêem sobre os santos; nunca põem os olhos num padrão mais alto que o delas; nunca aplicam as Escrituras.

Outra forma que este pecado assume às vezes, consiste em dar-nos a sensação de que nunca poderemos cair. Aqui, de novo, a igreja em Corinto nos fornece uma ilustração. O apóstolo emprega uma frase deveras extraordinária no capítulo dez da sua primeira epístola. Ele lhes diz: "Aquele pois que pensa estar em pé, veja que não caia." Eles achavam que não podiam cair. Por isso o apóstolo os leva de volta à história dos filhos de Israel. Muitos destes, diz ele, foram tirados do Egito, e até atravessaram o Mar Vermelho, e nunca chegaram à terra de Canaã, porque caíram neste estado de satisfação própria. "Aquele pois que pensa estar em pé, veja que não caia." Nada há mais perigoso do que pensarmos que nunca poderemos cair, que nunca poderemos pecar, que nunca poderá haver algo errado conosco. Ouvimos que alguém caiu, e dizemos: "Que coisa terrível! Imaginem, um cristão cair desse jeito!" Em vez disso, como cristão, você deve dizer a si mesmo, toda vez que vir alguém caindo: "Ali estaria eu, se não fosse a graça de Deus!" "Aquele pois que pensa estar em pé, veja que não caia". Mas o homem que se enfuna de orgulho, não pode imaginar-se caindo — é

impossível no caso dele, ele já "chegou" lá, é um cristão perfeito.

Além disso, esta condição leva ao egoísmo e ao egocentrismo. O ego sempre está interessado em si próprio. Tudo gira ao redor desta entidade particular; e esta se toma o centro de uma constelação. Isso, por sua vez, leva ao ciúme e à inveja. Mais uma vez, vê-se claramente isto em Corinto. Os membros que tinham menos dons estavam invejando os outros, sentindo ciúme deles, querendo saber porque não lhe foram dados os mesmos dons, e por fim começando a questionar a bondade de Deus. Ciúme, inveja, despeito, malícia, ódio, são todos produtos do espírito do ego. Na medida em que somos governados pelo ego, ficamos doentiamente sensíveis e, nessas condições, facilmente nos sentimos feridos, deprimidos e desanimados. O ego está sempre à espera de insultos e desfeitas. É sempre hipersensível. É frágil, fica melindrado por toda e qualquer coisa. Qualquer coisinha o perturba e o deixa alarmado. Ego é totalitarismo; ele exige tudo, e fica irritado e magoado se não consegue tudo. Em conseqüência, ele vem a ser uma fecunda causa de conflitos, divisões e infelicidade na vida da Igreja, na vida da comunidade, na vida do Estado e, por último, na vida do mundo em geral.

Há pessoas que muitas vezes ficam surpresas e espantadas com tão trágico resultado. Dizem elas: "Mas nós pensávamos que quando nos tomássemos cristãos acabaríamos com tudo isso!" Longe disso! Se fosse assim, por que haveríamos de ter tantas exortações e tantos ensinamentos sobre o assunto no Novo Testamento como temos? O diabo continua agindo, e com as suas astutas ciladas ele sabe manipular a nossa

maior fraqueza, o ego.

A resposta a tudo isso acha-se simples e claramente na Bíblia. A Bíblia sempre nos manda encarar-nos a nós mesmos face a face honestamente, e dar-nos conta da verdade completa a respeito de nós mesmos. Esse é o segredo disso tudo. Sofremos por causa do "ego" porque não nos examinamos a nós mesmos. No momento em que nos examinamos com honestidade, descobrimos que não temos nada do que nos gabar. "Eu vim examinar vocês", diz efetivamente Paulo àqueles coríntios, "e quando eu os examinar, não farei em termos de discursos, conversas e afirmações — qualquer tolo pode falar. Vou examiná-los, não em termos de palavras, e sim em termos de poder, pois o reino de Deus não consiste em palavras, mas em poder" (1 Coríntios 4:20). Vou fazer um teste completo, diz o apóstolo.

A Primeira Epístola aos Coríntios, capítulo 4, está repleta dos mais profundos ensinamentos com relação a este assunto particular. Nos versículos 6 e 7 Paulo escreve: "E eu, irmãos, apliquei estas coisas, por

semelhança, a mim e a Apoio, por amor de vós; para que em nós aprendais a não ir além do que está escrito, não vos ensoberbecendo a favor de um contra outro. Porque, quem te diferença? E que tens tu que não tenhas recebido? E, se o recebeste, por que te glorias, como se não o houveras recebido?"

O argumento do apóstolo é incontestável. Diz ele, noutras palavras, a todos os cristãos: "Vocês estão se gabando dos seus dons e da sua superioridade. Mas, de que estão se gabando? Dos dons de Deus, de que tanto se orgulham? Por que se gabam desses dons? Vocês os produziram? Vocês os criaram? Vocês os geraram? São o resultado de alguma coisa que vocês fizeram? Parem e pensem por um momento, e tratem de compreender que vocês não fizeram de si o que são. Se vocês têm um grande cérebro, não é seu o crédito, vocês nasceram com ele. Se vocês têm uma voz maravilhosa para cantar, vocês não a produziram; foi-lhes dada. De que se gabam? Tudo que vocês têm não é resultado de sua ação ou de sua atividade; é algo de que Deus os dotou. Quem os diferencia? E que têm vocês que não tenham recebido? É tudo dom de Deus. Se vocês se gabam da sua aparência pessoal, do seu bom aspecto, das suas habilidades, ou de alguma coisa que possuem, parem e perguntem a si mesmos: "De que me gabo? Por que me orgulho disto? Recebi tudo, nada é resultado de alguma coisa que eu tenha feito". Porque deixamos de proceder assim, o diabo, com os seus ardis, pode inflar-nos e fazer-nos orgulhosos dos dons que Deus nos deu.

O mais profundo entendimento psicológico do homem que se possa achar em algum lugar, encontra-se na Bíblia. Esta é a única resposta, e a conclusiva. Olhamos para os grandes homens do mundo, e os elogiamos e os louvamos. Mas estamos errados. Devemos louvar a Deus. É Deus quem faz um Shakespeare, não o homem; é Deus quem faz os grandes generais, os grandes estadistas. Estes homens foram revestidos

de dons. Todos os grandes cientistas nasceram com os seus dons. Por isso, nunca devemos gloriar-nos nos homens, mas em Deus, que pode dar tais dons aos homens e pode usar os homens como o faz. Não devemos gabar-nos de nós mesmos, nem dos outros. Devemos ver a Deus acima de todos, a Deus que dá estes vários dons como Lhe apraz. Esse é o segredo.

Todavia, não devemos parar nesse ponto; devemos ir adiante e levantar esta questão: que é que eu mereço realmente? Examine-se e veja-se como você é realmente, não como os outros o vêem, nem como você gostaria que os outros os vissem. Não veja somente a imagem que você forjou perante a sociedade, porém apenas olhe para si mesmo e fale consigo mesmo como você é realmente. Observe o seu espelho espiritual. Você sabe o que as pessoas pensam de você. Contudo, o que

aconteceria se elas conhecessem todos os pensamentos que você afaga em sua mente, em sua imaginação e em seu coração? Que aconteceria se elas soubessem das coisas que às vezes você propõe a si próprio? Ou, que aconteceria se elas conhecessem os seus segredos mais íntimos? "Nenhum homem é herói para o seu criado", é um ditado comum. E nenhum homem deveria ser herói para si mesmo, porque ele é mais íntimo para si mesmo do que para o seu criado.

Havendo compreendido isso, pergunte a si próprio: que é que eu mereço realmente? Não tenho nada do que me gabar; que aconteceria se eu fosse tratado conforme os meus merecimentos? Que aconteceria comigo? "Se tu, Senhor, observares as iniquidades, Senhor, quem subsistirá?" (Salmo 130:3). Tratemos, pois, de compreender que, como cristãos, somos o que somos pela graça de Deus. Os dois homens insensatos que já mencionei, que se gabavam das suas experiências, teriam permanecido em seu pecado, não fosse pela graça de Deus. A graça de Deus os tinha apanhado em sua embriaguez e os tinha transformado e renovado. Contudo, jactavam-se como se eles o tivessem realizado. As pessoas que contam suas experiências publicamente, muitas vezes tendem a exagerá-las e a forjá-las com o fim de se fazerem parecer mais maravilhosas; e assim depreciam a toda-importante graça de Deus.

Somos o que somos pela graça de Deus. A especial característica do apóstolo Paulo consiste na ênfase que ele dá à graça. Ocasionalmente ele tem que se defender, porém sempre se refreia. Referindo-se às aparições de Cristo ressurreto, diz ele: "E por derradeiro de todos me apareceu também a mim, como a um abortivo. Porque eu sou o menor dos apóstolos, que não sou digno de ser chamado apóstolo, pois que persegui a Igreja de Deus. Mas pela graça de Deus sou o que sou" (1 Coríntios 15:8-10). Depois, na Segunda Epístola aos Coríntios, ele repete isso, dizendo efetivamente: vocês estão me forçando a gabar-me. Não quero gabar-me, todavia vocês estão sempre se gloriando demais nos homens. Você são tão insensatos, tão ignorantes, que me compelem a gabar-me. Portanto, tenho que lhes contar o que fiz

(2 Coríntios 12:11). Paulo sempre teve em mira a graça de Deus; isto o mantinha humilde; mantinha o seu espírito ameno; mantinha-o livre do horrível pecado do egoísmo, do orgulho e da auto-atribuição de importância. Os cristãos não têm do que se gabarem. Somos o que somos inteiramente como resultado da graça de Deus.

Vamos expor o ensino de 1 Coríntios capítulo 12, e examinar a Igreja como o corpo de Cristo. O princípio central é que cada parte do corpo é importante. Naturalmente, nem todas as partes são igualmente notáveis na aparência, nem parecem igualmente essenciais. A cabeça,

os olhos, as mãos e os pés parecem essenciais, maravilhosos e importantes. Entretanto, diz o apóstolo, "há membros menos decorosos"; há partes das quais não falamos, as quais escondemos. Mas, diz Paulo, o corpo não pode funcionar sem as partes menos decorosas. O estudo do corpo é um procedimento muito salutar. É muito humilhante, porém também é muito saudável. As partes menos decorosas são tão essenciais como as mais decorosas. Vocês não podem gabar-se delas, mas não podem viver sem elas. Muito bem, recomenda Paulo, apliquem tudo isso a si mesmos, na qualidade de membros da Igreja cristã. Há diferenças nos dons — alguns são grandes, alguns são aparentemente pequenos, segundo a estimativa do homem. No entanto, diz ele, não os avaliem segundo a estimativa do homem; avaliem-nos segundo o método de Deus. Vejam que o que importa é que cada qual é um membro do corpo de Cristo, um pequeno dedo, talvez. Isso não tem importância; cada um de vocês está ali — uma parte menos decorosa, mas essencial ao funcionamento harmonioso e sadio do corpo. Aquilo em que cada cristão deve concentrar-se não é a parte específica que acontece ser ele, e sim o fato de que ele *é* uma parte, que ele tem o privilégio de estar no corpo, cujos membros são todos governados pela mesma Cabeça, e são necessários para o funcionamento harmonioso do corpo. Regozije-se cada cristão no fato de que está no corpo e constitui uma parte de Cristo. "Ora vós sois o corpo de Cristo, e seus membros em particular." Isso de membro de igreja insignificante não existe. Não permitamos que o diabo nos faça de tolos e nos desencaminhe. Todos somos de grande valor no reino de Deus, e não devemos entregar-nos a distinções artificiais e ridículas. Cada membro é essencial ao funcionamento harmonioso do todo.

Em última instância, o que importa é o que Deus pensa de nós; a única coisa que importa é o que Cristo pensa de nós. Se tão- somente pudéssemos apegar-nos firmes a este princípio, isso revolucionaria tudo. Sempre tendemos a querer saber o que as pessoas pensam e dizem de nós; e assim nos tomamos muito sensíveis. Elas não estão nos elogiando o bastante, ou estão nos criticando; e ficamos magoados e deprimidos. Que miséria e que agonia temos que agüentar na vida por causa deste horrível ego, e desta preocupação com o que as pessoas estão pensando! Há somente uma resposta para isso. Esta se acha em 1 Coríntios, capítulo 4, começando no versículo primeiro. "Que os homens nos considerem como ministros de Cristo, e

despenseiros dos mistérios de Deus. Além disso requer-se nos despenseiros que cada um se ache fiel. Todavia, a mim mui pouco se me dá de ser julgado por vós, ou por algum juízo humano; nem eu tão pouco a mim mesmo me julgo. Porque em nada me sinto culpado; mas nem por isso me considero

justificado; pois quem me julga é o Senhor. Portanto nada julgueis antes de tempo, até que o Senhor venha, o qual também trará à luz as coisas ocultas das trevas, e manifestará os desígnios dos corações; e então cada um receberá de Deus o louvor."

Essa deveria ser a verdade a respeito de todos nós! "A mim mui pouco se me dá de ser julgado por vós, ou por algum juízo humano." Mas o apóstolo não parou nesse ponto. É possível ler biografias de homens que, depois de grande luta, chegaram à condição de poder dizer: "A mim mui pouco se me dá de ser julgado por vós, ou por algum juízo humano." Eles tinham sofrido por causa das suas naturezas muito sensíveis, porque ficavam muito perturbados com o que outras pessoas diziam e pensavam deles. Não podiam dormir de noite por causa disso, estavam em agonia, vivendo em termos de reação às opiniões e críticas doutras pessoas. Eram hipersensíveis. Contudo, após uma terrível luta, superaram isso e disseram: "Afinal de contas, que me importam eles? Quem são eles? Em todo caso são juizes, incompetentes, e não podem avaliar o meu trabalho". Assim, eles se colocaram numa posição na qual se insularam, contra as críticas alheias. No processo, porém, alguns se tomaram cínicos. Retiraram-se para um refúgio secreto, no qual diziam: "Naturalmente, estas pessoas não entendem, não sabem apreciar; esse é o problema delas. São ignorantes, não sabem." Assim, embora num sentido não estivessem mais reagindo às críticas, ficaram numa condição mais terrível ainda, porque passaram a viver só consigo mesmos no lugar mais recôndito e secreto. É possível um homem agir assim, e dizer: "Para mim, muito pouco se me dá de ser julgado por vocês, ou por algum juízo humano. Não me preocupa o que vocês pensam de mim; vocês não conseguirão magoar-me nunca mais." Esse homem, no entanto, é ainda mais culpado de ser escravo do ego do que o era, pois não deu mais aquele passo adicional, "nem eu tão pouco a mim mesmo me julgo". O apóstolo Paulo não somente cessara de preocupar-se com as críticas das outras pessoas; ele mesmo não se criticava mais. Noutras palavras, ele tinha parado de vigiar-se e de viver para si mesmo. E este último passo é essencial. Temos que aprender a parar de preocupar-nos conosco e com a opinião que temos de nós mesmos, como também da de outras pessoas. O ego alimenta o ego, e a maneira pela qual o faz é sumamente sutil e engenhosa; ele externa os seus cumprimentos e nos elogia, e responde às críticas. É-nos essencial chegar ao estágio final em que o ego deixa de alimentar a si próprio — "nem eu tão pouco a mim mesmo me julgo". E o único jeito de fazê-lo é o indicado pelo apóstolo. É tratar de entender que nada importa, senão o julgamento, a avaliação e a opinião do Senhor. "Por que em nada me sinto culpado; mas nem por isso me considero

justificado; pois quem em julga é o Senhor." E Ele conhece todas as coisas — "as coisas ocultas das trevas", "os desígnios dos corações"; todas estas coisas serão postas às claras. A única coisa que importa é como pareço em Sua presença. Portanto, podemos dizer comHoratius Bonar, num dos seus hinos:

Os homens não Te fazem caso, não Te amam, nem Te louvam; o Mestre louva; que são os homens?

Ou, melhor ainda, vejam uma declaração que se acha na Biografia de George Müller, de Bristol, fundador e mantenedor dos Lares de Müller. Diz ele, solenemente: "Chegou o dia em que morri para George Müller total, completa e absolutamente; morri para tudo que ele era, que tinha, possuía e esperava ser. Morri completa e absolutamente para George Müller". Esse é o segredo — o fim definitivo e a morte do ego! É somente quando chegamos a essa condição que experimentamos a verdadeira liberdade e somos capazes de vencer as ciladas do diabo neste aspecto particular.

Agora, para completar a argumentação, procuremos dar-nos conta de como o ego é, em todas as suas manifestações, desonroso para com Deus e Sua graça, e para com o evangelho de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo. O mundo nos observa e, quando vê tudo isso, diz: "Onde está o seu cristianismo? Qual é o seu valor? Que importância tem?" Dizem os do mundo: "Vejo nas pessoas da Igreja exatamente o que vejo nas pessoas em suas profissões: cada uma tentando ser grande, ter a primazia, ser líder. Qual é a diferença entre uma igreja e uma sociedade ou profissão? Nenhuma". E assim o evangelho vem a sofrer má reputação. Não há nada que desonre mais o evangelho, e principalmente a doutrina da regeneração e do novo homem em Cristo Jesus, do que a manifestação deste velho princípio do ego que é o princípio essencial do pecado e do mal. Atentemos para ele então, e odiemo-lo com todas as veras do nosso ser.

Finalmente, havendo compreendido como é a sua natureza horrível, olhemos para Aquele a quem temos o privilégio de seguir e a quem pertencemos. "Nada façais por contenda ou por vangloria, mas por humildade; cada um considere os outros superiores a si mesmo. Não atente cada um para o que é propriamente seu mas cada qual também para o que é dos outros. De sorte que haja em vós o mesmo sentimento que houve também em Cristo Jesus, que, sendo em forma de Deus, não teve por usurpação ser igual a Deus." Noutras palavras, Ele sempre existira na forma de Deus, porém não via isso como uma coisa à qual

agarrar-se a todo custo e nunca soltar — os sinais e as manifestações da glória. Jamais considerou isso como uma vantagem a que apegar-se sem nunca largar, custasse o que custasse. Ele não dizia: "Não desisto de nada, exijo os meus direitos e minhas prerrogativas". Ele fez exatamente o oposto — "aniquilou-se a si mesmo, tomando a forma de servo, fazendo-se semelhante aos homens; e achado na forma

de homem, humilhou-se a si mesmo, sendo obediente até à morte, e morte de cruz" (Filipenses 2:3-8). Como poderíamos esquecer tudo isso?

O Bebê na manjedoura é o Senhor da glória, Aquele mediante quem foram feitos os céus, a terra e tudo mais. Ele Se humilhou a esse ponto! E ei-lO aí, criado na pobreza, desconhecido. Trabalhando com as próprias mãos como carpinteiro — Aquele que com as mesmas mãos fizera o cosmos ei-10 aí esbofeteado, escarnecido, ignorado. O Senhos da glória! Ei-lO! Ele não está tomando a Si próprio em consideração. Essa era a Sua mente, o Seu sentimento, quando estava morrendo em agonia, fraqueza e vergonha na cruel cruz. Ele fez isso tudo para que eu e você pudéssemos ser redimidos do pecado, do ego, desta coisa horrível e hedionda que fez do mundo o que ele é, e que arruinou a gloriosa criação de Deus. Ele Se humilhou, não teve nenhuma consideração por Si mesmo, tomou-Se, por assim dizer, um João Ninguém, foi considerado como criminoso, foi crucificado com ladrões, levando insulto sobre insulto. Não se queixou; submeteu-Se espontaneamente. Sacrificou a Sua reputação, aniquilou-Se, para que eu e você pudéssemos ser resgatados e redimidos e tomar-nos filhos de Deus, herdeiros de Deus e co-herdeiros dEle.

Não há o que acrescentar a isso. "Haja em vós o mesmo sentimento que houve também em Cristo Jesus." Ele só tinha um pensamento dominante, fazer a vontade do Pai, sem se importar com o que isto envolvesse. Isto significou deixar o céu, deixar a glória, deixar de lado os sinais da glória; significou ser Ele um pequenino e indefeso Bebê. Os homens O rejeitam. "Veio para o que era seu, e os seus não o receberam" (João 1:11). O Pai Se agradou dEle, pensem ou digam o que pensarem e disserem os homens. Eis o que importa, servir a Deus, ser de valor em Seu reino, prestar ajuda ao Seu grande e glorioso plano de salvação, ao Seu esquema de redenção. O que importa não é qual é o seu papel ou lugar, ou o que as pessoas pensam de você, e nem mesmo o que você pensa de si próprio. "O Mestre louva". Contemple esperançoso o grande dia vindouro. O mundo pode não ter sabido nada sobre você, pode não ter havido nenhuma notícia na coluna de obituário de *The Times*. Mas quando você aparecer no céu, o seu nome será conhecido, e o Senhor lhe dirá: "Bem está, servo bom e fiel". Não conhecido e não elogiado pelos homens, "um mudo e inglório Milton,

"um Hampden de aldeia", que acaso você possa ter sido. Isso não importa. "Eu o conheci", diz o Senhor, "e o vi. Vi sua fidelidade e sua lealdade. Sei que você viveu para Mim e para a Minha glória. Bem está, você, servo bom e fiel; entre no gozo do seu Senhor." "Haja em vós o mesmo sentimento que houve também em Cristo Jesus." Se a mente ou o sentimento de Jesus estiver em você, as ciladas do diabo não o poderão abalar. Você poderá responder-lhe em todos os pontos da maneira como venho tentando indicar, e assim Deus Se agradará de você, e "não se envergonhará de se chamar seu Deus" (Hebreus 11:16).

ZELO VERDADEIRO E FALSO

Chegamos ao terceiro item das partes em que dividimos a manifestação das astutas ciladas do diabo, a saber, as ciladas do diabo como estas são armadas e acionadas contra a nossa conduta, a nossa prática e o nosso comportamento. Uma rudimentar mas valiosa divisão de nossas vidas como cristãos é pensar em nós mesmos como sendo mente, coração e vontade; e, segundo o apóstolo Paulo, não há nada mais importante do que nos darmos conta de que o diabo, para os seus próprios fins e propósitos, está interessado em fazer-nos afundar em cada um destes pontos. Geralmente ele começa com a mente. E depois, como já vimos, ele entra na esfera da experiência e dos sentimentos, causando-nos confusão e fracasso. Todavia a coisa não para nem mesmo aí. Ele não nos deixa em paz na questão mais prática do viver, da aplicação. Não lhe importa onde nem como, o que lhe importa é fazer-nos cair em má reputação e, por meio de nós, infamar a fé cristã e sua mensagem.

As Escrituras dão considerável atenção a este assunto. No Velho Testamento muito espaço é dedicado à exortação aos filhos de Israel para serem santos. Esse é o propósito dos Dez Mandamentos, como também da lei cerimonial e das regras e regulamentos com os quais a vida daquele povo era governada. A finalidade de todo o conjunto pode resumir-se nesta frase: “Sede santos, porque eu sou santo”. Os israelitas eram o povo de Deus. Eles eram recalcitrantes e foram muito morosos para aprender esta verdade, mas foi essa verdade que lhes foi pregada por Moisés e por Josué, e depois por todos os profetas. Todos eles pregaram esta mensagem, que os filhos de Israel jamais deveriam esquecer quem eram, pois o nome de Deus estava sobre eles; e, portanto, deviam viver uma vida que correspondesse ao excelso nome e designação a eles dado. Tem havido muito mal-entendido concernente a isto, e principalmente neste século vinte. Muitos que têm acentuado o ensino ético da Bíblia não perceberam que o contexto do ensino ético é a relação do povo com Deus. Não se trata de mera moralidade geral. Trata-se da ética peculiar que se aplica aos que eram chamados “povo de Deus”.

O Novo Testamento firma o mesmo ensino de maneira ainda mais notável. Bem no início do Seu ministério, o Senhor Jesus pregou o que comumente é chamado “Sermão do Monte”. O objetivo e a intenção daquele sermão consistem em fazer-nos lembrar que, uma vez que os Seus discípulos são o povo de Deus, devem viver de determinada maneira. “Assim resplandeça a vossa luz diante dos homens, para que vejam as vossas boas obras e glorifiquem a vosso Pai, que está nos céus” (Mateus 5:16). O Senhor dá detalhadas instruções quanto a como devemos viver, e tudo porque somos filhos de Deus. Os cristãos devem ser dignos do seu Pai que estás nos céus. Esta questão de conduta e prática é posta em primeira plana, e assim ela continua através de todo o ensino do Senhor Jesus. Similarmente no que diz respeito às epístolas, é lugar comum dizer que elas todas podem ser divididas em duas partes principais — primeiramente, a parte doutrinária, e depois uma parte prática,

concitando à aplicação de tudo que foi formulado. Pode-se ver isso com particular clareza na Epístola aos Efésios. Nos três primeiros capítulos encontramos pura doutrina. Depois, no começo do capítulo quatro, vemos: "Rogo-vos, pois, eu, o preso do Senhor, que andeis como é digno da vocação com que fostes chamados", e assim por adianta. É o que se dá praticamente com todas as epístolas do Novo Testamento, o que mostra a absoluta importância deste aspecto prático da nossa vida como povo de Deus cá neste mundo. No livro de Apocalipse vocês poderão ver que os dois últimos capítulos incluem precisamente este tema. Há advertências que nos dizem que fora ficarão os cães, e que nada que seja impuro terá permissão para entrar na Cidade Santa (22:15).

A explicação desta ênfase é, em grande parte, que os que ficam de fora, os não cristãos, estão sempre mais interessados no que fazemos do que no que somos. Nós, como povo de Deus, somos representantes de Deus e do Seus grandes propósitos, e os que estão de fora, em sua ignorância, observam-nos e julgam tudo — o Pai, o Senhor Jesus Cristo e o Espírito Santo — em função de nós. Dizem eles: "É fácil falar, mas a questão é: como são vocês? Que é que vocês estão fazendo?" Eles aplicam a nós esse teste de maneira muito severa e meticulosa, e não podemos culpá-los por fazê-lo. Sabemos que os seus padrões e as suas perspectivas são defeituosos; não obstante, temos que tomá-los como são. Eles acham que o que faz de um homem um cristão é a vida que ele leva e, daí, se nos virem falhar na vida, na conduta e na prática, considerarão toda a mensagem como sendo mais ou menos sem valor. Não compreendem a doutrina da justificação pela fé somente. Pensam que o cristão é apenas um homem bom, um homem moral, um homem que vive certa espécie de vida; por isso julgam a totalidade do

evangelho em termos do nosso sucesso ou fracasso. Segue-se, pois, que toda falha da nossa parte, nesta questão de conduta, desacredita o evangelho, desacredita a Deus e ao Senhor Jesus Cristo, e desacredita tudo aquilo pelo que lutamos.

Os jornais dão abundante e constante prova do meu ponto de vista. Se notam que o homem que cometeu um crime é professor da Escola Dominical, nunca deixam de publicá-lo. "Professor da Escola Dominical acusado", diz o título da reportagem. Isso revela simplesmente o antagonismo do homem natural, sob a influência do diabo e seus ardis, a Deus, a Cristo, à Igreja, a tudo que é santo. Eles estão sempre nos vigiando, e no momento em que vêem qualquer lapso ou mancha, não se demoram em tomar isso e usá-lo. Desse modo procuram colocar o evangelho em descrédito. Obviamente, pois, isto é uma coisa que muito provavelmente o diabo empregará. Ele sempre atacou o povo de Deus ao longo desta linha, e continuará a fazê-lo. A história da Igreja é uma continuação da história dos filhos de Israel. E, se cairmos, tudo pelo que lutamos estará envolvido.

Notemos certas linhas gerais de ataque ao longo das quais o diabo vem a nós.

Primeiro, o diabo exerce as suas artimanhas influenciando a nossa atitude em geral para com a conduta e o comportamento. A maior coisa que um homem possui é a sua mente, e se o pensamento do homem estiver errado, tudo mais estará errado. "Como o homem pensa, assim ele é"; e assim age. O método favorito do diabo aqui de novo é empurrar-nos de uma extremo para o outro. Ele se delicia em impedir-nos de manter o equilíbrio da mente, que é a glória essencial do cristão.

Um extremo nesta esfera particular é aquilo que comumente se conhece como antinomianismo, que, de acordo com o sentido literal da palavra, significa oposição a toda a idéia de lei. O antinomiano alega virtualmente que a nossa conduta e prática não se relaciona com a lei de Deus. Argumenta da seguinte maneira: o Velho Testamento preocupa-se com moralidade, ética, conduta, comportamento. É a lei. Mas sob o evangelho a situação é completamente diversa. O evangelho nos livra da lei e nos mantém livres. O cristão não está mais debaixo da lei; é um homem livre. O diabo aproxima-se de um homem que viu esta verdade e o pressiona a ir a tal extremo que ele se toma antinomiano, isto é, alguém que só se interessa pela fé evangélica de maneira puramente intelectual. Interessa-se pelas grandes doutrinas; compreende-as e nelas se deleita; e está preparado para discutir sobre elas e defendê-las. Entretanto fica nisso, e pensa que nada mais é necessário.

Recordo-me de uma experiência que tive uma vez num caso semelhante, com um homem que pertencia a outro grupo da Igreja cristã.

Tinha ele muito interesse pelas doutrinas e dogmas cristãos, e estava sempre pronto a discutir sobre eles e a defendê-los. Uma vez estive no mesmo grupo desse homem, e mesmo enquanto está vamos debatendo as doutrinas da fé cristã, ele bebia muito. Nunca pareceu ocorreu-lhe que havia algo incongruente e contraditório em tal ação. O interesse dele era puramente intelectual. Há muitos homens assim, porém não tantos hoje como dantes.

Mas o diabo faz outras abordagens. Uma das mais sutis consiste em inculcar um errôneo entendimento da doutrina da justificação somente pela fé, a doutrina fundamental do protestantismo. Ele se aproxima de um homem que estudou esta doutrina e tanto o pressiona que o leva a tal extremo que o homem acaba dizendo: "O que faço como cristão não importa. Ninguém jamais é justificado pelas obras; fui justificado inteiramente pela fé. Portanto, as minhas obras não têm a mínima importância; posso fazer o que quiser. Se creio em Cristo, tudo está bem comigo". Naturalmente, tal conceito não passa de puro disfarce da doutrina da justificação somente pela fé.

Do mesmo modo, o diabo, com a sua velhacaria, empenha-se em confundir os cristãos no que se refere à "perseverança final dos santos", doutrina sumamente gloriosa! "Ninguém as arrebatará da minha mão!" O evangelho ensina que somos salvos pela graça, que a salvação é de graça do princípio ao fim. Não contribuímos

com nada para a nossa salvação. Deve-se totalmente a Deus. E, em conseqüência, a perseverança final dos santos está garantida. Mas vem o diabo e nos diz: "O que isso significa realmente é que você está livre para fazer o que quiser, isso não faz diferença alguma para você, a sua salvação está garantida". Assim ele nos enlaça e tenta persuadir-nos a vangloriar-nos destas duas gloriosas doutrinas e, de fato, procura fazer de nós antinomianos fanáticos.

Sempre está presente o perigo de não tomarmos a Palavra e o seu ensino como um todo e de extrairmos certos textos favoritos, esquecendo convenientemente outros; noutras palavras, neste contexto específico, o diabo nos tenta no sentido de fazer-nos esquecer os ensinamentos do capítulo dois da Epístola de Tiago, de que "a fé sem obras é morta". A fé não é apenas um assentimento intelectual; ela envolve a personalidade toda. Não envolve só a mente, mas também o coração e a vontade, e, portanto, tudo quanto abrange a prática e o comportamento. A fé não leva o homem a ocupar-se apenas da esfera das proposições intelectuais, e sim, requer o engajamento do homem integral. Daí Tiago afirma com muito acerto que "a fé sem obras é morta". "Mostra-me a tua fé sem as tuas obras, e eu te mostrarei a minha fé pelas minhas obras", diz Tiago. Não há contradição entre Tiago e Paulo. Ambos ensinam

exatamente a mesma coisa. Ênfase idêntica se vê em toda parte no ensino do apóstolo Paulo, razão pela qual em suas exortações éticas ele diz, efetivamente: "Se vocês se dizem cristãos, não podem adotar certos tipos de conduta culposa. Há coerência na vida cristã. Visto que vocês foram justificados pela fé somente, estão obrigados a viver de maneira cristã". No capítulo dois desta Epístola aos Efésios, por exemplo, ele escreve: "somos feitura sua (de Deus), criados em Cristo Jesus para as boas obras, as quais Deus preparou para que andássemos nelas" (AV: "as quais Deus pré-ordenou") (versículo 10). Se cremos na doutrina da eleição, devemos crer que fomos eleitos "para as boas obras". Nós "nascemos de novo" para podermos praticá-las. "A fé sem obras é morta; é mero assentimento intelectual.

Vê-se o mesmo ensino em muitos outros lugares das Escrituras, como, por exemplo, na Primeira Epístola aos Coríntios, epístola que nos salvaguarda deste perigo em particular, sem necessidade de qualquer outro acréscimo. Certos cristãos em Corinto gabavam-se do seu conhecimento, do seu entendimento e dos seus dons e, contudo, diz o apóstolo que pesava sobre eles a culpa de pecados que os gentios nem sequer mencionariam, tão vergonhosos eram eles! "Geralmente se ouve que há entre vós fomicação, e fomicação tal, qual nem ainda entre os gentios, como é haver quem abuse da mulher de seu pai. Estais inchados, e nem ao menos vos entristecestes por não ter sido dentre vós tirado quem cometeu tal ação" (5:1-2). Puro antinomianismo! Inchados pelo seu conhecimento intelectual, estavam permitindo um pecado que, não somente era uma negação da fé, e sim também era uma coisa que até o mundo pagão considerava repugnante. Ensino similar com relação à ceia do Senhor encontra-se nos capítulos 10 e 11 da mesma epístola.

A resposta bíblica ao antinomianismo acha-se na Epístola aos Romanos: “Sabendo isto, que o nosso homem velho foi com ele crucificado, para que o corpo do pecado seja desfeito, para que não sirvamos mais ao pecado” (6:6). Esse é todo o objetivo da salvação. Por que o Filho de Deus morreu na cruz? Para “purificar para si um povo seu especial, zeloso de boas obras” (Tito 2:14). Este é o objetivo e o propósito da salvação; não meramente curtir a doutrina cristã.

Contudo, as nossas dificuldades ainda não se acabaram. O diabo, tendo falhado em seus esforços para levar-nos à posição do antinomi-ano, agora nos aborda de modo inteiramente diverso. Ele se preocupa em levar-nos ao extremo oposto, àquilo que se chama legalismo. Vem ele e diz: “Sim, tudo que lhe têm ensinado contra o antinomianismo é verdade; você deve compreender que na vida cristã toda a questão de

conduta e prática é absolutamente central e da maior importância”. Mas depois ele procura impelir-nos para um novo tipo de legalismo. A história da Igreja mostra que uma das formas mais comuns de legalismo é o ascetismo, expresso no monasticismo. É exemplificado nos monges, mosteiros, frades e pessoas que se segregavam do mundo para viverem a vida cristã. Em grau menor, e em princípio, ainda se vê nas igrejas protestantes. Há uma boa descrição do legalismo no começo da Primeira Epístola a Timóteo, capítulo quatro: “Mas o Espírito expressamente diz que nos últimos tempos apostatarão alguns da fé, dando ouvidos a espíritos enganadores, e a doutrinas de demônios; pela hipocrisia de homens que falam mentiras, tendo cauterizada a sua própria consciência, proibindo o casamento”. Dizem eles que o sexo é sempre pecaminoso, e que o cristão nunca se deve casar, porque isso é incitar a carne. “Proibindo o casamento, e ordenando a abstinência dos manjares” — os cristãos têm que ser vegetarianos — “que Deus criou para os fiéis, e para os que conhecem a verdade, a fim de usarem deles com ações de graça.” Esta é uma típica explicação do que significa o ascetismo.

Há uma similar descrição do ascetismo no final do capítulo dois da Epístola de Paulo aos Colossenses, onde ele se expressa assim: “Ninguém vos domine a seu bel-prazer com pretexto de humildade e culto dos anjos, metendo-se em coisas que não viu; estando debalde inchado na sua carnal compreensão, e não ligado à cabeça, da qual todo o corpo, provido e organizado pelas juntas e ligaduras, vai crescendo em aumento de Deus. Se, pois, estais mortos com Cristo quanto aos rudimentos do mundo, por que vos carregam ainda de ordenanças, como se vivésseis no mundo, tais como: não toques, não proves, não manuseies? As quais coisas todas perecem pelo uso, segundo os preceitos e doutrinas dos homens; as quais têm, na verdade, alguma aparência de sabedoria, em devoção voluntária, humildade, e em disciplina do corpo, mas não são de valor algum senão para a satisfação da carne” (versículos 18-23). É importante sabermos algo sobre o perigo de um falso ascetismo. Pessoas há que alegam que se você quiser viver a vida cristã, não poderá ser um negociante,

não poderá exercer alguma profissão. Você terá que sair do mundo, por assim dizer: terá que ligar-se a um mosteiro ou convento; terá que pertencer a alguma "irmandade"; você terá que partir e viver nalguma comunidade isolada, única forma de poder viver esta vida. Na verdade, alguns foram mais longe ainda; posto que o corpo foi com eles até a cela, achavam que deviam usar roupa de pelos de camelo. Apesar disso, o corpo marcava a sua presença, de modo que começaram a golpear-se e a entregar-se a flagelações. Puseram-se a atormentar-se e a ficar sem comer. Isso é

o que significa o legalismo, e o retomo a um método baseado nas obras e atividades pessoais do indivíduo, para ele viver a vida cristã e salvar a sua alma.

Isto não é pura teoria. Um movimento que lavra em certas partes da Igreja cristã atualmente está ocasionando muita infelicidade e muito estrago em decorrência de uma compreensão errônea da doutrina do Novo Testamento. Seus adeptos entenderam mal particularmente a Segunda Epístola aos Coríntios, capítulo 6, a partir do versículo 14: "Não vos prendais a um jugo desigual com os infiéis; porque, que sociedade tem a justiça com a injustiça? E que comunhão tem a luz com as trevas? — e especialmente, "Pelo que saí do meio deles, e apartai-vos, diz o Senhor; e não toqueis nada imundo, e eu vos receberei". Isso está sendo interpretado como se significasse que o cristão não tem mais o direito de ser membro de nenhuma sociedade cultural, se essa sociedade também inclui incrédulos. Por exemplo, foi divulgada uma norma que dita que se um cristão for membro do Colégio Médico Real, o qual também tem no seu rol de membros pessoas não cristãs, deverá renunciar à sua ligação com ela ou à sua condição de membro. "Não vos prendais a um jugo desigual com os infiéis", dizem eles. Proíbem os cristãos de até comer com os não cristãos. Vão tão longe que chegam a dizer que nem sequer lhes é permitido comer com outros cristãos que não apoiam o seu particular ponto de vista, ainda que sejam seus parentes próximos.

Muitas vezes isso tem sido causa de problemas na Igreja. Talvez não seja um problema de grande monta hoje, mas sou suficientemente velho para lembrar a época em que isso era uma fonte de problemas. Lembro-me do homem mais piedoso que já conheci, que me contou que, quando jovem, passara por uma fase de legalismo que se expressava como segue: ele acreditava que o cristão devia observar o *Sabbath,* o dia do Senhor, e que não devia fazer as coisas próprias dos outros dias no dia do Senhor. Mas o diabo o levou ao legalismo no seguinte extremo. Vocês podem considerar isto divertido, porém era uma coisa muito real para aquele mal-orientado homem — ele calçava as botas e as amarrava sábado à noite. O argumento era que não se deve fazer no domingo o que se pode fazer no sábado; assim, sábado à noite ele amarrava as botas e dormia com elas nos pés! Naturalmente, mais tarde ele descobriu que isso era puro legalismo; todavia levou algum tempo para perceber isto e para obter o equilíbrio próprio do evangelho. "Examine-se pois o homem a si

mesmo.” Pessoas do tipo mais honesto é que são perturbadas pelo legalismo. O tipo mais comum de pessoa é atraída pelo antinomianismo. Livre-nos Deus destes dois extremos. Qual é o seu conceito de conduta, prática e comportamento? Em que

ponto isto entra em seu pensamento, em sua argumentação e em seu raciocínio normais? Acautelemo-nos, para que o diabo não nos leve a nenhum desses extremos.

Partamos agora para um segundo princípio, ou para um segundo grupo de problemas sob este título do ataque do diabo ao nosso comportamento em geral. Havendo decidido a questão da nossa atitude e do nosso ponto de vista, devemos examinar-nos quanto ao nosso comportamento em geral. Aqui de novo há dois extremos óbvios. O primeiro é o que se pode descrever como uma negligência geral. Significa uma falta de aplicação da verdade a nós mesmos. Uma das primeiras coisas que o cristão deve aprender é que ele precisa aplicar a verdade a si próprio. Não é suficiente ouvi-la, ou fruí-la diletantemente. O cristão tem que aplicar a verdade a si mesmo. Tiago, no capítulo primeiro da sua epístola, escreve: “Pelo que, rejeitando toda a imundícia e super-fluidade de malícia, recebei com mansião a palavra em vós enxertada, a qual pode salvar as vossas almas. E sede cumpridores da palavra, e não somente ouvintes, enganando-vos com falsos discursos. Porque, se alguém é ouvinte da palavra, e não cumpridor, é semelhante ao varão que contempla ao espelho o seu rosto natural; porque se contempla a si mesmo, e foi-se, e logo se esqueceu de que tal era. Aquele, porém, que atenta bem para a lei perfeita da liberdade, e nisso perse vera, não sendo ouvinte esquecido, mas fazedor da obra, este tal será bem-aventurado no seu feito (versículos 21-25). Um homem lê a Bíblia, ouve um sermão. Acha que está certo, segue a argumentação. Entretanto, depois se vai e esquece tudo. Deixa de aplicá-lo. Não há nada mais inútil do que isso, diz Tiago, e, com a sua ilustração, ele o ridiculariza. Um homem olha seu rosto no espelho, mas depois se vira, vai embora e se esquece do que viu. Temos que continuar olhando, temos que prosseguir com a aplicação. Recorde, continue, vá falando consigo mesmo sobre a matéria, para que você se livre desta “superfluidade de malícia” com a qual o diabo está sempre nos tentando.

O apóstolo Pedro ensina a mesma verdade no capítulo primeiro da sua segunda epístola. Diz ele que o Senhor “nos tem dado grandíssimas e preciosas promessas, para que por elas fiqueis participantes da natureza divina, havendo escapado da corrupção, que pela concu-piscência há no mundo” (versículo 4). Fomos salvos, nascemos de novo, fomos libertos, escapamos da “corrupção, que pela concu-piscência há no mundo”. Depois ele continua: “E vós também, pondo nisto mesmo (por causa disto mesmo) toda a diligência, acrescentai à vossa fé a virtude, e à virtude a ciência, e à ciência temperança, e à temperança paciência, e à paciência piedade, e à piedade amor frater-

nal; e ao amor fraternal caridade”. Temos que “acrescentar” estas coisas, temos que

pôr diligência nisto e "suprir" nossa fé. Por que? "Porque, se em vós houver e abundarem estas coisas, não vos deixarão ociosos nem estéreis no conhecimento de nosso Senhor Jesus Cristo. Pois aquele em que não há estas coisas é cego, nada vendo ao longe, havendo-se esquecido da purificação dos seus antigos pecados. Portanto, irmãos, procurai fazer cada vez mais firme a vossa vocação e eleição; porque, fazendo isto, nunca jamais tropeçareis. Porque assim vos será amplamente concedida a entrada no reino de nosso Senhor e Salvador Jesus Cristo. " A isso não há necessidade de acrescentar coisa alguma! Observem a ênfase dada a "pondo nisto mesmo toda a diligência". Mas aqueles que têm um espírito geral de negligência esquecem tudo isso. Eles esquecem, diz o apóstolo Pedro, que foram purificados dos seus antigos pecados e simplesmente continuam vivendo como se muito pouca coisa tivesse acontecido com eles. Eles têm uma fé intelectual de que se lembram no domingo mas, ao que parece, não se lembram durante a semana; não a aplicam, não "põem diligência", não "acrescentam à fé" — não "suprem a fé".

Também podemos pensar neste mal como decorrente de uma falta de disciplina na vida cristã. Uma das primeiras coisas que temos de compreender é que temos que disciplina-nos. "Ah", você dirá, "mas eu pensava que a graça tinha entrado em cena, eu pensava que a disciplina era matéria da lei, e que a diferença entre o homem que está debaixo da lei e o cristão é que o cristão agora conhece a liberdade." Isso, naturalmente, está correto, porém liberdade não significa que o cristão vive a vida cristã automaticamente. O cristão é o homem a quem é dada responsabilidade; e, havendo nascido de novo, tem dentro de si o poder de viver a nova vida. O Espírito está nele. Deus não nos trata como máquinas, e sim como homens — "Esforçai-vos, e sede homens" (1 Samuel 4:9). Temos de aprender, e portanto temos de disciplinar-nos. Todavia muitos cristãos deixam de fazê-lo e, conseqüentemente, dão má reputação ao evangelho.

Na prática isto significa que precisamos disciplinar-nos em relação ao tempo, e a como devemos usá-lo. Temos que reservar tempo suficiente para a leitura da Palavra de Deus. Jamais cresceremos na graça, a não ser que conheçamos a Palavra de Deus. Mas a tendência de muitíssimas pessoas é deixar que as circunstâncias e outras pessoas governem e controlem as suas vidas. Não assumem a direção de si mesmas. Não dizem, "Agora devo pôr isto em primeiro lugar. Tenho prioridades e, seja o que mais for que eu faça no dia de hoje, preciso ler e estudar a Palavra de Deus porque é o alimento provido por Deus para a minha alma". Este é o caminho do crescimento. Isto requer disciplina,

e às vezes uma disciplina férrea. Igualmente com a questão da oração. Por isso, grande ênfase é dada à oração nas Escrituras. Em acréscimo a isso, há a freqüência à casa de Deus. Passagens sobre "não deixando a nossa congregação" foram dirigidas aos cristãos primitivos porque evidentemente alguns estavam pensando: "Como agora sou cristão, não preciso mais de ajuda, já cheguei lá". No entanto, eles não

tinham chegado, e depressa mostraram isso com os seus fracassos em sua conduta, na prática e, finalmente, até mesmo em sua fé (Hebreus 10:25).

Não há maior causa de fracasso na vida cristã do que uma negligência geral e a negligência em disciplinar a vida. Leiam os relatos de todos os grandes avivamentos da Igreja, principalmente do início deles, e sempre verão que está idéia de disciplina fora restabelecida. Tomemos o famoso exemplo do que aconteceu há duzentos anos no Despertamento Evangélico. O que o precedeu, humanamente falando, foi a formação do Clube Santo, em Oxford. Os membros do clube ainda não tinham visto a verdade, porém tinham visto a necessidade de disciplina. Deram-se conta de que a imensa maioria dos supostos cristãos não estavam vivendo como cristãos. Chamavam-se cristãos, mas havia pouca diferença entre eles e os que pertenciam ao mundo. Entretanto os membros do Clube Santo diziam: "O cristão é alguém que leva uma vida ordenada". Daí começaram a disciplinar-se, donde o termo "metodista". Puseram-se a viver de acordo com um método. Naturalmente há sempre o perigo de que o método venho a ser demasiado importante, tomando legalistas as pessoas. Contudo, o remédio para isso não é abandonar o método, e sim exercer uma disciplina equilibrada, a compreensão de que é essencial que ordenemos as nossas vidas de acordo com as Escrituras.

É de vital importância que constantemente façamos aplicação da verdade a nós mesmos. Isso envolve auto-exame freqüente, diário até. Devemos rever sempre as nossas vidas à luz do ensino das Escrituras, à luz do que sentimos na presença de Deus, à luz das vidas dos santos através dos séculos. Disciplina! Ordem! Auto-exame! O diabo tenta fazer que o cristão seja negligente acerca destas coisas e diga: "Agora sou cristão. Fui salvo, fui para a frente no fim de uma reunião, pus meu nome num cartão, tudo está bem comigo. Decidi-me por Cristo e, portanto, não tenho por que me preocupar". Isso é negligência, é a falta de disciplina que traz vergonha para o evangelho.

Mas depois há o exato oposto. No momento em que você se dá conta da possibilidade do perigo recém-descrito, vem o diabo e tenta fazê-lo entregar-se ao que sou constrangido a denominar zelo carnal. Note-se que lhe chamo zelo "carnal". Zelo é sempre bom, porém zelo carnal na

vida cristã é mau. O que quero dizer é que o homem que percebeu que estava sendo negligente e não estava fazendo nada, agora começa a tomar-se ativo e excessivamente ocupado. É muito difícil dizer qual destas duas condições é a pior. Há muitos cristãos que, completamente desconhecidos para si mesmos, vivem de suas próprias atividades, vivem de sua mania de tarefas e ocupações, vivem das organizações a que pertencem, vivem de acordo com certa rotina prescrita para eles por alguma outra pessoa.

Tenho visto muito disso em minha experiência pastoral. Sei de certas organizações

nas quais homens e mulheres são levados a algum conhecimento da verdade. Depois se unem a uma associação e, na encantada atmosfera da associação, nunca perdem uma reunião. Estão cheios de boas obras, tomam parte em reuniões de oração, são ativos na evangelização pessoal. Todavia em pouco tempo sua permanência nessa associação e em sua atmosfera termina por várias razões, e eles têm que viver mais ou menos sem muito companheirismo cristão no grande mundo de fora. E depressa escorregam e caem, porque eram dependentes da atmosfera, da organização, da associação. Que terrível perigo é este! Enquanto estavam naquela atmosfera, eram levados pelo espírito do movimento. Mas nunca o tinham compreendido realmente. Estavam vivendo de suas ocupações atarefadas, da sua atividade pessoal e do seu zelo carnal. Subitamente, se acham fora no mundo, em circunstâncias inteiramente diferentes e entregues a si mesmos, eles não tem nada. O estímulo se foi, o impulso não vem e, assim, eles começam a perder o interesse, a tomar-se negligentes, e o passo subseqüente é, talvez, caírem eles em pecado e se acharem numa situação deveras aflitiva. Isto constitui um real perigo, particularmente para os jovens. O diabo os tenta por meio de gente bem intencionada, que diz: "Agora que você está salvo precisa começar a ocupar-se, precisa fazer alguma coisa". E os colocam num certo molde. Entretanto, não têm real entendimento da sua posição; nunca a investigaram gradativa e espiritualmente. É uma coisa artificial, e é mantida pela atmosfera artificial em que eles se acham. "Porque não temos que lutar contra a came e o sangue, mas sim contra os principados, contra os potestades, contra os príncipes das trevas deste século, contra as hostes espirituais da maldade, nos lugares celestiais." O diabo, que pode transformar-se em anjo de luz, nem sempre nos incita a pecado óbvio. Ele sabe que, se se aproximasse de certo tipo de cristão e o confrontasse com algum pecado terrível, este recuaria. Por isso simplesmente o persuade a ser negligente, a não ser entusiasta, a não ser muito zeloso, "a não fazer-se ridículo" como alguns outros cristãos para quem ele aponta. E assim a vítima se toma indolente e não faz nada; e aos poucos

baixa toda a temperatura da sua vida, e finalmente ele cai em pecado.

Quanto ao outro homem, que vive das suas atividades, podemos aplicar o que o apóstolo Paulo diz acerca dos seus patrícios: "Porque lhes dou testemunho de que têm zelo de Deus, mas não com entendimento" (Romanos 10:2). Zelo não basta, estar sempre ocupado não basta, atividade não basta. Não permita Deus que você viva da sua própria atividade. Se esta se levanta entre você e um conhecimento do Senhor, um crescimento na graça e um desenvolvimento espiritual, não passa de uma das "astutas ciladas do diabo" para mantê-lo ignorante e atrofiado.

A mesma coisa se aplica ao tipo de cristão que diz: "Bem, naturalmente, eu não tenho um grande cérebro, não sei pensar, não leio; sou um homem de atividade". O diabo já o manipulou, levando-o a uma condição de orgulho invertido; e uma vez que ele vive da sua própria atividade e lhe falta entendimento, o diabo logo o estará tentando

de algum modo mais sutil e, não reconhecendo a tentação, ele logo cairá.

Portanto, a exortação é que devemos ser governados pelas Escrituras, devemos manter o equilíbrio divino e evitar os extremos. Nada de antinomianismo, nem de legalismo; nada de negligência, nem de falso zelo! Então o quê? Como o expressa o apóstolo Pedro, devemos "seguir os seus passos" (de Cristo), "as suas pisadas" (1 Pedro 2:21). Em Cristo não havia extremismos; Ele sempre fazia a vontade do Seu Pai. Nunca exagerava em nada, num ou noutro lado. Ele permanecia no centro da vontade de Deus; e devemos seguir os Seus passos, sendo que Ele "não cometeu pecado, nem na sua boca se achou engano". Devemos olhar sempre "para Jesus, autor e consumador da fé" (Hebreus 12:2).

Queira Deus fazer-nos compreender este aspecto absolutamente importante da nossa vida cristã. O mundo de fora nos observa. "Amados, peço-vos como a peregrinos e forasteiros, que vos abste-nhais das concupiscências carnais que combatem contra a alma; tendo o vosso viver honesto entre os gentios; para que, naquilo em que falam mal de vós, como de malfeitores, glorifiquem a Deus no dia da visitação, pelas boas obras que em vós observem" (1 Pedro 2:11-12). Queira Deus dar-nos tal senso de responsabilidade no mundo em que vivemos hoje, que compreendamos que somos homens e mulheres marcados, sim, que somos filhos de Deus e guardiães da fé, e que o mundo julga até o próprio Deus pelo que vê em nós. "Revesti-vos de toda a armadura de Deus." "Fortalecei-vos no Senhor e na força do seu poder", pois nada menos que isso nos capacitará a opor-nos às astutas ciladas do diabo.

MUNDANEIDADE

Uma vez mais, e pela última vez, pomos os olhos nesta grande e momentosa exortação feita pelo apóstolo Paulo ao aproximar-se o fim da Epístola aos Efésios. Tendo afirmado as grandes doutrinas, e tendo exposto algumas das suas implicações práticas e sua extensão aos vários departamentos da vida, sentiu que lhe cabia concluir esta vigorosa palavra de exortação, esta grande convocação para a batalha. Nós a estivemos examinando, com as vistas voltadas particularmente para as "astutas ciladas do diabo". Vimos que estamos lutando contra o próprio diabo e contra todos os poderes que ele tem consigo — os principados e potestades, os príncipes das trevas deste mundo, as hostes espirituais da maldade, nos lugares celestiais — e vimos pormenorizadamente como o diabo e estes poderes que ele comanda se dispõem contra nós e nos atacam. Vimos como ele, em sua astúcia, investe contra a mente do crente, a experiência do crente, e como ele nos ataca na esfera da conduta, da prática e do comportamento.

Finalmente chegamos a outro aspecto desta matéria, e passamos a examinar aquilo que é comummente conhecido como "mundaneidade".

O maior problema com a mundaneidade é que ela em si mesma pertence a coisas não pecaminosas. É aquela condição na qual permitimos que as coisas legítimas e certas desempenhem um papel muito grande e ocupem um lugar muito grande em nossa vida e em nossa experiência como cristãos. E porque estas coisas não são pecaminosas em si mesmas, elas constituem enorme perigo.

O próprio Senhor Jesus tratou desta matéria, porque é um dos perigos mais sutis que confrontam o cristão. Ele o fez, por exemplo, na parábola do semeador, onde lemos: "E o que foi semeado entre espinhos é o que ouve a palavra, mas os cuidados deste mundo, e a sedução das riquezas, sufocam a palavra, e fica infrutífera" (Mateus 13:22). Mundaneidade significa exatamente isso. Mais notavelmente, porém, justamente à sombra da cruz, no fim da Sua vida, quando o Senhor fez uma previsão da história, disse: "E olhai por vós, não aconteça que os vossos corações se carreguem de glutonaria, de

embriaguez, e dos cuidados da vida, e venha sobre vós de improviso aquele dia" (Lucas 21:34). Ele estava falando da culminação da história, do clímax das eras que há de vir como um "laço", repentina e inesperadamente. Por isso exortou os Seus seguidores a serem cautelosos. Esta é uma palavra que nos fala hoje. Note-se que Ele disse que devemos "olhar por" nós — "olhai por vós". Você jamais deverá permitir, não somente que a "glutonaria" e a "embriaguez", mas também que os "cuidados da vida" de tal modo o enlacem e o ocupem que "venha sobre você de improviso aquele dia".

Depois há a passagem da Segunda Epístola aos Coríntios, capítulo 6: "Não vos prendais a um jugo desigual com os infiéis; porque, que sociedade tem a justiça com a injustiça? E que comunhão tem a luz com as trevas? E que concórdia há entre Cristo e Belial? Ou que parte tem o fiel com o infiel? E que consenso tem o templo de Deus com os ídolos? Porque vós sois o templo do Deus vivente, como Deus disse: neles habitarei, e entre eles andarei: e eu serei o seu Deus e eles serão o meu povo. Pelo que saí do meio deles, e apartai-vos, diz o Senhor; e não toqueis nada imundo, e eu vos receberei; e eu serei para vós Pai e vós sereis para mim filhos e filhas, diz o Senhor todo-poderoso". Esta exposição trata do mesmo problema, não da maneira legalista e judaica a que já nos referimos e que está se evidenciando na época atual em certos segmentos da Igreja, mas da maneira correta.,e equilibrada, ensinada pelas Escrituras. ,;,,

Mais uma ilustração, deveras extraordinária, acha-se na Primeira Epístola de Paulo a Timóteo: "Porque o amor do dinheiro é a raiz de toda espécie de males; e nessa cobiça alguns se desviaram da fé, e se traspassaram a si mesmos com muitas dores. Mas tu, ó homem de Deus, foge destas coisas, e segue a justiça, a piedade, a fé, a caridade, a paciência, a mansidão. Milita a boa milícia da fé, toma posse da vida eterna, para a qual também foste chamado, tendo já feito boa confissão diante de muitas testemunhas" (6:10-12). A Igreja Primitiva tinha necessidade destas advertências e exortações. E Paulo diz mais: "Mas é grande ganho a piedade com contentamento" — as pessoas estão sempre interessadas em ganho — "porque nada trouxemos para este mundo, e manifesto é que nada podemos levar dele. Tendo, porém, sustento, e com que nos cobrirmos, estejamos com isso contentes. Mas os que querem ser ricos caem em tentação e em laço, e em muitas concupiscências loucas e nocivas, que submergem os homens na perdição e ruína" (6:6-9).

Contudo, em muitos sentidos, a advertências mais famosa é a que se encontra na Segunda Epístola a Timóteo: "Porque Demas me desamparou, amando o presente século, e foi para Tessalônica" (4:10).

Depois há a notável e solene advertência na Primeira Epístola de João, capítulo 2, versículo 15: "Não ameis o mundo, nem o que no mundo há. Se alguém ama o mundo, o amor do Pai não está nele". Observem-se os contrastes e os opostos. Fica claro, então, que esta é uma rota pela qual o diabo ataca muito freqüentemente o povo de Deus.

Pois bem, isto pode mostrar-se na Igreja em geral, como também na vida do cristão individual. Daí a advertência à Igreja, em Tiago, capítulo 2: "Meus irmãos, não tenhais a fé de nosso Senhor Jesus Cristo, Senhor da glória, em acepção de pessoas. Porque, se no vosso ajuntamento entrar algum homem com anel de ouro no dedo, com vestidos preciosos, e entrar também algum pobre com sórdido vestido, e atentardes para o que traz o vestido precioso, e lhe disserdes: assenta-te tu aqui num

lugar de honra, e disserdes ao pobre: tu, fica aí em pé, ou assenta-te abaixo do meu estrado, porventura não fizestes distinção dentro de vós mesmos, e não vos fizestes juizes de maus pensamentos? Ouvi, meus amados irmãos: porventura não escolheu Deus aos pobres deste mundo para serem ricos na fé, e herdeiros do reino que prometeu aos que o amam?" (versículos 1-5). O Novo Testamento traça distinção entre a Igreja e toda as outras esferas da vida; e no momento em que ignoramos isto e consideramos a Igreja apenas como o aspecto espiritual do Estado, estamos abrindo caminho direto para a mundaneidade na Igreja. Isto pode ser levado para mais longe, de maneira que as divisões que o mundo de fora reconhece podem vir a ser reconhecidas na Igreja. No momento em que trazemos as categorias do mundo para dentro da Igreja, no momento em que a Igreja se toma "mundana" em suas distinções sociais, em sua maneira de conduzir os seus interesses — levantamento de fundos e coisas semelhantes — no momento em que ela inclui a idéia mundana, o método mundano, é culpada de mundanismo. Talvez nada tenha refreado tanto o avanço do cristianismo e a obra da Igreja como este espírito mundanal invadindo a Igreja de Deus e tomando-a uma coisa essencialmente diferente do modelo primitivo que se encontra no Novo Testamento.

Agora, deixando de considerar a Igreja em geral, examinemos como isto afeta o indivíduo. Mundaneidade é aquele estada no qual o nosso pensamento é governado pela mente e pela perspectiva do mundo. Permitam-me mostrar como isso é sutil. Estamos tratando dos cristãos porque somente os cristãos podem ser acusados de mundanismo. Aquele que não é cristão não é culpado disso porque ele não pode ser outra coisa. Mundanismo só existe realmente quanto ao povo de Deus; é aquele estado no qual o seu pensamento continua sendo determinado pela mente e pela perspectiva do mundo.

Se abordarmos tais pessoas e lhes falarmos ou perguntarmos sobre

o caminho da salvação, mostrar-se-ão perfeitamente esclarecidas; tudo está bem com elas. Seu pensamento a respeito *disso* foi mudado. Elas enxergaram isso, foram convencidas pela Palavra de Deus. Não estão tentando mais fazer-se cristãs por si mesmas, viram a verdade acerca da justificação pela fé somente. Quanto à salvação, elas têm uma visão inteiramente nova, e estão pensando de maneira espiritual. Mas o diabo entra nesse ponto. Ele sabe que será inútil continuar tentando estes convertidos no concernente ao caminho da salvação, e não o faz. O que ele faz agora é tratar de conseguir que pelo resto das suas vidas eles continuem usando as velhas categorias, continuem pensando nos velhos termos, e a sua perspectiva continue sendo governada por aquilo que os governava antes de se tomarem cristãos. Noutras palavras, eles vivem em dois compartimentos. No que se refere à apreensão intelectual da salvação, são espirituais; no restante de suas vidas, estarão vivendo exatamente como viviam antes. O diabo agiu assim com o povo de Deus na Igreja Primitiva, e vem fazendo isso através dos séculos consecutivos. É a incapacidade de

compreender que todo o nosso pensamento deve ser cristão, toda a nossa perspectiva deve ser espiritual. Não devemos viver em compartimentos. Tudo que faço e todas as minhas atividades devem ser, de maneira final e definitiva, controlados pela minha relação com Deus em Jesus Cristo, isto é, por minha perspectiva espiritual e cristã. Doutra forma, serei culpado de mundanismo.

A mundaneidade mostrar-se de várias maneiras. Uma é a que chamamos "sabedoria do mundo", e "raciocínio do mundo". Ao invés de deixar-nos governar pelo puro e simples ensino das Escrituras, começamos a argüir, arrazoar e questionar. Ao invés de obedecermos às diretrizes espirituais que nos vêm através da Palavra e mediante o Espírito, aplicamos as nossas mentes e a nossa maneira de ver naturais a nossas vidas. Baixamos tanto o tom em tudo, tememos tanto exceder-nos fazendo-nos culpados de entusiasmo que, por outro lado, ficamos com a sabedoria do mundo. Os que já leram *O Peregrino (The Pilgrim's Progress),* de John Bunyan, sabem tudo sobre o "Sr. Sábio-Segundo-o-Mundo". Ele está sempre em evidência; ele é um dos instrumentos do diabo, e nos aborda, e procura reduzir tudo do nível espiritual ao mundano.

Há, porém, outra maneira pela qual a mudaneidade se manifesta. Tudo neste mundo tem sido dado por Deus, e é destinado para o nosso uso. Na verdade, tudo é destinado para nosso desfrute. Tudo é feito e criado por Deus, e assim sendo, obviamente todas as coisas não apenas são boas, como também são legítimas para o cristão. O uso destas coisas se torna mundano quando permitimos que aquilo que é correto

e legítimo consuma demasiadamente o nosso tempo, a nossa atenção, o nosso interesse e o nosso entusiasmo.

Isso se aplica à literatura, à arte, à música, às diversões — qualquer coisa que possamos imaginar. Naturalmente não estou falando dos meios de subsistência do homem. O homem tem que viver e ganhar o pão. Antes, estou tratando do uso que o homem faz do seu lazer; e o lazer é essencial para toda gente. Estas coisas que menciono se nos oferecem e são perfeitamente legítimas. O cristão não deve privar-se delas; não deve segregar-se e sair da vida; não tem por que dizer que não se interessa pela cultura geral, pelas coisas dadas por Deus. Todas as habilidades, todo poder que o homem já exerceu, todas essas coisas vêm de Deus, em última instância. Tudo que é produzido por estes poderes é reto em si mesmo, a menos, é claro, que seja dirigido a propósitos e usos pecaminosos. Mas passa a ser mundanismo se nos absorve demais. Se o meu interesse por estas coisas se tomar central em minha vida e tomar o primeiro lugar, ou eliminar o espiritual e a minha concentração no etemo, serei culpado de mundanismo.

"Os cuidados da vida", "os cuidados deste mundo", são inevitáveis neste mundo e são válidos em si mesmos. É correto um marido ou uma esposa preocupar-se com o

bem-estar dos que pertencem ao seu círculo familiar, e com a alimentação, o vestuário e seu lar. Estes "cuidados" são inevitáveis. No entanto, se a sua vida for dominada por eles, se você gastar todo o seu tempo com estas coisas, se elas estiverem constantemente interferindo entre você e a sua leitura da Palavra de Deus, a oração e a comunhão com Deus, ou a prática da vida cristã nalguma forma ativa, então elas se tomarão mundanismo, e um estorvo. E, é claro, o diabo sempre tratou de fazer, através dos séculos, que o povo de Deus seja apanhado e laçado por estas coisas que em si mesmas são certas. Ele exagera tanto a importância delas, e estimula tanto interesse por elas em nós, que se tomam um obstáculo para o nosso crescimento na graça. Eis o que significa a mundaneidade.

Depois, naturalmente, e de forma muito mais óbvia, a mundaneidade pode aparecer como amor pela comodidade e indolência. Isso não só significa o gozo de todas as boas dádivas de Deus neste mundo, todavia também uma tendência de viver para elas, uma tendência de fazer delas a principal preocupação da nossa vida, resultando no rebaixamento do tom, do nível e da qualidade da nossa vida espiritual. Tomamo-nos espiritualmente letárgicos, tomamo-nos frios, tomamo-nos indiferentes. Ficamos numa posição de transigência; não nos entusiasmamos mais com as coisas do Espírito de Deus, nem ficamos cativados nem comovidos por elas. Perdemos o nosso "primeiro amor" (cf. Apocalipse 2:4).

Como, pois, evitar o mundanismo? A primeira resposta é que nunca devemos deixar de lembrar-nos de que um dos objetivos da salvação é "nos livrar do presente século mau" (Gálatas 1:4). Este pensamento é central em toda parte no Novo Testamento. Cristo morreu na cruz não meramente para nos salvar do inferno, mas para que fôssemos libertos "do presente século mau" (AV: "do presente mundo mau"). O mundo, em sua mentalidade, em seu modo de pensar e em sua perspectiva está sob o domínio do diabo. O mundo lhe pertence, ele é "o Deus deste século" (2 Coríntios 4:4), "o príncipe das potestades do ar, do espírito que agora opera nos filhos da desobediência" (Efésios 2:2). Ser cristão é estar livre "do presente século mau". Devemos fazer que isto seja básico e fundamental em nosso pensamento. Se falharmos nisso, certamente o diabo nos pegará nesta questão de mundaneidade.

A mesma verdade é acentuada pelo apóstolo Pedro na frase, "Amados, peço-vos, como peregrinos e forasteiros" — essa é a visão cristã da vida neste mundo — "que vos abstenhais das concupiscências carnais que combatem contra a alma" (1 Pedro 2:11). O cristão é um estrangeiro neste mundo. Essa afirmação não é popular hoje; sei que, na verdade, é sumamente impopular. É alvo das brincadeiras dos comediantes contra a religião — "isso é uma utopia"! Não esperamos que essas pessoas o compreendam. Mas, não permita Deus que busquemos nelas o nosso conceito da vida cristã! O entendimento cristão incipiente é que "a nossa cidade está nos céus" (AV: "a nossa cidadania está no céu") (Filipenses 3:20). O céu é o lugar ao qual pertencemos. Essa é a diferença essencial entre o cristão e o não cristão. O

cristão é alguém que pertence a domínios diferentes, aos domínios de Deus, ao reino de Deus. Ele foi transportado "para o reino do filho do seu amor" (Colossenses 1:13). Ele é um estrangeiro aqui, um viajor, um peregrino, um transeunte. Esse é o conceito cristão da vida, e se conservarmos isto em primeiro plano em nossas mentes, teremos percorrido a maior parte do caminho da vitória sobre o diabo em seus ataques nesta questão de mundaneidade.

O apóstolo expõe isto de maneira particularmente clara em 1 Coríntios 7:31: "E os que usam deste mundo, como se dele não abusassem". Não há como acrescentar algo a isso! É a diferença entre usar o mundo e abusar dele. Fomos destinados a usar do mundo. Não fomos destinados a viver como monges ou eremitas. Esse é o erro do monasticismo. Não temos por que sair do mundo. Esta era a grande verdade revelada a Lutero — que você pode ser um bom cristão onde estiver, e por mais humilde que seja o seu trabalho. Se o seu trabalho é varrer ou lavar o assoalho, poderá fazê-lo para a glória de Deus. Todo trabalho é sagrado. Por isso não dividimos os cristãos em religiosos e

leigos. Somos "chamados para sermos santos"; não somos simplesmente um pequeno povo especial. E nos damos conta de que tudo que há aqui é para ser usado; não, porém, para se abusar disso — "usando deste mundo, como não abusando dele". Na verdade, todo o capítulo sete da Primeira Epístola aos Coríntios é deveras instrutivo nesta questão que estamos considerando. Se pudermos manter sempre essa linha, nunca nos desviaremos. "Uso" sim, "abuso" não. A pessoa abusa do mundo quando permite que ele a governe, quando fica animada demais e entusiasmada demais com ele, quando o mundo a leva a esquecer o espiritual.

Finalmente, tomemos a palavra do apóstolo João em sua primeira epístola, capítulo 3, versículo 3: "E qualquer que nele tem esta esperança purifica-se a si mesmo, como também ele é puro". É isso que temos que ter sempre em mente. Se somos cristãos de verdade, dizemos que estamos destinados aos domínios de Deus: "Ainda não é manifestado o que havemos de ser. Mas sabemos que, quando ele se manifestar, seremos semelhantes a ele; porque assim como é o veremos". O mundo está demasiadamente conosco. Há muita coisa atraente e boa nele, há muita coisa legítima; entretanto o diabo, como anjo de luz, procurará levar-nos a abusar disso. Ele nos pressionará tanto neste sentido, de tal modo nos logrará fazendo-nos interessar pelas coisas o mundo que, sem que o percebamos, aos poucos vamos deixando de interessar-nos pela esfera espiritual. Esqueceremos "a esperança", e a "herança", esqueceremos a nossa separação, esqueceremos que somos filhos de Deus desde já, e que vamos vê-lO como Ele é, e vamos ser semelhantes a Ele.

É assim que devemos lidar com a sutil tentação da mundaneidade! Você pode ter uma bela casa — muito bem, apenas se lembre de que ela não é permanente, que você terá que deixá-la. Ela não é um "fim", é um lugar onde você passa apenas uma noite.

Todos os cristãos são viajantes, peregrinos e estrangeiros. A vida não é nada senão — como um poeta o expressa — passar uma noite num hotel, pagar a conta de manhã e partir. Esse é o tema da Bíblia inteira. O cristão é um peregrino, e a vida é uma "Marcha do Peregrino". Não somos daqui. Este mundo é uma *Feira da Vaidade* pela qual estamos passando. Não edificamos edifício permanente aqui. Não; mantenha-se em movimento, mantenha os olhos postos em seu destino final, lembre-se de quem você é. Não se deixe atrair muito pela Feira, não gaste muito tempo nalguma das suas barracas ao passear por ela. Você tem direito de observá-las, tem direito de fazer uso deste mundo, mas não abuse. Jamais esqueça para onde está indo, e quem você é, e a família à qual você pertence. Mantenha sempre estas coisas em mente, diz a Bíblia, e você já terá

derrotado as ciladas do diabo nesta questão de mundaneidade.

O problema final emerge em conexão com a queda fatual no pecado. Tenho sido procurado por pessoas angustiadas por terem caído em pecado. A dificuldade apareceu porque elas não perceberam que era pecado, quando olharam para aquilo pela primeira vez. A astúcia do diabo é tanta que ele pode fazê-lo pecar mesmo quando você está tentando fazer o bem. Sei de problemas, e até quase tragédias, que resultaram do fato de um cristão procurar ajudar outro, e com as melhores intenções possíveis. Um cristão procurou outro, que estava em dificuldade; o primeiro era de natureza compassiva e queria fazer tudo para ajudar o outro. Mas a coisa acabou em pecado. É preciso ter muito cuidado nestas questões. Os homens devem ser extremamente cautelosos quando tentam ajudar mulheres que os procuram com os seus problemas espirituais, e vice-versa. Talvez você diga: "Eu entendo, eu sou forte". Contudo, as Escrituras dizem: "Aquele pois que pensa estar em pé, veja que não caia". Mesmo quando você está fazendo o bem, vem o diabo com todas as suas artimanhas e o incita e o tenta a pecar. Esta é uma questão muito importante para todos os cristãos, e especialmente importante, talvez, para o ministros e para os que têm responsabilidade pastoral para com outras pessoas. Por isso, deve estar sempre em primeiro plano nas instruções dadas aos que estudam para o ministério.

Há muitas outras maneiras pelas quais o mal pode sobrevir ao cristão. Dispondo-se a fazer o bem, de repente você se vê tentado e prestes a cair devido ao próprio fato de que ia fazer o bem. É óbvio que o diabo utiliza muitas vezes este método. Nada o agrada mais, nada agrada mais o mundo do que ver um cristão cair. Observem a alegria e o prazer que transparecem nos jornais quando acontece tal coisa; como lhe dão ênfase e a exibem e a colocam em manchetes! Claro! É uma derrota de Deus, pensam eles, uma derrota de Cristo. Um cristão, com toda as suas reivindicações, cair assim, cair em pecado! É por isso que a Bíblia tem muito que dizer sobre esta matéria.

A Primeira Epístola aos Coríntios é o principal tratado sobre este assunto, e

especialmente os capítulos 5 e 6. O apóstolo lembra aos crentes coríntios quem e o que eles são; como o Espírito de Deus habita neles. Essa é a maneira de fazer face a tudo isso. Em Gálatas, capítulo 5, vemos a mesma coisa: "Andai em Espírito, e não cumprireis a concupiscência da carne" (versículo 16). Este é o único caminho. De novo Paulo, escrevendo a Timóteo, diz: "Conservando a fé, e a boa consciência, rejeitando a qual alguns fizeram naufrágio na fé" (1 Timóteo 1:19). Devemos conservar, não somente "a fé", e sim também "a boa consciência". Fé e obras nunca devem estar separadas; devem

estar sempre juntas. Não devemos negligenciar este aspecto, diz Paulo, pois "alguns, tendo rejeitado a boa consciência, fizeram naufrágio"; caíram em grave pecado e causaram grande problema.

No entanto, algumas das mais vigorosas declarações sobre isto acham-se na Primeira Epístola de João: "Se dissermos que temos comunhão com ele (com Deus), e andarmos em trevas, mentimos, e não praticamos a verdade" (1:6). Ainda no versículo quatro do capítulo dois: "Aquele que diz: Eu conheço-o, e não guarda os seus mandamentos, é mentiroso, e nele não está a verdade". Isso é pregação da santidade escriturística; não é um apelo para recebermos a santidade como uma dádiva, mas sim para sermos sinceros e coerentes. Se você afirma que Lhe pertence e que O conhece, porém não está guardando os Seus mandamentos, você é mentiroso! Eis o brio varonil das Escrituras. Se você acredita em dizer, "pau é pau, pedra é pedra", bem, aí está! Se você diz, "eu O conheço", mas não guarda os Seus mandamentos, você não passa de um mentiroso descarado!

As advertências bíblicas neste contexto são essenciais porque estas coisas, na expressão de Pedro, "combatem contra a alma" (1 Pedro 2:11). Elas fazem guerra contra os melhores interesses da alma e contra a felicidade da alma. O pecado leva à vergonha, à miséria, à infelicidade. Isso, por sua vez, faz que fiquemos em dúvida, talvez, quanto a se alguma vez fomos cristãos. O diabo nos atormenta e nos faz duvidar de que poderemos ser perdoados outra vez. Dizemos: "Antes eu não O conhecia, agora O conheço; sendo assim, como poderei ser perdoado?" Então começamos a achar que nunca poderemos resistir no futuro. "Se caí noutras vezes, por que não cairia na próxima vez?" E começamos a achar que não há esperança para a nossa situação. Ficamos deprimidos, desanimados, descoroçoados, completamente desesperançados, e o diabo diz: "Por que não desiste? Você é um fracasso completo. Você não é cristão". Dessa maneira estas coisas "combatem contra a alma", como também vimos na parte em que tratamos da experiência.

Deixem-me, porém, lembrá-los do modo como devemos responder ao diabo. A resposta é: "Se confessarmos os nosso pecados, ele é fiel e justo, para nos perdoar os pecados, e nos purificar de toda a injustiça" (1 João 1:9). E mais: "Meus filhinhos, estas coisas vos escrevo, para que não pequeis; e" (ou "mas"), "se alguém

pecar, temos um Advogado para com o Pai, Jesus Cristo, o justo. E ele é a propiciação pelos nossos pecados, e não somente pelos nossos, mas também pelos de todo o mundo" (1 João 2:1-2). Significa que, se você cair em pecado, deverá ser especialmente cuidadoso no sentido de não dar ouvidos ao diabo, a suas acusações, aos seus esforços para levá-los ao desânimo. Vire-se

para ele e diga: "Você é o acusador dos irmãos, e o que quer que diga é mentira". Volte-se para Deus e arrependa-se. Expresse a sua tristeza, procure dar-se conta do que fez e de como você não somente traiu a si mesmo, mas também a Igreja de Deus, e a Cristo. Tome consciência de que você é um canalha porque manchou também o nome da Família e a honra da Família. Não se poupe. Depois, tendo-se arrependido, creia na Palavra de Deus. Lembre-se, repito, de que você é sempre justificado pela fé, e nunca pelas suas obras; portanto, creia em Deus quando Ele lhe diz que "é fiel e justo para perdoar os seus pecados, e purificá-lo de toda a injustiça". Creia em Deus; não creia no diabo! Creia em Deus, aceite o Seu perdão, dê-Lhe graças por isso, levante-se, ponha-se de pé, vá avante como homem, vigie e ore, e continue a lutar. Essa é a única maneira de lidar com isso. Não se arraste no pó; não dê ouvidos ao diabo, à voz do acusador; não fique deprimido. Todavia, tendo se arrependido, creia na palavra de perdão, tome consciência de que o sangue de Cristo o lava de novo, e vá adiante, sendo prudente e cauteloso quanto ao chão em que pisa.

São estas as maneiras pelas quais o diabo vem nos atacar. "Não temos que lutar contra a carne e o sangue, mas sim contra os principados, contra as potestades, contra os príncipes das trevas deste século, contra as hostes espirituais da maldade, nos lugares celestiais." Ah, a malignidade, a sutileza, o poder e a engenhosidade do diabo! "Portanto tomai toda a armadura de Deus, para que possais resistir no dia mau."

Que quer dizer o apóstolo com a expressão "no dia mau"? Tudo que estivemos considerando constitui a situação permanente do cristão; entretanto, há ocasiões em que é até pior. Com vistas aos seus propósitos maus e sutis, às vezes o diabo investe contra nós com força e poder extraordinários. O "dia mau" significa investida satânica. Há dias nas vidas dos cristãos em que o inferno fica de portas escancaradas, por assim dizer, quando parece que o diabo reúne todas as suas forças contra nós, vindas de todas as direções. É uma coisa incomum e excepcional. Não há necessidade de ficarmos alarmados, pois estamos providos de tudo para a resistência; mas não nos esqueçamos disso. Os maiores santos nos legaram descrições destes dias maus, quando o diabo, não conseguindo apanhá-los ao longo das linhas usuais, fazia esforços extraordinários, de modo que não lhes fosse dado um só momento de sossego. Isso podia durar semanas, com raríssimas interrupções, se tanto. O dia mau!

Como você reage a tudo isso? Acha que isso está baseado na imaginação, e que não tem absolutamente nada a ver com você? Você declara que desde que se tomou cristão, nunca experimentou nenhum desses

problemas e dificuldades? Se é assim, você foi tão completa e totalmente derrotado pelas ciladas do diabo, que você nem sequer sabe disso. Não posso imaginar nada mais desanimador do que isso! Na verdade, questiono se tal pessoa é cristã, afinal de contas. Pois o diabo é "o adversário" e "o acusador dos irmãos"; e atacou até mesmo o Senhor Jesus.

Você fica desanimado e deprimido com isso tudo? Qual foi o efeito destes estudos sobre você? Você está dizendo a si próprio, "Estou decepcionado com esta vida cristã. Eu pensava que ela ia resolver todos os meus problemas; porém a coisa parece ficar cada vez pior, e cada vez mais sutil. Quem sou eu para lutar com tudo isso?" Se você está deprimido e desanimado, o fato é que não compreendeu a verdade; você perdeu toda a substância da mensagem. O apóstolo não só nos adverte; também nos mostra como devemos tratar todos estes problemas. Ele não nos lembra estas coisas para deixar-nos deprimidos, mas com o fim de mostrar-nos o caminho triunfal da vitória. Você tem que aperceber-Se da situação em que se acha; se não, será um tolo. Foi isso que aconteceu realmente com a Inglaterra e com todo o mundo livre antes da Segunda Guerra Mundial. Não acreditando na verdade acerca de Hitler, suas maquinações e todas as suas insídias, estivemos muito perto de ser derrotados. Portanto, certifiquemo-nos de que sabemos e compreendemos o que está acontecendo conosco. Paulo estava desejoso de que os efésios compreendessem isto.

Contudo, esse é apenas um lado da questão; não paremos aqui. Lembremo-nos do poder do nome do Senhor! Eis a resposta: Fortalecei-vos no Senhor! " O Senhor é sempre a resposta. Tudo está nEle. O inimigo é poderoso, sutil, forte e engenhoso. Mas pertencemos Àquele que é muito mais poderoso, e que já derrotou o diabo e toda as suas hordas.

O nosso evangelho nos ensina a Encarnação! O Deus que adoramos veio a este mundo na pessoa do Filho. Viveu como homem, e enfrentou o diabo, os principados e as potestades, os príncipes das trevas deste mundo e da iniqüidade espiritual nos lugares celestiais. Ele os enfrentou todos na carne, como homem, como "um que, como nós, em tudo foi tentado, mas sem pecado" (Hebreus 4:15). Ele pôde dizer no fim da Sua vida, "se aproxima o príncipe deste mundo, e nada tem em mim" (João 14:30). Absolutamente nada! Todas as coisas contra as quais eu e você estamos batalhando, Ele enfrentou. Ele as derrotou todas e a cada uma delas. Em todos os pontos Ele foi vitorioso, tanto em Sua vida como em Sua morte. Ouçam-nO: "Agora é o juízo deste mundo: agora será expulso o príncipe deste mundo" (João 12:31). Como resultado de Sua morte, "o príncipe deste mundo" tem sido expulso. Como o

apóstolo Paulo diz em Colossenses 2:15, com referência à cruz: “E, despojando os principados e potestades, os expos publicamente e deles triunfou em si mesmo”. Na cruz do Calvário o Senhor desferiu o golpe mortal e final no diabo e em todas as suas forças. Ele “os expos publicamente”. Triunfou sobre eles em Sua morte no monte do Calvário.

Então, se você continua com medo das ciladas do diabo e de todos os seus poderes, lembre-se dAquele que o venceu mediante Sua vida, Sua morte e Sua ressurreição; e que agora está sentado à destra de Deus. Todo governo e autoridade e poder Lhe foram dados, tudo está sob Suas mãos, e ele nos enviou o Seu Espírito Santo. Tanto que João pôde dizer: “maior é o que está em vós do que o que está no mundo” (1 João 4:4). O diabo e estes poderes estão controlando os homens do mundo; mas “maior é o que está em vós do que o que está no mundo.” “Cristo em vós” (Colossenses 1:27). O Espírito Santo está em você. Deus faz Sua habitação em você. Lembre-se disso tudo. Não somos deixados entregues a nós mesmos.

Lembre-Se também da sua relação com Ele. Como, de novo, João escreve nessa primeira epístola: “Sabemos que todo aquele que é nascido de Deus não peca” — não vive pecando, não está constantemente derrotado — “mas o que de Deus é gerado conserva-se a si mesmo, e o maligno não lhe toca. Sabemos que somos de Deus, e que todos o mundo está nos maligno” (1 João 5.18-19). Não estamos no maligno porque somos “de Deus”, e o diabo não pode tocar-nos. Faça ele o que fizer, não poderá tocar em nós; jamais conseguirá levar-nos de volta para o seu reino. Portanto, não permita que ele o assuste; não se deixe alarmar por ele, ao aperceber-se destas verdades concernentes a ele. Diga a si próprio: “Sou forte no Senhor, e na força do Seu poder. Estou revestido de toda a armadura de Deus; portanto, embora lutando contra os principados e potestades, contra os príncipes das trevas deste mundo, contra as hostes espirituais da maldade nos lugares celestiais, não temo. Havendo tomado toda a armadura de Deus, posso resistir no dia mau, e, havendo feito tudo, ficar firme, confiante em que nem a morte, nem a vida, nem o diabo, nem o inferno, nem alguma outra criatura ou força poderá separar-me do amor de Deus, que está em Cristo Jesus nosso Senhor.” “No demais, irmãos meus, fortalecei-vos no Senhor e na força do seu poder. Revesti-vos de toda a armadura de Deus, para que possais estar firmes contra as astutas ciladas do diabo.

O COMBATE CRISTÃO

Embora haja mais livros disponíveis hoje em dia sobre o assunto do mal do que tem havido por muitos anos, a contribuição valiosa deste volume reside na maneira meticulosa de examinar o ensino bíblico e de aplicá-lo às necessidades intelectuais e espirituais dos nossos tempos. O Dr. Lloyd-Jones não somente trata do caráter e da estratégia do diabo em termo gerais, mas também demonstra como o desânimo, a ansiedade, o falso zelo, a falta de segurança e a mundaneidade estão vinculados

às “astutas ciladas do diabo”. Estes estudos apresentam a profundidade de exposição e a riqueza de aplicação pastoral que evidenciam a marca do verdadeiro “médico das almas”.

PUBLICAÇÕES EVANGÉLICAS SELECIONADAS

Rua 24 de maio, 116 - 3^{2} andar - salas 16-17, São Paulo, SP